△
53654

FABULARIO

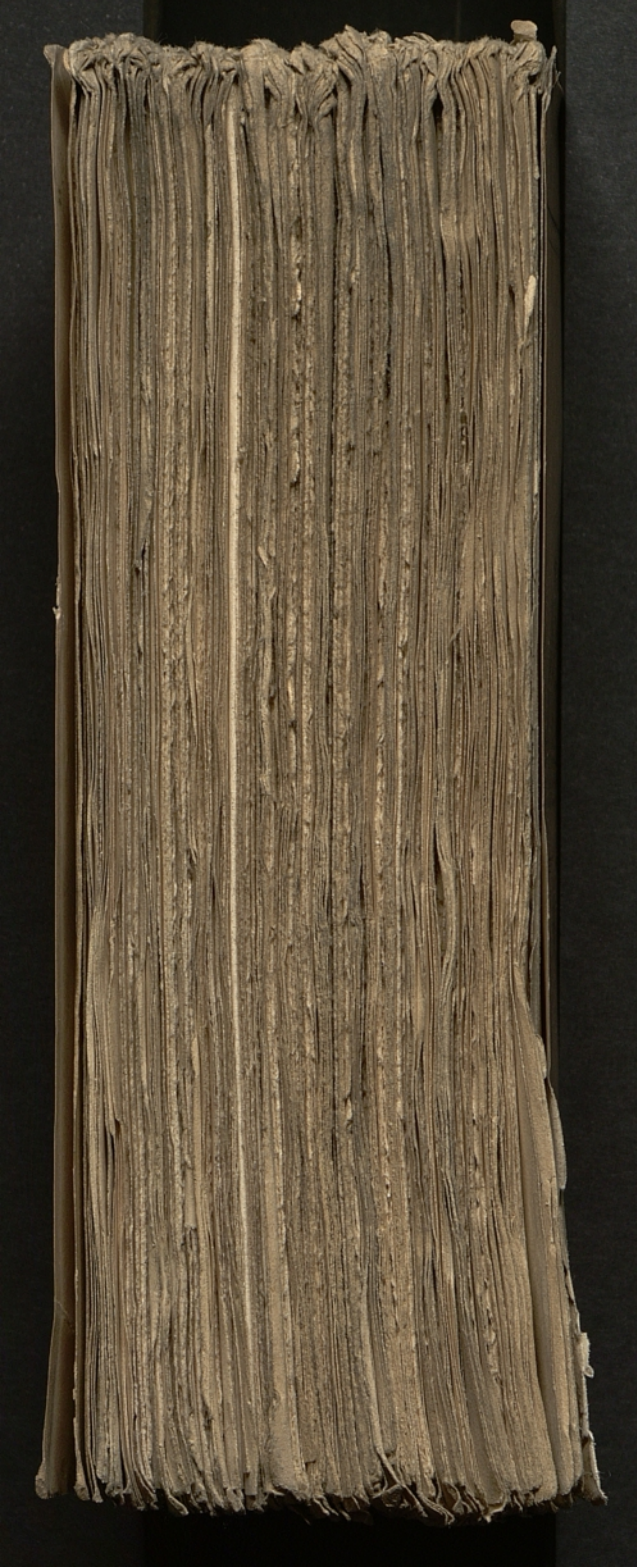
DE

HENRIQUE O'NEILL

Visconde de Santa Monica

1888

△
53654



FABULARIO

COMPOSTO

E DEDICADO A SUA ALTEZA REAL

O PRINCIPE D. CARLOS

POR

HENRIQUE O'NEILL

Visconde de Santa Monica

SEGUNDA EDIÇÃO

(Com o retrato do auctor)

LISBOA

LIVRARIA FERREIRA

132 — *Rua Aurea* — 138

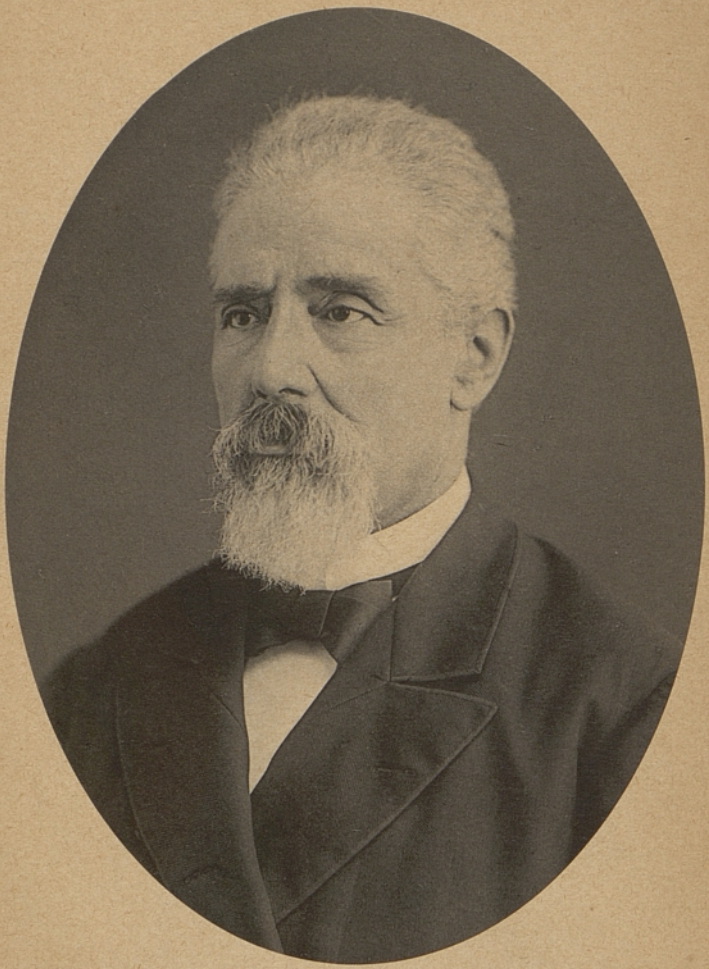
1888

Δ 53654
Δ 53654

A Monsieur
M. Ferdinand Denis

FABULARIO

Hommage respectueux
de l'auteur



Henrique O'Neill.

FABULARIO

COMPOSTO

E DEDICADO A SUA ALTEZA REAL

O PRINCIPE D. CARLOS

POR

HENRIQUE O'NEILL

Visconde de Santa Monica,

Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra,
Director Geral Honorario dos Negocios de Justiça,
do Conselho de Sua Majestade,
Preceptor aposentado de Suas Altezas,
Veador Honorario de Sua Majestade a Rainha,
Ajudante do Conselheiro Procurador Geral da Corôa e Fazenda.

SEGUNDA EDIÇÃO

(Com o retrato do auctor)

Muito emendada e precedida de Cartas
dos Ill.mos e Ex.mos Srs. Conselheiros Antonio José Viale
e Dr. Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo,
e de Mr. Ferdinand Denis

LISBOA

LIVRARIA FERREIRA

132 — Rua Aurea — 138

1888

A SUA ALTEZA REAL O PRINCIPE

D. CARLOS

PRINCIPE:

Acabada a educação de Vossa Alteza, e não podendo eu por falta de saude continuar a concorrer para a de Sua Alteza Serenissima o Senhor Infante D. Affonso Henriques, occupei as horas de forçado ocio escrevendo o Fabulario que tenho a honra de offerecer a Vossa Alteza, ousando esperar que se dignará de acceitar o livro destinado á educação dos filhos do Povo Portuguez Aquelle que ha de ser o seu primeiro Magistrado.

Deus Guarde a Vossa Alteza Real.—Lisboa 28 de Setembro de 1885.

De Vossa Alteza
antigo e dedicado preceptor,

Henrique O'Neill

Visconde de Santa Monica.

PROLOGO DA 2.ª EDIÇÃO

Tendo distribuido mais de mil exemplares, que contava a 1.ª edição d'este livro, pelos meus amigos e conhecidos, por varias outras pessoas que mostraram desejo de o possuir, e por alguns estabelecimentos de instrucção publica; emprehendi segunda edição, na qual emendasse os erros da primeira, não só no texto mas ainda em muitas das alterações que o acompanhavam. Entre uns e outros defeitos avultava o abuso dos córtes nos versos. Se convem, como penso ainda hoje, evitar a monotonia dos versos de oito syllabas; e se deve banir o concurso de desinensias eguaes dentro do mesmo verso e nos seguintes mais proximos, quem não queira aproveitar para rima a segunda desinencia; não é menos verdade que este aproveitamento, muitas vezes, tem o inconveniente de cançar o ouvido e até de enfadar a vista do leitor e (o que é peior) o de

alterar, não poucas, a harmonia do rhythmo. A todas estas e a outras considerações procurei attender na presente edição; lastimando, já tarde, não ter sido mais severo em as seguir, o que me obrigou a juntar-lhe não poucas paginas de variantes, senão de emendas.

Diligenciei tornar a presente edição menos indigna das benevolas apreciações que recebi de muitas pessoas amigas e auctorizadas, ás quaes aqui do coração agradeço; não me soffrendo a vaidade (1) o deixar de publicar, pela sua ordem chronologica, as cartas que se dignaram de me dirigir os Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Srs. Conselheiros Antonio José Viale e D.^{or} Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, e Mr. Ferdinand Denis. A approvação de auctoridades tão competentes e respeitadas, ainda quando diminuida de quanta benevolencia necessariamente a acompanha, é de tão subido valor que me parece tornar bem natural, senão irresistivel, o desejo de a ter como protectora do meu livro.

São estas as cartas que publico, depois de haver obtido as respectivas auctorizações:

---

(1) V.^{e} fabula 350.

Carta do Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Antonio José Viale.

Ill.mo ...

O fabulario por V. ultimamente composto e constante de muitas fabulas originaes e de outras imitadas de auctores antigos e modernos, mas muito melhoradas, é um delicioso florilegio no seu genero. A versificação e o estylo não desdizem do alto conceito em que o auctor é merecidamente tido. A leitura de tão interessante collecção é não somente proveitosa para a infancia, mas tambem util e agradavel em geral para os amigos das letras, ainda os que se acham em provecta edade. Um philosopho e poeta contemporaneo disse em uma das suas obras mais dignas de apreço:

«Quasi me peja o triste parallelo
Dos entes racionaes co'os entes brutos.»

D'estes alguma cousa podemos aproveitar, e muito das chistosissimos apologos do Fabulario, quasi todos acompanhados de eruditas e muito sensatas notas. Na minha opinião os criticos mais competentes lhes darão completa approvação.

Pelo exemplar com que V. me quiz brindar dou a V. os meus mais vivos agradecimentos.

Digne-se V. etc.

Lisboa 30 de junho de 1886.

Antonio José Viale

Carta do Ex.mo e Rev.mo Sr. Conselheiro, D.or Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo.

Ill.mo .....

No dia 20 recebi pelo correio o livro que V. teve a bondade de me offerecer. Agradeço o livro, e muito me honra o seu offerecimento.

O mau estado da minha saude e a edade já muito avançada me prohibem (ainda mal!) leitura muito aturada; mas o nome de V. estampado no livro excitou a minha curiosidade. Li varias fabulas, aqui e alli, ao acaso; e gostei muito. Mas (perdoe V. a minha ousadia) não posso deixar de dizer que está errado o titulo do livro. O titulo deve ser consoante a materia ou contheúdo; e porisso o livro de V. devia ter por titulo: — Riquissimo thesouro de doutrina contra os erros e desvarios da sociedade actual. — O livro de V. tem o grande merecimento de ser escripto para a sociedade do nosso tempo; é (como se diz hoje) palpitante de actualidade: a prova está na fabula da raposa (p. 427) na do fatalismo (p. 648) e em varias outras que li. (1)

(1) A paginação mudou-se nesta edição.

Quanto á fórma, attrahe e deleita pela variedade. A linguagem é fluente, correcta, elegante, propria (sem resaibos de francezismos e sem archaismos pretenciosos) e eminentemente popular. Os annexins — póde limpar a mão á parede — voltemos á vacca fria — e outros dão grande realce ao estylo. —Pardalada, canzoada, pitéo, nanja, atamancar, abotoar-se—e outras não sei se são classicas, nem se poderiam usar-se em escripto de outro genero; mas o uso, *penes quem est jus et norma loquendi*, parece-me que já lhes tem passado carta de naturalização; e por certo alguns exprimem idéas que não exprimiriam as locuções — bando de pardaes, matilha de cães, etc. Bem sei que *menu* é francez, mas a nossa palavra— lista — não comprehende toda a idéa da palavra franceza.

Releve-me V. estas minhas observações, filhas do enthusiasmo que senti ao ler o seu livro, que é um padrão de gloria para V. e de honra para a Patria.

Consinta V. que me assigne etc...

Coimbra 28 de julho de 1886.

Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo.

Carta de Mr. Ferdinand Denis.

Paris, le 16 Août 1886.

Très honoré Monsieur

J'ai lu avec un vif plaisir le recueil de fables que vous avez eu la bonté extrême de me faire parvenir. Sans nul compliment j'ose vous dire que vous avez comblé dans la littérature, si riche d'ailleurs, de votre beau pays une lacune qui depuis nombre d'années s'y faisait sentir. Les fabulistes à proprement parler sont rares dans la littérature portugaise, et l'illustre Filinto Elysio, que j'ai tant de fois jadis admiré à *Choisy*, ne peut pas se parer de ce titre; il le disait lui-même d'une façon charmante. Malgré votre modestie, vous avez su vous ménager une réelle originalité, en inventant maintes fois les sujets de vos petits drames; c'est une sorte de mérite (et il est grand à mon sens) qu'on ne peut vous contester.

Votre système métrique d'adoption, le vers de huit syllabes, dont vous connaissez si bien l'emploi, vous a servi on ne peut plus heureusement à soutenir l'esprit du lecteur par un mouvement rapide et surtout par une forme légère.

En lisant votre ample recueil d'un bout à l'au-

tre et surtout en ne négligeant pas la lecture de vos notes (omission qu'il faut bien se garder de commettre) on s'aperçoit aisément que la partie essentielle de votre volume n'a été nullement négligée ; je veux parler de la morale, qui est présentée par vous d'une façon toujours claire, et où la finesse de l'expression en remontrerait aux plus délicats.

Avec tous mes remerciments veuillez donc, Mr. le Vicomte, agréer la sincère félicitation que m'inspire la publication de votre oeuvre, etc., etc.

Votre tout dévoué

Ferdinand Denis.

PROLOGO DA 1.ª EDIÇÃO

Por meio de exemplos, expostos sob fórma ingenhosa e agradavel, intentam as fabulas applicar ao procedimento dos homens as lições da experiencia. Devem pois aquelles exemplos ser, alem de moraes quanto á doutrina, tambem applicaveis na pratica, embora revestidos de fórma phantasiosa. E porisso uma fabula ou é verdadeira e util, ou esteril, senão prejudicial, segundo podér, ou não, admittir-se o exemplo que ella apresenta.

Dizem, e é muito provavel, que as antigas fabulas nos vieram quasi todas do Oriente. Estou porém convencido de que, embora não as houvessemos herdado, outras e muito semelhantes teriamos composto, visto serem de ordinario as fabulas paraphrases de dictados que, muitas vezes, até vem expressos na respectiva moralidade.

Das trezentas e sessenta e seis que formam a presente collecção um terço são novas, isto é, tratam assumptos que ainda não foram apresentados, ao menos que eu saiba, debaixo d'esta fórma. Muitas das outras, que fui buscar ao fundo commum e já explorado por Pilpay, Lokman, Esopo, Babrius, Phedro, La Fontaine, Florian, Lessing, Yriarte..., vesti-as, quanto pude, á moderna tirando d'ellas, não poucas vezes, moralidade diversa da que tiraram outros, por me parecer mais conforme com o presente estado social.

Não pretendi escrever uma serie de contos puerís e frivolos; mas, seguindo o espirito do meu tempo, desejei organizar um todo harmonico e util, onde reunisse a maior copia de idéas sãs e praticas, destinadas a concorrer para a educação da mocidade e a servir de memento ás outras edades mais adeantadas.

Quanto á maneira de encarar os assumptos e á fórma que mais convinha dar-lhes, dois grandes modelos se me offereciam entre os fabulistas modernos — La Fontaine e Lessing. Este ultimo, verdadeiro philosopho e observador verdadeiro, escreveu em prosa quasi todas as suas fabulas (algumas novas ou escassamente conhecidas) dando-lhes extrema concisão e desprezando atavios, como expressamente o declara na primeira — A apparição. La Fontaine aproveitou as fabulas attribuidas a Esopo e já magistral-

mente, mas de modo conciso, tratadas por Phedro; e, narrador incomparavel, bordou a tela sem se importar com a verdade d'ellas, nem ainda, por vezes, com a dos mimosos atavios de que as adornava. Procurei seguir o exemplo do primeiro, quanto á materia; pois, como já o disse e creio, a fabula deve ser verdadeira. Pelo que respeita á fórma, quem póde imitar a La Fontaine? Empreguei comtudo o verso como mais proprio em taes assumptos, escolhendo o de oito syllabas por se accommodar melhor ao estylo familiar. Ainda assim, cortei-o de quando em quando para lhe diminuir a monotonia e, diga-se a verdade toda, tambem obrigado a isso não poucas vezes, pois entendo que no verso o som final de uma palavra não póde encontrar outro identico sem com elle rimar necessariamente; e muito menos póde desprezar esse que primeiro encontrou, para ir rimar com terceiro. E d'ahi deduzo que deverá evitar o concurso de desinencias eguaes dentro do mesmo verso, ou ainda nos seguintes, quem não quizer aproveitar para rima a segunda desinencia; e mais concluo, que semelhantes consonancias repetidas devem proscrever-se dos versos heroicos, pois necessariamente os fraccionam e lhes alteram a indole.

Dicto isto para descargo de consciencia, e prompto a confessar o meu erro quando m'o demonstrem, accrescentarei que o presente Fa-

bulario foi escripto nos annos de 1883 e 1884 (1); as idéas porém nelle apresentadas, recebi-as e meditei-as muito antes.

Alem dos defeitos apontados nas emendas e alterações, outros escaparam de certo nesta edição. O mesmo aconteceu e ha de acontecer a ingenhos com os quaes não tenho a louca vaidade de me comparar; e todos quantos publicaram alguma obra de certa extenção, principalmente em verso, sabem que a primeira edição, ao menos quanto á fórma, é apenas uma prova mais limpa.

Ainda assim, muitissimo mais imperfeito sahiria este livro se não fossem os conselhos de alguns amigos que me coadjuvaram na tarefa, e mais do que tudo o inapreciavel auxilio do meu prezado amigo o Ex.mo Sr. Commendador Joaquim Alves de Sousa, o qual á erudição que ninguem lhe póde negar, reuniu, para me ser util, paciencia e dedicação inexcediveis, as quaes gostosamente aqui confesso, em que pése á sua modestia.

No ultimo quartel da vida não me moveu a escrever o interesse: bem mesquinho fôra elle, ainda quando a obra tivesse o merecimento que não tem. Escrevi este livro, porque sobrando-me vagar, senti vontade de escrever; e publi-

(1) Isto é, depois da minha aposentação no Paço e antes da nomeação para o logar que sirvo.

co-o hoje, porque o amor de pae me cega até o ponto de suppor que não fiz obra de todo inutil.

Se alguem quizer indicar-me os defeitos que nelle descobrir, grande favor me fará a fim de eu, tendo vida e saude, os emendar em nova e menos imperfeita edição. Peço porém, para que possa ser justo na apreciação do meu trabalho, que queira ler primeiro as erratas e alterações, as notas e o indice por materias (1); a fim de não me condemnar sem eu ser ouvido, attribuindo-me erros alheios, idéas differentes das minhas, ou ainda contradicções que procurei evitar.

(1) Eliminou-se nesta nova edição para tornar o livro menos volumoso.

FABULARIO

FABULA 1.ª

A Verdade e a Fabula

Segundo os gregos, num poço
Mettida estava a Verdade:
Ou para lhe destruir
A terrivel qualidade
De ser dura mais que um osso,
E só se poder
Roer,
Engulir,
Depois de a terem de molho;
Ou isto significava
Que num pégo muito fundo
Cahia quem procurava
A verdade neste mundo;
Ou que, se lançar o olho
A velha ao poço ou á poça,
Verá logo a realidade
De não ser bella nem moça
Estampada num espelho,
Em que lhe pese á vaidade;
(E o mesmo digo do velho.)
Seja qual fôr o sentido,
A Verdade

Num poço tinham mettido
Mergulhada.
Sem vestido
Ou, sequer, uma camisa,
Numa bella madrugada
Fóra do banho sahiu.
Ao vêl-a tudo fugiu!
Era caso de fugir,
Pois quem não se escandaliza
De ver,
E peior de ouvir,
A verdade toda nua
E, de mais a mais, na rua?!
Ninguem a quiz receber.
Alli gelada tremia
Não tendo onde se acolher;
Alli morrido teria,
Se não houvera passado,
Mollemente recostada
Em lindo carro dourado,
A Fabula arrebicada,
Coberta de pedraria
Toda falsa, mas luzia...
Teve dó. É da mulher
Sempre caridosa ser:
Caridade, abnegação,
Nenhuma ha sem que a tenha
Num canto
Do coração.
—«Coitadinha! nua assim!
Cubra-se com este meu manto;
Ande, venha,
Não seja bicho do matto,
Achegue-se bem de mim.
Para casa a levo já,
Quero dar-lhe um lindo fato,
E verá
Que a matar

Lhe ha de ficar,
Que bem parece vestida.
Minha amiga, nesta vida
Valemos
Quanto par'cemos.»
Deixou-se a outra levar
E enfeitar
De trapos e de ouropeis,
Da moda segundo as leis,
Respeitadas muito mais
Que as civis e que as moraes;
E sem muito lhe doer,
Pois... emfim, era mulher.
De tal arte revestida,
Recebida
Foi 'té nos paços reaes
E, portanto, nas demais
Casas de gente graúda.
E logo a arraia miuda,
Que os reis e os grandes imita
Ou busca sempre imitar,
(Boa manha,
Se bons exemplos apanha!)
Embora d'elles maldiga;
Achou-a tambem bonita,
Quando a viu ataviada
Com tão vistoso trajar.

Queres talvez que eu te diga
Se gósto d'ella enfeitada,
Se foi acerto adornal-a?
Nem porisso: mas conheço
Que assim lhe dão mais apreço,
Poisque, sabendo doural-a,
Pilula a mais amargosa
Até gente não gulosa
Sem custo a vai engulir.
Estou que tempo ha de vir

Em que a verdade se diga
Com maneiras
Não grosseiras,
Livre porem do rodeio
Com que tanto se mitiga:
Mas esse tempo não veiu
(Sabe Deus quando virá)
E até lá
Fabulas se hão de escrever.
Se te enfadam, meu censor,
Qual esteril passatempo,
Só prazer
De creanças e de velhos,
Fecha o livro, ainda é tempo;
É melhor,
E vae-o dar
A quem o deseje ler
E não o possa alcançar:
Matas assim dois coelhos. (1)

FABULA 2.ª

O esculptor e o invejoso

Em bronze, que pertencera
A estatua muito famosa
Que um incendio derretera,
Outra menos primorosa
E de fórma bem diff'rente,
Tendo comtudo valor,
Diligente
E estudioso
Esculpiu
Novo esculptor.

Invejoso
Que tal viu,
Procurando criticar,
Depois de longo scismar
Disse: — «Muito bem pensou
(Se não foi aconselhado)
Este artista, que empregou
Bronze já acostumado
A taes obras. O valor
D'esta estatua, menos má,
D'ahi vem;
Poisque não tem
Merito algum o esculptor,
Quando o acaso assim lhe dá
Tão prestimoso
Metal.»

Nunca imagine o leitor
Sensato, consciencioso,
Que lhe pretendo applicar
D'esta fabula a moral,
Se das minhas não gostar:
Longe vai ser invejoso
De com razão criticar (2).

FABULA 3.ª

O sapo e o pyrilampo

Entre a macia verdura
D'um vallado no meu campo
Brilhava por noite escura
Innocente pyrilampo.
Nojento sapo, que o viu,

Approximou-se e cuspiu
Nelle a peçonhenta baba.
O pyrilampo, que a vida
Assim cruelmente acaba,
Lastimando a sua sorte
Diz-lhe em voz enfraquecida:
«Porque me dás tu a morte?
Nada fiz de que me accuses.»
Torna o sapo:—«E porque luzes...?»
—«Imagem da vil inveja,»
Bradei eu alli ao-pé:
«Que torpe sempre deseja
Destruir, enlodaçar,
Tudo quanto bello veja;
Não te vou já esmagar,
Pois me sujavas o pé (3).

FABULA 4.ª

O leão, o lobo e a raposa

Ao lobo voraz e hirsuto
E á manhosa
Da raposa
Disse o leão uma vez:
—«Vamos caçar todos tres,
E entre nós d'esta caçada
Repartamos o producto.»
Foi a lembrança approvada
Por ambos. Podéra não,
Quando vinha do leão!
Partem. Mal tinham andado,
Eis que lhes sai um veado.
Correram todos sobre elle,

Deram-lhe conta da pelle.
Em tres partes é cortado
Deseguaes,
Poisque taes
Os socios são,
Pelas garras do leão,
Que em seguida perguntou:
—«Como ha de isto agora ser?»
—«Não tem muito que saber»
Disse o lobo, que lançou
Á presa os olhos glutões:
«Somos tres e ha tres quinhões,
Por signal, dois pouco eguaes.
Como és rei dos animaes,
Queres ficar com o maior;
O segundo me convem,
Pois o não tenho melhor;
Coma a raposa o menor.»
Acabado
Apenas tem,
Recebe tal cachação
Puxado
Pelo leão,
Que lhe fica pendurada
Toda a pelle do pescoço,
Escorrendo ensanguentada
E quasi mostrando o osso.
A raposa, que tal viu,
Muito depressa acudiu:
—«O segundo é da leôa;
O terceiro, julgo eu,
Deve ser do filho teu.»
—«A lembrança é muito boa!»
Brada o leão:
«E põe fim
A toda e qualquer questão.
Mas porque pensaste assim?»
Torna a raposa:—«Um doutor

(Parece que estou a vêl-o
Com o seu capello
Vermelho)
Me deu este bom conselho:
—Jamais vás com teu senhor
Metter-te a jogar as peras;
Pois que esperas?
Sirvam-te os outros de espelho (1).»

FABULA 5.ª

O lobo e o cordeiro

Fuja do lobo a correr
O cordeiro tresmalhado;
Pois, se o consegue apanhar
O malvado,
Nem lhe deixará provar
Culpas não ter
No cartorio,
E morre sem oratorio.

Cordeirinho malfadado
E novato
Para beber se metteu
Num regato:
Apenas porém bebeu,
Eis que d'elle se avizinha
D'onde aquella agua vinha
Um grande lobo esfaimado.
—«Atrevido e mal creado!»
Grita a fera a bom gritar:
«Pois tiveste a ousadia
De o regato, que corria

Limpo, com teus pés sujar
Quando eu nelle quiz beber,
Vais morrer!»
—«Ó meu senhor!»
Diz-lhe tremendo o cordeiro:
«Queira reparar primeiro
Que estas aguas vem d'ahi.»
—«Agora essa é melhor!»
Brada o lobo: «então menti?
Tu é que mentes, meu traste;
E tambem sei que fallaste
Ha... dois annos contra mim.»
—«Inda nem era nascido;
Mezes ha que ao mundo vim.»
—«Algum teu irmão seria,
Do qual tu me vais pagar
Agora a patifaria.»
—«Nenhuns eu tenho...»—«Atrevido!
Que sempre has de resmungar!
Se por acaso
Os não tens,
Tanto monta,
Nem isso faz nada ao caso:
Vocês, pastores e cães,
Tazem-me sempre de ponta,
E não me podem tragar:
Mas eu hei de os ensinar
A respeitarem quem sou,
E vais servir de escarmento.»
Dicto isto, num momento
O cordeiro atassalhou (5).

FABULA 6.ª

O leão e o burro á caça

Foi el-rei Leão caçar
E escolheu o jumento
Para a caça levantar.
Escondido
Entre a ramada
O burro foi um portento;
Pois toda a caça, espantada
Com o seu tremendo ruido,
Vinha cahir na cilada
Onde a esp'rava o leão.
—«Que tal?» diz o fanfarrão
Do burro no fim
Da festa:
«A trompa é ruim,
Ou presta?»
—«Zurraste qual grande burro»
Torna-lhe o outro: «e esta caça,
Ignorando a tua raça,
Tomou a serio o teu zurro (6).

FABULA 7.ª

O lobo e a cegonha

O lobo, uma vez, um osso,
Por ser mui comprido ou grosso,
De todo o não enguliu;

E ficou atrapalhado,
Engasgado,
Dando tratos ao pescoço.
Neste aperto lhe acudiu
A cegonha que passava
Quando, sem falla, acenava
A quanto bicho alli via,
Dos quaes nenhum lhe valia.
Com destreza
E de seu bico as tenazes
Tira das fauces vorazes
O tal osso, e assim salvou
O lobo de cruel morte.
Finda a empreza,
A cegonha perguntou
Se o trabalho lhe pagava.
—«Ora! córte
Já d'ahi!»
Torna o lobo: «nunca vi
Tão desvergonhada ingrata!
Pois você inda pensava,
Salvando essa
Cabeça
Sã e intacta
D'esta terrivel guela,
Que tal favor não bastava
Para muito bem pagar
Uma triste bagatela?
Se eu a podesse apanhar...
(A cegonha se afastara)
Fôra você que pagara,
Por ser comigo atrevida
Depois de dever-me a vida.»

Quando algum homem de bem
Vir malvado
Que esteja assim engasgado,
Deixe-o ficar, que está bem (7).

FABULA 8.ª

O cysne e o cosinheiro

Nesses tempos fabulosos,
Quando o cysne moribundo
Seus cantos melodiosos
Soltava deixando o mundo,
Um cosinheiro, que tinha
Bebido o sumo da vinha
Mais do que era regular,
Estava quasi a cortar
O pescoço a um dos taes
Majestosos animaes.
Começa o cysne a cantar
Seu triste rondó final.
—«Boçal
Ainda não sou
Tanto» disse o cosinheiro
(Pois logo cahiu em si)
«Que vá matar
Um gaiteiro
Como nunca assim ouvi.»
O cysne larga e apanhou
Um ganso: este grasnou
Qanto pôde a bom grasnar,
Sem com isso se salvar.

As suas razões
Expor
Sem gritos ou palavrões
E, ainda, de bom humor
É, muita vez, o melhor (8).

FABULA 9.ª

Os pastores e os lobos

Em tempos muito distantes,
Num paiz desconhecido
Dos modernos viajantes
E que nos mappas não vem,
Dizem ter acontecido
Que os pastores mais os lobos
Houveram emfim por bem
Acabar mortes e roubos.
Foi o tratado
Assignado
Com todos os barbicachos:
Os pastores os seus cães
Entregam como refens,
E os lobos os seus lobachos.
Correu tudo muito bem
Por algum tempo. Fechado
Esteve o templo de Jano.
Mas diz o velho dictado:
—Atraz d'um tempo outro vem.—
Isto levou mais d'um anno,
Até que os lobos poseram,
Apezar das convenções,
Com toda a pouca vergonha
Em obra as suas tenções.
E eis o que elles fizeram:
Por uma noite medonha
Matam os refens
Dos cães,
Correm direito aos curraes;
(Os zagaes

Dormiam todos, fiados
Na santa fé dos tractados.)
Alli com os filhos, então
Quasi em forças seus eguaes,
Matam, ferem sem perdão
E levam grande farnel.

Lembra-te d'este painel:
Com malvados
Não queiras nunca tratados (9).

FABULA 10.ª

O leão moribundo

Depois de largo reinado,
O leão
Velho e alquebrado
Jazia no duro chão.
Nem signal de cortezão
No seu antro se mostrava.
Arquejava
Sósinho!... Sósinho não:
Pois a bramar
Eis que entrava
Para vingança tomar
Grande chusma de animaes,
Entre os quaes
Não poucos o adulavam
Quando d'elle receiavam.
Era o terrivel momento
Em que injustiças passadas
Vinham, letras protestadas,
Exigir seu pagamento.

O tigre... esse estava ausente;
Pretendente,
Ainda aos mais inf'riores
Andava apertando a mão
E promettendo favores,
Para que fosse acclamado
Em logar do rei finado.
Mas voltemos ao monarcha:
Prostrado embora no chão
Com a morte brioso arca;
Quer
Morrer
Sempre leão.
O cavallo deu-lhe um coice,
Mas nada lhe disse, e foi-se:
Deu-lhe o lobo uma dentada
Em lembrança da caçada:
A raposa mal se riu,
E fugiu
Logo que el-rei a fitou;
E assim, á chucha-calada,
Muitos outros animaes
Cada qual menos ou mais
Se vingou:
Porém o urso
Botou
Pedante discurso
E maçou,
Como sempre os ursos maçam,
Sobre as grandezas que passam,
Sobre as mundanas vaidades
E outras banalidades;
Um longuissimo rosario:
(Era urso e *doutrinario.*)
Acabou... por acabar,
Dando a el-rei um grande murro.
De orelha tesa e a zurrar,
Eis chega por fim o burro.

— «Matae-me!» rugiu então
Já moribundo o leão:
«Vossas garras, vossos dentes,
Soffro qual justo tormento;
Mas, por honra dos valentes,
Não vos deixeis insultar,
Aviltar,
Em mim por um vil jumento (10)!»

FABULA 11.ª

O pastor e o mar

Que ninguem se chame pobre
Quando tenha certo o pão,
Embora pouco lhe sóbre;
Mas homem remediado.
Assim um pastor vivia
Com o seu cão
Mais o seu gado.
Do monte por onde andava
Se avistava
Um grande porto de mar,
Onde de continuo via
A sahir ou a entrar
Muita náu
Para Londres ou Macáo,
Para aqui, para acolá.
Isto claro lhe dizia
Os grandes lucros que dá
O negocio pelo mar.
Começou elle a scismar
E a dizer: — «Se tenho pão,
Tambem

O tem
O meu cão;
E para eu, qual elle, o ter
Hei de sempre trabalhar
Toda a vida até morrer.
Que vida tão desgraçada!
Emquanto outros regalada
A sua levam: e porquê?
Já se vê
Que o herdaram
Ou ganharam.
Herdar!
Eu bem pouco herdei.
Trabalhar!
Eu trabalhei,
Tanto que não posso mais
Do que o faço. E os demais?
(Pois não se ganha com o ocio)
Esses tem outro trabalho,
Sendo o melhor o negocio
Com as possessões do Ultramar.
Isso hei de eu tambem tentar,
Pois menos que elles não valho.»
Assim disse e assim o fez;
Do rebanho se desfez,
De quanto tinha dispoz.
Comprou fazenda, que poz
Toda a bórdo d'um navio:
Este perdeu-se em baixio
E levou-lhe tudo o mar!
.....
Eil-o de novo a guardar
Ovelhas, suas já não;
Eil-o tirando ao seu pão
Para de novo as obter;
Tanto fez,
Que o alcançou:
E, quando outra vez

Logrou
Modesto rebanho ter
Todo seu,
Dava mil graças ao céo
Por voltar
Ao antigo estado,
E nunca mais foi tentado
Com os negocios pelo mar.

De pão seguro boccado
Ninguem queira aventurar;
Que póde ficar
Logrado.
Muitas vezes desgraçado,
Carpindo, se julga alguem
Até vir maior desgraça,
Que lhe faça
Ver um bem
No que teve e já não tem (11)!

FABULA 12.ª

O hortelão e os caçadores

Um hortelão, abastado
Por 'star da cidade á porta,
Andava desesperado,
Pois iam alguns coelhos
Comer-lhe as couves da horta.
Não dormia socegado:
Assim é com muitos velhos,
(Como elle era)
A quem a edade exaggera
A menor contradicção;

Querem só quietação,
É proprio d'aquella edade.
Ora o velho na cidade
Tinha entre outros um freguez,
Com quem tratando uma vez
Dos coelhos se queixou.
—«Você porque não fallou
Mais cedo? Já seus cuidados
'Stavam todos acabados:
E eu cá então que me péllo
Por uns coelhos guizados!...
Ámanhã vou-lhes ao pello:
E desde já lhe asseguro
Que você para o futuro
Nem um laparo ha de ter
Para amostra, se o quizer.
Ámanhã aqui me tem.»
Assim foi. Ao amanhecer
Eis que o tal caçador vem
Com meia duzia de amigos,
E não sei com quantos cães:
Tratam logo de almoçar.
Dizer os figos
E os pães
Que comeram,
Fôra um nunca se acabar;
E beberam
Menos mal
Para os figos afogar.
—«Comecemos a caçada»
Disse o amigo afinal.
Com effeito é começada
E, depois d'um bom jantar,
Felizmente se acabou.
Mas se a caça deixou
Morta,
Foi-lhe a morte bem vingada,
Pois ficou

Em tal estado
A desgraçada da horta,
Que nem paiz conquistado
Pelo povo Huno ou Vandalo:
Um escandalo!
Vendavel que alli passou!
Nem uma couve escapou
Direitinha no seu talo:
Tudo calcado no pó!
O velho, depois de só,
Rogando pragas que eu calo,
Chorou, diga-se a verdade,
Dos coelhos com saudade...

Ás vezes o curativo,
Não a doença, é que mata:
Ha erro menos nocivo
Do que a emenda na errata (12).

FABULA 13.ª

O burro e o cãosinho

Quem com graça não nasceu
Não se metta a engraçado:
Olhe o caso que se deu
Com certo burro, estafado
De trabalho e de pancadas.
Notando quanto estimadas
Eram d'um cãosinho as graças,
Que todos d'ellas se riam;
Não attendendo a que as raças
E os tammanhos differiam,
Na grande sabedoria

De que nascera dotado,
Imaginou que seria
Do mesmo modo estimado.
O momento aproveitando
Em que vê estarem folgando
Os patrões com o tal cãosinho,
Entra na sala zurrando,
Aos coices e pretendendo
Dar o seu lindo pésinho,
Ás caras a pata erguendo.
Imaginem em que estado
Ficaram todos na sala!
Cai a senhora sem falla!
—«Acudam!» gritam afflictos:
«Acudam já
Com um arrocho!
Que está
Damnado
O carocho!»
(Por ser preto, assim chamado.)
Ouvindo tammanhos gritos
De terror,
Um labrego, seu mentor,
Que dando-lhe a palha e a herva
Não lhe soffria tolices,
Qual a doutora Minerva
Ao filho do sabio Ulysses,
Acabando com as meiguices
Fez calar logo o cantor,
E poz na folia ponto
Com um bom rufo de tambor
No lombo do burro tonto (13).

FABULA 14.ª

O macaco e o golfinho

Segundo Plinio, os golfinhos
Longe de serem damninhos
Eram até animaes
Aos nautas mui serviçaes,
Pois cuidavam de salvar
Quem ao mar
Cahido tinha,
Ou se via alli em p'rigos:
D'onde vinha
Serem tidos por amigos
Dos homens. Lindas chimeras!
Illusões de antigas eras,
Erros de ha muito passados!
Hoje são elles fisgados
E lhes tiram as gorduras,
Que péssimo cheiro deitam,
Mas que muitos aproveitam
Por não ficar ás escuras.
Ora contam que um navio,
Pelas alturas
De Athenas,
Dando com a quilha em baixio
Se afundou. Os desgraçados
Marinheiros,
Passageiros,
Pelas antenas
Trepados,
Já se julgavam perdidos,
Quando foram soccorridos
Pelos bondosos golfinhos,

Que fizeram mil caminhos
A terra os homens levando
Em cima do seu costado.
Um d'elles, indo montado
Por mono que reputara
Homem, sem lhe ver a cara,
Lhe pergunta conversando:
—«É d'Athenas?»—«Sim, senhor;
Nem o encontra alli melhor
Aparentando
Do que eu.
Filho sou de magistrado,
Tenho irmão grande letrado;
Descendemos de Theseu.
Em mim tem um homem seu,
Que muito desejaria
Algum dia,
Quanto lhe é grato, mostrar.»
—«O que me diz do Pireu?
—«Amigo velho: elle e eu
Juntos fomos almoçar
Quando estava de partida.»
Ouvindo tal descahida
Volta o golfinho a cabeça
E encarando com um macaco,
Mergulha sem mais cavaco
E nada muito depressa
A buscar
Um homem para o salvar.

Quantos macacos não ha
Que, por muito bem calados,
Tem de sabios alvará
E não morrem afogados (14)?

FABULA 15.ª

O camelo

O primeiro que avistou
Um camelo,
Tão assustado ficou
Só de vêl-o,
Que espavorido fugiu.
O segundo, quando o viu,
Perto d'elle se achegou
Sem ter lá maior receio.
O terceiro poz-lhe um freio
E, qual besta, o carregou.
O camelo assim ficou
Sendo um dos mui serviçaes
Entre os outros animaes.

Muitos homens ha que, ao vêl-os
De longe, são uns portentos;
De perto, grandes camelos,
Sem ter os merecimentos
Nem d'estes... nem dos jumentos (15).

FABULA 16.ª

O velho e seus filhos

Sentindo a morte chegar
Um velho mandou chamar
A seus tres filhos, e disse

Que desejava saber,
Qual tinha tanto poder
Nos pulsos, que lhe partisse
Um mólho, de varas feito,
Que mostrou
Junto do leito.
Todos tentaram a empresa;
Mas nem força nem destreza
Lhes valeu:
Algum tanto se torceu
O feixe, mas não quebrou.
Eis logo o velho separa
Cada vara
E uma após outra partiu.
—«Cada qual de vocês viu
Quanto val' 'starem unidos;
Aquelles paus, se o ficassem,
Nunca seriam partidos»
Disse o velho: e lhes pediu
Que do feixe se lembrassem.
Prometteram; e morreu.
Mas do que foi promettido
Nenhum mais se recordou;
E porisso succedeu
Ver-se cada um perdido,
E só então lhes lembrou,
Já tarde, o feixe partido
Apenas se desatou (16).

FABULA 17.ª

O rachador e Mercurio

Tendo o machado perdido
E nelle o seu ganha-pão,
Rachador já não rachava,
Mas partia o coração
Com os queixumes que soltava
Vertendo pranto sentido.
Como havia de elle obter
Outro, se mal lhe chegava
O ganho para comer?
Porisso nada o acalma:
—«Ó machado
Da minha alma!
Sem ti de que hei de viver?
Oh! maldicta seja a hora
Em que nasci, desgraçado,
Para de fome morrer!
Dá-me, Jove, sem demora
A morte ou o meu machado!»
Eis Mercurio lhe appar'ceu:
—«Aqui o tens todo inteiro,
Acaba-me esse berreiro:
Será isso?»
E lhe metteu
Á cara um d'oiro massiço.
—«Deixe ver...
Bem póde ser:»
Responde o triste acalmando
E limpando
Os olhos com a suja mão.
«Ai! esse nunca foi meu.»

—«De certo que é este então:»
E um de prata lhe offreceu.
—«Tambem não.»
Mas solta um berro
Apenas vê um de ferro,
Que Mercurio lhe mostrou:
«—Ó machado! ó meu machado!»
E com este se abraçou.
—«Pois todos tres eu t'os dou;
Deves ser recompensado,
Que és homem de boa fé.»
Espalhado
Pelo sitio o caso é.
Começam em alarido
Logo muitos rachadores
Com lamentaveis clamores
Por terem o seu perdido;
E eis Mercurio que vem
A estes tambem
Com os tres,
Assim como ao outro fez.
Nenhum, quando vê luzir
O d'oiro, muito depressa
(Não lhe vá elle fugir)
De gritar deixa:—«É o meu!»
Julgando têl-o já certo:
Mercurio porém lh'o deu...
De rijo, pela cabeça.

Mais d'um, por esperto
Havido,
Se tem assim extendido (17).

FABULA 18.ª

O burro carregado de reliquias

Ao som de gaita e tambor
Iam reliquias d'um santo;
Se martyr, se confessor,
Não ousarei
Dizer tanto:
Apenas sei
Que um jumento
Corpulento,
Coberto de rico manto,
Levava reliquias santas
Em solemne procissão.
Vendo o burro ás suas plantas
Tantos joelhos no chão,
Vendo tanto adorador,
Pensou que emfim a razão
Começava a governar,
Pois já lhe sabiam dar
A elle, o justo valor,
Que sempre julgou immenso,
Como o julga e ha de julgar
Quem nasceu sem nenhum ter.
(Cada vez mais me convenço,
Por tudo o que estou a ver,
De que é a compensação
Dada pela natureza
A quantos ineptos são.)
Respirava pois o incenso
O jumento, na certeza
De que o tinha bem mer'cido.
Voltando emfim á egreja,

Da qual havia sahido,
A devota procissão,
Eis que vaidoso forceja
Por entrar de cantochão,
Já sem reliquias embora;
E, quando o poseram fóra
A paulada e a pontapé,
Disse:—«Assim foi e assim é
Do homem sempre a toleima:
Ora
Adora
O que queimou,
Ora
Queima
O que adorou:»
Mas ficou,
Como d'antes, convencido
De que o incenso lhe é devido.

Ao burro se dá razão
Toda a vez que se faz caso
De idiota muito raso,
Só por ser um figurão (18).

FABULA 19.ª

A serpente e a lima

Uma serpente malvada
Entrou de noite fechada
Na loja d'um serralheiro.
De comida nem o cheiro
Encontrando
Se lançou

A uma lima que topou,
Na qual se poz a morder.
—«Melhor não podes fazer»
Lhe diz a lima zombando:
«Do que estás ahi fazendo.
Vae mordendo
Nesse meu aço, vae dando
Cabo dos dentes maldictos.»

Quanto infame maldizente
Felizmente
Se tem assim enganado;
Julgando com torpes dictos,
Ou escriptos
Indecentes,
Cravar venenosos dentes
Nalgum caracter honrado?
Mas tal raça não acaba;
E, se não póde roer,
Vai sempre tendo o prazer
De sujar com a immunda baba (19).

FABULA 20.ª

Os animaes atacados da peste

Doença cruel, medonha,
A peste!... (e que dizer mais?)
Com sua negra peçonha
Tinha eivado os animaes:
Ferozes ou innocentes,
Os que não iam puxando
Andavam todos doentes.
Julgando

Que os céos irados
Enviavam tal flagello
Em castigo de peccados,
Por lembrança d'um camelo,
Sempre nas graças reaes
(Na côrte dos animaes),
Manda el-rei tirar devassa,
Porque justiça se faça,
Sendo logo castigados
O auctor,
Quemquer que for,
Ou os perfidos auctores
Dos mofentos attentados;
E que cessem os rigores
De Jove assim satisfeito.
Fez-se isto *com muito geito,*
Como era bem natural,
Não fosse algum animal
Mais graúdo o peccador.
Tudo correu ao sabor
Do justo e sabio camelo;
Ficaram assignalados
Sua prudencia e seu zelo.
Condemnados
Com solemne espalhafato,
Com juridico berreiro,
Por supposto desacato
Foram dois burros e um pato.
Viu-se um carneiro
Accusado
Do crime de desordeiro;
Escapou, mas infamado
E muito bem tosquiado.
Para não ficarem restos
Dos infestos
Peccadores,
Causadores
Dos celestes desagrados,

Os corpos dos infelizes
Foram logo sepultados...
No ventre de seus juizes.

A peste continuou
A grassar,
E acabou
Quando tinha de acabar,
Como sempre o ha de fazer,
A contento ou a pesar
Dos que tomam o camelo,
Ou outro parvo qualquer,
Por modelo (20).

FABULA 21.ª

O cordeiro tosquiado

Quando a primavera volta
Trazendo cantos e flores,
Dos rebanhos com a tosquia
Andam de volta
Os pastores.
Isto via,
Arrepiado,
Cheio de medo um cordeiro:
Chegára o anno primeiro
De tambem ser tosquiado.
Mais morto que vivo andava;
Só pensava
Nos tormentos
Que os medonhos instrumentos,
Tezouras
Aterradoras,

Haviam de lhe causar
Quando o fossem tosquiar.
Soou a hora fatal!
Mesmo á entrada do curral
Sobre um banco
Meio-manco
Foi o triste collocado,
Bem preso de pés e mãos;
Tosquiado,
Apesar de esforços vãos.
Contente porém ficou,
Depois de solto, o cordeiro:
O vello que lhe cortou
O rude cabelleireiro
Não lhe fez falta nenhuma;
Pôde, em summa,
Dizer até, que lucrou
Com aquelle temido córte.

Não será assim com a morte?
Deve ser. Se o bom pastor,
Protector
Do seu rebanho,
Por tammanho
Que elle seja,
Nem um anho
De certo perder deseja;
Quanto mais Quem tudo cria?
É necessaria a tosquia,
Egualmente assim a morte,
Fatal sorte
De tudo quanto nasceu:
Mas a morte não é nada
Mais que vida transformada,
Planta que reverdeceu.
Não temas pois um morrer
Que é nascer;
E, quando houveres soltado

Teu alento derradeiro,
Has de surgir melhorado,
Como ficou o cordeiro (21).

FABULA 22.ª

O jardineiro e os caracoes

Perdoar ao inimigo
É de certo bello e bom,
Das almas nobres o dom,
Ás quaes pouco o perdão custa:
Porém accrescento e digo —
Comtanto
Que seja santo
Cada qual á sua custa.

Jardineiro, perseguido
Pelos caracoes, lhes faz
Guerra assidua, e conseguido
Tem encher grande cabaz
Com milheiros
Dos nocturnos ratoneiros.
O matal-os
Lhe repugna ao coração;
Julga o vingar-se mesquinho,
E vai então
Atiral-os
Para o quintal do vizinho (22).

FABULA 23.ª

O burro e o cão

Ia um burro e mais um cão,
Noite feia,
Para aldeia
De alta serra:
Eis que enterra
O segundo pela mão
O damninho
D'um espinho.
—«Eu assim mal posso andar,
Amigo!» diz elle ao burro:
«Bem me podias levar
'Té ao cimo d'esta encosta;
Facil te fôra de certo.»
—«Amigo,» volta o casmurro,
Que da lembrança não gosta:
«Estamos de casa perto;
Vae tu caminhando em tres,
Como o fazes muita vez,
Quando te sentes cançado
D'um dos pés.»
Nada responde, coitado!
O pobre cão; foi andando:
Mas eis que sentem, uivando,
No matto um lobo esfaimado.
—«Não te arredes do meu lado,»
Diz então,
A tremer, o burro ao cão:
«Ou de certo devorado
Pelo lobo sou em breve.»

—«Não sei porquê? Tu vais leve,
Muito bem podes fugir,
Ou combater
A valer,»
Responde o cão: «'stas ferrado
De novo dos quatro pés.
Eu é que vou já partir,
Poisque me sinto aleijado,
Caminhando só em tres,
Como o faço muita vez,
Quando tenho um pé cançado.»

Foge o cão. E num momento
Chega o lobo: triste fim,
Porque foi villão-ruim,
Teve em paga o tal jumento (23).

FABULA 24.ª

A canna do foguete

—«Olhem como eu vou subindo
Nobremente pelo ar!»
Toda ufana
Grita a canna
D'um foguete
Acabado de deitar.
Este estoira; e rebolindo
Cai ella, e fica servindo
Aos garotos de joguete.
As vezes succede áquelle,
A quem a fortuna impelle
Apesar de ser ruim,

Ir subindo muito teso,
Mas, por fim,
Dar no chão com o proprio peso (24).

FABULA 25.ª

A gamella

Homem mui velho e já tonto,
Um filho casado e um neto
Debaixo do mesmo tecto,
Nos diz um conto,
Viviam.
Juntos porém não comiam:
O velho, poisque a tigela
Quebrava
E o caldo entornava,
Comia numa gamella
De pau, e fóra
Da mesa;
Com asp'reza
Era tratado
Pelo filho, e pela nora
Desprezado.
Um dia, ao canto da casa,
Estando o neto entretido
(Era ainda pequenote)
Muito attento a ver se vasa
Com uma goiva e um serrote
Um pedaço de madeira;
Interrompido
Pelo pae foi, que indagou
O fim de tal brincadeira?»

—«Aqui 'stou»
Lhe responde o innocente:
«A fazer uma gamella,
Qual aquella
Em que come meu avô,
Para meu pae comer nella
Quando for velho e demente.»
Accrescenta mais o conto:
Revirou
O coração
Ao pae aquella lição;
Cuidadoso
E respeitoso
Desde então
Tratou
Do velhinho tonto.

Filhos que não respeitais
Vossos paes,
Se algum dia vos couber
Filhos ter,
Como heis de nelles achar
Quem vos saiba respeitar (25)?

FABULA 26.ª

O arminho e o porco

Á beira de charco immundo,
Embora mui pouco fundo,
Um branco arminho parou;
Com medo de se manchar
Nem tentou
Atravessar.

E quanto elle o desejava,
Quando olhava
O campo do outro lado,
De boninas esmaltado,
Tudo em tôrno embalsamando!
E os pomarès, que vergando
Se mostravam com os seus fructos!
Eis que chega d'entre os brutos
O mais porco, e assim chamado.
Longe de lhe dar
Cuidado
Se a lama o póde sujar,
Fica muito consolado
De nella se retouçar.
Depois o charco passou,
E ao arminho assim gritou:
—«Anda, vem!
Já viste como eu passei;
Podes muito bem
Passar.
—«O que tu fizeste eu vi,
Mas fazer isso não sei;
Nem de certo passarei,»
Lhe respondeu o arminho:
«Porco, qual és, não nasci.»

Não póde o mesmo caminho
A todos aproveitar:
Por onde qualquer birbante,
Um ignobil traficante,
Um galopim descarado
Sabem com gosto passar,
Não passa um homem honrado (26).

FABULA 27.ª

Os dois machos

Dois machos iam andando,
Carregando
Um com carga mui pesada,
Eram saccos de cevada;
O outro, bem mais ligeiro,
Numas bolsitas de coiro
Levando
Pouco dinheiro,
Mais a prata do que o oiro;
Era receita do Estado.
Porisso desvanecido
Ia o macho, convencido
De ser publico empregado;
E lançava, muito teso,
Um certo olhar de desprezo
Ao pobre do outro macho,
Que seguia cabisbaixo
Seu caminho caminhando.
Elle, as mãos arregaçando
Que nem brioso cavallo,
No chocalho não parava
Um só instante o badalo.
Eis, quando
Menos se esp'rava,
Apparecem uns ladrões,
Os quaes, sem ouvir razões,
Pondo a murro e á bordoada
Os guardas em debandada,
Correm direito aos dobrões.

O macho não quer
Ceder:
Como empregado
Do Estado,
Para si julga um dever,
Com denodo resistir
Até alguem
Acudir.
Nada porém
Lhe valeu:
Tão cerrada
Saraivada
De arrocho e de pontapé
Sobre o coiro lhe choveu,
Que não pôde ter-se em-pé;
Quasi que alli o mataram!
Os ladrões foram-se embora,
Do dinheiro
Só tal recibo deixaram.
O outro macho então correu
Sem demora
Para ao-pé do companheiro,
Que o seu infortunio chora;
E diz-lhe:—«Amigo, a riqueza
E a nobreza
Estes funestos revezes
Acarretam bastas vezes.»
Melhor podera dizer:
—«Se, cumprindo o teu dever,
Fosses levando o dinheiro,
Qual um macho de moleiro,
De cevada carregado,
E jamais te supposesses
Um notavel figurão,
Fazendo tanto arruido;
Talvez que nunca estivesses
Estatelado
E moido

De pancadas nesse chão.»

O que em fôfas se metter
Bem lhe póde acontecer
Apanhar egual lição (27).

FABULA 28.ª

A carriça

Decidiu a passarada
Que havia de ter um rei.
Se foi lembrança acertada,
Se parvoice, não sei;
Pouco importa. Ella juntou-se
Toda um dia; e decretou-se
Que, quem mais alto voasse,
Governasse:
(Santa lei!)
Foram jury—o avestruz,
E seu primo casoar,
E outras mais aves de truz
Que, mal sabendo voar,
Não quizeram fazer d'urso
Em tão solemne concurso.
Dado o signal, voam todos
Segundo as forças e modos
Que d'elles cada um tem.
Desde a aguia ao beijaflôr
E desde o pisco ao condor,
Não faltava alli ninguem:
Tammanha nuvem se ergueu,
Que toldou a luz do céo.
Pouco e pouco vão cançando
Alguns, outros protestando

Contra certas nullidades,
Faltas de solemnidades,
(Sempre protestos eguaes
Nos concursos se hão de dar,
Quantas vezes com razão!)
A final, quem voou mais
A aguia foi, sem questão.
Cançada esta de voar,
A carriça que se tinha
Escondido agarradinha
Ás suas valentes pennas,
Voou mais umas dezenas
De palmos acima d'ella;
E appella
Da decisão,
Que declara
A aguia ser a primeira
E das aves a rainha;
Mas ninguem a enxergara,
E ficou por trapaceira.
Desde então
Esta avesinha,
Que se julga preterida,
E como sob'rana tida
Por si e outras que taes:
E... d'isto não direi mais (28).

FABULA 29.ª

O urso e o macaco

—«Se dançar bem eu não sei,
Tampouco ainda dancei
Por vontade: sou forçado,

Não devo ser apupado.
O homem porque se ri?
Sei dançar?
Que razão tem de zombar?
Este problema explicado
Quizera vêl-o por ti:»
Dizia o urso
Ao velhaco
Do macaco.
—«Olha, amigo, o teu discurso»
Torna este:—«é racional;
E vou-lhe já responder.
Danças mal,
Peior não podia ser,
D'um modo quasi indecente:
Eis porque se ri a gente.
Mas, se tu dançasses bem,
Tambem
De certo se ria:
Eu danço perfeitamente,
E faço rir
A cahir.
Ou se baile muito mal,
Ou com graça e com mestria,
O resultado é egual:
Dos homens a maioria
O que quer
É ver
Dançar;
Só procura divertir-se,
Rir-se
Sempre e não chorar.

Dizia
O mono a verdade:
Assim faz a humanidade.
Mas o que elle não sabia
Ou não disse

É que, se merece troça
A dança, a tolice
Grossa,
Menos não é para rir
Ver, ouvir
Ao mundo dando lições
Analphabetos macacos
Ou saltimbancos velhacos
Com fumos de sabichões (29).

FABULA 30.ª

O urso civilizador

Fugiu um urso a seu dono,
Que o trazia mais um mono
Pelas ruas a dançar.
Fugiu e pôde voltar
Á cara patria o tal urso.
Alli abre logo um curso
Para aos outros ensinar
Quanto lograra apprender
Durante o seu captiveiro.
Primeiro
Ensina o saber
Bem direito ter-se em-pé,
(E, para ursos, já é);
Depois vem as cambalhotas,
E no fim o *balancé*.
Dos caros compatriotas
A maioria
Lá ia,
Menos mal
Levantando as mãos do chão,

(Como as maiorias vão.)
Nas cambalhotas, melhor;
(Cousa é mui natural,
No physico e no moral,
Aos homens e aos animaes.)
Dançar com geito, peior,
(Geito d'urso ainda assim;)
Por mais
Que o mestre fizesse
E dissesse:
—«Ponham os olhos em mim,
Deitem para fóra o pé,
Reparem neste *entrechat*,
Que magnifico exercicio!»
Mas qual chá
Ou qual café?
A custo tendo-se em-pé,
Haviam de dançar bem?
A cada instante—zaz
Traz!
Com o frontispicio
No chão!
O mestre se ria
Então,
(No que muito mal fazia.)
Vendo que geito não tem,
Os ursos deram cavaco;
Concluem que o mestre é fraco,
Que não presta.
Breve se viu apupado,
Alcunhado
De franduno
E de alumno
De *mações*:
Dão-lhe cresta
A alguns tostões
Que lhes havia apanhado
Com o seu curso:

Se não foge, como fez,
Era uma vez
O tal urso.
Tem que voltar
Para o dono,
Na rua dançar
Com o mono;
Foi-lhe isso muito melhor
Que ser civilizador
De nação,
Quaes bastantes inda são.

Quem se mette a educar
Deve saber; e tambem
Ter o geito de ensinar
(Dote que só poucos tem.)
Ha gente que não se ensina;
Mais do que o vulgo imagina,
Incapaz de ensinamento
Por falta de entendimento;
Que, para o progresso morta,
Não passa da cepa torta;
Toma de gente o feitio,
Mas fica sempre *gentio* (30).

FABULA 31.ª

A lebre

—«De todos os animaes
(Eu fallo dos principaes
Em forças e valentia)
Nenhum se póde gabar

De não ter sua fraqueza,
Defeito de natureza,
Impossivel de curar;»
A coelha assim dizia,
Em conversa, á lebre um dia:
«Ao leão misero gallo
É capaz de afugental-o;
E com que? com o seu cantar.
Ao elephante o grunhir
D'um porco o vai affligir
A ponto de sossobrar.»
—«E eu então?»
Atalha a lebre:
«Se vejo cão,
É tal febre,
Que mal me posso conter
E deito logo a correr (31).»

FABULA 32.ª

A rã e o toiro

Num charco, suberbo toiro
Sequioso foi beber;
Boas carnes, liso coiro,
Um bicho de appetecer!
—«Assim é que eu hei de ser,
Coaxou invejosa rã:
«Não quero ficar anã.»
Chama pois suas vizinhas,
Diz-lhes que busquem palhinhas
Bem ôcas, para assoprar

No seu corpo e o alargar.
Começa a operação;
Todas ellas, quantas são,
Assopram mesmo a matar.
E a rã brada sem cessar:
—«Olhem para aquelle toiro;
Emquanto eu egual não for,
Assoprem, façam favor.»
Assim fazem: mas, no coiro
Não cabendo mais o vento,
Morreu victima do intento
A rã, dando um grande estoiro.

Ha no mundo muita rã
Que não quer ficar anã;
Mettida sempre em folias,
Em altas cavallarias,
Até que á força de vento
Acaba por estoirar;
E esse mal vai em augmento.
D'antes muito se zombava,
Se um sapateiro tocava,
Abelhudo, o rabecão:
Será possivel contar,
Ou ainda só calcular,
Quantos hoje o tocarão,
Quando ha orchestras inteiras,
Ha concertos aos milheiros,
Compostos de sapateiros
E até... de sapateiras?!
Se taes rãs
Por sua conta
Estoiram, isso que monta?
Deixal-as: perde-se pouco,
Se morre um nescio ou um louco.
Peior é se ficam sãs,
Por mais que entesem os coiros;
Nunca chegam a ser toiros,

Mas com o seu parvo coaxar
Não cessam de importunar.

Santo e justo
É todos, embora a custo,
Sem quebra de honra e com tino!
Melhorarem seu destino.
Eu julgo até um dever
Ou mui nobre sentimento,
Que um homem aspire a ser
Sempre mais
Do que foram os seus paes:
Mas ande com muito tento...
E não caia em imitar
Da tal rã o louco intento,
Se não quizer rebentar (32).

FABULA 33.ª

Os dois sujos

Um moleiro
E um carvoeiro
Travaram-se de razões;
Era um da côr da neve,
Outro da côr dos carvões.
Cada qual d'elles teimava
Que o outro mais sujo estava;
Tinham ambos a mão leve,
Choveram os bofetões.
E qual foi o resultado?
Um ao outro se sujou;
Pois ficou,
O carvoeiro

Empoado;
E o moleiro
Enfarruscado.

Assim fazem as comadres,
Se começam a ralhar;
Assim fazem os *compadres*,
Se a politica os separa:
Cada qual, sem se limpar,
Consegue o outro sujar;
Nem é isso cousa rara (33).

FABULA 34.ª

A raposa e o veado

—«Se eu tua força apanhasse
E mais esses grandes galhos,
Qualquer cão que se achegasse
Deixava-o feito em frangalhos;
Mas tu logo
Dás
Ás
De Villa-Diogo,
Mal te apparece um tótó,
Ainda que venha só:»
Disse a raposa ao veado.
«É devéras covardia,
Nascendo assim bem armado.
Eu fujo: podera não!
Tenho eu as forças d'um cão?
Ninguem me via
Fugir,
Se podesse resistir.»
—«Olha,» responde o veado:

«'Stou muito capacitado
De que tu pensas assim;
Mas não o exijas de mim.
Antes de nascido ser
Já costumado a tremer
Com susto dos cães andava,
Pois minha mãe abalava
E lá ia esbaforida,
Em corrida
De matar,
Só de ouvir
Um cão ladrar.
Nascido, fui educado
Sempre assim, vendo a meu lado
Quem fugia,
Logo que um latir
Ouvia
Ou trompa de caçador:
Como hei de, pois, ter
Valor?
Eu fujo sem o querer,
Embora ás vezes me zangue
Contra mim: está no sangue,
É filho da educação;
E tu, se forças tivesses,
Talvez o mesmo fizesses
E pela mesma razão.»

Vem os instinctos herdados
Feios... bellos,
Necessarios resultados
De educações ant'riores.
Maus, é difficil vencel-os,
Mas podem ser emendados;
Bons, ainda melhorados:
Ficarão
Os bons maus, estes peiores,
Se for má a educação (34).

FABULA 35.ª

A inundação

'Stava a cousa muito feia
Em tôrno de certa aldeia.
Sêccas eram as campinas,
Os prados não se vestiam
Já de mimosas boninas;
Murchavam na cepa as uvas
E, sem abundantes chuvas,
As searas se perdiam.
Afflictos os lavradores
Baldados tristes clamores
Noite e dia
Aos céos erguiam.
Perto havia
Uma represa,
Só formada
Pelas mãos da natureza,
De agua das chuvas e fontes
De continuo accumulada
Entre dois erguidos montes.
Lembrou-se prudente velho
De dar
Ao povo um conselho:
—«Ide a represa sangrar,
Mas vêde como o fazeis;
Bastará um furosinho,
E tereis
Com que salvar
Vosso pão e vosso vinho,
Se de rega precisar.»
Quiz-lhes depois ensinar

Como o deviam fazer:
Mas deitam logo a correr
Sem nada mais escutar,
E mettem mãos á empresa.
Furam, cavam na represa,
Tudo a eito,
Sem preceito,
Tanto, que ella desabou.
De repente
Enorme enchente
Os campos lhes alagou!
E tal foi a inundação
Que prostrou
Rasos no chão
Arvoredos
E vinhedos,
E lhes varreu todo o pão,
Fóra os gados que afogou.
Todos se voltam então
Contra o velho
E o seu prudente conselho!...

Muito embora seja boa
Uma lei, póde causar
Graves males, quando á tôa
A quizerem applicar (35).

FABULA 36.ª

A raposa e o macaco

O mono disse á raposa:
—«Ès esperta e és manhosa,
Mas eu tenho mais talento,

(Haverá no mundo egual?)
Não encontras animal
Que eu te não possa imitar
Num momento:
Negal-o fôra cegueira.»
—«Nem tampouco o negarei,»
Lhe respondeu a matreira:
«Mas tambem nunca encontrei
(Se é possivel encontrar)
Animal tão desprezivel
Que te fosse copiar.»

Sincero se respondia,
(O que me parece incrivel)
Por certo não conhecia
Este mundo
Bem a fundo (36).

FABULA 37.ª

O carvalho

Da serra sobre o coruto
Nasceu,
Cresceu
Um carvalho,
Dando aos homens sombra e fructo,
Ás aves o agasalho.
As gerações que passavam
Ignoravam
Qual a era
Em que o gigante nascera.
Quantos seculos o viu
O mundo sem ter rivaes!

Até que por fim morreu
Não podendo viver mais;
E cahiu
Com o estampido d'um trovão!
Tremeu
E gemeu
O chão:
Tão
Grande abalo soffreu
Com o peso descommunal!
Um ratinho,
Que vivia
Em mesquinho
Buraquinho
Do tronco monumental,
Julgando
Que o céo cahia
Quando
O carvalho cahiu,
Espavorido fugiu.
Passadas horas, voltou:
Muito e muito tempo andou
Em volta d'elle á matroca
Com trabalho,
Até dar com a sua toca,
Exclamando então pasmado:
—«Eu nunca tinha pensado
Que era tammanho o carvalho (37).

FABULA 38.ª

Os dois dragões

Dois dragões: mas, olhem bem,
Não d'aquelles que hoje tem

Capacete e grande espada,
E que são,
Se não
Me engano,
Cavallaria pesada.
Eram estes de uns dragões
Que, vai muito e muito anno,
Foram os guarda-portões
Afamados
De palacios encantados,
Guardadores
Veladores
De thesouros enterrados;
Bichos nos quaes o diabo
Gostou sempre de encaixar-se.
Porisso elles tinham rabo
E cornos de metter medo,
O que prova que o folguedo
De mascarar-se
Inda é
Muito mais velho que a sé.

Dois dragões pois, mas dos taes
Tremebundos animaes,
Teimaram
E apostaram
Sobre qual d'elles chegava
Primeiro á falda d'um monte
Que de longe se avistava.
Um tinha, se bem
Lh'o conte,
Cem
Cabeças
De tremer,
Emquanto o outro, ás avessas,
Tinha de rabos um cento,
De notavel comprimento.
O terreno a percorrer

Era muito accidentado,
Cortado
De pedregaes
E charcos e mattagaes.
Eis começam na carreira
Ou, antes, eis a começa
O que tinha uma cabeça.
O das cem mal
Póde andar,
Pois cada qual
A primeira
Quer
Ser
E as mais governar;
E, se por acaso anda,
Vai d'uma para a outra banda
Esbarrar,
Impedido a cada instante
Por algum tronco ou penedo
Atravessado deante.
O primeiro caminhando,
Avançando,
Sem estorvo ter
Ou medo.
Cabe á cabeça mandar,
Aos rabos obedecer.
Indo assim, pôde chegar,
A vontade,
Até á meta indicada,
Quando o outro nem metade
Logrou vencer
Da jornada.

Nos negocios d'esta vida
Vale mais uma cabeça,
Quando essa
Tenha juizo,
(Embora pouco talento)

De todos obedecida,
Do que um cento
(Muito e muito talentosas)
Sem ter siso,
As quaes com balofas prosas
Nos vão dar, por nossa magoa,
Afinal com as burras n'agua (38).

FABULA 39.ª

O lobo moribundo

Um lobo, vendo chegada
A sua hora fatal,
Dizia com voz maguada:
—«Eu fui grande peccador;
Mas, se ás vezes fiz o mal,
Dei
Tambem
Valor
Ao bem,
Que não raro pratiquei.
Não fui eu que perdoei
Áquella ovelha atrevida
Que me insultava
Teimosa,
Quando comsigo levava
Vivo um filho a quem a vida
Tão generoso poupei?»
—«Eu mesma o presenciei;»
Diz raposa
Descarada,
Á cabeceira sentada
Servindo de confessor

Ao contrito peccador:
«Foi quando se atravessou,
Por comeres sem cautela
O outro cordeiro d'ella,
Aquelle terrivel osso
Que não passou
Da guela,
E para o poder tirar
Tanto a cegonha suou!
Até o posso
Ir jurar (39).»

FABULA 40.ª

O conselho de Salomão

Apesar da muita edade
E de haver grande calor,
Andava um bom lavrador
(Mais do que remediado)
Occupado
No trabalho d'uma herdade.
Passando alli o prior
Encostado
Ao seu bordão,
Perguntou com voz amiga:
—«Ora diga
Lá porquê
Trabalha vossa-mercê
D'esse modo e todo o dia?»
—«Porque o manda Salomão.
Sabe vossa senhoria
Que elle diz:
—Mandrião!

Olha a formiga;
Admira-a, e busca imital-a.
Assim fiz:
De copial-a
Nesta lida
Não cessei,
Nunca temendo fadiga;
Nem de certo cessarei
Emquanto Deus me der vida.»
—«Permittirá que lhe diga,
Meu freguez,
Que d'esta vez
Não foi lá grande copista,
Ou tinha bem fraca a vista
Para tudo perceber.
Pois, se no v'rão a formiga
Trabalha a mais não poder,
Tambem no inverno descança,
E se goza da abastança
Que ajuntou com a dura lida.
E como, de a imitar
Em tudo, teve a lembrança,
Ha de agora descançar,
Gozar,
Da vida
No fim,
O que soube assim
Ganhar.

Mal tinha entendido
O velho
De Salomão o conselho;
Só metade do sentido
Percebeu.
Isso que lhe aconteceu
Vemos dar-se a cada instante
Com quem, ou por ignorante
Ou por falto de attenção,

Só percebe, só repara
Na metade
Do que vê,
Do que lê
Sem reflexão:
Ignorancia ou leviandade,
Que muitas vezes sai cara (40).

FABULA 41.ª

O philosopho e o mocho

Um philosopho escapou
Outr'ora d'uma cidade
Ao povo, que o acossou
A pedrada,
Depois da eschola queimada,
Onde ensinava a verdade,
E num bosque se escondeu.
Alli deu
Com pobre mocho
Velho, chocho
E perseguido
Por um bando desabrido
De insolente passarada,
Que em tôrno d'elle fazia
Uma infernal ingrezia,
Não lhe poupando bicada.
Depois de os ter enxotado,
Ao mesquinho perguntou
Porque era assim conspurcado?
—«Porque sou
Capaz de ver
Durante a noite fechada,

Quando elles não vêem nada.»
—«Sim, porisso é que ha de ser»
O sabio diz: «mocho amigo!
O mesmo se deu comigo (41).

FABULA 42.ª

O jogo

Um lanzudo, que jogou
Por acaso em sociedade
Na cidade,
Teve fortuna e ganhou.
Mas, não 'stando acostumado
A tentos, pois com tremoços
Marcavam os padre-nossos
Na aldeia, todo o ganhado
Embolsou
E os tentos com que jogou,
Feitos de cobre doirado;
Julgando
Muito crendeiro
Serem seus e bom dinheiro.
Porém, quando
Ao outro dia
Varias cousas foi comprar,
E viu não lh'os acceitar
O vendedor, que se ria
De tanta simplicidade,
Desatou em berraria
Contra a *alta* sociedade,
Que só trata de enganar
A quem vai alli jogar.
Voltou para a sua terra,

Para a patria parvalheira,
Onde inda hoje á lareira
Crua guerra
Move á sociedade inteira,
Na qual seu fino criterio
Não vê mais que ladroeira.

Assim faz quem toma a serio
O louvor, o vituperio
Que mutuamente se dão
Nas côrtes, nos lodaçaes
Dos jornaes...
Quantos politicos são.
Quem tomar por sacro fogo
Aquelles tentos *do jogo*,
Será homem muito honrado,
Mas é um parvo chapado (42).

FABULA 43.ª

As duas cadellas

Lá diz o dictado: — O bem
Faze, não cates a quem. —
Justo é que assim façamos;
Mas não vamos,
Pelo nosso bem-querer,
Expor-nos a receber
Paga tão má como aquella
Que teve certa cadella
Da qual lhes passo a fallar.

Um dia chegou-se a ella,
A chorar,

Muito afflicta e atrapalhada
Outra que estava pejada,
Pedindo que lhe emprestasse
A casa, e alli a deixasse
Residir uns *diasinhos*
Até ter
Os seus filhinhos;
E assim logo o pôde obter.
Corre tempo, a senhoria
Pede em boa cortezia
A casa, que mais um mez
A inquilina requer:
—Não tem onde se metter;
Os filhitos
São ainda mui fraquitos,
Mal se podem ter nos pés.
Lá volta segunda vez,
E terceira e quarta... até
Que a outra lhe bate o pé
E rosna, mostrando o dente:
—«Sempre é muito impertinente!
Mas, já que assim me atenaza
Pelo chaveco da casa,
Ha de provar-me que é sua,
Ou pôr-me os quartos na rua.
Pois, amiga,
Ha boa gente que diga,
E que o prove com verdade,
Uma burla, uma cantiga
Ser a tal *propriedade;*
Ou antes, um grande roubo,
Que o ricasso e mais o nobre
Fizeram sem dó ao povo,
Que porisso vive pobre
Na moderna sociedade:
E, por tanto, esta casinha
De má morte
Tanto é sua como é minha.

Veja lá se forças tem
Para os filhos pôr e a mãe
Por aquella porta fóra?
Se não, córte!
Vá-se embora,
E não me torne a moer:
Olhe que pouco me custa
Ensinar-lhe, á sua custa,
As regras de bem viver.»
Ficou pois a senhoria
(Só, com tantos não podia)
Na rua, e a outra cadella
Inda em cima diz mal d'ella (43).

FABULA 44.ª

O javardo e os passarinhos

Um javardo procurava,
Fossando a terra, raizes
E d'ellas se contentava,
Pois não o tinha melhor.
Ao redor
Se lhe juntava
Um bando de chamarizes,
Pintaroxos, tentilhões,
Cantando
Sobre os torrões,
Alegres alli buscando
O pasto desenterrado.
Eis que o javardo, cançado
Ou farto, no chão se extende,
E pretende
Taes harmonias gozar

Emquanto o somno não vem:
Eis que os passaros, tambem,
Tratam de se pôr a andar.
—«Amigos! *podem* ficar,»
Diz o porco: «cantam bem,
Gósto do seu canto ouvir.»
—«Quando acabes de dormir
E tornes a trabalhar,
Voltaremos,
Cantaremos»
Os passarinhos respondem:
«Pois sabes desenterrar
Com o teu valente focinho
Os vermes que fazem ninho
Na terra ou nella se escondem.»

Javardos ha que percebem,
D'este modo, qual o fim
Das zumbaias que recebem;
Mas outros, nem inda assim (44).

FABULA 45.ª

Os beneficios

—«A nenhum dos animaes
Deves tu por certo mais
Do que a mim:
Não é assim?
Dou-te a cera que alumia,
E que, mal se esconde o dia,
Da noite mitiga os tedios.
Remedios
Mil e cerotos

D'ella são, e os côtos
Bentos
Que afastam os maus intentos
Do diabo:
E com isto não acabo.
Serve até para *milagres*:
Pernas, braços e cabeças,
Porque aos santos os off'reças,
Os consagres,
Em signal de gratidão.
Que direi do mel então?
Ha nada mais agradavel?
Cousa é que a ninguem trava,
E já Plinio o proclamava,
No seu tempo, deleitavel.»
Isto zumbia á orelha
D'um lavrador
Mestra abelha.
—«É melhor
'Stares calada,
Impostora d'uma figa!
Obrigas-me a que te diga
Que nunca te devi nada.
Dás-me a cera? *dás*-me o mel?
Sim: mas com a mesma vontade
Lá iam pela cidade
Voluntarios *a cordel*.
Eu bem sei o que me custa,
Se vou crestar-te
A colmeia;
Sei o quanto isso me assusta,
Pois tenho de atordoar-te.
A deitar por fóra cheia
Do teu mel, não és capaz
De comigo
O repartir.
É pois verdade
O que digo:

Abelha, nada me *dás*,
Deixa-te de assim mentir;
Essa generosidade
Faz
Só vontade
De rir.»

Has de muitos encontrar
Egoistas, mentirosos,
Que apenas dão
O que não
Lhes é possivel guardar;
Porém sempre a blasonar
De seus actos generosos (45).

FABULA 46.ª

O gallo e o pavão

«Olha, gallinha, alli vem»
Disse o pavão: «teu marido.
Sempre é muito presumido!
Que vaidade de si tem!
Mas vaidoso
Nunca lhe chamou ninguem;
Só eu sou o presumpçoso
Malsinado.
Porisso diz o dictado:
—Uns os figos vão commendo,
Aos outros rebenta a bocca.»—
—«Meu marido não defendo,
Nem elle disso carece»
Volta a gallinha: «mas pouca,
Me parece,
Causa tens de assim fallar,

Pois não ha que comparar.
Orgulhoso
Talvez seja
Nem me pêja
Confessal-o.
Porém nunca foi vaidoso.
Todos estimam o gallo
Pelos meritos que tem;
Será porisso que o é,
E de mostral-o
Não foge:
Mas até
A data de hoje
Descobriu em ti alguem
Motivos de grande gabo?
Apenas
Tens essas pennas
Que Juno te poz no rabo (46).

FABULA 47.ª

Os coxos e os gagos

Com dinheiro e escorreito
Quiz um homem viajar.
Dicto e feito:
Sem parar
Correu terras, correu mares,
Só faltou
Subir aos ares.
Até que, um dia, foi dar
A uma immensa cidade,
Onde grande novidade,
E nunca vista, encontrou
Pois com assombro notou

Que todos os habitantes,
Quantos por alli andavam,
Eram coxos d'uma perna,
E que todos gaguejavam,
Ainda os mais bem-fallantes!
Pela cidade se interna.
Eis lhe fazem grossa
Troça
Uns garotos coxeando,
Gaguejando:
—«Olhem! vai a coxear!»
(Era tambem
Novidade
Para a gente da cidade
Ver alguem
Direito andar.)
Começam a reparar
Logo todos e a dizer:
—«É verdade!
O pobre estrangeiro é coxo.»
O homem que se vê roxo
Por ser
Posto na berlinda,
Pela troça que não finda,
Lhes gritou:
—«Isso não sou!
Vocês sim, que taes nasceram
E gagos, pois coxeando
Todos vejo e gaguejando.»
Logo os outros se offenderam:
—«Cala a bocca, ou tens o pago
Do teu grande atrevimento,»
Lhe disseram:
«Estrangeiro morrinhento;
Coxo, gago
E insolente,
Que se atreve a criticar
Raça nobre e intelligente,

Que só devera imitar!»

E coxo e gago ficou,
Emquanto não se safou,
Receiando em desenlace
Gago que talvez ficasse;
E, pois já nisso fallavam
Seriamente,
Que uma perna lhe quebravam,
Para que, ao menos, andasse
Como via andar a *gente*,
E não d'um modo *indecente*.

Quem no mundo quer
Viver
Socegado,
Tem de andar
E de fallar,
Contrafeito ou de bom grado,
Tal
E qual
O vir fazer:
Se não, ha de
Muito dissabor soffrer.
Defender
A sã verdade
É nobre, mas custa
Caro
O seguir esse caminho,
Que não raro
A muitos porisso assusta;
(Não se é martyr baratinho.)
Soffra pois com paciencia
Ou fuja da conveniencia
De quem
Não sabe fallar
Nem...
Decentemente andar (47).

FABULA 48.ª

O leão e o mosquito

Dormindo estava um leão:
D'elle em volta multidão
De mosquitos
Revoavam
E dançavam
Sua eterna contradança.
Eis que um dos mais pequenitos
Diz aos outros:—«Vou morder-lhe,
Vou matal-o!»
E a creança
Numa venta se lhe lança;
Porém o maior abalo
Que assim consegue fazer-lhe
É forçal-o
A espirrar,
Com que ao longe foi parar
O mosquito atordoado.
D'ahi a um bom boccado
O leão, quando acordou,
Se espojou
Duas, tres vezes a fio.
—«Olhem, 'stá com um calafrio!»
O mosquitinho bradou:
«É o da morte que lhe dei
Quando, ha pouco, lhe cravei
O meu temivel ferrão!»
E, embora ficasse a fera
Com a mais perfeita saude,
O mosquito sempre allude,

Desde então,
Áquella notavel era
Em que matou um leão!

Quanto critico
Rachitico
Tem, com parvas reflexões,
Morto *assim* muitos leões (48)!

FABULA 49.ª

O gato e o espelho

Num espelho a vez primeira
Que vê a sua figura,
Um gato, cheio de brio,
Vai logo numa carreira,
Direitinho
Qual um fuso,
Com bravura
Chamar a um desafio
Aquelle bichano intruso.
Porém, zaz!
Dá no vidro com o focinho.
Volta atraz;
Devagarinho
Torna ao espelho, d'esta vez
Com menos intrepidez.
Nas pernas se ergue de traz
Contra o vidro; apalpa, cheira
E, não vencendo a barreira
Que entre os dois presume estar,
Em tôrno começa a olhar.
Nada encontra: dá um salto,

E eil-o do espelho no alto.
Alli encarrapitado
Mui sorrateiro se agacha;
Extende a mão, outra vê,
Olha para o opposto lado,
E só acha
A sua mão...
Não
Percebendo o *porquê*,
O gato já assanhado
Se lança á imagem e no chão,
Cahindo, dá com o costado.
Posto em pé, sem mais demora,
Vai-se embora
Á procura d'algum rato.

Teve o gato
Mais juizo
Que Narciso,
Que de si se enamorou;
E mostrou
Muito mais siso
Que os sabios, aos quaes cançou
Poesia mal cosinhada,
Metaphysica chamada,
Quando buscaram insanos,
Tantos annos,
Construir ou sustentar
Frageis *castellos no ar* (49).

FABULA 50.ª

A questão da precedencia

Houve certos animaes
(Quantos querem par'cer mais
Do que são?)
Que levantaram um dia
Entre todos
A questão
Ácerca da primasia.
Foram principaes
Auctores,
Pelos modos,
D'aquella resolução,
Com outros que taes
Senhores,
Que se julgavam lesados
Por menos considerados,
O burro, o pato, a toupeira
E a raposinha matreira,
(Esta jogando de fóra,
O que faz ainda agora.)
Mas o juiz quem seria
De entre tanta bicharia?
—*Hoc opus, hic labor est!*—
Ou, por outra: — Oh diabo!
Aqui torce a porca o rabo!
Quem havemos de chamar
Para dar
O seu juizo? —
Como o latim é conciso!
(Mas, porisso que é latim,

Não tem rima e fica assim.)
O burro e o pato lembraram.
(Nem sempre é parvo o sandeu
Quando trata do que é seu)
Ir ao homem convidar.
Nisto á uma concordaram:
Alem
Da capacidade
Por todos reconhecida,
Havia de julgar
Bem,
Com muita imparcialidade
Aquella questão renhida,
Pois estava fóra d'ella.
Ainda assim, á cautela,
Tanto que o homem chegou,
O leão o interpellou
E, affectando ar de indiff'rença,
Perguntou:
—«Que norma intentas seguir
Na sentença
Que ha de
O pleito decidir?»
—«A maior
Utilidade
Que de vocês eu obtenho;
Melhor
De certo não acho:»
Prompto lhe responde o homem.
—«E quantos furos abaixo»
Fulo pergunta o leão,
Venho
Então
Eu a ficar
Dos que vocês montam, comem?—
O burro, o porco nojento,
O perú, ou a gallinha?
Muitissima graça tinha!

Homem, não podes julgar,
Nem admitto julgamento;
Isso é bom para o jumento,
O pato e outros que taes.
O meu merito é sabido;
Eu sou rei dos animaes,
De ha muito reconhecido;
E a quem inda o não souber,
Eu lh'o ensino, se quizer.»
—«Rei leão!
Talvez que tenhas razão,»
A sorrir o homem diz:
«Mas, se tu fosses juiz,
E se tratasse de mim
(Isto é da humanidade)
Em que te pese a verdade,
Julgavas de certo assim.»
Nada
Responde o leão
E vai-se. Pela calada
Traz d'elle vão
Os demais
Animaes;
Primeiro os feros valentes,
Logo depois os prudentes,
De genio serio e pacato,
E por fim os descontentes:
O jumento,
O mono... o pato
E outros taes,
Furiosos, a qual mais,
Por não haver julgamento
Sobre o seu merecimento (50).

FABULA 51.ª

O arco

O arco d'um caçador
Era forte e mui certeiro,
Emfim arma de valor;
Um tanto porém grosseiro.
De o polir, de o adornar
O dono que se lembrou,
O foi porisso levar
A casa d'um esculptor
Para mui bem lh'o lavrar,
Como de facto lavrou,
Com relevos, com figuras,
Primorosas esculpturas...
Ficando um arco bonito,
Mais fraquito:
Tanto o artista lhe cortou!
Isto em breve o dono viu:
Quiz armal-o,
E o arco, dando um estalo,
Pelo meio se partiu.

Deve ser bem
Educado
O homem; porém
Cuidado!
Fugir sempre a demasia,
Não vá ficar acanhado,
Perdida toda a energia (51).

FABULA 52.ª

O astrologo

Entre o astronomo d'agora
E o astrologo d'outr'ora,
Entre um sabio e um charlatão,
As mesmas distancias vão.
Um que estuda, que calcula
A lei que os mundos regula,
Descreve no firmamento
Dos astros o movimento,
E nos vai com o estudo seu
Explicando a terra e o céo;
É um sabio verdadeiro.
O outro, ler pretendendo
Nos astros que apenas via,
E horoscopos vendendo
Aos grandes por bom dinheiro,
Mui serio prognosticando
Se haveria
Chuva, sol, ou nevoeiro,
A tal hora de tal dia,
E ainda prophetizando
Guerras e revoluções
Ás aterradas nações;
Era grande charlatão,
Que de ignaros abusou.
Tal raça não
Acabou,
Porém segue outros caminhos:
Se mais, se menos damninhos,
Cousa é pouco para aqui;

Que ha fartura por ahi
De intrujões de toda a casta
É sabido, e tanto basta.

Um dos taes, por noite escura,
Mas muito bem estrellada,
Fingindo andar á procura
De horoscopo ou prophecia,
Com que fizesse redada,
Na borda rasa d'um poço,
Que não via,
Tropeçou;
Nelle cahiu e ficou
Com agua até ao pescoço.

Assim no mundo acontece
Ao pedante
(Embora de boa fé,)
Se lhe esquece
O que está de si deante,
O que tem
De si ao-pé,
E pretende aos ceos subir,
Descobrir
O que ninguem
Póde ver
Ou entender.
'Té que vai emfim cahir,
Num poço, com grande susto,
D'onde saia muito a custo,
Se acaso podér sahir (52).

FABULA 53.ª

O burro flautista

Numa flauta, que topou,
Cheirando um burro tirou
Som mui terno e mavioso.
—«Sou flautista!»
Grita o burro,
Encantado
Com o achado:
«Deixo o zurro
Vergonhoso,
E vou ser um grande artista!»
Volta á flauta, mas em vão
Rojou com ella no chão;
Nunca mais se repetiu
Tal acaso, que o serviu
Naquelle inesp'rado solo.

O dizer uma tolice
Não prova que seja tolo
O que a disse;
Nem o dicto mais correcto
Prova que um parvo é discreto (53).

FABULA 54.ª

O pavão, os perús e o gato

Um pavão empavesado,
Da cauda ostentando as côres,
Era o alvo dos louvores
Do povo em-tôrno apinhado.
Dois perús, que tal notaram,
Não se julgando inf'riores,
Se enrufaram:
Mas d'elles ninguem fez caso.
Furiosos
Começam a pôr mais raso
Que o pó da terra
O pavão:
—«Olha os pésinhos mimosos
Que elle tem! Que perfeição!»
Diz um.—«E como elle berra,
Quando pretende cantar?»
Accrescenta o companheiro.
Era um nunca se acabar
De epigrammas e dicterios.
—«Perús!» lhes gritou um gato
Que estava, muito pacato,
Extendido ao soalheiro:
«Perús! esses vituperios
Nascem só da vil inveja,
Que forceja
Por achar
Algo para criticar:
Os defeitos do pavão
Tambem são

Os de vocês;
A sua voz, os seus pés
Que os delle não valem mais:
Mas, quantas bellezas tem,
Nos
Perús
Vê-as alguem?
Invejosos
Animaes!
Se aqui vivem sustentados,
Não é por serem formosos;
Vocês só prestam... assados.
Acabem pois com a censura
E reconheçam que são
Do pavão
A triste caricatura (54).

FABULA 55.ª

A ovelha e o passarinho

Para forrar
O seu ninho
E o tornar
Macio e quente,
Foi pousar
Um passarinho
Numa ovelha, á qual puxou
Por a lã: impaciente
Logo a ovelha o enxotou.
—«Quando o pastor te tosquia
O vello, estás socegada»
O passarinho
Exclamou:

«E a mim, que tão poucochinho
Te pedia,
Não dás nada?
Que injustiça!»
Ao que a outra respondeu:
—«O pastor
Sabe tiral-a melhor
Do que tu; não me derriça
Nunca assim me faz doer;
E eu
Posso dar,
Ou negar,
O que é meu
A quem quizer (55).»

FABULA 56.ª

O pastor, o lobo, o burro e a raposa

Um pastor o bom rebanho,
Que tinha,
Bello e tammanho,
Em poucos dias perdeu
Com morrinha
Ou outro mal
Que lhe deu.
Chorava o seu triste fado,
Sua ruina total.
Pelo seu lado,
O curral
O lobo quando avistava,
Desatava
A bom chorar;
Era magua de pasmar,

Cousa assim nunca se viu!
O burro, que tal ouviu,
(Doutrinario, moralista)
Diz:—«Tudo é menos ruim
Depois, que á primeira vista.
Olhem o lobo, que par'cia
Um malvado empedernido:
Pois chora (quem tal diria!)
Por ter o pastor assim
O seu rebanho perdido.
É um verdadeiro lucto
Sem sombra de hypocrisia!»
—«Sempre has de ser
Muito bruto;»
Diz-lhe a raposa: «nem vês
O que é tão facil de ver:
Chora aquelle *bom freguez*
Por perder
A *freguezia* (56).»

FABULA 57.ª

O leão e o moscardo

«Vae-te! da terra excremento,
Insecto vil e nojento!
Não me aturdas os ouvidos
Com teus ignaros zumbidos!
Vae-te já d'aqui; se não...»
Isto bradava um leão
A moscardo mui teimoso.
—«Se não... o quê, meu senhor?»
Responde em tom desdenhoso
O desprezado cantor:

Ignoro que mal lhe fiz,
Para ao seu real nariz,
Ou focinho,
Subir tão forte mostarda.
Se o senhor tem força em barda,
Isso lá não põe nem tira,
Contra este insecto mesquinho
Mal lhe fica tanta ira:
Porque será que me atira
Á cara com os meus defeitos?
Quando todos somos feitos
(Tambem vós, real senhor!)
Pelo mesmissimo auctor,
Embora lhe não pareça.
Mas, seja assim ou assado,
E apesar d'esse costado,
Da guedelhuda cabeça,
Das fortes garras e dentes,
D'esse temido
Rugido;
Por ficares convencido
De que mettes tanto
Medo
Com teus dictos insolentes,
Quanto
Um burro
Com o seu zurro,
Ou com o seu ladrar um cão;»
Disse elle em tom muito azedo:
«Guarda-te lá! Rei Leão!»
E, zumbindo em som de guerra,
Eis lhe enterra
No focinho
O seu damninho
Ferrão.
Procura a fera esmagal-o,
As faces rasga com a garra
Sem conseguir alcançal-o:

Furiosa ruge e salta.
Mais e mais o outro se exalta
Gritando:—«Veja se agarra,
Meu senhor, o vil moscardo.»
Não lhe dá tregoas: o dardo
Lhe ferra onde mal o espera.
Em sangue por si vertido
Escorrendo está a fera,
E cai a final vencido
Esse orgulhoso leão,
Extendido
Alli no chão
Por quem tanto desprezou!
Eis que o moscardo voou
Para ao mundo annunciar
Sua victoria tammanha:
Mas na teia d'uma aranha
Foi esbarrar
E morrer!

Muitas vezes vem o p'rigo
De inimigo
Desprezivel;
E não poucas, invencivel
Se reputa,
Por vencer
No combate o mais renhido,
Aquelle que em fraca lucta
Ha de vencido
Morrer (57).

FABULA 58.ª

O manto do santo

Era uma vez um santo
Muito pobre. Tinha um manto
Dos mais velhos, remendados
E rafados,
Que mesmo assim lhe servia
Para bem se agasalhar.
Quando muito frio havia,
Dos hombros logo o tirava
E ficava
Algum tempo a tiritar:
Depois que o tornava a pôr,
Que suavissimo calor,
Que doce consolação!

O santo pensava bem;
Pois ha males, que maiores
Nos parecem do que são,
'Té que vem
Outros peiores (58).

FABULA 59.ª

O mar e o naufrago

Um homem, que naufragado
Tinha, andava desesp'rado;

Pois salvara só a vida:
Toda a fazenda sumida
Vira nas aguas do mar.
Noite e dia amaldiçoava
Elle o perfido elemento;
E, se era vão
Seu lamento,
Ao menos desabafava.
Quantos ha a quem chorar
É meia consolação!
Um dia, na solidão
Da praia, que d'um penedo
O viu manso e mudo e quedo,
Mal se lhe sentindo o arfar;
—«Os homens 'stás a tentar?
Ó maldito!» lhe gritou:
«Escusas de te cançar
Comigo. Olha que eu sou
Aquelle a quem tu roubaste;
Uma só vez, uma baste;
Não me tornas a roubar.»
—«Injusto é o teu lamento
Contra mim:» responde o mar;
«Mas de vocês sestro velho:
A culpa toda é do vento,
Seja contra elle a queixa.
Pois, cada vez
Que me deixa,
Liso estou qual um espelho,
Como agora aqui me vês.»

Quando me dizem d'alguem,
—Que elle tem
Coração
D'oiro;
Mas, se o contradizem que é
Um leão,
Um tigre, um toiro;

E lhe vem
Cada repente,
D'aquelles de matar gente...—
«Apagé!»
Digo eu então,
«Com o tal nobre coração
De vai-vem!
Fico-lhe muito obrigado:
Antes ter
O d'um malvado,
Sem fazer
Damno a ninguem (59).

FABULA 60.ª

O grillo e o rouxinol

Disse o grillo ao rouxinol:
—«Eu bem sei que os namorados
E os poetas, enlevados
Estão quando, ao pôr do sol,
Ouvem teus meigos trinados;
Mas eu tenho admiradores:
No campo ha trabalhadores
Que preferem o meu canto.
Ser melhor... não direi tanto:
Porém
Vê-se muito bem
Haver juizos oppostos
Sobre o teu
E o cantar meu,
Dependendo isso dos gostos.»
—«E das *pessoas* tambem,»
O outro lhe respondeu (60).

FABULA 61.ª

A macieira brava

No tronco já carcomido
De macieira mui brava,
Que só fructo amargo dava,
(Era fel,
Não se engulia;)
Tinha-se um enxame acolhido
E alli feito o doce mel.
Grande foi a ufania
Da bravia
Macieira;
Tanto se ensuberbeceu
D'aquelle bello producto,
O qual sem cessar gabava
(Já o dava
Como seu)
Que lhe disse uma videira,
Vivendo mui perto d'ella:
—«Olha cá; e esse teu
Fructo,
Azedo
De dizer:—credo!
Inda trava na guela?
Ou o azedume perdeu,
Melhorado
Com o doce mel emprestado
Que um acaso em ti metteu?»

O que logra a companhia
De quem

Tem
Maior valia
E d'isso tira vaidade
Não sabendo melhorar,
Consegue apenas provar
A sua incapacidade,
Pois mostra assim ter
A crença
Louca e cega;
Do merito ser
Doença
Que, qual a sarna, se péga (61).

FABULA 62.ª

O corvo e a aguia

O corvo uma vez
Notou
Que estava a aguia no chôco
Durante um mez,
E pensou:
—«Bem me par'cia ser pouco
O tempo que eu fico lá.
Comparem o resultado:
Fortes aguias, ou mesquinhos
Corvos. Está
Pois provado,
Deve isto ser emendado,
São mais só uns diasinhos.»
Desde então
Não
Se enfastia
A chocar um mez inteiro;

E dois mezes estaria
Só com o cheiro
De ser pae d'aguias um dia.
Porém inda não logrou
Alterar
O que chocava,
Pois sempre continuou
A tirar
O que tirava,
Uma agoirenta
Corvada,
Muito nojenta
E... mais nada.

Pilriteiros dão pilritos,
Fructos muito pequenitos,
E de todos desprezados;
Nem adubos nem cuidados
Lhes fazem dar boa fructa:
Contra a raça não se lucta (62).

FABULA 63.ª

O lobo feito pastor

Os tempos muito apertados
Se tornaram para um lobo,
Pois andavam
Os rafeiros
Todos tão acautelados
Que dias, mezes inteiros,
Se passavam
Sem um roubo.
Julgou que fôra melhor

Ser pastor,
Gosar
De bello
Rebanho.
Sendo loucura pensar
Em obtel-o
De arreganho,
Lembrou-se de o alcançar
Empregando arte e manha.
Logo para tal se amanha:
Veste japona e calção,
Calça bota de canhão,
E, porque nada lhe esqueça,
Tambem leva o seu surrão,
Carapuço na cabeça,
Grande cajado
Na mão.
Bellamente mascarado
Eil-o vai mui sorrateiro,
Quando o pastor
E o rafeiro
Resonavam lado a lado
Durante o ardente calor,
Ver se alguma rez levava
Com geitinho ao seu covil.
Que inutil fôra o ardil
E nada assim alcançava,
Logo porém reconhece:
As ovelhas,
Pois não era o seu pastor,
Abanaram-lhe as orelhas.
Cheio de raiva se esquece
Do papel que representa,
Volta o instincto roubador.
Larga o cajado da mão,
A uma se lança e intenta
Leval-a á força: o pastor
Acorda e acorda o cão.

Quer fugir; atrapalhado
Pelas botas e o vestido,
A dente e mais a cajado
A vida perdeu
Assim,
Por ter sido
Actor
Ruim.

Cada qual tem seu valor
Para aquillo que nasceu,
Se não for
Algum sandeu.
D'esses mesmos e não poucos
Tidos por parvos ou loucos,
Lá se vão abotoando,
Çomendo,
A grande vivendo,
E sensatos jejuando,
De miseria alguns morrendo,
Ou não coalham vintem.
O que instinctos tem
De lobo
E quizer
Deixar o roubo,
Acho que faz muito bem:
Mas olhe que leva tosa,
Se vai metter-se a raposa.
Nem esta procure obter
A sua prêsa á
Má
Cara,
Que lhe póde sahir cara
A tentação, se a tiver (63).

FABULA 64.ª

O pato

—«Não ha ninguem mais prendado!»
Grasnava um pato marreco:
«Eu corro, eu vôo eu nado!
Quem dotado
Mais do que eu?»
— «Cala o bico, badameco!»
Um gallo lhe respondeu:
«Essas prendas tão gabadas,
Meu pateta,
Afinal são uma peta,
Se com as de outros confrontadas:
Tu qual o peixe não nadas,
Nem voas qual a andorinha,
E, se ao gamo comparado,
Como ousas dizer que corres?
És um trapalhão chapado,
E prestas só quando morres,
Triumphando na cosinha
Com arroz de forno, e assado.»

Hoje é preciso saber
De quasi tudo um boccado;
Mas o homem deve ter
Uma profissão em fito,
Para a qual seja educado,
Perfeito
Quanto podér:
Tudo o mais será bonito,
Porém de menos proveito.

O que assim não estudar,
Muito embora seja esperto,
De certo
Que ha de ficar
Um trapalhão, badameco,
Como era o pato marreco (64).

FABULA 65.ª

O lobo e a velha

«Deixa estar,
Que esta noute te hei de dar
A comer
Ao lobo, se Deus quizer,
Maroto! pois és tão mau
Que não queres, nem a pau,
Aprender
O á-bê-cê,
Por mais e mais que eu te dê;
Elle t'o dirá então:»
Gritava em alto berreiro
Tola e veneranda velha
De cangalhas no nariz,
Cartilha na esquerda mão,
E na dextra com a guedelha
Do bregeiro
D'um rapaz,
Que sabe serem cantigas
O que a avózinha lhe diz,
E por detraz
Lhe faz
Figas.
Não longe, um lobo escondido,

De ter esplendida ceia
Fica muito convencido.
Meia-noite e noite feia,
Uma hora, hora e meia,
E o lobo ainda á espera;
(Já
Não ha
Lobos assim!)
Até que emfim
Desespera
E volta ao covil sem nada.
Diz-lhe a *esposa* avinagrada:
—«Por onde tens tu andado?
Não ganhei eu com as demoras,
Pois voltas tarde e ás
Más
Horas
Sem cousa alguma trazer.»
Responde o lobo enfadado:
—«Foi por ter
Ouvidos dado
A palavras de mulher!»

Ninguem se fie em balela,
Tão parva como era aquella;
Que lhe póde acontecer
Muito peior, se o fizer (65).

FABULA 66.ª

O cavallo e o toiro

Um rapazito montava,
Forte e brioso cavallo.

Brada um toiro: — «Esse regalo
Comigo perdia; ao chão
Com certeza o atirava.»
— «Foras grande valentão,
E muito mais do que eu sou,»
O cavallo lhe voltou:
«A vista d'isso o que esperas,
Grande domador de feras,
Para ao homem resistir,
Quando te colhe e te ferra
E a outro te vai jungir,
Porque lhe lavrem a terra?»

Ha muita gente
Covarde,
Que com os fracos faz alarde
De valente;
Mas de viola no sacco,
Ou do p'rigo se sacode,
Quando póde
Apanhar para tabaco (66).

FABULA 67.ª

A raposa e o bode

Nem sempre as barbas juizo
Indicam; famosas tem
Bastantes parvos tambem.

Um bode de pouco siso,
Mas barbado a mais não ser,
Com raposa
Mui manhosa

Foi beber
A poço algum tanto fundo.
O descer
Sempre no mundo
Mais facil foi que o subir;
Até
Se lê
Em Camões.
Quando quizeram sahir,
Disse ella:—«Vê se te pões
Sobre os pés, muito direito,
Poisque assim me darás geito
De por ti poder trepar
E saltar
Fóra
Do poço:
'Stando lá, verás que posso
Livrar-te sem mais demora.»
Grita o bode:—«Nunca a mim
Lembraram cousas assim!
Quem me déra esse miolo
Em vez do meu tão obtuso!»
Dicto isto, ergue-se o tolo,
Direitinho qual um fuso,
Contra as pedras da parede,
Como a raposa lhe pede.
Trepa esta e sai do p'rigo
E diz-lhe vendo-se fóra:
—«Devéras não posso agora
Tirar-te d'ahi, amigo;
Tenho pressa, vou-me embora:
Mas, sabes o que te digo?
Pouco perdes com a demora,
Que nada póde durar,
Muita gente vem buscar
Agua a este bello poço.»

Aquelle que se metter

Com um tratante,
Não se espante
Se algum dia o vir comer
A carne e deixar-lhe o osso (67).

FABULA 68.ª

O sol e o homem

Ao sol disseram um dia
Que o homem, pois se mettia
Sempre tudo a decidir,
Affirmava que elle tinha
(E, se alguem fosse medir,
Lá veria)
Em altura
Ou em largura,
Sem sobejar-lhe uma linha,
Um palmo escasso medido.
—«Mais curto, nem mais cumprido,»
Responde o sol: «fico eu,
Porque me mede um sandeu.»

Quanto critico ruim
Merece resposta assim? (68).

FABULA 69.ª

As cabras

Não com pouca berraria
Dizem as cabras um dia
A Jove: «Cornos queremos!
Não somos menos que os bodes:
Não sabemos
Como os tem e nós não temos.
Tu bem podes
E nos deves cornos dar;
Uma de nós a mamar
Sabes que te deu o leite;
Não nos negues esse enfeite.»
«Dou!» diz Jove: «mas cuidado!
A elles anda aggregado
Um barbicacho,
Que eu acho
Não lhes deve agradar nada.»
A cabrada
Grita, berra,
Atordôa céos e terra,
'Té que por fim despachada
Vê a sua petição.
Mas agora é que ellas são!
Com os taes cornos que lhes crescem,
Apparecem
Barbas, quaes os bodes tinham!
A Jove tornam clamando
Que barbas lhes não convinham.
Mas no deserto clamaram...

Usando
Barbas ficaram.

Quando algo nos appetece,
Com mil cuidados se veja;
Dar-se póde que não seja
Tão bom quanto nos parece.
É mui raro o bem
Com o qual
Algum mal
Não vem
Tambem (69).

FABULA 70.ª

O pardal prudente

Gato dos mais atilados
Arte inventou de apanhar
Os rouxinoes dos telhados,
(Dos pardaes quero fallar)
E eis-ahi o que elle fez:
A mão esquerda com pez
Untou e foi-a metter
Em alpista,
Até coberta ficar.
Ia depois esconder
Todo o corpo bem da vista,
Menos a mão que extendia;
E, se algum pardal
Sentia
Nella pousado, era — zaz!
Com a outra mão, e o sumia

No ventre sem mais demora.
D'essa fatal
Ingenhoca,
Por modo tão efficaz,
Dar cabo de muita vida
Um que testemunha fôra,
Nunca mais topou
Comida
Que não julgasse ser
Móca;
Ao gato assim escapou,
Mas veiu de fome a morrer.

Olha não dês em demente,
Á força de ser prudente (70).

FABULA 71.ª

A homem e a mula

Um homem, quando passou
Por traz de ruim muar,
Um par
De coices levou,
E ficou
A coxear:
Porém, ainda assim côxo,
Pegou
Logo d'um arrôcho
E fartou-se de bater,
A valer,
Naquella besta manhosa,
Deu-lhe formidavel tosa.
Um zoophilo, dos taes

Protectores de animaes
Contra o direito *das Gentes,*
Desherdando
Até parentes
A favor de cães e gatos,
Com brutos gastando
Os cobres
Que podiam dar aos pobres,
(Eu não fallo dos cordatos,
Que com justiça os defendem
E pretendem
Combater a crueldade,
Deshonra da humanidade)
Um homem, muito prudente,
(D'essa *gente*
De *juizo,*
Sempre prompta a desculpar
Prejuizo
Que não a possa lesar,
Ou mal que nunca a molesta:)
—«Culpa não vejo na besta»
Disse elle ao pobre pisado:
«Você
É
Que foi culpado,
Que por traz d'ella passou.»
—«Pois está muito enganado;
Não houve um, mas dois culpados,
Porisso dois castigados,»
O f'rido lhe replicou:
«Eu, que d'ella atraz passei
Descuidado,
Dois grandes coices levei
(Se por milagre estou vivo,
O mais certo é ficar
Coxo!)
Ella, por assim m'os dar
Sem motivo,

Apanhou sóva de arrocho,
Para vêr se toma emenda
E perde tão boa prenda.»

Se acaso te acontecer
Que um bruto, um villão ruim,
Te dê dois coices assim;
Não tenhas que duvidar,
Dá-lhe que dá-lhe a valer,
Com vontade,
(É serviço á humanidade,
E ha muitos modos de dar)
Pois, quem assim não fizer,
Muito insulto ha de
Soffrer (71).

FABULA 72.ª

O avestruz

O avestruz quiz brilhar:
Não se contentou de ser
Enorme, descommunal,
Ave emfim mesmo de *truz*;
Quiz voar
O avestruz!
Não podia
Socegar,
Adormecer
Vendo os vôos do pardal,
Da andorinha
Mesquinha...
Mandou pois apregoar
Que a taes horas de tal

Dia
O avestruz voaria!
Ajuntou-se
A bicharia,
E postou-se
Para ver a exhibição.
O avestruz nem voou,
Mal tirou
Os pés do chão:
O que deu
Em resultado
Ser justamente apupado.

Aquelle que só nasceu
Para andar
Ou que mal póde voar,
Não se metta a voador;
Vá *andando*, que é melhor (72).

FABULA 73.ª

A ovelha

Vendo que todos na terra
Lhe moviam crua guerra,
A Jove se queixa a ovelha.
Este ao vêl-a torce a orelha,
E ouvindo-lhe a triste historia
Dá as mãos á palmatoria:
—«Tens razão!
Pobre infeliz:
Inerme de mais te fiz,
Bem digna de compaixão!
Mas já remedeio tudo,

Num volver
D'olhos te mudo.
Vou dar-te garras e dentes
Com que se hão de ver
Bem quentes
Teus inimigos.»—«Senhor!
Não me faças tal favor,»
Brada a ovelha: «arrepiada
Toda estou, só de pensar
Que d'elle posso abusar,
Ser malvada
Quaes
As carniceiras féras.»
—«Ovelha! tu exaggeras:
Mas, se taes
Armas não queres,
Diz-me se a ellas preferes
Que te faça esse pescoço
Muito rijo e muito grosso;
E te dê cornos graúdos,
Tão agudos
Que ninguem se chegue a ti.»
—«Senhor, o que eu te pedi
É que me deixem em paz;
Só isso me satisfaz.»
—«Pois para defesa tua»
Torna Jove (que já sua
Por não vêr
Que lhe off'recer):
«Vou derramar nos teus dentes
O veneno das serpentes...»
—«Senhor, eu amaldiçoada
Como ellas não quero ser:»
Mui depressa acode a ovelha.
Jove quasi que se enfada
Vendo que ella
Não quer nada
Do que póde defendel-a;

E franzindo a sobrancelha:
—«Escuta, pobre innocente!
Sem um veneno mortal,
Garras, dente,
Força emfim,
Para que possas pagar
Aos outros o mal com o mal,
Quando t'o queiram fazer;
De continuo has de soffrer:
Foi o mundo feito assim,
Já não o posso emendar,
Nem d'outros remedios sei.»
—«Paciencia! eu soffrerei»
Diz a ovelha: «até á morte,
A mesquinha
Sorte
Minha.»
—«Isso queres, isso tenhas»
Conclue Jove: «mas não venhas
Outra vez queixar-te a mim.»

Direi:—Não sejas ruim,
Não faças mal a ninguem:
Mas, se alguem
T'o vai fazer,
E te podes defender,
Defendendo-te andas bem,
(E quasi que é teu dever.)
Se não queres,
Terás muito que soffrer;
E certo podes ficar
De que nada val' chorar,
Se o soffrimento escolheres (73).

FABULA 74.ª

As rãs

Cançado da anarchia,
Muito mansa,
Em que vivia,
O povo rã não descança
De pedir a Jove um rei,
Como outr'ora a Samuel
Todo o povo d'Israel.
Eu não sei
Dizer se erraram
Os que de tal se lembraram:
Quem 'tá bem (soffrivelmente)
Será de certo imprudente,
Não se deixando ficar;
E aquelle que estiver mal
É tambem mui natural
Que procure melhorar.
Mas se padece o doente,
De certo modo deitado,
Virar-se para outro lado
Não lhe sára o mal interno,
Só o deixa alliviado
Por tempo que pouco dura;
Da mudança de governo
Não vem aos povos a cura,
Quando o mal não 'stá no pello
Mas na raiz do cabello...
Voltemos á vacca fria:
O tal rei, que se pedia,

Jove lhes lança do céo
Mais negro que o negro breu.
Com o estampido do trovão
Dá no chão,
Antes na lama,
E faz cama
Larga e funda.
Em tôrno o campo se inunda
Do charco aonde cahiu.
Tudo em breve socegou;
E o tal monarcha... boiou.
Quanta rã alli havia
Aterrada se sumiu;
Largo tempo não se ouvia
Rã nenhuma a coaxar;
Foi um compasso d'espera.
Finalmente, uma surdiu
Do lodo onde se escondera,
E começou a nadar,
Para ver el-rei, primeiro
Senhor d'aquelle lameiro.
Com susto embora nadando,
Lá se foi aproximando.
Pensava achar
Um guerreiro,
Cesar ou Napoleão,
Senão
Fosse um Numa, ou um Tito,
Que leis désse
E as mantivesse:
Mal pôde suster um grito,
Quando viu que era... um madeiro!
Não sendo nenhuma tola
(E tanto que deixou 'schola...)
Calou-se muito calada
E, depois de aproximada
Estar bem da Majestade,
Com toda a seriedade,

Braços no peito cruzados,
Fingiu ouvir-lhe os mandados.
Ás outras depois voltou,
E contou
O que tinha visto e ouvido:
—El-rei... Oh! que grande rei!
Cuja palavra era a lei,
Qual um raio o olhar seu,
(Era forte admiração!
Vinha
Cahido
Do céo!)
Em sabença um Salomão!
—El-rei tinha
Decretado
Que fosse o povo regido
Por ella, d'elle em logar.—
Começou
Pois a mandar,
Sendo ministro d'Estado
De quantas pastas creou
Para o immundo lodaçal.
Em nome da divindade,
Já se sabe, governou
Ou de sua Majestade,
(Era uma á outra egual
Nesses tempos que lá vão;
E fossem dizer que não...)
Mas em breve se acabou
A sua grande influencia,
Morta pela concorrencia.
Outras se foram chegando,
Foram os olhos abrindo,
Vendo e ouvindo
Que o monarcha venerando
Não passava d'um... madeiro!
Emfim, ralhando
As comadres,

Descobriram-se as verdades,
Ficando todas sabidas,
Ainda as mais escondidas,
Por aquelle charco inteiro.
Recomeça a berraria
A Jupiter noite e dia:
—«Senhor! o que o povo quer
É um rei para o reger,
Justo, sabio, mas guerreiro;
Um senhor de mando e posso,
Que seja de carne e osso
E não inerte madeiro.»
Aturdido
Jove com tanto alarido,
Manda áquella parva gente
Uma terrivel serpente!
Essa sim que *governava;*
Essa sim que se mexia,
Manducava
Quanta rã lhe não fugia.
Começa nova ingrezia,
Jove lhes brada:—«É demais,
Pestilentes animaes!
Quando vos mandei
Um rei
Que reinava
Mal ou bem,
Porém
Que não governava,
Não o quizestes guardar:
Haveis de agora soffrer
Quem vos ha de *governar,*
A valer;
Ou tereis outro peior.»

Percebeste, meu leitor (74).

FABULA 75.ª

O gato e a rata velha

Morriam de medo os ratos
E de fome. Robinó,
Elle só
Peior que trezentos gatos,
Peior que trinta diabos
Com cornos, garras e rabos,
Como dizem que elles tem
Nos infernos: (eu porém,
Só conheço os baptizados,
Que d'isso nada apresentam,
Nem cruzes os afuguentam)
Os dava por acabados,
E dizia: — «Embalsamados
Nos museus os devem ter
(Ou não sei que mais esperam)
Para depois se saber,
Quando nem um se encontrar
De que feitio elles eram.»
Por ainda aproveitar
As restantes rapaduras,
Pendurado
Das alturas
Finge-se um dia enforcado.
Deram vivas, deram palmas,
Aquellas crendeiras almas!
Causas mil inventam varias,
Productoras do castigo
Do seu feroz inimigo,
E decretam luminarias.

Porém velha ratazana,
D'essas de rabo pellado,
Não se engana
Com a comedia do malvado,
E diz aos ratos: — «Eu cá
De apostar não se me dá,
Que tudo aquillo é tramoia
Que nos arma aquella joia;
E, pelo sim pelo não,
Aqui fico.» Os outros dão
Uma grande gargalhada,
E lá vão
De cambulhada
Quebrar o longo jejum.
Salta-me o gato no chão
E lhes corta a retirada,
Aqui dois, acolá um,
Fez d'elles grande caçada.

Ás cegas acreditar
Tudo quanto se deseja,
Por mais absurdo que seja,
É pouco siso mostrar (75).

FABULA 76.ª

O porco e o carvalho

Um porco que se cevava
Sem trabalho
Com a bolota d'um montado,
Extendido um dia estava
Á sombra de alto carvalho,
Depois de ter bem jantado;

E, o seu jantar digerindo,
Grunhindo
Se acalentava
Para conciliar o somno.
D'isso o carvalho se agasta,
E lhe brada com entono:
—«És um porco e tanto basta,
Sempre has de mostrar que o és;
Poisque o bem ao que t'o fez
Não tratas de agradecer.
Devoras porções enormes
Do meu fructo, depois dormes
E acordas para comer;
Do mais não queres saber.»
—«Pois de certo agradecia,»
Diz o porco: «se não visse
Que cahia
Com fartura
A bolota de madura,
Nanja por tu desejares
Que cahisse
Para sustento me dares.
Não tomes pois esses ares
De generoso offendido;
Tanta generosidade
É só apparente
E mente;
A verdade
É que teu fructo perdido
No chão ficava, sem mim;
Pois só se aproveita assim.»

Quantos ha que buscam dar,
Affectando charidade,
O que não podem negar (76)!

FABULA 77.ª

A dupla demonstração

Dois figurões escreveram,
Em termos os mais abjectos,
Um contra o outro pamphletos
Com que as imprensas gemeram
E o senso commum tambem:
Manha velha e indecente,
Mas ainda hoje seguida
Entre gente
Que se diz esclarecida.
Nenhum d'elles fica bem
A final do desafio;
Mas o publico lucrou
E zombou
Do desvario,
(Como lucra muitas vezes,
E se ri, com os entremezes)
Demonstrado
Vendo de um e do outro lado,
(O que se não saberia
Sem aquella chularia,
E tão immundos *cavacos;*)
Que eram ambos os athletas
Analphabetos, patetas
E, de mais a mais,... velhacos (77).

FABULA 78.ª

Os dotes das fadas

Convidadas
Duas fadas
Foram para o baptizado
D'um principe, o qual fadado
Tinha de por ellas ser.
Eis que, depois de o benzer
(Eram duas fadas bentas,
E não bruxas agoirentas)
E com a vara de condão
Segura na dextra mão,
A mais velha diz assim:
—«Aqui vim,
Meu nobre infante,
Para te dar
Um olhar
Tão seguro e penetrante,
Qual a aguia só o tem;
Que vê a presa distante,
Ainda a mais pequenina,
Como se perto estivesse;
E muito bem,
Se o quizesse,
A empolgava num instante.»
Falla a outra e vaticina,
Feitos os taes gatimanhos:
—«Infante!
Pelos poderes
Da minha vara tammanhos,
Depois de tu assim veres,

Qual a aguia, longe e bem,
Terás a grande nobreza
D'alma que possue tambem.
Despreza
Pois ninharias,
Miseraveis valentias;
Tracta só de praticar
Acções grandes, bizarrias;
De promulgar
Sabias leis,
Dignas de homens e de reis;
E que assim te ajude o céo.»

Outro tanto direi eu
Ao que deve governar:
Não se vá amesquinhar
Com negocios sem valor,
Tracte dos grandes apenas,
Poisque das cousas pequenas
Não se occupava o Pretor (78).

FABULA 79.ª

Jupiter e Apollo

«Não ha no universo inteiro
Melhor frécheiro
Do que eu!»
Apollo uma vez dizia
Aos outros deuses no céo.
—«Veremos!» lhe respondeu
Jupiter, que a ambrosia
Talvez tivesse regado
Com nectar demasiado.

Foi logo o dia
Aprazado;
E então Apollo atirou
Ao alvo com tal mestria
Que até Jove embasbacou:
Mas, prudente, disfarçou
E soube voltar
Atraz:
—«Bravo!» lhe diz,
«Meu rapaz!
Acceita o meu parabem.
Eu só quiz
Ver-te brilhar,
Pois tu sabes muito bem
Que ao arco jámais atiro,
Cuidados tenho maiores;
Governar
Devo, e prefiro,
Todos os atiradores.»

Jove com prudencia andou,
Poisque assim não se arriscou
A poder alguem julgar
Que, se elle o quizesse, um dia
Não podia
Como ninguem atirar (79).

FABULA 80.ª

A educação

Filhos da mesma cadella,
Dois cães que tinham nascido
Ambos numa só ninhada,

Teve um d'elles sorte bella,
Teve-a o outro desgraçada;
E foi isto acontecido
Como aqui lh'o vou contar.

Um, sempre sob a tutela
De famoso caçador,
A caçar
Tornou-se cão afamado
A cem legoas ao redor,
Desejado
Para propagar a raça
Dos famosos cães de caça.
Valído do cosinheiro
O outro foi um matreiro,
Todo ronha,
Sem valor e sem vergonha,
(Ou com vergonha de cão);
Um goloso,
Torpe goso,
Apanhando ora o seu pão,
Ora algum bom pontapé;
Progenitor de ralé,
Qual por ahi anda a rôdo,
Nem
Tem
Modo
De acabar.

Como justa conclusão
D'aqui se póde tirar
O valor da educação:
E ainda que o instincto mau
Custe muito a combater,
Tem ella sempre poder
De algum tanto o melhorar.
Assim pulem o calhau,
De que essas praias 'stão cheias,

As areias
E as ondas do largo mar:
Pois se pedra elle ficou,
E portanto não logrou
De natureza mudar,
Ao menos tornou-se liso,
E não causa prejuizo
Á mão que nelle tocar (80).

FABULA 81.ª

O cavallinho do xadrez

No mundo ninguem
Faz falta,
Impossivel de supprir;
Se um dá baixa, outro dá alta:
Forçoso é prescindir
D'aquillo que não se tem,
Ou se ha de substituir,
Por algum expediente,
Ao menos, soffrivelmente.

Uma vez
Dois rapazinhos
Foram jogar o xadrez.
Faltava um dos cavallinhos,
Não lhes deu isso cuidado;
Um peão, que havia a mais,
Com signal por diff'rençal-o
Dos demais,
Foi arvorado
Em cavallo.
Com dictinhos

Começam a caçoal-o
Os outros tres cavallinhos:
—«Ó gallucho
Pequerrucho,
Não andes como os podões
Dos peões,
Repara bem no que fazes;
Tens de dar
Dois passos de cada vez.»
—«É calar!»
Lhes bradou um dos rapazes:
«Vale o mesmo que vocês,
Já que o puz no seu logar» (81).

FABULA 82.ª

O homem e os animaes

Expulsos do paraiso,
Quando Adão e Eva foram
Por lhes faltar o juizo
E não a fazerem limpa;
Os brutos, que até alli
Os respeitam, os adoram,
Ergueram, segundo li,
Contra elles logo a grimpa,
(Sempre assim foi e ha de ser
Com quem deixou de valer:)
E, não fôra *decretado*
O contrario, mui de certo
Lhes davam cabo das pelles.
Afastam-se todos d'elles,
Ou quasi, para o deserto:
Mas julgaram acertado,

Antes de se pôr a andar,
Bem claro patentear
O seu odio ou má vontade.
Conspurcado
O homem se viu então:
Pouco lhe disse o leão
(Valha a verdade)
E os demais
Poderosos animaes.
(A força e a covardia
Mal andam de companhia)
Declarando-lhe só guerra,
Mais á sua geração,
De exterminio em toda a terra.
Porém entre a multidão
Se distinguiram na glosa
O jumento,
O urso, o porco nojento,
A serpente venenosa,
E o desprezivel velhaco
Do macaco.
—«Eu não sei,»
Disse a Adão mui serio o burro:
«Como tu imaginaste
Que podias dar a lei
A tão numerosa grei?
Com este meu sonoro zurro
De certo não comparaste
Tua voz affeminada.
Bem pouco valem, ou nada,
Essas orelhas mesquinhas,
Se comparadas ás minhas.
Com dois pés, e ainda assim
Desarmados,
Sem cascos mui alentados,
Só te podes defender
Com as mãos, arma bem ruim,
Que mal póde proteger

O teu rosto. Ao inimigo
As costas sempre voltando,
E no duro chão fincando
Os meus cascos dianteiros,
Facilmente evito o p'rigo
Largando
Coices certeiros
'Té ás estrellas do céo...»
—«Deixa-o lá,» interrompeu
Do sabio burro o discurso
O trombudo e nedio urso:
«Repara que o desgraçado
Quasi sem pello nasceu,
E que se vê obrigado
Para não morrer de frio,
Apenas nos foge o estio,
Coitado!
A aproveitar
Qualquer pelle
Que deixou
Quem d'entre nós se finou.»
—«Não o posso lastimar»
Grunhe o porco: «a culpa é d'elle,
Que sabio assim se proclama
E não gosta do chiqueiro:
Eu muito pello não tenho,
E com a lama
Cá me avenho.
De mais, é todo biqueiro
E só quer
Comer
Com a mão,
Em vez de fossar
No chão,
De apanhar
O pasto a dente,
Como faz bem boa gente,
Do que elle com mais juizo.»

—«D'isso não me escandalizo,»
Grita
O mono, «pois imita
O meu modo de o fazer:
Porém não posso soffrer
Que me queira exaggerar.
Reparando
Que eu nos pés ás vezes ando,
Tem a louca presumpção
De tirar
Quasi sempre as mãos do chão...»
—«Como ha de elle ser alguem,»
Interrompeu a serpente:
«Se o meu dente,
Tão pequeno,
Póde mais com o seu veneno
Do que a força que elle tem?»
.....
De boquinha bem calada
O homem não disse nada:
Deixou-os desabafar
E, depois de os ver
Partir,
Começou
A tabalhar.
Muito e muito trabalhou
Até poder
Conseguir,
Elle tão inerme nascido
E de forças tão despido,
Mais do que todos valer.
Albarda sobre o costado
O burro se viu
Montado,
Serviu
Para acarretar.
Teve o urso de apprender
A dançar,

A divertir,
Á custa de boas sóvas;
E da pelle o homem fez
Manto para se cobrir,
Capacho para os seus pés.
Do chiqueiro
Subiu o porco ao fumeiro;
As sedas deram escovas.
O mono só lhe prestou
Para bobo, e tal ficou.
.....
Assim foi elle vencendo,
Escolhendo
Entre os demais
Os que lhe eram serviçaes.
Ai de todos os p'rigosos!
Dos ferozes, dos manhosos!
A guerra, que inda hoje dura,
Não deixa que duvidar
Da sua sorte futura.
Tanto póde o ter valor,
Tanto vale o trabalhar
Com vontade e com amor!

Trabalha, pois, sem cessar
Se com merito te sentes;
Não te importem julgamentos
De ursos, macacos, jumentos,
Porcos immundos, serpentes
Rojando torpes no chão:
Has de calcal-os aos pés,
Reconheçam o que são,
Demonstrando-lhes quem és (82).

FABULA 83.ª

A manteiga e a margarina

Com voz unctuosa e meiga
Disse um dia á margarina
A manteiga:
—«Olhe, menina,
Uma cousa é nascer pura,
Filha de leite de vacca;
Outra é ser
Qualquer
Gordura,
Uma imitação velhaca.
Se você
De boa fé
Á venda se apresentasse
De carinha descoberta,
Sem a esperta
Se metter
E a fingir o que não é;
Nada tinha que dizer
Quem no mercado a comprasse,
E eu não lhe pedia meças:
Mas você, por fim, com essas
Velhacarias nojentas,
Feita capa de ladrões,
Vai levando pelas ventas
E passa por vergonhões.»

Pretenção
É menos justa
Qu'rer subir á alheia custa:

E, se alguem isso tentar,
Póde achar
Quem, e com muita razão,
Lhe dê severa lição,
Peior que a manteiga fina
Pespegou á margarina (83).

FABULA 84.ª

A gralha

Gralha atrevida e vaidosa,
Quaes as gralhas todas são,
Para se tornar formosa
Apanhou
Muitas pennas de pavão
E com ellas se enfeitou.
Uns pavões que a encontraram,
Á bicada
Lhe arrancaram
Toda a belleza roubada,
Não lhe largando as costellas
Emquanto luzentes pennas
Vêem nellas.
—«É demais!
As mais
Pequenas,
Inda que bellas,
São minhas.»
Grita a pobre depennada.
—«Impostora! tu não tinhas
Cousa que valesse nada»
Os pavões lhe retrucaram:
«Porisso lançaste mão,

Sem vergonha, do que é nosso.»
E tosquia foi então
Que a deixaram
Quasi em osso.

Quem assim se vai vestir,
Na praça o podem despir
Do roubado
E até do bem grangeado;
Apanhando sorriada,
Se for pensamento alheio
A cousa surripiada;
Ou talvez grande tareia,
E com os ossos na cadeia,
Sendo o caso inda mais feio.
Mas nem sempre vai assim:
Parvos ha (e não tem fim)
Que, apenas
Vêem as pennas
Do pavão
Ou a pelle do leão
Enfeitar
A gralha e o burro,
Não attentam ao grasnar
E muito menos ao zurro,
Tomando, qual um menino,
Ouropel por oiro fino:
E infelizmente não falta
Que ande de cabeça alta
(De todos muito acatado
E... até condecorado)
Figurão
Que foi... ladrão (84).

FABULA 85.ª

As duas panellas

Duas panellas viviam,
Ou ferviam,
(Tanto monta
Quando se falla em panellas)
Segundo Esopo nos conta,
Ambas na mesma lareira,
Mas irmãs não eram ellas:
Uma côr de pederneira,
De barro e bastante velha,
Com a outra mal se emparelha,
De ferro, bem rija e forte,
E seus tres pés de supporte.
Viviam em harmonia,
(O que, eu acho,
Acontecia
Por alli não haver tacho.)
Um dia,
Quando acabada
Do jantar 'stava a canceira,
A loucinha já lavada,
Os patrões tendo sahido,
E a cozinheira
Corrido
A ver passar o derriço,
(Não consta havel-as sem isso)
Disse a panella de ferro
Á de barro: — «Estamos sós;
Vamos nós
Dar por ahi uma volta?

Farta estou de tal desterro,
Quero andar um pouco á solta;
A lareira tão baixinha
Facil será de descer:
Saiamos pois da cozinha,
Vamos as casas correr.
Venha comigo, vizinha,
Que me 'stá
Pulando o pé.»
—«Para quem é
Bom será»
Lhe responde a companheira:
«Póde fallar de cadeira,
Por ser rija das costellas;
É rainha das panellas.
Mas eu cá...
Não sou assim;
Feita de barro ruim,
Qualquer carolo... e estou prompta.»
—«Com bem pouco se amedronta»
Lhe torna a outra: «Você,
Basta que se chegue a mim,
Que sou forte, como crê,
Para lhe servir de escudo,
E ver-se livre de tudo
Que mal lhe possa fazer.»
Deixou-se emfim convencer
A de barro. Lá vão ellas
Suppondo dar volta ao mundo,
Uma estirando
As canelas,
A outra arrastando
O fundo.
Mas a volta não foi grande:
Embora devagar ande
Com todo o geito e cautela,
A cada instante a panella
De barro tropeça e cai;

E ainda peior lhe vai
Quando a outra, sem querer,
Lhe dá o seu encontrão,
Em logar
De protecção,
Para a livrar
D'algum risco.
Já mal se póde mexer,
Já tem rachas, tem buracos,
D'ella só ficaram cacos;
Não teve a outra um belisco.

Cada qual com seus eguaes
Viva-me de par a par,
Não se metta a acompanhar
Com quem póde muito mais (85).

FABULA 86.ª

O cão com as orelhas cortadas

Vendo-se desorelhado
E com enorme colleira
De pregos, um cão de gado
Deu, com grande choradeira,
Ao demo o pessimo gosto
De quem o tinha assim posto.
Revoltou-se contra a póda:
E, se o collar era moda,
Pouco precisava d'ella,
Pois que não era cadella.
Breve porém enxergou
Que o patrão

Teve razão
Quando assim o ornamentou;
E foi na lucta primeira
Que contra um lobo travou.
Não podendo este encontrar
Orelhas onde filar,
Nem os pregos da colleira
Lhe permittindo maneira
De ás guelas se lançar,
Houve a luta por baldada
E bateu em retirada.

Não nos aconteça assim:
Julgarmos o bom ruim (86).

FABULA 87.ª

A gallinha cega

Tanto e tanto esg'ravatou
Que, á força de esg'ravatar
E ruim pó levantar,
Uma gallinha cegou:
Porém, embora cegasse
E já nada aproveitasse,
Ia sempre esg'ravatando:
Muito póde a costumeira!
Outra gallinha, notando
Da pobre a grande cegueira,
Mui sorrateira
A seguia
E assim bem aproveitava
O que ella desenterrava.

Mais de um ha que noite e dia
Trabalha e cança a matar,
Mas sem nada aproveitar;
E o que faz alguma vez
Não ficar
Todo o trabalho perdido
É ser o fructo colhido
Por mais esperto freguez (87).

FABULA 88.ª

O milhafre e o rouxinol

Uma tarde ao pôr do sol,
Acabando de cantar
Mavioso rouxinol,
Um milhafre o empolgou:
—«Ave que canta tão bem,
Delicado paladar
Com toda a certeza tem.»
Disse; e, quando o devorou,
Pennas
Apenas
Achou.
Se foi serio ou a escarnecer
Do tal milhafre o dizer,
Não sei: mas vejo julgar
Em geral todos assim,
Attendendo pouco ao fim
Que haja a desempenhar.
Um decantado poeta,
Um orador eloquente
(De que ha muita e muita grosa
Por ahi infelizmente)

Póde ser grande pateta,
Quando se tratar de *prosa*,
Ou quando escolher convenha
Quem obras, não phrases, tenha (88).

FABULA 89.ª

O lobo e a viola

Por não ter onde se acoite
Vai um homem, alta noite,
Numa estrada a caminhar:
Eis sente d'um lobo o uivar.
Por armas só um cajado
Levando, muito assustado,
Julga que, pelo seguro,
Deve trepar-se a um muro
Alto bastante, e trepou.
O lobo pouco tardou:
Deixou-se ficar
A olhar,
De alcateia,
Pois esp'rava
Boa prêa.
Ora o tal homem levava
Ás costas uma saccola,
Onde tinha a sua ceia
E tambem uma viola.
Julgou, por ser muito tolo,
Que se o seu farnel deitasse
Ao lobo, este o deixasse
Ficar quite.
Assim fez: mas foi um bolo
Para abrir mais appetite.

O lobo tudo comeu;
Mas d'alli não se mexia
E com a esperança se lambia
De apanhar maior pitéo.
Então, para se entreter
Até ver
Raiar
O dia,
O homem larga a cantar
E na viola a tocar.
O lobo, que tal ouviu,
Mais não quiz ouvir, fugiu.
—«Ó ladrão!»
O outro lhe grita então:
«Se eu soubesse que gostavas
De me ouvir tocar assim,
Não t'o guardava para o fim
Nem a ceia me gramavas.»

A certa gente mui tola,
Mal creada, impertinente,
Que a paciencia nos amola
E anda sempre descontente...
Tocar-lhe logo a viola (89).

FABULA 90.ª

A torrente e o rio

Furiosa uma torrente
Seu clamor tão alto erguia,
Que assustava toda a gente,
Se ainda de longe a ouvia!
Um viajante imprudente

(Talvez por necessidade)
Passal-a tenta, e passou.
Pasmado depois ficou
Vendo que, em realidade,
Muito pouco lhe custou,
Não deu nem um só mergulho;
Barulho
Com barafunda
Era a furia da torrente,
Nada funda,
Muita parra pouca uva;
Um cano d'agua da chuva.
O viajante contente
Continúa a caminhar
E vai dar
Á beira d'um rio ameno
Que, nem grande nem pequeno,
Sem cachôpos
Ou ruido,
Pelos prados serpeava
E quasi que adormecido,
Entre salgueiros e choupos,
Par'cia que convidava
Nas suas aguas a entrar,
Sem haver que receiar.
Assim fez o viajante,
Ao qual o p'rigo vencido
Tornara mais destemido.
Em má hora se fiou
Naquella falsa doçura;
Num instante
Se afogou
Das aguas na grande altura!

Bem nos póde metter medo
Cousa que não valha nada,
Um brinquedo,
Comparada

Com outras que pouco assustam,
E a vida ou a honra custam.
Quanta vez
Se esconde um bom coração
Debaixo de casca bruta;
E nos encobre ar cortez,
Delicado,
Um intrujão
Refalsado,
Alma felina e corrupta (90)!

FABULA 91.ª

O santo na aldeia

Passava por muito má,
De crimes, de vicios cheia,
Certa aldeia.
Para lá
Se muda um santo,
Como sei os tem havido
E ainda os ha.
Visital-o
E lastimal-o
Foi um tartufo com pranto,
Por elle se haver mettido
Em covil peccaminoso.
Ao que responde, bondoso,
O verdadeiro christão:
—«Irmão!
Deixemos a Deus
Os cuidados
De abrir os olhos a quem
Assim os quer ter fechados

Para não fitar os céos.
Cada qual de nós porém
Cumprindo os deveres seus
Aos grandes e aos pequenos,
Saiba bons exemplos dar,
Havemos de ambos lograr,
Sem enfado nem clamores,
Tenho fé,
Que esta aldeia, desgraçada,
Pelo menos
Não seja escandalizada
Por dois grandes peccadores,
Quaes somos—eu e você.»

Quem quer o mundo emendar
Deve por si começar (91).

FABULA 92.ª

O busto e a raposa

Para se formar conceito
De qualquer cousa, o direito
Importa olhar e o avesso;
Os que não fazem assim
Erram muito, quanto a mim.

Um grande busto de gesso,
Que bom marmore fingia,
De todos era gabado
Por seu bello modelado,
Tido como obra famosa
Por muita gente que o via.

Passa alli uma raposa
E, tendo bem reparado,
Diz:—«És bello, porém ôco;
És de gesso
E vales pouco.»

Quanto busto, que eu conheço,
Anda ahi empertigado,
Por muita gente gabado,
Apesar de parvo e ôco (92)!

FABULA 93.ª

Os oculos

Um parvo e analphabeto,
Sandeu devéras completo,
Foi uns oculos comprar.
Nenhuns porém encontrava
Proprios para a sua vista,
D'entre quantos foi buscar
O paciente logista,
E que elle experimentava
Olhando para um jornal;
Isto porém de maneira,
Que a final
O outro até duvidou
De que elle soubesse lêr;
Tanto, que lh'o perguntou.
—«Não é má a sua asneira!»
Torna-lhe o homem pasmado:
«O que havia de eu fazer
Se o soubesse,
Tomara que m'o dissesse,

Enfeitado
Com esses seus instrumentos?
Foi por ver
Certos sujeitos,
Que não passam d'uns jumentos,
A lerem muito direitos
De cangalhas no nariz,
Que eu os quiz;
Julgando que, se os tivesse,
Como elles tambem eu lesse,
E nessa fé aqui vim:
Mas, visto não ser assim,
Passe muito bem por cá.»

Quanto sandeu haverá,
Trapalhão
Analphabeto,
Intrujão
Enriquecido,
Julgundo que um Alvará,
Um Decreto,
O pódem tornar discreto,
Devéras ennobrecido (93)!

FABULA 94.ª

A maré

A primeira vez que o mar
Um velho e o filho avistaram,
Grande foi o seu pasmar;
E d'elle se aproximaram.
A custo
Por abertura

Cavada na rocha dura
A praia poderam ir.
A maré vendo subir
O rapaz, cheio de susto,
Não pensa mais que em fugir.
O velho tendo notado
Que, assim como a onda vinha
Um boccado
D'aquella praia cobrir,
Muito pouco se detinha
E voltava logo atraz,
Junto a si chama o rapaz
E o phenomeno lhe indica.
O moço desata a rir,
Perde o medo
E vai brincar.
Fica
O velho a meditar,
Sentado
Sobre um penedo,
De cuidados descuidado,
Sem de nada receiar.
Mas vai a maré subindo,
Cada vez diminuindo
A praia mais, 'té que emfim
D'ella chega mesmo ao fim...
Foi então que se assustou:
O filho chama, e buscou
D'aquelle p'rigo sahir;
Não o podem conseguir.
Já coberta a abertura
De agua muito funda estava,
E nenhuma outra havia,
Pois lisa a rocha se erguia
E toda a praia cercava
Com invencivel altura.
Cresce
O mar

E se enfurece
Na rocha vindo quebrar,
Tanto que os dois desgraçados
Morrem alli afogados!

Muitas vezes acontece
Que do mal a maré cresce,
E o homem não o quer
Ver
A tempo de se salvar;
Até vir
O preamar,
A praia toda cobrir,
E com elle então soffrer
A desventura, ou morrer (94).

FABULA 95.ª

O pastor e o rouxinol

Um rouxinol que cantava,
Perto do ninho pousado,
De repente se calou.
Um pastor que o escutava,
Pesaroso perguntou:
—«'Stás cançado
De cantar?
Eu jámais
De te escutar.»
—«O maldoso reboliço
Não percebes dos pardaes
Para o canto me abafar?»
—«Só agora dou por isso;
E nunca teria ouvido

Seu descarado
Alarido,
Se não te houvesses calado.»

Poeta, vae tu cantando,
Deixa os miseros pardaes:
Elles e outros que taes,
Criticando
Teu mavioso cantar,
Coitados! podem chiar,
Fazer bulha e... nada mais (95).

FABULA 96.ª

O burro e o seu dono

—«Porque me dá herva ou palha,
Sem mais nada?
E nunca me dá ração
De cevada,
De fava ou cousa que o valha?»
Perguntou com triste zurro
Um pobre burro
Ao patrão.
—«Porque era mal empregada:
Tu, dos asnos capataz,
Por certo que és incapaz
Do que é bom apreciar;
Não é para ti o mel.
Quanto a mim,
Fôra o mesmo que deitar
Per'las ao porco ruim:
Era dinheiro perdido,
Não o tenho eu a granel,
Nem me sinto resolvido

A tratamento
Escusado.»
—«Pois está muito enganado
Com tal crença, meu senhor»
Lhe respondeu o jumento:
«Se com as hervas me contento,
E até como duros talos,
É por fome e não por gôsto.
Comia muito melhor
O que se dá aos cavallos,
A fresca e bella chicorea,
A boa cevada e a fava.
E, se duvída, eu aposto,
(Quero dizer, apostava
Podendo) levar á gloria
Num instante, meio alqueire,
E que ainda a pouco me cheire.»

Ha quem prefira de certo
Ao que é bom o que é ruim,
E se julgue muito esperto;
Póde haver
Gostos assim,
Sempre escolhendo o peior:
Mas não falta quem se ageite
Ao que é mau, e só o acceite
Por não ter
Cousa melhor (96).

FABULA 97.ª

O toiro e o vitello

Um bravo toiro sahiu
Num rompante

Pela porta do curral,
A qual
A verga partiu.
Bezerrito mui pedante,
(Embirrenta creatura,
Todo modos, compostura)
Que tal viu,
Disse ao pastor
Com um certo ar de pudor:
—«Aquillo não é decente,
Aquillo não faço eu!»
—«Nem nunca serás
Capaz
De tal fazer, maldizente!»
O dono
Lhe respondeu:
«Nem prestar
Para o trabalho.
Não posso crear
Um mono;
'Stás aqui e estás no talho!»

Erros ha que commetter
Só póde o que valor tem
De cousas grandes fazer,
Nanja qualquer
João-Ninguem (97).

FABULA 98.ª

O rio e o dique

Um rio, por ser caudal,
Nos invernos trasbordava,
Ao longe tudo alagava

E fazia,
Em vez de bem, muito mal.
Para aos estragos fugir,
Povo que ás margens vivia,
Lembrou-se de construir
Durante a sêcca do v'rão
Um enorme paredão.
E ficou
Muito contente,
Quando o inverno lá voltou,
Ao ver a grande corrente
Alli chegar
E parar.
Pouco porém lhe durou
Este vão contentamento;
Pois, indo a cheia em augmento,
Por cima e por cada lado
Tanto galgou,
Que deixou
Afinal tudo alagado,
Como era de uso ficar.
Começam a trabalhar
Levantando mais e mais
A parede, e a segural-a
Com gigantes
Colossaes,
Para assim não desabar.
Dinheiro deitado á rua!
A galgal-a,
Como d'antes,
Sempre o rio continúa
E, no inverno que se segue,
Enche mais e assim consegue
O dique atirar ao chão.
Convencido o povo então
De que era inutil tentar
O embargar
De repente

A caudalosa corrente,
Lembrou-se de a ir sangrar.
Foi subindo
Rio
Acima,
E conseguindo
Por fim
Com muito e muito desvio
O seu fim,
E ainda em cima
Grande sequeiro tornar
Fertil, por ser regadio.

A torrente é a maldade,
É a caudalosa arteria
Do crime, vicio e miseria;
O dique, a boa vontade
De lhe obstar,
De a superar,
Tantas vezes mallograda
Por ser menos bem pensada;
É o desvio
Prudente
Dado á corrente
Do rio
A *sensata* educação.
As chagas da sociedade
Não se curam de repente.
Remedios muitos e varios
Tentados são
É verdade,
Necessarios
Contra o mal que feito for;
Mas prevenil-o é melhor.
Ensinem a *ganhar pão*
Honradamente, e terão
Menos prantos que extinguir,
Menos crimes que punir (98).

FABULA 99.ª

O leão e o homem

Numas ruinas havia
Grupo, em marmore esculpido,
Onde vencido
Se via
Prostrado no duro chão
Pelo homem o leão.
Um d'estes, que descançou
Alli durante o calor,
Da raposa em companhia,
Na 'sculptura reparou.
—«Muito diff'rente seria
A scena,» diz com desdem:
«Se esculptor
O leão fosse tambem.»
—«Se o fosse:» volta a raposa
Que, qual bobo, tambem ousa
Metter a sua verdade:
«E porisso e muito mais
Verá Vossa Majestade
Que este grupo é verdadeiro.
Falta-lhe só um letreiro,
Onde em letras garrafaes
Claro se podesse ler:
—A tudo vence o saber,
O trabalho e a razão.—
Nada disse el-rei Leão (99).

FABULA 100.ª

O falcão e o frango

Um falcão,
Bem ensinado
A descer, pousar na mão,
Quando a isso era chamado,
Que se tinha
Empoleirado
Na janella da cosinha,
Viu um frango que fugia
A chamada
Do mestre que pretendia,
Com fereza disfarçada,
Encaixal-o numa empada,
E porisso repetia
Acenando-lhe com a mão:
—«Vem cá, menino! menino!»
Quanto mais elle chamava,
Mais o frango se esgueirava.
—«Mofino!»
Grita o falcão:
«Nem sabes obedecer?
Ou tu és surdo ou de certo
Muito parvo: uma das duas.»
—«E tu serás muito esperto,»
Lhe diz o frango a correr:
«Ouço o mestre, mas as suas
Intenções tambem conheço,
Porisso não obedeço:
Sei demais
Quaes

Ellas são.
Vendo esvoaçar mil pennas,
Cabeças
Pés ás dezenas,
Espalhados
Nesse chão,
D'outros por elle chamados;
Pouco me fio em promessas.»

Quem é feliz que se goze,
Não glose
Do desgraçado:
Só elle sabe, coitado!
As linhas com que se cose (100).

FABULA 101.ª

O encontro

Depois de feitas as pazes
E de tudo quedo estar,
Quando vinham ás centenas
Os rapazes
Estudar
Do Brazil á Lusa Athenas;
Um caloiro brazileiro
Tinha ás vezes por consolo
Bello *doce-de-tijolo*
Que a familia lhe mandava,
E sorrateiro
O guardava
Dos maganos
Veteranos.
Assim fez com a goiabada

Em caixa de corrediça,
Muito azada,
Que de casa recebeu,
E menos bem escondeu
De remissa,
Para que d'ella gozasse
Cada vez que só se achasse.
Da tal caixa então puxava
A tampa, mas poucochinho,
E cortava
Um delgado boccadinho.
Na fina que logo deram,
Os veteranos operam
De muito diff'rente modo:
Puxam a tampa de todo,
Depois cortam do outro lado
Um grandissimo boccado.
Isto mesmo repetiam
Toda a vez que tal podiam,
E ao rapaz
De quando em quando
Assim diziam
Zombando:
—«Veja você o que faz;
Temos de nos encontrar...»
Não lhes percebendo o dicto,
O caloiro andava afflicto,
A scismar
Com medo de caçoada,
Até que viu
A charada
Explicada
E facil de perceber;
Poisque um dia,
Quando ia
Cortar o tal boccadinho,
Todo o resto lhe cahiu
Por já 'star mui delgadinho.

Cousa egual acontecer
(Não com *doce-de-tijolo,*)
Vejo com a desegualdade
Das classes na sociedade.
Eram senhores do *bolo*
Uns, que bem o não guardaram,
E nelle foram gramando
Com mais ou menos prudencia:
Os outros, aproveitando
O descuido, se gozaram
Do bolo tão mal
Guardado,
Comendo com appetencia.
Cedo ou tarde, em resultado,
De certo se hão de encontrar...
Afinal
Tudo se ha de nivelar (101).

FABULA 102.ª

A raposa e o lobacho

—«Em toda a historia não acho»
Dizia a uma raposa
Um lobacho:
«Quem a meu pae comparar.
Que vida tão gloriosa!
Aquillo é que foi vencer
E matar,
Sempre o nome a engrandecer!
Louros sem eguaes colheu...»
A raposa interrompeu
O orador e lhe disse:
—«Quanto aldravaste é fofice,

Verdade nenhuma tem.
O defender a memoria,
Se offendida, de seu pae
Fica a um filho muito bem:
É porém
Quando não vai
Fazer mentirosa a historia;
Alias, é melhor calar-se
Ou buscar algum disfarce.
D'isso ninguem sabe mais
Do que eu, pois o conheci;
Sempre o vi
Lobo, quaes
São os demais.
Ia evitando os rafeiros,
Se fortes e expeditos;
Era valente
Sómente
Com cabritos
E cordeiros;
Chegava
A ovelhas, carneiros,
Porém d'ahi não passava,
Salvo se com algum jumento
Ou cavallo lazarento.
Esse pasmo dos valentes
Morreu nos dentes
D'um cão!»

D'esta raposa a lição
Tambem se póde applicar
A muitos graves auctores,
Chamados historiadores,
Que *historias* nos vem contar (102).

FABULA 103.ª

A raposa e o lynce

Ao lynce diz a raposa:
—«Não te dou os parabens
Por essa vista que tens;
É de certo cousa
Bella,
Mas de que te serve a ti?
Nunca te vi
Usar d'ella,
Meu rapaz,
Que não fosse para veres,
Como qualquer outro o faz
Com aquella
Que Deus lhe deu,
(Por mais que de ti se diga)
Se algum burro ou cão morreu,
E encheres
Bem a barriga.
Para tanto, cá me avenho
Eu com esta vista que tenho.»

Se fulano é um talento,
Um portento,
Não é bastante dizel-o.
Como o prova no que faz,
De fazel-o
Se um João-Ninguem é capaz? (103).

FABULA 104.ª

O rato, o gato, o gallo e a rata velha

Do seu buraco sahira
Pela vez primeira um rato,
Voltando com espalhafato
Contar á mãe o que vira,
E lh'o contou mesmo assim:
—«Ai! mamansinha, que susto!
Escapei a muito custo,
Ainda não 'stou em mim...
Pouco me tinha mettido
Por esse mundo de Christo
Quando avisto
Dormindo ao sol extendido
Um magnifico animal,
Sem egual:
Era mesmo um gôsto vêl-o.
Imagine um rato immenso,
Um colosso,
Coberto de lindo pello;
Até penso
Que seja parente nosso,
Mas affirmal-o mal posso,
Não o vi bem á vontade.
Par'cia
São e robusto:
Com toda a chantrenidade
Dormia
O somno do justo;
Resonando mansamente
Mal se via

O seu arfar:
As mãos, cruzadas na frente,
(Adormecera a rezar!)
Sem unhas, eram velludo:
O rosto tinha pelludo,
Qual o nosso, com bigode.
Por mais que queira, não póde
Imaginar-lhe a belleza,
Prodigio da natureza!
Talvez, já entrado em edade,
Gozava alli satisfeito
Do ocio com a dignidade.
Dormia o somno do justo,
Como disse. Eu com respeito
Contemplal-o de mais perto
Ia...: mas pregou-me um susto
Bruto atrevido, coberto
De pennas arrepiadas,
Dando tremendas pancadas
No corpo com os curtos braços.
Batia, assim, os compassos,
Emquanto com voz de ferro
Soltava medonho berro!
Na cabeça o tal malvado
Tinha barrete encarnado;
Aquillo, se não me engano,
Era algum republicano
Ou, quem sabe, se o diabo,
Pois lhe vi alçado um rabo?
Má peste mate o mofino!
Sem elle talvez gozasse
Eu do outro o *fino*
Trato,
Apenas elle acordasse.»
—«Como te enganas, menino!»
Diz-lhe a mãe: «pelo retrato,
O tal que estava dormindo
Ou fingindo,

É o malvado
Do gato,
Das feras a mais cruel.
Se elle estivesse
Acordado
Ou se te houvesse
Sentido,
Meu filho, estavas perdido!
É por fóra todo mel,
Manso, tratavel, ameno...
Por dentro é todo veneno,
Nasceu para o nosso mal:
Sempre dos ratos á caça,
Inimigo figadal,
Quer acabar-nos com a raça.
Emquanto o do espalhafato
É um animal
Pacato,
O parlapatão
Do gallo,
Incapaz de fazer mal,
Que talvez
Inda uma vez
Nos sirva de bom regalo.

Aproveita esta lição,
E com prudencia repara:
Nunca julgues pela cara,
Qual será o coração (104).

FABULA 105.ª

O oiro e o cobre

—«Porque te escondes assim?»
Perguntou o cobre ao oiro:
«Sumido qual um thesoiro,
Não te deves esconder.
Anda cá, liga-te a mim,
Vamos o mundo correr.»
E ligou-se o oiro nobre
Imprudente ao torpe cobre.
Ficou desacreditado,
Alcunhado
De *bisoiro:*
Tendo ainda a côr do oiro
Vale o mesmo que ouropel,
Dos enfeites a ralé.
Tambem o vil zangão é
Côr da abelha, e incapaz
A cera e o doce mel
De fazer como ella os faz.

Quem se associa ao ruim
Cedo ou tarde vê mau fim (105).

FABULA 106.ª

O cão desenganado

Contam que, tendo nascido
E vivido
Em casa de lavrador,
Da qual era o guardador,
Um valente e fiel cão
Tinha sincera affeição
Ao dono e mais moradores.
Se vendido foi ou dado,
Não 'stando bem informado,
Direi só que elle passou
Ao poder d'outros senhores.
A saudade lhe ficou
D'aquella familia amiga,
Pois (justo é que se diga)
Ás vezes os animaes
Mostram sentimentos taes
Que de bom exemplo são.
Mezes se passam: o cão
Pôde fugir e voltar
Á sua antiga morada.
Caso, porém, de pasmar!
Foi recebido
Á paulada,
E corrido
Como se fôra damnado!
Então lhe gritou um gato
Lá de cima do telhado:
—«Tu sempre és um grande pato!
Tão tolo, que até julgavas

Que gozavas
Da estima cá d'esta gente,
Á tua correspondente!
É só por necessidade,
E nunca por amizade,
Que nos criam
E avaliam,
Que nos dão
O triste pão:
Julgam que tudo nasceu
Só para proveito seu:
Não tivesse o mundo ratos,
Quem se importava
Com os gatos,
E onde estaria eu?»

Muito não exaggerava
O gato; que o homem é
Um abysmo
De egoismo:
E ha quem pense que até,
Chorando d'um amigo a morte,
Só lastima a propria sorte
Pela perda que soffreu,
(Mas tanto não direi eu.)
É comtudo muito certo
Que será bem pouco esperto
O que for
Acreditar
Que todos lhe tem amor,
Não attendendo ao proveito
Que d'elle possam tirar,
Com mais ou com menos geito;
Não ha um só entre cem,
Muito embora homens de bem (106).

FABULA 107.ª

A aguia

—«Porque tammanhas alturas
Procuras
Ao ninho teu?»
Á aguia se perguntou.
Ao que logo respondeu:
—«Com os meus filhinhos estou
Alli mais perto do céo;
Pois os pretendo educar
A voar
Mais alto ainda do que eu,
Se o poderem;
Não para que degenerem
Acostumando-se ao chão.»

Os resultados se esperem
Como for a educação (107).

FABULA 108.ª

As alabardas e as albardas

Eu ouvi já não sei onde,
Que de Coimbra o afamado
Bispo Conde,

Sendo então tambem Prelado
Ou reitor da Academia,
Certo dia
Precisou
Para os guardas,
Ou archeiros, de alabardas;
E umas vinte encommendou,
Cousa boa,
A um fuão que lh'as comprasse
Ou no Porto ou em Lisboa.
Com vinte guapas albardas
Não tardou
Que o homem se apresentasse!
O Bispo fica passado!
Como não quiz
Ser injusto,
Nem ver-se assim albardado,
Paga ao outro o meio custo
Da tal compra, e depois diz
Com muita serenidade:
—«Leve-as todas: a metade
Pagará por tolo ser;
Eu pago a outra, porquê
Sem tino me fui metter
Com um parvo como você.»

Quiz o Bispo castigar-se,
E sómente por fiar-se
Num tolo sem o saber.
Muitos que vão recorrer
A parvos reconhecidos,
A velhacos afamados,
Desatam em alaridos
Porque soffreram revezes;
Isto, quando muitas vezes
São egualmente culpados,
Pois os foram escolher
Parvos, velhacos, assim

Só com o fim
De faceis lucros obter (108).

FABULA 109.ª

O rouxinol e o beijaflor

Alvo de invejas, não tendo
O rouxinol um amigo
Entre os passaros cantantes,
Disse: — «Vou ver se o consigo
Entre os que, sendo
Formosos,
Mas que não podem cantar,
Antes
Que ser invejosos,
Me saibam apreciar.»
(Se alguem, que merito sinta,
Ahi houver
Que disser:
—«Não me apraz ser escutado,
E louvado
Em termos;» e que não minta
Se tal diz;
Talvez tenha mais valor
Do que o rouxinol que o quiz:
É ave porém tão rara,
Que nunca lhe vi a cara).
Foi pois ter com o beijaflor,
Com que travou amizade.
Cada qual sua vaidade
Manteve sem ver pisada
Por outra talvez maior,

E porisso despeitada.
O beijaflor
Escutava,
Sem gana de o criticar,
Quanto o rouxinol
Cantava:
Nunca a este acontecia
Que o podesse enfastiar
O outro, brilhando ao sol
Coberto de pedraria.

Breve serão inimigos
Dois amigos,
Se um ao outro não soffrer,
Sem commentarios fazer,
Alguma fragilidade,
Filha da humana vaidade,
Algum pequeno defeito,
Poisque ninguem é perfeito.
Arrenego d'um amigo
Que censure a cada passo
Quanto digo
E quanto faço (109).

FABULA 110.ª

A rosa e o monturo

—«Comigo tão desdenhosa!»
Dizia o monturo á rosa:
«Isso não te fica bem;
Somos ainda parentes
Por parte de tua mãe
Que d'estas entranhas quentes

A vida e força tirou;
Quasi seu pae fui assim.
Depois é que te gerou,
Fiquei quasi teu avô,
Apesar de tão ruim.»
—«Negar isso não pretendo»
Lhe responde a linda rosa:
«Nem me mostro desdenhosa
Por pobre seres e horrendo;
Mas, se és pae de minha mãe,
Se te julgas meu egual,
D'onde vem
Que cheiras mal
Em logar
De cheirar
Bem?»
—«Se tenho fartum sédiço»
Lhe retorquiu o monturo
Em tom insolente e duro:
«Se cheiro assim, orgulhosa
E dos perfumes rainha,
Não me cabe a culpa d'isso.»
—«Muito menos será minha:
Eis porquê te não aturo,
Amigo!» conclue a rosa (110).

FABULA 111.ª

A raposa e o leão

—«Quem me déra ser tão forte
Qual tu és entre os valentes,
Que podesse dar a morte
Com as minhas garras e dentes
Á vitella ou ao carneiro

Em que me fosse cevar;
E não andar
Á piranga
Atraz de gallinha ou franga,
Em volta do gallinheiro:»
Disse ao leão a raposa.
—«E mais nenhuma outra cousa
Em mim vês que desejasses...?
Esta juba majestosa
A matar te havia de ir,
Se a pilhasses;
Este garbo, esta estatura,
Esta fera catadura
Não te podiam servir?»
—«Isso não!» volta a matreira:
«Pois fôra chapada asneira
Tal desejar para mim.
Ser fraca me desespera,
E tuas forças quizera;
Porém não perder assim
As apparencias, que tenho,
Conformes ao meu engenho;
Unindo a um forte peito,
Capaz de grandes façanhas,
O meu geito
(Ou minhas manhas,
Como lhe queiram chamar:)
E longe de desejar
Revestir tanta fereza,
Quizera que a natureza
Me disfarçasse inda mais
Entre os outros animaes.»

O que a raposa pedia,
Decerto o mesmo seria
Que o casar
A força com a covardia,
Que não se podem tragar (111).

FABULA 112.ª

O burro

TRILOGIA

I PARTE

O leão com o burro

El-rei Leão foi caçar
Levando comsigo um burro
Para com o valente zurro
A caça lhe levantar;
Uma raposa, que os viu,
Com ar de mofa sorriu.
—«Julguei mais do teu juizo,
Da tua clara razão»
Lhe diz á parte o leão:
«Pois nem vês
Que, se vou com este *freguez*,
E' porque d'elle preciso,
E que o não mandava embora,
Mil vezes que burro fôra?»

II PARTE

O burro com o leão

Servir de trompa de caça
Indo o burro a el-rei Leão,

De gaudio em si mal cabia
E para os da sua raça
A vista grossa fazia.
—«Olha o grande toleirão!»
Brada um que alli passou,
E a quem elle não pagou
Uma grande cortezia:
«De que é burro já se esquece!
Talvez julgue que ennobrece,
Que em breve o fazem barão,
Porque vai na companhia,
Do leão,
Que o foi chamar
Só por d'elle precisar!»

III PARTE

Os dois burros

O burro, que cortejado
Não fôra pelo outro burro,
Quando este ia com seu zurro
Servir de trompa ao leão,
Tendo-o de novo encontrado,
Mas agora só, gritou:
—«Vê lá bem se me conheces,
Paspalhão!
Visto que breve te esqueces
De quem sou,
Dos que são
Da tua raça,
Quando vais com el-rei á caça;
E já não me conhecias
Aqui ha bem poucos dias!»
—«Isso fiz»
O outro burro lhe diz:

«Só porquê
Vi que você
Foi cortez
D'aquella vez
Por eu ir com el-rei caçar.
Se me não quer
Cortejar,
Não me dá isso cuidado;
Mas só será cortejado
Quando egualmente o fizer,
Indo eu só ou acompanhado (112).

FABULA 113.ª

A aguia e o mocho

—«Não te chegues para mim,
Agoireiro, tanto assim!
Cheiras aos ratos que embaças!
Põe-te ao largo, não me faças
Perder toda a paciencia,
Dar-te cabo da sciencia:»
Pespegou com altivez
A aguia ao velho freguez
Do mocho, quando este entrou
No Olympo, e se lhe achegou
Julgando que tinha nella
Com quem désse á taramella.
Logo o mocho se abespinha:
—«Se você da passarada
Foi rainha,
Aqui pouco vale ou nada,
Ambos estamos eguaes:

Senão diga,
Orgulhosa d'uma figa,
Em que presta você mais?»
—«Eu t'o digo, mono feio,
Desejoso do alheio:
Eu voei até ao céo
Só com o grande esforço meu;
E tu, mocho, se cá 'stás,
Foi porque te trouxe Palas:
Vê agora se te calas,
Ou ainda aqui não fico.»
Assim lhe deu sota e ás,
E lhe fez calar o bico.

Nem os meritos se pegam,
Nem todo o matto é ouregam (113).

FABULA 114.ª

A cigarra e a formiga

Alegre levara o v'rão
A cigarra, sem cessar
De cantar
Seu eterno
Cantochão;
Comendo ia e cantando,
Em guardar nunca pensando
Um boccadinho de pão.
Chega emfim o frio inverno,
Eil-a de fome a chorar;
E lá vai, triste mendiga,
Ter a casa da formiga

A pedir que lhe emprestasse
Com que a vida atamancasse
'Té o tempo melhorar.
—«Eu pago, e pago-lhe bem»
Diz o faminto animal:
«O juro que me levar
Além
Do seu capital.»
A formiga nunca empresta,
(E talvez não ande mal):
—«O que fizeste no v'rão?»
Lhe pergunta pela fresta.
—«A minha alegre canção
O dia todo cantava,
Mal me calando o comer;
Sabe Deus se até gostava
A vizinha de me ouvir?»
—«Não tinha mais que fazer!...»
Responde a formiga
A rir:
«Minha amiga,
Emquanto eu me esfalfava
Todo o dia trabalhando,
Pensavas tu em cantar,
Em dormir,
Ou em comer
De boa vida gozando:
Vae pois agora dançar,
Não é mau para aquecer.»

Se me pedes que te diga
D'esta fabula a moral:
—Não andou bem a formiga,
Mas a cigarra peior;
Pois não se deve queixar
Do seu mal,
Nem de sorte desgraçada,
Nem dos outros, o que for

Vadiar
Em vida airada
E soffrer aquelle fim.
Quem ruim
Cama fizer,
Nella terá de gemer (114).

FABULA 115.ª

O cordeiro protegido

Tinha ficado
Cançado
No caminho
Um cordeirinho;
Tambem ficar
Um rafeiro
Ao pé d'elle se deixou,
Para o poder
Proteger
E ao curral-acompanhar.
Outro cão atraz voltou
Que ao primeiro
Quiz tirar o protegido,
Levado pelo sentido
Int'resseiro
De assim vir
A conseguir
O agrado do seu pastor.
Teima o outro em não ceder,
Deseja o mesmo proveito;
E direito,
A meu ver,
Tinha melhor.

Um ao outro se lançou;
E pelo triste cordeiro
Cada qual tanto puxou,
Que d'elle fica meeiro!

Quantas vezes se tem visto
E quantas se verá isto?
Raros são os protectores
Que não vendam seus favores,
Fingindo ter só a peito
Do protegido o proveito (115).

FABULA 116.ª

Os dois ratos

Dois genios não ha eguaes
Entre os homens; nem se apontam
Entre os outros animaes.

Dois ratos, segundo contam,
Dois irmãos, tinham vivido
Juntos até certa edade;
Depois havia ficado
Um morando na cidade,
O outro o campo escolhido
Para estar mais socegado.
Passados porém uns annos,
Visitaram-se os dois manos.
Primeiro foi o burguez
Que a sua visita fez.
Muito alegre o recebeu
O outro na sua toca:

Não lhe deu
Café de moka
Depois de fino jantar,
Com sopa de *ravioes*
E bicos de rouxinoes;
Que pouco podia dar.
Demais, não fôra avisado,
Estava desprevenido;
O mano tinha appar'cido
Sem que fosse convidado.
Azeitonas, avelãs,
Meio-podres, meio-sãs,
Foi o que pôde off'recer
O pobre, por mais não ter.
Depois de curto passeio
Disse o cidadão: — «Ó mano!
És feliz, assim o creio:
Mas esta amostra do panno
Pouco tenta na verdade.
Eu, vivendo na cidade,
Só me falta companhia:
Sou solteiro,
E quanto desejaria
Que fosses meu companheiro!
Que vida não levarias
Vivendo das hucharias,
Como eu vivo ha tanto anno,
E como espero morrer!»
Responde o outro: — «Não, mano!
Lá isso não póde ser.
Tambem eu muito gostava,
Deixando esta vida brava,
De junto de ti viver:
Mas os malditos dos gatos,
E as malditas cozinheiras
Com venenos, ratoeiras,
Ao miolo me dão tratos,
E me conservam nos mattos

Onde taes p'rigos não ha.»
—«Se toda a duvida está
Só n'isso, vence o meu plano:
Obra temos, pois engano
Grande é teu o imaginares
Esses terriveis azares,
Essa grande ladainha
De p'rigos assustadores.
Historias da carochinha!
Os taes gatos caçadores,
A que chamam bons rateiros,
Vivem só em pardieiros,
Ou nas casas da pobreza
Onde nunca é farta a mesa.
Um gato que se respeita,
Que vive em casa de gente,
Nunca deita
A unha ou o dente
A nenhum rato *graúdo;*
Vai fingindo que os não vê
Quando lhe passam ao-pé,
Ou vê-os... por um canudo.
Só algum pobre ratinho,
Bem mesquinho,
Lhe serve de brincadeira.
Quanto á moça cozinheira,
Onde não ha cozinheiro
Ella mais o despenseiro
Bem lhes importam os ratos,
Quando são qual eu pacatos;
Tem mais com que se entreter.
Emfim sou exemplo vivo,
E motivo
Nenhum tens de duvidar.»
Deixou-se o outro vencer
E prometteu ir cear
Com o mano em noute aprasada.
Chegou á hora marcada,

Provando por uma vez
Não ser rato portuguez.
Recebido na despensa,
Pasmado quasi que pensa
Ser alli o céo das ratos!
Oh que cheiro! que perfume!
Que cardume
De pratos
De cousas boas!
—«Aqui terás onde roas»
Lhe diz o outro, «á vontade;
Aqui a difficuldade
Está só no escolher.
Anda, vem comigo ver,
Pois quero mostrar-te tudo.»
Vai na frente, satisfeito
De ostentar tanta riqueza:
Segue-o mudo,
Com respeito
Da grandeza
Nunca vista,
Seu irmão, ouvindo a lista
De *menu* muito selecto
Das mais finas iguarias,
Sem fallar nas mercearias
De que tudo estava cheio
Desde o chão até ao tecto.
Mas no meio
Do passeio
Eis que se sente ruido:
O camponio espavorido,
A correr,
Nem sabe onde se metter,
Onde possa achar abrigo.
—«Não ha p'rigo»
Diz o mano: «não é nada,
Conheço os pés da creada,
Ella nunca vem aqui.»

—«Seja creada ou quem for,»
Lhe responde o outro a custo,
Num tremor:
«Não ganhei para tal susto;
Por milagre não morri!
Safo-me já sem demora;
E se me vejo lá fóra,
Na minha
Toca mesquinha,
Onde a pobreza me espera,
Prometto pezar-me a cera:
Á custa do meu socego
De taes grandezas renego.»
Dito e feito: foi-se embora
E não voltou até agora (116).

FABULA 117.ª

O estatuario

De alvo marmore comprou
Um magnifico pedaço
Estatuario famoso;
Depois ficou
Duvidoso
A scismar
Em que o havia de empregar.
—«D'aqui faço
Cousa digna de se ver.
Que ha de ser...?
Um mausoleu?
Um heroe?... Cesar? Pompeu?...
Seja um Deus!

Atheus!
Haveis de tremer.»
Se disse bem, melhor fez:
O estatuario d'esta vez
A tal ponto se esmerou
Que, assombrado,
Depois do Deus acabado,
Elle proprio o adorou!

Quantos no mundo estarão
Adorando
Entes que a imaginação
Sem cessar lhes vai creando(117).

FABULA 118.ª

O santo e o frade

Uma vez um frade e um santo
(E não quer
Isto dizer
Que o tal frade
Car'cia de santidade,
Pois como hei de affirmar tanto
Sem certeza de verdade?)
Iam a Roma aportando.
O primeiro estava impando
E na pelle mal cabia
Por ter sido eleito abbade
De muito rica abbadia.
O santo lembrou-se então
(Pois é tambem caridade)
De lhe dar uma lição:

—«Vai vossa paternidade
Entrar na eterna cidade,
E entra com o pé direito;
'Stá aqui e está eleito
Da sua ordem Geral
Por influencia papal,
Visto sua Santidade
Ser grande apreciador
Dos que mostram ter valor.
—«De certo, de quem
O tem...»
Diz o frade e os olhos baixa,
(Modestia mal affectada)
Puxa depois pela caixa
E sorve enorme pitada.
—«Fica-lhe bem» diz o santo,
«Mostrar-se assim tão modesto:
Mas onde estará
O espanto?
Melhor virá
Inda o resto,
Poisque ha de ser cardeal.»
—«Senhor! não me diga tal!»
Lhe volve o frade; e córou
Vendo que o outro pescou
O que na mente elle tinha.
—«Da massa d'essa farinha
Se devem sempre fazer»
Responde o santo, «e os tem feito.»
—«Será o que Deus quizer!»
O frade torna, e ao peito
Cruzadas as mãos levou:
«Sei que um servo indigno sou,
Só me cabe obedecer;»
E outra pitada tomou.
—«Amigo, sem ser propheta,
Bem me parece que estou
Da carreira a ver-lhe a méta:

Não será eterno o Papa,
Que Deus queira conservar...»
—«Senhor! que vai futurar!»
Atalha o frade, que tapa
O rosto com as gordas mãos.
—«Ambos nós somos christãos,
Meu padre, louvado Deus;
Esses escrupulos seus
Sensatos são, naturaes;
Mas o dever póde mais.
E se o conclave inspirado
O elevasse ao Papado,
Que havia de lhe fazer?»
—«Ai de mim! obedecer:»
Diz o frade suspirando
E outra pitada tomando.
—«Depois...» continúa o santo.
—«Inda mais!» brada com espanto
O frade: «não póde ser!»
—«Póde, póde... ha de morrer
Após um sonho tão lindo»
Conclue o outro sorrindo:
«Como se fosse um... donato,
Salvo só o espalhafato
Que em seu enterro
Se der.»
O frade não disse nada,
Ficou perro
Com a *pitada:*
Que havia de elle dizer (118)?

FABULA 119.ª

A hera e o tomilho

Num carvalho entrelaçada,
Ao tomilho disse a hera:
—«Creatura desgraçada!
Coitadinha,
És de muito baixa esphera;
Bem mesquinha
Te foi mãe a natureza.
Falta-te a força ou destreza;
D'esse chão
Nunca te has de levantar
Como eu sei,
Tanto assim, que me liguei
Ao carvalho secular.»
—«Lá isso de certo não»
Lhe respondeu o tomilho:
«Como tu, nem que o podera,
Tal eu quizera,
Maldita!
Miseravel parasita,
Que só serve de empecilho;
E, vivendo á custa alheia,
Alardeia
Do seu immenso valor!
Matas o teu bemfeitor
Sugando-lhe a força e a vida;
E, quando elle desabar,
Tambem tu has de ficar
Por esse chão extendida;
De todos aos pés calcada,

Desprezivel, desprezada,
Porque és má,
Porque prestimo não tens,
E do alheio te mantens!»

Quantos parasitas ha,
Impostores,
Que vivendo á custa alheia,
Com desdem
Se julgam mui sup'riores
A qualquer homem de bem,
Que honradamente grangeia
A vida com os seus suores (119)!

FABULA 120.ª

O ganso

Nascera branco de neve
Um ganso; e porisso teve
Comichões de cysne ser.
Com os cysnes se vai metter
A nadar,
Pondo a tratos o pescoço,
Curto e grosso,
Para o d'elles imitar.
Deu-lhe tal volta o miolo
Que cysne emfim se julgou,
Quando apenas alcançou
Ser um ganso muito tolo.

Quantos Cysnes não tens visto
Que nunca passaram d'isto (120)?

FABULA 121.ª

Os tempos e os costumes

Das aves os veteranos,
Os corvos, duram cem annos.
Assim dizem; que eu não sei,
Pois nenhum inda comprei
Para saber se é verdade.

Um corvo, que á tal edade
Já quasi chegado tinha,
E que muito se entretinha
(Manha de velho) contando
A um neto seu afilhado,
Como ia tudo mudando,
Diz-lhe uma vez:—«Affirmado
Me foi pelo meu avô,
Mais velho do que hoje sou,
Que em pequeno ouviu dizer
Muita vez ao tris-avô,
O qual o dizia ter
De continua tradição,
Passando de mão em mão,
Em muito remotas eras
Neste mundo não haver
Nem inda as menos certeiras
D'essas armas caçadeiras,
Com que perseguem as feras
E não pouco nos atiram.»
—«Oh! que tempos que elles viram,
Nossos felizes avós!
Assim os vissemos nós!

Aquillo é que era viver
Até de velho morrer!»
Exclama immediatamente
O neto de *D. Vicente.*
Este, dando-lhe um carolo,
Replica:—«Não sejas tolo:
Em vez de armas caçadeiras,
Balas, quartos, escumilhas,
Sobravam settas ligeiras,
Arcos e mil armadilhas;
Em vez d'uma, havia cem,
Que matavam muito bem.»

Entre o passado e o presente
Não é *tammanha* a diffrença
Como o pensa
Muita gente (121).

FABULA 122.ª

A serpente e a creança

Brincando com uma serpente
Que já não tinha veneno
Um rapaz, inda pequeno,
Toma um ar serio e lhe diz:
—«Vocês são ingrata gente!
Lembre-te aquella que quiz
No seu bemfeitor morder;
E mordeu
Tanto, que o homem morreu,
Por ser bom, mas imprudente.
Não m'o podes tu fazer,
Poisque os dentes te arrancaram;

Porém para egual maldade
Talvez te sóbre vontade.»
—«É um falso testemunho
Esse que nos levantaram»
Lhe respondeu a serpente:
«Uma fabula que mente
E tem da mentira o cunho.
Pois tu, que não és pateta,
Podes engulir a peta
De que um *ingenuo* aldeão
Fosse levantar do chão
Uma serpente, e leval-a
Sem receio
No seu seio,
Para alli ella aquecer
E de frio não morrer?!
Não seria mais verdade
Desejar elle esfolal-a
Em casa, bem á vontade,
Para a pelle lhe vender,
Lustrosa e muito pintada?
Pois olha que foi assim.
Essa façanha gabada
Era a d'um villão ruim,
Prompto sempre a enganar
Os outros e a os esfolar.
E, quando o pago levou,
Procurou
Calumniar
Aquella que o foi morder
Só para se defender.»

Ha mais d'um ruim villão
Da 'schola d'este aldeão (122).

FABULA 123.ª

A divisão do trabalho

Viviam em companhia
Na casa d'uns bons burguezes
E em menos má harmonia
Dois *freguezes:*
Um bichano e um macaco;
Este muito mais velhaco,
Intrujão e trapaceiro
Do que era o seu companheiro.
Para si só desejava
Uma vida sybaritica,
E quasi que o alcançava
A força de manha e geito.
Da economia politica
Ao tão famoso preceito
—Do trabalho a divisão—
(Ao seu sabor o entendendo)
Dava esta interpretação:
—*Puxa tu, que eu vou gemendo.*—
(Quantos tem esse Alcorão!
Para si o bem supremo,
E para os outros um demo!)
No contracto,
Que uma noite fez com o gato,
Quiz pôr em pratica as manhas.
'Stavam ambos ao borralho,
Onde havia
Bellas castanhas
A assar.
Para ver se as comeria

Sem os dedinhos queimar,
—«A divisão do trabalho»
Disse ao outro: «amigo gato,
Como sabes bellamente,
Suaves torna de facto
As veredas d'esta vida;
É verdade mathematica,
Tão assente
Que ninguem d'ella duvida.
Pois nós vamos pôl-a em pratica
Comendo aquellas castanhas:
Tu com essas unhas tammanhas,
Que a natureza te deu,
As vais das cinzas tirar
Com geitinho, de vagar,
E bem pouco te incommodas;
E então eu
Com estas minhas mãosinhas
As ponho logo limpinhas
Tirando as cascas a todas.»
Pelo gato
Acceite foi o contracto.
Começam ambos na lida:
Porém o mono, á medida
Que o gato alguma tirava,
Com mestria
A descascava
E, em seguida,
A comia:
Até que, tendo voltado
A cabeça por acaso,
O gato percebeu tudo;
E, vendo-se assim logrado,
Mais não quiz continuar.
—«Amigo! dar-se-ha o caso,
Muito e muito de estranhar,
De seres tão botucudo»
Disse o mono: «que renegues

Os principios da sciencia...?
Julguei-te menos novato.»
—«Tratante!» responde o gato:
«Não a segues,
Mas tua conveniencia;
Porisso a desacreditas
Com essas manhas malditas.»

Quantos conseguem seus fins,
Com o manto
De sabio ou santo
Cobrindo tenções ruins?
Hypocritas, doutrinarios,
Adorando relicarios,
Ou com capa de prudencia!
Uns só fallando no céo,
Outros no publico bem,
Todos tem
O mesmo véo.
Malvados sem consciencia,
Com a sabença, com o tregeito,
Tratam de tirar proveito
Do mundo, que julgam seu (123).

FABULA 124.ª

Hercules e Juno

Quando Hercules deu entrada
Na côrte dos Immortaes,
Cortejou
Seccamente e por demais
A Juno, que estomagada

Lhe disse:—«Se aqui entrou,
Grande ingrato, a mim o deve;
Por minha causa é que teve
Occasiões de brilhar,
De mostrar
Quanto valia:
Agradecer-m'o devia,
Em vez de assim me tratar!»
Hercules não respondeu,
(A tolas não se responde)
Fez o que lhe corresponde
Em tal caso,
Poisque os hombos encolheu;
E disse baixo a Morfeu,
Que estava meio-acordado
Por acaso:
—«Que lhe parece o recado?
Tentou dar cabo de mim:
E vendo-me agora assim
No Olympo bem repimpado,
Quer lhe seja agradecido!»
Morfeu tinha adormecido.

De Juno ha muitos da raça;
Se podem, a vão pregando,
E, senão pegou, foi graça;
Porém sempre apregoando
O mau pago que levaram
Dos... que d'elles escaparam (124).

FABULA 125.ª

O espadim e o espêto

A folha d'um espadim
De Toledo, verdadeira
E do mais subido preço,
Foi por fim
Parar, após muitos tombos,
Ás mãos d'uma cozinheira;
A qual não lhe dando apreço
A metteu, abjecto
Espêto,
A frangos assar e lombos
Na lareira
Da cozinha.

Certo espadeiro, querendo
Um espadim completar
(Sem nisso muito gastar)
Ao qual a folha faltáva,
Sendo
Os copos e a bainha
No que já se reparava,
E não no ferro ou no córte
Quando era espadim de côrte,
Só ás salas destinado;
D'um espêto lançou mão
E o vendeu, muito enfeitado,
A illustre figurão.

Quantas folhas nobres, bellas,
Estarão

Ahi por entre as panellas!
Quantos espetos ornados
Andam nos paços dourados (125)!

FABULA 126.ª

O fundador e o conquistador

Dois rapasitos brincavam
(Eram horas de recreio)
Numa sala, onde no meio
Junto a grande mesa estavam
Sentados o pae e a mãe
E tambem
O mais velho dos rapazes.
Este de antigos baralhos
Edificava um castello,
Fragil sim, mas alto e bello,
(Quaes eu os faço e tu fazes
Fugindo a serios trabalhos.)
Montado numa bengala,
Picadeiro
Fazia o outro da sala.
Eis que o primeiro
Acabou
O edificio e gritou
Orgulhoso: — «Edifiquei
Aqui mui nobre solar,
Digno até d'um grande rei!»
— «Teu castello conquistei!»
Diz-lhe o irmão,
Que a mesa foi empurrar
E deitar
Todo o trabalho no chão.

O mais velho não gostou;
O pequeno larga a rir,
E a maman de se sorrir,
Tanta gracinha lhe achou!
—«Mal sabem» o pae lhes diz
(Que assim quiz
Dar a um e ao outro irmão
Uma salutar lição:)
«Mal sabem quanto imitou
Cada qual bem o modêlo,
Que tomou,
De grande conquistador
Ou de sabio fundador!
Tu, fazendo esse castello,
Tão fragil e miseravel,
Em teu orgulho julgavas
Que nos davas
Cousa bella e perduravel:
Tu, avesso a trabalhar,
Mas invejoso do irmão,
Foste lançar
Pelo chão
O seu castello-no-ar (126).

FABULA 127.ª

A serra

Pouco depois da invenção
Do podão,
Tanta bocca um homem fez
Num com que tinha lidado,
Que o julgou, por uma vez
De todo inutilizado,

E porisso o abandonou.
Outro, tendo em vão tentado
Talhar com elle, notou
Que, esfregando-o na madeira,
Cortava d'outra maneira
E, talvez, inda melhor.
Eil-o as boccas augmentando,
Egualando,
'Té que emfim
Da serra foi inventor,
Uma das mais preciosas
Entre as cousas
Inventadas!

Quantas achadas
Assim,
(Ou que ainda o hão de ser
No porvir)
Por quem busca descobrir
As causas pelos effeitos,
Onde nada sabem ver
Os demais senão defeitos?
E quantas vezes tambem,
Do que nos parece um mal,
A final
Tiramos inda algum bem?
Que o mau, sendo aproveitado,
Rende mais do que o melhor
Quando for
Desperdiçado (127).

FABULA 128.ª

O cão culpado

Com a fatal corda ao pescoço
Ia a padecer um cão.
Todos são
De carne e osso,
Todos somos peccadores:
Era porém seu peccado
Certamente dos maiores.
—Sendo cão dum lavrador,
Uma rez tinha matado
E atacado
O seu pastor!—
Contrito e arrependido
Pede, e lhe é concedido,
Á turba-multa fallar,
Não para se desculpar,
Poisque muito bem sabia
Quanto o castigo mer'cia;
Mas sim para que servisse
De lição o caso seu,
E, como este aconteceu,
A soluçar assim disse:
—«O lobo havia roubado
Um cordeiro.
Pelo cheiro
Fui-o seguindo e achei-o
Que, assustado,
A presa deixou em meio.
'Stava só, ninguem me via;
Tentou-me a carne macia

E nella me fui cevando.
Vem a ovelha procurando
O cordeiro, tive medo
Que o segredo
Fosse logo divulgar;
Talvez, quem sabe, accusar-me
De lhe ter matado o filho!
Entrei do crime no trilho;
Sem ao menos vacillar
Matei-a para salvar-me.
Naquella scena de horror
Eis sobrevem o pastor!
Desvairado
Como estava,
Certo de que me matava,
Lanço-me a elle: o cajado
Sobre mim descarregou...
Não me quiz alli matar
Para assim um exemplo dar.»

Nada mais contou
O cão,
Tambem pouco mais direi;
Só apenas, que tirei
D'este caso uma lição
Que me parece excellente,
Embora muito diff'ente
Da que tu, talvez, tiraste.
Notaste
Quão facilmente
De leve culpa escorrega
Culpado, quasi innocente,
Que até chega,
Criminoso mais e mais,
A cometter crimes taes!
Eu porém não julgo errar
Quando te faça notar
A grande, immensa,

Diff'rença
Que se dá
Entre o libello
Singelo
Dos crimes d'aquelle cão,
E os crimes, quaes elles são.
A verdade onde estará?
Que o réo é grande culpado,
Que tudo lhe foi provado,
Ninguem o póde negar,
Elle proprio o confessou:
Resta só *avaliar*
Como o caso se passou.
Porisso as nações modernas,
Seguindo as regras eternas
Da Justiça e da Razão,
Te chamaram, cidadão,
Para tudo ponderares,
E abrandares
Da lei os duros rigores.
Quando assim chamado fores
Não te esqueça
Pesar bem as intenções
Dos réos ante ti trazidos.
Nem sempre serão ladrões,
Ao menos endurecidos,
Aquelles que a lei processa
Por lançarem mão do alheio;
Nem sempre será tão feio
O crime como é pintado.
Porém, quando for provado
Que algum réo
É na verdade culpado,
Tu não podes perdoar;
Pois que assim irias dar
Aquillo que não é teu (128).

FABULA 129.ª

A mutua apresentação

—A bodas e a baptizado
Não vás sem ser convidado.—
O conselho desprezando
Figurão de contrabando
Sem real
Com outra firma que tal
Associou-se uma vez,
Para de conserva irem
Visitar certo burguez
(Trapalhão enriquecido,
Nunca d'elles conhecido)
E assim bem se divertirem
Aproveitando um saráo
Menos mau.
Entram: vai logo direito
Um d'elles ter com o sujeito
Que lhes indica o creado,
E diz muito descarado:
— «Que eu tenha a honra permitta
De apresentar-lhe meu mano
O conselheiro
Fulano.»
— «Agora que tenho a dita
De ser conhecido seu»
Ao burguez o companheiro
Diz: «espero me conceda
Que tambem assim proceda
E gostoso lhe apresente
Um mano meu,

Jornalista
E eminente
Estadista.»
O burguez, que *via pouco*,
Não percebendo o descoco
Deu-se por bem satisfeito.

Isto mesmo se tem feito,
Isto a cada passo vês,
Não com saráos de burguez,
Com a vulgar opinião.
Existe uma associação
Cujos membros apresentam
Uns aos outros, sem pudor,
Dos parvos á admiração,
E d'ella assim se alimentam.
Este é grande historiador,
Aquelle illustre estadista,
Não falta o insigne pintor,
Nem o talentoso artista,
O eximio professor...
É um pasmo!
Uns contra os outros se coçam,
Quaes os dois mulos de Erasmo;
E as letras, que assim endossam,
Na praça tem o valor
De bom oiro, ou inda maior (129)!

FABULA 130.ª

O pavão e o corvo

Qual mais voava dos dois
Para se ver, apostaram
O negro corvo e o pavão;
E depois
A exp'riencia, que tentaram,
Deu razão
Ao corvo, que voou mais.
—«Ave nojenta!»
Lhe grita irado o pavão:
«E tanto, que se alimenta
De já podres animaes!»
—«A questão»
Interrompendo-o lhe diz
A aguia, que era juiz:
«É saber quem mais voou:
Foi o corvo que ganhou.»

Muito mau que seja eu,
Não me neguem o que é meu (130).

FABULA 131.ª

O deputado em herva

Um rapasito engraçado,
E filho de deputado
Patriotico orador,
Um dia depois do almoço
Disse:—«Eu posso
Tambem ser
Dos povos o defensor,
Qual o meu qu'rido papá:
Querem vêr?»
—«Pois vamos lá»
Brada encantada a maman.
Não foi a promessa vã:
Numa cadeira trepado,
Que em tribuna logo arvora,
Eis o illustre deputado
Que diz:
—«Senhor presidente!
Hei de salvar o paiz:
O povo de fome chora,
Quer ser vestido e calçado:
Anda roto e indecente,
Dos pés com os dedos de fóra,
Tudo por não ter dinheiro:
Seus meninos, coitaditos,
Não podem comprar *bonitos!*
É porisso que requeiro,
Com licença do papá,
Que uma boa lei se faça
Aqui já,

Para que se dê de graça
A casa, o fato, o comer
A qualquer
Que o precisar;
Para nunca se mandar
Que jante fóra da mesa
Ou fique sem sobremesa
Quem não souber a lição;
Para que os meninos vão
Pelos bazares buscar
Cada qual os que quizer
Dos *bonitos* que alli ha;
Ficando eu autorizado
A ir primeiro ao *Chiado*,
Com a maman ou com o papá,
E para casa trazer
O que mais me appetecer.
Isto feito e muito bem,
Será feliz
O paiz
E os seus meninos tambem!»
Disse; e vai logo a correr
Á maman, que o abraçou
Com muito e muito beijinho
Pelo seu discurso bello.
O papá deu um risinho
Amarello,
Pois da graça não gostou.

Quem filho de peixe for
Será dextro nadador.
E para si procurando
Vai muito procurador,
Negocios de outrem tratando (131).

FABULA 132.ª

A andorinha e os passarinhos

Muito apprende viajando
Quem viaja, e não é tolo;
Pois, tendo fraco o miolo,
Dinheiro e tempo esbanjando,
Se burro vai, burro vem,
Qual o outro a Santarem;
Ou póde vir peiorado,
Muito ancho e empertigado
Com fumaças de... cavallo.
Mas d'esses aqui não fallo,
Sim de uma certa andorinha
Que muito apprendido tinha
No seu longo viajar.
Ora um dia
Que ella via
Andarem a semear
Num campo muita linhaça,
—«Olhem a sua desgraça!»
Gritou á passarinhada:
«Para mim não vale nada,
Para vocês porém é
Ou a morte ou a *galé*.
Do linho que vai nascer
Nascerem vejo cordeis,
De que em breve hão de fazer
Laços e redes fataes,
Muitas machinas crueis
Com que apanham os pardaes
E a vocês hão de apanhar.

Porisso, sem mais tardar,
É comer toda a linhaça
Com cautela,
Nem rastos d'ella
Deixando,
E bom proveito lhes faça.»
Comida muito melhor
Comendo e cantarolando,
Ouvidos de mercador
A isto os passaros dão;
Segundo a sua razão,
Era pouco de assustar
O p'rigo, por longe estar.
Cresce o linho e a andorinha
Recomeça a ladainha:
—«Meus conselhos desprezaram
E deixaram
Aquella peste crescer?
Agora resta morrer
Ou todo o linho arrancar.»
—«Não deixarás de prégar
Teus agoiros infelizes,
Bruxa velha e impertinente!»
Lhe respondem d'esta vez:
«Onde é que nós temos gente,
Onde a vês,
Para fazer o que dizes?»
E não pensaram em tal.
Maduro o linho afinal,
—«Fujam!» lhes diz a andorinha:
«Ou terão sorte mesquinha.»
Eis que logo a malta toda
Se amontoa d'ella em roda
E lhe faz vil assuada,
Surriada:
Era um temporal desfeito
Que par'cia na decencia
(Salvo o devido respeito)

Sessão d'algum parlamento;
E os conselhos da prudencia
Levou-os comsigo o vento.
Com morte cruel pagaram
Muitos a sua demencia,
De gaiola outros findaram.

Assim pelo mundo vai
Caminhando a leviandade,
Até que no abysmo cai.
Fecha os olhos á verdade,
Foge de se incommodar,
Emquanto póde vencer
Pequena difficuldade.
Esta cresce de vagar,
Mas tammanha chega a ser
Que só resta emfim chorar,
Ou na desgraça morrer.

Escutae-me mães e paes:
Quando os filhos que educais
Não forem por bons caminhos,
Lembrae-vos dos passarinhos
E da sorte que tiveram.
Se não sois obedecidos,
Seguindo as idêas velhas
(Algumas sensatas eram
Em termos, e só o abuso
Foi que lhes matou o uso)
Não lhes falleis aos ouvidos,
Puxae-lhes bem as orelhas (132).

FABULA 133.ª

O cego e o paralytico

Quando andavam legalmente
Muitos pobres mendigando,
(Hoje é isso contrabando)
Coisa feia
Certamente;
Da qual porém o remedio
—Um asylo (uma cadeia)—
Bem pouco me agrada
Ou nada;
Sentindo não ter havido
Quem achasse um termo medio,
Pelo qual o desvalido
Não seja, como culpado,
Da liberdade privado:
Nesse tempo, um pobre cego
Ao seu bordão encostado
Ia com todo o socego
Por onde estava deitado
Paralytico a pedir;
No doente tropeçou
E em cima lhe foi cahir.
—«Fóra, bruto! que não vê
Onde deve pôr o pé!»
O tolhido
Lhe bradou,
Que contra o cego se agasta
Ignorando que elle o é.
—«Mais bruto será você,
Ahi no chão extendido

A grunhir,
Que não se afasta
De quem não o póde enxergar.»
—«Deixam-me aqui a pedir
E á noite me vem buscar,
Em-pé não me posso ter.»
—«Amigo,» o cego então diz:
«Já que a natureza quiz
Que nem você possa andar
Nem eu ver,
E comtudo lhe foi dar
Vista boa,
E a mim pernas sans e fortes,
Unamos as nossas sortes:
Eu, por toda essa Lisboa
Com você vou carregar;
Por si ando, vê por mim,
E vivamos sempre unidos,
Dos ganhos bem repartidos.»
Dicto e feito,
De ambos com grande proveito.

Cego
Perspicaz assim
Sabia ver
A valer,
Mais que outros com boa vista:
Percebia claramente
O que ha tanto anno eu prégo,
Toda a vida prégarei,
Num ermo qual o Baptista:
—Não á força ou de repente
Se ha de
Revogar a lei
Da humana desegualdade.
Emquanto ella nos reger,
Uns só capazes de ver,
E outros só de caminhar,

Longe de se combater
Tratem de se associar:
Todos nisso hão de ganhar (133).

FABULA 134.ª

Os cães valentes

De canzoada cercado,
'Stava um cão d'agua sentado:
Viajara em todo o mundo
E sabia
O que dizia,
Pois tudo estudara a fundo.
—«Amigos!» lhes brada então:
«Em que me custe dizel-o,
Pois tambem me chega ao pello,
Forçoso é confessal-o:
Degenerados estão
Os cães da nossa nação;
Na India sim o regalo
Tive de os ver sem eguaes.
Que valentes animaes!
Accommetter até vão
O leão
Nos mattagaes!»
—«E logram elles vencêl-o?»
Pergunta, a um canto mettido,
Rafeiro velho e prudente,
Que um valente
No seu tempo havia sido.
—«Tanto... não posso dizel-o»
Lhe responde o orador:

«Porém ha de conceder
Que é mostrar muito valor
Combater
'Té com o rei dos animaes!»
—«Eu só acho que é demais,
Quando o não possam vencer»
Lhe torna o velho censor:
«Valentia sem prudencia
Cheira não pouco a demencia.
Trata pois só de contar
Quanto se deva imitar,
Nobre sim mas de razão.
Essas loucas ousadias
Brilhantes, ôcas poesias
Todas são;
Deixam a gente pasmada,
Mas valem mui pouco ou nada.»

Incriveis heroicidades,
Lendas de antigas edades,
Podem, se tanto, servir
Ocios para divertir.
As forças todas que tem
Deve cada qual medir,
Para ver
Quanto lhe cabe fazer,
E depois fazel-o bem (134).

FABULA 135.ª

O protesto

Uma cabra e um carneiro
Mais um porco eram levados

Á cidade
Em carro puxado a bois;
Os primeiros mui calados
De vontade,
O porco em alto berreiro.
—«Não pódes» diz-lhe o carreiro:
«Como fazem esses dois,
Mudos que ninguem os ouve,
Calar a porca da bocca?»
—«Vae prégar
A uma horta,
E ganharás uma couve,
Pelas tuas prégações»
Responde o porco a gritar:
«Esses tem cabeça ôca,
Se assim ir
Lhes não importa;
Ou talvez suas razões
Que os levem a acreditar,
Um, que o querem tosquiar,
Outra, que lhe vão mungir
O leite de porta em porta;
E póde ser que assim seja.
Eu já sinto nas guelas
A dura faca espetada,
Já a carqueja
Queimada
Me cheira tudo: em morcelas
E chouriços me 'stou vendo
Pendurado num fumeiro,
Pois eu muito bem entendo
Que me querem chacinar
E a carne e o sangue comer.
Contra isso e num berreiro
Protestar
Quero assim, até morrer.»

Tinha de certo razão

O porco, que protestava
Contra aquella que julgava
Injusta condemnação.
Protestar é um direito,
O qual se deve exercer,
Seja ou não certo o proveito
Que d'elle se possa obter.
Direi mais: é o dever
De sempre ao mal resistir.
Um só protesto, inda justo,
Do fraco, desprotegido,
Vale pouco ou vale nada
Do mundo no alarido,
D'elle podem rir
Sem susto;
Começo apenas de escada,
Um degráo não é notado;
Com um só golpe de machado
Não cai o roble no chão.
Porém os tristes gemidos
De quem soffre injustamente,
Que nos parecem perdidos
Muito tempo em vão
Nos ares,
Juntando-se lentamente,
Aos milhares,
Os degráos,
Os golpes são
Com que vai a humanidade
Cortando os costumes maus,
Derrubando a iniquidade
E subindo á perfeição.
Os protestos, quando justos,
Crescendo chegam a ser
Preceitos, dos mais augustos,
Para o mundo se reger (135).

FABULA 136.ª

A lagarta e o bicho da seda

Das artes industriaes
Numa grande exposição,
Que o leão
Promovera em seus estados,
Os diversos animaes
Ficaram maravilhados
Vendo o cazulo da seda,
Obra tão bem acabada
De industrioso bichinho.
—«Talvez haja quem exceda
Essa teia tão gabada:»
Mais que farta
De tanto elogio ouvir
Disse baixinho
A lagarta.
Eis logo o foi repetir
Em voz mui alta a raposa
Accrescentando-lhe:—«A glosa
Que nós ouvimos agora
Não deve espanto causar;
Sabemos que esta senhora
Tambem se mette a fiar (136)...

FABULA 137.ª

O argueiro

O grande Jove chamou
Um dia em roda de si
A quantos bichos creou
E assim lhes disse:—«Eis-me aqui
Para reparar aggravos
A todos os animaes:
Sejam mansos, sejam bravos,
Inda os menos racionaes,
Não reconheço excepções;
Exponham suas razões
Livres de qualquer receio,
Que eu buscarei algum meio
Não levando a ninguem custas,
De attender
A queixas justas.
Falla primeiro, macaco;
Muitas de certo has de ter:
Anda lá, despeja o sacco.»
—«Nenhuma tenho, Senhor,»
Diz o mono: «pois melhor
Do que eu haverá alguem?
Se o homem duas mãos tem,
Quatro eu tenho e sou capaz
De duas erguer do chão,
O que elle nem sempre faz.
E tanta é a admiração
Que consagra ao meu talento,
Que o vejo a cada momento
Tratando só de imitar.

O plebeu imita ao nobre;
Vê-se o homem abastado
Copiado
Pelo pobre;
'Té te quer macaquear!
Depois de desfigurado
Segundo a sua razão
Com quantos defeitos tem
Que baptiza de virtudes;
Donde vem
Seres norma e imitação.
Peço pois que não me mudes,
Nem para isso eu cá vim.
Lembro-te o urso: esse sim,
Foi muito mal acabado...»
—«Chamem esse desgraçado!»
Disse Jove sem se rir:
«Quero ouvir
O seu recurso.»
—«Prompto!» respondeu o urso:
«Deixa fallar o macaco,
Que bem a fundo conheces,
E que, se aqui não 'stivesses,
Levava para tabaco.
Embora me chame hirsuto,
Em menos não me reputo
Do que elle, do que os demais
Animaes
Que tenham fino criterio
E que em tôrno de ti vejo.
Apesar
Do meu ar
Serio,
Da minha chantrenidade,
Como elle, posto nos pés,
Eu sou capaz de dançar
A toque de realejo,
Com applauso da cidade,

Elegantes *balancés:*
Em mim não quero mudanças.
O elephante carrancudo,
Esse sim, que é um massudo
E não nasceu para danças.
Pedaço d'um grande mono!
Parece ter sempre somno
Naquelle olhinho mortiço,
Sem rasto de sobrancelhas.
E que dentuça! que tromba!
Faze-lhe o grande serviço
De lhe aparar
As orelhas,
E o rabo tão apoucado
Accrescentar
Com uma tomba.»
É chamado
O elephante, que vem
Dizer que está muito bem:
Que não se quer emendado,
Pois é gentil, comparado
Com a baleia,
Immensa, gorda e tão feia,
Que até se vai esconder
Onde não a possam ver.
Jura esta que ninguem
Mais razão do que ella tem
De 'star muito satisfeita.
Que é grandita, mas perfeita:
Gorda, porém a gordura
Signal é de formosura;
Antes assim que formiga.
Furiosa esta
Protesta
Que em nada
Do que ella veja
Aspira a ser augmentada,
Embora a baleia o diga;

Pois, se falla, é por inveja:
Que está deveras contente
Com o seu tammanho decente.
—«Olha!» diz ella: «o oução,
Esse póde ter razão
De se queixar, coitadito,
Sempre é muito pequenito!»
E assim vão
Fallando todos:
Cada qual só tem apodos
Para os outros animaes,
Em si vê a perfeição.
Mas de todos o que mais
Mostrou sua sem-razão
Foi o rei da creação:
Cheio de orgulho e tolice
Tanto disse
Enfatuado,
Tanta cousa parva eôca,
Que por fim Jove enfadado
Mandou-o calar a bocca.
Havendo todos fallado
Sem nenhum se lhe queixar,
Por Jove são despedidos,
Convencidos
De seu merito profundo,
Mas o alheio a criticar.

Assim foi sempre e ha de ser
Emquanto o mundo for mundo:
Cada qual procura ver
No olho d'outrem o argueiro,
Mas não póde perceber
Que tem no seu um madeiro (137).

FABULA 138.ª

A culpa armada

'Stavam dois irmãos brincando.
Ora um d'elles, desejando
Ver o outro castigado
Que lhe não fizera mal,
Foi obrigado
A buscar
Á queixa alguma causal:
E assim, poz-se-lhe deante
Com um dedo pouco distante
Dos olhos d'elle, dizendo:
—«Sendo
De todos o ar,
Não é mais teu
Do que meu,
E não tenciono arredar
Tão cedo
D'aqui o dedo.»
Impaciente o irmão
Afinal lhe deu
Na mão
Rijo tabefe.—«Ai! Ai! Ai!»
O outro correndo vai
Á maman: «que lhe bateu
O mano contra razão,
E deve ser castigado.»
Assim o foi, attendendo
A mãe ao denunciado
De modo algum ao motivo

Do crime provocativo,
Percebêl-o não podendo.

Cada dia estamos vendo
Empregar aquelle meio
(O qual leio
De antigos mui praticado.)
Arma-se bem o enleio,
Segundo for conhecido
O genio do desgraçado,
Que desejam ver
Perdido;
'Té que, por mais não poder
Supportar com paciencia,
Perca emfim as estribeiras,
Galgue todas as barreiras
Da prudencia,
Dê por pedras, dê por paus:
É então
Que bons e maus
Todos á uma lhe dão (138)!

FABULA 139.ª

A responsabilidade

Quem da causa é causador
Responda pelo causado.
Porisso *quasi* é culpado,
Tanto
Quanto
O roubador,
O que for

Desmaselado,
Quem a porta não fechar
Deixando-se assim roubar.

Um quinteiro creador,
Que boas gallinhas tinha,
Ia deitar-se á noitinha,
Contando que o seu criado
Tivesse todo o cuidado
(Como de certo devia)
De observar se não havia
Alguma porta a fechar
Dando para o gallinheiro.
Ia-se o moço deitar
Fiado num bom rafeiro;
E este farto de trabalho,
Todo o dia atraz do gado,
Dormitava seu boccado
De vez em quando ao borralho.
D'esses taes num intervallo
Veiu a raposa matreira,
E furtou da capoeira
Quantas gallinhas havia,
Não poupando nem o gallo.
No outro dia
O quinteiro,
Por se ver assim roubado,
Levantou alto berreiro;
Quiz despedir o criado,
A quem, para o castigar,
Fez á custa do ordenado
Parte do furto pagar.
O moço foi-se vingar
Dando uma tosa no cão,
Que, sendo o menos culpado
Foi então
Mais castigado!
Quem o que é seu descurar

De si se deve queixar,
E quem maus exemplos der
Terá de se arrepender;
Reproduzidos,
Seguidos
Contra si os póde ver.
O mal, assim como o bem,
Sempre de cima é que vem (139).

FABULA 140.ª

Os extremos

Um homem, por muito olhar
Para o sol, veiu a cegar:
Outro, que tal caso viu
E a mesma sorte temeu,
Da luz do dia fugiu;
Em negro antro se metteu,
D'onde nunca mais saiu.
Assim por modos diff'rentes
Ambos foram padecentes,
Afinal,
Do mesmo mal;
Pois nem um nem outro via,
Privado da luz do dia.

Muitas vezes assim temos
A tocarem-se os extremos (140).

FABULA 141.ª

O relogio de parede

Vendo pela vez primeira
Um relogio numa feira,
Dos que chamam de parede,
Chega-se um lapuz e pede
Lhe digam o que é aquillo.
—«Um relogio; assim se chama.
Póde você 'star na cama
Muito ás escuras, e ouvil-o
Dizer as horas que são.»
Repara então.
Mais attento,
No relogio o tal lapuz
E responde:—«Eu cá suppuz
Ser cousa de catavento,
Pois muda a cada momento,
Ora á esquerda ora á direita.
Obra será mui perfeita,
Mas eu vejo que desfaz
O que faz;
Por mais que você m'o atteste,
Não me parece que preste.»
—«Venha cá, faça favor,»
Lhe dizem: «olhe você
Mais acima; e alli vê
Uma chapa com signaes,
Que se chama o mostrador,
Pois mostra a hora que for;
E dois braços deseguaes,

Chamados os dois ponteiros,
Que nelle apontam certeiros,
Um todas as horas dadas,
Outro os minutos passados.
Anda para ambos os lados
Isso que ahi vê mexer,
Sessenta vezes contadas;
E então
Um dos ponteiros andou
Só um passo; e póde ver
Que, sessenta quando são,
Correu o circulo inteiro.
Entretanto o companheiro
Vagaroso caminhou
D'um ao outro dos signaes
Que alli as horas declaram,
Nos caminhos deseguaes
Ambos pois elles gastaram
Uma hora que passou,
Que não póde voltar mais.»
—«O que me esteve a contar
Tanto monta para mim
Como se ouvisse miar
Um gato no meu telhado»
Brada o labrego enfadado:
«Será isso tudo assim;
Mas, se o olho não me mente,
O que eu vejo claramente
É fazer
E desfazer.
Adeus! Temos conversado.»
E foi-se mui convencido
De que lhe haviam mentido.

Vês o mesmo acontecer
Com muitos, que não lapuzes;
E que, embora tenham luzes,
Não podem, não querem ver,

Que o processo
Natural á humanidade
No conseguir a verdade
É a acção
E a reacção,
Que o verdadeiro progresso
Em resultado lhe dão (141).

FABULA 142.ª

O juiz «ad hoc»

—«Se a aguia sabe voar,
Tambem eu sei: sou capaz
De fazer quanto ella faz,
Não duvido de apostar»
Disse á toupeira o pardal:
«Tu inda assim não vês mal,
Vais julgar.
Alli a tens: ao abrir
As azas, hei de a seguir.»
Assim fez,
Gritando: «Vês?»
A toupeira mal os viu
Quando um e outro partiram;
Um só momento os seguiu
No principio da jornada,
Poisque logo se sumiram
Ao seu tão debil olhar;
Ficando capacitada
De que podia o pardal
Bem, qual
A aguia, a voar.

Segundo alguem escolher
O juiz que lhe aprouver,
Ou o tenha de acceitar
Como lh'o quizerem dar,
Muita vez alcançará
Alvará
De propheta
Ou de pateta,
De portento
Ou de jumento (142).

FABULA 143.ª

O lobo e o cão

Só com a pelle e o osso estava
Um lobo que jejuava,
Mas não por sua vontade,
Em desconto de peccados:
Tanto andavam resguardados
Da sua ferocidade
Quantos rebanhos havia
Pela sua freguezia!
Eis porquê um cão de gado,
Grande, forte e anafado,
Encontrando-o certo dia
Lhe disse:—«Teu inimigo
Devéras
Eu já não sou;
Por signal, que hoje te dou
Este conselho de amigo:
Deixa o matto e as demais feras;
De tal viver o que esperas?

Fome certa: cada vez
É mais raro que uma rez
Se extravie e tu a colhas.
Hervas não comes ou folhas
Nem bolotas ou raizes,
E, embora da nossa raça,
Fracos tens esses narizes
Para viveres de caça.
Guerra sempre; crua guerra
De exterminio em toda a terra,
Que todos os dias é
Pelos homens mais e mais
Conquistada
E occupada,
Onde podem pôr o pé.
Entre tantos e tão varios
Animaes
Escolheram
Aquelles que lhes par'ceram
Uteis, senão necessarios;
Os outros são inimigos,
Dão-lhes caça
Para acabar-lhes com a raça.
D'aquelles dizem-se amigos,
Quando mansos se sujeitam,
Porque d'elles se aproveitam
Para o trabalho, ou sustento,
Ou simples divertimento:
Vão vivendo á sua custa,
Nem as pelles lhes engeitam,
(Pois na humana sociedade
Chama-se a isto—amizade.)
Não quero saber se é justa
Essa guerra, ou se o não é:
Tenho por ponto de fé
Que os homens hão de vencer,
Pois tem muito mais saber.
Porisso, meu caro lobo,

Antes ser sabujo e bobo
E regalado viver,
Do que metter-se a valente
Não tendo em que atole o dente,
E no fim vir a morrer
Ou de fome ou de algum tiro.
D'aqui é que eu não me tiro:
O meu bestunto me diz
Que, se tudo isto assim 'stá,
É porque Jupiter quiz;
O qual, certo, a força dá
Ao que melhor razão tem.
Eia pois reflecte bem,
Se não queres acabar
Ou d'um tiro ou de laseira,
E verás quanto fagueira
Te vai a vida
Escoar.»
—«Porém, como hei de apprender
Esse modo de viver?»
Volta o lobo, decidido
A deixar a dura lida
Em que havia encanecido.
—«Facilmente, meu irmão,»
Lhe responde logo o cão:
«Eu num instante t'o ensino,
E não sou grande doutor,
Nem presumo de ladino:
Fazer festas ao senhor,
Mas sem lhe sujar os fatos;
Muito respeito á senhora,
(Ellas gostam mais dos gatos);
Aturar tudo ao menino,
Por mais que seja mofino;
Correr pela porta fóra,
Já se sabe, esmordaçado
Quanto pobre esfarrapado
Em casa se introduzir;

Perseguir
A quem passar
A cavallo ou de cajado;
Agradar
Muito ao creado
E não menos á creada,
E ter a casa guardada.
Em troca terás decente
Cama; e para o teu dente
Bellos ossos de tutano,
Fartas sopas e bem gordas,
Com que engordas,
E tua festa á mistura.
É um viver franciscano!»
Pensando em tanta ventura
Que mal parece verdade,
Chora o lobo de ternura.
Quem me dera já na herdade»
Disse elle: «meu caro irmão!»
—«Vamos» lhe responde o cão.
Marcham ambos de conserva.
O lobo que tudo observa,
Ao outro vê mui rapado
Um pedaço
Do cachaço.
—«Porque estás ahi pellado?
O que é isso?»
—«Não é nada:
Sempre és muito espantadiço!
São effeitos da colleira,
Que está um pouco apertada,
Mas é ligeira
E dourada.»
—«Julguei que andavas á sôlta?!»
—«Nem sempre: dou minha volta
E depois sou amarrado.»
—«Fico-te muito obrigado
Por tuas boas tenções;

Mas foram-se as illusões,
Que eram bellas na verdade:
Para mim, sem liberdade,
Sempre é mau qualquer contracto.
Adeus cão, eu volto ao matto;
Livre prefiro morrer
De fome, á vida algemada.»
E, sem que resposta ouvisse,
O lobo deita a correr
Mais que se ao rabo sentisse
Alguma lata amarrada.

Entre a morte e a escravidão
Quem deixará de escolher
A primeira com denodo?
Só aquelle que tiver
O vil modo
De pensar, que tinha o cão (143).

FABULA 144.ª

A leoa e a coelha

— «Leoa!» disse a coelha:
«Não vejo porque será
Que, 'stando eu bastante velha,
Ainda tenho cada anno
Tantos filhos que... sei lá?
Ás dezenas!
Emquanto, se não me engano,
Tu para amostra do panno
Um apenas
Podes ter.»
—«É facil de perceber»

A leoa respondeu:
«Teus filhos laparos são;
O meu
Um nobre leão.

Vale a boa qualidade
Muito mais que a quantidade (144).

FABULA 145.ª

Esopo e o burro

Foi o burro ter com Esopo
E disse-lhe:—«Eu não me poupo
O mundo a moralizar,
Poisque a tudo me sujeito:
Nisso te quero ajudar,
Como julgo tenho feito.
Mas vamos lá: o zurrar
Sempre, sempre, não tem geito.
Vê se me podes metter
Nalgum conto,
Sem fazer
Papel de tonto,
De ignorante patarata:
Cousa chistosa
E sensata
Diga, embora faça rir;
Uma glosa
Apimentada,
Um dito bem acerado
Me podes attribuir
Contra essa infame cambada
Que me quer sempre albardado.»

—«Amigo!» Esopo lhe diz:
«Eu não quiz
Nunca offender-te;
Talvez mesmo não acerte
Quando te pinto, qual julgo
Que tu és, e o crê o vulgo:
Mas, se eu te fosse pintar
Outro, punham-se a gritar
Que havia errado a pintura,
E que tinhamos ficado
Tu, moralista assisado,
Eu, com a tua embocadura.»

Se quem fizer boa cama
Nella póde bem dormir,
Destruir
A ruim fama
Não é facil conseguir (145).

FABULA 146.ª

A caridade economica

Eu conheci um sujeito
Que nunca deu uma esmola
A ninguem:
Tinha arranjado a seu geito
Norma de fazer o bem
Não gastando um só vintem;
E vejo que deixou 'schola.
Extremava o tal amigo
Muito o pobre do mendigo:
Este era sempre um vadio
Que trabalhar bem podia,

Um sadio
Que doente se fingia,
Rico, talvez, encoberto
E não car'cendo de certo
Senão de ser castigado.
O outro um desventurado,
Bem digno de compaixão;
Pobrezinho envergonhado,
Escondendo, sem ter pão,
Sua sorte desgraçada
Nalguma agua-furtada,
Onde de fome morria.
E quanto elle o lastimava!
Porém nunca o procurava
Nem sabia
Onde existia;
Porisso nada lhe dava.

Ser melhor não te parece
Desprezar aquella eschola,
Pois sabe Deus quem merece;
E darmos a nossa esmola
(A pobres envergonhados
Não deixando de acudir)
Aos velhos, aos aleijados,
Aquelles que desgraçados
Por ahi vemos soffrer?
Emquanto lei não vier
(Deve vir,
Se querem ser coherentes...)
Que puna como malvados,
Com penas pouco diff'rentes,
Aquelle que esmolas dá
E quem as pede a carpir?...
Pois a todos claro está
Que réos egualmente são,
Por pedir ou por dar pão.
E que, se a lei impedisse

Das esmolas a mania,
Por certo não haveria
Tanto pobre que pedisse (146).

FABULA 147.ª

O cão, o lobo e o pastor

Atraz d'um lobo gritava
(Que prudente se afastava)
Certa tarde
Um cão de gado,
O qual ia acompanhado,
A distancia, do pastor
De temivel chuço armado:
—«Não fujas de mim, covarde!...»
—«Nem tu faças tanto alarde,
Impostor,
D'essa grande valentia!
Como vens com as costas quentes,
Já não temes estes dentes...»
Brada o lobo, pois sabia
Porque o outro assim fallava:
«Olha que estás enganado;
De ti não fujo,
Sabujo!
Nem do pastor se me dava,
Se estivesse desarmado
(Achou isso mais prudente)
Vocês veriam então...»

O denodo d'este cão
Has de vêl-o em muita gente (147).

FABULA 148.ª

O mocho e a aguia

Feitas finalmente as pazes
E dado o fraternal chocho,
Disse á aguia o negro mocho:
—«Vê lá agora o que fazes!
Os meus filhos não devores:
De lindas pennas cobertos,
Tão espertos!
Parecem mesmo umas flores!
Mostram ter tanto talento
Que de fazêl-os doutores
Já não desisto do intento.
Mal te podes enganar,
Só se estás de todo cega.»
Responde a aguia:—«Socega!
Nem precisas dizer mais;
Com todos esses signaes
Não t'os posso molestar.»
E com verdade dizia
A aguia quanto sentia;
Que o brioso
É verdadeiro,
Aborrece o mentiroso,
Tem nojo do trapaceiro:
Não as forças corporaes,
O valor inspira o forte,
Que antepõe soffrer a morte
A vilezas praticar...

Nuns pinhaes
E em toca mui bolorenta

Foi ella um dia
Encontrar
Ninhada feia e nojenta.
Vontade não lhe mettia
De a comer: mas, apertada
Da fome, enguliu a empada
Muito pouco estomacal.
Tinha-a apenas
Devorado,
Deixando só pés e pennas,
Quando lhe apparece ao lado
O mocho!... Imaginem qual
Este deu grito de dor,
Que brado de indignação,
Vendo dispersos no chão
Os restos dos filhos seus!
Erguendo os olhos aos céos
Pede um raio vingador
Sobre o impio matador.
Mui pesarosa lhe diz
A aguia: — «Amigo, eu não quiz,
Juro aos céos, causar-te lucto;
Isto foi o triste fructo
De me informares tão mal,
Poisque nem um só signal
Tinham elles de entre tantos
Que, muito não ha, me déste.»
— «Ai de mim! que não soubeste»
Responde-lhe o mocho em prantos:
«Quando me estavas ouvindo,
Perceber que os meus filhitos
Para mim eram bonitos,
Embora não para os mais;
E que um filho é sempre lindo,
Visto com os olhos dos paes.»

Inda mal
Que esta cegueira

Nos homens é verdadeira,
Bem como o seu resultado
É tantas vezes fatal!
Não seja o filho educado
Só com os mimos de seus paes,
Que nelle não vêem mais
Do que dotes, perfeições.
Eu não fallo de feições,
Mas do brio e qualidades
Moraes,
Intellectuaes.
Fogem as tenras edades,
Vem os annos que os ensinam
(Quantas vezes cruelmente!)
Que não é o que imaginam
O modo de educar gente (148).

FABULA 149.ª

A velha e a gallinha

Mulher avarenta e velha
(De dotes feia parelha)
Sustentava uma gallinha,
Na qual um thesouro tinha,
Pois lhe punha cada dia
Um ovo e (quem tal diria?)
De boa prata massiça!
— «Se eu muito o papo lhe enchesse,
Dois ovos talvez posesse,
Maiores eram meus ganhos»
Movida da vil cobiça
Pensou ella; e assim o fez.
Cada dia duas, tres
Vezes com os torpes gadanhos

De comer o atafulhou,
Até que tudo perdeu,
O papo lhe rebentou
E a gallinha assim morreu (149).

FABULA 150.ª

O lobo e o homem

Um lobo,
Vendo que o roubo
Cada dia menos dava,
Poisque mais e mais estava
Elle já cançado e velho;
Quiz tomar outro caminho
Menos p'rigoso e damninho.
Seguiu prudente conselho;
Mais que o *nunca* vale o *tarde:*
Comtudo ninguem retarde
O cumprir o seu dever;
Não lhe aconteça perder
As boas occasiões
E fique tudo em tenções,
Até que venha o morrer.
Este lobo andou melhor:
Procura certo pastor
Que o seu cão tinha perdido,
(Inda assim falla afastado
Com receio do cajado,
Que era comprido
E ferrado.)
—«Pastor!» lhe diz: «venho aqui,
Porque afinal resolvi
Deixar-me de ser ladrão:

Dá-me o logar d'esse cão
Que te morreu, e verás
Nunca te arrependerás.
Já 'stou maduro, é verdade;
Mas muito póde a vontade:
E, andando eu bem tratado,
Pasmarás
Ao ver-me guardar o gado.
Nada tendo que temer...»
—«E, se eu te fosse metter
Em casa, quem guardaria
Contra ti o meu rebanho?
És esperto!
Tinha graça se eu cahia
Em tammanho
Desacerto!»
—«Pastor! se tu não me queres
Em casa, vê se preferes
Ao mal que posso fazer-te
A paz que venho offer'cer-te.
Ovelhas muitas te posso
De certo ainda matar;
É carne que tem seu osso,
Sempre a pelle é arriscar...
Mas assim tenho vivido
D'aquellas que hei comido,
E tenciono inda viver
Das que te venha a comer.
Façamos pois um ajuste,
Que julgo ser razoavel:
Tu dás-me (em que te custe,
Pois dar não te é agradavel)
Cada um anno seis ovelhas,
Sejam magras, sejam velhas,
Ou ainda adoentadas;
E temos feitas as pazes.»
—«Se outra proposta não trazes,
Perdeste, vindo ora aqui,»

Volta o pastor: «as passadas.»
—«Se entendes que te pedi
Muitas, olha, eu não me affinco
Em serem seis: dá-me cinco,
Dá-me quatro, dá-me tres...»
O pastor
Vai cada vez
Dizendo—não, com a cabeça.
—«Agora essa
É melhor!»
Brada emfim: «ir eu pagar
Tributo para evitar
Que o meu gado
Me seja por ti roubado!
Nem um cordeiro sequer.»
—«E, quando alguma morrer
De doença,
Dás licença
Que eu a venha aqui buscar?»
—«Licenças, rezes, conselhos,
Nada emfim te quero dar.
Inimigos somos velhos,
E diz sensato dictado,
—Quem seu inimigo poupa
(Muito mais quem o soccorre)
Ás mãos de certo lhe morre.—
Para ti só um forcado,
Uma choupa,
Uma bala, e nada mais.»
—«Pastor! pastor! é demais:
Nem um osso
Me queres dar! Eu não posso
Comer hervas; só as come
Quem nasceu para as comer.
Pretendes que eu morra á fome,
Pois não me deixas viver:
Abusando da destreza
Que te deu a natureza,

Tomaste conta de tudo,
Quer pequeno quer graúdo,
Nada deixando aos demais
Desgraçados
Animaes;
Senão aos escravizados
Por ti, em proveito teu:
De certo tambem vim eu
Ao mundo para viver.
Usurpaste toda a terra:
Hei de pois mover-te guerra,
Ou de fome hei morrer.»
—«Morre!»
Lhe brada o pastor:
«Não podes fazer melhor;
Que eu de ti não tenho dó.»
O lobo perde a cabeça,
Furioso eil-o corre:
—«Pois não hei de morrer só!»
Grita; e ao homem se arremessa.
Travam lucta: o homem brada,
Gente armada
Lhe acudiu,
E morto o lobo cahiu:
Mas, se o pastor não morreu,
Das f'ridas o resultado
Deixou-o em tal estado
Que toda a vida soffreu.

Qual d'elles nesta questão
Teria melhor razão?
Difficil é responder.
A que chamam social
(Algum tanto a ella egual)
Não se póde resolver,
A meu ver,
Por culpas de ambos os lados
Int'ressados.

Que a decidam
Os que sabios se appellidam,
Estadistas encartados;
Ou teremos que soffrer
Sorte egual á do pastor,
Quando não seja peior (150)...

FABULA 151.ª

As aranhas e as boas-novas

Em casa d'uns agoirentos
Guerra faziam de morte
As aranhas, que nojentos
Insectos devéras são;
Mas por mera embirração,
Pois as julgavam funestas.
Melhor sorte
Tinham lá as borboletas,
Não as pretas
(Tambem estas
Para os parvos são mofinas
E levavam grandes sóvas);
Mas as brancas, pequeninas,
As quaes chamam boas-novas,
Poisque trazem novas boas
A pessoas,
Ainda das mais machuchas,
Que são tementes a... bruxas.
Muitas vezes as salvavam,
Se presas ellas estavam
Das vis aranhas nas teias.
Santa gente!
Andavam as casas cheias

Do tal bichinho innocente ..
Porém, quando um dia abriram
Gavetas
Onde guardavam
Roupas de lã; então viram
Que eram pêtas
Tudo quanto acreditavam,
Poisque o fato lhes roiam
As prezadas borboletas;
Quando as nojentas aranhas,
Com suas teias e manhas
Os serviam,
Contra aquelles inimigos
Disfarçados em amigos (151).

FABULA 152.ª

O burro e o espelho

Burro que, embora já velho,
Muito bem não conhecia
Suas feições, nem sabia
Que cousa fosse um espelho;
Quando se viu retratado
Num grande, que pendurado
Estava em casa onde entrou,
Exclamou,
Pois julgava
Que fallava
A outro pobre animal,
Postoque da mesma raça:
—«A tua ignobil caraça,
Teu aspecto bestial,
Imagem da estupidez!

Mostram bem o que tu és,
O que ha de d'ahi surdir,
Escoria da natureza!»
—«Olha que tu 'stás a rir
De ti, da tua belleza!»
Pousada sobre uma mesa
Pêga mordaz lhe gritou.
O burro fica passado,
Quando a pêga se explicou!
Depois, tendo bem fitado
A imagem, diz:—«Vituperio
Cubra quemquer que zombar
D'aquelle olhar
Nobre e serio;
Conhecimento do mundo
Mostra elle e bem profundo:
Aquella orelha cahida,
Aquelle cahido labio,
Signaes são de quem a vida
Levou sempre a meditar:
Quem quizer
Pintar
Um sabio,
Assim o deve fazer,
Ou será fraco pintor.»

Ambos nos rimos, leitor,
Do burro: não somos sós,
Elle a todos causa riso.
O peior será se nós
Mostrarmos egual juizo
Fazendo amargas censuras
Aos outros por seus defeitos,
Os quaes, se nossos achamos,
No mesmo instante julgamos
Virtudes e formosuras,
Pois somos sempre perfeitos (152).

FABULA 153.ª

Os altos e os baixos

Para o bem
E para o mal,
Seja lá para o que for,
De cima os exemplos vem:
É o homem animal,
Mais que tudo, imitador.

Amanhando um lavrador,
Já de edade,
A sua herdade
De altos e baixos composta,
Adubava
Muito a encosta
Dos outeiros 'té ao cimo,
Mas aos valles nem um limo
Para adubo ministrava.
Notando isto alguem lhe disse:
—«De taes cousas pouco entendo;
Mas parece-me tolice
O que você 'stá fazendo,
Pois aduba só metade
Das terras da sua herdade.»
—«Amigo!» responde o velho:
«Ou seja tolice ou não,
Eu cá sigo este conselho
Que me deixou
Meu avô
E o dá tambem
A razão;

Pois, assim que as chuvas vem,
Acarretam dos oiteiros
Para os valles os nateiros,
E tudo fica adubado.»

Seguido seja o conselho,
Para o bem da sociedade,
Que o tal velho
Ajuizado
Seguia na sua herdade:
Moral com educação
Tenha a metade
Mais alta,
E verão
Como á outra nada falta (153).

FABULA 154.ª

O burro com a pelle do leão

Jazia no duro chão,
Morto de velho, um leão.
Eis que se achega o sendeiro
D'um jumento
Que, á falta de testamento,
Se declara seu herdeiro.
Era bem pobre o espolio
De quem occupara o solio...
Revestindo a velha ossada
Deixava a pelle, e mais nada!
(Nem sempre assim acontece.)
Outr'ora tão respeitada,
Foi d'um burro aproveitada!
D'ella vestido parece

Um leão fero a valer :
Corre logo a bom correr
Séca
E méca
E olivaes de Santarem ;
E ninguem
Que, ao vêl-o, não fuja d'elle
Ou antes do fardamento.
Mas tanto corre o jumento
E, cedendo á manha velha,
Tanto coice dá, que a pelle
Se lhe entorta e mostra a orelha.
Sendo assim reconhecido,
Apupado e bem zurzido,
Despe a farda
E torna a envergar a albarda.

Muitas vezes se tem visto
Não se dar com os homens isto ;
Pois ha muito figurão
Impudente
Que, embora mostre as orelhas
E coices solte ás parelhas,
Continúa a ser leão
Para quasi toda a gente (154).

FABULA 155.ª

O leão com a albarda do burro

A rompantes de leão
Furibundo
Quantas succedem no mundo
Retiradas de jumento

Lazarento !

Os filhos do pae Adão,
Ou antes
Seus descendentes,
Mas d'elle pouco distantes,
Lá por esses Orientes,
Onde ha tigres e leões,
Tinham suas relações,
Embora um tanto forçadas,
Com feras, hoje acossadas
'Té á beira dos sertões.
Nesses tempos um leão,
O terror do seu cantão,
Vencido
Foi por Cupido,
Á vista d'uma cachopa
Toda bella,
Que por acaso
Elle topa,
E ao pae d'ella
A foi pedir.
Para rir
De certo não era o caso :
Tinha o homem medo d'elle,
Muito amor á sua pelle
E aos seus rebanhos tambem.
Não ousando repellir
Francamente
Tão temivel pretendente,
Uma lembrança lhe vem,
Que o salvou d'aquelle p'rigo :
Foi pedir ao tal amigo
Uns diasinhos de espera
Para a filha resolver,
Para aos parentes fallar.
Consente a fera
Em esp'rar.

No intervallo tecer
O outro pôde a traição,
Pois, quando volta o leão,
Lhe diz com ar satisfeito :
—«O casamento 'stá feito ;
Porém ha de consentir
No que lhe vou exigir
Da parte da rapariga.
(Ella é muito sua amiga!)
Mas, meu genro que ha de ser,
Se esse amor é a valer,
De certo que não deseja
Ter cousa alguma que a assuste,
Poisque sem vontade aleija.
Diga lá, em que lhe custe,
Se consente
No perder a garra e o dente:
Se não, retiro a palavra,
Temos o caldo entornado.»
Cegado
Pela paixão
Que no sangue em fogo lavra,
Por tudo esteve o leão.
Não foi chloroformizado,
Porém sim magnetizado
Pelos olhos da donzella
Durante a operação.
Finda ella,
Transportado
Para recobrar alento,
A telheiro onde dormiu
Até o seguinte dia,
Em que havia
De ser o seu casamento.
Logo que os olhos abriu,
Indignado
Ficou de ver-se albardado,
Como se fôra um jumento!

Quiz ainda reagir;
Mas, já sem garras, sem dentes,
Teve de se persuadir
As pauladas... eloquentes,
De que era furia baldada;
E sujeitou-se á calada.
Então um burro lhe diz
(Aquelle mesmo que quiz
Ser havido por leão,
E hoje seu camarada:)
—«Embora provoque risos,
O que eu qu'ria tinha visos,
E não poucos, de razão;
Procurava ennobrecer:
Tu porém, nobre qual eras,
O primeiro de entre as feras,
Foste assim tudo perder!»
O triste nem teve um urro
Com que replicasse ao burro.
E um leão,
Outr'ora forte e temivel,
Chorou em vão
Seu peccado,
E assim morreu, desprezivel
Desprezado,
Quaes os burros sempre são (155)!

FABULA 156.ª

Os presos innocentes

Nessas antigas edades,
Quando os reis pelas cidades
Fazendo justiça andavam,

(Isso então podia ser,
Governavam
Quasi que a seu bel-prazer;
E o processo
Era summario,
Dando largas ao excesso,
Tentações ao arbitrario)
Foi um rei ver a cadeia:
'Stava cheia
De accusados,
Condemnados
Por diversos maleficios.
Eis todos clamam a el-rei,
Cada qual mais impudente,
Que salve aquelle innocente,
Por dura lei
Castigado
Sob os mais falsos indicios;
Menos um que, envergonhado,
De olhos no chão nada disse.
Notou el-rei que este só
Justiça lhe não pedisse,
E d'aquella bisonhice
Muito estranha teve dó.
—«E tu» lhe diz: «és culpado?»
Foi então que o desgraçado
Lhe cahiu aos pés chorando:
—«O meu castigo mer'ci,
Sêde comigo clemente!»
—«Ponham-me fóra d'aqui,
Que me está contaminando
Tanto vassallo innocente»
Brada el-rei: «este malvado!»
E foi-se sem dizer mais,
Não lhe importando os demais.

—Não merece ter castigo
(Diz um rifão muito antigo,

Quem confessa o seu peccado.—
Tal doutrina contradigo:
Só approvo que o culpado,
Se é sincero,
Capaz de se arrepender,
E o fizer...
O tenha menos severo.
Mas haja muita cautela;
Não se vá soltar
A trela
A um malvado
Que chora, bem amestrado,
Para a justiça enganar (156).

FABULA 157.ª

O rato e a ostra

Foi um rato viajar,
Rato pouco experiente,
Qual o é, naturalmente,
Quem viaja a vez primeira.
Julgou-se no fim do mundo
Quando teve de parar,
Depois de muita canceira,
Á beira
D'um mar
Profundo:
Foi-lhe qual o *Tenebroso,*
Esse pégo fabuloso
Que aos antigos aterrou.
Pela praia caminhando
Ostras mil viu bocejando,
Que julgou

Deverem ser papa-fina;
Imagina
Ter achado um bom almoço.
D'uma se vai achegando,
Ao que mostra,
Cousa boa, e a atacou;
Invadida assim a ostra
Logo lhe entala o pescoço;
Quanto mais elle estrebucha,
Mais se fecha a viva hucha,
Até que o rato,
Coitado!
Em vez de ter almoçado
Fino prato,
Alli morreu entralhado!

Tu, ratinho de dois pés,
Que me lês,
Foge sempre de arriscar,
Entalar,
Tanto á louca essa
Cabeça
Em cousa para ti nova,
Não te venha a morte ou a sóva...
Tenta primeiro o caminho
Só com a ponta do rabinho (157).

FABULA 158.ª

A raposa côta

Apesar de archimanhosa,
Finalmente uma raposa
Foi apanhada num laço,

No qual do rabo um pedaço
Enorme, ou todo deixou.
Para sanar o fracasso,
Não pondo nenhum postiço
(Só mais tarde usaram isso)
Do seguinte se lembrou:
Convocou
Em certo dia
Meeting, que ella pretendia
(O reclamo não é novo)
Ser de maximo int'resse
Para o bem
Geral do povo;
Que tudo, pois, appar'cesse.
Assim foi. D'aqui, d'além,
Corre toda a raposada
Aonde lhe fôra indicado,
E encontra alli já sentada
Em logar mais elevado
A manhosa, que lhes diz:
—«Senhoras! eu hoje quiz
Vêl-as aqui reunidas
Para serem discutidas
Algumas graves questões;
Uma de certo bem séria,
Acerca da qual, talvez,
Em muitas occasiões
Pensaram vossas mercês.
Eu vou entrar na materia:
'Stamos vendo
Em toda a parte
Quanto a arte
Vai vencendo
A natureza
Nos commodos e na belleza.
Quem nega hoje o progresso?
Tudo o que lhe for avesso
Seja por nós combatido.

Logo, é forçoso dar cabo
D'este incommodo, comprido,
Nosso inutil, feio rabo...»
Aqui ouviu-se um ganido,
Talvez de alguma raposa
Mais nervosa,
Que toda se arripiou.
—«Senhoras!» continuou
Eloquente o orador:
«Muito embora ser maior
Não possa a gana que temos
Aos homens, pensais comigo
Que devemos
Imitar um inimigo
No que faça com juizo.
Dizer-se não é preciso
Que o homem rabo não tem;
Mas pergunto — nunca o teve?
Não decidamos de leve,
Se qu'remos decidir bem.
Mui sabios sociologistas
E philologos peritos,
Que vos não apontarei
Por serem longas as listas,
Mas dos quaes sempre direi
—Ninguem
Os tem
Por farcistas—
Nos provam com seus escriptos
Que as antigas tradições
Não se perdem nas nações,
Conservando-se em vocabulos,
Em phrases, que são retabulos
Onde o passado se mostra.
Vou dar-vos mais d'uma amostra:
Aos homens ouço affirmar
Ser o peior de esfolar
O rabo: tanto é dizer

—Foi este o extremo signal
Que ficou do animal,
Custando a desappar'cer.—
Pois aquella locução
—*Quem tem rabo não se senta*—
Que idêa nos representa?
Que significa senão
Que os reis, os ricos, os nobres,
Quando já bem derrabados,
Mal soffriam que os creados,
Os vassallos, ou os pobres,
Em summa, quantos o usassem,
Perante elles se sentassem?
E, por encurtar cavaco,
Muito deixo inda no sacco.
Isto são
Provas, ou não?
Argumentos categoricos
De que rabos houve humanos,
Ha talvez milhares de annos,
Nesses tempos prehistoricos?
Hoje decerto os não ha;
Mas porquê? Bem claro está:
Mais não quiz o homem soffrel-os.
Assim trata elle os cabellos
Que corta de quando em quando,
Assim os pellos
Rapando
Vai que lhe nascem na cara,
Assim as unhas apara...
Imitemos-lhe a prudencia,
Desprezando o que não presta;
Dêmos a devida cresta
Á incommoda excrescencia.
Com brado tão aziago,
Qual o—*delenda Carthago*
Do venerando Catão,
Por mim sempre repetido

Até que seja attendido,
Senhoras, aqui acabo:
—Dê córte pepetuo ao rabo
O cutelo da razão!»—

Acabou: e, de pasmadas,
Duvidosas
Ficam todas as raposas
Por algum tempo caladas.
Uma emfim ousou fallar
E, erguendo-se, assim lhe diz:
—«A lembrança é mui feliz;
Mas tenho de lhe pedir
Nos queira o côto mostrar,
Para que se possa ver
Como havemos de ficar.»
Teve a outra de se erguer...
Eis tudo desata a rir,
A ganir,
A regougar;
Emfim foi tal matinada
Que a pobre da derrabada
A tanto não resistiu,
E fugindo se sumiu
Dando o *meeting* ao diabo,
Aos gritos de—*Não tem rabo!*—

Que todo o *meeting*, assim
Convocado
Por tratante disfarçado
Em sincero patriota,
Sempre o corresse por fim
Com chacota
E até a bico de bota (158).

FABULA 159.ª

O urso, o macaco e o burro

Alvo de grande concurso
De animaes, dançava um urso,
Quando um macaco lhe diz:
—«Imagino
Que a natureza não quiz
Que tu fosses dançarino,
Visto que danças tão mal;
Obedece-lhe submisso,
E nunca mais penses nisso.»
Eis brada um burro:—«Alto lá!
Animal
Que melhor dance não ha,
Com graça mais natural;
E poucos verão eguaes...»
O urso não dançou mais.

Um homem douto e prudente,
'Stando em publico a fallar
Deante de muita gente
Que attentamente
Escutava;
E vendo quanto o approvava
Com ruido
E riso alvar,
Um parvo já conhecido
Pela muita baboseira
Que de continuo soltava;
Estacou
E, baixinho, perguntou

A quem o acompanhava
—Eu diria alguma asneira (159)?

FABULA 160.ª

A desmoralização

—«Este mundo está perdido!
Tudo é roubo!»
Disse muito enraivecido
Á raposa um dia o lobo:
—«Sabes o que me acontece?
(Até mentira parece,
Mas é a pura verdade,
Nunca minto.)
Vinha eu hontem, noite velha,
Trazendo de grande herdade,
Onde criam muita ovelha,
Detraz d'aquelle cabeço...
Sabes? a dº bom arinto?
Um borrego que apanhei
(Pesava quasi uma arroba!)
Eis no caminho encontrei
O leão, que de arremesso
Se lança a mim e me rouba
O que era meu! nem me deixa
Soltar, sequer, uma queixa
Contra a sua prepotencia!»
—«É precisa paciencia
Para este mundo soffrer»
Lhe respondeu a raposa
Com voz muito pezarosa:
«Deixa tambem que eu te diga
O que vem de acontecer

Entre mim e uma mulher,
Trapalhona d'uma figa,
Que vai á praça vender.
Creava a sêmeas e milho
Uma suberba gallinha,
A que eu já chamava minha,
Com tenções de a ir buscar
Amanhã, o mais tardar.
Pois, senhor, foi dal-a a um filho,
Que tratou de a degolar
(Parece que lhe ouço os pios!)
E d'ella caldos fazer,
Pois tem doente a mulher,
E eu fiquei a ver navios!»

Quantos lobos
E raposas
(Intrujões,
E até nações)
Se queixam em eguaes glosas
De grandes furtos e roubos? (160).

FABULA 161.ª

O charlatão

Charlatão, como os havia
Com fartura antigamente,
E ainda os ha infelizmente,
Com a diff'rença que hoje em dia
Vai tudo mais apurado:
Hoje um estadista mente,
Sempre porém escudado

De armadilhas muito artisticas
Disfarçadas,
Que elle diz fundamentadas
Em milhares de estatisticas;
Impingindo, bem ou mal,
A pedra philosophal
A quem a póde vender
(A maioria estes são
Desde o nosso pae Adão)
E ao povo rude, coitado!
(Sempre aquelle que soffrer
Breve será enganado.)
Mas tornando á vacca fria,
Ou por outra, ao charlatão
Dos tempos que já lá vão:
Affirmava elle sem pejo
Que podia
Ensinar quanto sabia
A qualquer animalejo,
Ou manso fosse ou do mato,
Cão ou gato,
Burro emfim,
(O caso era bem pagar)
Que lhe fossem confiar
Para o sobredicto fim.
Um rei, dos que então havia,
Mas onde, certo não é,
Exercesse a sob'rania,
(Nem vale a pena saber)
'Stando de boa maré,
O sabio manda chamar
Para lhe bem ensinar
Só a ler
E a escrever,
Pois esse pouco bastava,
(Dos sabios cançado estava)
Burro dos quatro costados.
Acceitou o charlatão,

Debaixo da condição
De lhe serem concedidos
Dez annos mui bem contados;
Findos os quaes, se cumpridos
Os ajustes não 'stivessem
Na parte que lhe tocava,
Concordava
Em que lhe dessem
Feia morte de enforcado,
Recitando o abecedario,
No tal jumento montado;
Porém, no caso contrario,
Recompensado seria;
Não cuidando de mais nada
Á-la-grande passaria
'Té então vida folgada.
—«A forca tem você certa,
Já lhe vejo a cova aberta»
Diz-lhe alguem.
—«E eu vejo a sua tambem»
Retorquiu o embusteiro:
«Só Deus sabe, qual primeiro
D'esta vida sahirá.
Por mim você não se assuste:
O mais provavel será
Que algum dos tres d'este ajuste
Não chegue a viver dez annos.»

É verdadeiro o dictado:
—Sempre se ha de acreditar
(Apezar
Dos desenganos)
Cegamente e com agrado
Quanto for apresentado
Que nos vá ao paladar.—
Os charlatães tem os *prós*
Bem seguros,
Tudo lhes é beneficio,

(Um batoteiro de officio
Nunca joga a padre-nossos;)
Os *contras* são para nós,
Sempre duros
Que nem ossos (161).

FABULA 162.ª

Os ratos e as dóninhas

Os ratos e as dóninhas
Por serem nações vizinhas
(Que se saiba, por mais nada)
Resolveram dar pancada
Mutuamente; batalhar
'Té ficar,
Depois de final victoria,
Uma d'ellas arrasada
E a outra impando de gloria,
Mas muito mal amanhada.
Em ambos os parlamentos
Foi votado
Affrontar mares e ventos.
Brilharam grandes talentos,
Rasgos houve de heroismo
Futurado,
Brados de patriotismo
Em sonoros palavrões,
Com que muitos valentões
Se illustraram,
E Demosthenes lembraram,
Quer na tribuna a orar,
Quer no campo a... pelejar.
Entre a labia e o valor

Foi sempre immensa
A diff'rença.
Quizera que o orador,
(Ou quem melhor
E mais berra)
Quantos votassem a guerra,
Sempre fossem alistados
E forçados,
Não lhes chegando a vontade,
A mostrar a heroicidade
Em que ardem, tambem por factos,
Em casa, feitos pacatos,
Não ficando de reserva.
Começa a tapona:
Os ratos
Guiados pelo deus Marte
E sua mana Bellona,
As dóninhas por Minerva,
Isto é (se não me engano,
Já vi isto em qualquer parte)
—Uns tinham valor insano,
Valor os outros e arte.—

Ter a cythara de Homero
Agora sim eu cubiço;
Pois, sem ella, como espero
Cantar proezas tammanhas,
Tanto valor, tantas manhas!
Vale mais deixar-me d'isso
E dizer com o bom Camões
(Que de cór Virgilio tinha:)
Ao mover dos batalhões,
Quando as trombetas soaram,
Quer no exercito dóninha
Quer no exercito arganaz,
Voltaram
Rios atraz!
E os filhinhos apertaram

Aos seus peitos, coitadinhas,
Ouvindo taes serenatas,
Mães ratas
E mães dóninhas.
Toca-se pois a rebate,
Trabalham unhas e dentes,
E só findou o combate
Por falta de combatentes!
(Se o que eu disse é disparate,
Lido em Corneille é belleza).
Depois de muita proeza
A Minerva cedeu Marte,
Nem sua mana Bellona
Se mostrou mais valentona.
Fugiram por toda a parte
Os ratos em debandada:
Porém, não seja alcunhada
Sua fuga de fraqueza,
Sendo de animo grandeza,
Pois que não desesperaram
Em tanta desgraça publica,
Mas esp'raram
Salvar ainda a republica.
Nisto a historia muito abunda:
Assim fez Caio Varrão,
Depois da tunda
De Cannas;
E Roma louvou-lhe a acção,
(Estas minhas ratazanas
Tinham seu quê de romanas.)
Quem se pôde emfim mudar
Dando ás de Villa Diogo,
E sem esp'rar
O fez logo,
Se salvou
E foi louvado.
Quem morreu, por lá ficou,
Ou bem ou mal enterrado:

Mas não será esquecido,
Antes sim commemorado
Em brilhante centenario,
Ou com monumento erguido
Nalgum seu anniversario,
A pedido
De oradores eloquentes,
Descendentes
Dos que por casa ficaram,
Dos prudentes
Que á patria se conservaram.
Alguns, porém, figurões
Indo na fuga deixaram
A vida alli, d'esta vez;
Tantas atrapalhações
Tiveram suas mercês
Com os arnezes e pennachos
E guerreiros barbicachos,
Para os quaes era a entrada
Dos buracos apertada;
Emtanto que os ratos rasos
Soffreram menos acasos.

Quando ha publicos revezes,
É peior ser grande ou nobre
Do que pequenino e pobre,
Se não sempre, muitas vezes (162).

FABULA 163.ª

O velho e o burro

Um velho, que se deitara
A sombra de alta sobreira

Para fugir á soalheira,
E o seu burrico deixara
Pastando a herva viçosa,
Viu gente vir duvidosa
(Talvez amigos do alheio)
E julgou
Que o melhor meio
D'aquelle p'rigo evitar
Era d'alli se mudar.
Porisso logo chamou
O burro, e disse:—«Fujamos!
Não percamos
Um momento,
Que alli vem ladrões em barda!»
—«Foge tu» volve o jumento:
«Pois de certo aquelles amos
Não me põem mais d'uma albarda.
Para que me incommodar?
Ou comtigo
Ou com qualquer inimigo
Burro sempre hei de ficar.»

Quando correm algum p'rigo
Ha espertalhões assim,
Que á sua sorte ruim
Pretendem associar
Os que não tem que fazer
Com o seu ganhar
Ou perder (163).

FABULA 164.ª

Os premios

Gesticulava animado
Com outro fallando um dia,
Certo sujeito e dizia
Fôra sempre premiado
Em quantas aulas cursara;
Porém que nada lucrara
Com isso, pois preterido
Sempre e sempre havia sido.
E por quem?
Por muito João-Ninguem,
Que premio algum recebido
Tinha nunca nos estudos.
Bradava,
E esbracejava
Citando exemplos frizantes
De estudantes
Nas aulas uns botocudos,
Que hoje via figurões
Empregados,
Collocados
Nas mais altas posições;
E *mais ia*
Por deante o monstro horreado...
O outro, já não podendo
De tanta semsaboria
Com a torrente,
Tira o chapeo
De repente,
E brada fitando o céo:

—«Senhor! muito te agradeço!
Só agora reconheço
Quanto grato devo estar
De premio nunca alcançar!»
—«E porquê?»
Pergunta o outro, pasmado.
—«Por não me ver conspurcado,
Qual você
Hoje se vê.»

Os premios podem provar
(Quando não ha valimento)
Precoce ou serio talento
Num rapaz,
Ou que elle seja capaz
De maior applicação
Do que outros; mas jamais são
Abôno muito seguro
De seu merito futuro.

Entre os cysnes que nasceram
Negros, d'uma deitadura,
Como costumam nascer,
Gabou-se a alvura
Nevada
D'um que, quando elles cresceram,
Se mostrou cysne não ser,
Pois era ganso e mais nada (164).

FABULA 165.ª

O rouxinol e o milhafre

—«Para que me has de matar?
Pouco mais tenho que pennas,

E não valho um caracol;
Qual eu sou, muitas dezenas
Mal te podiam fartar»
Dizia já empolgado
Por milhafre esfomeado
Um mesquinho rouxinol:
«Não me mates; sei cantar,
Todos gostam de me ouvir;
Jove, quando me creou
Só com o canto me dotou;
Assim te posso servir
Muito melhor que de pasto.»
—«Eu de musica não gasto»
Volve o milhafre: «creado
Fui por Jove com ouvido
Desgraçado,
Não aprecio um gorgeio:
Mas deu-me papo insoffrido,
Que nunca admitte demoras
Quando chegam certas horas
E não se sente bem cheio.»
Disse e prompto o devorou.

Não se deve censurar
Do milhafre o proceder,
Elle andou
Segundo do seu natural;
Têm de matar
Ou morrer.
Distinguir o bem do mal
De repente
Não é facil, mesmo a gente
Sisuda e muito illustrada.
Deve a cousa ser olhada
Por mais d'um lado primeiro,
Para depois se julgar
Com justiça ou equidade;
Não se vá como maldade

De ligeiro
Condemnar
O que é só necessidade (165).

FABULA 166.ª

A pêga e a rôla

Num céo aberto viviam
Duas rôlas em seu ninho:
Tudo era paz e carinho!
Os arrulhos que se ouviam
Não eram signaes de dor,
Mas só gemidos de amor
D'aquelle casal tão terno!
Bem perto havia
Um inferno,
Uma horrivel gritaria,
Sem cessar um só momento,
Quer de noite quer de dia:
Emfim de pêgas casal,
Casadas para seu mal
E dos vizinhos tormento.
Um dia a pêga mulher
Com a rôla femea vai ter
Pedindo se lhe explicava
Porque tudo assim andava
Naquella bemdita casa;
Pois d'alli jámais sahia
Berraria,
Nem bater de bico ou de aza
Tampouco por lá se via.
—«Difficil não me parece
Que vivam como vivemos»

Responde a rôla: «ambos temos
De viver em paz o intr'esse;
Nenhum a sua vontade
Oppõe á que o outro tem,
D'onde vem
Sempre haver
Conformidade.»
—«Isso era bem bom de ver
Lá em casa...» torna a pêga:
«Temos péga
Por dá cá aquella palha
E nenhum de nós ceder
Nem a pau.
Um grita, se o outro ralha:
O meu genio é muito mau,
Mas o do tal senhor meu
É de tirar-lhe o chapeo!
E, como somos *paulistas*,
Segue-se o jogar as cristas.»
—«Se a vizinha começasse»
Lhe diz a rôla: «a ceder,
Bem podia acontecer
Que o seu homem se emendasse...»
—«Com que então»
Atalha a pêga raivosa:
«Eu é que sou a teimosa,
As culpas só minhas são!
Pois para haver um teimoso
É forçoso
Que teime com elle alguem.
Você, como se dá bem
Com um marido
Que, segundo tenho ouvido,
Não passa d'um papa-moscas,
Julga que as demais são toscas
E que não sabem viver.
Pois está muito enganada
Comigo, sempre creada

Com gente e gente a valer;
Louvado Deus, até agora
Não me contam entre as tolas.
Fico-lhe muito obrigada;
Mas sempre lhe hei de dizer
—Nem todas nascemos... rolas.—
Adeus! que me vou embora,
Tenho muito que fazer.»

Ás vezes nossos defeitos
Chegamos a confessar;
Mas ouvimos contrafeitos
Quem os ouse confirmar (166).

FABULA 167.ª

A raposa moribunda

Moribunda
Uma raposa
Diz á malta das damninhas
Raposinhas
Que a circumda:
—«Horrenda cousa
É peccar!
Oh! quem me dera voltar
Aos dias da mocidade,
Para viver
Sem maldade
E socegada morrer!
Eu vejo! eu vejo passar
Quantas gallinhas matei!
Ouço os lugubres *grugrus*
Dos perus

Que devorei!
Eil-os todos que alli vem:
Das suas iras ninguem
De certo me livrará!»
A raposada
Pasmada,
Sentindo fome não pouca,
E á qual tão grande maná
Faz crescer agua na bocca,
Grita:—«Nós não vemos nada!
Quem pilhara essa caçada!»
E vai baixinho rosnando:
«Nossa avósinha treslouca...»
—«Desgraçadas!
'Stais ahi, 'stais condemnadas,
Como eu 'stou!»
A raposa lhes bradou.
Umas gallinhas piando,
Chamando
Pelos pitinhos,
Então de perto se ouviram.
Erguem todas os focinhos,
Té a orelha arrebitou
A tartufa
E disse quando sahiram:
—«Vão ellas
Agora á ufa
Atafulhar as guelas
E comer,
Quem sabe se sobreposse,
E eu negra fome a soffrer!
Nenhuma se ha de lembrar
De guardar
Para mim nem boccadinho,
Um pintainho
Que fosse;
Podia salvar-me a vida,
Era azeite na torcida...»

Mas nenhuma appareceu;
E ella, um gemido dando,
Como vivera morreu
Sempre em gallinhas pensando (167).

FABULA 168.ª

A gallinha e os patinhos

Deitaram a uma gallinha,
Em vez dos ovos que tinha
Posto, os ovos d'uma pata;
A qual por menos pacata,
Menos boa criadeira,
Ou maçadas não querer,
Ficara na capoeira
Nada tendo que fazer,
(O que mil vezes se dá
Nas capoeiras de cá.)
Findos os dias fataes,
Poucos mais
Do que para os pintainhos,
Sahiram pois os patinhos
E foi a mãe putativa
Conduzindo a comitiva
Para a ensinar
A comer,
O que fez sem se cançar,
(Custa pouco a aprender;)
E quiz-lhe depois mostrar
Como devia beber.
Apenas avistam a agua
Os patinhos logo correm

E entram nella a nadar.
Avaliem qual a magua
Da gallinha, que imagina
Que lhe morrem,
Que vão afogar-se alli!
Desatina,
Corre aqui,
Corre acolá,
Em tôrno ao grande alguidar
Á procura de os salvar,
Mas acudir-lhes não ha!
Andou até se cançar,
E soccorro não lhes deu.
A final, nenhum morreu
Então d'aquella ninhada;
Que alli vinha
Todos os dias nadar,
Embora muito a pesar
Da gallinha
Atribulada.

Em familias abastadas
Que, pretendendo educar
Suas filhas, vão chamar
Preceptoras
A nações civilizadas,
Se vêem taes entremezes.
Quantas vezes
De amargores saciadas
Perdem as pobres senhoras
Seus cuidados e passadas?
Pois muitas meninas tem,
Quer na tia, quer na mãe,
Nas amigas, nas vizinhas,
Finalmente em mil logares
(Nunca faltam)
Maus exemplos—alguidares

Onde de continuo saltam
Ficando sempre patinhas (168).

FABULA 169.ª

O pastor e os passarinhos

Nos tempos em que os pastores
Descantando seus amores
Teciam lindas capellas
Das mais perfumadas flores
Para c'roarem com ellas
Pastoras
Encantadoras;
Quando á falta de papel,
De pennas e de tinteiro
E, de certo, de correios
Tinham meios
De escrever
Terno aranzel
No tronco d'algum ulmeiro,
Para alli a *ingrata* ler
De seus olhos o poder...
Eras que já longe vão:
(Hoje elles e ellas são
O que vemos
E sabemos...)
Pois nesses tempos ditosos,
Já rançosos,
O mais bello dos pastores
Soffria os duros rigores
Da pastora a mais formosa
(Elle um cravo, ella uma rosa,
Como se dizia então.)

Em madrugada de v'rão
Lembrou-se elle de ir buscar
Aos bosques alli vizinhos
Uns mimosos passarinhos,
Para a bella os offertar
E lhe embotar
Os espinhos.
(Não havia então modistas
Nem rua dos Capellistas,
Onde podesse feirar
Alguns trapos bem garridos,
Capazes de enternecer
Corações empedernidos,
Quando fossem de mulher.)
Tendo pois num bosque entrado,
Assim começa a dizer
O pastor enamorado:
—«Passarinhos!
Daixae vossos brandos ninhos,
Deixae amores
E flores,
Vinde viver
Mais ditosos,
Onde eu quizera morrer,
Junto a Marilia formosa...»
E outros ditos amorosos,
Tão safados,
Com que em versos, que são prosa,
Nos estafam namorados.
Vendo afinal que baldados
Ficam seus ternos pedidos,
Tira d'alli os sentidos
E vai armar grande rede
Sobre as aguas d'uma poça.
Na moça
Mais lhes não falla
Nem no seu infausto amor.
Quando apertou o calor,

Os passarinhos com sêde
Alli procuram matal-a.
Puxa a guita e, num momento,
Apanhou bem meio-cento
Que da bella aos pés depoz;
Tão gordos que ella podia
Comêl-os feitos de arroz
(Eu cá de certo os comia.)
Ninguem sabe se os papou;
Mas é facto que ficou
Muito, muito enternecida...

Nesta vida
A poesia,
Tendo verdade e belleza,
Não é cousa sem valia;
Mas, egual á sobremesa,
Só é para apreciar
Em cima d'um bom jantar.
Dá prazer mas de momento,
Sustenta a imaginação,
De illusões sempre gulosa,
Não serve para alimento;
Dá pouco alento
Á razão.
Deve a vida
Ser regida
Por boa, sensata prosa (169).

FABULA 170.ª

Os ladrões e o burro

Chovia e a bom chover:
Porém não

Chuva de agua em ruim chão,
Que se fosse alli perder,
Pois do môlho que vertia
Nem um pingo se perdia.
Choviam os pontapés
A valer,
Bofetadas de revez,
Os cachações de tremer,
E murro
De crear bicho,
Que, por motivo d'um burro
Furtado, dois ratoneiros,
Cheios ambos de capricho,
Pelas ventas e cabeça
E pelos quartos trazeiros
Davam mutuamente e á pressa.
Votára um que vendido
Fosse o asno, e repartido
Logo entre elles o dinheiro.
Dissera o outro:—«É p'rigoso
Irmos já vender o burro.»
—«É!»—«Não é!»—começa o murro,
E d'ahi
O tal chuveiro.
Entretanto um *curioso*,
Que passando por alli
Tão entretidos os viu,
Montou no burro e... fugiu.
Depois de bem esmurrados,
Estafados,
É que os ladrões perceberam
Quanto com a lucta perderam.

O mesmo nos acontece
A nós e vezes não poucas,
Quando o verdadeiro int'resse
Nos esquece
Por causa de questões ôcas (170).

FABULA 171.ª

O orçamento

Vendo que o seu orçamento
Não lograva equilibrar,
Pois da despeza o augmento
Ia em termos de assustar,
Estando todos á mesa,
Disse, finda a sobremesa,
(Hora propicia ao cavaco)
D'uma familia abastada
Chefe sensato, mas fraco:
—«Vamos nós agora a ver
O melhor modo de ser
Nossa despesa minguada?»
Silenciosos ficaram
Um boccado
Bem puxado...
Mas filhas e mãe trocaram
Entre si certos esgares
E desdenhosos olhares.
—«Habitamos» continúa:
«Este grande casarão,
Que nos leva um dinheirão
Por causa tambem da rua...»
—«É no bairro onde *nasci*,
Menina
Nelle cresci,
Me eduquei
E me *casei*»
(Na voz com certa inflexão)
Lhe responde

D. Maria Justina,
Sua *esposa:* «nem sei onde
Possas ahi encontrar,
Por menos, casa *decente*
Na qual mettas tanta gente.»
—«Temos, agora... a parelha...»
O marido continúa,
Que não ousa replicar.
—«Coitadinha! já bem velha
E quasi que uma vergonha:
Mas... serve. Olha! não ponha
Eu o pésinho na rua,
Salvo á confissão e á missa,
Se um dia sem trem ficar.»
—«A modista...»
E estacou!
Tal o olhar
Que Justina lhe lançou.
—«Não ha maior injustiça!»
Brada, erguendo a vista
Ao céo:
«Passam-se dias e mezes
(Com que sacrificio ás vezes...)
Que não se faz um vestido
Nem se encommenda um chapeo!
Tire d'ahi o sentido:
Ou, se quer
Que sua mulher
E filhas
Andem umas maltrapilhas,
Só para sua vergonha
Não serei eu que me opponha.»
E depois de tal coartada,
Resignada,
Limpa os olhos de aguadilhas.
—«S. Carlos... banhos do mar...»
Diz, julgando esconjurar
A tempestade, o marido:

Mas, viu logo ter cahido
Qual um cego
Noutro pego...
Ficou por fim resolvido,
A favor do orçamento,
Do bello sexo a contento,
Que se devia mandar
Metter no asylo um creado,
Pobre velho estuporado;
Que as meninas, já crescidas,
Estavam muito instruidas,
Podiam lições poupar;
Virtuosas e prendadas
(Da mãe o vivo retrato)
Estavam já bem dotadas.
—«Sempre tenho visto e lido»
Disse Maria Justina
(Dote não havia tido:)
«Ser a virtude e o recato
O dote de uma menina.»
Quanto ao tal explicador
Dos filhos, era melhor
Despedil-o sem tardar,
Sós podiam
Estudar,
Pois não poucos o faziam;
E a discussão teve fim.
Ha muito orçamento assim.

Quando se póde passar
Sem o que é indispensavel
Para que se ha de poupar
No inutil mas agradavel (171)?

FABULA 172.ª

A aranha e a andorinha

Quantas teias, paciente,
Fiado uma aranha tinha,
Tantas logo de repente
Lhe levara uma andorinha
Em seu rapido voar.
Lá iam de moscas cheias
Pelo ar
Voando as teias
Da aranha que, meio-louca,
Fazia cruzes na bocca.
Mais raivosa que prudente,
Decidiu teia tecer
Tão valente,
Que podesse
'Té andorinhas prender.
Uma fortissima fez;
Mas porisso lhe acontece
O que previsto não tinha,
Foi morrer:
Teia e aranha d'esta vez
Levou tudo a andorinha.

Nunca te vás tu metter
Com inimigo valente
A luctar,
Não tendo forças eguaes
(Só se a honra te obrigar:)
Sê prudente,
Até vir a occasião

Em que possas tanto ou mais.
É saber esp'rar,
E então
Assentar-lhe bem a mão:
E, se ella nunca vier,
Não luctes, que lhe vais dar
O gaudio de te perder (172)

FABULA 173.ª

O fogão

Numa villa muito fria
Ventilava-se a questão
Se devia
Aquecer-se com um fogão
A egreja parochial.
Levavam muitos a mal
Semelhante innovação;
E diziam que com frio,
Se tal cousa lá havia,
Se podia
A Deus resar.
Um tammanho desvario,
(Bradavam certos devotos)
Ninguem vira praticar
Desde os tempos mais remotos:
Que essa e outras novidades,
Inventadas nas cidades,
Produziam mau effeito
Diminuindo o respeito
Á santa religião:
Que depois do tal fogão
Lá viria

O canapé,
Onde tomassem café
Feito pelo sacristão:
Que talvez isso traria
Comsigo alguma heresia...
E mil outros argumentos
Bolorentos,
Todos do mesmo jaez,
Resumindo-se em dizer
—Nunca se deve fazer
O que ainda não se fez.—
Mas vencidos d'esta vez
Foram os obscurantistas;
Mandaram os progressistas
O fogão na egreja pôr.
Decidiu, sempre calor
Ter o partido
Vencido.
Ora, a fallar com justiça,
Quando houve a primeira missa
Era o frio de tremer;
Mas gritava a opposição
—Estar um calor de v'rão,
De morrer:—
Todas as damas então
Com os leques a abanar,
E uma até a esbracejar
Cahiu com o seu faniquito.
Levanta-se um grande grito:
—«É já! é já apagar
Aquelle fogão
Maldito!»
Eil-os correm de roldão,
Soltando grande alarido,
Sobre o negro excommungado,
Que encontraram... apagado!
Alli posto havia sido,
Mas nunca fôra accendido (173)!

FABULA 174.ª

O carvalho e o canniço

—«Tu não pasmas do que eu valho?»
Disse ao canniço o carvalho:
«Domino toda a montanha,
O mundo é minha peanha!
Eu lucto com os elementos,
Desprezo a furia dos ventos,
Roubo á terra a luz do sol;
Emquanto, pobre canniço,
Tu és das auras derriço,
Um mesquinho caracol
Te faz vergar
E gemer;
Deves em mim acatar
Do grande Jove o poder,
Poisque lhe fui consagrado;
Imagem d'elle sou eu,
Adorado
Devo ser!»
—«Cousa não é de pasmar
Quanto acabas de dizer»
O canniço respondeu:
«E sei o nada que valho;
Pasmo só vendo nascer
Por ahi tanto carvalho,
Do qual brota
Vil bolota,
Ou desprezivel bugalho.»
Dias depois um tufão

Varreu o roble e o canniço,
Ao longe ficando o chão
Sem um só vestigio d'isso.

Quando penso
Que esta terra, comparada
A todo o Universo immenso,
Não é nada;
Dá-me vontade de rir
Ver e ouvir
Certos carvalhos humanos,
Tão ufanos
Por serem um pouco mais
Que os demais
Tristes guzanos (174).

FABULA 175.ª

A camisa do homem feliz

No tempo em que não havia
Tantos sabios como hoje ha,
Nem porisso se morria
Só com a carta de alforria
Que a natureza nos dá.
Não, senhor: a medicina
Mui pouco tem de menina;
Já varias... curas fazia,
Postoque lançasse mão,
Segundo as crenças de então,
Ás vezes de bruxaria.

Estando um rei a morrer,
Não sabendo a Faculdade

Já que havia de fazer,
Lembrou-se (valha a verdade,
Sem se rir)
De receitar-lhe o vestir
A camisa
De homem que fosse feliz;
Porém quiz
Toda a cautela precisa
Para bem se discernir
Se em verdade o era, ou não.
Eis pois vão
Indagadores,
Primeiro pelos senhores
Da côrte toda á procura
(Não mora alli a ventura!)
Por inveja,
Por pobreza...
Ninguem acham na nobreza
Que feliz se julgue, ou o seja.
Foram o gyro alargando,
Indagando
Pelas classes inf'riores
E até entre os proletarios,
Isto por todo o paiz;
Encontrando os commissarios
Miserias só, dissabores,
E homem nenhum feliz!
Voltavam no desalento
Não tendo podido achar
O raro medicamento,
Quando, uma serra ao passar,
Pelas brenhas se perderam.
Sem carreiro
Muito andaram
'Té que deram
Com um miseravel cabreiro,
Cuja sorte lastimaram,
Tão ruim

Nunca a tinham visto assim!
—«Como é possivel viver,
Por aquillo que se vê,
Do modo que vive aqui?»
Lhe diz um: «isso é morrer
A fogo lento! Que sorte
Infeliz coube a você!»
—«Não é má a sua morte:
Ha um par de annos nasci»
Responde o cabreiro rindo:
«E vou sempre resistindo.»
—«Mas deve ser infeliz
Por força» o outro lhe diz.
—«Seja por força ou vontade,
Para dizer a verdade,
Quando recolho a cabrada
E ceio e me vou deitar,
Não tenho que desejar
Senão quieto dormir;
E este pouco tarda a vir.»
—«Temos homem!» encantada
Grita logo a commissão.
Ao pobre lançam a mão
Para tirar-lhe a camisa:
Pasmados porém ficaram,
Pois entre o coiro e a farpella
Nem sombras d'ella
Encontraram!
Dando por finda a pesquisa,
Voltam de orelha cahida
Á côrte, que... está de gala,
Que se diverte e regala,
Entretida
Em festins, em serenatas,
Luminarias
E mil outras festas varias.
Elrei estava... umas natas!
Tinha-o deixado a doença,

Talvez por muito agastada
(Seja dito sem maldade
Nem offensa
Á Faculdade)
De não lhe fazerem nada.

Ser feliz
Depende de cada qual
(Ou antes d'o seu feitio
Doente ser, ou sadio)
Mais do que se pensa e diz.
Quanto vejo appetecer
Em geral,
Boa saude, dinheiro,
O lisongeiro
Poder,
Tudo o que se compra ou vende...
De nada d'isto depende.
Tudo só parece um bem
Áquelles que não o tem
Ou que o chegam a perder (175).

FABULA 176.ª

A raposa e a cegonha

—«Conta lá» disse a raposa
Á cegonha viageira:
«Tu tens visto
Muita cousa
(Não és nenhuma zoupeira)
Por esse mundo de Christo,
Andas sempre a viajar:

Conta, pois quero apprender.»
Eis a cegonha a dizer
Tudo aquillo que encontrou
Nas terras por onde andou,
Isto é, a desfiar
Um *menu* universal.
Cada paiz seu manjar
Tinha muito especial:
Aqui bichos saborosos,
Alem bichas,
Bellas rãs e lagartixas,
Caracoes deliciosos,
Não esquecendo as serpentes
Lá por esses Orientes.
Seu dizer
Não tinha fim:
Era porém sempre assim
Tratando só de comer.
—«Tá! tá! tá!» corta a raposa:
«Ouvir-te não quero mais,
Fico-te muito obrigada:
Tu comeste muita cousa,
Mas do mais
Não sabes nada.
Julguei que a gente por lá
Algum tanto differia
Da de cá;
O que pensava e fazia
Tinha empenho de saber
Para mais algo apprender,
E não só o que comia.»

Áquelles que em seu paiz
Pouco sabem perceber
A dois palmos do nariz,
Que lhes póde interessar
Quando andam a viajar?
Como hão de elles entender

De outros povos o viver?
Viajam muito, porém
Qual o burro a Santarem... (176).

FABULA 177.ª

O sino e a sineta

Em cidade episcopal,
Na mais elevada torre
Da suberba cathedral,
Collocado
Ha sino descommunal,
Que toca só quando morre
Algum rei, algum prelado,
Ou se dá
Caso raro e nunca visto.
Uma aldeia, que alli 'stá
Muito perto e que viu isto,
Para a cidade egualar
Manda a sineta tocar
D'uma ermidinha que tem,
Só quando toca tambem
O tal majestoso sino,
Que sóme no seu tanger
Aquelle som pequenino.
Porque o possa perceber
Eis logo o povo da aldeia
A pobre ermida rodeia,
E julga em sua vaidade
Que a terriola é cidade
E um grande sino a sineta
Que alli tem; á qual então
Egualmente se encasqueta,

Quando vê tantas cabeças
Em pasmada adoração
Ao tanger do seu badalo,
Que é um sino; e pede meças
Com o outro e jura egualal-o.
Perdem porém seu trabalho;
Poisque sempre fica a aldeia
Pequenina, suja e feia,
E a sineta um vil chocalho.

Póde servir a lição
Para pequena nação
Que, nescia, quer hombrear
Com quem mal póde imitar,
E para os seus estadistas,
Pedantes de *largas vistas* (177).

FABULA 178.ª

Os dois calvos

Iam no mesmo caminho
Dois calvos a conversar;
Eis que notam num cantinho,
Muito com o sol a brilhar,
Cousa que julgaram ter
Porisso grande valor.
Levantam logo a questão
De saber
Qual será d'ella senhor.
Aos dictos segue-se a mão
E após esta vem o pé,
Cachação
E pontapé:

E, para não faltar nada
Chove por fim a pedrada.
Outras armas não havia,
Ou, Deus sabe o que seria:
Lucta foi monumental!
Afinal,
O que menos apanhou
E comsigo inda podia,
Embora muito aleijado,
Para o sitio se arrastou
E reconheceu emfim
Que o thesouro desejado
Era... um pente de marfim (178)!

FABULA 179.ª

A raposa e o lobo

Os espertos tambem cahem
Ás vezes nos atoleiros:
Muitos porém de lá sahem,
Salvos por certos crendeiros,
Uns novatos
Que elles alcunham de *patos*,
Pois, por muito que os esfolem,
Quaes marrecos tudo engolem.

Havia um poço no campo,
Bastante fundo e sem tampo,
Com os dois baldes competentes
D'uma roldana pendentes.
Um subia
Cheio d'agua, se o puxavam,
Emquanto o outro descia

A buscar egual despacho;
E constantemente andavam
Qual acima qual abaixo,
Tão direitinhos e serios
Como andam os ministerios.
Era noute: uma raposa
Sequiosa
Num dos baldes se metteu,
E até ao fundo desceu.
Depois de a sêde matar,
Começou a matutar
Como d'alli sahiria;
Mas, por mil voltas que desse
Ao miolo, nada achou.
Resolveu por fim esp'rar
(Que é o mais seguro guia
Na grande diplomacia)
Até que um parvo viesse...
Logo o demo lh'o mandou.
Com sêde
Do poço á beira
Um lobo se debruçou.
A matreira
Auxilio nenhum lhe pede.
—«Não caias, toma cautela!»
Gritou ella:
Se queres tambem beber,
Podes no balde descer,
Que assim fiz
Eu, quando o quiz.
Nunca vi aguas tão bellas!
E, o que talvez não sabias,
Tem enguias
Com fartura,
Já me regalei eu d'ellas,
Pois, sendo pouca a fundura,
Nada custam a pescar;
Tambem te podes fartar.

Ora o lobo, com as guelas
Ardendo em sêde, e a barriga
A dar horas, que prosiga
A raposa não esp'rou;
Logo no balde saltou,
Num instante ao fundo vai,
Subindo assim a enzoneira
Que do poço, mui lampeira,
Prompto sai.
Já no bordo ao lobo diz:
—«Quando quizeres sahir,
Deves fazer
O que eu fiz;
Mais alguem ha de aqui vir
Com vontade de beber,
Sabe esp'rar:
Adeus.» O lobo ficou
Furioso: não esp'rou
(Tinha tudo a receiar)
Sem saber
O que fazia
O balde e a corda mordia;
Tanto safanão lhe deu
Que, por fim, esta quebrou
E elle afogado morreu.

Quando, sem justo motivo
De te servir ou ser grato,
Um negocio lucrativo,
Tentador,
Alguem te vier propor,
Cautela, não sejas *pato;*
Pois é muito natural
Que lhe corra tudo bem,
Tu porém
Que fiques mal (179).

FABULA 180.ª

A mosca e a mula

Repimpada no temão
D'um arado alemtejano,
Mosca insolente, ou tavão,
(Pouco importa, se ha engano)
Ás mulas quiz ensinar
Como haviam de lavrar:
E agora é que a ouvireis
Dando leis.
Uma das mulas lhe disse:
—«Quanto zumbes é fofice,
De que não fazemos caso.
Bem sei que podes ferrar,
Mas se acaso
De mais perto
Te pilho com este rabo,
Da raça te darei cabo.
É mais que certo,
Doutora,
Não nos podêres mandar;
Se soubesses, bem podias
E, direi mais, que o devias:
Mas não sabes, impostora!
Com tantas pedanterias
Não passas d'um vil nónada.»

A quanta mosca insolente,
Que quer governar a gente,
E' tal resposta bem dada (180)!

FABULA 181.ª

O avarento

Berrava um velho avarento
Com razão,
Porque cadimo ladrão
Lhe furtara
Num momento
O thesouro que juntara,
Aos patacos e aos tostões,
Soffrendo mil privações.
Um vizinho lhe censura
Aquella grande amargura,
Pois de nada lhe servia,
A seu ver, quanto dinheiro
Para o não gastar mettia
No sumido mealheiro.
—«Por que chora
E sua vida maldiz?
Ponha uns calhaos no logar,
E tão rico ha de ficar
Como o tem sido até agora.»
—«Você não sabe o que diz»
Grita o velho: «e é um sandeu
Quando, mui ancho, pretende
Julgar do que não entende.
Pensa que eu
Só me lamento
Por ser um vil avarento,
E que todos estes são
Malvados, sem coração
Terem mesmo para si;
Que cegos pela avareza

Vivem na maior pobreza
Só por indole ruim:
Porisso d'elles se ri.
E julga-se um Salomão,
Sem attingir á razão
Que os leva a pensar assim.
Se eu o dinheiro guardava,
Era por saber
Que estava
Alli todo o meu valor.
Ninguem despreza valer
Seja lá pelo que for;
A sciencia, a qualidade,
E mais que tudo o dinheiro:
Assim do tempo primeiro
Foi sempre na humanidade.
E não me diga:—«Porém
De que vale a burra cheia,
Se a vil miseria o rodeia?
Não o saberá ninguem.»
—«Chegam 'té a exaggerar,
E não pouco, essa riqueza
Que se esconde na pobreza.
—«Mas, se elle tudo arrecada
Claro está não valer nada.»
—«Basta que o possa deixar.
O dinheiro é um poder
E de todos o maior:
Tudo ahi vejo a vender,
O pão, as honras, o amor;
E gente ha capaz de crer
Que se compra o proprio céo!
Quem com fortuna nasceu,
Ou quem a soube ganhar,
Hombreia até com os melhores:
E quantos que d'elle ralham
Por agradar-lhe trabalham,
São os seus aduladores!

Se o moço o ousa esbanjar,
É por ter força bastante
Para vencedor sahir
Do mundo na grande lucta;
Se loucamente o desfructa,
É porque julga distante
O tempo cruel da vida
Quando a velhice o pungir:
Proprio é d'aquella edade
O suppor a mocidade
Tão comprida
Que mal se póde acabar!
Procura o velho poupar,
Porque forças já não sente
(O velho é sempre um doente)
Vê no oiro o arrimo, o escudo;
Quando o perde, perdeu tudo:
E porisso antes quer
Privações crueis soffrer
Por vontade
E respeitado,
Do que por necessidade
E de todos desprezado.
Velho e pobre agora assim...
Ai de mim!
Morro afinal
De fome ou num hospital!»

Em parte tinha razão
O velho, e em parte não.
A prudencia
Nunca mate a caridade:
Póde chamar-se demencia
(Salvo se for penitencia)
De si proprio não ter dó.
Mas não é menos verdade
Que um velho alquebrado, e só
Com o dinheiro por garante,

Qual a prancha ao naufragante
Luctando no vasto mar,
Ficará, se o vai perder,
De certo exposto a morrer
De fome, ou a mendigar.
E quantas vezes o mundo
Só tem um odio profundo
Ao avarento, porquê
Nelle vê
Um que não quer
Os seus int'resses servir?
Mas trata de lhe sorrir
(Descendo até a adular
A mais sordida avareza!)
Sempre que lhe parecer
Talvez com isso lucrar;
Emquanto ao pobre despreza
Nem acóde ao desgraçado!
Se pois, o avaro, é culpado,
Não pequena parte vem
Da culpa ao mundo tambem (181).

FABULA 182.ª

Os pardaes

Emquanto se atamancava
Na egreja de certa aldeia
Uma torre arruinada,
De buracos muito cheia,
Fugiu toda a pardalada
Que alli contente morava;
Depois que se concertou,
A passarada

Voltou.
Encontrando bem tapadas
Suas antigas moradas
Dizem todos, voz em grita:
—«Fizeram obra bonita!
Limpem as mãos á parede,
Foram a torre estragar.
Que patada!
Não serve agora de nada.»

Assim mil vezes procede,
Em seu louco avaliar,
D'este mundo a pardalada (182).

FABULA 183.ª

O coelho e o ouriço

Out'rora o ouriço e o coelho
Travaram
Conhecimento;
A cousa foi em augmento
Até que determinaram
Juntos viver: mau conselho!
Mui diff'erente é conhecer-se
E boas relações ter
De ir metter-se
Com alguem
A conviver.
Lá foram passando bem
Uns dias; não se largavam.
Mas algum tempo depois
Já os dois
Raras vezes se achegavam;

Ou melhor, já se afastava
Sempre o coelho do ouriço,
Porisso
Que este o picava;
E tanto o fez que afinal
Tiveram explicações.
—«Amigo! não é por mal»
Disse ao coelho o cacheiro:
«Não tenho más intenções;
Se te pico,
Até consternado fico:
É feitio, não vontade.»
—«Nem» lhe torna o companheiro:
«Eu te accuso de maldade;
É contra a realidade
Dos factos que me revolto,
Pois me vejo assim picado.
Torna pois, que eu tambem volto,
Ao nosso viver passado.»

—«A familiaridade»
Diz auctor que muito prézo:
«É uma formosa mãe,
Da qual não raro provem
Um filho horrendo—o desprezo (183).

FABULA 184.ª

Os pesames

«Á leoa, que perdido
Havia seu filho qu'rido,
Unico filho que tinha,
A dor não lhe minorava

Quanta prosa
E poesia
Em solemne ladainha
A raposa
Lhe embutia.
—«Senhora!» teimava
Esta:
«Veja Vossa Majestade
Que lhe resta
Consoladora certeza
De 'star hoje Sua Alteza
Sendo nova divindade.
Jove não quiz demorar
Por mais tempo a apotheose;
E assim pois o foi chamar
Ainda em tão tenra edade,
Para que mais cedo goze
Entre os deuses immortaes
Aquelle premio devido,
Como é de todos sabido,
Sempre ás Pessoas Reaes
Por suas altas virtudes.
Os reis tambem são mortaes;
Só eguaes
Nisso aos povos vis e rudes:
Mas tem certo
O céo aberto
Para elles sempre estar.
Deveis-vos pois consolar:
Esta vida é um momento
Que passa
Qual leve vento;
A ventura e a desgraça,
Em breve tudo se esvai,
Tudo cai
No esquecimento.
Os vossos olhos Reaes,
Erguei para o firmamento

E vêde se nelle achais
Já o brilho
D'esse vosso Augusto Filho,
Patente num astro novo
Ás adorações do povo.»
—«Fallas que nem prégador,
Ou talvez inda melhor»
Diz a leoa: «mas eu
Não quizera ver no céo
Meu filhinho tão depressa,
Embora alli appareça
Dos astros o mais brilhante:
Basta de mim 'star distante
Sem eu já poder sentil-o,
Fallar-lhe, ouvil-o,
Beijal-o.
Tu discorres com juizo;
Eu qual uma louca fallo,
Porque estalo
Com a dor que me tolhe o siso.
Se é um mal,
Que a todos vem,
O morrer, se é natural;
Assim este amor de mãe,
Que me faz tanto soffrer.
Quem seu filhinho perder
Ha de queixar-se como eu,
Embora o julgue no céo.
Deixa, deixa-me chorar,
Não me queiras consolar,
Que não podes,
Por muito que te incommodes.»

Insistir
Em illudir
Um afflicto coração,
Quando chora com razão
E' loucura ou crueldade:

É certamente melhor
O deixar
A sua profunda dor
A vontade
Em prantos desabafar;
Para consolo só basta
O tempo que tudo gasta (184).

FABULA 185.ª

Esopo e o parvo

Atravessava o mercado
De Athenas, e dando á perna
Muito e muito asafamado,
Esopo com uma lanterna
Que tinha accesa na mão
Sendo ainda claro dia
(Para o seu lume accender.)
Eis que um parvo (já então
Muito a fartar os havia)
Se lhe atravessa,
O detem
E diz muito zombeiro:
—«Eu quero agora saber
D'onde vem?
E aonde a ida tão depressa
Com uma lanterna accesa?
D'aqui não vai sem primeiro
Declarar
O que quer assim achar;
Pois deve ser com certeza
Cousa ruim de encontrar,

Que esteja bem escondida,
Já que de dia a procura
Como em noute muito escura.»
A ladainha sabida
De perguntas indiscretas,
Insulsos alanzoados
De patetas,
Malcreados,
Que sem cessar nos consomem.
—«Ando á procura de um homem»
Diz-lhe Esopo: «já pois vê,
Não se trata de você;
E logo as costas lhe deu...
O parvo não percebeu (185).

FABULA 186.ª

O gallo e a raposa

A um gallo fino, matreiro,
Que estava encarrapitado
No telhado
Do seu alto gallinheiro,
Viu de longe uma raposa;
E correu muito aguçosa
Até ao muro chegar:
—«Oh! meu gallo!
Aqui me tens:
Venho dar-te os parabens
E recebêl-os de ti»
Lhe diz ella a offegar
E julgando engazupal-o:
«Acabou-se a dura guerra

Afinal por toda a terra.
Salta d'ahi
Sem demora,
Quero dar-te
Um bom abraço;
Desde manhã que ando fóra
Espalhando em toda a parte
Esta feliz novidade.»
—«Espera, que eu já o faço»
Lhe torna o gallo: «mal pensas
Quanto gôsto isso me dá,
De a maldade
Se acabar,
De findarem desavenças.
Mas... demora-te um boccado,
Pois vejo vir para cá
O cão que nos guarda o gado;
Vamos juntos festejar
Num magusto
O ter-se acabado o susto
Que reinava até agora.»
—«Obrigada, meu rapaz!
Vou-me embora;
Tenho ainda de levar
A noticia a muita parte.»
E, sem olhar
Para traz,
Eil-a que parte
Corrida
E fugindo a toda a brida.

Nada ha que mais me encante
Do que ver grande pedante
Que levou um magistral
Piparote no nariz,
Quando quiz
Passar a carta de tolo
A quem mais do que elle val'.

Maior seria o consolo
(Mas isso quando se apanha?)
De ver-lhe curar a manha,
Atrevidas presumpções,
D'uma vez
Com certas fomentações
Puxadas a pontapés (186).

FABULA 187.ª

Os dois philosophos

Dois philosophos tomaram
Caminhos muito diff'rentes
No seu modo de viver;
Pois nem inda os mais prudentes
De maneira egual encaram
Como se ha de proceder.
Um d'elles, aborrecido
Do mundo, tinha fugido;
Inimigo da maldade
Ou vaidade
Que em todos e em tudo via,
Verdadeiro misanthropo,
Vivia
De hervas e fructos
Quasi que a vida dos brutos,
Dormindo no duro chão;
Quebrara o ultimo copo
Para beber pela mão.
O outro, postoque honrado,
O mundo havia tomado
Tal qual é; mas sem deixar,

Ás vezes, de o censurar
E, o que vale muito mais,
De bons exemplos lhe dar;
Cumpridor do seu dever,
Quanto um homem deve ser.
No demais
Não se agastava
Com o que remedio não tinha;
O mal que d'ahi lhe vinha
No seu tanto combatia,
E não raro aproveitava;
Nem deixava
Muita vez de visitar
Não só humildes e pobres,
Aos quaes gostoso fazia
Quanto bem fazer podia,
Mas ricos, grandes e nobres,
Indo com estes jantar,
Quando a isso convidado.
Eis que se encontram um dia
Inesp'radamente os dois.
'Stava umas hervas lavando
O misanthropo e, depois
De as haver todas lavado,
Disse, para o outro olhando
E em tom muito avinagrado:
—«Lavar hervas se souberas,
Como eu faço,
Tanto rico a adular
Sempre de curvo espinhaço
Certamente não tiveras
A troco d'algum jantar.»
—«E tu» lhe torna sorrindo
O outro: «que estás seguindo
Um viver
Proprio de feras,
Essas hervas tão amaras
Não lavaras,

Se soubesses conviver
Com homens taes qual tu és,
Em que te julgues melhor.
Tu queres calcar aos pés
Dos homens o orgulho vão;
Quando ha no teu coração
Orgulho muito peior (187).

FABULA 188.ª

A amphora

Nas ruinas de Pompeia
Se encontrou
Vazilha feia,
Uma amphora vazia:
Porém logo se notou
Que largo tempo conteve
Um nectar, uma ambrosia,
Pelo aroma que reteve,
Mui capaz de perfumar
Outro vinho que em tal vaso
Inda quizessem lançar.

Nesse caso
Me parece
'Star o homem que envelhece,
Se bem soube aproveitar
Os tempos da mocidade
Buscando sempre a verdade.
Os que forem assim velhos
Podem dar
Mil bons conselhos;
Não os vás pois desprezar (188).

FABULA 189.ª

O naufragio

—«Carga ao mar!
'Stamos perdidos!»
Desatam em alaridos
A gritar
Capitão e marinheiros
De navio
Que se perdeu num baixio
Por culpa dos passageiros.
Eram todos a bradar:
—«A carga ao mar!»
Mas por fim
Ninguem quiz obedecer.
Todos buscam proteger
O que é seu; promptos estão
Para contravir assim
Das ordens á execução.
Nenhum quiz sacrificar
Um só fio
Para salvar
O navio.
Foi este ao fundo,
E afogados
Morrem todos, abraçados
Ao que não querem perder.

Assim succede no mundo
Aos que prudencia não tem;
Assim póde succeder
Muito bem

(E folgarei, se me engano)
A meu ver,
A um povo insano,
Do qual, digo,
Tanto maior ser o p'rigo,
Que, quantos eu vejo a bordo
(Marinheiros
Por ignorancia de officio,
Passageiros
Por fugir a sacrificio)
'Stão de accôrdo
Em nada alijar
Ao mar;
Antes todos com mão larga
Tratam de augmentar
A carga (189).

FABULA 190.ª

A ostra e os dois rapazes

Dois rapazes encontraram
Numas pedras junto ao mar
Ostra que ambos disputaram,
Para ver
Quem a havia de comer.
A berrar
Um afirmava que a vira
Primeiro: que era mentira
Gritava o outro e dizia,
Quando verdade isso fosse,
Que ao caso nada fazia,
Pois d'ella tomara posse
Logo, deitando-lhe a mão.

—«Vamos já»
Diz o primeiro:
«Ter com aquelle marinheiro
Que alli 'stá;
E elle decidirá
A qual, por justa razão,
Dos dois a ostra pertence.»
D'isto o outro se convence,
E lá vão
Ambos expor seu recado
Perante o dito juiz,
Sobre um penedo sentado.
Ouviu-os muito calado
O descalço Salomão;
E, depois
De comer a ostra, diz:
—«Dividil-a não podendo
Entre os dois
Por ser pequena,
Nem com certeza sabendo
A quem toda pertencia,
Eu comi-a:
Assim venha uma centena!
Cada qual leve uma casca
(Ellas parecem-me eguaes)
E, se acaso encontram mais,
Vamos comêl-as á tasca.»

Repara bem no que fazes;
Demandas não queiras ter,
Que te póde acontecer
O mesmo que aos taes rapazes (190).

FABULA 191.ª

A nuvem

Em tarde de quente v'rão
Dois sabios de contrabando
(Como se encontram aos centos)
Conversando
Muito á mão,
Começaram em commentos,
A dar seu douto par'cer
Sobre uma nuvem, que os ventos
Acabavam de trazer
Para a crista de alto monte
Situado alli defronte.
Diz um:—«No meu entender
Vem chuva, e deixal-a vir:
Se miúda e não atura,
É pão e vinho a cahir;
Temos anno de fartura.»
—«Olhem o grande propheta!»
Lhe torna o outro jarreta:
«Fracos olhos tem você,
Pois nem vê
Que nuvem tão carregada,
Longe de trazer choviscos,
Chuva traz grossa a valer,
Que os cães a podem beber
Em pé! Temos trovoada;
Não tardam raios, coriscos,
Saraivada!
Lua nova trovejada...
Este anno estamos servidos;

Vinhos, azeites perdidos,
É dizer adeus
Ao pão!»
—«Muito melhores que os seus
De certo estes olhos são,
Pois vejo perfeitamente
O que alias é evidente;
Temos chuva!»—«É trovoada!
'Stá com somno, vá dormir,
Que d'isto não sabe nada.»
—«Vê e devia convir
Que deu enorme patada...»
—«Patadas são de jumentos;
E veja lá como falla...»
Nem um nem outro se cala,
Que era confessar-se pêco,
'Té que á falta de argumentos
Desatam ao murro sêcco;
Poisque a ultima razão
Dos paes, dos reis e dos povos,
Tanto antigos como novos,
Até dos sabios emfim,
Sempre foi erguér a mão
Para pôr fim
Á questão.
Emquanto elles appellavam
Para o sôcco e se esmurravam,
A nuvem se dissipou
Nem rastos de si deixando,
Salvo aquillo que apanhou
Cada um dos dois brigando.

Quantos sabios estadistas,
Jornalistas...
São prophetas
Eguaes áquelles patetas (191).

FABULA 192.ª

A má vizinha

Uma aguia, uma gata
E uma (com sua licença)
Porca, assentaram morada
Em vivenda apalaçada,
No centro de immensa
Matta:
(É claro que estou fallando
D'um carvalho venerando.)
No mais alto da ramada
Fez a aguia o ninho seu
Para estar perto do céo;
Uma tóca aproveitando,
Que no tronco azada achou,
A gata lá se alojou;
E ia a porca fossando
Com incessante trabalho
Nas raizes do carvalho
Para alli accommodar
A sua grande ninhada.
Ora a gata era malvada,
Typo da raça felina
Tão mofina,
Raça que tem de acabar,
E assim todos os malvados
De desgraças causadores;
Sejam gatos,
Sejam ratos,
Infames calumniadores,
Ou guerreiros afamados.

Todos elles quantos são,
Do maior ao mais pequeno,
Quanto é mau
Quanto é perverso;
A pau
A tiro, a veneno;
Debaixo da indignação,
Do desprezo e da verdade
Ha de acabar-se a maldade.
Para o mal a este universo
Não creou a Divindade.
—«Ora!» dirá um censor:
«Que furor
Só por causa d'uma gata!
Teu conto pela pacata
Vai contando, que é melhor.»
Tens razão: eu ahi vou.
Até ao segundo andar,
A enzoneira trepou;
E depois de perguntar
E de dizer como vai,
Continúa assim com um ai:
—«Eu cá de susto ando morta;
Nada ha peior, é bem certo,
Do que ter
Mau vizinho ao pé da porta.
D'aqui, amiga, ha de ver
Como põe a descoberto
A javarda, com trabalho
A fossar
De noite e dia,
As raizes do carvalho:
Pois saiba que ella porfia,
Só com o intento
De a desgraçar
Mais a mim.
Depois de escavado assim
Cai o carvalho com o vento,

Temos as casas no chão,
E ella póde a qualquer hora
Nossos filhinhos comer,
Quando andarmos lá por fóra
Grangeando o triste pão.
Eu cá para os defender,
Se tal caso acontecer,
Pouco de casa me afasto,
A procurar-lhes o pasto.
Faça o mesmo, se não quer
Ver-se depois desgraçada.»
—«Fico-lhe, muito obrigada»
Diz a aguia: «por agora
Do que conta não dei fé;
O meu marido anda fóra,
Como sabe; e, quanto possa,
D'aqui não arredo pé.»
Foi-se embora,
Vendo assim ter feito móssa
A noticia que alli deu
A malvada; e então desceu
Da outra inquilina á casa
Para assentar nova vasa.
—«Vizinha» diz: «qualquer dia
Teremos a honraria
De ver nossos filhos pasto
Da fidalga lá de cima,
Não ficando d'elles rasto:
Se tal honra pouco estima,
Veja bem
Como se avem.»
—«Isso agora é para rir»
Responde a porca a grunhir.
—«Diga que é para chorar:
Tomando você sentido,
Ha de vêl-a sempre a olhar,
Com o pescocinho extendido;
Para que? senão pescar

Se uma de nós 'stá ausente,
E levar-lhe de repente
Para o seu ninho
Um filhinho?
Ande sempre d'olho álerta;
Olhe que ella é muito esperta,
Além de muito damninha:
Nunca devemos, vizinha,
Longe de casa caçar.
Mas não vá ella notar
Lá de cima esta conversa;
Adeus.» E foi-se a perversa.

Alcançou o resultado
Do seu enredo malvado:
Da lura não se tirando
Com medo a porca, e fossando
Para ver se grangeava
O sustento alli na terra,
Mais com isto a aguia aterra,
Que mal o ninho largava.
Morrem ambas de laseira,
E pôde a vil enzoneira
(Pois tanto a acreditaram)
Devorar
A seu vagar
Farta herança que deixaram (192).

FABULA 193.ª

O cão fiel

Ratoneiro quiz entrar,
Noite velha, numa casa;
E para o cão,

Que a guardava
E sempre velando estava,
Lhe deixar
Fazer a vasa,
A chamal-o,
A atirar-lhe com pão
De longe, para engodal-o,
Começou com muito tento.
O outro, que percebeu
Logo o seu
Perfido intento,
—«Não me seduzes assim»
Lhe diz: «pois alcanço o fim
Que tem tanto gatimanho,
E d'onde te veiu agora
Affecto por mim
Tammanho.
Pouco valem essas manhas;
Não te vás
D'ahi embora,
E verás
Já o que apanhas.»
E ladrando furioso,
O brioso
E fiel cão
Afugentou o ladrão.

Cautela e sempre cautela
(Por muita que seja, é pouca)
Com quem ardilosamente
Procura armar a esparrella
Á nossa vaidade louca
Ou ambição imprudente (193).

FABULA 194.ª

Os frades que se regalem!

Quantos contos assacados
Aos pobres frades, coitados!
Quantas historias famosas,
Algumas de arrepiar,
Sabe Deus com que verdade!
(Quero crer que fabulosas.)
Uma que eu sei, sem maldade,
Póde ter applicação,
E eis porquê lh'a vou contar.

Fallarei d'um guardião
Dos famosos franciscanos,
Era eu inda rapaz,
(Ai! quantos annos
Lá vão!)
Deixal-os dormir em paz.
Por gastronomo passava,
E é certo que costumava
Informar-se de antemão
Do jantar que o aguardava.
Eis porquê, a horas marcadas,
Se ouviam certas pancadas
Na porta da sua cella.
Não era nenhuma bella,
Sim o mestre da cozinha,
Que alli vinha
Com as noticias desejadas.
—«Entre mestre; e diga lá
O que hoje você me dá,

Isso muito de vagar...»
Logo o outro começava
Um *menu* a recitar,
Muito á antiga portugueza,
Que a pobreza
Não cheirava.
Durante a tal ladainha
Agua á bocca ao frade vinha:
Com os olhos meio-fechados,
No ventre os braços cruzados,
E todos no paladar
Os sentidos concentrados,
Julgava ouvir o cantar
Dos córos celestiaes!
Teve a curiosidade,
De um dia lhe perguntar,
Não o ouvindo dizer mais:
—«E a nossa communidade?»
Responde o mestre:—«O feijão
E o bacalhau a fartar
Tem suas Paternidades.»
«Bom jantar!»
Serio exclama o guardião:
«Que se regalem os frades!»

Frades houve, e os ha, assim:
Venha para a sua eira
A soalheira,
Chuva caia em seus nabaes;
Para os mais
Basta, e de sobra, o ruim (194).

FABULA 195.ª

O pretendente

Quando foi da acclamação...
(A de um rei,
Já nem sei
De que nação,
Tenho mui fraca memoria)
Um facto se deu que a historia
Certamente calará;
O que sinto na verdade,
Poisque a medida nos dá
De quanto pôde a cegueira
Da lisongeira
Vaidade.
Foi por essa occasião
Ter com certo figurão,
Que tinha algum valimento,
Um fuão
A pedir que o protegesse,
Se podesse,
Pois fizera requ'rimento
Para ser condecorado.
—«De certo documentado
Ao Ministro o apresentou?»
O outro lhe perguntou.
—«Isso com toda a certeza:
Levava uma certidão
De doutor muito afamado,
Pelo qual eu fui tratado
Mais d'um mez de perna lesa
Com dois coices que levei

(Pespegando-me no chão)
D'um dos cavallos de El-rei
No dia da acclamação,
Quando a pé o acompanhei
Soltando grande alarido:
Quasi que fico aleijado...»
Dizem que foi attendido.

Bem feliz
Era o paiz
Onde um pobre cidadão
Sahia condecorado
Só por dois coices levar
Em solemne occasião!
Comtudo, tambem ouvi
Não poucos haver alli
Tudo podendo alcançar
Não levando,
Mas a cada passo dando
Com denodo (ou covardia),
Physica ou moralmente,
Solemne pancadaria.
Um tal meio,
Embora feio
(Quando não seja indecente)
Modo de obter valimento
Teve sempre cabimento;
E receio
Que por muito tempo ainda
D'elle o mundo não prescinda,
Empregado
Mais ou menos mascarado (195).

FABULA 196.ª

A grande razão

A um orador que prégou
Sobre S. Bartholomeu,
Perguntou
Ao depois o sacristão:
—«Porque assim
Lhe chamam—*meu*,
Devendo chamar-lhe—*nosso?*
Scismado tenho e mal posso
Resolver esta questão,
Bem difficil quanto a mim.»
Fica o padre atrapalhado:
Mas, depois de haver pensado,
Respondeu-lhe muito serio:
—«É mysterio;
É porque sim.»

Pois, na minha opinião,
Deu a melhor solução
Que podia ao caso dar;
E, se alguem for estudar
Bem a fundo
Os problemas d'este mundo,
Outra não lhes ha de achar (196).

FABULA 197.ª

O gallo fanfarrão

Numa capoeira havia
Tres gallos. Melhor diria:
Um gallo só no presente,
Um futuro, outro passado.
Este, velho e aposentado,
Era-lhe tudo indiff'rente:
O segundo, pretendente
E mettido a taralhão,
Qual o faz
Qualquer rapaz:
O primeiro, fanfarrão,
De forças fazendo alarde,
Era de facto um covarde;
Mas pouco monta
Que o fosse,
Tinha a posse
Do *pennacho;* era o soltão
Reinante na capoeira.
Trazia o frango de ponta:
E, levantada questão
Ácêrca de frioleira
Entre este, uma vez, e um pato
Que para o gallo appellou,
Fez enorme espalhafato
E até de *pinto* o alcunhou!
O frango, cheio de brio,
Chama-o logo a desafio
E lhe dá, em ar de estreia,
Uma soffrivel tareia.

Vencido, porém, o gallo
Não se dá por desthronado,
E diz muito descarado:
—«Quiz poupal-o:
Ha de vir a ser valente.
Assim vai constantemente
Nossa raça melhorando;
Somos mais
Que nossos paes.
É da natureza a lei;
A quantos o ensinei!»
Disse isto olhando
De lado
Para o gallo aposentado.
Este perde a paciencia
Ao ouvir tal insolencia;
Vai-se a elle
E por um triz
Não lhe dá conta da pelle.
Eis logo o vencido diz:
—«Ainda mostra o que foi
No seu tempo o velho heroe:
Eu poupei-o,
Fôra feio
Nelle a velhice insultar:
Mas na sua mocidade,
Confesso, valha a verdade,
Havia de me esforçar,
Ou era eu o vencido.

Quantos assim tens ouvido
Insolentes fanfarrões,
Sem pudor
(E isto em todo o sentido)
Aos quaes não servem lições
Indo de mal a peior (197)!

FABULA 198.ª

O idolo e o cão venerador

Perante a estatua d'um deus
Levantada no caminho
Um cão se curva e lhe diz:
—«Bem sei quanto sou mesquinho;
Mas não quiz
Os votos meus
Deixar
De te apresentar,
Como devo, mui submisso.»
—«Menos mal passo sem isso»
Lhe responde a divindade:
«E te mando
(Pois te conheço a piedade
E a de todos os sabujos)
Que vás cortando
Depressa,
Não te dê alguma pressa
E me deixes os pés sujos.

Receia sempre o peior
D'um homem *venerador* (198).»

FABULA 199.ª

A raposa

Uma raposa
Manhosa,
(E tudo um mesmo dizer)
Vendo que de dia a dia
O negocio enfraquecia
Por causa dos concorrentes,
Assentou em se fazer
De innocentes
Opprimidos
Protectora.
Com discursos palavrosos
Contra os grandes e pod'rosos
Os ricos empedernidos
Eil-a feita prégadora.
Era uma santa... por fóra;
Por dentro, a mesma raposa.
Para si nenhuma cousa
Desejava;
Ao bem publico votada,
Aspirava
Só a elle e a mais nada...
Milhões lhe deram ouvidos.
D'esta grande clientela
Alguns eram opprimidos
Não pouco, valha a verdade;
Outros, pela novidade
Atrahidos;
Varios, porque á sombra d'ella

Esp'ravam tambem lucrar;
E muitos, muitos milheiros
Seguiam quaes os carneiros:
É gente que foi creada
Para imitar
E mais nada;
Confundindo o bem
Com o mal,
Criterio proprio não tem.
Tanto fez, que convidada
A prégar foi afinal
Ante a familia real.
Alli sim, que ella brilhou!
Trovejou
Contra a cruel tyrannia,
Que o pobre povo opprimia;
Tudo num estylo e tom
Que não os desprezaria
Bourdalou ou Massillon;
E deixou
O auditorio embaçado.
O proprio tigre chorou
Tanto sangue derramado!
El-rei quiz recompensar
Nella a virtude e o saber:
Depois de a condecorar
Com sua sob'rana mão
(Pois tomou o caso a serio)
Dignou-se de lhe off'recer
Um logar
Rendoso na adm'nistração
Do seu vastissimo imperio.
A tartufa, violentada
Por se ver assim roubada
Ás suas nobres canceiras,
A final se conformou
('Té á ultima luctando)
O ministerio acceitando

De todas as capoeiras,
No qual bem se abotoou.

Mais d'um ha que tem trilhado
D'esta raposa o caminho,
Que mui breve e direitinho
O levou
Até chegar
Aonde um homem honrado,
Que de taes meios renega,
Sóbe muito de vagar,
Se por ventura lá chega (199).

FABULA 200.ª

Os nabos e os grelos

—O que come adeantado
Não fique depois pasmado
Por não ter
De que viver.—
Á memoria isto me traz
Um muito notavel caso
Dos meus tempos de rapaz,
Quando li
Carta que, por mero acaso,
Me cahiu nas mãos, e vi
Ser de figurão
De marca,
Especie de patriarcha,
Senhor de farta lareira
Numa das terras da Beira.

Escrevia a um seu irmão;
E, além de todos contados
Os casos graves passados,
Que da aldeia
Entretinham os serões,
Vinha a carta tambem cheia
De sensatas reflexões.
Uma não me ha de esquecer:
—«Foram os nabos poupados;
E porisso, regalados,
'Stamos agora a comer
Com indizivel prazer
Os bellos,
Gostosos grelos.»

Assim nem sempre fazemos:
Os nabos todos comemos,
E depois
Grelo não tendo nenhum,
A nossa custa apprendemos
Que no cabo
Grelo e nabo
Par'cendo dois
Tudo é um (200).

FABULA 201.ª

O hortelão

Perguntada a um hortelão
A razão
Porque tanto se esfalfava,
Sem que descanço tivesse
Já na rega já na cava

Em que andava
Trabalhando sempre a horta,
Respondeu: — «Se o não fizesse,
Tinha a hortaliça morta.»
—«Mas permitta que lhe diga»
Torna o outro: «que se dão,
Quando as deixam, neste chão
A urze, a grama, a urtiga;
Medram todas muito bem
Privadas d'esse cuidado
Que você com as couves tem.»
—«Mal peccado!»
Lhe replica o hortelão:
«Isso está mais que explicado,
Pois umas as filhas são
D'esta terra,
E as outras não;
D'ellas parece madrasta,
Faz-lhes guerra.
E, demais, veja o senhor:
Ao mal o desleixo basta
Para medrar a valer;
Mas o bem muito suor
Custa para não morrer (201).

FABULA 202.ª

A lebre e a tartaruga

Disse a tartaruga á lebre:
—«Embora o mundo celébre
A tua veloz carreira
E diga que eu sou zoupeira;
De apostar

Não se me dava
Que eu chegava
Muito primeiro que tu
Áquelle rochedo nu
Que além se vê branquejar.»
—«Isso bem podia ser!»
Responde a lebre a zombar:
«Apósto,
Dou-te esse gôsto.»
Para tempo não perder
A outra logo começa.
Sem ter préssa
Ficou a lebre a pastar,
E foi a sésta dormir
Quando farta de comer,
(Mas a tartaruga a andar...
Não se póde distrahir.)
Acabou tarde da sesta
A lebre, e deita a correr
Vendo que pouco já resta
De caminho á tartaruga:
Corre, voa, tão ligeira
Como quando vai na fuga,
Pelos galgos acossada.
Baldada
Foi a canceira:
A lebre ficou vencida.

Nas veredas d'esta vida
O que for em linha recta,
Póde muita vez lograr
Primeiro á meta
Chegar
Do que outro com melhor perna,
Se a carreira mal governa,
Contando, com o seu talento,
Vencer tudo num momento (202).

FABULA 203.ª

Os zangãos

De fome quasi a morrer,
E não sei se despeitados
De ouvirem sempre dizer
Que eram entes escusados,
Os zangãos se recordaram
De ter lido em lendas velhas
(Se não foi que as inventaram)
Que elles tambem descendiam
D'umas famosas abelhas,
As quaes outr'ora faziam
Um mel tal
Como o não houvera egual,
Muito e muito sup'rior
Ao que havia de melhor.
Consultado o calendario,
Eis decretam centenario.
Vão buscar,
Desenterrar,
Das taes abelhas preteritas,
Suas avós benemeritas,
As reliquias venerandas,
Com as quaes andam
Em bolandas.
Inventam jogos diversos,
Dançam leves sarabandas,
Recitam prosas e versos;
Discursos ha que tresandam
De heroismo,
De nobre patriotismo;

Perante os sagrados restos
Fazem solemnes protestos
De morrer, ou de imitar
Do seu mel o fabricar...

Acabado aquelle entrudo,
Acabou tudo:
Os pedantes
O seu viver não mudaram
E ficaram,
Como d'antes,
Despreziveis, desprezados
Depois de desmascarados.

Povo que quer caminhar,
Para traz não deve olhar;
Isso é propio da velhice,
É signal de caduquice.
Caminhe a passo seguro
Fitando só o futuro.
—Apoz um tempo outro vem—
E nunca volta o passado,
Pois cada epocha tem
O seu papel designado.
Novos meios
Necessarios
São a novos fins obter;
Centenarios
Não passam de vãos recreios
Para os ocios entreter;
Uns joguetes,
De badalos muita bulha,
E faulha
De foguetes;
Mascarada
Na qual brilha a impostura
E se compraz a loucura...
Não servem para mais nada (203)

FABULA 204.ª

O OVO

O primeiro que encontrou
Um ovo (se de gallinha,
Pata, perua... elle vinha,
Quem sabe?) tanto o mexeu
Que o ovo em fim se rachou;
Então o homem o bebeu
E gostou.
Quantos depois encontrava,
Ou os bebia ou os dava
A beber
Aos filhos e á mulher,
Todo ufano
De haver feito um tal achado.
Correu assim muito anno
'Té que, por acaso, um dia
Em cinza que ainda ardia
Cai um ovo
E fica assado;
E quem alli o encontrou
Comeu, muito regalado,
Aquelle petisco novo,
Que elle aos demais ensinou.
Desde esse tempo é que os povos
Bebem ou comem os ovos;
(Mas a historia não relata
D'esta evolução a data.)
Passados annos e annos,
Quando os instinctos humanos

Se apuraram;
Inventaram
A panella!
E mui pouco depois d'ella
Os tachos, as frigideiras...
E foi quando começou
A era das cosinheiras.
Desde esta é que figurou
De mil diversas maneiras
O ovo até nossos dias
Em milhares de iguarias,
Invenções de lambareiros
(Incluindo as lambareiras.)
Pratos são muito caseiros,
De todos bem conhecidos:
Ovos fritos e mexidos,
Escalfados,
Recheiados,
Ovos molles e... reaes,
Não se póde dizer mais!
(Fôra um nunca se acabar
O qu'rel-os todos contar.)
—«Mas d'esses manjares novos
A base eram sempre os ovos:
Cabe pois a quem primeiro,
Embora não cosinheiro,
Se lembrou
De partir e de beber
O tal ovo que encontrou,
A gloria da invenção.
O mais foi imitação,
Pouco tinha que fazer»
Vai algum leitor dizer.
—«Pois está muito enganado:
O primeiro que o bebeu
Não teve merecimento;
Apertado
Pela fome

O mesmo lhe succedeu
Que ao jumento,
Quando a tem e cardos come.»

Ha invenção e invenção:
Uma, só do acaso filha
Ou cruel necessidade,
Bem pouco nos maravilha;
A outra, da reflexão,
Que procura
Das cousas a utilidade,
Essa é que nos faz pasmar.
E assim vai a humanidade
Caminhando em noite escura,
Conseguindo em todo o caso,
Por industria ou por acaso,
De vagar
Sua sorte melhorar (204).

FABULA 205.ª

O rouxinol e a cotovia

O rouxinol disse um dia
Quando viu a cotovia
Subindo sempre, a cantar:
—«Se tu assim continúas
Sem parar,
O que valem essas tuas
Cavatinas?
Pouco ou nada.
Se queres ser escutada

Com prazer,
Para que te vais erguer
Tanto acima das campinas;
Fica mais perto do chão,
Onde estão
Os que te querem ouvir.»

O dicto póde servir
A poétas, estylistas,
De palavras alchimistas,
Se o que escrevem faz sentido,
É perdido
Infelizmente
Para quasi toda a gente (205).

FABULA 206.ª

O homem e a raposa

Certo lavrador pilhou
Uma raposa num laço,
E lhe amarrou
Com baraço
Ao rabo estriga de estopa,
Uma sopa
De alcatrão era ou de breu,
Que accendeu;
E logo deixou fugir
A culpada assim a arder,
Para de exemplo servir.
Porém foi elle que o deu:
A raposa se metteu
A correr
Pela seara

Madura, que toda ardeu.
Sahiu a vingança cara
Ao lavrador leviano,
Que nesse anno
Não fez eira...

A ira é má conselheira (206).

FABULA 207.ª

O urso e os dois caçadores

Dois rapazes caçadores,
De certo não dos melhores,
'Stando falhos de recursos
Á caça foram dos ursos:
Mas, imitando estadistas
E graves economistas
(Que são faceis de imitar)
Tinham pedido dinheiro
Sobre a pelle do primeiro
Urso que fossem matar,
E sabe Deus com que usura!
Operação financeira
De divida fluctuante;
(Ia dizer... ladroeira,
Porém já disse o bastante.)
Eil-os vão pois á procura
D'um urso. Estes por cá
Bem faceis são de encontrar
(Só difficeis de aturar:)
Tambem não faltavam lá.
Entrando numa floresta,
Logo um urso!... Larga a bésta

O primeiro
Que tal viu,
E mui depressa subiu
'Té ao cimo d'um pinheiro.
Atira comsigo ao chão,
Meio-morto, o companheiro;
Mal lhe bate o coração
Gelado dentro do peito!
Chega o bicho, e vai direito
Ao desgraçado
Prostrado:
Porém (ou seja verdade
Que os mortos elles não comem,
Ou lhe faltasse a vontade)
Depois de o ter farejado
Foi-se embora socegado,
A vida deixando ao homem.
Desce o outro do pinheiro
E pergunta zombeteiro,
Ao amigo ainda passado:
—«Aproveitaste o discurso
Que tão pertinho do ouvido
Te 'steve fazendo o urso?»
—«Amigo!» lhe tornou elle:
«Por tudo quanto me disse,
Fiquei muito convencido
De que é enorme tolice
Vender dos ursos a pelle
Antes de os ter extendido (207).

FABULA 208.ª

A raposa e as sarças

Fugindo quanto podia
Raposa bem acossada,
Eis que desce uma quebrada
Tão grande e escorregadia
(Era um barranco profundo)
Que de certo alli morria,
Se não a achasse forrada
De sarças até ao fundo;
Mas nas quaes deixou ficar
Muito sangue a gottejar.

Bemfeitores d'esta casta
Semelham certa madrasta
Que dava pão á enteada,
Mas bem duro; e de repente
Pela bocca lh'o mettia,
Para assim ver se algum dente
A desgraçada
Partia (208).

FABULA 209.ª

O bilhete de visita

Farto de fazer visitas,
Alguem se lembrou um dia

Que podia,
Se não sempre, bastas vezes,
Aviar certos freguezes
Com cartitas
De que conservava, escriptas
Nas horas vagas, porção;
E, chegada a occasião,
As datava
E assim mandava
A este ou áquelle fuão.
Inda assim, breves embora,
O seu tempo o homem chora
Que perde em as escrever
(Tinha muito que fazer:)
Porisso, de quando em quando
Vai resumindo,
Cortando,
Até que tudo se some,
Ficando só o seu nome
As cartas substituindo.
Tal é a origem bemdicta
Do bilhete de visita,
Que hoje, mercê do progresso,
Já todos usam impresso.

Este beneficio obtido,
Poupando o tempo perdido
Com enfadonhas maçadas,
Facil era de se haver,
A meu ver,
Em mil cousas excusadas,
Quaes muitas visitas são.
Simplificar
Com juizo
Guardando só o preciso
É o caminho a trilhar
Na vida particular,
Na publica adm'nistração (209).

FABULA 210.ª

O burro e o eclipse do sol

Vendo que o sol se escondia,
Como ainda agora o faz,
Por traz
Do globo da lua,
Eis que logo a bicharia
De medo sua,
Alto berra
E atordoa toda a terra.
Começa o burro a zurrar,
Mais e mais forte zurrando
Vendo o sol a despontar;
No fim impando
E a dizer:
—«Vejam qual é o poder
D'esta voz!
Seus estampidos
Temidos
São pelos astros do céo!
Nas trevas, não sendo eu,
Eternamente sumidos
Agora 'stavamos nós.»
Muitos dos mais aterrados
Ficaram capacitados
Do que o burro lhes dizia;
Que a mentira, acompanhada
De ousadia
Descarada,
Tinha já grande valia.

Depois de tudo estar feito
Não falta quem molhe a sopa,
E alcance todo o proveito
Sem metter prégo nem 'stopa (210).

FABULA 211.ª

A arvore dos pomos de oiro

Um homem no seu quintal
Tinha planta, sem egual,
Arvore muito melhor
Que a figueira de Timão,
(De Athenas um cidadão,
Sempre de pessimo humor,
O qual antes de a cortar
Para o lume,
Espalhou pela cidade
—Que, pois estava em costume
Irem-se alli enforcar,
Quem tivesse egual tenção
Fosse lá com brevidade,
Ou perdia a occasião.)
Dava esta pomos de oiro,
Um milagroso thesoiro!
Mal o soube conhecer
E d'ahi se desgraçou
O dono, que se lembrou
De tal arvore arrancar,
Para ver
Se assim lograva
Mais oiro ainda alcançar.
Eis como elle arrazoava:

—«Tem causa sempre um effeito,
É da logica preceito:
Se oiro dás,
Deve esse chão onde estás
Têl-o mais do que te dá.
Claro está,
Que arrancando-te d'ahi
Muito breve enriqueci!»
E philosophava bem.
Porém
Da razão humana
Nada mais nasce ou dimana
Do que o simples argumento.
A razão é instrumento
Que ás vezes aperfeiçoa,
Ás vezes vai estragar
Quanto a memoria lhe dá.
É qual moinho de vento:
Bom, nos ha de fabricar
Farinha de trigo boa,
Se trigo capaz moer;
Farinha de certo má,
Quando o trigo for assim:
Sendo o moinho ruim
Deitará tudo a perder.
Dá-se o mesmo com a razão:
Quantos homens ha que são
Dotados d'ella bem clara,
Porém de ignorancia rara,
E, que á falta de moer
Cousas boas, sem sciencia
Tudo julgando saber,
Apenas moem tolices,
Patranhas e pieguices...
(Ai de mim! e a paciencia!)
Outros tem grande fartura
De sabença;
Se magna a semeadura

Correspondeu-lhe a nascença:
Mas o moinho estragou
Quanto trigo nelle entrou.
Por outra, quero dizer:
—*Que de pouco valor são*
Sem a sciencia a razão,
Sem esta o muito saber.—
O homem nunca pensou
Haver alli um mysterio
Que excedia o seu criterio,
Do qual convinha gosar
Sem buscar-lhe a explicação.
Arranca a planta, e depois
Começa a cavar
No chão.
Cava um dia, cava dois,
Ignoro quantos cavou;
Só sei que nada encontrou
Senão terra e nada mais,
Qual a dos outros quintaes.
Sem um instante perder
O mal procura sanar,
Torna a arvore a plantar:
Era tarde, em poucos dias
Murcha e sêcca a viu morrer;
E, em vez das taes melhorias
Com que se havia embalado,
Morreu pobre e desesp'rado (211).

FABULA 212.ª

O nariz curado

Um homem tão estragado
Chegou a ter o nariz,
Que a mestrança,
Sem espr'ança
De o salvar,
Teimava em lh'o ver cortado:
Isso o doente não quiz:
Lembrou-se de consultar
Especialista, a quem diz:
—«Doutor, veja se me cura,
Sem que eu tenha de soffrer
A terrivel cortadura
Que os seus collegas me juram
(Ai! pobres dos que os aturam!)
Evitar não se poder.»
—«Historias!» torna o doutor:
«Não senhor;
Logo que entrou percebi,
Isso cai mesmo por si.»

Quantas cousas tem cahido
De maduras,
Qual o nariz combalido,
Sem um dedo lhes bulir,
E quantas hão de cahir
Que nos parecem seguras,
Mau grado ás opiniões
Contrarias dos sabichões;

Uns gritando: de as reter,
E outros: de as destruir?

Tudo quanto nasce e cresce
Muito faz se amadurece:
Mas, por fim, tem de morrer (212)!

FABULA 213.ª

O carro atolado

Atolado um carro estava.
O carreiro praguejava
Contra os bois, contra o caminho,
E até contra si; emfim
De pragas era um moinho:
Mas o carro não andava.
Lembrou-se dos céos por fim:
—«Se com o mundo carregaste,
Alcides, sem te cançar,
Bem me podes ajudar;
Não precisas de guindaste:
Um dedinho,
E me arrancaste
O carro d'este atoleiro!»
—«Ahi vou já, mui veloz,
Grita dos céos uma voz:
«Mas espera um poucochinho,
Pois quero-te ver primeiro
Tirar-me com um fueiro
Essa pedra que ahi vês
Mesmo deante da roda
Da direita do teu carro.»
O carreiro

Assim o fez.
—«Bem: agora enche de barro
E calhau essa sob-roda
Onde a outra se metteu.»
O homem obedeceu.
—«Ora pois,
Mette o hombro, falla aos bois.»
—«Chega!» Está o carro a andar!
—«Hei de te sacrificar
Por este favor
Tammanho,
Grande Alcides, a melhor
Cabeça do meu rebanho»
Brada o camponio encantado.
—«Obrigado!»
A voz lhe diz:
«Pouco tens a agradecer:
Apenas mostrar-te quiz
Teres bastante poder
Para, com o esforço teu,
O carro desatolar
Sem vires importunar
Por cousa tão pouca o céo (213).

FABULA 214.ª

O espinheiro

Um espinheiro rasgava
Tudo quanto lhe passava
Ao alcance dos espinhos,
Tão agudos e damninhos

Quaes espinheiros os tem.
—«Donde vem»
Diz-lhe um salgueiro:
«Que feres tudo o que passa?»
—«De eu achar
Prazer e graça
Em rasgar
O mais que possa.»
Lhe responde o espinheiro.

Ha no mundo gente assim,
Que tem da maldade a bossa
E gosta de ser ruim (214).

FABULA 215.ª

O rebanho

Um rebanho revoltou-se
(Fosse lá pelo que fosse)
Contra o cão, contra o pastor;
E julgou que era melhor
Acabar com a monarchia,
Voltando á doce anarchia
D'aquelles tempos primeiros
Que os poetas inventaram,
Quando ternos misturaram
Os lobos com os cordeiros:
Fugiu tudo em debandada.
Tal ensejo aproveitando,
Houve quem quizesse o mando
Ter então da carneirada;

Mas levou basta marrada
E não pôde alcançar nada.
Correu tudo muito bem
Naquelle primeiro dia;
Com fartura
Pasto havia,
Não se extraviou ninguem.
Mas, chegando a noite escura
Cercada dos seus horrores,
Viu-se o rebanho mesquinho
Sem aprisco e guardadores.
Torcem todos o focinho;
Mais d'um já suspira afflicto
Pelas cebolas do Egypto.
Crescem com a noite os cuidados:
Pelos lobos assaltados
Eil-os que fogem sem tino;
Muitos o cruel destino
Soffrem de ser devorados;
Varios acham seu exicio
No fundo d'um precipicio.
Raia emfim a madrugada:
Reuniu-se em assembleia
O resto da carneirada
E, descontente com a estreia,
Decidiu que era melhor
Voltar de novo ao pastor.
Assim fazem sem demora,
Assim vivem até agora,
E é bem de acreditar
Que hão de assim continuar.

Póde ser que apaixonado
Do governo realista
Me julgues. 'Stás enganado;
Nem d'esse, nem de nenhum
Da muito comprida lista:
Mas seja elle qual for,

É forçoso que haja um.
Escolham, pois, o melhor,
Já que d'elle se carece;
Tudo vai no escolher
O que mais lhes convier.
Se doenças não houvesse,
De certo que se vivia
E morria
(De velho) sem medicina,
Remedios e boticarios:
Assim, males necessarios
Muitos governos tem sido.
Quando o homem pervertido
Desatina,
Quando alem de tolo é mau,
(E quantas vezes malvado!)
Sempre ha de ser governado
Não pela lei, mas a pau.
É um governo ruim
Por sahir da mesma massa
Dos que elle governa assim.
Não me consta que se faça
Homem probo, justiceiro,
Um villão
Por ter a vara na mão;
Ou sisudo financeiro
Um safado caloteiro;
Ou estadista profundo
Papelão,
Grande pateta,
Palrador, chôcho poeta,
Como ha tantos pelo mundo;
Porque foram acclamados
Pelos seus apaniguados
Que os querem assim ruins
(Todos sabem com que fins)
Governando algum Estado.
Só povos degenerados

Cumplices d'elles serão.
Para ser bem governado
Ou tornar o desgoverno
Bom governo,
O nome é vão
Alterar.
Se o actor não vale nada,
Que importa a peça
Mudada?
Sempre ha de representar,
Que mereça
Pateada;
E, se o publico não presta,
Mui certamente detesta
O que for
Optimo actor,
E o ruim, bom lhe parece.
Porisso já disse alguem:
—Em geral um povo tem
O governo que merece.—

Povo, se governar queres,
Ou antes, desejas ser
Com justiça governado,
(Pois tudo o mais é baldado)
Deves tratar de apprender
Os direitos e os *deveres*
(De ordinario desprezados)
Dos homens livres e honrados.
Se obedecendo á vaidade
Cedes a instinctos ruins,
Esqueces duras lições,
E tens por santa verdade
Quanto torpes intrujões
Te imbutem para seus fins;
Não te vás depois queixar
De quem te *ha de governar* (215).

FABULA 216.ª

O capote

—«Venho, amigo,
Ter comsigo
Para pedir-lhe emprestado
O capote»
A outro seu conhecido
Dizia certo sujeito
(Suspeito
De haver pregado,
E mais de uma vez, calote.)
—«Tem chovido»
Responde o homem da capa,
Julgando que assim lhe escapa:
«E é muito mais que provavel
Que hoje todo o dia chova;
Começou com a lua nova,
E note
O céo como está;
Com tempo tão detestavel
Como hei de emprestar capote?
Tenho um só.»
—«Essa é boa, e mette dó!
Dar-se-ha
Que exista algum miseravel
Que dois capotes não tenha?»
Pergunta em tom zombeteiro
Desconfiado
O primeiro.
—«Ha você, que nenhum tem»
Conclue o outro zangado:
«E, mal ou bem,

Lá se avenha
Sem o meu,
Pois não lh'o empresto eu
Por milhares de razões
Que não estou para lhe dar.»

Virtudes e attenções,
Ou por grosso ou por miudo,
A fartar,
Nos outros deve haver tudo:
Porém nós, que nos queixamos,
Quando a porta lhes achamos
Algumas vezes fechada,
Termos pouco basta ou nada (216).

FABULA 217.ª

O boticario e os remedios

Não recuses para ti
Aquillo que aos mais off'reces:
De contrario,
Do conto, que trago aqui,
Imitas o boticario,
Ou com elle te pareces.

Cai doente
De repente
Boticario afreguezado.
Perguntado
Que remedio quer tomar
Dos que na botica tem,
Desata logo a gritar:
—«Vocês vem
Com tenções de me acabar?

A botica é excellente
Para algum freguez doente:
Para mim de nada presta,
Que não quero morrer d'esta.»

Quantos boticarios ha,
Tem havido, por ahi,
Apregoando maná
Que não querem para si (217)?

FABULA 218.ª

O congresso dos ratos

Um gatarrão, um diabo
(Por signal que era maltez,
Sem orelhas e sem rabo)
Tinha jurado dar cabo
De quantos ratos havia
Pela sua freguezia;
E enviar, por uma vez,
Todo o rato ou ratazana
Aos bichanos de Pantana.
Os ratos espavoridos,
Em suas tocas mettidos,
Chiando de fome e medo,
Na bocca sempre com o *credo*,
Não sabiam se escolher
O morrer,
Ou o emigrar
Como esp'rança derradeira
Para a raça se salvar.
Uma noite, pois, que ouviram
Nos descantes do telhado
Medonha a voz do malvado,

Em 'spaçosa carvoeira
Á pressa se reuniram
Para trazer a questão
Á téla da discussão.
Brilharam os estylistas,
Os profundos estadistas,
De que havia profusão.
Muita chufa alli se disse,
Muita parva bernardice,
Muito sédiço argumento,
Muita allusão
Indecente;
Appar'ceu muito jumento
Com a tal pelle do leão:
Foi, em summa, um... parlamento.
Mas votou-se finalmente,
Proposto por um *prudente*,
Rato velho, visionario,
Doutrinario,
Medalhão,
Peste do Estado
(Quaes os doutrinarios são)
Que fosse bem amarrado
Um grande e sonoro guizo
Ao pescoço do malvado,
Para assim lhes dar aviso,
Toda a vez que se mexesse
Com tenções de os ir caçar;
E então cada qual podesse
Fugir á morte macaca
Dentro da sua buraca;
Devendo o guizo levar
Gravado o nome do auctor
Que o remedio foi propor.
Tudo vota a gente rata
Aos gritos de «fere e mata!»
Quando se quiz pôr em obra
A famosa decisão,

O primeiro que sossobra
É o auctor da tal moção.
Diz:—«Que esteja prompto a dar
Pela patria o sangue seu
Quem o póde duvidar?
Se até alli o não deu,
Bastantes vezes correu
O p'rigo de o derramar.
Que outros se vão arriscar
Pela patria d'esta vez,
Como o fez
Em outra edade
Mer'cendo a immortalidade.»
Assim fallou o portento
E ninguem lhe deu com um pau.
De môlho ficou o intento
Em aguas de bacalhau;
A pôr o guizo no gato
Nenhum rato
Alli se quiz arriscar.

Quando o caso é só fallar,
Muitos ha que fallam bem:
Mas, tratando de arrostar
Com algum p'rigo imminente,
Ha pouca gente
Ou ninguem (218).

FABULA 219.ª

O macho fidalgo

Um macho não se calava
Com a mãe; da qual blasonava
Fôra a egua mais formosa,
Mais famosa,

Mais nobre que tinha havido.
Descendia
(Como?... só elle o sabia)
D'aquelle nobre cavallo
Nascido
Do grande abalo
Que Neptuno á terra deu,
Quando outr'ora concorreu,
De annos ha boas centenas,
Com Minerva, a donzellona
Sabichona,
Por causa da nobre Athenas.
Figurado
Sempre havia toda a vez
Que se fez
Casamento, baptizado
E outros taes
Actos nos Paços Reaes.
Leve qual o leve vento,
De corridas mais d'um cento
Tinha ganho aqui, além.
Era um nunca se calar:
Mas de seu pae não fallava
A ninguem.
E porisso se vingava,
Zombando, nelle o povinho
A dizer:—«Que o seu solar
Era longe d'um moinho,
Para o qual acarretava,
A suar,
Muito trigo e muito milho,
Emquanto o tolo do filho
De nobreza se gabava.»

Se o macho não se emproasse
Tanto fallando da mãe,
Talvez o povo tambem
Menos no burro fallasse (219).

FABULA 220.ª

O corvo querendo imitar a aguia

Não é o corvo de certo,
A meu ver, menos esperto
Do que os outros animaes;
Mas muitas vezes pretende
Imitar,
Ou antes macaquear,
Ainda os que podem mais:
É nisso que elle se extende.
Assim foi que se extendeu,
E muito bem ao comprido,
Certo corvo presumido
Num caso que succedeu.

Vendo nas garras levar
Para o ninho
A aguia um cordeirinho,
Entra as contas a deitar
De o mesmo tambem fazer.
Escolher
Vai num rebanho
Com a vista um bello cordeiro,
Mas tão lanzudo e tammanho
Que mais parece um carneiro;
E, rosnando:—«Ès mui guapo!
Has de chiar-me no papo»
Com ridicula fereza
Se arremessa á bella presa.
Porém contra o feiticeiro
O feitiço se voltou;

Tanto os pés emmaranhou
E mais as unhas na lã,
Que foi vã
Qualquer tenção,
Vendo a empreza malograda,
De bater em retirada:
E peior foi quando a mão
Sobre elle o pastor lançou
E para casa o levou,
Brinquedo dos seus rapazes.

Repara bem no que fazes
Quando aos outros te equiparas:
Foge de acções indiscretas,
Qual o corvo não te mettas
Em camisa de onze varas (220).

FABULA 221.ª

A mosca e o veado

Certa mosca mui vaidosa,
Sobre a armação majestosa
D'um veado foi poisar.
Vendo-o depois a cabeça
Para comer abaixar,
Lhe diz:—«Olha, eu não te impeça
Com o meu pêso! Vou-me embora,
Já descancei um boccado,
E basta de incommodar.»
—«Só agora
Percebi
Que 'stavas poisada ahi.»

Responde o nobre veado.

Quantos ha que julgam ser
Figurões muito notaveis
Por seu immenso saber,
Por sua prudencia rara,
Sem poderem perceber
Que são moscas miseraveis
E nas quaes ninguem repara (221)!

FABULA 222.ª

O prego e o parafuso

Para pregar
'Stão em uso
O prego e o parafuso.
O segundo, de vagar,
Fixa a taboa, a fechadura...
E fica a obra segura;
Sem ruido
Faz asseiado trabalho,
Digno de bom carpinteiro:
O primeiro,
O triste prego,
Quer batido
A martello, quer a malho,
Leva pancada de cego
Muito á pressa,
Que ora lhe dá na cabeça
(E, se alguma vez resvala
Sobre a taboa, vai rachal-a)
Ora o intorta,

E lá fica a obra torta,
Mal segura
A fechadura
Sem nos dispensar a tranca,
Pois se arranca
Num momento;
(E não fallo no tormento
Do infernal estardalhaço
Com que muito pouco engraço.)
Porisso d'elle arrenego,
E só uso
O parafuso.
Pois muito parvo ha ou cego
Que diz preferir o prego.
Se é sincera a affirmação,
Ignoro-o: alguns serão,
Em vez de parvos velhacos.
Mas seja lá como for,
Faça-se tudo em cavacos:
O que importa é figurar,
Sem pensar
No que é melhor;
Fazer bulha,
Pois mais vale quem mais grulha.
O charlatão 'stá seguro
De que sempre ha de abrir furo;
E por mais nescio que seja,
De encontrar
Quem menos veja.
E se a taboa se rachar?
Tanto monta,
Não racha por sua conta.

Sendo por alguem notado
De que só se defendia
Ás vezes com argumentos
Virulentos,
Mas de mui pouco valor,

Respondia
Escriptor
Muito afamado:
—«Para quem eu me dirijo,
É melhor
Bater bem rijo
Do que bater acertado (222).

FABULA 223.ª

A opinião publica

Um moleiro ia uma vez
Com seu filho, rapazito
Já de quinze ou pouco menos,
Vender á feira do mez
Um burrito,
Que não era dos somenos.
Vai no burro o rapazinho.
Eis encontram um vizinho
Que, zangado, assim lhes grita:
—«Cousa é pouco bonita
Ir teu pae *pede calcante*,
E tu, rapaz, mui chibante
Nesse jumento montado.
Como está tudo mudado!
Que anarchia!
No meu tempo não se via
De certo o que hoje se vê:
Mas a culpa tem você,
Que assim o foi educar!»
Como não par'cesse bem,
Mandou

O velho apear
Ao filho, e elle montou.
Vão andando até que vem
De raparigas um rancho.
Entra logo uma a gritar:
—«Pobre rapaz, coitadinho!
Descalcinho
E a tropeçar
Por este ruim caminho,
Emquanto o homem mui ancho
Vai no burro amezendado,
Qual a pessoa d'El-rei!
Eu t'arrenego, malvado!
O que tu qu'rias, bem sei...»
—«Ás armas!» outra gritou
E tocou,
Fazendo da mão trombeta:
«Té, teré, terétété!
Olhem! montado
Á gineta
S. Jorge! não traz estado,
E seu pagem vem a-pé.»
Cada qual nelle derriça.
—«Meninas, vão pentear
Macacos; ou vão á missa,
Que 'stá o padre ao altar;
Muito riso
Pouco siso;
Ás suas palavras ôcas
Faço eu orelhas moucas;
Mandrionas vão fiar!»
Porém, quando as raparigas
Com seus ditos e cantigas
Tomaram outro caminho,
Disse o velho ao rapazinho
Que montasse elle tambem.
Ainda andado
Não tem

D'este modo o seu boccado,
Logo com chufas o assalta
De praguentos nova malta,
Um dos quaes exclama:—«Olé!
Fôra seu esse rossim,
Tinha você
Mais dó d'elle,
Nem o maltratava assim.
Seu não é;
Ou lhe vai vender a pelle
E da feira volta a-pé.»
—«Quem chegou á sua edade»
Brada outro: «isso não faz!
Que é uma barbaridade
Ir você mais o rapaz
Ambos no bruto montados,
Um burro dos mais safados,
Que não póde com vocês!»
Seguia muito calado
O moleiro no seu burro:
Mas já lhe cheirava a esturro
O ser sempre criticado.
Quiz porém inda uma vez
A conselhos acceder
Para ver
Se, depois de tanta guerra,
Os deixavam ir em paz.
Põem ambos o pé em terra
E vão caminho da feira
Do burro atrás;
E este avança
Encantado com a mudança,
Que lhe não parece asneira;
Porém mal tinham chegado
Ao principio do mercado,
Quando alguem rindo assim grita:
—«Esta agora é que é bonita!
O burro vai escoteiro,

E o rapaz mais o moleiro
Vão-lhe ás ancas
Dando ás trancas!
Não fôra melhor leval-o
Num de vocês
A cavallo?
Qual o mais burro é dos tres?»
—«Metta tambem o bedelho!
Serei eu» replica o velho:
«Que fui um asno chapado
Por ter qu'rido, sem cessar,
Toda a gente contentar:
Mas agora estou curado,
Não torno mais a cahir
Em seguir
Os conselhos de ninguem.»

Se tal fez, não andou bem
O moleiro; pois diff'rente
É seguirmos cegamente
O que um ou outro fuão
Diz ser idea acertada
De, se for justificada,
A perfilharmos então
Sem nos importar mais nada (223).

FABULA 224.ª

O fanfarrão

Um fanfarrão blasonava
Que dera e havia de dar,
Porém que jamais levava.

—«Nunca teve de luctar,
Embora sempre vencesse,
Com quem mais forças tivesse?»
Um ouvinte perguntou.
—«Isso nunca!» replicou,
Indignado, o fanfarrão.
—«Onde então
Está essa valentia,
Pois mostral-a tem sabido
Só medido
Com quem, menos forças tendo,
Provou maior bizarria
Combatendo
Com você, que mais podia?»

Se cumprindo o teu dever
Não achas difficuldade
Em contratempos vencer,
Porque te enches de vaidade (224)?

FABULA 225.ª

A côrte do leão

Em solemne recepção,
Num dia de grande gala
E côrte d'el-rei Leão,
Serviu o antro de sala.
Não cheirava ás violetas.
Mal podendo disfarçar,
Um urso fez taes caretas
As ventas ambas tapando,
Que, levando

Um cachação
De El-rei, que os sabia dar,
Cahiu redondo no chão,
Nunca mais se levantou.
—«Que tal te parece o cheiro?»
Perguntou
O leão a um macaco.
Este, muito lisongeiro,
Pois viu que para tabaco
Levara, por verdadeiro,
O urso, poz-se a gabar
Aroma tão singular:
Nem rosas nem ambrosia
Lhe podia
Comparar.
Julgou a lisongeria
Calva ser muito de mais
O senhor dos animaes;
Ou corria
Hora aziaga
Aos cortezãos: egual paga
Á do urso recebeu
Este, que tambem morreu.
—«E a ti? que te parece?»
Pergunta a uma raposa.
Responde esta:—«que não ousa
Emittir voto nenhum,
Embora muito o quizesse;
Traz um catarrho nasal
E não tem olfacto algum.»

Anda mal
O que é brutal
E diz *verdades* grosseiras:
Ninguem lh'as vai supportar.
Anda de certo peior
Quem mentiras lisongeiras,
Elogios descarados,

Vai dizer para agradar.
Em taes casos o melhor
É calar
(Silencios ha eloquentes)
Se não estamos obrigados
A fallar:
Se o formos, pelas tangentes
Sahir com modos decentes (225).

FABULA 226.ª

O lobo e os pastores

Ha quem conte
Que um lobo quiz emendar-se
De sua innata fereza,
Costumar-se
A comer herva do monte.
Reformar a natureza
Difficil é na verdade:
Impossivel porém não,
Havendo boa vontade
Guiada pela razão.
'Stava já mais costumado
Áquelle novo viver,
Que o tal cavallo afamado
A de todo não comer.
Eis que vê
De noite, numa clareira
Do bosque, grande fogueira;
E lá vai, pé ante pé,
Muito a susto
Espreitar o que seria.
Era um magusto,

Uma orgia,
Onde com carne e com vinho
Festejava o S. Martinho
Uma chusma de pastores,
Jogando muita laracha
E aos abraços á borracha.
—«Caspité! caros senhores!»
Resmunga o lobo comsigo:
«Sou façanhudo inimigo,
Se faço o que vós fazeis...
Com que então,
Emtanto que assim comeis
As carnes dos animaes
Que defendeis,
Que guardais,
Quando tendes bello pão
E mil boas cousas mais,
Coma eu a herva do chão
Ou morra ahi de laseira!
Assim agora ensinado,
D'essa asneira
Estou curado.
Sois qual era frei Thomaz,
Quando moral prégar quiz:
—Faze tudo o que elle diz,
Não faças o que elle faz.—
Pois eu vos quero imitar:
Quanta rez ora apanhar,
Juro que a hei de comer.»

Ao que exemplo bom não der,
Toda a vez que o deva dar,
Com razão ha de imputar
Quanto mal venha a soffrer
Aquelle que é desgraçado,
Só por o haver imitado (226).

FABULA 227.ª

O homem e as moscas

A mosca que elle apanhasse
Olhem lá não perdoasse!
E o mesmo sempre fazia
Um homem, quanto podia,
Destruindo o que era mau
A veneno, a tiro, a pau:
Alguem uma vez lhe disse:
—«Guerra ás moscas é tolice
Tocando as raias da asneira;
Pois não vês
Que, se matas dois, ou tres,
Muitos centos,
Quasi só
Nessa canceira,
Nessa comica cruzada,
Dando estás ponto sem nó?
Que não logras teus intentos,
Moscas ficando aos milhões?»
—«Guarda as tuas reflexões,
Que não valem mesmo nada»
O primeiro respondeu:
«Deve esta raça malvada
Acabar. Desappar'ceu
E tudo quanto é ruim,
Logo que cada qual trate,
Sem que com os outros se mate,
De cumprir o seu dever.
Dos demais não sou mentor,
É verdade: mas por mim
Devo, e hei de, responder.»

Andava o mundo melhor
Se fossem todos assim:
Destruindo cada qual
Não este ou outro animal
Que reputasse damninho,
Mas seus defeitos e erros,
Sem nunca se dar a perros
Com os que visse no vizinho (227).

FABULA 228.ª

Os livros truncados

De visita a amigo seu
Um cavalheiro cedeu
(No escriptorio, ou livraria,
Emquanto por elle esp'rava)
Á tentação de apanhar,
Para as bem examinar,
Folhas impressas que via
Espalhadas pelo chão,
Que d'ellas juncado estava.
Confuso, não percebia
Do vandalismo a razão!
Chega o amigo, e lhe diz:
—«D'esta minha estranha acção
Quero fazel-o juiz.
Tenho livros e bastantes
Por ahi
Nessas estantes,
Dos quaes grande parte li;
Á margem notando aquillo
Que não fazia bom chylo:
Descarados plagiatos,

Palavrões altisonantes,
Proprios só de mentecaptos,
Que nos deixam como d'antes,
Poisque valor nenhum tem.
Quero agora encadernar
Parte dos livros; porém
Só quanto d'elles prestar.
Eis porquê lhes fui cortar
Toda a folha condemnada:
Para que ha de ser guardada?»

Qual o musulmano Omar
Quasi pensava o christão,
E com alguma razão.
Livros ha de pouco ou nada,
Que merecem tesoirada.
Demais, creio
Que o mundo está
Hoje cheio
De livros que devem ~~de~~ ser
(Senão já)
No futuro dispensados.
Para que se hão de escrever,
Todos os dias, tratados
Ás duzias, aos cem, aos mil,
(Levantando tanto pó
Com agitação febril)
Sobre assumptos demonstrados?
Uma só
Sendo a verdade,
Um livro deve bastar,
Bem pensado,
Em cada sciencia ou arte,
Para em toda e qualquer parte
Ensinar
Bellamente a humanidade.
E, á proporção que rasgado
Pelo seu esforço nobre

For o véo que nos encobre
Inda o resto da verdade,
Deve tambem decrescer
Tanta furia de escrever (228).

FABULA 229.ª

O arroz-doce dos Franciscanos

Isto foi ha muitos annos,
Inda havia Franciscanos!
Athletas d'outras edades...
Deixemos porém os frades.
É só um dito engraçado,
Bem pensado
E de valor,
Fosse lá quem fosse o auctor,
O que eu desejo contar.

Do grande Santo no dia
Os seus filhos adoptivos
Tinham bom, lauto jantar.
A gastos não se fugia
Nos conventos respectivos,
Pois permittido lhes era
O quebrar
A regra austera;
E todo o bom Franciscano,
Que de tal dia do anno
Saudoso estava á espera,
Atolava o grande dente
Em perú, em pato assado,
Enterrado

No seu arroz competente;
Gordos leitões
E cordeiros,
Que á mesa vinham inteiros,
E não em banalidades
Ou *menus* de pasteleiros:
Um jantar de indigestões,
Se as podessem ter os frades!
Alargavam-se os cordões
E fazia-se honra á mesa.
Vinha, emfim, a sobremesa;
E era do ritual
Um prato monumental
De arroz-doce por cabeça.
Outrosim 'stava ordenado
Que o dito prato, ou travessa,
De flores viesse enfeitado.
Ora um dia
Veiu o prato ermo de flores!
O que causou seus rumores
Em geral
Na fradaria,
Que de bons olhos não via
Jámais uma innovação
(Era cousa natural
O serem conservadores.)
Entre elles um sacristão
Já velho,
Rato pellado,
Ia comendo e rosnando
E feias pragas rogando
A quem dera tal conselho:
Tanto fez que incommodou
Os que estavam ao seu lado.
Um emfim lhe diz:—«Irmão!
Se o arroz-doce não faltou,
Porque tanta indignação?
A falta que tem do enfeite

Fal-o-ha menos acceite,
Embora menos formoso?
'Stá famoso!
E a razão
Mal vejo de seus furores.»
—«Pois vejo-a eu muito bem»
Retrucou o sacristão:
«Faltam este anno com as flores
E, para o anno que vem,
Se começam com mudanças
Em nossas santas usanças,
Lá se vai o arroz tambem.»
O frade pensava bem:
Sua resposta discreta
Palavra foi de propheta...

Quanta cousa é conservada
(E quanta se conservou)
Só por 'star bem enfeitada!
E que hão de ver desabar
(Como muita desabou)
Se lhe chegam a tirar,
Como tiraram ao prato,
O seu primitivo ornato (229)!

FABULA 230.ª

O macaco e a lanterna magica

Receiando com o patrão,
Que mostra a lanterna magica,
Ter alguma scena tragica
De chicote e cachação
Por tratantada que fez,

Certo macaco diz:—«Pés!
Para que vos quero?» e vai
Dando, quanto póde, á perna;
E não sai
Muito escoteiro
O refinado brejeiro,
Poisque a lanterna
Furtou.
Se porém se abotoou,
Muito embora fosse esperto,
Não lhe tinha descoberto
O modo de trabalhar:
E porisso aconteceu
Que, fugindo, se esqueceu
De levar
Tambem com ella
Certo candieiro ou vela,
Sem o quê nada se via.
O invento quer mostrar
Na patria, para onde foge
Com o fim de a civilizar
A troco de bom dinheiro;
Já d'isso então se fazia,
Como ainda se faz hoje.
Mas, nada podendo ver,
(Falta a luz do candieiro)
Furibundos os macacos
A lanterna põem em cacos.

Quando assim tentam fazer
Num paiz innovações
Ignorantes
Intrujões
Com fumos de sabichões,
Depois de mil provas duras
Fica tudo, como d'antes,
Ás escuras (230).

FABULA 231.ª

A sorte

Um mercador conseguia
Mui facilmente ganhar
Onde outro qualquer perdia;
E, se lhe iam perguntar:
—«Como é isso?»
—«Pois olhe, não é feitiço
Nem milagre d'algum santo»
Respondia com seu tanto
De mal occulta vaidade:
«Talvez me venha o proveito
De algum geito,
Não direi habilidade...»
Mas no intimo pensava
(Emquanto á cara puxava
Os enormos collarinhos:)
—«Amiguinhos!
É verdade bem sédiça
—Quem não sabe não diz missa.»
Passados porém uns tempos,
Principia a desandar
A roda: vem contratempos.
Já não pretende ganhar,
Basta-lhe só não perder:
Perde porém, ou comprando
Ou quando
Busca vender.
Eis logo o homem começa
A queixar-se amargamente
Não de falta de cabeça,

Mas sim da sorte mofenta,
Que lhe estraga em-continente
Quanto com geito elle intenta.

Se tudo nos corre bem,
Do nosso merito vem:
O mal, se nos acontece,
É da sorte,
Que parece
Um odio nos tem de morte,
E quer-nos pôr mesmo rasos.

Sortes não ha nem acasos:
Tudo está por leis regido,
Que não se deixam dobrar;
E sempre é
Bem succedido
Nesta vida quem as vê.
Quantas vezes se enganar,
De certo que ha de perder:
Embora tambem se dê
Que um ou outro, sem as vêr
Ou pensar
Que haja taes leis,
As siga, e possa alcançar
Posição, contos de réis.
Assim na farça chistosa
Jordão, sem o perceber,
Falla ha tantos annos prosa (231).

FABULA 232.ª

O ouriço e a dóninha

Á sua toca voltando
Ouriço que ao pasto fôra,
Vê que a estava occupando
Uma dóninha; á qual diz
Que se mude para a rua
Sem demora.
Ella porém tal não quiz
Retrucando:—«A casa é sua?
Quem lh'a deu? quando a comprou?
E, se responde que a herdou,
Como prova que ella fosse
D'aquelle que lh'a deixou?
Tenho posse,
E a posse dá-me direito...»
Não viu o ouriço geito
De a dóninha se ir embora
Por vontade:
D'ahi a necessidade,
Que teve, de á *Boa-Hora*
Do cantão chamar a méca,
Pondo-lhe acção de despejo
Perante um gato de beca.
—«Cheguem-se mais; nem os vejo»
Este lhes diz: «nem os ouço;
Pensão de quem já foi moço.»
Ambos vão de boa-fé
Para ao-pé

Do seu juiz.
Isso foi o que elle quiz:
Unha aqui, unha acolá,
Morte macaca lhes dá.

Estou certo, e é honra nossa,
De que tal caso só possa
Dar-se entre os irracionaes,
Nunca em nossos tribunaes.
Mas causas muita vez correm
De embaraços tão cercadas,
Tantas despesas occorrem
(Dizem até velhacadas,
Corruptellas
Subalternas,
Apesar de mil *tabellas)*
Que ruinosas são, e eternas;
E afinal
Ás mãos do gato morrer,
Ou sem vintem de laseira
Depois de muita canceira,
Entre este e aquelle mal
Venha o grand' démo escolher (232).

FABULA 233.ª

Os tres desejos

Viviam e menos mal
Em tempos já muito antigos
Dois velhos (era um casal)
Sem ter brigas,

E cuidados
Só os pelo céo mandados:
(A velha não tinha amigas,
Nem o marido inimigos.)
—Para o homem foi creada
A mulher—assim o diz
Já Moysés no *Genesis;*
E foi cousa bem pensada!
Aturar quem poderia,
Se não ella, uma creança,
Ainda que fosse mansa,
Quanto mais sendo bravia?
Pois um velho ralhador
Quem o houvera de soffrer
Não existindo a mulher,
E, sendo velha, melhor?
Facil será encontral-a:
Mas, se a velha não houvesse,
Fôra mister invental-a.
Em face d'isto parece
Que bem se póde dizer
A vida do homem ser
Uma linha torta ou recta,
A qual nasce e se completa
D'um chinelo a começar
Em outro emfim a acabar.
Sai do chinello da mãe,
Anda mal ou anda bem...
Não quero d'isso tratar;
Mas, tendo longo o viver,
É lhe forçoso ir buscar
Quem o possa emfim soffrer;
E eis o ultimo élo
Da cadeia—outro chinelo!
Eu já me estou preparando,
Poisque o meu se vai chegando.

Uma noite, que sentados

'Stavam á quente lareira
Socegados,
Disse a velha:—«Quem me dera
Que uma boa feiticeira,
Como dizem houve já
Noutra era,
Agora voltasse cá
E tres desejos cumprisse,
Taes e quaes eu lh'os pedisse.»
Mal tinha a velha acabado,
Eis de cima do telhado
Uma voz lhe respondeu:
—«Ouvi o pedido teu
E quero cumprir os tres
Desejos que me pedirem;
Mas é só por esta vez.
Para menos discutirem,
Tu pedirás o primeiro,
O teu marido o segundo,
De ambos será o terceiro.»
Pasmado, cogitabundo,
O velho casal ficou:
Pouco e pouco se animou,
Decidido
A bem pensar
Cada qual o seu pedido.
Estando a velha a scismar
Escapa-lhe então dizer
(Quantas vezes se vê isso)
Olhando para o brazido:
—«Quem me dera agora ver
Um chouriço
Aqui a assar nestas brazas.»
Tremem de alto a baixo as casas
E desce da chaminé,
Qual um raio,
Gordo chouriço, que até
Podera chamar-se paio!

Quasi que teve um desmaio
A velha. O velho indignado,
Mal que pôde fallar, diz:
—«Gran-de-ssi-ssi-ma gulosa!
Eu não quizera outra cousa
Mais que vêl-o pendurado
Agora do teu nariz!»
Eil-o na penca filado;
E não se tira d'alli,
Por mais que a velha derrice.
Cai o homem logo em si
Vendo que, em vez de emendar
A pintura, a foi borrar,
E consternado lhe disse:
—«Que havemos nós de fazer?
—«Eu quero, eu quero morrer»
Grita a velha a bom gritar:
«Se não me tiram já isto!»
—«'Stá bem visto»
Torna o velho:
«Não podes assim ficar.
Chamemos já a conselho
Os grandes facultativos;
Quando o não possam cortar,
Tem de certo curativos
Que o façam ahi seccar.»
Nisto, ouviu-se dos telhados
Descer uma gargalhada!
Que os deixou capacitados
De que não faziam nada
Com a sciencia dos doutores.
Recomeçam os clamores
Da velha. Diz o marido:
—«Temos ainda um pedido
Que fazer: seja a riqueza;
Tudo ella muda em belleza.
Mandas lavrar um estojo
De oiro fino e pedrarias,

Nelle esse chouriço enfias,
Todos te gabam o antojo
E, quando fores condessa,
Verás logo com que pressa
As outras andam assim.»
—«Eu vou dar
Cabo de mim»
Berra a velha: «ou desejar
Havemos que este maldito
Me caia já do nariz.
Tenho dito:
E ficas no mundo só!»
Mal o diz,
Eis péga d'um facalhão
E... assim foi cortado o nó
D'aquella difficuldade.
Venceu a antiga amizade,
Cai o chouriço no chão.
Que lhes restava fazer?
Por tudo não se perder,
Nas brazas foram assal-o
E... foi menos mau regalo.

Quantos no mundo, leitor,
Se podessem desejar
Como o pôde aquelle par,
Escolheriam peior (233)?

FABULA 234.ª

Os bodes e as cabras

'Stavam muito despeitados
Os bodes por serem dados
Cornos ás cabras tambem,
Com que ellas logo ficaram
Orgulhosas a mais não.
Mas Jove, ao qual se queixaram,
Lhes respondeu:—«O que tem
Que se mostrem arrogantes,
Quando são
Sempre cabras, como d'antes?»

Esta vida é uma peça
Que todos representamos;
Sobre o throno, na tripeça,
Ao altar,
Quer de chapéo, carapuço,
Quer de espadim ou de chuço,
Sendo creados ou amos,
De trem, a cavallo, a-pé,
Tudo é
Representar,
Ser bom ou ruim actor:
Mas, no bastidor,
Tornamos
(Applaudidos, pateados)
A ser nem menos nem mais
Que uns desgraçados
Mortaes (234).

FABULA 235ª

O doido vendendo juizo

Por essas ruas corria
Um doido, não furioso,
E ao povinho curioso
Com mil visagens dizia
Que por um triste vintem
Elle juizo vendia.
E não vá pasmar alguem
De que houvesse compradores:
Quantos ha que nada tendo
(Não fallando nos crédores)
Se vão por ahi mettendo
A grandes reformadores
Da fazenda nacional?
E que pasmo então é vêl-os
Fallar com audacia tammanha
E gesto tão doutoral,
Que nem calvo a vender banha
Que faz crescer os cabellos...
Mais d'um, pois, ia comprar
(Já se sabe, á encoberta)
E, acabando de pagar,
Apanhava
Uma grande bofetada
D'aquellas de mão aberta.
E mais o doido lhe dava,
Num papel
Muito embrulhada,
Uma braça de cordel,
Para que bem o guardasse

E d'elle assim se lembrasse.
Ao ver isto disse alguem:
—«O que dá, mais d'um vintem
Vale, e até grossos tostões:
São duas boas lições,
Das quaes uma nos ensina
Qual a sina
Do que se mette com um louco;
Qual o troco
Que o espera em ar de graça:
Diz a outra que se afaste,
Quanto baste,
D'elles quem tiver juizo,
Sendo o intervallo preciso,
Pelo menos, uma braça (235).

FABULA 236.ª

A escolha

Num antigo juizado
Fôra um homem condemnado,
Mas deixando-lhe escolher
Entre tres penas marcadas:
Receber cem bordoadas
Magistralmente puxadas;
Um cento de alhos comer;
Ou com dez mil réis pagar.
—«Não tenho que duvidar,
Cômo os alhos a correr»
O réo diz, e começou;
Mas ao cabo os não levou.
Quando alli pelos oitenta,
Tendo as guelas a arder

Com mais alhos não aguenta:
Outra quer
Pena das tres,
As pauladas d'esta vez.
Vão-se a elle e dão que dão;
Assim se malha no pão
Que nas eiras sêcco está.
O compasso ia *crescendo*,
Até que grita: «Alto lá!»
O desgraçado
Massado,
Suor e sangue escorrendo!
—«Ainda não tens a conta»
Diz-lhe o executor das leis:
«Faltam vinte.»—«Tanto monta»
Bradou elle:
«Ahi estão os dez mil réis,
Que mais val' a minha pelle.»

Mil vezes assim fazemos:
Por fugir d'um mal, soffremos
Males certamente eguaes
E o outro, de mais a mais (236).

FABULA 237.ª

O leopardo e o macaco

Um leopardo e um macaco,
Tão dextro quanto velhaco,
Á feira correm um dia,
A mostrar sua valia.
Cada qual barraca armou
E tratou
De bem vender o seu peixe.
—«Ninguem deixe»
Acclamava o pregoeiro
Do primeiro:
«De admirar a natureza
Vencendo a arte em belleza.
Meus senhores!
Vinde ver como a nobreza
Da fórma póde alliar-se
E enfeitar-se
Com os primores
Das mais delicadas flores.
Aqui tendes meu patrão,
A maravilha da terra!
E tanto que a Inglaterra
Lhe traz gravado o retrato
Como principal ornato
Em seu famoso brazão!»
Movida por tal pregão
Gente aos magotes entrava,
Mas breve de lá sahia,
Pois num momento se via
O leopardo mui teso,

Tudo olhando com desprezo;
Porisso ninguem voltava
A visitar Sua Alteza,

—«Ó povo! ó clero! ó nobreza!»
Berrava do outro lado
Esganiçado
O macaco,
Começando o seu cavaco:
«Um ovo por um real!
Vinde ver o quanto val',
Bem sup'rior á belleza,
A destreza
A que nada se assemelha:
Cousas do arco da velha,
Mosquitos por cordas ver!
Sei metter
Agulhas por alfinetes;
Danço em corda sem maromba;
Depois de inventar a bomba,
Inventor fui dos foguetes:
Eu canto ao som da guitarra,
E ninguem me lança a barra
Adeante, dançando o fado:
Animal mais engraçado
Inda está por inventar!
Hoje que tudo se imita
Ou se procura imitar,
Que seda parece a chita,
E até por manteiga fina
Ahi vendem margarina;
Não achais melhor estudo
Do que ver como eu imito
Os gestos, o canto, o grito
De todos os animaes:
Eu sei tudo...
E muito mais!
Tão perfeitamente bem

Copío o genero humano
Que mais d'um ha que pretenda
Que o homem de nós provem,
Outros que eu d'elle descenda:
Questão
De certo mais fina
Que entre o *jota e o i romano*
A famosa distincção,
E as taes de *lana caprina*.
Isto vai já começar:
Quem contente
Não ficar
Que socegado se ausente,
Recebendo á retirada
O total da sua entrada.»

Tudo para alli corria:
Lá dentro depois se ouvia
A continua gargalhada
Dos deuses quando os servia,
Coxeando,
Á mesa o tosco Vulcano,
Decano
Dos serralheiros.
Todos sahiam louvando
Prazenteiros
O rei dos pantomimeiros;
E, se nem todos voltavam,
Muito poucos lá faltavam.

A nobreza
Ou a belleza,
Se de merito privada,
Corre o p'rigo de ser tida
Em pouco ou talvez
Em nada,
E vencida
'Té pela desfaçatez (257).

FABULA 238.ª

O cão levando o jantar do dono

Um cão que fôra ensinado
A levar
Num cesto mui bem tapado
O jantar
Ao dono, que se occupava
Nos campos a trabalhar,
Ia muito direitinho,
Nem para os lados olhava.
Eis que lhe sai ao caminho
Um bando de cães damnados...
Por sopas. Pousa no chão
Logo o seu cabaz o cão.
De pellos arrepiados
Mostra o dente
Áquella gente,
Por quem vai ser atacado.
Vendo o seu denodo vão,
(Assustado
Nem ficara o inimigo;
E tal era a apertura
Que pensar fugir ao p'rigo
Fôra de certo loucura)
Abrindo o cesto aboccou
Quanto pôde do jantar,
E á canzoada
Deixou
A demais caperotada,
Muito pouco de fartar.

Quantos cães por ahi vês
De dois pés,
Muito fieis, muito honrados
E bizarros,
Só emquanto
Não lhes dá o tal quebranto,
Se atacados
Por galfarros;
E que mostram então ser
Que a d'elles da mesma raça?

Se nem és feito da massa
Dos heroes e dos valentes,
Se com forças não te sentes
Para intrepido poder
Defender
O que te foi confiado;
Ao menos persiste honrado:
Muito embora sejas fraco,
Não sejas tambem velhaco (238).

FABULA 239.ª

O rato e o elephante

Um rato poz-se deante
De elephante
Colossal
E, depois de muito o olhar,
Começou a criticar
Com desdem,
Reparando só no mal

E sem attender ao bem.
Criticas podem servir,
Quando puras de maldade
Ou mentir,
Para o erro se emendar,
Para saber-se a verdade:
Mas vão lá d'isso fallar
Ao que morde por officio,
Por inveja e até por vicio;
Ao que d'isso se mantem
Ganhando seu bom vintem,
Ou cousa qualquer que o valha,
Quando applaude, ou se não ralha!
Seja bom ou seja mau,
Tanto monta:
Todo o pau
Para tal obra faz conta;
É materia collectavel
Que pela porta lhe passa.
Paga não ha?—«Detestavel
E sem graça,
'Stá abaixo do peior!
Creiam, pois sou eu que o digo.»
Quando rende ou é de amigo,
Não se lhe poupa o louvor...

Voltemos porém ao rato,
Que não era mais cordato.
No gigante reparando,
Ia o pygmeu criticando
E dizia:
—«T'arrenego!
Eu de certo não fazia,
Sendo Jove, um tal pespêgo,
Um mostrengo alambazado,
Qual tu és,
Meu desazado,
Da cabeça até aos pés.

Que descommunaes orelhas!
Que minguado rabinho
Sem cabello, sem guedelhas!
Por tão pouco
Mais te valera ser côto.
E esse olhinho
Dorminhôco!
E esse andar, que nem é chouto,
Por muito que ás trancas dês!
Zombar de ti Jove quiz,
Quando fez
Um tal nariz,
Que te chega até aos pés;
E esses dentes
Indecentes
Sempre de fóra da bocca,
Apesar de não ser pouca!»
Mais ia dizendo o rato...
Eis que, sem o ouvir ou ver,
O elephante avançou
E sob um pé o deixou
Chato
Qual o seu dizer.

Quando certos figurões,
Mettidos a sabichões,
Prégam em tudo quináo,
Decretam o bom e o mau;
Lembro-me no mesmo instante
Do rato e do elephante (239).

FABULA 240.ª

A perola

Dentro em perola formosa
Dizem ter-se já achado
Um grão de areia alojado;
Pois, afim de combater
A dureza tão damnosa
Que havia de a incommodar,
A ostra o soube envolver
Na materia preciosa.
Faz o caso recordar
Um phenomeno moral
—O do mal,
Quando o chegou a vencer
Animoso
Coração,
Pois o soube converter
Em producto precioso,
Mais do que as perolas são:
—A energia da vontade
Contra tudo o que é maldade.—
E que bem
D'ahi não vem (240)!

FABULA 241.ª

Os tres avisos

Um rapaz
Recem-casado
Pela morte é visitado.
—«*Vade retro, Satanaz!*»
Gritou elle:
«Não te largo assim a pelle.
Pois tu vês tantos malvados,
Que ninguem póde soffrer;
Milhares de desgraçados,
Que só desejam morrer;
Nas aldeias, na cidade,
Ceifar pódes á vontade
As donzellonas sédiças,
Velhos chôchos, bolorentos,
Engeitadinhos aos centos...
E contra mim te encarniças?
Põe-te já fóra d'aqui.»
Dizem que a morte não ri,
Mas que o fez
D'aquella vez,
E lhe disse:—«Vou-me embora
Só mais tarde voltarei;
E por signal até, tres
Avisos te mandarei:
Mas não haja então demora
Nem te ponhas a chorar,
Pois de certo has de morrer.»

Passou o tempo a correr,
Como sempre usa passar;
Velho agora era o rapaz.
Eis que a morte lhe apparece.
—«Ora! já tu ahi 'stás!»
Muito pasmado elle diz.
—«Inda cedo te parece?
Tão pouco favor te fiz?
Tens cem annos,
Es dos raros veteranos!»
Respondeu a morte.—«E os tres
Avisos, que prometteste
Mandar-me da outra vez,
Quando foi que tu m'os déste?»
—«Vem d'ahi» lhe torna a morte:
«Inutil é esse tedio;
Obedece á humana sorte,
Que com prantos não afrouxa.
Contra mim nenhum remedio:
Vamos, faze a tua trouxa
E cessa de consumir-te.
Se queres, vae despedir-te
Dos teus, mas já e depressa,
A correr,
Pois estou com muita pressa.»
—«Isso como hei de eu fazer?»
Diz em tom de choradeira
O homem: «nesta cadeira,
Annos ha, vivo entrevado.»
—«Estavas porém cercado
De filhos, netos e netas,
Entretido
A ouvir e a contar petas,
Dos velhos ocio sabido;
Encantado
De bellos, fortes os ver.»
—«Isso» tornou com um gemido
O outro: «podia ser,

Se eu não fôra surdo e cego.»
E ousas ainda, pespêgo!»
Lhe brada a morte: «negar
Que te mandei avisar?»
Logo ás costas o tomou,
E levou
Para onde não se sabe.

Por mais tarde que se acabe
A vida, mui poucos tem
Grande pressa de morrer;
Sempre encontram que dizer,
Quando emfim a morte vem (241).

FABULA 242.ª

O poeta e o critico

Um poeta, que escreveu
Poema defeituoso,
Sobre elle compoz tambem
Elogio o mais pomposo.
Critico mordaz, a quem
Um e outro submetteu,
Sendo depois perguntado
Se de ambos tinha gostado,
Muito serio respondeu:
—«Melhor poema inventar
E com mais arte
Escrever
Talvez outro auctor podesse:
Porém não ha de encontrar,
Do mundo em nenhuma parte,
Homem capaz de fazer

Elogio egual a esse.»

Quem nos diz não o tentasse
Elle, se o outro pagasse?
O dinheiro dá talento,
Mudam os tempos com o vento (242).

FABULA 243.ª

A leiteira e a bilha de leite

Bilha bem cheia de leite
Que, lá no seu entender,
Havia de lhe render
Mais que se fosse de azeite,
Uma saloia ladina
Vem a Lisboa vender
E, em profundas reflexões,
Venturas mil imagina:
—«Levo aqui meus seis tostões:
Só com tres
Compro boa deitadura
Lá na praça da Figueira
Para a gallinha pedrez;
Não ha melhor creadeira.
A ninhada está segura;
E, se bom frango em janeiro
Póde valer um carneiro,
Boa ovelha hão de valer
Os meus, ou antes as minhas,
(Pois, certo, saem gallinhas
Dos ovos que hei de escolher
Bem redondos). Uma ovelha,
Nem muito nova nem velha

E que não soffra lazeira,
Dar póde, logo á primeira,
Dois cordeiros bons e bellos.
Vou vendel-os
Mais a mãe;
Tómo a alguem
Uns bezerritos de meias,
Que me dão duas mãos-cheias
De dinheiro.
Com este e o do mealheiro
Muito bem posso comprar
Uma junta de boisinhos,
Embora sejam ratinhos!»
Começa então a pular
De alegre batendo as palmas;
E promette missa ás almas,
Se lh'o fazem alcançar.
Baldada foi a promessa;
Pois tropeça,
Cai no chão
Estatelada...
Lá vai o leite, e lá vão
Os sonhos da desgraçada!

Este espelho
(Já bem velho)
Deves têl-o sempre á mão (243).

FABULA 244.ª

O calvo e a mosca

Um calvo, sendo mordido
Por mosca muito atrevida,
Procurou tirar-lhe a vida;
E deu, com grande estampido,
Sobre a calva tal palmada
Que a deixou assignalada.
Havia a mosca fugido
E, zombando, disse ao calvo:
—«Não acertaste no alvo,
Foste em ti proprio bater
Recebendo maior mal
Do que eu te posso fazer.»
—«Nojentissimo animal!
O homem lhe respondeu:
«Não me doeu
A pancada;
Sinto só que não podesse,
Por muito que me doesse,
Deixar-te bem esmagada.»

Quem tudo soffre á-calada
Para não se incommodar,
Levando vai 'té que emfim
Ninguem lhe guarda respeito:
Todo e qualquer galopim,
Vil mosquinha,
De o poder enxovalhar
Se julgará com direito
E molha a sua sopinha.

Porisso, de quando em quando
Vai um ou outro *ensinando*.
O medo é que guarda o vinha (244).

FABULA 245.ª

O solitario e o idiota

—Do que mal acompanhado
Estar só mais vale ao homem—
É um sensato dictado.
Se as desgraças o consomem,
Ou fortunas sobrevem,
Sente aquellas mais pesadas,
Não sendo compartilhadas;
E d'estas breve se farta,
Não tendo com quem reparta...
Verdade é isto: porém,
Do mundo no borborinho,
Quando mal acompanhado,
Egualmente está sosinho.
Não se falla ao cego em cores,
Nem ao surdo em harmonias,
No doce aroma das flores
A quem de olfacto é privado;
As altas philosophias,
Os segredos da sciencia
Thesouros são
Escondidos
Aos faltos de intelligencia;
E tambem aos fementidos,
Insensiveis, indiscretos,
As maguas do coração,
Da alma os intimos affectos,

Melindres da consciencia.

Um homem, desenganado
Do mundo, vai-se metter,
Para mais não conviver
Com ninguem,
Numa fazenda que tem
No meio de descampado.
Alli cuidar do seu gado,
Das searas, dos pomares,
Era todo o seu encanto.
Foi feliz: mas nunca tanto
Que o deixassem os pezares.
O que os não tem os inventa,
E ainda mais se apouqueta,
Se calado vai soffrer.
Nasce o homem social;
E muito mal,
Sempre só,
Certamente ha de viver;
Porisso procura obter
(Qual a velha solteirona
Quando, á falta de melhor,
Pelo bichano ou tótó
Se apaixona,
Termo mil vezes do amor
Da solitaria mulher)
Com que os ocios entreter,
Onde vase o coração.
Encontrando um aldeão,
Idiota sem maldade,
(Se taes ha, valha a verdade)
Dá-lhe o abrigo e farto pão
E, em summa,
Tanto a elle se acostuma
Que sempre juntos estão.

Em quente tarde de v'rão

A sésta o homem dormia,
E d'elle junto sentado
Seu amigo desvelado
Enxotando as moscas ia,
No amo quando pousavam.
Mas as mofinas teimavam...
Acaba por se zangar
Devéras o idiota;
Um matacão
Vai buscar
E, vendo que uma pousou
Sobre a fronte, a amarrota
Com tal gana que a matou
E... juntamente
O patrão,
Que alli fica estatelado!

Não é prudente
O dictado (245)?

FABULA 246.ª

As duas lagartas

Viviam duas lagartas
Na mais estreita amizade;
Sempre juntas, nunca fartas
Da aprazivel sociedade,
Que não podia ser mais.
Na mesma folha nascido
Haviam, de ovos eguaes,
E grave doutor ouvido
A um menino ensinar tinham

Que as lagartas não morriam,
Apenas se transformavam;
Poisque dentro em si continham
Uns entes que aos céos subiam,
Que voavam
Com azas de lindas côres;
Não comiam
Vis legumes,
Vivendo só dos perfumes
E da ambrosia das flores!
As lagartas, persuadidas
D'um futuro tão brilhante,
Foram mais e mais unidas
D'aquella hora em deante.
—«A nossa terna amizade
É por toda a eternidade»
Uma á outra repetia.
Quando chega emfim o dia
Que lhes vai mudar a sorte,
Em que finda aquella vida
Não soffrendo dura morte,
Buscam segura guarida
Onde ambas possam ficar
Juntas, embora insensiveis,
E juntas resuscitar
Para sempre immarcessiveis.
Assim foi: no mesmo instante,
Em que uma resuscitou,
Tambem a outra tomou
O novo trajo brilhante.
Mas, ganhando assim, perderam
Da antiga vida a lembrança;
Tammanha foi a mudança
Que não mais se conheceram.
Ambas seus vôos ergueram,
Uma da outra se aparta
Vai da luz do sol gosar
Sem nada lhe recordar,

Que tinha sido lagarta.

Não será esta a pintura
Da nossa vida futura (246).

FABULA 247.ª

As guitas

Em papelão, recortados,
E d'um cordel pendurados,
Havia out'rora uns bonecos
Que, tarecos,
Logo entravam
A fazer evoluções,
De que os meninos se riam,
Toda a vez que lhes puxavam
Umas guitas ou cordões
Que ás pernas, braços, prendiam.
Eu d'elles muito gostava;
Mas, creança,
Ainda lhes não achava
A notavel semelhança
Que tinham (valha a verdade)
Com os homens na sociedade:
Havendo diff'rença sim,
Não na materia ou pintura,
Ou na parva catadura,
Pois muitos eu via assim;
Mas no numero das guitas,
Adstrictas
Aos diversos movimentos
Segundo os seus pensamentos.

Quando se encontram na rua
Dois homens, ou numa sala,
Eis cada qual puxa a sua
Guita, segundo a pessoa
Com quem falla,
E lhe faz ruim ou boa,
Séria ou faceta,
Careta.
Começa a conversação:
—«Passa bem, ao que parece:»
(A guita puxa do int'resse
Mais ou menos affectado.)
—«Ha dias, devéras não.»
—«O que sente?»
(Guita seria)
—«É bronchite impertinente
Que me tem apouquentado;
Ando mesmo uma miseria.»
—«Isso não ha de ser nada:»
(Guita um tanto adoutorada)
«Acónito e, volta e meia,
'Stá curado.
E a *esposa* e os meninos?»
(Guita de desvelo cheia)
—«Olhe! um dos mais pequeninos
Deu-me ha dias bem cuidado.»
—«O que foi? que succedeu?»
(Guita de muito assustado)
—«Foi um cão
Que lhe mordeu.»
—«Estaria elle damnado?»
(Guita de consternação)
—«Isso não;
E felizmente
O pequeno está curado.»
—«Inda bem! Pobre innocente!»
(Guita de muito contente...)

Começa o outro freguez
Agora por sua vez
Noticias a perguntar
E, quaes as respostas são
Já agradaveis já não,
Pelas guitas a puxar.
Isto feito ou cousa egual,
Cada qual
Para seu lado se afasta,
E uma só guita lhe basta,
Bem puxada,
A da indiff'rença maior
Ou de enfadonha maçada.

Não fôra muito melhor,
Assim como resumido
Cartas se tem e visitas
Infinitas
A bilhetes, o ficar
D'uma vez substituido
Tanto rasgar
De baetas,
Tantas petas
Que já a ninguem embaçam
Que senso commum tiver,
Mas que certamente maçam
E fazem tempo perder,
Por simples adeus com a mão,
Um signal
Convencional
Da cousa significada,
Como os taes bilhetes são?
Quando em cabeça ha de entrar
A maioria da gente,
Que é maçada
Impertinente
O contar
Tudo quanto pensa ou sente,

A todo e qualquer fuão
A quem a mão
Apertar?
Mas... é costume:
E os incautos,
Que não 'stejam pelos autos.
De comer tem muito lume (247)!

FABULA 248.ª

O concerto

Em tempos que longe vão,
Entre os festejos reaes
Nos annos d'elrei Leão,
Foi por varios animaes
Um concerto planeado
Sob os auspicios do burro
Que, solfa sabendo a fundo,
E tido em conta o seu zurro,
Por elles foi acclamado
Maestro e baixo profundo:
Baritono foi o toiro
Com sua voz de Stentor:
O gato ficou tenor,
E o peso valia de oiro
(Já eram raros
E caros:)
O cão,
Que estendia a mão
E tambem tocava rufo,
Foi servir de baixo bufo.
Quanto ás damas:
Veiu a cantora das lamas,

D. Rã, contralto ser;
D. Cigarra, soprano
(Então ambas, e a valer,
Cantavam por todo o anno.)
Nem córos alli faltaram,
A troxe-moxe os formaram
(Um desgraçado cardume,
Como ainda hoje é costume.)
Tudo se fez á calada,
Para não se convidar
Uma *certa* passarada
Que se mettia
A cantar;
Qual a D. Cotovia,
Que as madrugadas alegra;
Mais a D. Toutinegra;
Negro melro, que assobia
(Quem ousara assobiar
Em semelhante funcção?)
Pintasilgo, tentilhão,
O cochicho mui famoso
Pelo fertil imitar,
E o rouxinol presumpçoso
Do seu nocturno trinar.
(No canario nem se falla;
Esse soprano da sala
Não era então conhecido.)
Á surrelfa, sem ruido,
As cousas vão-se fazendo,
Sempre uns aos outros tecendo
Louvores á queima-roupa,
Poisque nunca o incenso poupa,
Ainda o mais descarado,
Quem se deseja incensado.
Emfim o dia raiou
Dos annos da Majestade,
E o concerto começou.
Com aquella chantrenidade

De todos mui conhecida
Zurra o burro, e em toda a vida
Nunca tão forte zurrou,
Nem ao ir com El-rei caçar!
E cada qual
Dos demais
Berra, a quem berrará mais,
A parte que lhe cabia.
Em summa, para encurtar,
Foi desconcerto infernal,
Matinada, ingrezia,
Que afinal
Ninguem se ouvia;
'Té que o leão, enfadado
Com tammanhos alaridos,
Mandou dar por acabado
O martyrio dos ouvidos
E pôr os brutos na rua.
Começa então cada um
Em zum-zum
E d'ahi em gritos, berros,
Indignado,
Dizendo que não é sua
A culpa; e a dar-se a perros
Por se haver associado
Com gente tão desastrada,
Incapaz de fazer nada
Que se visse
Ou que se ouvisse.
A discordia entre elles lavra,
Palavra puxa palavra,
E foram quasi ás do cabo!
Então o melro lhes disse:
—«Acabou-se o grande gabo,
Filho da sua vaidade
E solemne parvoice,
E reina emfim a verdade.
Aquillo, porém, que são

E um ao outro agora diz,
Sempre o foram e serão;
Unidos
Ou separados,
Não valem uma de X.»

Assim fazem os partidos
Quando ficam derrotados:
As culpas ninguem
As tem,
São só dos associados;
E (caso mais engraçado)
De graves erros tambem
É o inimigo accusado (248)!

FABULA 249.ª

O homem e a cegonha

Tinha jurado matar,
Sem ternuras nem perdões,
Quantos podesse apanhar
Passarinhos,
Passarões,
E dar-lhes conta dos ninhos
Um lavrador, desesp'rado
Por ver tantos inimigos
Aos seus trigos.
Arma redes, arma laços,
Desvelado;
Não se poupou
A cansaços,
Até que emfim apanhou

Muitos centos ou milheiros
Dos malditos ratoneiros.
Entre elles foi encontrar
Escondida uma cegonha
Com vergonha
De ser apanhada assim
Em companhia rûim.
—«Para que me vais matar,
Se não tens queixas de mim?
A cegonha sou» diz ella:
«Na tabella
Dos deuses me vês do Egypto,
Porque lhe mato as serpentes;
Bichos cômo, não sementes:
E porisso te repito
Que me deves já soltar.»
—«Ignoro se tu me mentes,
Não conheço a tal cegonha»
O lavrador replicou:
«Sei que te quero matar,
Pois tens a pouca-vergonha
De fazer sucia com gente,
Qual esta, tão indecente»
E sem demora a matou.

Quem com os maus se for metter
Ha de o credito perder;
Todos pensarão que tem
As mesmas manhas tambem (249).

FABULA 250.ª

O meu e o nosso

Principe ainda novato,
Mas que nascera sensato,
(Tanto que, passados annos,
Consta mettera a um canto
Todos os outros sob'ranos)
Indo um dia passear
Disse ao seu *particular*:
—«Dá-me d'ahi o meu manto.»
—«Perdoará Vossa Alteza»
Lhe respondeu o creado:
«Se pareço confiado
Atrevendo-me a dizer
Que o fallar da realeza
Outro é e o deve ser.
—O nosso manto—senhor;
Assim o deveis pedir.»
O principe agradeceu
(A sorrir)
Aquella humilde lição
Como se fôra um favor,
(O mesmo fizera eu:
É sempre de agradecer
Quanto nos venham dizer
Com modo e boa intenção.)
Pouco tempo era passado
Quando um dia
O principe, a quem doía
Um dente, disse ao creado:

—«Dóe-me muito um nosso dente.»
—«Senhor!» o outro responde:
«Sinto que esteja doente
Vossa Alteza: não sei onde
Nenhum me esteja doendo,
Graças a Nosso Senhor.»
—«Fico agora percebendo»
Lhe respondeu Sua Alteza,
«A profunda distincção:
O que é dor,
Tristeza
Ou mal,
É só meu; mas nossos são
O conchego e o prazer...»
Com o tempo percebeu ser
Esse o sentir
Mais geral:
O que é mau ninguem o quer
E trata de o impingir,
Qual *mafarrico*, aos demais:
Para o bem todos eguaes
Dizem ser,
Quantos desejando estão
Que o dos outros mór quinhão (250).

FABULA 251.ª

O escalracho

—«Sou mau; pois, nascido assim,
Ninguem faz caso de mim»
Outr'ora disse o escalracho
A um honrado lavrador:
«Dá-me a rega, dá-me o sacho,

E verás se bom não sou,
E quantos lucros te dou.
Hei de vir a ser melhor
Do que o são
Muitos, sempre rodeados
De cuidados,
Sabe Deus com que razão.»
Eis que o lavrador curou
De semear
E adubar
O escalracho que, coitado!
Se fosse bem cultivado,
De certo melhoraria
E seria
De mui grande utilidade.
Em má hora o semeou
E em peior d'elle tratou.
Cresceu logo (isso é verdade)
Bello e farto; mas ruim
Mais ainda, se possivel.
Espalhado
Cobre o monte, cobre o prado,
É emfim
Uma peste inextinguivel.

Com, a mira no seu proveito
Ninguem ajude um malvado,
Poisque ha de ficar lograd o,
E não 'stá no seu direito;
Que, sem culpa alguma ter,
Podem outros padecer
D'esse mal por elle feito (251).

FABULA 252.ª

Os olhos do dono

Comparados aos do dono
Todos os olhos tem somno;
Não sabem, não querem ver.

Isto pôde conhecer
Á propria custa um veado.
Acossado,
Num curral de bois entrou
E com pranto lhes rogou
Que d'elle tivessem dó.
Nem um só
Deixa de lh'o prometter,
E depois nenhum faltou
(O boi não é fementido.)
Fica o veado sumido
A tremer
Entre elles á mangedoura.
Vem os moços da lavoura,
Trazem herva, trazem feno,
Anda tudo em polvorosa
Do maior ao mais pequeno;
Tudo numa dobadoura,
Pouca a obra, muita a prosa:
Mas do novo aboletado,
Tão esbelto e bem armado,
D'elles nem um só deu fé!
Estava tudo acabado,
Quando chega o lavrador:
Lança um olhar em redor

E logo lhes grita:—«Olé!
Fechem-me essas portas já,
Que por cá
Temos cabeça que sobra.»
Mettem todos mãos á obra
E a chuço mais a cajado
Deram conta do veado.

Embora possa doer
A muitos o que se perca,
A nenhum dóe como a quem
De pagar tem
O que merca,
Quando lh'o façam perder (252).

FABULA 253.ª

Os frades de sabugo

Quando eu era inda menino
Pequenino
Havia communidades
De muitos e varios frades,
A que pouca attenção dava:
Mas as capellistas tinham
Uns fradinhos de sabugo
Que entretinham
E de que eu muito gostava.
Inda a fronte desenrugo
Hoje, pensando nos taes
Manequins conventuaes.
Imaginem (por ahi
Muito ha que não os vi)
Imaginem monosinho,

(Um rolo
Liso e esguio,
De miolo
De sabugo) mui direito,
No tammanho e no feitio
Qual o seu dedo méminho.
Era assim sem arte feito,
Salvo a cara besuntada
(Ou onde a devia ter)
De tinta preta e encarnada;
E, onde haviam de fazer
Os seus pés,
Solidamente pegada
Com grude tinha, ou com pez
Chapa de chumbo pesada.
O bonéco, já se vê,
Tinha-se sempre de-pé:
O mais simples dos brinquedos!
Se lhe pregavam com os dedos
Algum rijo piparote,
Eil-o que dava
Pinote,
Cambalhota,
Desafiando a risota:
Mas num instante voltava
Á primeira posição
O meu fradinho pimpão.

Não deixo de ter saudades,
Ás vezes,
D'aquelles frades
Que, não sei porque revezes,
Infelizmente acabaram:
Mas muito me desconsola
Certa eschola
Que deixaram,
Eschola de trapalhões
Ignorantes

E pedantes,
Que nos maçam, que nos moem
E, apesar dos trambolhões,
Que parece não lhes dóem,
Ficam sempre como d'antes,
Sempre em-pé;
(Se não tem de chumbo o pé,
A cabeça tem de vento)
Todos fé
Em si e no seu talento,
Sem terem merito algum
E, quaes moscas, aborridos
Por quem tem senso commum;
Mas pelo vulgo attendidos
Mais que os homens assisados,
Só por serem descarados (253).

FABULA 254.ª

O remedio

—«Molhe um boccado de pão
Na f'rida, e vá dal-o ao cão;
Pois, logo que este o comer,
Nada tem mais que temer;
'Stá curado.»
Isto alguem disse
A um homem, que tinha sido,
Havia pouco, mordido
Por um cão, talvez damnado.
—«Essa tremenda tolice
Nunca eu farei» tornou elle:
«Pois, se salvo assim a pelle,
Apenas isso constar

É certo ter sempre cães
Promptos a comer-me pães:
Antes quero
(Pois espero
De melhor modo sarar)
Ir matar,
E já, aquelle animal,
Porque não repita o mal
Contra mim ou mais alguem.»
Assim o fez, e andou bem.

Faça o mesmo quem podér
Áquelle que o offender
Contra direito e razão.
Não digo que o vá matar,
Como fez o outro ao cão;
Mas trate de lhe ensinar
As regras de bem viver:
Do modo mais adequado:
Quem não se faz respeitar,
Raro será respeitado (254).

FABULA 255.ª

A bitola

Um sapateiro ignorante,
Mas fino que nem coral,
Trazia o filho estudante
Em lyceu nacional.
O rapazito lá ia
Cabulando o que podia:
Mas o bom do sapateiro,
Que gastava o seu dinheiro

Para que o filho estudasse
E não porque vadiasse,
Lembrou-se, no seu vagar
De cada noite lhe ouvir
Traduzir
A lição que ao outro dia,
De latim, tinha de dar.
Se entendia
Clara e correntemente
Quanto o rapaz traduzia,
Estava muito calado:
Porém, quando era evidente
Ver-se o filho atrapalhado,
Ou fazer nenhum sentido
A supposta traducção;
Com o tirapé era então
Este asp'ramente zurzido.
O rapaz
Gritava: «Ai! ai!
Ora o pae
De julgar não é capaz,
Quando eu traduzo latim.»
Tornava o outro: «Pois sim!
Dizes bem, não estudei:
Mas perfeitamente sei,
Embora fraco letrado,
Que o livro que estás a ler,
Mariola,
Dê modo algum póde ser
De asneiras apontoado.»

Á falta d'outra bitola
O *chumeco* andava bem:
Nunca fiando porém,
Que o methodo é arriscado.
Mas, para uns taes sabichões
Que apregoam palavrões
Em versos, sonoras prosas,

E, se não os entendemos,
Nos dizem que mal podemos
Distinguir o bom do mau,
Quando se falla em *latim;*
Para esses são famosas
As mais tremebundas tósas,
Inda assim
Á penna, que não a pau (255).

FABULA 256.ª

O corvo e a raposa

Num carvalho empoleirado
D. Vicente,
Mui guapo,
Mui contente
De haver um queijo furtado
Pequenito
Mas curado,
Ia mettel-o no papo.
Uma raposa, que o viu,
Acudiu
E dando ao rabo lhe diz:
—«Tu sempre és muito bonito!
Porisso Jove não quiz
Que soubesses bem cantar;
Fôra dar
D'uma vez muitas fortunas.
Pena é que não reunas,
Sendo sagaz quanto és bello,
A tão rara formosura
Canto cheio de doçura;
Encaixavas num chinelo

O famoso rouxinol,
Que devéras é horrendo,
E não ficava valendo
Nem um triste caracol.
Olha! eu cá fazia assim:
Tendo sómente belleza,
Emendava a natureza,
Puxando ia por mim
Até saber cantar bem.
E isso, quando se tem,
Como tu, grande talento,
É puro divertimento:
Assim pois deves fazer.
Deixa ver
Uma vez só,
Quero ouvir-te dar um dó.»
O corvo, todo encantado,
Solta um grasno asselvajado.
Cai-lhe o queijo; e a raposa,
Depois de o ter engulido,
Como quem não quer a cousa,
Exclamou: — «É dó de peito,
Sem defeito!
Poucos tenho assim ouvido.
Has de ser grande cantor,
Se quizeres estudar.
Quando a tua estreia for,
Não deixes de convidar
Esta humilde ensaiadora,
Que te quer victoriar»
E abalou. Só percebeu
Então que illudido fôra
O corvo, e se enfureceu,
(Por se ver bigodeado)
Contra a mestra da lição:
Mas contra si, isso não;
Embora fosse culpado
Elle tambem na verdade

Por sua louca vaidade.

Todos nós somos assim;
Pois, se palha bem cortada
Com geitinho nos for dada,
É—mais a mim! mais a mim (256.)!

FABULA 257.ª

As tres leituras

Orador muito afamado
E que fôra convidado
Para num comicio orar,
Tratou de se preparar
O seu discurso escrevendo.
Algum engano temendo
(Pois era parte e juiz)
Foi a um seu amigo ouvir
E lh'o deu a examinar.
—«Eu não te quero illudir»
Ao restituir-lh'o diz
O censor: «mais d'uma vez
Li isso, pois foram tres.
Na primeira,
De carreira,
Pareceu-me obra excellente,
Primorosa;
Na segunda, menos má;
E não gostei, na terceira,
Das ideias nem da prosa.»
—«Serve!» o outro mui contente
Exclama: «poisque sómente
Ouvido uma vez será.»
Nunca se deve dizer

—Isto é bom, isto é ruim—
Sem primeiro se saber
Qual o fim
Para que foi dito ou feito:
Depende tudo do effeito
Que tenha de produzir.
D'aqui, porém, deduzir
Não vás poderem os fins
Santificar quaesquer meios,
Posto que ruins
E feios;
Pois uma cousa é dizer
Que para algo se fazer
Tal meio é o melhor,
(Por muito mau que elle for)
Outra em pratica approval-o.
Quanto a obras litterarias
Não *sentenceies de estalo*:
Muitas á vista primeira
Parecem cousa famosa,
Uns astros novos no céo,
E a final são... luminarias;
Verso não sendo nem prosa,
Á segunda ou á terceira
Leitura que se lhes deu;
De ideias moxinifada,
Muita palavra e... mais nada (257).

FABULA 258.ª

Os ses...

Conheci um magistrado,
(Já morreu) — um delegado,
Que até final se queixava
De que preterido estava.
—«Se a meu pae, por ser *malhado*,
Não tivessem degredado»
(Eis como elle arrazoava:)
«Já eu, quando se acabou
A guerra, estava formado.
Todo o tempo que elle andou
No degredo
Impediu pois, que mais cedo
Eu obtivesse despacho:
Logo, acho
Claramente resolvido
Que estou muito preterido.»

É vulgar
Um tal errar.
A quantos ouves dizer:
—«*Se* me houvessem educado,
Instruido,
Como o deveram fazer,
O que eu tinha aproveitado!»
Ou:—«*Se* eu fôra protegido,
Estaria collocado
Tão bem ou talvez melhor
Do que está muito impostor,
Mui diff'rente do que mostra.»

Isto te sirva de amostra :
Sempre o *se*. Resta provar
Se, quando houvesse corrido
Tudo muito ao seu sabor,
Lograra sorte melhor
Quem se estava a lastimar,
Tão doído.
Ignorante rematado
Seria, embora ensinado
Emquanto ainda rapaz,
Pois ninguem
Será capaz
De tirar do nada alguem;
Ou podera haver subido
Qual foguete, muito teso,
Sendo por outro ajudado;
Mas, quando desamparado,
Ter cahido
Com o seu peso.

Mui parvo é quem se cança
Com *ses* que não valem nada;
De certo jamais alcança
Com a força da agua passada
Fazer andar o moinho.
Vá comendo o boccadinho
Da fortuna que lhe coube
Ou que soube
Grangear.
Chega bem? que se acommode:
Não chega? veja se o póde
Com honra e brio augmentar;
Mais vale isso que chorar
Do Egypto pelas cebolas
E outras caraminhólas (258).

FABULA 259.ª

Os cães e o leopardo

Brincavam uns cães de caça.
Leopardo, que ensinado
(Muito embora de outra raça)
Fôra tambem a caçar,
D'elles ligeiro se achega
E pede ser acceitado
No jogo como collega,
E assim o pôde alcançar:
Porém breve
Aquelle brinco
Quasi que deu em chorinco;
E, mau grado dos cães, teve
Tal folguedo de acabar,
Que o leopardo, sem qu'rer,
Arranhava-os a valer!

Com brutos não ha lidar:
Em que os pódem,
Em que os pulam,
É tudo tempo perder.
Até brincando se assulam:
Inda que queiram, não podem
Seus instinctos esquecer.

—«Tu nasceste humilde e pobre,
Fiz-te rico, fiz-te nobre»
Dizia um rei ao primeiro
Figurão do seu paiz:
«Não pude, por mais que o quiz,
Fazer de ti cavalheiro (259).

FABULA 260.ª

O cavallo e o veado

Era a vingança o prazer
Dos falsos deuses pagãos;
É um peccado em christãos.
Mas, gosto seja ou peccado,
Póde muitas vezes ter
Bem amargo resultado.
Esse soffreu o cavallo
Que, inimigo d'um veado
E não podendo alcançal-o,
Para d'elle se vingar
Com o homem se foi metter.
Montou-o este e correu
Sem cessar
Muito tempo, a bom correr;
Tantas ciladas armou
Que o veado sossobrou
E finalmente morreu.
—«Adeus, homem! Vólto ao matto»
Diz-lhe o cavallo: «obrigado
Verás que nem sou ingrato
Nem algum villão ruim.»
—«'Stás a rir?
Não te deixo lá voltar»
Torna o homem: «bem pensado
Has de ser sempre por mim,
E nada te ha de faltar,
Poisque me podes servir.»

A liberdade perdeu
(Não lhe faltando a pitança)

O cavallo, que morreu
Depois de basta canceira,
Tarde vendo que a vingança
É muito má conselheira (260).

FABULA 261.ª

O crocodilo e a cegonha

Dois rapazitos brincando
Na margem 'stavam do Nilo,
Senão quando
Um medonho crocodilo
Das turvas aguas surdiu
E, colhendo um dos rapazes
Em suas fauces vorazes,
Pelas aguas se sumiu:
O outro rapaz fugiu.
Pouco depois uns gemidos,
Seguidos
De muitos mais,
Se ouviram do Nilo á beira:
Eram prantos, eram ais,
Capazes de enternecer
Corações empedernidos.
Uma cegonha matreira,
Conhecendo o crocodilo,
Não deixou de perceber
A causa de tudo aquillo,
E diz:—«Se choras, malvado,
Não é porque, tendo errado,
O erro teu reconheças,
(Quem jamais tal cousa viu?)
Mas eram duas cabeças,

E o dono d'uma fugiu,
Mais feliz que o companheiro
Miserando!
Queres pois ver, embusteiro,
Se chorando
O podes capacitar,
De que o outro o está chamando;
Esperas que haja de vir
Ao seu amigo acudir
E que o possas devorar.»

Qual o crocodilo impunha,
Assim hypocrita vil
Procura com o seu ardil,
Com arteira caramunha,
Feito um mal, enternecer
Para novo mal fazer (261).

FABULA 262.ª

A coruja

Muito feia e muito suja
(Pois passava a triste vida
Em negras tócas mettida)
Velha c'ruja
Qu'ria o azeite beber
D'uma lampada, que a arder
Estava em certa capella:
Mas, se era grande a vontade,
Maior medo tinha ella
De chegar-se á claridade.
Começa pois, sem a olhar,
Em roda a esvoaçar;

E tanto fez que logrou
A luz emfim apagar,
E de azeite se fartou.

Assim despota procura
Extinguir
A santa luz da verdade
Para os povos opprimir
A vontade,
Sepultos em tréva escura (262)!

FABULA 263.ª

O toiro e o veado

—«Amigo!» disse ao veado
O toiro: «se a este prado
Vier o leão caçar,
Não vale desanimar
E fugir:
Havemos de resistir
E verás que, estando unidos,
Não ficaremos vencidos.
—«Tu que podes, faze assim»
Lhe replicou o veado:
«Eu porém, pouco esforçado,
Melhor consigo o meu fim
Pondo-me logo em fugida.»

Quem forças tiver, resista;
Mas, não as tendo, desista.
Meio azado
(Sempre honrado)
De salvar

A sua vida
Veja se póde encontrar.
Para que ha de resistir,
Não sendo a isso obrigado?
Offrecer facil victoria
Ao mais forte, e succumbir
Sem nenhum proveito ou gloria (263)?

FABULA 264.ª

O pintarroxo

Orfão de pae, malfadado
Pintaroxo era estragado
Pela mãe, avó e tia
A porfia
Com centos de pieguices,
Vontadinhas e tolices,
(Quaes ahi verás fazer,
Bem que com santa intenção,
Em geral uma mulher
Que trate da educação
Do filho, sobrinho ou neto)
Para que viesse a ser
Um parvo e analphabeto,
Um tratante, vil manhoso,
Desprezivel mentiroso,
Um miseravel emfim.
Quantos não ficam assim,
E dos quaes a sociedade
Mais tarde soffre a maldade
(Tendo até de os castigar)
Que foram envenenados
Em vez de ser educados!

Pois bem se póde affirmar
Que, se escapa inda algum são
De uma tal *educação*,
Salvou-se por um acaso
E devem pesal-o a cera.

Mas, tornando ao nosso caso:
D'esta maneira estragado
O pintaroxo crescera,
Um perfeito... malcreado.
Algum merito que tinha
Ainda o mal aggravava.
Quanto fazia ou fallava,
Que talento
O d'aquella creancinha!
Haveria egual portento?!
Vendo o p'rigo
Um melro velho,
Da familia muito amigo,
Tanto fez, tanto luctou
Que levou
O tal conselho
Das prognosticas a dar
O passo, muito acertado,
De o menino ir viajar.
Lá vai elle persuadido
De que ha de o mundo espantar:
Mas eil-o desilludido.
Esp'rando ser collocado
Na cabeceira do rol
Dos melhores,
Mais afamados cantores,
Atreveu-se á desgarrada
A cantar com o rouxinol!
Apupado
Foi com grande surriada.
Competiu
Com voadores famosos;

Logo claramente viu
Serem muito vagarosos
Seus vôos (e até ronceiros)
Que julgava tão ligeiros.
Com os taes *passaros bisnaus*
Metteu-se; levou quinaus
Provando ser ignorante
E ridiculo pedante.
Tendo em casa sempre ouvido
Suas forças exaltar,
Com os valentes quiz luctar;
Mostrou só quanto era fraco
Levando para tabaco,
Magistralmente zurzido.
A sua custa ensinado,
Sem piedade,
Sendo pela sociedade,
Volta a casa depennado!
Porém saram-lhe as costellas,
As pennas breve voltaram
Lustrosas todas e bellas;
Não assim os seus defeitos,
Que lá por longe ficaram,
E foi um dos mais perfeitos
Pintaroxos conhecidos.
Ao conselho
Do prudente melro velho
A tempo deram ouvidos:
Mas nem sempre, infelizmente,
Assim é. Porisso coxo,
Aleijado moralmente,
Vemos tanto pintaroxo,
Tanto vadio
Sem brio!

Se não póde fazer tudo
Com o mais accurado estudo
A melhor educação,

Claro está
Que, quando má,
Os resultados serão
Mil e mil vezes peiores.
Se já és pae, ou se o fores,
Pelo seguro o conselho
Escuta
Do melro velho:
Teus filhos busca educar
Para a inevitavel lucta
Que na vida hão de mover.
Em casa mal póde ser;
O mundo deve ensinar
A quem nelle ha de viver (264).

FABULA 265.ª

A menina e a abelha

Menina das mais formosas,
Toda lirios, toda rosas,
Defronte do toucador
Se esforçava, com o lavor
D'uma creada já velha,
Por bem... feia se fazer
(Não falta quem tal consiga.)
Eis nos labios uma abelha
Mui de leve a foi morder.
Aos gritos da rapariga
A culpada perseguida,
Para salvar-se, lhe diz:
—«Não mandes tirar-me a vida;
O que eu fiz
Qualquer de certo o fazia:

D'essa bocca tão formosa,
Que só parece uma rosa,
Enganando-me a ambrosia,
Nella corri a pousar
Para o doce mel libar.»
—«Não mates a desgraçada,
Porque se foi enganar»
Disse a rapariga á velha:
«Deixal-a sahir, coitada!
Já quasi nem me doe nada,
Tanto de leve mordeu.»
Mestra abelha
Não morreu.

Se a vaidade
Ás vezes nos faz soffrer,
Não poucas sabe esconder
A triste realidade.
Que mal nos vem
Dos que a tem
(Qu'rendo o caso examinar)
Que não seja molestar
A que nós temos tambem (265)?

FABULA 266.ª

O boi e a cigarra

—«Esse sulco ahi desgarra
Não pouco da linha recta»
Gritou a uns bois que lavravam,
Apenas o acabavam,
A pateta
Da cigarra.

—«Talvez!» lhe responde um boi:
«Mas, se tão prompto notaste
Nesse rego alguns defeitos,
Isso foi
Porque logo o comparaste
Aos demais, todos direitos.»

Não se devem criticar
Ligeiras imperfeições
(Excepções
Faceis até de notar
Por um parvo) numa obra
Que tem merito de sobra (266).

FABULA 267.ª

As exequias da leoa

Quando morre um figurão
Que deixa amigos, parentes,
Ou ricos ou influentes,
Para as borlas do caixão
Nunca faltam pretendentes.
Chovem logo nos jornaes
Descarados elogios
Das virtudes sem-eguaes,
Dos talentos do finado.
Correm os prantos em rios!
Por mais que fosse safado,
Inutil, parvo ou ruim,
Houve nunca perda assim?!
E, se tanta bulha faz
A morte d'um incapaz,
D'um tolo ou pantomimeiro;
Imaginem o berreiro,

A solemne gritaria,
O que então
Por lá iria,
Na côrte d'El-rei Leão,
Quando a morte
Desfechou o fatal córte
Da magnanima leoa
Na cabeça sacrosanta!
Não era só bella e boa,
Era isto e mais aquillo,
Tudo no superlativo...
Uma santa,
Do bem o symbolo vivo!
(Lagrimas de crocodilo...)
Tudo ardia
Noite e dia
D'esta vez
Em dor fingida ou profunda
Do leão com a viuvez,
Que toda a côrte enluctou.
No meio da barafunda
Alguem houve que notou,
E o foi logo a El-rei contar,
Que o veado não chorara!
Como havia de chorar?
Se um só filho, que elle tinha,
A rainha
Lh'o matara!
Mas até a El-rei se disse
Que *em segredo talvez* risse!
—«Vil miseravel!» lhe berra
O leão enfurecido:
«Eu pasmo de ver que a terra
Não se abriu, não te ha sumido!
Jupiter, meu pae, ignora
O teu crime; ou já agora
Estiveras fulminado!
Perdes pouco com a demora;

O teu supplicio cruento
Ha de servir de escarmento...!»
—«Senhor!» exclama o veado:
«Impio fôra o meu chorar,
Poisque a rainha tomou,
Apenas morta, o logar
Que Jove lhe reservou
Entre Venus e Minerva;
Dignou-se de me appar'cer,
Já divindade, e m'o disse,
Mas que nada referisse
'Té Mercurio o vir dizer.»
Eis que levanta a caterva
Jubilosa acclamação
Em signal de adoração,
E logo foi o veado
Muito bem recompensado
Com prendas que El-rei lhe deu.
A orelha, vendo a mudança,
Mais d'um cortezão torceu
Por lhe escapar a lembrança
E aquella vasa perder.

Has de ver
Que muitos, embora honrados,
Ás vezes são obrigados
A mentir.
Não direi para fugir
Morte affrontosa (esses tempos
Felizmente longe vão)
Mas a fataes contratempos,
Poisque os tartufos tem meios
De conseguir seu intento
Com a calumnia que consome
E tenebrosos rodeios;
Destruindo a fogo lento,
Matando um homem á fome,
Depois de infamar-lhe o nome (267).

FABULA 268.ª

O mocho e o sapo

O mocho estava encolhido
No seu nicho;
O sapo, ao sol extendido,
Lhe grita:—«Que feio bicho!»
—«Conheço que feio sou»
O triste mocho volveu:
«E é só porisso que 'stou
Na minha tóca de dia
Escondido, emquanto o véo
Da noite não cobre o céo,
Sem ter a tua ousadia!»

Que justo seja não acho
De qualquer defeito arguir
Quem d'elle não faz pennacho,
Antes o quer encobrir.
E qual é as mais das vezes
O esquadrinhador de fezes?
Se indagares, has de achar,
Sem que muito tempo busques,
O virtuoso censor
Ser tão mau, senão peior
E de indole a mais villã,
Pois só procura infamar.
—Tir'-te lá, não me enfarrusques!—
Disse a caldeira á sartã (268).

FABULA 269.ª

A pomba e a formiga

Uma formiga cahiu
Num regato, e alli se viu
Entre a cruz e a caldeirinha,
Pois não sabia nadar.
Vindo então uma pombinha
Beber ao mesmo regato,
Lançou-lhe para a salvar
Um torosinho de matto,
E assim da morte a livrou.
Dias depois a formiga
Da porta do formigueiro
Viu pousada
A sua amiga
No coruto d'um pinheiro,
E notou
Rude cabreiro
Com tenções de lhe atirar
Sem dó valente pedrada,
De certo para a matar.
Elle ia pé-ante-pé,
Mas descalço; e assim pôde ella
Morder-lhe um dedo do pé,
E com tal gana o filou,
Que o cabreiro, a quem custou
Algum tanto a mordedella,
Ruido fez e o sentiu
A pomba e logo fugiu.

Grata a mesquinha formiga

Salvar pôde a sua amiga;
E pouca gente ou ninguem
Haverá que, alguma vez,
Não possa pagar o bem
Que um mais pod'roso lhe fez (269).

FABULA 270.ª

Os dois coelhos

—«Fujamos, que vem
Além
Dois galgos a bom correr!»
Grita para o companheiro
Um coelho que pastava
Com elle sobre um oiteiro.
—«Deixe ver»
Disse o outro, que gostava
De tudo contradizer;
E depois:—«Fujamos, sim:
Ainda que, quanto a mim,
São podengos de má raça
Que andam por alli á caça.
—«Você 'stá curto da vista,
Para podengos chamar
Aos dois galgos que ahi vem!»
—«Você é que não vê bem;
E, direi mais, não insista
Só por gosto de teimar.»
Continuam: nenhum quer
De sua birra ceder,
Sem que o p'rigo lhes importe.
Deitam emfim a fugir,
Mas já tarde: vem a morte

Tanta loucura punir.

A maior parte das teimas
São toleimas,
E muitas tem egual sorte (270).

FABULA 271.ª

O valor do saber

Ignorante enriquecido
(Como? ninguem o sabia
Nem tratava de o saber,
Pois basta dinheiro ter,
Pouco importa como havido...)
Não poucas vezes dizia
A um homem muito instruido,
Pobre porém como Job:
—«Eu cá nunca vi um só
De vocês, meu sabichão,
Que, sem tretas,
Pelas letras
Conseguisse farto pão.
Embora sabio, você
Anda a-pé
Com a bolsa ôca
Fazendo cruzes na bocca.
Eu serei grande ignorante,
Nem o nego: não obstante,
Ródo num bello carrinho;
O bom vinho
E os guizados,
Ainda os mais delicados,
Nunca me faltam na mesa;
Tenho as casas mobiladas

Com todo o luxo e grandeza,
Meus creados e creadas
Passam melhor que você
Nas suas aguas-furtadas.
Por tudo isto se vê
Que a enfadonha maçada
D'esse estudar
A matar
Vale pouco ou vale nada.
O caso é *aproveitar*
As boas occasiões;
Tudo o mais são maranhões.

Decorridos poucos annos,
Sobrevem perdas, mil damnos,
Ou não sei lá o que fosse,
E acabou-se
Do dito Creso a riqueza.
Entra-lhe em casa a pobreza
E da casa o faz sahir,
E subir,
Mau grado seu, quatro andares
Para esconder seus pezares
Numa triste agua-furtada,
Qual a que fôra habitada
Pelo sabio pobretão;
A quem a fortuna então,
Cançada de o perseguir,
Deixara emfim conseguir
Depois de tantos azares
Mostrar o merito seu;
E porisso elle desceu,
Não subiu, os quatro andares.
Ao seu bemfeitor antigo
Recebia como amigo
E, sem jámais se gabar,
Com gratidão o tratava:
Mas este continuava,

Como d'antes, a teimar
Que a enfadonha maçada
De estudar
Vale pouco ou vale nada.

Que sim ou não reconheça
Um parvo a incapacidade
De sua triste cabeça,
Que vai nisso á humanidade?
Trata sempre de estudar,
E deixa os parvos fallar (271).

FABULA 272.ª

A cautela

Uma vacca, indo pastar,
Ao vitello diz:—«Cautela!
Fecha a porta e a janella,
Não deixes o lobo entrar.
Quando, de volta, eu bater
Repara que hei de dizer:
—Má peste mate o ladrão!»
Foi esta combinação
Ouvida por um dos taes
Façanhudos animaes
Que, dando graças ao céo
Por aquelle regalão,
Passado tempo, bateu
Á porta já bem trancada,
Dando a senha combinada.
O vitello (que era fino,
Apesar de ser menino)
Diz, pela grêta espreitando:

—«Eu sómente abrirei quando
Lhe vir bem o seu focinho;
E é mostrál-o já, senão
Sólto o cão.»
Vendo o intento malogrado
O lobo fica assustado,
Mette pernas ao caminho,
Dando ao diabo a lembrança
Da creança,
Mais esperta que a maman.
Safou-se com pés de lã
Por onde alli tinha vindo,
E o vitello ficou rindo.

Porisso diz muita gente,
E eu tambem digo com ella:
—«Boa diéta e cautela
Não fazem mal ao doente.»
Mais este caso recorda
Que prudente
É sempre ter
Para o arco, quem podér,
Duas em vez d'uma corda (272).

FABULA 273.ª

Os zangãos e as abelhas

Os zangãos, pois entendiam
Ter feito grande papel,
Na florida primavera
Fabricando
A branca cera,
Distillando

O doce mel;
Em altos gritos pediam
Que lhes dessem seu quinhão.
Apanhado um grande—Não,
Demandaram as abelhas,
Com as quaes correr parelhas
Pretendiam no saber.
Eis começam a chover
Mandados e citações,
Exames e vistorias.
Vem abaixo as livrarias
Com aggravos, reflexões,
E não se decide nada;
Quando uma abelha assisada
E em demandas muito dextra
(Alguem diz—abelha-mestra)
Requer sejam nomeados
Dos dois lados,
Sem mais parla nem escriptos,
Operarios mui peritos,
Para que cera tão branda
E tão doce mel fizessem,
Ou melhor, caso o soubessem.
Isto os zangãos não quizeram
E perderam
A demanda.
Para novas evitar
As abelhas desde então
Tem cuidado de os matar
Apenas começa o v'rão.

Pelas obras se conhece
Quanto cada qual merece (273).

FABULA 274.ª

O noivo e as duas noivas

Um homem já quarentão
Que começava a pintar,
Porém escorreito e são
E com muito bons vintens,
Não tinha medo a desdens
E propunha-se casar.
Entre duas duvidava
Senhoras que cortejava.
Era-lhe uma quasi egual
Em annos, e desejosa
(Isso é cousa
Natural)
De ainda par'cer menina
Para o noivo conquistar;
Grande mestra em disfarçar
Os começos de ruina
Com a tal arte que remoça
(Ou que serve de enganar
Quem busca ser enganado...)
A outra muito mais moça,
Formosa mas assisada,
Quizera ver-se casada
Com homem serio, abonado,
Estimavel, qual aquelle;
Porém muito receiava
O reparo
Na diff'rença, que se dava,
Entre a sua e a edade d'elle.
Ambas pois, com o mesmo intento

De arranjar bom casamento,
(Desejo mui pouco raro)
Fazem-lhe guerra á cabeça.
Uma, a mais velha, começa
Á sorrelfa, quanto pello
Preto lhe vê, a arrancar;
Não deixa a outra parar,
Quando branco, um só cabello:
O que deu em resultado
O homem ver-se pellado,
Ou mui pouco lhe faltou.
Eis porque não se casou
Receiando, se o fizesse,
Que tivesse
De cedo ou tarde viver
Sujeito á sua mulher.

Compellir ninguem procure
Os outros ao seu pensar,
Pois de certo ha de topar
Com algum que não o ature (274).

FABULA 275.ª

A aranha e o bicho da seda

—«Tu sempre és muito zoupeiro!
Dias se passam primeiro
Que faças o teu casulo»
Da seda ao bicho dizia
Mestra aranha: «É num pulo
Que a minha teia se fia,
Ficando uma formosura;
Não me leva nem um dia

O fazel-a mais o ninho.»
—«É porisso que não dura»
Lhe replicou o bichinho.

De cousas feitas á pressa
Quasi sempre a sorte é essa (275).

FABULA 276.ª

O valor das cousas

Conta alguem que um gallo achou
Uma joia, a qual levou
A mostrar, muito depressa,
Ao primeiro
Joalheiro
Que por acaso encontrou.
Diz este:—«Por ella peça
Quanto quer que em paga eu dê.»
—«Quanto quero?! Olhe você»
Responde o gallo: «eu não sei
O valor d'isso que achei;
Contente fico se pilho
Em troca um sacco de milho:
Ganha você, e eu tambem.»
O gallo pensava bem:
Não assim um ignorante
Mas grandissimo pedante
Que, herdando livro mui raro
Que não sabia entender,
Vendel-o quiz muito caro.
E qual foi o resultado?
Cheio de mofo, traçado,
O valor todo perdeu;

Quando emfim o quiz vender,
Já ninguem nada off'receu.

Muita cousa é boa ou má,
Segundo o caso se dá
De haver quem d'ella careça,
Ou que ninguem a appeteça (276).

FABULA 277.ª

O almirante...

Charlatão se apresentava
Bem fardado
De almirante,
D'um paiz muito distante,
Ou que elle tinha inventado;
Esporas porém usava
Grandes, que davam na vista.
Alguem passando revista
Ao fardamento, lhe diz:
—«Pasmo que no seu paiz
De esporas ande a marinha!»
—«Vejo que não adivinha»
Lhe torna o outro: «afastado
Do mar, nunca teve esquadra:
Eis porque julga lhe quadra
Almirante bem montado
De carne em bello cavallo,
Visto não ter bom nem mau
Um *cavallinho de pau.*»
—«Desejo inda interrogal-o:
Porquanto esquadra não ha,
Um tal posto necessario

Para que póde ser lá?»
—«Eu almirante nasci;
É logar hereditario...»
—«Agora sim, percebi!»

Quanta gente,
Quando a resposta primeira
Julga menos convincente,
Com a segunda se contenta,
Inda sendo babozeira?
Raras vezes argumenta
A ponto de haver terceira
Que se torne necessaria:
É esta a marcha ordinaria.
E quem for muito além disto
Não será sempre bem visto,
Pois mostra espirito sceptico,
Meio caminho de heretico (277).

FABULA 278.ª

O binoculo

Um homem, que enriquecera
Com negocios que fizera
Nas terras do ultramar,
Depois de bem collocar
Sua fortuna a render
Resolveu nada fazer.
Descontente,
Aborrecido
Da qualidade da gente
Com quem tinha convivido,
Na aldeia se foi metter,

Por pensar
Alli achar
Dos costumes primitivos
A fabulosa innocencia.
Espalhou mil donativos;
Mas deu com tanta maldade,
Tão negra maledicencia,
Que fugiu para a cidade
(Onde, sósinho, quem quer
Quieto póde viver.)
Estudos mui fracos tinha;
Evitando companhia
Nos theatros se entretinha:
Porém, isolado e rude,
Não sabia
Cousa alguma dos actores
Nem como e tanto amiude
Mudam aquelles senhores
De feitio: ora pastores
Com seu cajado e surrão,
Ora reis,
Sceptro na mão,
Manto e c'roa de ouropeis,
Conforme a isso obrigados
Pelos diversos papeis.
Porisso sympathizava
Com este ou com aquelle actor
Que os de heroes, de homens honrados,
Representava melhor,
Pois na boa fé julgava
Serem bem desempenhados
Por lhe 'starem ao sabor.
Um binoculo comprou:
Par'ceu-lhe, ao primeiro dia
Que d'elle se aproveitou,
Ver mui bem representando
Papel deveras nefando
Um actor,

Que de ha muito conhecia
Por lhe ter
Visto fazer
Com verdadeiro primor
Outro muito virtuoso.
Fica o homem duvidoso,
Lê á sahida o cartaz;
Toma os nomes dos actores
Que lhe parecem melhores,
Isto faz
Varias noites a seguir...
Os olhos teve de abrir
E ver que estava enganado:
Cada actor representado
Papeis tinha mui diversos,
Virtuosos ou perversos,
Como lhe haviam tocado.
Sobre o caso meditou
E pensou,
Mais avisado,
Que para os homens julgar
Convem muito examinar,
Em duas ou tres instancias,
Quaes as suas circumstancias.

Assim o mundo apresenta
Bastas vezes
Quer dramas, quer entremezes,
Onde o homem representa,
Bem ou mal,
Papel de justo ou malvado;
Mas, não poucas, obrigado
E contra o seu natural (278).

FABULA 279.ª

As bichas

Teve um homem de deitar
Certo dia
Umas bichas em logar
Onde muito lhe doia,
E com effeito as deitou.
Sugaram a bom sugar,
'Té que de fartas cahiram;
Tingiram
De sangue o chão,
E o doente melhorou.
Uma d'ellas diz-lhe então:
—«Olha cá! pelo serviço
Que te fiz, que me vais dar?
Deves-me recompensar.»
—«Eu já tinha tenções d'isso,
Pois não te deixo morrer
Com o sangue que me bebeste,
E do qual tanto te encheste
Que, assim, não podes viver»
Disse: e logo lhe pegou
Pelo rabo e a espremeu
Tanto, que ella vomitou
Todo o sangue que bebeu;
E, quando não deitou mais,
O mesmo fez ás demais.
Depois num frasco as metteu,
Para que d'ellas usasse
Outra vez, se o precisasse.

Assim se andou com os judeus
Outr'ora: louvado Deus,
Hoje era isso impossivel,
E folgo que não se faça.
Bramo porém, quando vejo
O despejo
Quasi incrivel
Com que certos emprezarios,
De má raça,
Trapalhões, pantomimeiros,
Agiotas, usurarios,
Capitalistas, banqueiros,
Que se tornam millionarios;
Arrotam com seriedade
Os serviços que prestaram,
Immensos, á sociedade
Que em seu proveito sugaram!
Pois não poucos d'esses mécos
Em parvos encontram echos!
Sabem governos achar
Que até vão galardoar
Com subidas distincções
Semelhantes intrujões!...
E o peior ainda eu calo,
Poisque no deserto fallo (279).

FABULA 280.ª

O pastor e o milhafre

Compõe a sua armadilha
Um pastor e, para o engano,
Nem o chamariz lhe esquece.
Quer empolgal-o um milhano,

Mas nas redes se envencilha
E diz (a ver se o enternece):
—«Pastor! deixa-me ir embora:
Porque me prendes agora?
Eu não sei que mal te fiz;
Com certeza que nenhum.»
—«E esse pobre chamariz»
Lhe retrucou o pastor:
«Já te havia feito algum?
Vae-te calando; é melhor.»

Pensam quasi sempre assim
Os homens e os animaes:
—Haja um Deus, só para mim;
Um demo para os demais (280).

FABULA 281.ª

O velho e os tres rapazes

Andava um velho tratando
Do seu pomar e plantando
De fructas novos enxertos.
Eis que passam tres rapazes,
Muito alegres, muito espertos,
Dos que criticam mordazes
Crendo tudo desacertos.
—«Ó velho, vê o que fazes;
Não percas o tempo assim:
Da tua vida no fim
Não te vem ao pensamento
O fazeres testamento?»
D'elles lhe grita o primeiro:
«Isso não fôra melhor

Do que andares a dispor
Enxertos na tua edade?»
—«Se queres testamenteiro»
Diz o segundo: «aqui 'stá
Um, a quem deixes herdeiro
Da metade
Do que tens: pouco será,
Mas com pouco me contento.
Faze pois o testamento
E tuas pazes com Deus,
Para que estejam dos céos
Abertas de par em par
As portas e, sem bater,
Possa lá tua alma entrar.»
—«O que devias fazer»
Diz-lhe o terceiro: pois gostas
Tanto de lidar com a enxada
E eterno lavrador ser,
Era deixar bem cavada
Numa altura,
Ahi por essas encostas,
Descommunal sepultura
Onde te enterrem depois
Com a tua enxada abraçado,
Em cima d'um grande arado
E d'uma junta de bois!
Assim, em tempos passados,
Eram (dizem) sepultados
Com armas e munições
Os mais inclytos varões.»
—«Rapazes!» responde o velho:
«Do coração agradeço
A cada um seu conselho.
Reconheço
Que breve devo morrer,
Talvez d'aqui a um momento;
Sei o pouco que já valho,
Não me vem ao pensamento

Que possa o fructo comer
D'este serodio trabalho.
Feito está meu testamento,
Por Deus. Tenho tres rapazes,
Todos tres
Homens de bem,
Guapos quaes são vocês.
Com Deus as pazes 'stão feitas:
Contas conservar direitas,
Não fazer
Mal a ninguem,
Antes o possivel bem
A todos; com paciencia,
Podendo, tambem soffrer
A vida, quando era dura,
Me dão essa consciencia.
Dispenso a tal sepultura
Dada aos varões afamados
Nos tempos que longe vão;
Bem poucos palmos quadrados
De terra me bastarão.
Estou velho; e toda a vida
Levei em constante lida
Para honrado pão ganhar
E tambem para pagar
Esta divida que herdei,
Deixando o que eu encontrei,
Quanto possa, melhorado
A quem ao depois vier.
Foi, por já terem plantado
O arvoredo e o pomar,
Que pude os fructos colher
E na sésta descançar
Áquella sombra deitado.
Venha pois quando quizer
A morte: terei o gosto
De a receber no meu posto.
Queira Deus que eu vá primeiro

Que vocês. Tanto janeiro
Devéras me 'stá pesando:
Tenho porém visto tantos
Na flor da vida morrer,
Que toda lhes era encantos!...
Vão pois sempre trabalhando
A valer:
Sigam este meu conselho,
E que Deus os faça uns santos.»
Não sei se lhe obedeceram:
Mas é facto que morreram
Todos tres antes do velho.

Certo temos o morrer:
Não sabendo porém quando,
Vamos sempre trabalhando
Com vontade e sem cessar,
Para a morte, que vier
Quando queira, nos achar
Promptos no honrado posto,
A partir com alegre rosto (281).

FABULA 282.ª

A sciencia e a experiencia

Vendo que um homem podava,
E bem, um grande pomar,
Certo sabio, que passava
E que nunca vira tal,
Começa logo a gritar,
Nem que o outro fosse mouco:
—«Ó homem! você 'stá louco,
Ou nasceu só para o mal?

Pois com tammanha bruteza
Destroe o que a natureza,
Boa mãe,
Produz para o nosso bem?»
—«Olhe que está enganado,
Meu senhor!»
Replicou o podador:
«O pomar, assim podado,
Em vez de dez dá-me cem.»
Ficou o sabio pasmado!
E, sem mais ver nem ouvir,
Imaginou descobrir,
Cheia de philosophia,
Uma nova theoria
De podar.
Foi dito e feito:
Compra logo um bom pomar,
Corta, serra,
Dá com elle quasi em terra,
Segundo o novo preceito
Que inventou;
Finalmente tanto fez
Que o podou
Por uma vez.
Conscencioso tratado
Então o sabio escreveu,
Deixando bem demonstrado
Que não se deve podar,
Poisque o pomar
Lhe morreu.
Vemos porém que da poda
Inda continúa a moda;
E de certo irá durando,
Pois ignorantes,
Pedantes,
E sabios abalisados
Todos se vão regalando
Com os fructos,

Bellos productos
De pomares bem podados.

A verdadeira sciencia
Terá sempre de nascer
Da sensata experiencia.
Cumpria ao sabio apprender
A maneira de podar,
E a pratica exercitar.
Esta vem sempre primeiro;
Nem póde deixar de ser,
Poisque o homem vê ou sente
Durante muito janeiro
Ainda instinctivamente,
Como se ha de comportar,
Antes que possa ou que queira
Os principios assentar
De que a sciencia se fórma.
Torna-se esta depois norma
Verdadeira
Onde aferir,
Quando haja que decidir
Sobre pontos duvidosos,
Segundo os mais numerosos
Factos em que ella se funda.
Pratica ou exp'riencia
Sem sciencia
Haver póde e até abunda,
Emquanto as necessidades
Da vida se contam poucas;
Sciencia
Sem exp'riencia
Nunca póde ter valor;
É cheia de falsidades
E de theorias ôcas:
D'ella te livra leitor (282).

FABULA 283.ª

Os membros e o estomago

Do corpo os membros um dia
Fizeram todos parede
Contra o estomago, pois qu'ria,
Segundo elles o arguiam,
Comer e não trabalhar.
—«Tenho sêde,
Tenho fome,
Hoje não me deram nada!»
Gritava o pobre a chorar.
Ao que os membros respondiam:
—«Quem não trabalha não come.
Acabou-se a marmelada
De vivêres, songa-monga,
A custa da barba-longa.
Mandrião! vae trabalhar.»
Foi-se o estomago calando;
Nem mais podia fallar
Por as forças lhe faltarem;
E os membros a exultarem,
Já pensando
Ter a victoria ganhada.
Longe porém de acabada
Estava a grande questão.
Muito em breve,
Fracos e frios de neve,
Ao outro deram razão;
Pois, se trabalhavam todos
Por muitos e varios modos
Para o alimento lhe dar,

Só elle sabia o geito
De tal sustento empregar
Do corpo todo em proveito.

Ou soldado ou general,
Seu papel tem cada qual
Que cumprir: tome-o a peito,
E tudo andará direito (283).

FABULA 284.ª

O homem e o lobo

Disse o lobo a um pastor:
—«Vocés fallam mal de nós;
Vem isso já dos avós,
Que o homem foi sempre ingrato...
Mas gostam bem do calor
Que a nossa pelle lhes traz
Quando a apanham para um fato;
E dos dentes, com que faz
Mais brilho ter, mais valor,
Ao proprio oiro o artista!»
—«Tu és qual o egoista»
O pastor lhe respondeu:
«Vivo a ninguem soccorreu:
Mas obrigado a deixar,
Pela morte, quanto é seu,
Em bem da alma o vai legar
Com serodia caridade,
Julgando em sua maldade
Illudir o proprio céo.

Antes assim que peior.

Mas parece-me melhor
Fazer o bem nesta vida
Antes da fatal partida;
Pois, que virtude haverá
No que dá
Sem sacrificio
E só por seu beneficio (284)?

FABULA 285.ª

Os peixes e o corvo marinho

Finorio corvo marinho,
Previdente
Mais do que eu e muita gente,
Segurar quiz o pãosinho
Para quando velho fosse:
Com essas tenções mudou-se.
Eil-o junto d'um viveiro
Onde muito peixe havia,
Gente que não conhecia
O terrivel pescador.
Logo no dia primeiro
E muitos outros a-fio
Nem sequer um guarda-rio
De todo o lago em redor
O corvo deixou parar:
Tiveram de se mudar.
Os peixinhos applaudiam;
Presumiam
Nelle ter um defensor
(Somos quasi sempre assim
E o foram nossos avós;

Ninguem parece ruim
Quando se int'ressa por nós;
Basta sabel-o fingir:
Raro o que não vá cahir
No laço, se bem armado.)
Julgando-se acreditado
Entre os peixes, foi um dia
O corvo, com *ar de caso,*
Referir-lhes que corria
Ser certo que em breve praso
Sêcco o viveiro estaria,
Pois eram as intenções
Do patrão
Empregar aquelle chão
Em outras explorações.
Ficam os peixes passados,
E já se julgam assados,
Se não cosidos ou fritos!
Muito afflictos
Em frente ao corvo se juntam,
—«Que havemos nós de fazer?»
Ao hypocrita perguntam:
«Por quem é, só o senhor
Nos póde agora valer.»
—«Ás suas ordens estou:
O peior
Será se vou
Afinal pagar com a vida
Idéa muito atrevida,
Que tenho, para os salvar.
Mas emfim, só por querer
Praticar
Uma acção boa,
Exponho a minha pessoa,
E dê lá por onde der:
Do céo me virá o pago.
Um lago,
Bem escondido

Entre os rochedos no mar,
Só de mim é conhecido:
Quando para alli levados
Por mim forem, descançados,
Seguros podem ficar.
Á noitinha aqui me tem,
Pois ás noites se fará
A mudança; que não vá
Nesta faina ver-me alguem.»

Assim o fez. Pouco a pouco
Pelo corvo transportado
Foi aquelle povo louco,
Um a um, a sitio azado;
Lago com pouca fundura,
Aberto na rocha dura
E entre penedos sumido.
Alli o peixe mettido
Já mui tarde conheceu
O malvado que lhe deu
Um tão *sincero* conselho.

—«Povo! vê-te neste espelho (285)!

FABULA 286.ª

Milão de Crotona

Sete vezes vencedor,
Sob os louros repousava
Milão, grande luctador;
Nem por sombras lhe lembrava
Não o havia de poupar

O tempo voraz. Engano!
Passa um, passa outro anno,
E as forças vem a faltar.
Nos demais o vê e aponta
Cada qual;
Mas sempre conta
Da regra ser excepção.
Assim pensava Milão,
E sua louca vaidade
Lhe trouxe morte fatal.

Longe, um dia, da cidade
Por denso bosque vagava,
Quando avista meio-aberto,
Sob'rano outr'ora do matto,
Roble que o tempo escachava.
Não viu nelle o seu retrato,
Antes pensou
Que de certo
Mui facil lhe era acabal-o
Só com as mãos. Isso tentou
Mettendo-as no intervallo
Que entre as duas partes viu:
Esforçou-se, e mais o abriu.
Porém afinal cançou,
Quiz a empresa abandonar,
Conseguiu
Só entalar
As mãos; que o roble fechou
Quanto elle o havia alargado.
Perde emfim a paciencia,
Que o infurece
A resistencia;
Lucta em vão
E se enfraquece.
Exhaurido cai no chão
E, tendo a noite chegado,
Das feras foi devorado.

Que preciosa lição
O seu exemplo nos dá!
Ou homem seja ou nação,
Ninguem se tenha por forte,
Quando na provecta edade
Vem a morte
Perto já,
Embora longe pareça:
É tresloucada vaidade
Excepção se imaginar
Crendo eterna a mocidade;
Não tarda ella em passar,
E a decadencia começa (286).

FABULA 287.ª

O morcego

Nesses tempos primitivos,
Dos quaes fallecem archivos
E que só por tradição
Agora sabidos são,
O morcego, falso e mau,
Poz-se a jogar com o tal pau
A que chamam — de dois bicos — ;
Ora ave por ter azas,
Ora rato e nada mais.
Espalhando mexericos
Pelas casas
D'uns e d'outros animaes
Naquelle tempo rivaes,
Tentou, com muita maldade,
Intrigal-os á vontade

E trazer tudo enredado,
Como fez.
Mas emfim, foi enxotado
A bicadas, pontapés,
E forte descompostura
Por um e outro partido;
E ainda hoje sumido
Tem de viver, no seu canto,
Sem ousar mostrar-se emquanto
Não aponta a noite escura.

De sentir é que outro tanto
Ou, direi, muito peior
Não se faça
Ao falso, ao *venerador*,
Animaes da mesma raça (287).

FABULA 288.ª

A macaca e o filho

Sempre aos beijos, aos abraços,
Sem nunca o largar dos braços
Que lhe serviam de cama,
Tanto mimo, tanta mama
Deu ao misero filhinho
Macaca pouco assisada,
Que matou o macaquinho.

Quanta mãe ha entre a gente,
Egualmente
Allucinada,
(E, quando aqui digo mãe,
Familia digo tambem)

Que não sabe, que não quer
Cumprir bem o seu dever,
E pretende educar filhos
Com chorrilhos
De tolices,
Mimos loucos, piéguices,
Ou cousas talvez peiores,
Sem lhes dar educação
Nem carreira
Verdadeira
Para ganharem seu pão,
Honrados trabalhadores!
De tal mãe se o filho morre,
Qual macaquinho gosmento,
Succumbindo ao tratamento,
Inda a cousa mal não corre:
D'elle só ha que dizer
—Acabou seu soffrimento!—
Mas, se acaso acontecer
Que o moço salvar se possa,
Por desdita sua e nossa,
Vive mais um aleijado,
Moralmente condemnado
A toda a vida soffrer;
A morrer,
Se for honrado,
Mais tarde de inanição!
E, se mau, será então
Mais um augmentando a raça
Parasita de vadios,
De irrequietos, sem brios;
Feroz, constante ameaça
Contra a patria sua mãe
Que assim vem,
Qual a outra, bastas vezes,
A caro pagar tambem
Com desordens e revezes
A pessima educação

Que a seus filhos ambas dão!

Digam, façam o que quizerem
Illustres legisladores:
Mas, emquanto não souberem
Tammanho mal debellar
Sendo bons educadores,
Hão de sempre edificar
Sobre a movediça areia.
A vontade
Quem semeia
A ignorancia e a maldade
Ou semeal-a consente,
Porfim terá de colher
O que ahi 'stamos a ver,
Sem remedio infelizmente (288).

FABULA 289.ª

O verdadeiro thesouro

Indo dar contas a Deus
Chama em roda os filhos seus
Um lavrador e lhes diz:
—«Se as fazendas eu não quiz
Jámais vender, postoquê
M'as quizessem bem pagar,
Foi porquê
Nellas está enterrado
Um thesoiro
De bom oiro!
Onde? Não o soube encontrar.
Mas foi-me o facto affirmado
Por quem de certo o sabia.

Porisso sempre a lavrar
Tão fundo, quanto podia,
Andei toda a minha vida.
Continuem nessa lida
Vocês: não queiram vender
As terras, quando eu morrer.»
Finado o velho, os rapazes,
Qual o pae, foram tenazes
Em lavrar sempre bem fundo
O solo, que mais fecundo
Se tornou de dia em dia;
E porisso se cobria
De optimos trigos que a oiro
Muito bello se vendiam.

Assim deram com um thesoiro
Que bem poucos avaliam (289).

FABULA 290.ª

O espelho da verdade

Dos céos á terra desceu
Trazendo um 'spelho a Verdade.
Em volta d'ella correu
Curiosa a humanidade;
Mas, depois que se mirou,
Contra o espelho agastada
Á pedrada
Em pedaços o deixou.
A Verdade, que tal viu,
Mais não quiz ver e fugiu.
Na tolice que fizeram
Reparando,

Os homens logo se deram
Ao trabalho de ir buscando
Os boccados
D'aquelle infeliz espelho
Ondequerque se espalharam.
E ainda a tal mania dura:
Desde então o moço e o velho
Andam sempre azafamados
Na trabalhosa procura,
Pois tão miudos ficaram!
Comtudo cada qual crê
Que, naquelles que encontrou,
Tudo vê
Muito á vontade
E seu intento logrou;
Quando hoje os taes boccados
Pouco mostram da verdade,
Quer juntos quer separados (290).

FABULA 291.ª

A bolota e a melancia

Era nas horas da sésta
Em dia de quente v'rão,
Quando o sol que tudo cresta
Nem poupa o duro aldeão.
D'estes um sob a ramada
De majestoso carvalho
Foi descançar do trabalho.
Melancia (bem calada
Por cautela)
Levando se regalou,
Só cascas ficaram d'ella;

Ao depois philosophou,
O que é geito
De quem está satisfeito:
—«Na verdade a melancia
(Me parece) é que devia
Nascer d'um alto carvalho,
E nanja aquelle negalho
Da bolota,
Que alli a custo se nota:
Eu porém não sou chamado
Para o mundo endireitar.»
Tendo assim philosophado
Começou a dormitar.
Eis que do carvalho cai
Uma bolota e lhe vai
Por acaso dar na testa.
—«Ora esta!»
Diz o lapuz acordando
E na pancada coçando:
Olhem como eu ficaria
Com enorme melancia!

Se uma cousa bem não 'stá,
Nunca a pretenda emendar
Quem a vá
Peior tornar (291).

FABULA 292.ª

Os dois viajantes

Á beira de ingreme estrada
Dois viajantes toparam
Levantada
Rocha, na qual muito a custo
Esta inscripção decifraram:
—«Homem, quemquerque tu sejas,
Se não és capaz de susto,
Se desprezas uma vida
Em vil ocio consumida,
Se illustre viver desejas;
Apodera-te da espada
Enterrada
Junto a mim no duro chão.
Desce o valle á dextra mão,
Uma fera has de encontrar:
Com ella tens de luctar
Até vencer
Ou morrer.
Se vences, aos hombros teus
A leva subindo o monte
Que d'aqui se vê defronte
Com o cimo tocando os céos.
O resto alli saberá
E seu galardão terá
Quem tal proeza fizer.
Nada posso mais dizer,
Salvo que um nome immortal,
Uma immarcessivel gloria

Se ganham só com a victoria
Alcançada sobre o mal.»
—«O seu favor agradeço!
Por tal preço
O premio mais excellente
Não tem nada que me tente;
Quero humilde viver antes»
Bradou um dos viajantes:
E logo, sem mais demora,
Levanta-se e vai-se embora.
O outro fica scismando:
—«Para quê» disse: «viver
Rojando
Na immunda lama?
Não póde o homem morrer:
Nada morre. O que se chama
Morte é de vida começo.
Assim vai sempre subindo,
Num progresso
Indefinivel, infindo,
Do mundo a força vital
Na planta, no animal,
No homem. Quem for mais forte
Na virtude, no saber,
Mais depois ha de valer
Nessa vida alem da morte.
Quem for mau, fraco, ignorante,
Verá passar-lhe adeante
O melhor,
Mais forte, mais sabedor.
É justiça e é razão;
Pois assim cada qual tem
Sua desgraça ou seu bem
Fechados na propria mão.
Eia pois! Eu vou tentar
Esta empresa.» Procurar
Vai, e encontra forte espada
Enterrada

Onde diz a inscripção.
O valle intrepido desce
Pela escuridão
Que cresce,
Entre penedos e abrolhos,
Precipicios e escolhos
De toda a sorte
Encontrando;
Vendo a cada passo a morte
Que arrosta sem 'stremecer.
Mil vozes ouve gritando:
—«Vais morrer!»
Unindo horriveis lamentos
Ao bramir dos elementos.
Chega emfim do valle ao fundo:
Alli enorme dragão
Furibundo
Se apresenta.
Tremer-lhe a espada na mão
Um só instante sentiu:
Mas logo a lucta cruenta
Travou, e a fera cahiu
De sangue banhando o chão.
Com ella aos hombros subindo
Vai o monte: vai sentindo
Pêso cada vez mais leve,
Até que ao cimo chegando
Nem pêso havia nem fera,
Pois tudo desapparc'era!
Alli os passos deteve.
Deante de si olhando
Descobriu valle formoso
Que, em vez de horrendos penedos,
Se vestia de arvoredos
Matizados de mil flores;
E ouviu o mavioso
Trinar de alegres cantores
Que da florida ramada

Saudavam a madrugada.
D'alli vê um monte erguido
Muito mais que o já subido,
Mas que, segundo mostrava,
Facilmente se galgava.
Uma voz então lhe diz:
—«Sê feliz!
Pois soubeste o mal vencer.
Outros valles vais descer,
Onde não encontres susto;
Vais subir mais altos montes,
Cada vez com menos custo.
Sempre novos horizontes
Vão a teus olhos mostrar
Maravilhas incessantes;
Rapidos que nem instantes
Te hão de os seculos passar.
Mais valendo, mais subindo,
Segue num progresso infindo
Tentando, mas sempre em vão,
Poder-te a mim egualar,
Poisque eu sou a PERFEIÇÃO.
.....
—«Mas aquelle
Viajante que não quiz
Arriscar-se... a ser feliz,
Que seria feito d'elle?»
Esse, coitado, viveu
Fraco sempre e assim morreu!

Ao sopro da viração
A folha cahiu
No chão,
Ás demais se reuniu,
E todas juntas formaram
Fertil terra onde brotaram
Novas plantas, novas flores,
Novos fructos e melhores;

Poisque assim
Vai em continuo progresso
O que longe do começo
Tanto está como do fim (292).

FABULA 293.ª

O fatalismo

Um turco, de ruim massa,
Grande doutor na trapaça,
Por crime, segundo li,
Levado foi ao Cadi.
—«Senhor!» brada o musulmano:
«Vós bem sabeis que o tyranno
Destino nos arrebata,
A liberdade nos mata
E extingue a luz da razão;
Foi Allah que assim o quiz:
Vem no seu santo Alcorão.»
—«Assim é» volve o juiz:
Mas alli tambem se encontra,
Que deve ser castigado
O malvado
Que for contra
Os seus preceitos divinos.
Cumpram-se ambos os destinos:
De delinquir foi o teu,
Cabe-me o de castigar;»
E bom castigo lhe deu.
Faz-me este caso lembrar
Criminalistas modernos,

Sempre ternos,
Carinhosos
Para com os criminosos,
Que consideram doentes
De mania especial
A que chamam — criminal.
E d'ahi, irresponsaveis,
Innocentes
Até os julgam; porquê
Hoje são indubitaveis,
Para quem pensa o que lê,
As influencias fataes
De organismos,
Atavismos
E mil outras cousas mais,
Que (qual Minerva
D'um jacto
Da cabeça do Tonante)
Fazem certo cidadão
Nascer honrado ou ladrão,
De indole boa ou proterva,
Idiota ou litterato,
Sisudo ou extravagante ..
De nenhum modo combato
Quanto haja ahi de verdade;
Só rejeito a impunidade
Que pretendem inculcar.
Herda-se o vicio moral:
Mas um doente ao seu mal
Quem o vai abandonar?
Quantos, nascendo aleijados,
Conseguem ver-se curados?
— Nem sempre as receitas curam —
É verdade: mas depuram,
Mas melhoram, quando não
Ponham o enfermo são.
Segundo os varios doentes
Innocentes,

Remedios ha mui diversos.
Pois tambem os deve haver,
A meu ver,
Para os que forem perversos
(De doenças criminosas
E, demais, contagiosas.)
Tem estas de ser tratadas
Não com macias pomadas,
Xaropes, emollientes
E mil drogas excellentes
Da sabia pharmacopea,
Que se vendem na botica.
Outra cura lhes applica
(Multas, carceres, degredos...)
A lei que os crimes refreia;
Remedios fortes, azedos,
Com os quaes tem sido curados
Casos que á primeira vista
Par'ciam desesperados.

Ao ouvir—que o vil faquista,
O ladrão, o assassino,
Ou qualquer outro malvado,
Não é réo, mas desgraçado,
Innocente,
Pois já nascera doente
Ou lhe faltaram com o ensino
E não merece castigo;
Eu cá digo
—E aquelles que nascem sãos
Ou foram bem educados,
Hão de estar sempre arriscados
A ir-lhes morrer
Nas mãos,
Ou suas manhas soffrer?
A tiro, a veneno, a páu,
Dos tigres ás ratazanas
E inda muito mais alem,

Destroe tudo quanto é mau
(Com innegavel direito)
O homem para seu bem.
—Poupem-se as feras humanas—
De boa vontade o acceito:
Mas haja muito cuidado
De as pôrem a bom recado,
Não lesem ellas alguem (293).

FABULA 294.ª

A gralha depennada

Historia das mais sabidas
É a da gralha enfeitada
Com as lindas pennas cahidas
Aos pavões, e depennada
Por elles depois sem dó.
Vendo-se alli desprezada
Para as gralhas se tornou;
Mas tambem lá não parou,
Foi recebida á bicada
E teve de viver só.

Assim deve acontecer
Aos que se forem metter
Com quem vale e póde mais,
Desprezando os seus eguaes (294).

FABULA 295.ª

O banqueiro e o remendão

Um sapateiro de escada,
Velho typo que se some,
Pois tudo no mundo acaba
(Muda de fórma e de nome)
Desde a rosa desfolhada
Ao sopro da viração,
'Té ao cedro que desaba
Varrido pelo tufão;
Desde a aldeia que, nascida
Entre choupos e salgueiros,
Desapparece sumida
Sob os matos e tojeiros,
'Té ás Thebas, Babylonias,
Ás Athenas e *Parvonias*,
Que cahiram, cahirão,
Com o estampido dos trovões
Ellas mais os seus dynastas,
Ao longe cobrindo o chão,
Legando ruinas vastas
A profundas reflexões:
Desde as humildes nações
Até ao Povo Romano;
Desde o individuo humano
Ás inteiras gerações;
E desde os Napoleões
'Té aos *chumécos* de escada...
Tanto póde a enxurrada!

Um remendão

Já velhote,
Nunca largando o capote
Inda no pino do v'rão;
Chapeo alto, encarnicado,
Para trás sempre inclinado;
Mostrando hirsutos cabellos
Sujos, por independentes
De escovas sempre e de pentes,
Que, ao vêl-os
E mais os dentes,
Logo nos fazem lembrar,
Pelo immundo e pela côr,
O gigante Adamastor;
A cara lavada e plana
Uma só vez na semana,
Quando se vai barbear;
De cangalhas de latão,
Que ora no nariz assesta,
Ora estão,
Viseira de capacete,
Destacadas para a testa;
No minguado collete
Usando poucos botões;
As calças quasi calções
Fugindo ao cano da bota,
Na qual um laivo se nota
(Embora raro engraxada)
Onde dá o fio á faca...

Um sapateiro de escada
Era grande trovador
(Uma terrivel cigarra,
Insupportavel matraca.)
Ninguem lhe lançava a barra
Adeante, como cantor.
Sabia tudo de cór
Desde a *Lilia abandonada*
Até á *Carta adorada;*

Com o seu gosto depravado
O *dilletante* malvado
Não se podia aturar!

Ora no primeiro andar
Do mesmo predio morava
(Porém esse não cantava)
Alli tinha o seu telonio
Um afamado banqueiro,
De chorudo mealheiro,
A quem do oiro o demonio
Noite e dia
Perseguia,
Calculando sobre os fundos
Dos dois mundos;
Um dos Crésos importantes
Das dividas fluctuantes.
Em seus calculos profundos
Mil vezes interrompido
Pelos teimosos descantes
Do vizinho desvalido,
Que tão alegre vivia,
Emtanto que elle ao contrario,
Homem mais que millionario,
Mal podia
Um momento olho fechar;
Manda o vizinho chamar
—«Mestre» lhe diz: «se você
A pergunta não me estranha,
Diga-me lá quanto ganha,
Termo medio, em cada um anno?
Poisque, pelo que se vê
Ou eu ouço, sem engano
Não deve ter ganhos fracos,
Mas guardados bons patacos.»
—«Senhor!» responde o *chuméco*
(Que para vir mais decente
Puxara as rêpas de trás

Servindo as unhas de pente;
Jaleco
Vestido traz,
Pois o capote largara,
E tentou limpar a cara
Com cuspo e a ponta do lenço)
«Senhor! eu cá nunca penso
Em cousas da *mathamatica*,
Jámais metto o meu bedelho
Naquillo que não entendo:
Mas vou só com a minha pratica
E seguindo o credo velho
Esta vida atamancando,
E com vontade comendo
Cada dia
O que o officio me vai dando.
Render de certo podia
Muito mais:
Porém hoje os cabedaes
'Stão pelas horas da morte;
Tudo vai a pêso d'oiro,
Desde a sola até ao coiro.
E depois, o grande córte
Que nos dão os sapateiros
Estrangeiros!
E agora ainda mais é
Que já ninguem anda a-pé;
Anda tudo de carrinho,
Não põe no chão um pésinho,
Qualquer dia andam descalços.
Tudo mui serios precalços!
Mas, emfim, vai-se vivendo
Como se póde, e fazendo
Boas figas ao demonio.
O meu padre Santo Antonio
E mais o Senhor dos Passos
Da Graça, que me 'stão vendo
Do céo, afastem fracassos,

Emquanto eu cá vou durando
Espantando,
O dia inteiro,
Os meus males, a cantar»
(Morde os beiços o banqueiro)
«Sem no futuro cuidar.
O futuro a Deus pertence,
'Stá fóra da nossa mão;
Tanto monta, pois, que pense
Nelle o homem, como não:
A mesma força ha de ter
O que tem de acontecer...»
—«Isso é de homem de razão»
Atalha aqui o banqueiro
Fingindo um ar prasenteiro:
«Gostei de o ouvir fallar,
Tanto que o quero ajudar.
Ahi tem:
Sei que é um homem de bem.
Leve-me essas inscripções;
São minhas: mas a você
Fracos papeis, quaes os vê,
Ainda bellos tostões
Podem render cada mez,
Não havendo algum revez
Com que toda a papelada
Fique não valendo nada.
E, visto que até agora
Sem isso vivido tem,
Não o deve deitar fóra;
Deve poupal-o,
Guardal-o,
A ver se chega a comprar
Suas inscripções tambem,
A arranjar
O pão da sua velhice.
Adeus, passe muito bem,
E não lhe esqueça o que eu disse.»

Agradecendo ao banqueiro
Foi-se embora o sapateiro
Direitinho logo a casa.
Ia em brasa
Para guardar o dinheiro,
Que bem cedo o atormentava.
Quando foi já não cantava,
E levou o outro dia
Mettido na agua-furtada
Dando tractos ao juizo,
A ver onde esconderia
Bem guardada
E sem soffrer prejuizo
A fortuna e... as alegrias.
Comprava todos os dias
Desde então sempre um jornal,
De que fez seu breviario,
E onde mui sofrego lia
Bem ou mal
Tudo quanto elle trazia
Do mercado monetario;
Exclamando muito serio,
Se cahia o ministerio,
Se as noticias estrangeiras
Algo tinham de guerreiras,
Emfim, se os fundos tremiam:
—«Isto assim não póde ser:
Onde iremos nós parar?
Se as inscripções depreciam,
Caso não é de brincar
Para os que tem que perder...»
Foi ralando a triste vida,
Outr'ora tão divertida;
Nunca mais soltou um pio
Nem sequer um assobio.
Quem lucrou
Foi o vizinho,
Visto que tão baratinho

E para sempre o calou.

Ahi tens duas lições.
A primeira — é que a diff'rença
Entre as sortes, posições,
É menor do que se pensa.
Póde o pobre ser feliz
(Não fallo do desgraçado
Sem abrigo nem sustento,
Mas sim do remediado
Que pobre tambem se diz;)
E póde o muito opulento,
Com motivo apouquentado,
Não ter socego um momento.
Quem possue quanto basta
(Pouco tendo que perder)
Goza ás vezes muito mais
Do que o que tem capitaes
Arriscados, sem saber
Onde a fortuna o arrasta.
Hoje tudo é grande e bello,
Amanhã o que será?
A riqueza perderá?
Todos fogem só de vêl-o.
E mais dor causa o cahir
Do que não poder subir.

A segunda (e para mim
De muito maior valia)
— Que ninguem se fie assim
D'um qualquer na sympathia.
Raro se encontra tratante
Que não seja obsequiador,
Eximio comediante,
Tirando sempre proveito
Para si d'esse seu geito;
Poisque, seja de quem for,
Ha de pagar-se um favor.

Devemos pois hesitar
Com receio de acceitar
Quanto nos seja suspeito.
Se males vem
Para o bem,
Não deixa de haver fortunas,
Pelo menos, importunas,
Falsos bens e que afinal
Dão em droga e em muito mal,
Como foi ao sapateiro
O presente do banqueiro (295).

FABULA 296.ª

O caminho a seguir

—«Qual caminho preferia?
A subida
Ou a descida?»
Pergunta o cornaca, um dia,
Ao seu sisudo elephante.
—«Para que perguntas isso?»
Diz-lhe este: «D'ora em deante
Deixará de haver caminho
Bem plano, bem direitinho,
Onde se faça o serviço?»

Um homem, embora honrado,
Segue ás vezes contrafeito,
Caminho menos direito;
Não por ser o mais asado
Ou na escolha elle convir,
Mas sem poder reagir.

Pois, quando possa, reaja
E, se tal fizer, bem haja (296).

FABULA 297.ª

O pinheiro e a cunha

Para rachar um pinheiro
Certo lenhador, primeiro
Estreita fenda lhe abriu;
Depois nella introduziu
Uma cunha, na qual deu
Tanta e tão rija pancada
Com a cabeça da machada,
Que o pinheiro se rachou
E, feito em achas, morreu.
Antes d'a vida deixar
Para a cunha assim fallou:
—«Não tenho que me queixar
Da machada;
Era-me estranha
E não me devia nada.
É só contra ti que eu bramo,
Pois, sendo feita d'um ramo
Que foi meu, com artimanha
'Te metteste no meu seio
E assim me partiste ao meio.»

Quantas vezes os destroços
Nos vem da sanha dos nossos (297)!

FABULA 298.ª

A mosca e a formiga

—«Já as formigas tem tosse!»
Dizia a mosca á formiga:
«Minha amiga,
Se você tola não fosse,
Não tinha o atrevimento
De se comparar a mim.
Olhem o insecto nojento
A querer-se egualar assim
Com os que valem muito mais!
Coitada, como se engana!
Eu pelos Paços Reaes
Entro, se me vem a gana
De jantar.
'Té na c'roa vou pousar
D'El-rei, no sceptro real,
Mais na fronte, no cabello
Da Rainha, da Princeza.
Fui modelo
Do engraçado signal
Que outr'ora punha a belleza.
E vocês, réles formigas,
Vivem quaes tristes mendigas,
Arrastando o vil sustento
Para um buraco nojento,
Um chiqueiro, onde não ha
Nem ar nem luz. Ahi 'stá
O seu retrato e o que eu sou;
E cale a tola da bocca.»
—«Acabou?»

Disse a formiga:
«Cautela não fique rouca,
Impostora d'uma figa!
Vá dizendo—O mundo é meu—
E na carta mais não ponha:
Bem lhe póde chamar seu
Já que nasceu
Sem vergonha.
Olha a tola, que me falla
No viver sempre de sala
E entrar nos Paços Reaes!
Inda mal que tem entrada
Alli você e outras taes.
Mas não diz que é enxotada,
Não a podem lá soffrer
Nem nenhures:
Todos morta a querem ver.
Pousa na c'roa d'El-rei?
Ora... e pousa mais algures.
Onde? agora não direi:
Verbi gratia, numa forca
Ou nalguma cousa porca;
Tenho-a visto no monturo.
Você tem o condão raro
D'o branco sujar de escuro
E o que for preto, de claro.
Se com sustento grosseiro
Vivo neste pardieiro,
Tudo é meu, de ninguem mais,
Ganho á força de trabalho.
E demais,
Pouco me importa o seu ralho
E os olhos com que me vê;
E vá pentear macacos.
Não quero o tempo perder
Em cavacos
Com tolas, como você,
Que nada sabem fazer

Senão fallar e comer.»

Parasitas, mandriões
(Quantas moscas de dois pés
Ahi vês)
Apanhem d'estas lições,
Quando comparar-se vão
A quem ganha honrado pão (298).

FABULA 299.ª

O bicarbonato

Uma senhora da moda,
Mas... gulosa,
Como ha tanta que se goza
(Ainda da melhor roda)
Com indigestos guizados,
Muito embora delicados;
A cada passo cahia
Doente por gulodice
Que, sem emenda, comia.
Bicarbonato de soda
Ser optimo alguem lhe disse
Contra as suas macacoas.
Nunca mais
Lhe causou medo
Fartar-se de cousas boas,
Ou que tinha como taes;
Pois já sabia o segredo
Dos maus effeitos curar.
Tanto nellas se metteu
Que não a pôde salvar

O tal remedio; e morreu!

Não falta ahi boa gente
Que imagina
Poder muito impunemente
Abusar da medicina
(No physico e no moral ...)
Arranjam remedio certo
Ou havido como tal,
E julgam ficar curados
Ou ter sempre o céo aberto,
Apezar dos seus peccados (299).

FABULA 300.ª

O regato

Ia limpido regato,
Nascido numa collina,
Dando voltas na campina
Entre muita e muita flor,
De suas margens ornato;
Seguia o doce pendor
Que o levava até ao rio.
Eis pensa:—«Num rodopio,
Com aquellas aguas, vou dar
Ás ondas do largo mar!
Pois não quero alli morrer;
Antes sempre independente,
Levar a minha corrente
Onde muito me aprouver!»
Assim fez: com aquelle fumo
De vaidade, muda o rumo;
Vai correndo,

Vai descendo
Até um valle profundo
D'onde não póde sahir,
Perdido no vasto fundo
Que apenas logrou cobrir;
E eis o regato louco
Pouco a pouco
Convertido em charco immundo,
Pestilente,
Do qual foge toda a gente.

Quem este conto entender
(O que é facil) ha de ver
O retrato
D'um novato,
D'uma cabeça de vento,
Que imagina com talento
Descobrir novos caminhos;
E dá na agua com os burrinhos,
Feito por sua vaidade
A peste da sociedade (300).

FABULA 301.ª

O pavão e Juno

Pediu audiencia a Juno
Desconsolado o pavão
E disse: — «Real senhora,
Que todo o vivente adora!
E verdade que eu reuno
(Por mercê de vossa mão)
Na cauda belleza tanta,
Quando brilha á luz do sol,

Que ao vêl-a o mundo se espanta.
Mas, senhora, a minha voz
É atroz,
Impossivel de aturar!
Emtanto que o rouxinol,
Mesquinho, desengraçado,
Que ninguem procura ver,
Apenas entra a cantar
É por todos escutado
Com indizivel prazer;
E tudo, para o ouvir,
Desata logo a fugir
Do meu lado.
Canto cheio de doçura,
Aos ouvidos sempre grato,
Qual no rouxinol o vejo,
Que diga com a formosura
D'estas pennas, eu desejo.»
—«Bruto ingrato!
Ave invejosa!»
Responde Juno irritada,
Ao ouvir-lhe aquella prosa
Só pela inveja dictada:
«Cala-te ahi, se não queres,
Longe do que me requeres,
Perder a cauda tambem.»

Já não é pouca fortuna
Possuir um só talento:
Raro é quem
Mais d'um reuna,
Póde julgar-se portento.
Trate pois de utilizar
Cada qual
Aquelles dotes que tenha;
Os dos outros invejar
Nunca á lembrança lhe venha,
E verá que não vai mal (301).

FABULA 302.ª

A quéda

Não foi qualquer tombo ou salto,
Sim quéda monumental
(E, por signal,
De tão alto
Que durou quasi um minuto)
A que um pobre homem deu.
Medico serio e astuto,
Que o tratava, pretendeu
O phenomeno estudar,
Porisso lhe perguntou:
—«Teve tempo de pensar
Emquanto a queda durou?
Diga lá o que pensou?»
—«Tive» responde o doente
(Que esteve mezes no quente)
«E pensava:
Embora isto durasse,
Se afinal eu escapasse
Era um gosto, pois então
Nem nada me incommodava;
Até... vir bater no chão.»

Ao ver tudo como vai
Digo agora tambem eu:
Emquanto a cousa assim cai
É um céo,
É pão com mel;
Mas por fim virá o fel
Quando o corpo der em terra:
Ora é isso o que me aterra (302).

FABULA 303.ª

O leão doente e a raposa

'Stando infermo el-rei Leão
Mandou deitar um pregão
Dizendo que recebia
Cada semana em tal dia.
A visitar o seu rei,
Cuja palavra era lei,
Apressou-se a bicharia.
Foi lá tambem a raposa
Que, depois de examinar
Com olhos inquisidores
Muito bem os arredores,
Transpor a entrada não ousa.
—«Porque estás a duvidar?»
Lhe pergunta o camarista
Urso, todo formalista:
«Dize lá, porque duvídas?»
—«Vejo» a matreira responde:
«As pégadas
Das entradas,
Mas não posso enxergar onde
Estejam as das sahidas.»

Ha passos que nada custam
Dar a quem pouco reflecte
E não lhes vê prejuizo;
Mas que devéras assustam
E obrigam a reflectir
Aquelle que, com juizo,
Jámais em bêco se mette
D'onde não possa sahir (303).

FABULA 304.ª

As carapuças

Um saloio, muito *esperto*,
De olho aberto,
Qual o homem que esmiuça
Tudo no interesse seu,
Resolveu
Mandar fazer
Uma boa carapuça:
Mas quiz o panno comprar
Para logro não soffrer,
E depois o foi levar
A um mestre, e perguntou
Se a fazenda era bastante.
Vendo que no mesmo instante
Este respondera — sim,
Começou
A matutar,
Não o fosse elle enganar,
Não lhe pregasse caurim.
E diz: — «O mestre podia
Ver se do panno fazia
Até... duas, em vez d'uma?»
Não poz duvida nenhuma
O alfaiate. Encantado
Parte o saloio; e no dia
Combinado
Os barretes vai buscar.
Na cabeça, por pequenos,
Não os podendo encaixar
A queixar-se

Entra em termos pouco amenos,
De que o alfaiate estragara
O panno que lhe entregara:
Teve porém de calar-se
E, mau grado seu, ficar
Com um só barrete imperfeito
(Por ser feito
Dos boccados
Dos outros dois desmanchados)
E tres feitios pagar.

Já tenho visto espertezas
Darem nestas baratezas (304)...

FABULA 305.ª

Asno morto...

— No vinho está a verdade —
É este velho dictado
De todos bem conhecido.

Na rua d'uma cidade
Um homem estatelado,
Por haver de mais bebido,
Não cessava de gritar
Que o fossem d'alli tirar,
Poisque lhe tinha passado
Por cima do corpo um trem.
Disse alguem
Que lhe accudiu:
—«Ao miolo te subiu
E o juizo te toldou
Muito quartilho de vinho:

Nenhum trem aqui passou.
Só quando algum te pisar
Terás razão de gritar.»
—«Ora muito obrigadinho!»
Torna o homem bocejando:
Vae-me já d'aqui tirando
(Vê se o fazes com geitinho:)
Só preciso de ajudado
Antes de ser esmagado;
Porque, depois de o estar,
Passe quanto trem passar,
Não me dá isso cuidado.»

A cautela deve vir
Antes d'o mal se sentir (305).

FABULA 306.ª

A serpente e as rãs

Quando Jove finalmente
Mandou a cruel serpente
Ao lameiro
Das rãs, que loucas pediam
Rei sabedor e valente,
Em vez do inerte madeiro
Que não qu'riam;
Logo o povo se vê quente,
Pois lhe dá caça de morte
Este rei que fero o come.
Em vão cada qual se some;
Não evita a dura sorte
De acabar no cruel dente.
—«Porque nos matas assim?»

De longe uma lhe gritou.
—«Vocês chamaram por mim...»
—«Isso nunca me lembrou,
O pedido não foi meu.»
—«Ah! malvada!»
Berra a serpente assanhada,
A custo quando a colheu:
«Não queres ser *governada?*»
E nos dentes lhe morreu.

Antes um tosco madeiro
Que represente de rei,
Do que um sabio, um guerreiro,
Cuja vontade é a lei:
É o governo melhor
O menos *governador* (306).

FABULA 307.ª

O anão

Foi certo dia um anão
Á loja d'um mercador
E disse:—«Quero saber,
Do panno que tem melhor
Quantos covados serão
Precisos para fazer
Um bom collete e uma calça?»
O logista os olhos alça
(Ou baixa) para o freguez
E diz-lhe sem hesitar:
—«Para um homem regular
Chegam tres:
Mas ao senhor

Dois lhe bastará comprar.»
O outro muda de côr
E responde, a desfechar:
—«Ora faça-me o favor
De tres covados cortar.
Saiba que um homem não é
Medido a palmo ou a pé,
Mas por suas qualidades.»

Ás bravezas de vaidades,
Qual do parvo anão foi esta,
Muito bem
Chamava alguem
—Castigar o chão com a testa (307).

FABULA 308.ª

O satyro e o viajante

Houve satyros outr'ora
Que eram meio-divindades:
Os que se encontram agora
Mostram só más qualidades,
Não são pessoas de bem;
E tambem
O seu feitio é diff'rente,
Ao menos no que patente
(Vivos uns, outros pintados)
Nestes se vê mais naquelles.
São uns qual a outra gente
Vestidos, do mesmo modo
Calçados
E alojados:
Os outros, ou nús de todo,
Ou mal cobertos de pelles,

De cabra com pés e pernas,
Na cabeça tendo cornos
E, junto d'estes adornos,
Umas orelhas felpudas
Com as pontinhas muito agudas,
Viviam pelas cavernas.

Em noite escura, invernosa,
Horrorosa
Na gruta por um dos taes
Ou deuses ou animaes
(Não decido
Essa questão)
Foi viajante acolhido.
Com o fim de as aquecer,
Sopra numa e noutra mão;
Depois, antes de comer
Umas papas muito quentes,
Por não constipar os dentes
Ou escaldar a guela,
Sopra tambem na gamella.
Pediu-lhe a explicação
O outro, d'aquelles actos
(Hoje grandes grosserias,
Desconhecidas nos mattos
Pelos satyros de então).
—«Sópro, para as aquecer,
Nas mãos quando as sinto frias»
Torna o homem: «e no comer
Sópro para o arrefecer.»
Fica o satyro pasmado!
E, depois de ter scismado
—«Grande favor me farás»
Diz:—«quando a chuva parar,
De te pôres logo a andar:
Não quero viver com gente
Que, segundo bem lhe apraz,
Sopra frio ou sopra quente (308).»

FABULA 309.ª

O caranguejo e o filho

—«Que modo tu tens de andar!
Isso é quasi recuar»
Disse ao filho o caranguejo:
«Não pões os olhos em mim?»
—«Porque vejo
O que o pae faz»
Lhe respondeu o rapaz:
«Julguei que se andava assim.»

Lembro-me de ouvir um dia
Papagaio que dizia:
—«Careca o pae mais a mãe,
Careca o filho tambem (309).

FABULA 310.ª

O gamão

Jogava muito o gamão,
E dizem que menos mal,
Um homem que endoideceu,
Pois descuidado perdeu
Numa certa occasião
Jogo tal
Que eram todos a dizer

Absurdo de se perder.
Desde essa data fatal
Comsigo sempre trazia
Um taboleiro e, se via
Gente seria a conversar
Onde elle podesse entrar,
Logo estava
Lá cahido;
E, armando o jogo perdido,
Muito serio perguntava
Se era possivel perdel-o?
Ouvindo a todos — que não,
O desgraçado dizia,
Ao peito levando a mão:
—«Pois aqui 'stá o camelo
Que um jogo tão bom perdeu?»
E com a mania
Morreu.

Verdades ha impossiveis,
Ou que nos parecem taes
Por incriveis
E fóra da natureza;
Mas que se tornam reaes
E nos vencem de surpresa.
Que te possa acontecer
O que não desejas ver,
Nunca julgues impossivel;
Pois, se tal caso se der,
Jámais será tão sensivel
Que te faça enlouquecer (310).

FABULA 311.ª

O leão e o rato

Ratinho muito estouvado,
Com um leão foi esbarrar.
Eil-o que fica pasmado,
Mudo e quedo,
Penedo contra penedo,
Qual gigante Adamastor,
Sem esp'ranças de escapar.
Não era o caso de amor,
Porém muitas vezes vemos
Encontrarem-se os extremos.
Lastimando a sua sorte
(Via quasi certa a morte)
Estacado alli ficou.
Quem tal diria? Escapou!
Aquelle fero leão
Gostava pouco de ratos
(Apesar do parentesco
Dos leões com os outros gatos)
Ou tinha bom coração...
Fosse lá pelo que fosse,
Da prêsa não tomou posse
E o ratinho poz-se ao fresco.
Passados dias, cahiu
Incauto o leão num laço,
Onde luctou e rugiu
Embalde por grande espaço,
E talvez alli morresse,
Se o outro, logo que o ouviu.
A acudir-lhe não corresse

O laço tanto roeu
Que este afinal se rompeu.

Por ter nobre coração
Poupou a um rato
O leão;
Livrou-se este de morrer,
Porque lhe pôde valer
O ratinho, que era grato.
Sempre é bom fazer o bem
Inda a qualquer João-Ninguem (311).

FABULA 312.ª

A abelha e o cuco

—«És monotono, meu cuco!»
Disse impaciente a abelha:
«Sempre essa mesma parelha
De notas! é forte séca!»
—«E tu sempre o mesmo succo,
Minha méca,
A fabricar!»
Lhe responde o alegre cuco:
«De mim não podes zombar.»
—«Olha, sabes o que mais?»
Torna-lhe a mestra: «o que é bom
Nunca póde ser demais;
Mas isso raro acontece
Com o que não passa d'um som
Que, repetido, aborrece.»

Esta abelha, ao que parece,
Pouco devia gostar

De diversos,
Aliás bem chochos, versos
Que por 'hi ouço gabar (312).

FABULA 313.ª

O lobo, a raposa e o urso

Perante um urso trombudo,
Mas agudo
A verdade em discernir
Foram o lobo e a raposa
Certa causa discutir.
Aquelle a esta accusava
De ter-lhe furtado cousa
De não pequeno valor:
Ella, teimosa, affirmava
Que mentia o accusador.
Ouvido e bem ponderado
Quanto d'uma e d'outra parte
Ante si fora allegado,
O, urso vendo que os dois,
Eram uns grandes birbantes,
Sai-se com este descarte:
—«Sei bellamente quem sois:
Desaforados tratantes!
Nem esse nem outro roubo,
A ti, lobo,
Jámais se fez ou fará,
Pois vives só de roubar:
Tu, raposa,
Se acaso não lhe furtaste
Qualquer cousa
Foi porque não a encontraste
Pois maior ladra não ha,

E tua vida é furtar.
Saiam ambos sem demora
Por aquella porta fóra!»

Esta decisão podesse
Ter sempre toda a demanda,
Onde d'uma e d'outra banda
Egual ruindade houvesse.
Ha gente de quem direi
—Deve estar fóra da lei (313).—

FABULA 314.ª

O chiqueiro

Um homem que, sem saber,
A creador se metteu
Entendeu
Que podia um porco ser,
De certo, muito asseiado
Quando habilmente educado.
Mette um em bello curral:
Alli reinava a limpeza,
Lauta meza;
Mas chiqueiro...
Nem o cheiro.
O resultado fatal
Foi que o cerdo se deu mal
Com o asseio;
'Stava em meio
Do que quando alli entrou,
E por um triz não morreu!
Mas, quando o dono o metteu
Com os demais em vil chiqueiro,

Engordou
E, emfim, rendeu
No mercado bom dinheiro.

—Nem todos podem ser tudo—
Muito estudo
Se perdeu,
Muito se ha de inda perder,
Emquanto não se attender
Á verdade do dictado.
Só depois de bem saber
Para que fim foi creado
Cada qual,
Homem, planta ou animal,
Só então lhe podem dar
Cultivo ou educação
Capaz de se aproveitar:
Tudo o mais é illusão,
Oca, vã philosophia.
Nisto vou com o que dizia
Doutor muito competente:
—Não ha doença, ha doente—
Chamando assim frioleira
Ao tentar
Fazer passar
Todos por egual fieira (314).

FABULA 315.ª

O mulato

Um mulato brasileiro,
Rico, mandou educar
Uma só filha que tinha.

Bonita e bem educada,
E o pae com muito dinheiro,
Era certo, a mulatinha
Não ficava por casar.
Quer o pae vêl-a casada
E, porisso, determina
Vir á Europa
Ver se topa
Para noivo da menina
Moço da mais branca gente.
Dias antes de partir
Foi-se porém despedir
D'uma senhora, mui fina,
Da qual era inda parente,
E lhe expoz suas tenções.
Ora nessa casa havia
Um rapaz, amulatado,
Mas em bellas condições;
Da tal senhora afilhado
E a quem ella protegia
A ponto de o ter formado.
—«Mas porquê será que vai
Tão longe noivo buscar
Para a sua rapariga?»
Pergunta, sorrindo, ao pae:
«Ora diga,
Não lh'o póde aqui achar
Que responda ao seu desejo?»
Torna-lhe o outro:—«Não vejo
Genro que me faça geito.»
A senhora, tendo a peito
Proteger o tal rapaz,
Continúa:—«Pois Fulano,
Formado
Não ha um anno,
E que vai ser despachado,
Nenhuma conta lhe faz?
Muito instruido, capaz,

Com talento e tão pacato...»
—«Nada! nada!»
—«Então porquê?»
—«É mulato.»
—«Agora essa!
Tem muita graça! E você?»
Retruca muito depressa
A senhora estomagada.
—«Isso é mais uma razão:
Bem fóra da minha mão
Esteve eu assim nascer;
E, longe de concorrer
Para o mal perpetuar,
Quanto possa lhe hei de obstar.»

O dizer:
—«*Por mais um cacho*
Venha essa parreira abaixo!
—Porque se ha de duvidar
De tal despesa fazer,
Se outras se fazem aos centos?...»
Estes e taes argumentos,
Repetidos cada dia,
Para mim não tem valia.
Se possivel, procuremos
Melhorar;
Ou, se tanto não podemos,
Ao menos não peiorar (815).

FABULA 316.ª

O mestre de dança

Insigne mestre de dança,
Outr'ora famoso em França,

Seu filho de pequenino
Ensinara a bailarino.
O rapaz dançava bem;
Mas alguem
Quiz puxar a lingua ao pae
E diz-lhe: —«Seu filho vai
Dançando muito melhor
Que você dança ou dançou.»
—«Isso bem era de 'sp'rar,
Com um professor
Como eu sou,
E qual não pude encontrar
Quando apprendi a dançar»
O velho lhe replicou.

Podendo, devemos ser
Sempre mais
Do que foram nossos paes,
Sem d'ahi orgulho ter:
Cada qual é obrigado
A accrescentar o herdado (316).

FABULA 317.ª

Historia da machadinha

Lavrador remediado,
Porém parvo a mais não ser,
Havia annos, casado
Com estupida mulher,
Tendo uma filha solteira
Não menos forte na asneira,
Desejou vêl-a casada.
Embora pouco atilada,

Era boa a rapariga,
Isto em todos os sentidos;
Só tinha aquelle senão.
Ha quem diga
Que é melhor para os maridos
Quanto ellas mais parvas são.
Eu sempre direi que não:
Os deveres
Das mulheres,
Se exigem pouca sciencia,
Pedem clara intelligencia.
Mas deixemos a questão
E vamos á machadinha.

Um rapaz em casamento
A moça pedido tinha.
Foi acceite sem commento,
E o praso logo marcado.
Sendo o noivo convidado
Um certo dia a jantar,
Quiz-lhe o velhote off'recer
A beber
Um copo de geropiga,
E mandou á rapariga
Que a fosse ao quarto buscar.
Corre esta: mas demorou-se
Tanto que, emfim, levantou-se
E foi ter com ella a mãe:
Resultou ficar tambem.
Ergue-se afinal o pae
E lá vai
Rosnando: porém não volta!
O rapaz, que se revolta
Contra aquelle estranho enguiço,
Trás d'elles sai, e pasmou
Quando a todos tres achou
Em prantos e soluçando.
—«O que é isso?

Que desgraça aconteceu?
—«Filho!» a velha respondeu
Para a parede apontando
(E os demais fazendo côro
Com o seu chôro:)
«Outro quarto que lhes dar
Não temos. Ha de ficar
O berço do innocentinho
Que vier,
Se Deus quizer,
Debaixo da machadinha
Que alli tu vês pendurada.
O coração me adivinha
Que me mata o meu anjinho,
Pois lhe cai na molleirinha...»
Sólta grande gargalhada
O rapaz.—«De os aturar»
Lhes diz: «ha muito estou farto:
Vou-me embora a viajar,
Hoje parto:
Só voltarei outra vez,
Se lá por fóra encontrar
Parvos mais do que vocês.»
E partiu... porém voltou,
Depois de muita fadiga,
E casou
Com a rapariga.

Por mais parvo que alguem fôr,
Has de achar outro maior (317).

FABULA 318.ª

O dilemma

Um viajante chegou
A uma aldeia, e encontrou
Todo o povo alvoroçado.
Celebrava-se um noivado
E, conforme o ritual,
Mui sécios os noivos iam
Cada qual
Em macharrão de tremer,
E ambos montados deviam
Entrar no adro da egreja.
Aqui é que ella vai torta.
Tem o adro baixa porta
E, ou porquê fosse a mulher
Muito alta, ou porque veja
Com terror
Que o toucado se lhe entorta,
Se a cabecinha curvar;
Não póde a entrada transpor.
D'ahi dilemma fatal:
Ou a cabeça lhe cortar
(Podia isso lá ser?)
Ou as pernas ao animal
(Sem ellas como ha de andar?)
Não sabendo o que fazer,
Vendo impedido o noivado,
'Stava o povo amotinado.
Brada o viajante:—«Esperem!
Se o querem,
Arranjo eu isso;

Mas serei recompensado.»
—«Está dito!»
Respondem todos num grito.
Eis logo o homem montado
'Trás da noiva; e no toutiço
Valente murro lhe préga,
Apenas a besta chega
Á porta, que assim passou,
Visto que a moça abaixou,
Mau grado seu, a cabeça.

Embora o caso pareça
Tolice monumental,
Quantos dilemmas se dão
Neste mundo (ainda mal!)
Que do mesmo valor são
E o mesmo remedio tem?
Quantas vezes diz alguem
De cabeça empertigada:
—«Eu não posso!»
Mas lá vem temporal grosso,
Irresistivel
Pancada,
Que tudo torna possivel,
E de cabeça curvada (318).

FABULA 319.ª

A imitação

Dizem (e não muito mal,
A meu ver)
Que o homem é animal
Por instincto imitador.

Mais justo fôra dizer
Que, em geral,
É grande macaqueador.
Ora entre uma e outra acção
Notaveis diff'renças vão.
Raro verás bom auctor
Que não seja imitador,
Ainda que inconsciente:
Porém o que imitar tente,
Procure com perfeição
Inteirar-se do modêlo;
E para a macaqueação
Basta vêl-o.
É a primeira *crear*
Uma cousa semelhante,
Mas differente bastante
Para não se confundirem,
Se uma pela outra aferirem.
A segunda, copiar
Tolamente e sem criterio,
Tornando parvo o que é serio,
Sem o qu'rer parodiar,
Mas não sabendo melhor.

Um doutor
Dos mais prudentes,
Que porisso o seu saber
Fazia muito valer
Aos olhos de seus doentes,
(A confiança segura
No medico, é meia cura)
Muitas vezes consentia
Que outro, mas inda caloiro,
O seguisse emquanto ia
Trilhando o seu calcadoiro.
Diz uma vez de repente
A doente
Que viu um pouco peior:

—«De que val' eu receitar,
Se, em vez de me obedecer,
O senhor
Laranjas ousa comer?
Isto assim
Não póde ser.»
Quiz o culpado negar,
Porém confessou emfim.
—«Diga-me aqui entre nós»
O outro lhe perguntou
Apenas 'stiveram sós:
Porque logo adivinhou
O que elle comido tinha?»
—«Meu caro! não se adivinha:
Das laranjas pude ver
Cascas, que com o travesseiro
Elle mal soube esconder.»

Feito doutor
Curandeiro,
Passado tempo, o novato,
Vendo um doente peior
E cahida alguma palha
Junto ao leito,
Grita e ralha
E faz grande espalhafato:
—«Isto assim não leva geito:
Para que hei de eu receitar?
Não ha sciencia que valha
Com quem se vai atirar
Tolamente
A comer palha:
Se d'esta não escapar,
Já lh'o digo, a culpa é sua.»

Furioso o padecente
Préga com o doutor na rua (319).

FABULA 320.ª

A velhice e a mocidade

Dama, que fôra formosa,
Mas já entrada em edade,
Convencer-se não podia
De que, semelhante á rosa,
Breve tempo brilha a flor
— A risonha mocidade —
Tão festejada do amor:
E porisso attribuia
Sua triste soledade
Ao mau gosto dos rapazes
Da moderna sociedade,
Os quaes amaveis, loquazes,
Com jovens bellezas via.
De azeda, não se calava:
Criticava
Como entravam numa sala,
Seu vestir e até a falla,
Que julgava mui baixinha
Por affectação absurda,
Quando era ella que tinha
O caruncho de 'star surda.

Assim vai na humanidade
Com a velhice e a mocidade.
Esta, ás vezes, sem prudencia
Não procura
Nem atura
As lições da exp'riencia:
Mas a velhice tambem

Mil vezes não anda bem.
Cançada da vista e ouvido,
Pouco vê e ouve peior
Do seu tempo o que não for;
E afinal
Tudo lhe parece mal,
Julgando o mundo perdido (320).

FABULA 321.ª

O lavrador e o filho

Lavrador, que o filho viu
Já crescido e bem capaz
De trabalho, o conduziu
A fazenda, onde marcada
Tinha a tarefa.—«Rapaz!
Quero esta terra cavada;
Sabes como isso se faz»
Lhe diz: «e o podes num dia.
Aqui me tens com o jantar,
Assim que dér meio-dia.»
Foi-se elle, e o moço ficou.
A tarefa era pequena,
Comtudo descorçoou:
A chorar
A sua pena
Numa pedra se sentou
E do trabalho se esquece.
Ao meio-dia apparece
O pae, e nada vê feito:
Mas, logo emendando a mão,
Lhe diz: — «Tiveste razão;
Para uma vez

Com effeito
O que marquei foi demais:
Mas tu vais
Dividir a obra em tres
Ou quatro, e uma só parte
Até á noite cavar,
Pois eu não quero estafar-te.»
Acabando-se o jantar,
Sósinho fica o rapaz
E gostosamente faz
Quanto seu pae lhe indicou.
Divide em quatro o terreno:
Cada talhão mui pequeno
Sendo assim,
Logo cavou
Um d'elles... cresce-lhe o brio,
Segundo cava e, emfim,
Leva todos quatro a-fio
E da tarde antes do fim!

Lavradores!
Professores!
Vêde-vos bem neste espelho;
Do pae segui o conselho.
Rapazes! é trabalhar
Faça calma ou faça frio,
Mas desde o amanhecer,
Sem nunca desanimar:
Haja brio,
E tereis certo o vencer
Nesta lucta pela vida,
Embora crua e renhida (321).

FABULA 322.ª

O jantar e o cosinheiro

A grande casa de pasto
Um homem indo jantar,
Deu por bem gasto
O dinheiro,
Não cessando de gabar
(Pois era conhecedor)
O saber
Do eximio cosinheiro;
E até pede por favor
Para á cosinha o ir ver.
Foi, e deu com um mondongueiro
Fossando immundo chiqueiro!
Tanto nojo lhe causou
Que tudo fóra lançou.

Quando gósto d'um jantar,
Não procuro quem o fez;
Sempre penso
Que é melhor não me arriscar
A saber que elle talvez
Toma rapé,
Ou até
Dos proprios dedos faz lenço.
Quem taes empresas tentar
Terá de se arrepender
Nove vezes sobre dez.
Para que se hão de perder
Illusões inutilmente?
Bastam as que dia a dia,

Infeliz ou felizmente,
Nos vai levando a exp'riencia
Pondo em luz toda a verdade
Á custa de annos de edade...

Póde a obra ter valia,
Ser até optimo guia
Na sciencia,
Na moral,
De poesia um primor;
E afinal
O seu auctor
Ser ignobil traficante,
Insupportavel pedante,
Que ninguem quer aturar;
Caracter réles, safado,
Que nos faça recordar
O dictado
(Que jámais deve esquecer:)
—Bem o prega fr. Thomaz...
Faze quanto te disser,
Porém não o que elle faz (322).

FABULA 323.ª

O conselho

—«Vae ver o tempo que 'stá»
Um velho disse ao creado:
«Se chove, se choverá?
Desejo dar uma volta,
Mas não me quero molhar
Nem ficar
Enlameado.»

Parte o moço e logo volta
A correr
Dizendo: — «'Stá a chover,
E a rua cheia de lama.
É melhor ficar na cama,
Talvez que o tempo levante:
Fôra grande parvoice
Se sahisse
Já, com tempo semelhante;
Era ser tolo de todo.»
— «Agradeço
O teu conselho»
Replica sorrindo o velho:
«E de certo o seguirei,
Mas confesso
Não te agradecer o modo
Grosseiro como foi dado;
D'isso é que não gostei.»

Bons conselhos quero eu:
Mas não ver-me aconselhado
Por quem me quer encaixado,
Até á bruta, no céo (323).

FABULA 324.ª

Os gigantes

Um homem endoideceu:
E a mania que lhe deu
Foi de não dever andar,
Julgando, se acaso andasse,
Que teria de esmagar
Quantos deante

Encontrasse,
Pois nascera tão gigante
Como nunca tal houvera.
Tirar-lhe aquella chimera
Não foi possivel: morreu
Assim o pobre sandeu.

Ha no mundo muita gente,
Do mesmo modo demente
E difficil de soffrer,
Que julga gigante ser.
Uns porém, de ruim raça,
Nada os tolhe ou embaraça,
Toda a vez que lhes convem,
De pisar,
Incommodar,
A seu bel-prazer alguem.
Entes são dos mais p'rigosos,
Contra os quaes muito nos val'
Quando com o excesso do mal
Ficam doidos furiosos,
E os fecham n'um hospital,
Que para esses taes foi feito;
Ou tambem, se o seu defeito,
Em menores proporções,
Lhes carréta cachações,
Pontapés, rija maçada,
Que ás vezes deixam curada
Ou menos forte a mania
Do insupportavel doente.

Outros ha que quasi eguaes
São ao citado demente;
A sua philosophia
Longe não vai muito mais.
Tremem sempre de dar passo
Que possa causar fracasso,
Tudo são hesitações!

As suas opiniões
(Embora das mais batidas)
Só muito e muito medidas
As ousam manifestar.
Julgam que qualquer palavra,
De sua bocca sahida,
Póde ir escandalizar,
Se por muitos for ouvida;
E, qual um fogo que lavra,
Pela falta de prudencia
Desenvolver heresia
Que resultados bem serios
Dê em muita consciencia.
Nelles tudo são mysterios,
Gravidade,
E cautela em demasia.
A responsabilidade
Que lhes pertence é tammanha
(A seu ver)
Que tudo embaraça e acanha
Quanto deviam fazer.
De ordinario são honestos,
Porém mui pouco modestos,
Poisque a tal grande modestia
É molestia,
Senão immensa vaidade,
Que lhes esconde a verdade
De que, a cousa bem pensada,
Quanto disserem,
Fizerem,
Vale pouco ou vale nada.
Inda assim antes os quero
Com o seu apparato austero,
Ar modesto,
Comica chantrenidade,
Do que os outros mentecaptos
Dados aos espalhafatos,
Á maldade:

Mas uns e outros detesto.
Tudo se póde dizer
E quasi tudo fazer
Com decencia,
Escolhido o tempo e o modo.
Uma cousa é ter prudencia ;
Outra, nos olhos peneiras.
Uma coisa é com denodo
Procurar seu fim honesto ;
Outra, ser sempre molesto
Em toda a parte e a todos
Com maneiras
Altaneiras
E insupportaveis apódos.

Que se julgam uns gigantes
Ha ainda outros dementes.
Tem valor, mas são pedantes ;
Pois pensam que o mundo antes
De lhes nascerem os dentes
'Stava em trevas mergulhado ;
Foram elles o sol nado
Para tudo allumiar !
É mania
Que faz rir ou bocejar,
Mas que a ninguem injuría.
Util, porém, o doente
Pouco é para comparar
Com os outros, pois tem valor,
Embora muito menor
Do que lhe afigura a mente.

Ainda o mais bem dotado
'Stá muitissimo enganado,
Se se metter em cabeça
Que o mundo d'elle careça.
Até aqui caminhou
Sem isso e caminhará!

Assim foi e assim será.
Se o não vê, mal meditou;
Nem conserva na memoria
Quanto lhe refere a historia,
Com a qual não te maçarei.
Só direi:
Homens de grande valia,
Os que mais se abalisaram
Entre os outros, ajuntaram
Algo ao que tinham herdado;
A saber, fraca quantia,
E essa nem toda val'.
Afinal,
Feita a devida justiça,
É sempre o caso citado
—Da aguia mais a carriça (324).

FABULA 325.ª

O pescador e o peixinho

Eu não gósto de pescar,
Porque nunca apanho nada;
Redunda tudo em maçada
Que mal se póde alcançar.
Provavel é que gostasse,
Sendo dextro pescador:
Cada qual para o que nasce,
E com isso irá melhor.
Por gôsto uns ou *contracto*
São famosos caçadores:
Eu caço, mas é no prato.
Outros, grandes pescadores,
Sabem muito bem pescar

Nas aguas turvas. Não trato
Agora d'esses senhores:
Só me proponho fallar
D'um que bem pequeno peixe
Em claras aguas pescou;
Um barbito
Que o supplica muito afflicto
A triste vida lhe deixe.
—«De que te posso servir,
Tão mesquinho como sou?
Só se for para o teu gato.
Dez, qual eu, nem dão um prato.
Larga-me pois, para eu ir
Por essas aguas crescer;
E, sendo outra vez pescado,
Poder-me-has então comer
Cosido, frito ou assado,
Ou por bom preço vender.»
—«Fallas qual um doutorado»
Respondeu o pescador:
«Mas eu sempre ouvi dizer,
E sempre assim o pensei,
Que um — *toma* — é muito melhor
Do que dois — *eu te darei* — »
E pondo termo ao cavaco
Metteu o peixe no sacco.

Não se devem desprezar
Cousas, por serem pequenas:
Muitos poucos, muitos fazem,
Que a abundancia por fim trazem
A quem os souber juntar;
E de gottas de agua apenas
Se compõe o immenso mar (325).

FABULA 326.ª

O leão indo para a guerra

Mandou pôr em pé de guerra
Seu exercito o leão.
Dos valles, bosques e serra
Convocados logo são
Seus vassallos animaes.
Em conselho (que o d'Estado
Antes fôra consultado)
Reuniu os generaes.
Tratou-se alli seriamente
Qual o modo mais prudente
D'as forças organizar.
Houve alguem que duvidasse
Util ser que se empregasse
(Ou antes o não quizera)
No serviço militar
O burro, por ser quem era;
E a lebre,
Pela tal febre
Do medo, que não a larga.
Votou-se, porém, que o burro,
Embora parvo e casmurro,
Era util para carga;
E a lebre, visto corria
Tão ligeira, se podia
Muito bem aproveitar
Para despachos levar
Onde não houvesse p'rigo
Do exercito inimigo.

Assim, governo prudente
Lança mão de toda a gente
Que estiver ao seu dispor;
Assim quem
Juizo tem,
Desdenhoso, não rejeita
Mil cousas que o parvo enjeita
Por ignorar seu valor (326).

FABULA 327.ª

O cão e a sombra

Com boa chicha no dente
Ia um cão muito contente
A beira
D'uma ribeira
Para a qual olhando viu
(Sem julgar que a sombra seja)
Outro cão tendo aboccado
Do que o seu melhor boccado;
E eis que logo sentiu
Remordêl-o negra inveja.
Com fereza
Contra o fantasma se lança...
Só alcança
A final, tudo perder:
Nem lhe fica a sua presa
Que nas aguas se sumiu
Com a sombra que lhe fugiu.

Escarmentos possam ter
Ainda mais amargosos
Sempre abjectos invejosos (327).

FABULA 328.ª

Os abutres e os pombos

Crua, encarniçada guerra
Pelo ar e sobre a terra
Entre os abutres ardia;
Tudo, por causa d'um cão
Que jazia
Morto e já podre no chão!
Assim os reis d'este mundo
Um contra o outro o irmão,
Ardendo em odio profundo
Se guerreiam 'té á morte
Através sêccas e chuvas,
Transpondo mares e rios,
Soffrendo fomes e frios,
Sem lhes importar a sorte
Dos orfãos e das viuvas...
E a causa de taes revezes,
Bastas vezes,
Pouco mais é do que um cão
Morto e já podre no chão.
....
Mas deixemos tal materia,
Muito seria
Para aqui se discutir,
E vamos a referir
O que os abutres fizeram.

Pennas e sangue choveram
Entre feros alaridos;
Muitos na lucta morreram,

Muitos mais ficaram f'ridos:
Era uma guerra de morte
Sem treguas e sem quartel!
Lastimando a triste sorte,
As desgraças e os p'rigos
De seus crueis inimigos,
Os pombos (pois não tem fel)
Com embaixadas, pedidos,
Tanto fazem que afinal
Seus gemidos
Termo dão áquelle mal.

Depois de feitas as pazes
Os abutres, tão vorazes,
Cumpriram seu compromisso,
Nunca mais se guerrearam:
Perderam porém com isso
Os pombos que os congraçaram.
Desde então
Os tristes soffrendo vão
A mer'cida penitencia
De sua grave imprudencia.

Quando vires dois malvados
Um no outro engalfinhados,
(Salvo tendo obrigação
De entrevir, de os separar)
Foge de os accomodar
Por bondade ou devoção
(A meu ver)
Mal entendida.
Para que vais tu salvar
A quem, cheio de maldade,
Se podér,
Te rouba de certo a vida?
A quem é, só póde ser,
A peste da humanidade (328)?

FABULA 329.ª

O saber

Certos caloiros estavam
Ao cavaco
Sobre o merito d'um lente
Com fama de muito fraco.
Convictos alguns teimavam
Que era grande mandrião,
Porém não
Insipiente.
Um veterano atilado
(Até alli muito calado)
Soltando uma gargalhada
Eis profere na questão
Sentença interlocutoria
Com força definitiva:
—«Qual historia!
Fulano não sabe nada.
Mas tambem
A sabença é relativa:
Porisso, justo que o tomem
Vocês por um grande homem
(Andam bem)
Visto serem tão somenos
Que sabem ainda menos.»

Sempre tem algum valor
Saber mais
Do que os demais,
Inda quando seja pouco:
Será porém grande louco

(Por muito sabio que for)
Quem julgar
Que o degráo onde
Se encontra, não deve estar
Longe do cimo da escada
Muito mais que do começo;
Aquelle sempre se esconde,
E d'elle ninguem vê nada:
Pois infindo é o progresso (329)!

FABULA 330.ª

A chuva fatal

Que a tal hora de tal dia
Cahiria
Uma chuva tão damnada
Que toda a gente, molhada
Por ella, enlouqueceria:
Tinha isto annunciado
(Segundo a tradição diz)
Ao povo do seu paiz
Um sabio modesto e honrado.
Era homem de verdade;
Mas não 'stando filiado
Em nenhuma sociedade
Das da mutua admiração,
(Como tantos parvos 'stão)
Credito ninguem lhe deu.
Chega o dia designado,
E choveu
A bom chover.
Eis que pela porta fóra,

Sem demora,
Deitam todos a correr.
Quaes chapeos nem carapuços!
Uns de pé, outros de bruços,
De gatinhas,
Para assim aproveitar
'Té as ultimas pinguinhas!
Todos pois enlouqueceram;
Porisso o não perceberam,
Continuando a zombar.
Depois de doidos varridos,
Vão com grandes alaridos
Do sabio á porta bater,
Para claro lhe mostrar
Que, bem longe de propheta,
Não passava d'um pateta.
Teve elle de se esconder;
E, por alli não ficar
Com p'rigo, entre taes orates
Alvo dos seus disparates,
Numa poça que ainda achou
Corre a cabeça a molhar,
E tanto, que até ficou
Mais do que os outros, sandeu;
O que depois lhe valeu
Ser de todos respeitado.

A lembrança não lhe invejo
Nem a quero aconselhar:
Porém vejo
Que elle assim soube trilhar
O caminho mais azado
(Embora menos decente)
Em qualquer nação demente (330).

FABULA 331.ª

A cabeça e a cauda da serpente

A cauda d'uma serpente
A cabeça disse um dia:
—«Que demais a enfastiava
Caminhar constantemente
Atrás d'ella; pois sabia
Que não era sua escrava.»
A outra lhe respondeu:
—«Que sem olhos ninguem via;
Porisso, o destino seu
Era viver governada.»
Não se dando por cangada,
Disse a cauda:—Eu não nego
Que sou cega. Mas ser cego
Não tolhe o aproveitamento
Do verdadeiro talento.
Cegos ha que fazem meia;
Ás escuras na colmeia,
Quando volta a primavera,
Aparelha
Mestra abelha,
Doce mel e branca cera;
E a Fortuna? quem nega
Que esta deusa seja cega,
E governa o mundo todo?
Pois eu sinto
Em mim tão sublime instincto,
Que a servir não me accommodo,
Hei de tambem governar.»
E mil outros argumentos,

Usados ahi aos centos,
Com que querem demonstrar
Que o cego é que sabe ver,
Que muito estudar e ler
Próva é de nullidade,
Basta ter habilidade.
E não a houve calar.

—«Safa!» dirá um censor:
«Que tinha muita sabença
A tal cauda!»—«Sim, senhor!
Porém (com sua licença)
Ella inda assim não valia
A que se vê cada dia
Ahi em muitos meninos.
Methodos intuitivos,
Transcendentes, repentinos...
Alem de sabios jornaes,
Trazem muito reflexivos
Hoje os povos:
E com taes
Systemas novos
Não se carece de estudo
Para logo saber tudo.

Á cauda diz: «Tens razão»
O tronco (tambem é cego)
E eil-os de escantilhão
A correr com toda a pressa
Ao revés,
Até cahirem num pégo
Onde morrem todos tres
—A cauda, o tronco e a cabeça!—
Esta, coitada, a gritar
Que andassem mais devagar!

Digam lá o que quizerem,
O saber

Valeu, vale e ha de valer;
Só aquelles que souberem
Bem trunfar
Ganham e *devem mandar*.
Governe pois a cabeça,
Que nasceu para esse fim;
E a cauda que lhe obedeça,
Cabe a esta obedecer:
É o que deve fazer,
Ou terá sorte ruim.
Olhe a primeira porém
Que ella tem
De governar com prudencia,
Sempre attentando no bem
Dos privados de sciencia.
O da cauda e o seu juizo,
Não causem o mesmo riso,
E o pobre corpo pereça
Por egualmente
Demente
Ser a cauda ou a cabeça (331).

FABULA 332.ª

O mocho e a lagarta

Um mocho velho bastante,
Que muito havia estudado
Mas sem se tornar pedante,
Julgava bem demonstrado
Que tudo morre afinal
Neste abysmo de miseria,
E que só é immortal
A increada materia;

Não obstante, mocho honrado.
Muitos terás encontrado
Na mesma contradicção,
De suas crenças o inverso:
Nem todo o... mocho é perverso.
Tinha este, coração:
Uma lagarta encontrou
Entre as folhas do seu ninho
E a ella se affeiçoou.
(Signal é de peito nobre
Proteger o fraco e o pobre.)
Passados dias notou
Que, apesar do seu carinho,
A lagarta adoecia;
Mal comia...
—«Vem a morte!» pensou elle.
Muda o bixinho de pelle,
De fórma; morto não 'stá;
Inda bóle, se lhe tóca...
—«Bem pouco mais durará»
Diz o mocho: «é evidente:»
E leva a pobre doente
Para um cantinho da tóca
Onde acabe docemente.
Tempo depois lá voltou
E, cascas só encontrando,
Exclamou
Quasi chorando:
—«Assim tudo morre e passa!
E creiam nessa trapaça
De haver almas immortaes
Nos corpos dos animaes!
Forte pêta!
Não é a mim que ella embaça.»
Notado o mocho não tinha
A formosa borboleta,
Que da tal mumia mesquinha
Certo dia se soltara

E até ás nuvens voara.

Nunca se deve affirmar
Ou negar
De uma cousa a existencia,
Senão quando a exp'riencia
Mais ou menos repetida
Seguramente o decida (332).

FABULA 333.ª

A cotovia e o dono da seara

Já Ceres pela campinas
Mostrava as madeixas loiras
C'roadas das purpurinas
Papoulas, que das lavoiras
São veneno, embora enfeite;
Qual na vida é o deleite
Que nos mancha o coração:
Isto é, 'stavam maduras
As searas d'um cantão.
Eis porque em aperturas
Andava uma cotovia,
Vendo inda muito atrazada
A sua tenra ninhada.
A cada instante podia
A ceifa ser começada.
Quando, pois, fóra sahia
A procurar-lhes sustento,
Aos filhos recommendava
'Stivessem de ouvido attento
A quanto alli se fallava,
Para acudir logo ao p'rigo,

Se o dono d'aquelle trigo
O quizesse ver ceifado.
Pouco tempo era passado
Quando uma tarde appar'ceu
O tal dono e um filho seu,
E fallou assim o pae:
—«Este trigo está maduro;
E então, pelo mais seguro,
Levanta-te tu e vae
Ámanhã de madrugada
Pedir a quantos parentes
Aqui temos residentes,
Nol-o venham ajudar
A ceifar.»
Com taes ordens aterrada
Fica toda a pequenada,
E á cotovia o contou
Apenas esta voltou.
—«Isso não ha de ser nada;
Comam e durmam-lhe bem.»
Assim foi. No outro dia
E nos seguintes, ninguem!
'Stava ausente a cotovia
Quando de novo alli vem
Com o filho o dono e lhe diz:
—«Dos parentes nenhum quiz
Ajudar-nos a ceifar!
Corre pois a convidar
A quantos amigos temos,
Para ámanhã, e veremos
Se isto vai d'uma assentada.
A ninhada
Fica em brasa,
Tudo conta á cotovia,
Julgando chegado o dia
De pôr escriptos na casa.
—«Quaes amigos!»
Torna a mãe:

«Não se trata de ir aos figos,
Ámanhã escutem bem.»
Acertou; pois mais ninguem,
Nado o dia, appareceu
Senão o rapaz e o pae
Que disse:—«Ao amanhecer
De ámanhã tu e mais eu
Vamos metter
Mãos á obra,
Ceifar ambos este trigo;
E verás como isto vai.
Forças temos e de sobra
Para o trabalho vencer.
E sabes o que te digo:
Mais meus parentes e amigos
Do que eu sou, não os deve haver.»
Ficaram pouco assustados
Os pequenos, já aos p'rigos
Costumados:
Não a cotovia assim,
Pois, sem tempo algum perder,
Faz a trouxa nessa noite
E sitio busca qualquer,
Que seja menos ruim,
Onde com os filhos se acoite (333).

FABULA 334.ª

O jardineiro e as flores

Umas flores animadas
(Já se vê, umas meninas
De mil graças femininas
Adornadas)

Foram visitar as rosas
E outras flores
Do que ellas menos formosas,
Ao jardim d'um jardineiro,
A joia dos amadores.
—«Que cheiro!
Que lindas côres!»
Gritavam as raparigas:
«Abençoadas fadigas
D'onde nasce tanto bem.
—«Mas são pesadas tambem:»
Lhes torna o outro: «e eu que o diga.»
—«Olhem a grande fadiga!
Tem de regal-as, ás vezes;
De resguardal-as do sol
Durante os mais quentes mezes,
De matar
Algum triste caracol?
A tarefa não é nada.
Ao indizivel prazer
Dos effeitos comparada.
O seu penoso lidar
Eu sempre quizera ver:»
Diz uma.—«Pois, se quizer,
Aqui 'stou de madrugada:
Talvez que lhe cause dó!...»
—«Ai! tão cedo?
Tenho medo
De faltar, se prometter:
Porém é uma vez só...»
Foram pois; e encontraram
Trabalhando o jardineiro
Já, no seu trajo frasqueiro,
Não se poupando a suores.
Então é que ellas ficaram
Muito pasmadas de ver
Quanto davam que fazer
Ás lindas, mimosas flores.

Era, alem do semear,
O sachar,
A rega e a monda,
Sem nunca se dizer — bonda.
—«Caros alhos,
Meu compadre!»
A mais jovial lhe brada:
«Que maçada!
Eu, nem á mão de Deus Padre,
A semelhantes trabalhos
Me quizera sujeitar
Só por flores alcançar,
Nem que ellas brotassem de ouro
E rendessem bom dinheiro.»
Fazem logo todas côro.
—«Pois, senhoras, sem cuidados
Aturados
E ás vezes mil dissabores»
Lhes responde o jardineiro:
«Não ha flores
Nem amores (334).

FABULA 335.ª

O pintor e o sapateiro

As obras que executavam,
Expór sempre costumavam,
Não dando por acabadas,
Os antigos esculptores
E pintores
Para que sendo julgadas
As podessem emendar.
D'elles um expoz pintado

Famosissimo guerreiro
De grandes botas calçado,
As quaes vendo um sapateiro
Começou a criticar:
Certo defeito lhes viu,
Não sei qual,
Na sola ou no cabedal.
O pintor, que tudo ouviu,
O erro reconheceu
E ao critico agradeceu.
Mas, quando o *chumeco* quiz
Julgar da demais pintura
E critical-a procura,
Logo o outro atalha e diz:
—«Não podem as suas notas
Subir acima das botas.»

Dize o mesmo ao sapateiro
(Como tanto ahi se vê)
Quando queira sobranceiro,
Tomando a mão pelo pé,
Decidir qualquer questão
Ácerca de rabecão (335).

FABULA 336.ª

Um bom criterio

Veiu um dia ter commigo
Certo amigo
E disse-me:—«Veja lá,
Você que é um bacharel,
Se me entende esse aranzel,
E se o voto seu me dá:

—Deverei ganhar, ou não,
Essa maldita questão
Que libras já me custou?»
E um folheto me entregou.
Era extensa allegação
De advogado
Abalisado.
Alli não faltava nada
Que podesse defender
A questão: porém baldada
Sahira a jurisprudencia
Do eminente doutor;
Todo o poder
Da sciencia
Ficou sem nenhum valor:
Era causa desgraçada.
Volta em breve o tal amigo
E diz-me:—«O que lhe par'ceu?»
— «Olhe, sabe o que lhe digo?»
Tornei eu:
«Quando tão grande letrado
Afinal não encontrou
Mais por onde lhe pegar
Do que alli apresentou,
Loucura é duvidar:
A vista do arrazoado
Fiquei bem capacitado
De que a demanda perdeu.»
Isso mesmo aconteceu.

Impugnando
A doutorando
Sua these inaugural,
Um doutor em theologia,
Com malicia perguntou
Se, para tempo poupar,
Indicar-lhe não podia
A razão fundamental,

Emfim a pedra angular
Da these que apresentou?
Cai o outro em tal cumprir
E a nada a vê reduzir!
—«Mas, nem só nesse argumento
A minha these se funda;
Inda tenho mais d'um cento,
Tanto em provas ella abunda!»
O doutorando lhe brada.
—«A questão 'stá acabada»
O arguente replicou:
«Visto que me confessou
Que o valor
Das demais é inf'rior
Ao da que não vale nada.»

Bem pensado quanto expuz,
Eu no costume me puz,
Para entender de repente
These que se me apresenta,
De ir ver como o defendente
(Quando habil seja e honrado)
A sustenta.
Não a póde defender?
Nada mais tenho a dizer,
Fico do contrario lado (336).

FABULA 337.ª

Os jogadores

Dois rapazes, que gostavam
Do bilhar,
Todas as tardes jogar

Iam a casa de amigo,
Do qual eram o castigo:
Porém d'isso não curavam
(Tinham tardes entretidas...)
Nas continuadas partidas
Apostavam
Cada vez
Um copo de bom Xerez
Contra um copo da Madeira;
Mas tudo se ia buscar
Á frasqueira
Do dono do tal bilhar;
Que por fim julgando asneira
Tolamente sustentar
Com os seus modestos meios
Aquelles vicios alheios,
Teve de se resolver
A mesa e tacos vender.

Os partidos contendores
Semelham os jogadores
Á custa alheia apostando.
A nação, dona da casa,
Á má cara vai pagando
Com a frasqueira, que se vasa,
O divertimento alheio;
Com a diff'rença, que não póde
Ter o meio
De o bilhar tambem vender...
Ou de algum modo os sacode,
Ou em talas se ha de ver (337).

FABULA 338.ª

O dó de peito

Em S. Carlos a cantar
'Stava tenor afamado,
Costumado,
Para applausos excitar,
A soltar
De quando em quando e com geito
Um brilhante dó de peito;
Cousa muito appetecida
Por *dilettantes* e havida
Seja lá pelo que for,
Em muitissimo valor.
Eu (aqui á puridade
Direi)
Nunca apreciei
A tal grande habilidade;
Que me parece ao cantar,
Quando muito, apenas ser
O que são ao bem dançar
Cambalhotas de tremer
Ou saltos de embasbacar.
.....
Cantava pois o tenor:
Eis de repente ao redor
De mim ouço immensas palmas,
Que dava a rapasiada
Subitamente encantada.
O profundo enthusiasmo
D'aquellas ditosas almas
Era um enlevo, era um pasmo!
Mas um que 'stava sentado

Ao meu lado
(O derriço a namorar)
Nada tendo percebido
Da causa do alarido,
Começou a perguntar,
Muito e muito asafamado,
Aos *dilettantes:*—«Deu? deu?»
(Era o dó apreciado)
E, quando ouviu dizer— sim!
De enthusiasmo se encheu
E foram palmas sem fim.

Dós de peito ou cousas taes,
Com pasmos artificiaes,
A quantos viste applaudir
Que os não poderam ouvir
Nem apreciar sabiam,
Se por acaso os ouviam?
Aos parvos o *bem cantar*
De mui pouco ou nada val':
Basta-lhes ouvir soltar
(Com mais ou com menos geito,)
Não um canto natural
Mas agudo *dó de peito* (338).

FABULA 339.ª

O gato e os ratos

Não tinha ainda morrido
O mais terrivel dos gatos
—Robinó. E basta o nome,
Outr'ora bem mais temido
Por todo o povo dos ratos

Do que a peste, a guerra e a fome.
Robinó ainda vivia:
Mas, já de avançada edade,
No ocio com dignidade
Á sombra da antiga gloria
Repotreado dormia.
Eis porque a rataria,
Leiga nos fastos da historia,
D'elle nada receiava
E na casa á solta andava.
Dos bichanos para o mal,
Pouco a pouco se formou
Um partido nacional
Entre aquelle povo omnivoro
(Fallar intento dos ratos)
E depois se organizou
Sob o nome de *gativoro*
(Isto é dos papa-gatos.)
O chefe d'esse partido,
Patriota destemido
E a nata dos oradores,
Na sala, onde num 'strado
Robinó 'stava deitado,
Convoca um *meeting* e diz:
Illustrissimos senhores!
Hoje eu quiz
Todos aqui reunir,
Para que juntos possais
Livremente discutir,
Se devemos soffrer mais,
Sem lhe dar justo castigo,
Entre nós um inimigo?»
—«Isso não! antes a cóva!»
Gritam todos com furor.
—«Appar'ceu a *idéa nova!*»
Prosegue o grande orador:
«Possa o seu nobre raiar
Aos vindouros indicar

D'aquelle bichano a sóva
E de todos os demais.
Morram os torpes bichanos!
Diga-se um dia:—Houve gatos
Até nos Paços Reaes!
Houve aquella infame raça
E durante largos annos,
Com seus feios desacatos
Sempre aos nossos dando caça,
A terra inteira cobria.
Mas um dia
Emfim, os ratos
Se erguem qual um rato só
E d'elles fizeram... pó!
Eia pois, amigos meus!
No altar da patria juremos
Que nunca mais comeremos
Senão de gato
Pitéos,
Emquanto gatos houver,
(Dizem que não é mau prato.)
Supportar mais não devemos
Que fique no mundo um só.
Acabem por uma vez:
Seja o primeiro a morrer
O desprezivel maltez,
Esse infame Robinó!»
Correm todos de roldão
Contra o illustre gatarrão.
Mas este, que alli dormia
Ou nenhum caso fazia
D'aquelle desaguisado,
Renasce-lhe a gana velha
A ver-se assim atacado
Por insolentes pygmeus
Bem como outr'ora a Samsão
A milagrosa guedelha,
Quando vilmente insultado

Por covardes Philisteus.
Eil-o está em-pé no chão.
Solta um berro,
Quaes o grande D. João
Deu com aquella voz de ferro
Nos campos de Aljubarrota,
Quando ao outro de Castella
Pôz em completa derrota.
Sem esp'rar por nada mais
Déram todos á canella,
Sobresaíndo aos demais
(Tanto á pressa se mexeu)
O tal famoso orador.
Muito rato alli morreu,
Alguns, de puro terror;
E jamais
Aos restantes succedeu
Metterem-se em espalhafatos.
Diziam:—«Só imprudentes
Se lembram de acordar gatos,
Para lhes morrer nos dentes (339).»

FABULA 340.ª

O macaco e o escravo

Um macaquinho metteu
A mão numa ratoeira
Com milho, do qual a encheu;
Depois, por mais que o tentou,
Não logrou

Ver-se livre da pulseira.
Um escravo, a quem doeu
A sorte do desgraçado
(Comparado
Tendo o mal d'elle com o seu)
Lhe diz:—«Esse milho larga;
Comilão!
É só isso o que te embarga
Podêres tirar a mão.»
—«Isso nunca hei de eu fazer
Pois iria assim perder
A toa
Presa tão boa»
Retruca logo o bugio.
—«Não deixes,
Bruto sem brio!»
O negro então lhe bradou:
«Porém de ti só te queixes,
Quando te venham matar;
E's indigno de viver.»
E com desdem se afastou.

Saude queres, riqueza,
Liberdade, sem deixar
De paixões satisfazer;
De sempre ter
Lauta mesa,
Sumptuosos atavios,
Que mal podes sustentar?
Julgas que sem trabalhar
Has de sempre conseguir
Resistir
A quem offender teus brios?
'Stas demente
Deixa tão parvas esp'ranças,
Pois de certo honradamente,
Teus intentos não alcanças.
Justos fins requerem meios

Idoneos para os obter.
De si se deve queixar,
Nunca de aggravos alheios,
Seu dever
Quem desprezar.
Para a honra e o proveito
Um sacco só é estreito (340).

FABULA 341.ª

O canniço e o carvalho

—«Bem sei que és immenso e forte,
Mas nada te invejo eu isso»
Disse ao carvalho o canniço:
«Sopre do sul ou do norte,
Muito pouco se me dá,
Pois eu cá
Com todo o tempo me avenho;
Contra os grandes p'rigos tenho
A destreza de vergar
Sem quebrar,
Nunca me succede mal.
Tu porém, com tanto alento,
Qualquer dia um pé de vento,
Ou terrivel vendaval
Préga comtigo no chão.»
—«Tens razão»
O carvalho respondeu:
Cada qual segue o destino
Que a natureza lhe deu.
Tu, como és pequenino,
Curvar-te podes, eu não.
Porisso rojas no chão

Com qualquer sopro de vento;
Pisado a cada momento,
Coberto de pó e lodo,
Exposto a tudo soffrer!
Tal não quizera o viver.
Eu resisto com denodo
Á furia dos vendavaes;
E, quando não possa mais,
Prefiro antes morrer,
Quebrar, mas nunca torcer.» (341).»

FABULA 342.ª

Os odres de vinho e os odres de agua

Lá em tempos muito antigos
Eram os povos amigos
De seus reis, mais que hoje são.
As culpas de quem serão?
Do pouco que d'isso sei
Aqui nada lhes direi,
Salvo ser caso isolado
Vir o erro só d'um lado.
Sempre festejar buscavam
Aquelles que os governavam.
Nos annos d'um rei de então
Seu povo determinou
Fazer vistosa funcção
Nas ruas da capital;
E para tal
Se lembrou
(Ainda não conhecia
Nem os mofinos
Dos sinos,

Nem as bombas do foguete,
Nem salvas de artilheria)
D'um esplendido banquete
Pelas praças da cidade,
Onde cada qual comesse
Quanto pedisse a vontade.
E, porque tambem bebesse
No fim á regia saude,
Devia-se levantar
Do palacio bem defronte,
Uma fonte
Vinho, não agua, a jorrar;
Para o que—um bom almude
Do roxo nectar trazer—
Foi cada qual prometter.
Houve a festa e o tal banquete
De bufete:
Danças, cantos e folias,
Expansivas alegrias,
Com seus apertos de dedos,
Tudo emfim
Proprio d'aquelles folguedos.
Mas no fim,
Quando todos concorreram
A fonte, que então se abriu,
Só com simples agua deram;
E claramente se viu
Que, em vez
De cada burguez
O seu vinho alli vasar,
Agua trouxe e nada mais,
Confiando com os demais
Poder seu dolo encobrir.

Ha muita gente a pedir,
A gritar
Que se faça tudo e bem:
Mas se vem

Afinal a sua vez,
De seriamente ajudar,
Não ha um só entre dez,
Entre cem,
Que eu não veja fraquejar (342).

FABULA 343.ª

A medalha

Um amador numismata
Não vulgar,
E havia já muitos annos,
Sempre á cata,
De medalhas alcançar
Dos gregos e dos romanos,
Encontrou uma mui rara
Com o busto do Macedonio.
Mas logo, pelo demonio,
Pouco se enxergava ou nada
Da cara,
Por 'star gastada
Do tempo, que tudo come.
—«Não sei porque se consome?»
Observa-lhe um seu amigo,
Vendo-o pouco satisfeito
Com o defeito:
«Outro é o meu pensar
E francamente lh'o digo:
Se desejava a medalha
Para lhe representar
O grande heroe que ganhou
Tanta e tão rija batalha,
O seu intento logrou:

Entra na regra geral
Em sangue illustre observada,
E o representava mal
Não 'stando ainda *safada* (343).»

FABULA 344.ª

As difficuldades vencidas

Por fugir á soalheira
(Era um sol de derreter)
Camponios trabalhadores,
De certo não dos melhores,
Á pressa se vão metter
No telheiro d'uma eira.
Alli a sésta fagueira
Dormiram; depois da qual
Tem a idéa estapafurdia
De dizer,
Quando os chama o maioral,
Que não se podem mexer
Para voltar ao trabalho;
As pernas em tal balburdia
Umas com as outras estão,
Que nenhum póde saber
D'ellas quaes as suas são.
Boa dose de carvalho
O outro lhes applicou,
Para que as duvidas cessem.
Logo os donos apparecem,
Cada qual dos meliantes
De suas pernas ficou
Tão senhor como era d'antes.

Ha questões
Muito renhidas
(Algumas entre nações,
Outras puramente internas)
Que ficam bem decididas
Recebendo a solução
Do dito caso das pernas;
Quando vem revolução,
Crua guerra,
Que préga todos em terra.
Eis logo tudo arranjado
A poder de um bom cajado (344).

FABULA 345.ª

O proprietario e o operario

—«Eu trabalho a bom valer,
Não sou nenhum mandrião,
Infame proprietario,
Ou argentario
Ladrão,
Nem fui de ricaço herdeiro.
Filhos sustento e mulher
Com o suor do meu rosto,
Não vivo á custa do povo:»
Gritava em alto berreiro
Homem forte e ainda novo.
—«Então trabalha por gosto?»
Houve alguem que perguntou.
—«Quem disse tal?» retrucou
Em tom azedo o primeiro;
«Parvos haverá assim:
Eu por mim

Trabalho por ter dinheiro
E, se o chego a conseguir,
Só penso em me divertir.
Hei de fazel-o render,
(Assim eu tenha saude,)
Passar vida regalada;
E deixar, quando morrer,
Pão aos filhos e á mulher.»
—«Mas, se obrigado trabalha,
Onde está essa virtude
Por você apregoada?
E, se deseja viver
No ocio quando o podér,
Porque ralha
Com rancor
Contra aquelles que o herdaram
Ou ganharam,
Se, do seu odio apesar,
Só os deseja imitar
Logo que possivel for,
E acha que faz muito bem?»
De bocca muito calada
Fica o outro; e eu tambem
Não direi aqui mais nada (345).

FABULA 346.ª

O caloiro armado e desarmado

Um atrevido novato,
Amigo de espalhafato,
Deu-lhe a pancada na bóla
De imitar os veteranos
(Isto foi ha muitos annos)

Que via, em dias f'riados,
Com seus varapáos armados
E de jaqueta á hespanhola;
Emfim, mui bem mascarados,
(Costume que tinha então
Todo o vet'rano pimpão.)
Veste-se pois a capricho
O tal bicho,
O tal b'roeiro;
Sai de casa mui lampeiro,
Com um certo ar iracundo;
Cajado de marmeleiro
Que lhe custou bom dinheiro,
Pensando assustar o mundo.
Porém, por sua desgraça,
Logo alli pela couraça
De Lisboa
Não lhe corre a sorte boa,
Com um veterano topando
Que lhe diz chalaceando:
—«Menino não seja mau.
Eu licença não lhe dou
De trazer um varapao.»
Com este se abotoou,
E grande favor lhe fez,
Que ainda assim foi cortez.

Isto sirva de lição
A pequenina nação.
Fuja sempre de folias,
E de altas cavallarias:
Quanto mais bem governada
Mais ha de ser respeitada.
Só podem grandes nações
Metter o corpo em funcções (346).

FABULA 347.ª

O chaparral

Num julgado em Portugal
Chaparral
Ha de valor,
E de que o povo é senhor,
Tendo-lhe muito custado
O não ser d'elle esbulhado.
E tambem affirmar posso
Que alli o velho ou o moço,
A mulher ou a creança
Jamais de gritar se cança:
—É nosso este chaparral!—

Assim devemos fazer
Quanto ao nosso Portugal;
Cada qual,
Pelos modos que podér,
Defenda-o com heroismo
Contra todo o despotismo.
Eu grito, pois mais não posso:
—Este chaparral é nosso (347)!

FABULA 348.ª

O urso

Vinha a noite. Um desgraçado
Todo o dia tendo andado,
Sem poder
Esmola obter
E a negra fome matar,
Sentou-se da rua á beira
E suspirando pensou:
—«Agora, ainda que o queira,
De certo nada mais ha
Que contra mim desfechar
Possa a crua sorte já!»
Mal findou,
A elle vem direitinho
Um urso (que se soltára)
Grunhindo e mostrando cara
(Ou focinho)
Das taes de poucos amigos.
O homem, fugindo, então
Percebeu que jámais 'stão
As miserias ou os p'rigos,
Aos quaes não ha que fugir,
Acabados neste mundo.
Embora escorrida a taça
Da desgraça,
Conserva borra no fundo,
Que tambem se ha de engulir...

D'esta vida no decurso
Conta sempre com o tal urso (348).

FABULA 349.ª

A protecção do Marquez

Quanto contam por ahi
E eu ouvi
Que disse e fez
O nosso grande Marquez,
Se eu pretendesse narrar;
Fôra um nunca se acabar.
Não fallo de leis, reformas,
Que possam servir de normas;
Fallo de anecdotas mil
Que não transmitte ao futuro
O buril
Da *seria* historia
Mas sim, o menos seguro
Canal que segue a memoria,
E a que chamam — tradições,
As quaes muitas vezes são
Deducções
Das idéas bem sabidas,
Das obras mais conhecidas,
Que teve e fez sem questão;
Mytho, emfim, que envolve o heroe
E nos ajuda a julgar
O que em verdade elle foi.
D'estas uma vou contar.

Negociante da praça
De Lisboa, vendo perto,
Quasi imminente, a desgraça;
Nesse aperto
Se valeu

D'alguem, que lhe prometteu
Recomendal-o ao Marquez:
— Um bom empenho (expressão
Que talvez,
Nesta accepção,
Só se encontre em portuguez.)
Decorre tempo: ninguem
Da parte d'elle lhe vem
Cousa alguma prometter.
Já nenhum negociante
Se vai na praça metter
Com parceiro semelhante.
Tudo d'elle se desvia,
Como out'rora se fazia
Com os miseraveis leprosos.

Ás horas da praça um dia,
Quando andavam aguçosos
Os outros em seus negocios,
E o pobre cortindo ocios,
Qual do desalento a imagem;
Eis pára uma carruagem,
E lacaio agaloado
Entra muito asafamado
Dizendo: — «O sr. Marquez
Procura o sr. Fuão.»
D'uma vez
Mudam-se as scenas então.
Todos pasmam, todos vão
Chamar o afortunado.
Este depressa correu
Encantado
Ao Marquez, que o recebeu
Á portinhola e lhe disse
Muito pouco, quasi nada,
Salvo que não succumbisse,
Pois em breve melhorada
A sorte havia de ter;

E o deixou
Sem mais dizer.
Despedido assim, voltou
Elle bem pouco animado;
Porém com assombro vê
O que muito a custo crê,
Como tudo está mudado!
São attenções, sympathia,
Á porfia;
Em vez de antigos desdens,
Calorosos parabens;
Mais d'um á parte lhe jura
Estar todo ao seu dispor,
Seja lá para o que for.
Tudo emfim se transfigura;
E o triste, em vez de quebrar,
Pôde fortuna lograr;
Isto devido ao Marquez
Que, afinal, tão pouco fez!

Que vezes é só preciso
Um sorriso,
Um benevolo olhar
D'aquelle que póde ou tem,
Para logo se salvar
Do abysmo um homem de bem (349)!

FABULA 350.ª

A preta bonita

Feia qual a noite escura,
Preta dos quatro costados
(Excellente creatura)

Vivia, em tempos passados,
Em Coimbra. Os estudantes
Gostavam de caçoar,
Como era o costume d'antes.
(É mais alto o seu pensar
Hoje, que a troça aos b'roeiros
Dos caloiros:
Muito menos zombeteiros
Aspiram a outros loiros;
Pois raro talvez será
Aquelle que não está
Meditando grande plano
Para o mundo reformar,
—*Obra que se elle a acabar,*
Feliz do genero humano!)
Naquelles tempos porém
Problemas taes não solviam;
Cabulavam,
Estudavam
E tambem se divertiam
Caçoando
(Não direi que sempre bem.)
A muitos, da preta andando
Na rua, de lhe dizer
Ás vezes vinha a lembrança:
—«Que pretinha tão bonita!
Tão catita!
Quem m'a dera em casa ver!»
Ella então muito se ria
E dizia
Á vizinhança:
—«Sei que sou feia a valer;
Porém que lhe hei de fazer?
Gósto de assim os ouvir.»

Ninguem se lembre de rir
Da tal preta.
Quanta pêta

Não gostará de engulir,
Quanta insulsa louvaminha,
Se lhe coça a burbulhinha?
E (aqui muito á puridade)
Onde estará a maldade?
Dado sem fins de enganar,
Ao louvor não vejo mal
Que se deva censurar.
Com geito e moderação,
É signal
De ter boa educação.
Verdades nuas
E cruas,
Não sendo a tanto obrigado,
Só as diz um mal-creado (350).

FABULA 351.ª

O pintor e os miolos

Para pintar bons paineis
Uteis são tintas, pinceis
Dos melhores,
E telas das mais perfeitas:
Pinturas porém famosas,
Primorosas,
Noutras eras foram feitas
Com meios bem inf'riores
Aos que hoje por ahi vemos;
E ninguem dirá que temos
Mais peregrinos pintores.
Póde muito a applicação
De taes meios: todavia,
Se faltar a inspiração,

Será menos efficaz.
Aperfeiçoa, não cria,
Nem vejo a isto excepções:
Com pouco, pouco se avia;
Do nada nada se faz.

Farto das perseguições
De principiante teimoso,
Que pouco geito mostrava,
Um pintor muito famoso
E entre os primeiros havido
Por seu bello colorido,
A quem o outro não largava,
Sempre e sempre a perguntar
Que havia de misturar
Na palheta ás suas côres,
Para lhes poder juntar
Os macios, os vigores
Que as telas d'elle animavam
E incomparaveis tornavam?
—«Miolos» lhe respondeu!»

Cada um para o que nasceu (351).»

FABULA 352.ª

O habito e o monge

—Não faz o habito o monge,
Nem turbante faz o moiro—
É verdade: mas, de longe
Tudo quanto brilha, é oiro;
E tal ficará de certo
Para quem nunca de perto

O observar com criterio.
Assim passará por *serio*
Homem que nunca se ri.
E quantas vezes eu vi
Tido em conta de illustrado
Um parvo, sempre calado;
Com a cabeça a menear
Só respondendo ao que ouvia,
E um sorriso
Que ora podessem tomar
Por applauso, e ora não,
Segundo a opinião
De quem via
Alli mais qualificado?
Em todo o caso é preciso
Que cada qual represente
(Se aspira a ser respeitado)
Neste mundo o seu papel
Da maneira mais decente:
Ou póde lição cruel
Deixal-o bem convencido
De quanto andava illudido.

Dois deputados vieram
Da provincia, e se metteram
(Não havia hoteis então)
Em casa d'um cidadão,
Amigo seu, morador
Em travessa
De mui raro viador;
E defronte de barbeiro
Politicão
E palreiro,
Como ainda muitos são.
—«Nada vejo que me impeça
De ir fazer a barba alli,
Tal e qual estou aqui,
De chinellos, sem chapeo»

Disse um quando amanheceu:
«Esta rua é um deserto.»
—«Não irei assim, de certo»
O outro lhe respondeu:
«Vá indo, que eu depois vou.»
Assim foi. O tal barbeiro
Começa logo o primeiro,
Que chegou,
A barbear.
Depois de se preparar
(E esmeradamente o fez)
Entra o outro. Assim que o viu,
A elle se dirigiu
O mestre; e ao apprendiz
Sem mais preambulo diz:
—«Avia aquelle freguez
Que alli 'stá, emquanto eu vou
Barbear este senhor.»
—«Essa agora é que é melhor!»
Fulo o outro lhe bradou:
«Pois então
Quer deixar-me a barba em meio,
Por quem depois de mim veiu,
Só por ser um figurão?»
—«Nenhumas explicações»
Responde o mestre com entono:
«Agora lhe quero dar.
Em loja de que eu for dono,
Haverá sempre attenções
Com quem m'as deve mer'cer.
Se conta lhe não fizer,
Desde já póde marchar (352).

FABULA 353.ª

A raposa e as uvas

Raposa pouco matreira,
Depois de muito saltar
E de bastas vezes dar
Com as costas no duro chão,
Ás uvas de alta parreira
Tentando ver se chegava:
Porfim, já desenganada
De que o intento se baldava,
Exclamou:—«Verdes estão;
Nem maduras valem nada.»

Mal-creado (dos que dão
O nome de independencia
Á mais grosseira insolencia)
Dizia perante um velho
Muito honrado
E que fôra agraciado
Com uma carta de conselho:
—«Pasmo como os conselheiros,
Que ahi vemos aos milheiros,
Quando se encontram e fallam
Ficam serios, não estalam
De riso!...»—Pois em verdade
Muito rimos e a bom rir»
Torna o velho: «da maldade
De invejosos zombeteiros,
Que nem podem conseguir
Ser uns tristes conselheiros (353).»

FABULA 354.ª

Os tólós

Victima da ingratidão,
Abhorrecendo a maldade,
Que alguem fuja a sociedade
E, tolhido de verter
Os prantos do coração
No seio d'uma mulher,
D'um amigo, d'um irmão,
Busque em toda a natureza,
Mas longe da humanidade,
Allivio á sua tristeza;
Ou escolha um animal
Que lhe seja lenitivo
No meio da soledade:
Sentimento é natural.
Mas preferir sem motivo
Um cão, um bruto qualquer
Ao homem, seu semelhante;
E ao que, talvez não distante,
Por falta de pão, soffrer;
Ao desgraçado doente,
Á creança abandonada:
É sómente
Um tristissimo signal
De cabeça transtornada,
De depravação moral.
Mas deixemos esse mal;
D'outro pretendo fallar.

Em Londres houve um sujeito,

Que tinha o saber e o geito
De cães fraldeiros curar.
É de todos bem sabido,
Que os brutinhos
Pelas damas adorados
(Para de homens não fallar)
Soffrem por haver comido
Acepipes e bolinhos,
Por muito apaparicados.
Cão doente,
Era immediatamente
O grande doutor chamado.
Lá corria
Mister Smith asafamado
E compungido dizia,
Mal olhava o tótósinho:
—«Oh que joia! que lindeza!
'Stá muito mal, coitadinho!
Mas tenho a firme certeza
De que ha de voltar curado...»
E num cestinho o mettia,
Que trazia,
Bem forrado
De setim acolchoado.
Logo em casa lhe pegava
Pelo rabo, e o atirava
A um grande pateo que tinha.
Alli, com mais companheiros,
Em vez de caldo e gallinha
Achava ossos e pão,
Por cama palhas no chão;
E, além d'isso, uns enfermeiros
Munidos de bom chicote
Faziam todos andar
A certas horas, a trote
De estafar.
D'isto tudo o resultado
Era o cão,

Que nem um pêro, ficar
Dentro em pouco tempo são!
Logo bem ensaboado,
No cabazinho mettido,
Á *lady* restituido
Era; e a mão generosa
Pouco achava
O muito que ao doutor dava
Pela cura milagrosa.

Quantos tótós de dois pés
Ahi vês,
Incapazes, enfezados,
Que ficariam curados
E tendo muito valor,
Se a tempo fossem tratados
Por competente doutor (354)?

FABULA 355.ª

A economia

Para um ente racional,
Não tendo o instincto do mal,
Estragar
Não é gozar.

Um homem remediado
Vivia com o seu creado
E na melhor harmonia,
Salvo quanto a economia;
Pois, vendo algum desperdicio,
Se indignava

E muito azedo ralhava
(Ralhar, ás vezes, é vicio
E raro póde ser bom:
Em regra, é tempo perdido;
Vai-se acostumando o ouvido
Áquelle mais alto som,
E já não produz effeito.
Se um creado tem defeito,
Se cai numa falcatrua
E, tendo sido avisado,
Não o vemos emendado;
É melhor pôl-o na rua
Sem mais gritos
Nem conflictos.)

Certa commissão um dia
Para fim caritativo,
Á porta lhe foi bater;
E, ácerca de ninharia
Se perder,
Ouviu um *recitativo*
Entre o servo e o seu patrão.
Com agrado recebidos
Immediatamente são;
E pasmados
Todos ficam
Com os soccorros off'recidos,
Tantos que não os explicam,
Do dialogo lembrados!
Vendo aquella admiração
O homem diz: — «A razão
Ahi tem do meu ralhar:
Pois, se eu não fosse poupado,
Estava agora privado
De os poder auxiliar (355).

FABULA 356.ª

O gigante anão

Um anão muito famoso
Corria o mundo a mostrar-se
Ninguem podia fartar-se
De o ver, de o celebrar:
Tanto elle era singular
De pequenino e formoso!
E por graça
—Alcides—fôra alcunhado.
Muito diff'rente na raça
Um perfeito mocetão,
De força herculea, fazia
O mesmo e, acaso, alojado
Ficára na hospedaria
Onde estava o tal anão.
Uma dama da cidade,
Curiosa em demasia
(Como, aqui á puridade,
Ainda as ha hoje em dia)
Vencida da tentação
Do *micrómegas* mirar,
Lá foi: porém perguntou
Pelo Alcides. O porteiro,
Sem da alcunha se lembrar,
A levou
Ao verdadeiro.
Ao ver quanto ella pasmou,
Percebeu este o engano
E lhe diz com ar magano:
—«Queira sentar-se, senhora:

Sou aquelle a quem procura.
Só por mera utilidade
Lá por fóra
Me encolho nessa estatura
Tão pequena;
Mas, sendo desnecessario
Em casa, estou á vontade,
O que assim me desempena...»

Quantos ha, pelo contrario,
Impostores e pedantes,
Que fingem uma estatura
Da sua muito diff'rente!
Emquanto essa illusão dura,
De longe enormes gigantes
Para quasi toda a gente;
Vistos de perto, uns pigmeus
Que só enganam sandeus (356)!

FABULA 357.ª

A aguia e a andorinha

—«Eu sou capaz de voar
Sem parar
Um dia inteiro, e tu não»
Disse á aguia a andorinha:
«D'onde vem, pois, que rainha
Das aves és acclamada?
Que razão
Haverá num tal despacho?»
—«Porque eu chego quasi ao céo,
E tu vôas muito baixo,
Pouco te afastas do chão;

É só porisso, e mais nada:»
A aguia lhe respondeu.

Bem pouco vale escrever
Em verso ou classica prosa
Muita cousa,
Se no fundo não houver
Tambem alguma valia.
Certo critico dizia
D'um auctor muito fecundo:
—«Sabe a nossa lingua a fundo;
Mas nem inda uma só vez
Soube elle o que pretendia
Escrever em portuguez (357).»

FABULA 358.ª

O nivel differente

No tempo em que a *senhoria*
Tanto de certo valia
(Senão mais)
Como vale a *excellencia*
Hoje em dia,
Em que todos são eguaes;
Cidadão,
Muito forte na sciencia
Difficil da precedencia,
Fallando com figurão,
O qual, segundo entendia,
Não gozava de excellencia,
O tratou de senhoria.
Este, quando respondeu,
Sem hesitação lhe deu

De excellencia o tratamento.
O primeiro,
Vendo que elle se doía,
Ou por lhe ser lisongeiro
O ouvir-se assim tratado,
Muda no mesmo momento
E excellencia lhe vai dar.
Mas ficou
Muito pasmado!
O outro tambem mudou,
E lhe volta senhoria!
Muito a lucta duraria
Sem ter geito de acabar,
Se o segundo não pedisse
Ao outro que decidisse
Em que haviam de ficar.
—«Eu, de qualquer tratamento»
Lhe diz elle: «me contento;
Todos me são indiff'rentes,
Comtanto que o seu
E o meu
Fiquem sempre bem diff'rentes.»

Hoje rimos do que fomos;
Amanhã, do que hoje somos.
Não é mais ajuizado
O presente que o passado.
Ouro é o que ouro val',
Seja papel ou metal.
Desappareçam embora
Senhorias, excellencias;
Tudo fica como agora:
Sempre haverá precedencias,
Que não podem acabar.
Ao antigo nascimento
Succeda o merecimento
(Assim o podesse eu ver,
Mas inda tem de tardar...)

Entretanto desafio
Um homem que tenha brio
A dizer
Que não se ha de maguar
Quando o forem collocar
Ao lado
D'um mal-creado,
Chumeco, vil besuntão,
Ou conhecido intrujão (358).

FABULA 359.ª

O rebanho e o lobo

Um carneiro
Grande e bello,
Do que tinha de ouro o vello,
Quem sabe se descendente?
Vendo o rebanho a tremer
Por nenhum amparo ter
(Descuidoso o pegureiro
'Stava ausente
Do seu gado,
E afastara-se o rafeiro,
Do mau exemplo levado)
Lhe disse com arreganho:
—«Se acaso algum lobo vem,
O que tem?
Não será elle tammanho,
Tão feroz
E tão valente,
Que possa mais do que nós:
Os cornos valem o dente.
Mostrar-lhe, unidos, havemos

Que forças mais que elle temos,
Dando-lhe conta da raça:
Basta que com brio faça
Cada um o seu dever.
Eia pois, se elle vier,
Nunca mais seja eu carneiro,
Se primeiro
Não o for logo atacar.
Assim que elle me filar
(Pois é certo que me fila)
Se nenhum então vacila,
Á marrada
Convidado
O façanhudo malvado
De certo que larga a ossada.»
Juraram todos vencer
Ou morrer.
Chega um lobo: e o tal carneiro,
Cheio de brio guerreiro,
Corre a elle destemido,
Como havia promettido,
E o pretende combater:
Mas de ninguem é seguido.
Cada qual foge a tremer,
Tratando de se salvar
Sem dos outros lhe importar;
E o carneiro pateou,
Poisque nelles se fiou.

Deve notar quem ler isto,
Que o homem tem sido assim
Antes e depois de Christo;
Um egoista ruim
Que, porisso, ha de soffrer
Todo aquelle que o quizer
Barbaramente explorar!
Trata só de se salvar
E do p'rigo se sacode;

Dos demais não se lhe dá,
Ou mui raro lhes acode.
No seu egoismo immundo,
Se a alguem vê espesinhar,
Sem vergonha diz:—«Eu cá
Para emendar este mundo
Não nasci; deixal-o ir
Como quizer.» Desconhece
O que o verdadeiro int'resse,
Não menos que a sã justiça,
Lhe devera suggerir:
Que para o homem viver
Na sociedade, carece
De combater
Sem cessar
Em toda a parte a injustiça,
Quantas vezes appareça;
Quer ella lhe seja avessa,
Ou quando os outros lesar;
Pois, se hoje somos por vós,
Amanhã sereis por nós (359).

FABULA 360.ª

A justa defesa

Certo cão
De estimação,
Como se diz, atacou
Um soldado em sentinella.
Este logo com a baioneta,
Que lhe espeta
Na guela,
Sem mais cer'monia o matou.

É o soldado
Accusado
Pelo dono ao commandante.
—«Você foi muito adeante
Do que lhe era permittido;
Devia ter reflectido
Que bastava defender-se
Com a c'ronha da arma, e abster-se
De ir logo assim ás do cabo»
Este lhe diz asp'ramente.
—«Mas olhe, meu capitão!»
Volta o soldado; «o tal cão
Contra mim vinha com a frente,
Nanja o rabo;
E mostrava cada dente!...»

—Pelo caso que se faz
A pergunta, se responde —
Sendo eu muito rapaz
Apprendi, já não sei onde.
Que se deve responder,
D'esta mesma regra infiro:
Ás venias, com cumprimentos;
Com razões, aos argumentos;
Ao orgulho, com desdem;
Com os dentes a quem morder;
E com um tiro
Ou cousa que o valha bem,
Ao que nos venha infamar
Ou queira a vida tirar (360).

FABULA 361.ª

Os juizos oppostos

De vinho muito afamado
Um tonel fôra atacado
Por certo mal—um sabor
Que lhe tirava o valor.
Para remedio lhe dar
Manda o lavrador chamar
Dois peritos mui famosos,
Serios ambos e zelosos
Em cumprir o seu dever.
Provado depois de ter
O vinho, um affirmou
Que percebia, sem erro
O tal gosto ser de ferro
Que cahira no tonel:
O outro sobre o pichel,
Que consentia, jurou
Em lhe chamarem caloiro
Se o sabor não era a coiro.
E assim
Aquella junta deu fim
(Como ellas costumam dar)
Sem nada se aproveitar.
Quando o tonel se vasou,
Alguem na borra encontrou
Chave de ferrugem cheia
E na argola... uma correia.

Sobre assumptos controversos
Póde juizos haver

Mui diversos,
E não deixarem de ser
Verdadeiros; dependente
Cada um d'elles da diff'rente
Aptidão do julgador
Em saber descortinar
Uma ou outra qualidade
A que dá pêso maior.
A verdade
Só se chega a alcançar,
Só resulta d'essa lucta,
D'essa renhida disputa
Levada á saciedade (361).

FABULA 362.ª

Os dois imitadores

—Quem boa fama crear
Póde em paz ir-se deitar
E dormir mui descançado—
Bem corriqueiro dictado.
Mas nem sempre o seu sentido
É de todos percebido;
Pois sómente nos aponta
Como se julga em geral,
Tanto monta
Que se pense bem ou mal.
Ora mal (infelizmente)
Pensa a mór parte da gente.
E d'este modo julgou
No caso que se passou
Entre dois actores dos taes
Que o fallar ou o grunhido
Imitam dos animaes.

Um já muito conhecido,
Constantemente applaudido
Pelo povo embasbacado,
E sempre considerado
O maior
Alli e por toda a parte
Naquella famosa arte,
Um dia desafiado
Foi por outro imitador.
Sôa a hora do certame!
O portento,
Mal ao palco tem subido
E declarado o intento
D'um bacorinho imitar,
É logo, sem mais exame,
Com mil palmas acolhido
Inda antes de começar.
Imitou
(E muito mal)
Novos loiros alcançou.
Eis que apparece o rival,
Pretendendo arremedar
Com a voz o mesmo animal.
Começou,
Porém não pôde acabar,
Tal pateada levou!
—«Parvos!» lhes brada tirando
Do gabão
Um verdadeiro leitão:
«Aqui tendes vós o actor
A quem estais pateando...!»

Pois nem assim por vencido
Do contendor
O partido,
Se confessa. Eil-o gritando:
—«Que o sublime imitador
A natureza excedia

E que o suino animal,
Se grunhia,
Era muito e muito mal!»

Se de Virgilio ou de Homero,
Ou d'outro classico auctor
Que citar aqui não quero,
Alguma passagem for
Destempero,
Um solemne disparate,
(Erro talvez de copista)
É belleza, sem debate;
Um primor!
Ignaro controversista
Será e bem temerario
Quem defender o contrario.
Não lhe consentem negar
A verdade do traslado.
'Stá julgado
Sem appêllo.
E, se logra demonstrar
Que tomam como belleza
O que é contrario ao modêlo,
Isto é, á natureza
E aos principios da razão;
Respondem 'star o talento,
Alvo só de admiração,
Acima de julgamento;
Nem ao menos percebendo
Que o julgam, assim dizendo (362).

FABULA 363.ª

As orelhas da lebre

A cem leguas desterrado
Da residencia da côrte,
E sob pena de morte,
Por decreto promulgado
Reinando certo leão,
Foi todo o animal ornado
De galhos de qualquer sorte.
Nunca se soube a razão
De se tomar tal medida
(A meu ver, bem entendida,
Poisque detesto as marradas
Que aos milheiros ahi dão
Sem razão
Pessoas... civilizadas.)
O certo é que os galhudos,
Quer pequenos quer graudos,
Trataram de se mudar
Sem esp'rar
Por segunda intimação.
Mui timorata uma lebre,
'Stando ao sol, toda se assombra
Das orelhas vendo a sombra;
Fica logo a arder em febre
Não fossem taes espantalhos
Accusados de ser galhos.
Feitas estas reflexões,
Mui serias, com os seus botões,
Trata logo de emigrar:
Antes porém visitar

Vai a uma certa coelha
De quem era amiga velha
E d'ella se despedir
—«Adeus! que me vou embora.»
—«E porquê? onde quer ir?»
—«Vou por esse mundo fóra;
Podem elles confundir
Galhos e orelhas, e assim
Dar tambem cabo de mim.»
—«Safa!» responde a coelha:
«T'arrenego!
O que não destingue a orelha
Do galho de certo é cego.»
—«Peior quem não queira ver»
Torna a lebre: «Lá vão leis
Onde vós, juizes, qu'reis.
E bem me podem dizer
Que na letra da tal lei
Por certo não estou eu,
Mas sim no 'spirito seu,
E que d'isso pouco sei.
Ou talvez nem digam nada,
Como fazem muita vez
Aos fracos suas mercês:
Safo-me pois á calada.»

Quanta coisa interpretada,
E ora assim ora assado,
Segundo o interessado
Vale menos, vale mais,
E isto até em tribunaes (363)!

FABULA 364.ª

O inspector de incendios

Valioso predio ardia!
Para lá o povo em barda
E turbamulta corria;
Da jaqueta até a farda,
Incluindo o aguadeiro,
Ninguem quer ser derradeiro.
Para o fogo debellar
Todos correm de vontade.
Todos... não; pois um faltava
(Na verdade
Falta muito de estranhar!)
Dos incendios o inspector
Bastante longe morava,
E d'ahi o seu tardar.
—«Não se póde isto soffrer»
Alguem disse:
«Esse senhor
Dos incendios muito perto
Devia sempre viver.»
Ouvindo o dicto um *esperto*
O tomou por bernardice;
E, espalhando-o sem demora,
Desde então até agora
Ninguem deixa de se rir
Quando o ouve repetir.

A fórma que ao pensamento
Elle deu de certo é má:
Mui facil porém verá
Quem reflectir um momento,

Que o homem qu'ria dizer:
—«Aquelle que de acudir
De prompto tem o dever,
Longe não deve habitar
Do local
Onde haja de o cumprir.»
Devia o inspector morar
No logar
Que ficasse o mais central
Possivel do povoado,
Achando-se assim presente
Quasi que instantaneamente,
E jamais em sitio ermo
Ou fóra de villa e termo.

Ao seu dever dedicado
Tenha cada qual de nós
Pelo mais serio cuidado
'Star prompto á primeira voz (364).

FABULA 365.ª

As caçoadas

Quando caloiro eu cheguei
A Coimbra, ainda havia
Aos caloiros caçoadas,
Mais ou menos abrutadas.
Sempre d'ellas escapei;
Deixar, porém, não podia
De indignar-me quando via
Os vis, torpes desacatos
Que de covardes novatos
Os caloiros supportavam.

Mas fiquei mais indignado
Quando, aquelle anno passado,
Vi que os que tinham soffrido
Caçoavam
O caloiro desvalido,
Com a mesma brutalidade
E falta de coração
Que com elles tinha havido.

Foi a primeira noção
Do valor da humanidade
Que alli tive: desde então
Repetiram-se as lições.
(Eu não fallo de excepções,
Mas sim da regra geral.)
Quem mais se queixa do mal
Não tardará em fazer
O mesmo ou talvez peior:
Mau senhor
O que foi escravizado;
Raro dará com prazer
Quem já se viu obrigado
A pedir;
Martyr, hoje perseguido,
Amanhã vai perseguir,
Esquecido
Da intolerancia soffrida
E do odio que lhe tinha...
Tal é o quadro da vida,
Poucos ha que exceptuar!
Felizes e desgraçados
Todos da mesma farinha
Amassados
Foram no mesmo alguidar (365).

FABULA 366.ª

O organista e o sacristão

Tocava, e até muito bem,
O orgão certo organista,
Ajudado d'um sacrista
Que tocava elle tambem
(Mas os folles.) Ora um dia
Em que festejavam santo
Graúdo na freguezia,
Houve-se com tal mestria
(Já se sabe qual dos dois)
Que deixou tudo em encanto.
Do gaudio na expansão
O sacristão
Lhe gritou:
—«Sabemos o nome aos bois!»
E depois
Nos braços o apertou.

O homem tinha razão;
Sendo só para notar
O seu muito exaggerar.
Todo aquelle que labora
Segundo a sua aptidão,
Seja em que trabalho for,
Do resultado final
Tem direito a algum quinhão,
Muito embora
Desegual
Comparado com os demais,

Ou de quem o fez melhor,
Ou de quem trabalhou mais.
Na amarração d'um navio
Tem valor o menor fio (366).

Fim das fabulas.

INDICE ALPHABETICO DAS FABULAS

FABULAS	PAG.
Abelha (a) e o cuco..	519
Abutres (os) e os pombos.....	545
Aguia (a).....	164
Aguia (a) e a andorinha	593
Aguia (a) e o mocho..	172
Alabardas (as) e as albardas.....	164
Almirante (o).....	460
Altos (os) e os baixos.	245
Amphora (a).....	312
Anão (o).....	513
Andorinha (a) e os passarinhos.....	205
Animaes (os) atacados da peste.....	30
Aranha (a) e a andorinha.....	284
Aranha (a) e o bicho da seda.....	458
Aranhas (as) e as boas novas.....	242
Arco (o).....	79
Argueiro (o).....	215
Arminho (o) e o porco	38
Arroz (o) doce dos Franciscanos.....	379
Arvore (a) dos pomos de ouro.....	348
Asno morto.....	511
Astrologo (o).....	80
Avarento (o).....	299
Avestruz (o).....	107
Banqueiro (o) e o remendão.....	493
Beneficios (os).....	67
Bicarbonato (o).....	504
Bichas (as).....	464
Bilhete (o) de visita..	345
Binoculo (o).....	461
Bitola (a).....	428
Bodes (os) e as cabras	391
Boi (o) e a cigarra...	445
Bolota (a) e a melancia.....	483
Bom criterio (um)....	559
Boticario (o) e os remedios.....	359

FABULAS	PAG.
Burro (o) e o cão	35
Burro (o) e o cãosinho	20
Burro (o) carregado de reliquias	28
Burro (o) com a pelle do leão	246
Burro (o) e o eclipse do sol	347
Burro (o) e o espelho	243
Burro (o) e o seu dono	146
Burro (o) flautista	82
Burro (o) (trilogia)	170
Busto (o) e a raposa	141
Cabeça (a) e a cauda da serpente	550
Cabras (as)	103
Caçoadas (as)	607
Cães (os) e o leopardo	436
Cães (os) valentes	210
Caloiro (o) armado e desarmado	575
Calvo (o) e a mosca	408
Camelo (o)	24
Caminho (o) a seguir	500
Camisa (a) do homem feliz	288
Canna (a) do foguete	36
Canniço (o) e o carvalho	965
Cão (o) e a sombra	544
Cão (o) com as orelhas cortadas	134
Cão (o) culpado	197
Cão (o) desenganado	162
Cão (o) fiel	331
Cão (o) levando o jantar do dono	398
Cão (o), o lobo e o pastor	234
Capote (o)	358
Carangueijo (o) e o filho	516
Carapuças (as)	516
Caridade (a) economica	510
Carriça (a)	232
Carro (o) atolado	42
Carvalho (o)	352
Carvalho (o) e o canniço	55
Cautela (a)	287
Cavallinho (o) do xadrez	454
Cavallo (o) e o toiro	123
Cavallo (o) e o veado	99
Cego (o) e o paralytico	437
Chaparral (o)	208
Charlatão (o)	577
Chiqueiro (o)	260
Chuva (a) fatal	521
Cigarra (a) e a formiga	548
Coelho (o) e o ouriço	173
Concerto (o)	303
Congresso (o) dos ratos	416
Conselho (o)	360
Conselho (o) de Salomão	536
Cordeiro (o) protegido	60
Cordeiro (o) tosquiado	175
Côrte (a) do leão	32
Corvo (o) e a aguia	372
Corvo (o) e a raposa	93
	430

FABULAS	PAG.
Corvo (o) querendo imitar a aguia.....	364
Coruja (a).....	439
Cotovia (a) e o dono da seara.....	554
Coxos (os) e os gagos.	70
Crocodilo (o) e a cegonha.....	438
Culpa (a) armada....	219
Cysne (o) e o cosinheiro.....	12
Deputado (o) em herva.....	203
Desmoralização (a)...	259
Difficuldades (as) vencidas.....	573
Dilemma (o).....	528
Divisão (a) do trabalho	189
Dó (o) do peito.....	563
Doido (o) vendendo juizo.....	392
Dois (os) calvos.....	294
Dois (os) coelhos....	431
Dois (os) dragões....	56
Dois (os) imitadores..	601
Dois (os) machos.. .	40
Dois (os) philosophos.	310
Dois (os) ratos.....	176
Dois (os) sujos.....	50
Dois (os) viajantes...	485
Dotes (os) das fadas..	119
Duas (as) cadellas....	64
Duas (as) lagartas....	411
Duas (as) panellas....	132
Dupla (a) demonstração.....	118
Economia (a),.....	590
Educação (a).....	121
Encontro (o).....	153
Escalracho (o).....	422
Escolha (a).....	393
Esculptor (o) e o invejoso.....	4
Esopo e o burro.....	231
Esopo e o parvo.....	307
Espadim (o) e o espêto.....	193
Espelho (o) da verdade.....	482
Espinheiro (o).....	353
Estatuario (o).....	180
Exequias (as) da leoa.	446
Extremos (os).....	222
Falcão (o) e o frango.	152
Fanfarrão (o).....	371
Fatalismo (o).....	489
Fogão (o).....	285
Frades (os) de sabugo	425
Frades (os) que se regalem!.....	323
Fundador (o) e o conquistador.....	194
Gallinha (a) cega.....	135
Gallinha (a) e os patinhos.....	275
Gallo (o) e a raposa..	308
Gallo (o) e o pavão...	69
Gallo (o) fanfarrão....	328
Gamão (o).....	516
Gamella (a).....	37
Ganso (o).....	185
Gato (o) e a rata velha.....	115
Gato (o) e o espelho..	74

FABULAS	PAG.
Gato (o) e os ratos...	564
Gigante (o) anão.....	592
Gigantes (os).....	537
Gralha (a).....	130
Gralha (a) depennada.	492
Grande (a) razão.....	327
Grillo (o) e o rouxinol	91
Guitas (as).....	413
Habito (o) e o monge.	584
Hera (a) e o tomilho..	184
Hercules e Juno.....	191
Historia da machadinha.....	525
Homem (o) e a cegonha.....	419
Homem (o) e o lobo..	473
Homem (o) e a mula.	105
Homem (o) e a raposa	342
Homem (o) e as moscas	376
Homem (o) e os animaes.....	124
Hortelão (o).....	334
Hortelão (o) e os caçadores.....	18
Idolo (o) e o cão venerador.....	330
Inspector (o) dos incendios.....	606
Inundação (a).....	53
Jantar (o) e o cosinheiro.....	535
Jardineiro (o) e as flores.....	556
Jardineiro (o) e os caracoes.....	34
Javardo (o) e os passarinhos.....	66
Jogadores (os).....	561
Jogo (o).....	63
Juiz (o) *ad hoc*.....	225
Juizos (os) oppostos..	600
Jupiter e Apollo.....	120
Justa (a) defesa.....	598
Ladrões (os) e o burro	279
Lagarta (a) e o bicho da seda.....	214
Lavrador (o) e o filho	533
Leão (o) com a albarda do burro.....	247
Leão (o) doente e a raposa.....	509
Leão (o) e o burro á caça.....	10
Leão (o) e o homem..	151
Leão (o) e o moscardo	83
Leão (o) e o mosquito	73
Leão (o) e o rato....	518
Leão (o) indo para a guerra.....	543
Leão (o) moribundo..	14
Leão (o), o lobo e a raposa.....	6
Lebre (a).....	47
Lebre (a) e a tartaruga.....	335
Leiteira (a) e a bilha de leite.....	406
Leoa (a) e a coelha..	230
Leopardo (o) e o macaco.....	395
Livros (os) truncados.	377
Lobo (o), a raposa e o urso.....	520
Lobo (o) e a cegonha.	10

FABULAS	PAG.
Lobo (o) e a velha...	98
Lobo (o) e a viola ...	137
Lobo (o) e o cão.....	226
Lobo (o) e o cordeiro	8
Lobo (o) e o homem.	238
Lobo (o) e os pastores	374
Lobo (o) feito pastor.	94
Lobo (o) moribundo..	59
Macaca (a) e o filho..	479
Macaco (o) e a lanterna magica.....	381
Macaco (o) e o escravo.....	567
Macaco (o) e o golfinho.....	22
Macho (o) fidalgo....	362
Macieira (a) brava....	92
Manteiga (a) e a margarina.....	129
Manto (o) do santo...	89
Mar (o) e o naufrago.	89
Maré (a).....	143
Má vizinha (a).....	318
Medalha (a).....	572
Membros (os) e o estomago.....	472
Menina (a) e a abelha	444
Mestre (o) de dança..	524
Meu (o) e o nosso....	421
Milão de Crotona....	476
Milhafre (o) e o rouxinol.....	136
Mocho (o) e a aguia..	235
Mocho (o) e a lagarta.	552
Mocho (o) e o sapo..	449
Morcego (o).....	478
Mosca (a) e a formiga	502
Mosca (a) e a mula....	298
Mosca (a) e o veado..	365
Mulato (o).....	522
Mutua (a) apresentação	200
Nabos (os) e os grelos	333
Nariz (o) curado.....	351
Naufragio (o).....	313
Nivel (o) differente...	594
Noivo (o) e as duas noivas.....	457
Nuvem (a).....	316
Oculos (os).....	142
Odres (os) de vinho e os odres de agua...	570
Oiro (o) e o cobre...	161
Olhos (os) do dono...	424
Opinião (a) publica...	368
Orçamento (o).....	281
Orelhas (as) da lebre.	604
Organista (o) e o sacristão.....	609
Ostra (a) e os dois rapazes	314
Ouriço (o) e a dóninha	385
Ovelha (a).....	108
Ovelha (a) e o passarinho.....	84
Ovo (o).....	339
Pardaes (os).....	302
Pardal (o) prudente..	104
Pastor (o) e o mar...	16
Pastor (o) e o milhafre.....	465
Pastor (o) e o rouxinol.....	145
Pastor (o) e os passarinhos.....	277

FABULAS	PAG.
Pastor (o), o lobo, o burro e a raposa...	85
Pastores (os) e os lobos.....	13
Pato (o).....	97
Pavão (o) e Juno....	506
Pavão (o) e o corvo..	202
Pavão (o), os perús e o gato.....	83
Pêga (a) e a rôla....	271
Peixes (os) e o corvo marinho..... ..	474
Perola (a).....	402
Pesames (os).....	304
Pescador (o) e o peixinho	541
Philosopho (o) e o mocho.....	62
Pinheiro (o) e a cunha	501
Pintaroxo (o).....	441
Pintor (o) e o sapateiro.....	558
Pintor (o) e os miolos	583
Poeta (o) e o critico..	405
Pomba (a) e a formiga	450
Porco (o) e o carvalho	116
Prégo (o) e o parafuso	366
Premios (os).....	268
Presos (os) innocentes.	250
Preta (a) bonita.....	581
Pretendente (o).....	325
Proprietario (o) e o operario.....	574
Protecção (a) do marquez.....	579
Protesto (o).....	211
Quéda (a).....	503

FABULAS	PAG.
Questão (a) da precedencia.....	76
Rã (a) e o toiro.....	48
Rachador (o) e Mercurio.....	26
Raposa (a).....	331
Raposa (a) côta.....	253
Raposa (a) e a cegonha	291
Raposa (a) e as sarças	345
Raposa (a) e as uvas.	587
Raposa (a) e o bode..	100
Raposa (a) e o leão..	168
Raposa (a) e o lobacho	155
Raposa (a) e o lobo..	295
Raposa (a) e o lynce..	157
Raposa (a) e o macaco	54
Raposa (a) e o veado.	51
Raposa (a) moribunda	273
Rãs (as).....	101
Rato (o) e a ostra ...	252
Rato (o) e o elephante	399
Rato (o), o gato, o gallo e a rata velha.	158
Ratos (os) e as dóninhas.....	263
Rebanho (o).....	354
Rebanho (o) e o lobo.	596
Regato (o).....	505
Relogio (o) de parede	223
Remedio (o).....	427
Responsabilidade (a)..	220
Rio (o) e o dique.....	148
Rosa (a) e o monturo.	167
Rouxinol (o) e a cotovia.....	341
Rouxinol (o) e o beija-flor.....	166

FABULAS	PAG.
Rouxinol (o) e o milhafre	269
Saber (o)	547
Santo (o) e o frade	181
Santo (o) na aldeia	140
Sapo (o) e o pyrilampo	5
Satyro (o) e o viajante	514
Sciencia (a) e a experiencia	469
Serpente (a) e a creança	187
Serpente (a) e a lima	29
Serpente (a) e as rãs	512
Serra (a)	195
Ses (os)	434
Sino (o) e a sineta	293
Sol (o) e o homem	102
Solitario (o) e o idiota	409
Sorte (a)	383
Tempos (os) e os costumes	186
Toiro (o) e o veado	440
Toiro (o) e o vitello	147
Torrente (a) e o rio	138
Tótós (os)	588
Tres (os) avisos	403
Tres (os) desejos	386
Tres (as) leituras	432
Urso (o) civilizador	45
Urso (o) e os dois caçadores	343
Urso (o) e o macaco	43
Urso (o), o macaco e o burro	258
Valor (o) das cousas	459
Valor (o) do saber	452
Velha (a) e a gallinha	237
Velhice a) e a mocidade	532
Velho (o) e o burro	266
Velho (o) e os tres rapazes	466
Velho (o) e seus filhos	24
Verdade (a) e a fabula	1
Verdadeiro (o) thesouro	481
Zangãos (os)	337
Zangãos (os) e as abelhas	455

NOTAS AO FABULARIO

(1) **FABULA 1.ª**

—Valemos
Quanto par'cemos

O dictado diz muito bem: — O habito não faz o monge; — porém não é menos verdadeiro o outro — Quem não quer ser lobo, não lhe veste a pelle. — Julgamos pelas apparencias, ás vezes forçadamente, por não termos vagar ou interesse ou ainda possibilidade de julgar de outro modo. Se vejo um homem de maneiras delicadas e bem trajado, infiro que teve boa educação e que tem meios: devo porém tomar informações a seu respeito, se quizer conviver ou travar com elle intimas relações.

Quanto a cumprimentos, não exaggerados, necessarios são elles para se manter a convivencia indispensavel ao homem. Nem todos podem ser philosophos, occupar-se de estudos profundos e viver sós. A grande maioria precisa, depois do trabalho, de um remanso agradavel; e só o encontra na convivencia dos da sua egualha, onde circule aquella moeda que, mal se póde chamar falsa, visto não enganar ninguem.

—Depois de assim revestida

V.ª D. Francisco Manuel de Mello, *Carta de guia de casados;* onde um marido diz ironicamente a sua mulher,

muito casquilha, que até a respeita quando a vê não só vestida, senão *revestida*.

V.e fabulas 265.ª e 350.ª e notas respectivas.

(2) **FABULA 2.ª**

V.e Introducção, ácerca dos assumptos das fabulas.

(3) **FABULA 3.ª**

—Aproximou-se e cuspiu.

Parece que os sapos não cospem veneno, mas que lançam um liquido que, por muito acre, basta para matar os insectos de que se sustentam.

(4) **FABULA 4.ª**

O assumpto d'esta fabula é tirado d'um *fabliau* francez, que li em uma nota á fabula correspondente de La Fontaine e, a meu ver, com razão alli preferido ao que adoptou o grande fabulista. Em ambos elles, porém, o egoismo do leão é demasiadamente calvo; raro se apresentara assim. Preferi que aproveitasse a tangente lembrada pela raposa.

(5) **FABULA 5.ª**

—Culpas não ter no cartorio,
E morre sem oratorio.

Nem todos saberão que se trata do cartorio do escrivão que declarava, quando alguem queria mostrar-se livre de culpas, se o requerente tinha ou não algum processo crime por concluir no seu cartorio. Hoje pedem-se certidões do registo criminal.

O *oratorio* era ainda mais serio. Os condemnados á pena de morte passavam os tres ultimos dias *de oratorio*, isto é, preparando-se com as consolações e auxilios religiosos para a terrivel jornada.

Aqui o que quer dizer é—condemnado sem ser ouvido e executado immediatamente.

La Fontaine diz nesta fabula — *La raison du plus fort est toujours la meilleure*: deverá entender-se que mal se póde resistir ao mais forte, embora lhe falte razão? ou quiz o auctor fallar ironicamente? Procurei ser mais claro — Fuja o innocente do malvado com quem não póde luctar. O lobo esforça-se por mostrar ter uma tal ou qual razão que o auctoriza a vingar-se. Nisto a presente fabula é muito verdadeira: até os peiores procuram illudir a propria consciencia. Byron faz dizer ao seu Manfredo: «Cheguei a ponto de não justificar as minhas acções aos meus proprios olhos, ultima depravação da maldade!»

(6) **FABULA 6.ª**

—«Que tal?» diz o fanfarão

É tammanha a vaidade de certas creaturas, que até da ignorancia e grosseria se vangloriam!

(7) **FABULA 7.ª**

—Deixe-o ficar, que está bem.

Esta moralidade póde á primeira vista parecer *crua*: porém attenda-se a que se trata aqui de representar um malvado empedernido. Os outros animaes bem o conheciam e, porisso, o abandonavam. A cegonha acudiu-lhe com esperança na recompensa e ia levando o pago (bem merecido). Somos os carrascos de muitos entes nocivos ou ainda levemente incommodos; não o sejamos dos nossos semelhantes: mas não temos o direito de praticar a caridade com prejuizo alheio. Quem, reflectindo, iria coadjuvar a fuga de um Diogo Alves?

V. fabula 5.ª, 22.ª, 39.ª e notas respectivas.

(8) **FABULA 8.ª**

—Soltava deixando o mundo...

Os poetas da antiguidade, pelo menos alguns, diziam que o cysne quando sentia chegar a morte, soltava um canto melodioso: d'ahi o—derradeiro canto do cysne. Digo alguns, pois vejo em Virgilio (Eneida 1, 139) cysnes cantarem sem ser *in extremis*.

—Seu triste rondó final.

O rondó (com licença de quem sabe musica) parece, segundo li, ser—uma aria na qual ha duas ou tres repetições, depois de cada uma das quaes recomeça a primeira, que sempre termina a aria. Dou-o como o li. Se me fiz perceber, confesso que eu não percebo.

—É muita vez o melhor.

Nem sempre infelizmente. Porisso se diz: «Quem faz festa a gallegos...» Pessoas ha a quem boas razões não convencem nem boas maneiras captivam.

(9) **FABULA 9.ª**

—..... Fechado
Esteve o templo de Jano,

Quem fizer ler este livro a uma creança, queira explicar-lhe quando estava aberto ou fechado o tal templo. Eu é que não posso trazer para aqui toda a historia e toda a mythologia.

(10) **FABULA 10.ª**

—Vinham, letras protestadas,
Exigir o pagamento

Li este pensamento na historia da revolução franceza

escripta pelo inglez Carlisle. Nenhuma outra me tem satisfeito tanto, pela imparcialidade e bom senso do auctor.

—Sempre leão.

Vespasiano dizia que «um imperador deve morrer em pé.» (Suetonio, Duod. Caes. XXIV.)

—Em memoria da caçada.

Allude á fabula 4.ª

—(Era urso e *doutrinario*)

Como em mais occasiões tem de figurar nas presentes fabulas esta peste social, que é para a politica o que a hypocrisia é para a verdadeira religião, fallarei d'ella aqui mais detidamente, referindo-me depois a esta nota, cada vez que for necessario.

Doutrinarios (do francez *doctrinaires*) são os adeptos de um systema politico nascido nos primeiros annos da restauração em França; o qual, rejeitando o principio do direito divino dos reis e o da soberania absoluta dos povos, lhes substitue a soberania da razão, unico legislador verdadeiro da humanidade. Teve chefes illustres, taes como Royer Collard, Maine de Biran... Nada mais razoavel do que tal doutrina, e nada mais santo que os principios da Religião Christã: todavia esta serviu muita vez de capa a tartufos e malvados, e aquella aos astutos, egoistas e pedantes. Já Remusat, que fora da seita, dizia: «*Doctrinaire, être abstrait et insolent.*» (V. *Revue politique et littéraire*, de 22 de março de 1884.) Outro auctor francez disse d'elles que «não mettiam a doutrina no seu procedimento, porém este na doutrina.» Foram preponderantes no reinado de Luiz Filippe, e cavaram-lhe a ruina.

(11) **FABULA 11.ª**

—Que ninguem se chame pobre

Grande differença, no meu entender, ha entre—pobre—e—miseravel;—termos que na linguagem commum mui-

tas vezes se confundem. Todo o miseravel é pobre, mas nem todo o pobre é miseravel. O ser pobre depende até certo ponto da posição social, da educação do individuo, e de necessidades facticias. Neste sentido quasi todos são mais ou menos pobres. A miseria é a falta dos meios indispensaveis para se viver, ainda na posição mais infima.

—Pois menos que elles não valho

Esta philaucia tem causado a desgraça de muita gente, que imagina valer muito mais do que vale.

(12) **FABULA 12.ª**

—Para os figos afogar

Antigamente não se bebia café nem chá ao almoço, e em muitas terras ainda assim é. Conta Garcia de Resende (*Chron. de D. João II*, cap. 46) que o Duque de Bragança, degolado em Evora em 1483, almoçou no dia da execução «uns figos lampos e uma vez de vinho».—Quem quer figos, quem quer almoçar — gritam ainda hoje os que os vendem.

(13) **FABULA 13.ª**

—E os tammanhos differiam

Imaginem um burro do tamanho d'um ratinho: quanta graça muitos lhe achariam? Supponham um rouxinol com o corpo e alento d'um avestruz: quem o aturaria? Cousas ha que são engraçadissimas numa creança, mas intoleraveis num homem, e *vice-versa*.

(14) **FABULA 14.ª**

—Segundo Plinio, os golfinhos

Eram crenças d'aquelles tempos, e Plinio se refere a

ellas *(Hist. Nat.* IX, 8). Citei-o, como o fazia um celebre professor de materia medica que disse;—«Segundo Plinio, o mel é doce» e accrescentou: «Passemos á prova,» mandando correr uma tigela com mel pelos bancos dos estudantes, os quaes, já se sabe, molharam todos o dedinho provando e approvando a opinião do naturalista romano. A mania dos antigos de citarem auctores tocava as raias do ridiculo; e fez dizer a alguem que «era preciso ser muito erudito para escrever tão mal!»—Hoje recrudesceu tolamente a mania do *francio* para, como disse Diniz no *Hysope*,

«Mostrar ao mundo que francez sabemos.»

—Por não ficar ás escuras.

Contrapuz a escarnada realidade á poesia antiga. Dos golfinhos e d'outros cetaceos, bem como de alguns peixes, se extrahe uma gordura a que chamam—azeite de peixe.—Serviu e ainda serve em alguns paizes para alumiar. Lembro-me de assim ter sido feita, em tempo, a illuminação de Lisboa, que no seu genero era então das melhores na Europa.

—Descendemos de Theseu.

Theseu foi o fundador do estado de Athenas, reunindo differentes tribus. Nelle buscava origem, verdadeira ou falsa, a mais antiga nobreza d'aquella republica. Aproveito a occasião para recommendar a leitura da excellente obra de Fustel de Coulanges—*La cité antique.*

—O que me diz do Pireu?

Pireu, porto muito afamado de Athenas a 6 kilometros da cidade, e a esta reunido por duas muralhas, uma d'ellas obra de Themistocles, e a outra de Pericles.

—E não morrem afogados?

Diz o auctor do *Hysope* fallando d'um tolo prudente:

«Se não sabe fallar, sabe calar-se.»

(15) **FABULA 15.ª**

—Nem d'estes nem dos jumentos.

Não é minha intenção mostrar desprezo pelos camelos ou jumentos, e menos ainda por aquelles que, faltos de intelligencia, lhes são muitas vezes comparados. O fim d'esta fabula é avisar os incautos, para que observem antes de declarar um portento quem não passa d'um paspalhão.

(16) **FABULA 16.ª**

—Apenas se desatou.

A união faz a força. A *associação*, cujos effeitos são já maravilhosos, ha de transformar a humanidade.

(17) **FABULA 17.ª**

—De rijo pela cabeça.

Assim acontece ás vezes, e devia acontecer sempre, aos que não se querem contentar com ser aquillo para que nasceram ou estão habilitados. O peior é que a muitos não lhes partem a cabeça; quebram-a elles aos outros.

(18) **FABULA 18.ª**

—Se martyr, se confessor...

Martyr é quem soffreu a morte pela fé, *confessor* quem publicamente a confessou sem morrer por esse motivo. Todo o martyr é confessor: mas nem todo o confessor teve a palma do martyrio.

—Ora
Queima
O que adorou...

Allude ás palavras de S. Remy (Remigio) quando baptizou a Clovis, rei dos Francos.

Nesta fabula não se criticam tanto os parvos vaidosos como aquelles que os levam a pensar que tem valor, pelas grandes zumbaias que lhes fazem.

(19) **FABULA 19.ª**

—De sujar com a immunda baba.

O homem de bem nem sempre póde ter tempo ou occasião de se justificar, nem a fortuna de a sua justificação ser lida ou ouvida por quem antes leu ou ouviu a calumnia. E o peior é que sempre se dá mais credito ao mal do que ao bem.

(20) **FABULA 20.ª**

—No ventre de seus juizes...

Antigamente até queimavam os corpos dos suppliciados e lançavam as cinzas ao vento ou ao mar. Ás vezes arrasavam-lhes as casas, lavravam o chão e salgavam-o, para que nem herva alli crescesse. Não deixavam tambem de sequestrar-lhes os bens, ficando as familias na miseria e infamadas. Lá iam pois, senão os corpos, os bens para o ventre dos denunciantes, dos governos, etc.

—Por modêlo.

O camelo, nesta fabula, representa os que, em tempos de ignorancia, julgavam que injustiças e atrocidades podiam abrandar a colera divina. Aqui não se critica tanto o camelo ou os seus imitadores, como se apontam os desvarios, filhos de ruins crenças.

(21) **FABULA 21.ª**

—Como ficou o cordeiro.

Assim necessariamente deve ser aos olhos de quem

acredita numa Providencia infinitamente justa e sabia. Com taes idéas se deviam educar as creanças, e nunca com terrores não só irracionaes, mas até damnosos, pois lhes deixam no espirito vestigios fataes e indeleveis.

(22) **FABULA 22.ª**

Dos nocturnos ratoneiros.

Caracoes, lesmas e quejandos, de noite é que procuram o seu pasto.

—Para o quintal do vizinho.

O chamado—bom coração—é bastas vezes, posto que inconscientemente,—rematado egoismo.—Não lhe podemos dar ouvidos á custa alheia.

(23) **FABULA 23.ª**

Não se diga que os defeitos do burro provém dos maus tractos que soffre. O ruim, bem tratado, torna-se ainda peior.—Quereis conhecer o vilão...?

(24) **FABULA 24.ª**

—Dar no chão com o proprio peso.

Nem sempre é assim. Alcançada a posição, ha quem nella se sustente apesar do seu pouco merito. A posse vale muito.

(25) **FABULA 25.ª**

—Revirou
O coração

Bello dito de Garret no—Alfageme de Santarem.

(26) **FABULA 26.ª**

—Nem tentou
Atravessar

Crença popular e poetica, de que o arminho prefere deixar-se apanhar pelo caçador a sujar-se na lama.

—Não passa um homem honrado.

E dizem os *porcos*, os tartufos, os traficantes: «A culpa é d'elle: porque não se sujeita?» —«Porque não posso»: responde elle, qual o arminho, «porque não nasci porco. .» e morre; o que os *taes* muitas vezes estimam, pois dava *mau* exemplo, e era a condemnação viva do proceder d'elles.

(27) **FABULA 27.ª**

Não approvo a philosophia do macho. Sou fraco admirador da resignação das victimas da injustiça e da espoliação. Isso querem os malvados: «soffra,» e até, «vá-se calando emquanto não lhe vem peior.»

(28) **FABULA 28.ª**

—Não quizeram fazer de urso

Dizia-se, no meu tempo de estudante em Coimbra—fazer de urso—figurar, v. g., no dia da distribuição de premios. (V. Cabologia) Aqui é tomado no sentido de—fazer triste figura.

—Quantas vezes com razão!

E quantas sem ella! O melhor argumento produzido contra os concursos é, para mim, uma razão irrespondivel a favor d'elles. Se um ministro vai escolher o ultimo classificado, a quem nomearia elle se não houvesse concurso? Ao menos nomeou um homem legalmente habilitado. Devemo'-nos lembrar tambem de que os concursos

são obra do poder executivo, que lançou mão d'elles para se livrar, até certo ponto, das pressões inattendiveis de partidarios.

—E... d'isto não direi mais,

Pois podia dizer; mas levava muito tempo. Uma epocha não é mais que a *carriça* das epochas anteriores. Um grande homem na sciencia ou nas artes é qual a flor que não existiria sem a obscura raiz, o caule e as demais partes da planta. A carriça é ridicula, porque imaginou que uma aguia não podia ter voado mais do que ella; mas é facto que lhe excedeu o vôo as taes dezenas de palmos.

(29) **FABULA 29.ª**

A maior parte dos homens só procuram rir e matar assim o tempo, não parecendo aspirar a mais. Porisso, quem não for urso nem macaco, captiva a attenção de poucos; desprezo de que muitos facilmente se consolam.

(30) **FABULA 30.ª**

—Como as maiorias vão.

Fallo das maiorias em geral.

—Reparem neste *entrechat*;

Figura das contradanças chamadas *francezas*, muito usadas no meu tempo de rapaz, e mais difficil que o *balancé*. Dava-se um salto e, no seu intervallo, cruzavam-se os pés uma ou mais vezes, segundo a mestria do dançante.

—(No que muito mal fazia.)

Péssimo costume de ruins professores, e que póde produzir nos discipulos ou o desalento ou a indignação contra o mestre e, portanto, a má vontade ao estudo.

—Concluem que o mestre é fraco.

Conclusão tantas vezes tirada pelas familias.—O menino

tem talento (isto sempre): se, pois, não apprende quando o filho de fulano (muito menos talentoso) está adeantado, a culpa é do mestre... E se o filho de fulano anda no mesmo mestre, o mau resultado provém de este se interessar mais por elle etc.

E isto tudo é decidido pela familia perante o menino!

—E de alumno
De mações

Quando se quer dar cabo d'um cão, diz se que está damnado. Quando se quer perder alguem, attribuem-se-lhe todos os defeitos—é isto, é aquillo—e principalmente é um *nome* a que a maior parte da gente não sabe dar sentido e, porisso, o resumo de toda a perversidade! Segue-se, como nesta fabula se diz, dar cresta ao que elle tem e tirar-lhe a vida. Se não (hoje) a ferro e a fogo, com a calumnia e com a fome.

—Dote que bem poucos tem.

Pouquissimos. Vale mais saber ensinar pouco do que ter muita sciencia e não a poder communicar a ninguem.

—Mas fica sempre *gentio*.

Os grandes defeitos dos systemas de ensino são, em geral, considerar todos como capazes de apprender e de ensinar. Contam sempre com boa terra e bom lavrador e... perdem as sementes e o tempo. «Em muitos casos» (diz um auctor inglez), «a eschola compõe-se d'um individuo que não sabe, ensinando a outros incapazes de saber.» Demais, que triste sorte não tem geralmente os pobres professores, a quem regateiam o pão, ou negam perante os discipulos a consideração indispensavel!

(31) **FABULA 31.ª**

—A ponto de sossobrar.

Crenças populares. A primeira póde provir de o leão, quando entra de noite nalguma aldeia, se assustar com o

ruido de tal sentinella; a segunda, de o elephante não gostar de companhia pouco limpa, mesmo para elle.

Consolação para os parvos e para as nações pequenas ou pouco civilizadas, que reconhecem ter defeitos communs com os homens de merito ou com as nações poderosas e adeantadas.

(32) **FABULA 32.ª**

—Diz-lhes que busquem palhinhas

Preferi que a rã se fizesse ajudar das outras (que figuram aqui como membros de sociedade de mutua admiração); porque não percebo como, á força de se encher de vento, ella podesse rebentar.

Quem sendo do tammanho da rã quer chegar ao d'um toiro, é louco; quem procura honradamente elevar-se, tem brio.

(33) **FABULA 33.ª**

É o que se vê todos os dias, mórmente em politica; e cada um fica muito satisfeito vendo o outro sujo, sem attender ao estado indecente em que elle ficou tambem.

(34) **FABULA 34.ª**

—Tenho eu as forças d'um cão?...

Não por certo, se este for dos de gado ou de caça; porém sim, se for qualquer *tóló*. A raposa é covarde e desculpa-se com as suas poucas forças. Menores são as do gallo, e ninguem o accusa de covardia.

—De educações anteriores.

Podemos herdar, pelo sangue, o bom de nossos antepassados e tambem o mau. Veja-se a grande obra de Gustave Lebon—*L'homme et les sociétés*; porém não se adoptem algumas conclusões desanimadoras que elle tira, sem as poder demonstrar, valha a verdade.

—Sendo má a educação.

A boa póde muito, porém não tudo: mais póde, infelizmente, a educação ruim.

(35) **FABULA 35.ª**

—A quizerem applicar.

Uma lei é qual receita de medico—má ou boa, segundo for applicada.

(36) **FABULA 36.ª**

—Bem a fundo.

A raposa só quiz calar a bocca ao macaco. O contrario do que ella disse é, infelizmente, a regra geral.—Um parvo acha sempre outro maior que o admire — dizem os francezes.

(37) **FABULA 37.ª**

—Dando aos homens sombra e fructo

Sombra ainda elles dão hoje: fructo é sabido que o deram aos homens primitivos; e felizes dos que não o obtiveram peior.

—Que era tammanho o carvalho.

Depois da perda é que se avalia a falta. Reconhece-se o merito quando acabam as rivalidades e as paixões mesquinhas.

(38) **FABULA 38.ª**

—De palacios encantados

A mythologia e as historias da edade media estão cheias d'estes bicharôcos. Seriam elles sómente filhos da imagi-

nação dos povos, ou viriam por tradição d'aquelles animaes chamados antediluvianos, que de certo não se extinguiram repentinamente?...

—(Muito e muito talentosas)

O talento não é tão commum como muita gente suppõe; nem é preciso que o seja, nem infelizmente sempre o acompanha o senso commum. O talento resulta de uma faculdade intellectual exaggerada, não raro, á custa das outras. O grande erro é imaginar que quem tem talento para uma cousa é apto para todas.

(39) **FABULA 39.ª**

Esta fabula é o complemento das fabulas 5.ª e 7.ª
O malvado ainda á hora da morte achava virtude o não ter podido praticar o mal.

(40) **FABULA 40.ª**

—Admira, e busca imital-a.

V. Proverbios de Salomão, cap. VI, vv. 6—8.

—O que soube assim
Ganhar.

Esta doutrina não está em contradicção com a da fabula 281.ª Uma cousa é entreter-se procurando ainda ser util; outra, sem necessidade e sobre-posse, procurar o lucro.

—Que muitas vezes sai cara.

As leis, bem como os preceitos medicos, estão patentes a todos; porém, quem não sabendo direito nem medicina os quizer applicar a si, ha de pagar caro a imprudencia.

(41) **FABULA 41.ª**

—Depois da eschola queimada,
Onde ensinava a verdade.

A quantos não tem acontecido isto? Rara será a verdade, hoje admittida por todos, que não custasse sangue.

—Não lhe poupando bicada.

Os mochos são o alvo da troça dos passarinhos, quando estes os apanham de dia: porisso os passarinheiros ás vezes servem-se d'elles para chamarizes, cercando-os de ramos envisgados.

(42) **FABULA 42.ª**

—Marcavam os padre-nossos.

Jogar a padre-nossos quer dizer—não jogar a dinheiro. Nicolao Tolentino diz:

Vem e traze o teu baralho,
Ministro dos meus destroços;
Farei do vicio virtude
Apontando a padre-nossos.

—Mas é um parvo chapado.

Nisto, como em muitas outras coisas, são mais os que se fingem parvos do que os que o são realmente.

(43) **FABULA 43.ª**

O dictado é bom; mas não deve ser seguido imprudentemente, e muito menos á custa ou com perigo de outrem.

—Fizeram sem dó ao povo.

Ninguem póde negar que houvesse e haja ainda hoje

injustiças que reclamam remedio; mas d'ahi ás utopias, mais ou menos sinceras, dos communistas vai longe.

—Inda em cima diz mal d'ella.

—Chama-lh'o antes que t'o chame—é manha velha, e meio de muito tratante limpar a sua consciencia e a sua reputação aos olhos dos parvos.

(44) **FABULA 44.ª**

Direi como na fabula do avarento: o papel de javardo é pouco sympathico, mas como classificar o dos aduladores e o dos parasitas ou papa-jantares?

(45) **FABULA 45.ª**

—Serve até para milagres.

Falla-se das offertas de cera feitas pelos devotos para commemorarem os beneficios recebidos de Deus ou dos santos. Alguns davam (ou ainda dão) o seu peso em cera: d'ahi o dito—deve pesar-se a cera—quando alguem escapou d'um grande perigo.

—No seu tempo, deleitavel.

—«Segundo Plinio» (disse um celebre professor de materia medica) «o mel é doce.» V.ª fabula 14.ª

—Voluntarios *a cordel*.

Durante as luctas politicas entre cabralistas e patuleias mandava o governo prender os individuos que recusavam alistar-se nos batalhões chamados—de voluntarios—, aos quaes o povo porisso chamava—a cordel.

—Pois tenho de atordoar-te.

Atordoam as abelhas com fumo, quando lhes crestam as colmeias

(46) **FABULA 46.ª**

—Porém nunca foi vaidoso.

O orgulho é o exaggero do brio e funda-se, ou julga-se fundado, em merito real: a vaidade é uma especie de tolice, que torna ridiculo a quem a tem, fundada em bugiarias; e, quando exaggerada, apenas incommóda a quem a atura.

(47) **FABULA 47.ª**

—Gago que talvez ficasse.

Quem vive muito tempo num paiz, adquire a pronuncia, a intoação, o *cantar* da falla do povo respectivo. Parece que tambem é possivel pegar-se o gaguejar nervoso.

—Ou fuja da convivencia.

Quem podér siga este systema, que é o mais prudente: nada se póde alcançar na companhia de ruins e de malcreados senão, pelo menos, dissabores.

(48) **FABULA 48.ª**

Semelhante, mas em ponto menor e mais rapida, á das moscas no centro dos quartos.

(49) **FABULA 49.ª**

—Poesia mal cosinhada

Dito d'um philosopho inglez. A metaphysica, no sentido restricto e odioso do termo, reinou entre a classe scientifica, quando o espirito humano não tinha cousas mais serias em que se empregar, e emquanto a sciencia não assentou na experiencia.

(50) **FABULA 50.ª**

—Como o latim é conciso!

Vide a admiração de Monsieur Jourdain, na comedia do *Bourgeois gentilhomme*, com respeito á concisão da lingua turca.

—Quando trata do que é seu.

Diz o ditado—Mais sabe o tolo do seu, que o esperto do alheio. —Comtudo encontram-se homens que passam por habeis e não sabem cuidar do que é seu: porisso, não raro, os escolhem para governar o alheio!

—Julgavas de certo assim.

O criterio dos nossos julgamentos é geralmente a nossa utilidade, mais ou menos disfarçada ou cohonestada.

(51) **FABULA 51.ª**

—Perdida toda a energia.

Por mais que digam (e façam, infelizmente), a educação do homem deve ser differente da educação da mulher. A elle pertencem a força, a energia, que em alguns casos terá de ser rude: a ella a graça, a doçura, as virtudes domesticas.

A educação continuada em casa, depois que o homem chega á puberdade, é um veneno cujos effeitos são incuraveis. A educação espartana, modificada pelas conveniencias da sociedade moderna, é a unica que convem ao homem. O mundo para lá caminha, mau grado dos que não o querem ver. A educação dos collegios, dos lyceus, das escolas industriaes (que se tornam cada vez mais necessarias) é d'isso prova irrefutavel. A familia tem mais deveres do que direitos; e estes quasi que se limitam a ella ser auxiliada pela sociedade na educação dos filhos, que, se lhe pertencem hoje, é como um deposito que tem de entregar amanhã. A familia é o principio e um meio, não o fim da sociedade. A raiz não é o fructo.

«A quem nelle ha de viver
O mundo deve ensinar.»

Accresce que uma educação, não direi perfeita, mas apenas sufficiente, torna-se cada vez mais difficil, ou impossivel no seio da familia; principiando pelos meios pecuniarios que exige.

V.e fabula 264.ª

(52) **FABULA 52.ª**

É a differença que se dá entre o calculo dos phenomenos provaveis, baseados em serias observações, para um ou dois dias, e os prognosticos das folhinhas, Bordas-d'agua, etc.

—Se podér de lá sahir.

Nada se perde, se lá ficar: o peior é que muitos podem tambem cahir, se lhe seguirem as pégadas.

(53) **FABULA 53.ª**

Nada mais sensato do que a admiração pelas acções dos grandes homens; nada mais parvo e desastroso do que a idolatria por elles, a ponto de ver sabedoria, grandeza, perfeição em tudo quanto diziam e faziam. Grandes homens disseram e fizeram grandissimos desacertos, alguns dos quaes lhes deram na cabeça ou, o que foi ainda peior, deram na cabeça aos outros. Não ha ninguem perfeito, nem totalmente imperfeito. Grandes genios tem dito e praticado enormes erros, quasi que instinctivamente; e do mesmo modo os parvos dizem e fazem ás vezes cousas de valor.—Enojam-me os adoradores do Grão-Lamá. A auctoridade d'um grande homem ou d'um homem virtuoso nunca póde sanccionar um erro, uma parvoice, ou uma acção má. Não approvo de modo algum o dito atribuido a Bossuet; que, quando lhe perguntaram se era licito a ecclesiasticos assistir a espectaculos, respondera:—«Ha grandes principios contra, e grandes exemplos a favor!»

(54) **FABULA 54.ª**

Ouvem-se a cada passo d'estas criticas aos homens de merito e até ás nações. Vão esquadrinhar-lhes os defeitos que exaggeram, e assim servem de consolação a quem os tem, sem as virtudes e meritos que não lhes querem ver. É o defeito contrario do apontado na fabula anterior. Póde-se escrever má prosa quando se é Virgilio, e maus versos quando se é Cicero; pódem-se commetter erros quando, como a Inglaterra, se é uma grande nação. Evitem-se os defeitos e procure-se egualar o merito.

(55) **FABULA 55.ª**

Ainda quando nos pertença aproveitar os serviços alheios, não temos o direito de espesinhar a quem nol-os presta. Favores pedem-se, agradecem-se, mas não se exigem; nem a elles ha direito porque os vemos conceder a outros.

(56) **FABULA 56.ª**

—(Doutrinario; moralista)

Nada ha mais commum do que asnos que se mettem a doutrinarios e moralistas, repetindo o que não acreditam nem entendem. Tornam-se facilmente dogmaticos os incapazes de discutir, achando commodo encostar-se a grandes auctoridades, que assim julgam representar.

—Chora aquelle *bom freguez*

Nunca sentimos tanto os males alheios como quando nos tocam, ou receiamos venham a tocar-nos pela porta. A maior parte das vezes a compaixão nasce de pensarmos na possibilidade de que males eguaes nos pódem acontecer, e que assim havemos de merecer a compaixão dos outros. Tanto isto é verdade que foi resumido no preceito moral e grande regra pratica de—Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.

(57) **FABULA 57.ª**

Não damos importancia ás cousas e ás pessoas senão quando nos podem ser uteis ou, ainda mais, nocivas. Convem nada desprezar e, quanto possivel em relação ás pessoas, não crear incompatibilidades futuras.

A facilidade de perderem a cabeça por qualquer vantagem que alcancem, é sestro dos insignificantes, a quem qualquer pequena altura aonde subam dá vertigens.

(58) **FABULA 58.ª**

O bem e o mal são relativos. A saciedade faz-nos desprezar os bens que temos, e desejar outros maiores. A privação do bem é que nos dá a medida do seu valor.

(59) **FABULA 59.ª**

Faz lembrar aquelles de quem dizem que tem mau vinho. Eu digo—*In vino veritas.*

(60) **FABULA 60.ª**

Os sentidos dos rusticos são geralmente menos apurados que os dos homens cultos, quando estes não os tenham viciado com excessos.

(61) **FABULA 61.ª**

Ha pessoas que, á falta de merito proprio, procuram identificar-se com alguem, morto ou vivo, de quem se constituem sacerdotes. É tambem a explicação de certa idolatria, da qual se fallou em a nota á fabula 53.ª

(62) **FABULA 62.ª**

A quadra popular diz:

—«Pilriteiro, dás pilritos;
Porque não dás coisa boa?»
—«Cada qual dá o que póde
Segundo a sua pessoa.»

(63) **FABULA 63.ª**

—Calça bota de canhão

Não ha muito que as usavam (se é que não as usam ainda) os saloios em volta de Lisboa.

—Lá se vão abotoando

E vamos lá; se o fazem, algum valor tem: letras ou tretas, merito ou manhas, tem os seus meios de caber, mais ou menos apreciaveis ou apreciados; cabem-lhes melhor outros nomes que o de tolos.

(64) **FABULA 64.ª**

As sciencias estão cada vez mais ligadas entre si. Para se conhecer bem um paiz ou uma lingua é preciso ter algum conhecimento dos outros paizes e linguas. As sciencias porém tem-se desenvolvido a tal ponto, que hoje ninguem póde ser encyclopedico. Alguns homens mais intelligentes podem estudar bem uma sciencia e ter o indispensavel conhecimento das outras: quem as quizer abranger todas dá em trapalhão ou louco.

(65) **FABULA 65.ª**

—Deixa estar,

Ridiculo, quando não prejudicialissimo, o systema de metter medo a creanças, que ou ficam acanhadas ou perdem o respeito a quem assim as trata.

—De cangalhas no nariz

—Cangalhas—chamavam (quando eu era menino) aos grandes oculos de latão ou prata.

—Cartilha na esquerda mão

Cartilha, ou carta, era o abecedario.

O lobo desculpa-se, como quasi todos o fazem desde Adão e Eva para cá. Nunca somos nem fomos parvos; os outros é que abusaram, etc.

(66) **FABULA 66.ª**

Ha muito valentão... theorico.—«Eu no logar de fulano fazia... acontecia... Havia de ser comigo... etc.»

(67) **FABULA 67.ª**

—Até
Se lê
Em Camões.

«Olá Velloso amigo! Aquelle outeiro
É melhor de descer que de subir.»

—Se algum dia o vir comer

É o fructo que sempre (ou quasi sempre) se tira de nos associarmos com gente pouco honesta. Nem aqui nem nas fabulas—da raposa e do bode, e—do corvo e da raposa, figura esta zombando das victimas, porque entendo que não é isso o que fazem os lisongeiros e intrujões. Não cahem nessa.

(68) **FABULA 68.ª**

Os antigos, como se sabe, tinham idéas as mais absurdas ácerca dos astros e até da terra. Mal sabiam elles que o homem havia de chegar aos conhecimentos que hoje possue sobre taes assumptos. A resposta é a que o sol poderia ter dado naquelles tempos; e a que deve dar (se alguma) quem despreza a opinião dos parvos.

(69) **FABULA 69.ª**

—Não ha carne sem osso, nem fructa sem caroço.—A fructa boa é a que, além de muito poucos, tem geralmente os

caroços pequenos; tratemos de alcançar d'essa, e tambem carne com pouco osso. Não nos ceguemos com as apparencias. Debaixo das flores se esconde a serpente.

(70) **FABULA 70.ª**

—Nem tudo ao mar, nem tudo á terra. Postoque muitas vezes a fortuna ajude os audaciosos, e se diga com alguma razão—«Quem não se arriscou nem perdeu nem ganhou—» tambem muitos são victimas da sua audacia. Do outro lado a demasiada prudencia, quando não chegue a tornar um homem demente, torna-o acanhado, timido, incapaz de fazer cousa que preste.

(71) **FABULA 71.ª**

—Eu não fallo dos cordatos

E quem póde fallar contra elles? Devemos ser justos para com os animaes; direi quasi, para com as cousas. A exaggeração e o sentimentalismo parvo é que são condemnaveis. Desprezar desgraçados para acudir a animaes, é peior do que abandonarmos os desvalidos que nos cercam, para salvarmos os que nos dizem estão soffrendo na China.

—Ou mal que nunca a molesta:

Dizia um homem de grande saber e de maior egoismo:

—«Está no seu direito, não me incommoda.»

—Não houve um, mas dois culpados,

Os animaes são capazes de ensino e ensinam-se como taes. Se os proprios criminosos e até os bebedos são doentes, na opinião de alguns sabios, tambem para essas doenças ha remedios, embora não se vendam nas boticas.

—Dá-lhe que dá-lhe a valer,

Ha muitos modos de dar. Assiste a cada um o direito de

repellir aggressões injustas, de modo que não se repitam.

(72) **FABULA 72.ª**

Ninguem é para tudo. Cada qual que se contente de brilhar no que póde, e não vá expor-se a perder a boa opinião de que goza, fazendo *fiasco*. O publico ha de sempre julgal-o pelo peior lado. Faça como o Jupiter da fabula. V.e fabula 120.

(73) **FABULA 73.ª**

A natureza deu a cada um as armas necessarias para se conservar na batalha da vida. Usar d'ellas honestamente para sua defesa, se não é um dever, é ao menos um direito incontestavel. Quem prefere soffrer, soffra, mas não se queixe.

(74) **FABULA 74.ª**

—Quando o mal não 'stá no pello,
Mas na raiz do cabello.

Dicto discreto que ouvi em rapaz a uma pessoa do Alemtejo, significando que o mal é difficil de curar ou incuravel, estando na raiz da planta, ou—na massa do sangue, como diz o povo.

—Não sendo nenhuma tola,

Esta rã foi typo, e ao depois o exemplo, dos que governaram ou ainda governam. O peior para elles tem sido que os demais tambem se vão chegando e abrindo os olhos.

—Cuja palavra era a lei

«É o raio o teu olhar,
Tua palavra é a lei:»

diz Lamartine no cantico da sagração de Carlos X.

—Que reinava

É a ficção, base dos systemas constitucionaes.

(75) **FABULA 75.ª**

E de fome. Robinó

Nome de um suberbo gato, da côr dos gatos bravos, pertencente a uma vizinha que tive.

—Só conheço os baptizados

Dizia uma velha do meu tempo de rapaz:—«Livre-me Deus dos demonios baptizados, que eu me livrarei dos do inferno.» Contava com as cruzes e com a agua benta, e não contava mal.

—Deram vivas, deram palmas

Quod volumus, facile credimus. Quem não tem visto homens sabios, intelligentes... acreditarem, cegos pelo desejo, nos maiores disparates!

(76) **FABULA 76.ª**

Ha gente que se julga tão justa, tão santa, tão perfeita, que tudo quanto faz ou que d'ella provém é uma benção para a humanidade, que lh'o deve agradecer.

(77) **FABULA 77.ª**

—Analphabetos, patetas
E, demais a mais, velhacos.

Diz Nicolau Tolentino:

«Ou tu és doido ou velhaco,
E talvez que sejas tudo.»

(78) **FABULA 78.ª**

—Eram duas fadas bentas,

«Fadas bentas» dizem em Coimbra, no sentido de boas, bemfazejas, para mais as distinguir das bruxas.

—Poisque das cousas pequenas

De minimis non curat praetor.—Quem governa deve ter idéas vastas e generosas: outros, governados por elle, cuidem das cousas mais miudas, e assim até ás infimas. Um bom dono de casa deixa certos cuidados á sua mulher, a qual, se a familia é grande, escolhe a quem confie as minudencias. O *sino grande* não toca senão em occasiões solemnes.

(79) **FABULA 79.ª**

V. fabulas 72.ª, 234.ª... e notas respectivas.

(80) **FABULA 80.ª**

A educação (não me cançarei de o dizer) póde muito; mas não póde tudo, pelo menos em uma só geração, e isto quer se trate de individuos, quer de povos. Em todo o caso, o que ella deve poder, se convenientemente dada, é o que se diz aqui do calhao. A sociedade interessa com o aperfeiçoamento de todos os seus membros; de alguns, porém, só póde conseguir que não se tornem ruins ou incommodos.

(81) **FABULA 81.ª**

—No mundo ninguem
Faz falta,

Isto é verdade em absoluto. Ha quem faça falta, e muita falta, aos seus ou aos estranhos; não porém á sociedade ou á humanidade. O que elle deixou de fazer, outro

ou outros o farão, se for necessario. Os destinos do mundo não podem depender da vida mais ou menos curta de um homem, nem da sua vontade.

(82) **FABULA 82.ª**

—E não fôra decretado

Quer dizer que o homem tinha de viver.

—Conspurcado

«Conspurco-o» diz Barnabé Fulgencio (na D. Philippa de Garrett) no sentido de «desprezo-o».

O burro, isto é, o asno satisfeito com a sua perfeição; o urso, o feliz, o *gordo*, o bem enroupado sem merito; o porco, o sabujo, o sem senso moral, para quem todos os meios são bons; o macaco, o descarado, o sem brio, o saltimbanco, o galopim, a serpente, o covarde, o traiçoeiro, o calumniador, o hypocrita, *et reliqua:* todos hão de ser vencidos pelo *homem*, isto é, pelo saber, pela justiça, pelo brio, pelo bem. Podem ainda muito, já poderam mais; mas hão de desapparecer todos e de todo.

(83) **FABULA 83.ª**

—Com voz unctuosa e meiga.

Diz-se—tom avinagrado, aspero: parece pois que a voz da manteiga deveria ser unctuosa e suave, ou ainda meiga.

Cada um tem direito a honradamente se fazer valer; mas não a servir-se dos outros para trepar, infamando-os ainda em cima não poucas vezes.

(84) **FABULA 84.ª**

—Quem o alheio veste na praça o despe—e póde ainda custar-lhe mais caro; ou porque julguem, sendo pensamento alheio, que os outros que apresenta são tambem roubados; ou porque, sendo caso mais serio, terá de soffrer con-

demnação e pagar custas. Não posso aqui alargar-me sobre a propriedade litteraria, para mim sagrada, se alguma o é; porém contra a qual parece haver não menos aversão do que contra a outra. Constando só na fórma que se dá a um pensamento, julgo uma grande injustiça o pôr-lhe restricções.

(85) **FABULA 85.ª**

—E seus tres pés de supporte,

Ainda assim as ha pelas provincias. Servem os pés de trempe e está sempre ao lume.

—Por alli não haver tacho.

A rivalidade não podia dar-se.

—Cada qual com seus eguaes

Devemos *conviver* com os nossos eguaes: porém não ha inconveniente, antes será bom, que *vivamos* de bom grado com os que nos são um pouco inferiores e um pouco superiores. Todos hão de achar-se bem com isso. A regra do nosso procedimento deve ser: urbanidade com os nossos inferiores, familiaridade moderada com os nossos eguaes, deferencia sem baixeza com os nossos superiores, justiça e respeito para com todos.

(86) **FABULA 86.ª**

—Pois um cão não é cadella

A colleira com prégos era uma novidade para o tal cão: tomando-a como moda nova de colleiras, dispensava-a, poisque *modas* são mais proprias de senhoras (cadellas) do que de senhores (cães).

(87) **FABULA 87.ª**

—Sem de nada aproveitar.

Ha homens essencialmente trabalhadores, dotados de memoria incrivel; porém com falta de critica, ou de espirito synthetico. Juntam muita materia prima, arrancando-a dos archivos; não fazem pouco, são utilissimos, embora não possam ir além. Dá-se assim uma divisão de trabalho, sem a qual pouco se póde caminhar, no estado em que se acha a enorme tarefa que nos legou o passado, e aquella que estamos preparando para o futuro.

(88) **FABULA 88.ª**

—Não sei; mas vejo julgar

Esse defeito parece-me filho do sentimento de harmonia. Porisso se julgam (e mal) os corações pelas caras. Affigura-se-nos que a um rosto formoso não podem corresponder sentimentos maus. Se nisto nos enganamos, muito mais o fazemos, quando julgamos que a uma aptidão correspondem todas. Algumas ha, e não poucas, que até excluem completamente outras.

(89) **FABULA 89.ª**

—De alcateia

Não será preciso advertir á maioria dos leitores que *alcateia* não significa sómente ajuntamento de lobos, mas tambem vigia.

—Que se o seu farnel deitasse

Farnel de fardel (fardo pequeno), termo pouco usado em Lisboa, e que vai desapparecendo da nossa lingua á proporção que se multiplicam as boas hospedarias e os bufetes dos caminhos de ferro. É termo coêvo do de—*estalagem*, onde primitivamente só se encontrava o abrigo; e de—*alforges*, nos quaes cada viajante levava os seus comestiveis, isto é, o seu farnel.

—Mais não quiz ouvir, fugiu.

Diz o povo que os lobos não podem soffrer musica. Não é o mel...

—Tocar-lhes logo a viola.

Gente ha a quem nada satisfaz: obtidos noventa e nove favores e recusado um, ficam furiosos como se lhes tivessem sido negados todos. São o tonel das Danaides; e por isso é livrarmo'-nos d'elles e de prompto.

(90) **FABULA 90.ª**

—Um cano d'agua da chuva

Ouvi este dicto a José Estevam, referindo-se á maior parte dos rios de Portugal.

—Bem nos póde metter medo

Ha doenças physicas e males moraes, que se apresentam ás vezes com symptomas tão leves que enganam até os mais competentes.

—Quanta vez

—Debaixo de ruim capa se esconde um bom bebedor, e raro será encontrar patife que não tenha modos delicados e insinuantes: são os seus *meios* de caber.

(91) **FABULA 91.ª**

—Como sei os tem havido

Assim o creio firmemente: alguns até os tenho conhecido. Os verdadeiros santos tem sido a honra da humanidade, combatendo e dando o seu sangue pela causa do progresso moral e intellectual.

—Foi um tartufo com pranto

Li ha pouco um artigo muito interessante de mr. Coquelin *(Revue littéraire)* ácerca da celebre comedia. Pretende elle que Molière não quiz pintar um hypocrita; e faz distinção entre este e o tartufo. Se entendi bem, hypocrita é aquelle que não acredita, mas para seus fins finge acreditar: tartufo o que acredita, mas a quem o egoismo ou ignorancia leva a crer numa certa religião, que lhe é facil de cumprir e que, com incommodos relativamente pequenos, lhe assegura o bem estar nesta vida, e na outra a felicidade eterna.

Os Phariseus, que prégavam a verdadeira doutrina (Evangelho de S. Matheus, XXII, 2º e 3º) tinham para seu uso proprio essa tal religião; eram tartufos. Lembram o —«*Il est avec le ciel des accommodements.*»—Vai-se peccando, vão-se tomando as pilulas o mais douradas possivel. Sendo, como são, amigos de Deus, tem privilegios e desculpas, recusadas aos demais, por honrados que sejam, quando falham. Em todo o caso pensam nada ter a perder e tudo a ganhar. Se é verdade aquillo que acreditam, passaram bem neste mundo, e melhor hão de passar no outro; se tudo é falso, ao menos viveram bem cá na terra. Sancho Pança (quem tal diria!) era, segundo este systema, um grande tartufo. Não procurava nem queria saber se seu amo estava ou não doido varrido; era seu amo... E lá ia vivendo á custa e á sombra d'elle, esperando apanhar mais cedo ou mais tarde o governo de alguma ilha. E assim aconteceu; mas foi o da Barataria. Os tartufos, pois, menos detestaveis que os hypocritas, são porém ridiculos; não deixando muitos de ser egoistas. Eis o que Molière, na opinião de mr. Coquelin, quiz representar na sua comedia. Não sei se o commentador acertou: mas acho que apresenta um typo que, em verdade, existe e muito differe do hypocrita; poisque, ou por ignorancia ou por cegueira, ha quem acredite que o céo (isto é, a *verdade)* transige, e que podemos entrar em certos ajustes com elle.

V.ª fabula 299.

(92) **FABULA 92.ª**

—..... O direito
Importa olhar e o avesso

É o que ás vezes não faz, e muitas não quer fazer, a maior parte da gente. Casos ha em que não se póde; falta o vagar e temos de nos contentar com o que vemos: isso, porém, não é julgar.

—Por muita gente gabado,

Ou pela maior parte da gente, que pelo motivo acima apontado, ou por não ser capaz de ter opinião sua, julga como ouve julgar, tanto em bem como em mal.

(93) **FABULA 93.ª**

—Um parvo, um analphabeto,
Sandeu devéras completo.

Fui-me sangrando em saude. Haverá quem seja tão parvo que faça o que este fez? Só não tendo mais intelligencia do que uma creancinha. Porém, quaes estas, são muitos homens; senão em tudo, em muitas cousas. Ás satiras, ás caricaturas é permittido exaggerar para serem percebidas de todos. A applicação é verdadeira: parvos ha eguaes ao burro da fabula, que chegam a capacitar-se de que merecem o incenso que se queima ás reliquias; e que, se estivessem em altas posições, adquiriam *ipso facto* os meritos e virtudes que estas requerem.

(94) **FABULA 94.ª**

—A primeira vez que o mar

A muitos que nasceram á beira-mar talvez isto pareça estranho, não se lembrando de que ha milhões de individuos (alguns até na Europa) que nunca tiveram occasião ou desejo de ver o mar, e que mal formam idéa d'elle.

—O rapaz, cheio de susto

Como era muito natural, vendo pela primeira vez o mar crescer sobre elle.

—E o homem não o quer
Ver

Geralmente só cremos fundado aquillo que desejamos; isto na melhor boa-fé e ainda que vejamos evidentemente o contrario.

(95) **FABULA 95.ª**

—Perto do ninho pousado

Parece que os rouxinoes machos não estão no chôco, porém cantam perto do ninho onde está a femea; quasi todos os passaros não domesticos só cantam durante a primavera.

—Não percebes dos pardaes

É natural ás aves o cantarem quando ouvem o canto de outras, e até a falla humana. O rouxinol que não queria ser interrompido, e o pastor que gostava de o ouvir, attribuiam a inveja o piar dos pardaes. Talvez esta não exista nos que tem dois pés e pennas, mas não succede outro tanto com os que não as tem: d'ahi a verdade da fabula.

(96) **FABULA 96.ª**

—Por certo não és capaz

—Para quem é, bacalhau basta—pensa muita gente quando se trata do proximo.—Não sabe o que é bom.—Resta porém indagar se é justo que não o saiba; e ainda mais se não é injustissimo impedil-o de o saber.

(97) **FABULA 97.ª**

Ninguem póde louvar uma acção má ou erros commet-

tidos ainda pelos maiores homens: mas indignamo'-nos quando vemos um imbecil, incapaz de entender o que é bello, criticar, qual papagaio, o que lhe disseram ser defeito.

(98) **FABULA 98.ª**

Sei perfeitamente que é preciso acudir primeiro ás consequencias do mal já feito; e ninguem póde deixar de louvar os esforços de quem o tenta e o consegue em todo ou em parte: mas como não ver, pelo estudo d'esse mal, o que se podia e devia tentar para o prevenir? Alguma cousa se tem feito nos outros paizes civilizados; mas muito pouco entre nós e, receio que, menos bem; o que, longe de impedir o mal futuro, ha de aggraval-o. Não posso aqui dizer o que me parece se devia tentar: se eu tiver vida e saude, tenciono ainda coordenar e publicar o que a experiencia bem ou mal me tem ensinado; mas o grito santo é este que ahi deixo:

—Ensinem a ganhar pão
Honradamente, e terão

(99) **FABULA 99.ª**

—Que, qual bobo, tambem ousa

A verdade sempre se fez ouvir, com mais ou menos efficacia, não duvidando servir-se até da bocca dos bobos.

—A tudo vence o saber,

E ha de vencer. A victoria afinal pertencerá a *Ormuzd*, isto é, ao Bem. Como se vê, tirei do assumpto velho uma moralidade que tambem nelle se continha,—a necessaria victoria do saber, do trabalho e da razão, sobre a força material e bruta.

(100) **FABULA 100.ª**

—Só elle sabe, coitado!

—Não sentenceies de estalo—diz Nicolau Tolentino.

Quem está bem, vê tudo côr de rosa. Num jantar, onde acabavam de comer parte de um pastelão com bella massa folhada, ouviu um menino dizer que os pobres não tinham pão.—«E porque não comem elles massa de pastel?» disse muito esperto o menino.

(101) **FABULA 101.ª**

Este facto foi-me contado como verdadeiro.

—Depois de feitas as pazes.

Depois do reconhecimento, por parte de Portugal, da independencia do Brazil em 1825.

—Quando vinham ás centenas.

Assim era em principio, emquanto no Brazil não houve universidades, nas quaes ainda ha pouco figuravam homens distinctos, formados em Coimbra.

—Bello *doce de tijolo.*

Nome que dão ou davam á goiabada, em razão da sua côr vermelha, e pelo feitio que tomava nas caixas, ordinariamente de corrediça, onde vinha, em troca de marmelada e de doce de ginja, que para lá ia e que julgo ainda vai.

—Eram senhores do bolo

Entendamo'-nos: só entro na questão de facto. Se tinham ou não direito a elle, tanto quanto o caloiro, não é para aqui: o certo é que o guardaram mal, se acaso o não podiam guardar melhor. O verdadeiro bolo, aquelle de que aqui se quer fallar, é o direito que todos, quantos o poderem, tem de ser gente.

—Tudo se ha de nivelar.

O que me parece contrario a esse futuro, tanto para

desejar, são os meios que *alguns* illudidos e *muitos* malvados propalam e querem pôr em pratica para lhe apressar a realização. Tambem não creio que esse nivelamento chegue a tornar todos eguaes moral e intellectualmente; nem tanto seria preciso, para que os homens vivessem como irmãos.

(102) **FABULA 102.ª**

—Fica a um filho muito bem:

E poucas cousas lhe poderão ficar melhor. O amor filial e o amor patrio sentimentos são nobilissimos, quando de todo limpos do amor proprio, que nos leva a falsear a historia, isto é, a verdade que está acima de tudo.—Não te podes defender, cala-te, ausenta-te. O adversario ha de cahir em si e córar da sua grosseira acção. Devemos fugir sempre de taes questões. O silencio é muito melhor resposta do que uma defesa má. Lembra-me aquelle moço que veiu perante o senado romano defender seu pae, e, vendo a impossibilidade da defesa, desatou a chorar. O senado, *aquella assembleia de reis*, vencido pela eloquencia das lagrimas, perdoou ao pae; o que não houvera feito, se o filho tentasse defendel-o faltando á verdade.

—Que historias nos vem contar.

Vem a pello o que com tanta graça diz, no seu estylo magnifico de pamphletario, o nosso A. Herculano no prologo de um dos seus romances, dando o calculo proporcional entre os portuguezes e seus inimigos, ou quantos d'estes valia um portuguez.

Os francezes até ha poucos annos não cediam nisso a ninguem; tinham ou deviam ter ganho todas as batalhas. Não ha muito que li um livro moderno, o qual, injuriando Wellington diz que «o miseravel tivera a ignobil gloria de vencer aquelle a quem outros, mil vezes mais illustres, nunca poderam derrotar.» O peior é que estas e outras parvoices sonoras são muito admiradas, até entre nós!

(103) **FABULA 103.ª**

Não estará farto o leitor de ouvir gabar todos os dias tantos talentos, sem nada ver que elles fizessem?

(104) **FABULA 104.ª**

—Com toda a chantrenidade

Isto é, com certa majestade, de mandrião... Neste sentido ouvi a palavra em Coimbra, e gósto muito d'ella.

—Sem unhas eram velludo:

Não posso jurar que todos os gatos durmam com as unhas encolhidas; é porém mais que provavel que sim, pois só as deitam de fóra quando lhes faz conta.

—Na cabeça o tal malvado

Não é para admirar que o lanzudo do rato, vendo um figurão, que lhe pareceu bellicoso, de barrete vermelho, julgasse que era republicano. Se visse o gato de mitra, julgal-o-ia bispo; assim como não duvidou de que o gallo fosse o diabo por o ver de rabo alçado, moda que os ratos não usam, pois andam com elle de rastos.

—Eu do outro o *fino*
Trato

Expressão usada por aquelles que tomam certas maneiras, muitas vezes caricatas, como signal de verdadeira educação.

—É um animal
Pacato,

Para a ratazana, que não tinha medo d'elle.

(105) **FABULA 105.ª**

—Alcunhado
De *bisoiro:*

—Oiro bisoiro, prata barata—diziam quando eu era creança, para significar prata e oiro falsos. Aqui inventei uma etymologia (não sou eu o primeiro) que não será das peiores, postoque esteja persuadido de que forjaram aquella palavra só porque rima com oiro, assim como prata com barata.

(106) **FABULA 106.ª**

—D'aquella familia amiga,

Verdade é que sempre o tinha dado ou vendido a outros... Podia talvez desculpar-se; pois, possuindo outros, não queria ter viveiro de cães. De mais, estava certa de que elle seria alli muito bem tratado, etc., etc. Se alguma culpa levissima havia, o cão esqueceu-a.

—Mostram sentimentos taes.

Mostram... Não entro aqui na grande questão da intelligencia dos animaes, se ainda é questão; e muito menos da sua responsabilidade, e por consequencia da sua virtude relativa: mas é innegavel que praticam actos, inconscientes ou não, que podem servir de exemplo: d'ahi a verdade das fabulas em que figuram.

—Só para proveito seu,

Isto é assim, não só na humanidade em geral, mas em quasi todos os individuos quando não reflectem. Se até chegaram a acreditar que o Omnipotente creou todas as estrellas (incluindo as que só se vêem com um grande telescopio, e as que nunca se hão de ver) para elles gozarem d'um bello céo estrellado!

—Pela perda que soffreu.

Ou verdadeira ou não, a phrase está consagrada pelo

uso: e tambem me parece verdade que nós só choramos os que nos estimavam, suavizavam nossos males, amenizavam nossa vida, emfim aquelles cuja *falta sentimos;* e não os nossos inimigos, ou algum mandarim chinez.

—Que todos lhe tem amor,

A vaidade e a falta de uso do mundo levam muitas vezes a acreditar isto. Metta cada um a mão na sua consciencia e veja se está disposto a fazer sacrificios por todo e qualquer. Lembra-me o dito do misanthropo de Molière:

«En quelque préférence une estime se fonde,
Et c'est n'estimer rien qu'estimer tout le monde.»

É tomar os tentos do jogo por dinheiro.

(107) **FABULA 107.ª**

Como quer um cavalheiro que seus filhos sejam bem educados, se os deixa conviver com os moços de cavallariças e com os bolieiros das praças, os quaes podem ser muito capazes de educar cavalleiros, mas não cavalheiros?

(108) **FABULA 108.ª**

—Eu ouvi já não sei onde

Este facto parece que se deu realmente.

—Bispo Conde,

O bispo de Coimbra era conde de Arganil, senhor de Ceia e alcaide-mór de Avô. Segundo li, o condado de Arganil, e não sei se o demais, veiu á mitra de Coimbra por umas trocas feitas com o Infante D. Henrique. Hoje só se diz—o Bispo Conde, fallando do de Coimbra, embora todos os bispos tenham honras de conde. Trata-se aqui do grande D. Francisco de Lemos, da familia dos

Ramalhos, que ainda tem representantes em Condeixa-a-nova, homem de grande merito e muito privado do Marquez de Pombal.

—São egualmente culpados,

Quantos que se mettem com parvos julgando lucrar, ou com velhacos esperando valer-se das manhas d'estes, se lastimam depois e se apregoam victimas!

(109) **FABULA 109.ª**

—É ave porém tão rara

Não duvido que haja pessoas assim, mas parece-me que nunca as encontrei. A approvação ou applauso illustrado e sincero de pessoas estimaveis, sendo moderado, é cousa muito de apreciar.

—E porisso despeitada.

A nossa vaidade é que, de ordinario, nos torna insupportavel a do proximo.

—Porque ninguem é perfeito.

É sentimento louvavel o desejarmos ver só perfeições nas pessoas que estimamos, e sentirmos encontrar-lhes defeitos: não é porém sensato exigir impossiveis, e muitas vezes é contraproducente o tornar-se censor importuno.

(110) **FABULA 110.ª**

—Quasi seu pae fui assim.

É certo que a roseira e as demais plantas tiram a sua substancia da terra, da atmosphera e até... do monturo. Porisso este com alguma razão reclamava o quasi-parentesco da rosa.

—Eis porquê te não aturo,

Uma das maiores difficuldades de se estabelecerem relações intimas ou amigaveis entre as diversas classes da sociedade consiste, não na desegualdade das fortunas ou no differente gráu de saber, mas na disparidade da educação. As outras differenças dão-se tambem em cada uma das classes, e sem maior inconveniente. Convivem alli, pelo menos soffrivelmente, os mais ricos com os mais pobres, os mais intelligentes com os menos aptos, os mais instruidos com os mais ignorantes. A differença de educação é que produz difficuldades no trato entre os individuos de uma classe ainda com os da immediatamente inferior, embora estes sejam eguaes ou se avantagem áquelles na fortuna ou no saber. Pesada até para os individuos das classes inferiores, torna-se insupportavel para os das outras.

Não me parece que se tenha reflectido bastante nesta difficuldade por parte de muitos que, de boa fé desejam ver estabelecida a harmonia social. Não attendem a isso uns, porque não pensam que uma causa que julgam futil póde ter grande influencia; outros, porque, não tendo recebido educação e sendo-lhes esta porisso pesada, a odeiam; tem a suberba feroz da bruteza. — «Vejo o teu orgulho» dizia Socrates a Antisthenes, «atravez dos buracos do teu manto.» Aquella aversão nascida da impotencia tenho-a eu visto manifestada em individuos alias respeitaveis por seu caracter e saber.

O progresso das sciencias e das artes tem enobrecido varias carreiras e até officios. O derramamento da instrução ha de concorrer muito para encurtar distancias: nesta porém, assim como na intelligencia, nunca haverá a egualdade que póde attingir-se na educação, que se encontra ás vezes, e não era impossivel encontrar sempre, nas classes mais infimas da sociedade. Tratem de elevar, illustrar, enobrecer; e não de rebaixar, obscurecer, aviltar. Tenho fé que assim o ha de conseguir a utilidade geral bem entendida, quando não seja a necessidade.

(111) **FABULA 111.ª**

—O que a raposa pedia

O forte não tem manhas nem d'ellas precisa; despre-

za-as. O fraco sim; sem protecção, é muitas vezes manhoso por necessidade.

(112) **FABULA 112.ª**

Esta trilogia apresenta o sentir de quem não desdenha ás vezes o que julga rebaixal-o, se nisso encontra o seu interesse: a vaidade que cega aquelle que é empregado, ou ainda explorado, por quem está em melhores circumstancias; o despeito de quem quizera compartilhar, mas não póde, essas miseraveis honrarias; e a lição, finalmente, que merecem os que chamam «verdes» ás uvas a que desejariam chegar, mas não podem.

(113) **FABULA 113.ª**

Nem todos tem egual valor só por estarem na mesma posição social ou terem distincções eguaes. Cada um é o que é; e uma moldura muito valiosa póde até patentear mais o nenhum valor da pintura que encerra.
Diz Voltaire *(Henriade, I)*:

«Tel brille au second rang, qui s'éclipse au premier.»

(114) **FABULA 114.ª**

Esta fabula é das que não carecem de se lhes apontar a moralidade: se o fiz, foi por ver que ultimamente tornou-se moda o acudir pela cigarra. Não ha melhor flandres! vida alegre e dissipada para uns, e quem trabalha que pague os desvarios dos outros! A esta exploração chama-se philanthropia! e os seus apostolos procuram tambem para si. É louvavel que lastimem e soccorram a quantos soffrem, embora por culpa sua; mas isso está muito longe da glorificação da vadiagem.

(115) **FABULA 115.ª**

No fundo d'esses sentimentos de protecção aos outros e de amor do bem geral está, as mais das vezes, o inte-

resse proprio, a ponto de serem quasi sempre aquelles pospostos a este, quando não haja meio de os satisfazer.

(116) **FABULA 116.ª**

—Com sopa de ravioes
E bicos de rouxinoes.

Ravioes—sopa sêcca de rodelas de massa com fino e saboroso recheio—vem do italiano *ravioli*. Bicos de rouxinoes—nunca os comi nem desejo. Não sei d'onde vem que assim se diz para significar manjar muito delicado.

—«Seja creada ou quem for»,

O rato do campo tambem devia ter tido sustos; porém eram de outra natureza e estava a elles costumado. Os perigos novos são os que mais assustam.

(117) **FABULA 117.ª**

Assim acontece muitas vezes, a ponto que o mentiroso chega a acreditar na propria mentira. Lembra tambem a fabula de Pygmalião namorado da estatua que fizera.

(118) **FABULA 118.ª**

O frade mereceu a lição por sua falsa modestia. O santo foi um pouquinho mau, e peccou pelo menos venialmente (o que póde acontecer ainda aos santos).

(119) **FABULA 119.ª**

A hera faz muito menos mal ás arvores do que geralmente se pensa. O peior damno provém de abafar a folhagem por onde a planta respira, e prival-a da luz. Tambem não deixa de ser de algum prestimo, além da sua belleza. Tomei-a, como vulgarmente a tomam, pelo typo dos despreziveis parasitas.

(120) **FABULA 120.ª**

Fartos estamos de os ver, e fartissimos de os ouvir. O mundo é assim: a fé (ainda de um parvo) acaba por vencel-o. Levanta-se alguem trombeteando o proprio merito, e logo é recebido com um *tolle* geral, sem mais exame. Se succumbe, todos o pisam; se resiste, cedo ou tarde quasi todos o admiram. É a pedra cahida no meio da corrente da agua: ou esta a arrasta, ou, se não póde, abre-se em tôrno d'ella.

(121) **FABULA 121.ª**

—Pois nenhum inda comprei.

Contam isto de um parvo. O certo é que os corvos vivem muitos annos.

—O neto de *D. Vicente*

Em Lisboa chamam *Vicentes* aos corvos; porque, segundo reza a lenda, dois corvos eram a unica tripulação do navio que trouxe a Portugal o corpo de S. Vicente; navio que com elles figura nas armas de Lisboa, cuja sé sustenta sempre dois corvos. Aos conegos regrantes de S. Agostinho, porque lhes pertencia o convento e egreja de S. Vicente, chamavam frades Vicentes, e estes tinham *dom*, logo... Talvez haja dons com menos fundamento do que o do meu corvo.

—Não é *tammanha* a diff'rença.

Entendamo'-nos: é immensa e cada vez maior em absoluto, comparadas duas epochas afastadas; não porém tão grande como se pensa, relativamente ao gozar e soffrer das pessoas que viveram em cada epocha. Cada qual vive no meio em que e para que nasceu, tão bem ou tão mal como outra pessoa num meio peior ou melhor, de outra epocha. Viveria de certo peior, se podesse passar a um meio antigo mais ruim; e melhor, noutro mais civilizado. Aquillo que nunca se conheceu e não é indispensavel, não faz falta; e cousas ha indispensaveis para povos ci-

vilizados, das quaes não fariam caso nações barbaras ou pouco adeantadas. Isto explica o porque certas invenções, que se julgam modernas, appareceram em tempos remotos e foram desprezadas e esquecidas, por não se carecer d'ellas ainda.

(122) **FABULA 122.ª**

—Que mais não tinha veneno

As serpentes venenosas quando mordem expremem ao mesmo tempo umas vesiculas cheias de veneno que tem debaixo de certos dentes furados. Parece hoje provado que toda a saliva é venenosa, mas só *quantum sufficit* para o fim a que é destinada.

Na India, como em outros paizes, ha pelotiqueiros que fazem sortes com cobras, ás quaes arrancaram os dentes e que porisso não podem morder e envenenar.

—Uma fabula que mente,

Foi em Lessing que vi pela primeira vez o assumpto d'esta fabula tratado no sentido pelo qual tambem o encarei. Na verdade o tal aldeão (não sendo uma creança, de todo inexperiente) de certo era idiota ou vilão ruim.

(123) **FABULA 123.ª**

—Puxa tu, que eu vou gemendo.—

Ha muita gente que finge trabalhar gemendo, quando os outros puxam. É sabido que os marinheiros acompanham o puxar dos cabos com um som cadente que lhes serve de compasso.

—Hypocritas, doutrinarios,

Ha tartufos de todas as denominações; e porisso tambem os ha de principios politicos, que são os «doutrinarios». Todos advogam sagrados interesses desde os (que elles chamam) de Deus até os dos devassos e das feras.

Já se sabe, a maior parte de taes procuradores procuram para si.

(124) **FABULA 124.ª**

—(A tolas não se responde)

O que se ha de responder a uma mulher tola, atrevida e, quasi sempre, ignorante? As mulheres e as creanças não poucas vezes abusam da sua fraqueza: o remedio é não fazer caso, ou fugir.

Lessing tratou este assumpto de outro modo, de certo mais bello mas menos pratico. Intendo que se deve perdoar no sentido de não tirar vingança; mas não se póde ter como bom, e tratal-o como tal, a quem deu provas de ser malvado.

(125) **FABULA 125.ª**

Todos sabem como foram famosas as armas brancas de Toledo. Todos sabem tambem que a folha de um espadim de côrte serve só de encher a bainha.

(126) **FABULA 126.ª**

—E a maman de se sorrir

Quantas assim fazem, mal sabendo que d'essas predilecções nascem muitas vezes odios inextinguiveis!

Quem funda, quasi sempre obedece a um sentimento de orgulho (boa manha, se com isso lucram os demais): quem destroe, raro o faz que não seja por inveja, ou para edificar a seu modo; e então entra na classe dos fundadores, e não é para censurar, se o fizer melhor do que o que já estava. Muitas vezes (menos porém do que se pensa e pratica) é impossivel construir sem primeiro destruir o que existia.

(127) **FABULA 127.ª**

Não me lembra agora o nome d'aquelle a quem attribuem

a invenção da serra: mas tenho idéa de ler que outro figurão se matou desesperado por não ter elle sido o inventor de instrumento tão util e tão simples. Não sei se as cousas se passaram como as conto; é porém provavel, e até probabilissimo, que assim fosse. A sciencia está cheia de acasos que, disse alguem, só acontecem a homens de merito: seria mais exacto dizer—a quem d'elles sabe tirar proveito. Tambem é verdade que o pouco bem-aproveitado rende mais que o muito esbanjado. Em todo o caso devemos fazer o que dizem os inglezes—tirar o possivel proveito de um ruim negocio.

(128) **FABULA 128.ª**

Pareceu-me que, além da moralidade palpavel e antiga, póde tirar-se d'esta fabula mais outra, de applicação moderna. Não entro aqui em dissertações sobre o jury, grande instituição, ainda tão pouco proficua entre nós, já (e principalmente) por culpa dos legisladores, que tem feito dos juizes de facto, juizes leigos de direito; já pela natural tendencia que quasi todos tem, de pensar que podem substituir-se á lei e dar assim o que não é seu; e isto (seja dito em sua defesa) na melhor boa-fé.

(129) **FABULA 129.ª**

Não se lhe deve chamar «sociedade de mutua admiração,» a qual raro existe; mas de «mutuo proveito,» e que degenera ás vezes em associação de malfeitores, sem os azares a que se expunham os do Pinhal da Azambuja, Serra da Falperra, Pégões e quejandos logares famosos.

—Quaes os dois mulos de Erasmo.

O proverbio latino diz—*Asinus asinum fricat.* Erasmo na seu *Elogio da loucura* chama-lhes «mulos». São os nossos leigos a darem-se reverendissima.

(130) **FABULA 130.ª**

Quando se trata de saber a verdade ou quem tenha

razão, de nada valem as qualidades boas ou más do individuo que a diz ou que tem direito á justiça. Não admiro Cicero quando, nas Tusculanas, declara «que não se lhe dá de errar com Platão.» Devemos sempre querer acertar seja com quem for.

É manha velha, quando se quer atacar as opiniões de alguem, começar por deprimil-o e até por calumnial-o; chegando a propalar e a inventar factos de vida privada, que nada vem para o caso: assim procuram prevenir contra a victima o publico ignaro ou malevolo.

(131) **FABULA 131.ª**

Já Bocage dizia:

«Procurador, não me enganas;
Tu procuras para ti.»

(132) **FABULA 132.ª**

Não approvo o rigor (mórmente quando manifestado com maus modos ou maus tratos) no ensino e educação das creanças. Tambem não me agrada o systema medico de causticos, sangrias, vomitorios, (remedios heroicos, na phrase de Hufland) que ás vezes são indispensaveis. Assim o rigor não deixa de ser ás vezes necessario para reprimir a revolta ou castigar a má vontade. Abusou-se muitissimo d'elle: hoje, em epocha de reacção, cahem no extremo opposto. Já Swift no seu Gulliver apresenta o systema de ensinar a geometria cortando as figuras em bolos e marmelada que os meninos comiam.

Não insisto, por falta de espaço; só accrescentarei que, assim como um grande medico disse—não ha doenças, ha doentes,—bem se póde dizer—não ha systema absoluto de educação, ha creanças a educar.—Não nego (nem de certo o medico negaria) que haja principios geraes a seguir; porém nem todos os doentes, nem todos os educandos, podem passar pela mesma fieira: o que é emoliente para uns é caustico para outros e inutil para muitos.

Tire-se o que ha de utopia na maior parte dos apregoados systemas, e de charlatanismo em não poucos de

seus *apostolos*, e todos valem o mesmo, com pouca differença; ou tanto quanto valer quem os poser em pratica, e os individuos a educar. — Do nada nada se faz: — para o ensino é necessario quem saiba ensinar e quem seja capaz de apprender.

(133) **FABULA 133.ª**

—Não me agrada...

Os asylos de mendicidade, que podem ser (e são realmente) um bem para alguns e até, dizem que, uma especie de conventos para certos mandriões que preferem tudo ao trabalho com que ainda podiam, são um mal para outros, e uma injustiça barbara para muitos, a quem com o fim de os beneficiarem (ou de se verem livres d'elles, pois o mais forte e mais usado argumento que tenho ouvido contra os mendigos é — que incommodam) roubam o ultimo bem que lhes resta — a liberdade; equiparando-os assim aos criminosos. Demais, é um remedio inefficaz contra a mendicidade: senão, vejam se ella tem diminuido depois da fundação de tantas d'aquellas casas, ou se não é necessario dar-lhe continuamente caça. É sempre a fabula do rio e do dique. — Elles (dizem) acodem ás cidades de todas as villas e aldeias. — Devéras! forte milagre que corram os famintos aonde esperam achar pão ou migalhas, e as moscas aonde ha mel! Porisso de quando em quando mandam, com toda a seriedade, que sejam remettidos para as terras da sua naturalidade, onde encontram a fome, pois sem o trabalho, com que já não podem, o que hão de alli encontrar? e se podem, são vadios e, como taes sejam castigados... Porém, é mais simples enxotar as moscas. Não sei de remedio immediato para tão grande mal, nem me consta que alguem o achasse; para o attenuar no futuro só vejo tornar obrigatoria a instrucção *profissional*.

(134) **FABULA 134.ª**

Em geral os mais incapazes são os mais promptos a admirar e a exaggerar as grandes façanhas, tão grandes que se torna quasi impossivel pratical-as; e assim acham desculpa para nada fazer. Os desgraçados orientaes, co-

bertos de immundicie e vivendo em ociosa miseria, inventaram as—Mil e uma noites.

(135) **FABULA 135.ª**

—Soffra, não ha remedio; tenha paciencia:—são conselhos que me soam mal, dados as mais das vezes pela covardia em proveito dos oppressores. A conformidade só é razoavel, e até um bem, quando evidentemente não ha remedio algum possivel ao mal, e ainda assim não exclue o protesto contra a injustiça.

—Vae prégar
A uma horta

Ouvia eu dizer em rapaz, no sentido de—não estou para te aturar.

—Os protestos, quando justos,

Podia ter escolhido os do martyres tanto da religião como da sciencia: quiz porém mostrar o direito bem descarnado, e não duvidei porisso advogar a causa do mais egoista e antipathico dos brutos; porque o direito é um só e para todos o mesmo. É contar pouco com a justiça da causa dos negros o apresental-os todos intelligentes, honrados e até asseiados; o mesmo direi dos proletarios. O seu a seu dono, seja elle quem for.

(136) **FABULA 136.ª**

Antes de se transformarem em chrysalidas muitas lagartas fiam um fio tenuissimo, que para nada presta. A que figura nesta fabula appellava para a delicadeza do seu fio, já que não podia invocar coisa melhor.

(137) **FABULA 137.ª**

Julguei mais conveniente e mais claro tomar para esta

fabula o titulo do — argueiro — de que falla o Evangelho, do que o de — alforges — da fabula antiga, tão graciosamente contada por La Fontaine.

—Quatro eu tenho, e sou capaz

Parece hoje evidentemente demonstrado que os macacos não tem quatro mãos, mas duas e dois pés. Aqui aproveitei a opinião mais popular.

—Gorda, porém a gordura

Diz o rifão:

«Dá-me gordura
Dar-te-hei formosura».

—«Olha!» lhe diz: «o oução,

Deve ser animal quasi imperceptivel, talvez porisso ainde o não vi. É, diz o Diccionario contemporaneo, o *acarus siro*, e encontra-se na farinha e no queijo.

(138) **FABULA 138.ª**

Esta fabula, mais verdadeira do que parecerá a muita gente, tem larga applicação. Foi este execrando meio empregado antigamente em grande escala, e ainda o continúa a ser, mas tem de mascarar-se. O caso está em fazer cahir a victima no laço — *Le mettre dans son tort* — como dizem os francezes. Depois elles, os sacerdotes da justiça, os defensores natos da moral publica (deviam-lhe essa compensação) apontam o desgraçado á indignação dos algozes e dos parvos illudidos.

(139) **FABULA 139.ª**

—De quem se afasta do seu, o seu se afasta — diz o ditado. Não devemos esperar dos outros maior interesse por

nós e pelas nossas cousas do que aquelle que nós proprios mostramos.

(140) **FABULA 140.ª**

Ha muitos que, para uma cousa se lhes não estragar, nunca a usam, o que vale o mesmo que não a ter.

(141) **FABULA 141.ª**

Nunca devemos olhar a intervallos transitorios de regresso, mas sim ao andar dos annos e dos seculos; e para quem não for moço, ainda bastará o principio da sua vida. Demais, devemos attender ao resultado geral, e nunca chorar por qualquer cousa que se perdeu temporariamente, pois, se ella for boa e necessaria, ha de voltar embora modificada na fórma.

(142) **FABULA 142.ª**

As toupeiras, pelo menos algumas especies, não são cégas, só vêem pouco; e aquellas que o são, é por terem os olhos atrophiados pela falta de uso. Escolhi uma da primeira classe pela mesma razão porque a escolheu o pardal: fez-me conta.

(143) **FABULA 143.ª**

—É um viver franciscano

Em geral diz-se—franciscano—significando pobre, humilde. O cão, porém, era mais sabido e dava á lenda d'aquelles frades—*Nihil habentes, omnia possidentes* a maliciosa interpretação do frade dominico:—«quem não tem vergonha todo o mundo é seu.» Não admira, visto declarar que queria passar bem, ainda a troco de ser sabujo.

O cão tem sido o thema dos maiores, mais poeticos e mais sentimentaes elogios: ainda assim o nome de—sabujo—nunca enobrecerá ninguem. O cão é elogiado porque serve e se humilha. Já disse alguem que—quanto

mais conhecia os homens, mais estimava os cães. Era digno de viver com elles.

(144) **FABULA 144.ª**

Poucos grammas de ouro valem uma libra, que corresponde a grande peso de moeda em cobre. O que é mau reproduz-se com grande facilidade, no physico e no moral. Não quer isto dizer que valham mais (para o homem, já se sabe) os leões do que os coelhos: porém dão maior apreço áquelles, e é isto quanto basta para a verdade da fabula.

(145) **FABULA 145.ª**

— O mundo a moralizar,

Aqui temos o burro com a sua quéda para moralista. V.ᵉ nota á fabula 56.

—Destruir
A ruim fama

Não é facil; mas é possivel. Quem fizer uma acção má e se arrepender, procure praticar uma ou mais acções boas. Esta é a prova do verdadeiro arrependimento e regeneração, e o unico remedio contra o mal; não protestos nem prantos inuteis e estereis. Eis o que se devia explicar ás creanças. Um homem arrependeu-se do mal que fez? está regenerado? Próve-o. O doente deve, por assim dizer, amar o remedio, ou pelo menos tomal-o de boa vontade, por mais amargo que elle seja.

(146) **FABULA 146.ª**

— E vejo que deixou 'schola

E ha muita gente que a segue de boa-fé.

—Emquanto lei não houver

—«Se é crime ter cão» (disse numa celebre sentença o

nosso Mousinho da Silveira, sendo juiz-de-fóra em Setubal) «tambem é crime ter cadella.» Se o pedir esmola é crime, o dal-a será virtude? Não serei eu quem resolva aqui este espinhoso problema: só direi que todos os argumentos que tenho ouvido produzir contra os mendigos (fallo dos que não são vadios, porque esses pune-os a lei) se resumem a — «incommodam!»

V. fabula 13.ª e nota correspondente.

(147) **FABULA 147.ª**

— Como vens com as costas quentes

É essa a origem da valentia de muita e muita gente.

(148) **FABULA 148.ª**

—Feitas finalmente as pazes

Refiro-me á fabula 113.ª

—Que não é o que imaginam
O modo de educar gente.

Não seja o filho educado em casa: é o meu—*delenda Carthago*. Não cessarei de o repetir. Passada certa edade, a casa paterna, e mais que tudo os mimos maternos, são a causa pelo menos do acanhamento physico, moral e intellectual de muitissimos homens, ainda dos melhores.

(149) **FABULA 149.ª**

Li esta fabula, *si vile recordor*, numa traducção de Lochman. Parece que d'ella foi tirada a do — homem e a gallinha dos ovos de ouro — a meu ver, falsa. Semelhante homem não era ambicioso, senão doido ou imbecil. Como podia elle esperar que contivesse a gallinha em si um thesouro? Fôra o conteúdo muitissimas vezes maior que o continente?

V.ª fabulas 211.ª... e notas respectivas.

(150) **FABULA 150.ª**

— Dá-me quatro, dá-me tres...»

Alguem achará que o lobo pedia pouco, mas advirto que o contrato era com um só pastor, podendo obter tambem algumas ovelhas dos outros; e quando com elles nada ajustasse, ficava-lhe o pulso livre, contando com aquellas como certas.

—A que chamam social

Em theoria, uns attribuem todos os males á falta de moralidade e pretendem que se volte á epocha de virtudes que elles imaginam ter existido; outros querem destruir as bases da sociedade actual, estabelecendo entre os homens uma egualdade chimerica. Uns e outros me parecem egualmente utopistas. Na pratica uns querem, pelo menos, conservar o que tem; os outros conquistar o que lhes falta. D'ahi a continuação da lucta, cujo resultado final não sei se póde prever-se, mas cujas consequencias immediatas são, e devem continuar a ser, desastrosas para a civilização.

(151) **FABULA 151.ª**

As crendices são mais nocivas e geraes do que vulgarmente se cuida. É a perversão de um sentimento natural ao homem,—o do maravilhoso, o qual bem dirigido lhe póde ser util, suavizando as penas da vida; e mal educado, o leva até á imbecillidade e ao crime.

(152) **FABULA 152.ª**

Hoje rimos do que fomos,
Amanhã do que hoje somos.

Raro será o dia em que não critiquemos nos outros as nossas passadas perfeições, ou os nossos defeitos passados, quando não presentes.

(153) **FABULA 153.ª**

Os bons exemplos! eis o grande meio civilizador dos povos; são o—*Apprendei de mim*... dizia o Mestre.

(154) **FABULA 154.ª**

Se os homens não julgassem geralmente só pelas apparencias, já os asnos não iam vestir-se com a pelle dos leões. Fazem pois elles muito bem.

(155) **FABULA 155.ª**

Quem desce por culpa sua é mais para censurar do que quem procura subir, embora sem o poder por falta de merecimento; ao menos mostra apreciar o que é nobre e bom.

(156) **FABULA 156.ª**

Ao erro cruel do castigo vingador succedeu em reacção a mania, perigosa por excesso, da crença na possibilidade, senão certeza da regeneração do criminoso. D'ahi as horriveis e barbaras cadeias se tornaram para muitos utopistas—fabricas de santos.

(157) **FABULA 157.ª**

— Foi-lhe qual o Tenebroso

Todos sabem, ou facilmente podem saber, o que era este—*Mar tenebroso*. Aquella e outras idéas semelhantes dominaram o espirito dos povos, retardaram o seu desenvolvimento, depois promovido por homens quaes Copernico, Galileo e outros...

Não devemos porém rir do passado: o nosso tempo tambem ha de apresentar aos vindouros mares tenebrosos e outras patranhas, que muitos acreditam hoje, outros fingem acreditar (lá sabem porquê) e alguns combatem

se não com perigo de vida, como antigamente, de certo com o de perseguições surdas e implacaveis.

(158) **FABULA 158.ª**

Não ha muito que um celebre escriptor e philosopho inglez, Herbert Spencer, foi convidado por certo circulo eleitoral para o representar no parlamento. Desculpou-se elle com os seus trabalhos e avançada edade (ou doenças, já me não lembra); e accrescentou que de pouco serviria no parlamento, pois as questões, quando lá chegavam, já o paiz as tinha resolvido. Não é assim inteiramente, segundo o que se vê na pratica: basta porém que o seja em parte, isto é, que toda uma nação se interesse no que lhe diz respeito e o discuta com prudencia. Para este fim servem os jornaes (serios) e ainda os *meetings* (quando o sejam tambem.) Não critico pois estes em geral, mas só os que ás vezes são promovidos ou convocados por quem até chega a ter culpas nos cartorios!

—Mui sabios sociologistas.

Longe de mim o pensamento de zombar dos trabalhos, tão eruditos e tão interessantes, da moderna philologia e sociologia, com os quaes me regalo em horas vagas. A raposa é que quiz abusar da respeitabilidade d'elles, attribuindo-lhes opiniões da sua lavra.

—Qual o—*delenda Carthago*

Quem não sabe da celebre teima de Catão—*o antigo*—para se destruir a famosa rival de Roma?

—Que todo o *meeting*, assim
Convocado

Só me refiro aos que o forem *assim*, e muito desejaria da cordura e illustração dos convocados (e enganados) aquella correcção condigna.

(159) **FABULA 159.ª**

Como póde alguem achar prazer no applauso de um parvo, ou ainda de quem tudo applaude sem criterio!

(160) **FABULA 160.ª**

—Sabes? a do bom arinto,

Bom signal para a raposa se lembrar. O proprio lobo não desdenharia as uvas á falta de melhor.

Quantos homens, e por vezes quantas nações inteiras, se queixam amargamente de os outros haverem praticado contra elles acções eguaes áquellas que os mesmos julgam ter gloriosamente praticado contra os outros! Lembro-me de um historiador notavel se indignar porque a França, quando invadida pelos alliados, fosse *espoliada (sic)* dos quadros e outros objectos de arte que tinha tirado á Italia, pelo direito da guerra! O mesmo repete um de seus maiores poetas—Béranger—na sua ode sublime—*Les enfants de la France:—D'un vol fameux prompts á venger l'injure!...*

(161) **FABULA 161.ª**

Julgo que foi Boileau quem disse:

«Les sots depuis Adam sont en majorité.»

Eu duvido que o numero d'elles exceda o dos velhacos.

(162) **FABULA 162.ª**

—Em ambos os parlamentos

V.ᵉ fabulas 218 e 339.

—E Demosthenes lembraram,

É sabido que aquelle grande orador, tão heroico na tribuna contra Philippe de Macedonia, fugiu vergonhosa-

mente na batalha de Cheronéa abandonando o escudo, o que na Grecia era tido como prova da maior covardia.

—Já vi isto em qualquer parte

Se não me engano, foi num combate prognosticado por Mentor a Telemacho.

—E os filhinhos apertaram

Vide Camões—Lusiadas IV, 28; e Virgilio—Eneida VII, 518.

—Lido em Corneille é belleza.

Na famosa narração do combate do Cid contra os moiros lê-se (e é citado como rasgo de grande belleza): —*Et le combat cessa faute de combattants.*

Se o poeta dissesse que findou o combate porque os inimigos todos tinham morrido ou fugido, mostrava a valentia dos vencedores ou a covardia dos vencidos; porém, uns morreram, outros fugiram (de certo para se conservarem á patria) e os restantes entregaram-se afinal, vendo a batalha perdida (isto consta da narração). Quizera pois saber onde está a maravilha do facto, onde a grandeza do pensamento; e se não é isso o que acontece as mais das vezes? De taes ouropeis não faltam infelizmente exemplos nos cursos de litteratura destinados a educar o sentimento esthetico da mocidade!

—Assim fez Caio Varrão

Na batalha de Cannas, ganhada por Annibal sobre o exercito romano commandado por Emilio e Caio Varrão, e dada por causa d'este contra a opinião d'aquelle seu collega, P. Emilio morreu no combate, Varrão escapou com dez mil homens. Chamado a Roma, o senado agradeceu-lhe o não ter desesperado da salvação da républica. O senado sabia muito bem o que fazia, e com a sua prudencia contribuiu efficazmente para a ruina de Annibal.

—Em brilhante centenario,

A mania d'esta macaqueação das procissões ha de passar de moda, ainda que não seja senão pelo abuso.

—Quando ha publicos revezes,

É verdade que, a quem tem pouco, a falta d'este é tão sensivel como a do muito a quem é abastado: a differença está em que o pouco é mais facil de recuperar. Os estragos da quéda são proporcionaes á altura d'esta.

(163) **FABULA 163.ª**

—Pois de certo aquelles amos

Temos o caso da fabula anterior—quem tem pouco ou nada, pouco perde tambem com a mudança de posição. O burro trata seus donos de—amos: o que não é para admirar nos tempos em que fallavam com elles tanto á mão.

—Quando correm algum perigo

Se (no sentido religioso) muita gente junta não se salva, mais facil lhe é salvar-se, se não toda, parte d'ella nos negocios mundanos.

(164) **FABULA 164.ª**

Presenciei a primeira parte d'esta fabula, isto é, a queixa do premiado, a qual me suggeriu a resposta do outro. Quantas vezes as creanças que mais cedo se desenvolvem intellectualmente mostram depois menor aptidão do que as de desenvolvimento mais tardio? Isto sem levar ainda em conta os motivos pelos quaes, ás vezes, os premios são concedidos.

(165) **FABULA 165.ª**

É a lucta pela existencia. Para viver é necessario tirar a vida a outros. O que faz o homem ainda o mais virtuoso e o mais sensivel com relação ás plantas e aos animaes?

(166) **FABULA 166.ª**

É manha de muita gente confessar os seus erros e até exaggeral-os para depois ouvir que os demais os negam. Chamam a isso os inglezes—pescar cumprimentos. Outros apresentam o rol de suas imperfeições, que são todas ellas virtudes exaggeradas. A vaidade é muito manhosa...

(167) **FABULA 167.ª**

—Sempre em gallinhas pensando.

Quem torto nasce...

(168) **FABULA 168.ª**

—Ficando sempre patinhas.

É muito difficil, senão impossivel, vencer os maus instinctos das creanças sem as arrancar ao meio onde os vêem praticar por todos ou quasi todos, mórmente por aquelles que estimam e devem respeitar. Nada direi do quanto as desgraçadas mestras ou governantas (hoje *institutrices)* tem entre nós muitas vezes que soffrer nos vespeiros onde cahem. Amargo pão! Fazem-me lembrar os capellães das antigas casas grandes, que muitas vezes serviam de bobos... Como ha de uma creança respeitar essa a quem não vê os outros guardarem respeito?

(169) **FABULA 169.ª**

Nos tempos em que os pastores...

Fallo dos pastores de Florian, das Cartas d'Echo e Narciso e ainda (porque póde haver primores em generos embora detestaveis e falsos) da Marilia de Dirceu, etc., etc.

—Elle um cravo, ella uma rosa

Era a comparação sabida, sendo nesses tempos o cravo

e a rosa as primeiras d'entre as flores; como ainda hoje, na minha humilde opinião, é a rosa.

—Nem Rua dos Capellistas,

«Rua Nova de El-Rei» se ficou chamando depois do terramoto em vez de «Rua Nova» nome que julgo tinha antes. Foi a primeira que existiu fóra das primitivas muralhas de Lisboa. Para alli se mudaram e lhe deram o nome vulgar os *Capellistas*, assim chamados por terem loja junto á capella dos Paços da Ribeira. Alem dos principaes cambistas alli se encontram (e onde não se encontrarão ellas hoje!) lojas de modas, mais em conta do que as de primeira ordem das Madamas francezas *et reliqua*.

—Capazes de enternecer

Todos reconhecem o fraco que as mulheres, em geral, tem pelos trapos. Infelizmente esse fraco é o seu forte.

—Nesta vida

Tudo tem seu logar, attendendo-se á occasião e á dose. Os bois e os carneiros (até os porcos!) e os trigos são de certo mais uteis do que os rouxinoes e as rosas que, embora dispensaveis, não se devem desprezar, visto satisfazerem um prazer do homem e suavizarem-lhe a existencia. Póde aqui dizer-se: «Não só de pão vive o homem.» Accrescentarei que a verdadeira poesia eleva a alma inspirando-lhe sentimentos nobres e generosos.

(170) **FABULA 170.ª**

—De crear bicho

Dicto popular, fundado em que muita vez uma pancada póde produzir o desenvolvimento de um cancro, a que o povo chama—bicho, por julgar que o é. Explicar a verdadeira natureza d'este não é para aqui. Conviria que na instrucção primaria apresentassem *mui succintamente* idéas verdadeiras combatendo estas e outras mais perigo-

sas, taes como a da espinhela cahida, do poder das pragas, das figas, das benzedeiras e mulheres de virtude... que atrophiam a intelligencia das creanças e são uma vergonha para a humanidade.

(171) **FABULA 171.ª**

Esta fabula, porisso mesmo que é verdadeira, ha de desagradar a muita gente amavel e encantadora. Paciencia! O meu fim não é escrever historias da carochinha.

—D. Maria Justina
Sua *esposa*

Esta senhora é uma das principaes figuras, se não a primeira, da comedia social. Seu *esposo* para ter a paz em casa (e ás vezes tambem para que fechem os olhos aos seus peccados fóra d'ella) concorda num—*modus vivendi*, não raro peior do que aquelle que intento descrever aqui. Assim cada um, procurando enganar o outro, se engana a si mesmo.

(172) **FABULA 172.ª**

Não vou tão longe como os que dizem—«não o podes esmagar? tira-lhe o chapeo.» O brio e a honra não medem forças nem distancias. Porém, não estando estes em perigo, é loucura correr a uma sorte, inutil e evidentemente funesta.

Quanto ao assentar-lhes bem a mão, é só para o fim de impedir que repitam. O sentimento de vingança póde *desculpar-se* quando o aggravo é atroz e ainda verte sangue; não é porém louvavel. Quanto a perdoar, se o culpado não está arrependido, não merece perdão; e se o está, não carece d'elle. Se o perdão significa abstenção de vingança, deve perdoar-se sempre: não assim, se quer dizer que tenhamos estima por um malvado ou um tratante, porque já não póde lesar-nos.

(173) **FABULA 173.ª**

No norte da Europa ha fogões nas egrejas; é uma ne-

cessidade. Não se vá á egreja para alli estar mui confortavelmente, mas é preciso que lá se possa estar. Não approvo egrejas-salas com distincções odiosas de ricos e de pobres; mas deve haver nellas o arranjo e ainda as commodidades indispensaveis, e principalmente o maior asseio.

—Nunca se deve fazer

Este pensar, com prudencia, é acerto; sem criterio, é incompativel com qualquer progresso, e porisso altamente parvo.

(174) **FABULA 174.ª**

Tirei duas fabulas do mesmo assumpto: esta e a 341.ª, na qual dou razão ao carvalho, pois—antes quebrar que torcer. Nesta critíco a demasia do seu orgulho, equiparando-o ao canniço. Se o carvalho da fabula antiga póde ser a imagem do orgulho, tambem o será de quem é brioso; e o canniço, se representa a modestia, corre tambem o risco de fazer o papel de sabujo ou, ao menos, de fraco; o que não é para se aconselhar.

(175) **FABULA 175.ª**

A medicina antiga estava, como é sabido, cheia de crendices e de talismans etc. etc.

—Ser feliz

Estou convencido de que, não havendo miseria ou soffrimento, póde haver felicidade egual em todas as classes. D'ahi o dictado—dá Deus o frio conforme a roupa—o qual ainda assim não deve tomar-se em absoluto. Em todo o caso a felicidade depende muito do genio particular, dos principios e educação do individuo: d'isto se encontra um exemplo encantador no vigario de Wakefield de Goldsmith.

(176) **FABULA 176.ª**

Para viajar com verdadeiro proveito deve o homem ter

não só intelligencia mas instrucção e o conhecimento da lingua do paiz onde viaja. Quando não, é o mesmo que um ignorante, surdo, visitando um museu.

(177) **FABULA 177.ª**

A lição é tambem applicavel aos individuos. Imitar o bem é muito louvavel. Se a rã se limitasse a procurar ser uma guapa creatura no seu genero, como o era o boi no d'elle, teria tido juizo e não estoirava.

(178) **FABULA 178.ª**

Tudo quanto nos é inutil não vale o trabalho de o alcançarmos, mórmente com sacrificios. Diziam quando eu era menino: «Kágado, para que queres botas, se tu tens as pernas tortas?»

(179) **FABULA 179.ª**

—Tambem te podes fartar

Estou que um lobo esfaimado, se podér alcançar enguias, não as rejeitará. O que me parece incrivel é que alguem (o lobo e a raposa aqui são gente) acredite que a imagem da lua no fundo de um poço seja um pedaço de queijo.

—Subindo assim a enzoneira.

De pequeno ouvi sempre a palavra *enzona* com a significação de intriga, enredo, mentira; *enzonar*, com a de metter *enzonas*; *enzoneiro*, quem as mettia. Neste sentido vejo a primeira no *Diccionario contemporaneo*, mas fazendo-a derivar por corrupção de *onzena*, *onzenar*, á qual dá tambem o sentido de—bisbilhotar, que só alli vejo, sem que nada o auctorize. Este Diccionario não traz—enzoneiro e enzoneira, o que me parece lapso.

Moraes e outros não apresentam aquellas palavras, mas a de *enzéma* ou *enzéna*, odio, inimizades, o que me leva a crer que d'ella por corrupção derivam *enzona*, *enzonar*

e *enzoneiro,* etc., no sentido de quem fomenta odio e inimizades, mentindo para maus fins.

—Quando sem justo motivo

A que carga de agua? Não é impossivel, mas certamente rarissimo, e deve despertar desconfiança.

(180) **FABULA 180.ª**

No Alemtejo lavram (ou lavravam) com muares e cavallos, e assim o fazem em quasi todos os paizes do norte da Europa.

—E direi mais que o devias:

Estou completamente de accordo. Quem sabe e tem força é que deve mandar.

(181) **FABULA 181.ª**

Não procuro fazer a apologia da avareza, nem pugnar *pro domo mea.* Sem ser prodigo, nunca fui avarento, antes menos poupado. Deve-se porém justiça a todos, ainda aos mais antipathicos.

Esta fabula na bocca de um avarento é talvez falsa; poucos, provavelmente, se desculpariam por este modo: mas não deixa de ser verdadeira, pelo menos em grande parte, quando explica a razão que move a muitos, ainda inconscientemente.

Tambem não é menos verdade que, a cada passo, vemos adorar nelles o bezerro de ouro. Odeiam-os quando não se podem aproveitar d'elles; porém nem sempre quem odeia despreza; muitas vezes é inveja, e mostram mais consideração ao burro carregado de reliquias e ao avarento, do que ao homem de merito e ao caritativo. Porque maldizem na ausencia quando chegam a aviltar-se deante d'elles? Se não respeitassem o burro e não adulassem os avarentos, teriam direito a fallar. Não é isso, porém, o que geralmente se vê. Quem é pois mais vil? os

que respeitam e adulam, ou o alvo das zumbaias e adulações?

(182) **FABULA 182.ª**

É o pensar de muita gente. O mundo foi feito para elles: o que lhes não serve, de nada presta. Para muitos o pronome pessoal tem só uma pessoa—eu.

(183) **FABULA 183.ª**

Contentemo'-nos com o jantar e com o fructo, não procuremos ver o cosinheiro nem comer o caroço. Fructos ha que o tem venenoso, outros cuja polpa junto d'elle amarga e porisso se chamam—gostos da vida.

—Diz auctor que muito prezo:

O padre Manuel Bernardes—*Luz e calor* (parte 1.ª, doutrina 9.ª) «Quatro mães mui formosas parem quatro filhos mui feios: a verdade pare odio; a prosperidade, orgulho; a familiaridade, desprezo; a segurança, perigo.»

Parece que o padre formou aquelle bello pensamento tomando a 1.ª parte da *Andria* de *Terencio*, acto 1.º, scena 5.ª v. 41; a 2.ª de Plauto, *Stichus*, acto 2.º, scena 1.ª, v. 28; a 3.ª de Quintiliano, liv. I, cap. 12; e a 4.ª de Velleio Paterculo, *Historia Romana*, liv. IX, cap. 118.

(184) **FABULA 184.ª**

—Mas tem certo

Assim se acreditava ou se procurou fazer acreditar: tanto podem a dependencia e o servilismo! Contou-me um fidalgo velho que vira em sua casa o capellão que levava o viatico a um creado, em zumbaias com o patrão, para que s. ex.ª entrasse primeiro no quarto! Ainda hoje as salvas de artilheria a uma pessoa real constam de mais estoiros que as ao Santissimo.

—É certamente melhor

A dor gasta-se com o desabafar—termo cheio de verdade. Não podemos soffrer nem gozar por muito tempo.

(185) **FABULA 185.ª**

—(Para o seu lume accender)

Diz o nosso Nicolau Tolentino:

«E já as vizinhas vão
Pedir ás vizinhas lume.»

O accender lume não era, ainda na minha meninice, cousa tão facil como é hoje; não havia phosphoros...

—A ladainha sabida

Quem tem pressa não póde passar por certas ruas e portas de loja, onde os vadios assaltam os transeuntes. Desgraçados! não sabendo como occupar o seu tempo, empregam-o dando provas de falta de educação.

—Insulsos alanzoados

Não encontro nos diccionarios esta palavra nem o verbo correspondente. Ouvi-a em Coimbra:—O que está elle a alanzoar? Um alanzoado é, segundo penso, uma agglomeração de palavras fazendo pouco ou nenhum sentido. Como, infelizmente, temos a cousa, parece-me que devemos aproveitar o nome.

(186) **FABULA 186.ª**

—Passar a carta de tolo

Para mim entendo que é um dos maiores insultos, e tanto peior de soffrer quanto muitas vezes, senão sempre,

é impossivel applicar-lhe o remedio das taes fomentações. Quanto aos *doutrinarios* v. nota á fabula 10.ª.

(187) **FABULA 187.ª**

—Quebrara o ultimo copo

Attribue-se o facto a um philosopho cynico, que quebrara (provavelmente) o pucaro para mostrar o seu desprezo pela civilização.--Toma chão que te dou com a testa.

—Nem muito ao mar, nem muito á terra.—O optimista e o pessimista erram egualmente na pratica da vida. Raras vezes a verdade se encontrará nos extremos. É certo que, quanto mais orgulho ou vaidade temos, tanto mais nos ferem e escandalizam estes defeitos nos outros.

(188) **FABULA 188.ª**

Um velho, quanto mais instruido é, tanto menos se obhorrece e se vê abhorrecido. Um velho ignorante, a braços com as enfermidades proprias da sua edade, e ainda em cima azedado pelo pouco ou nenhum caso que fazem d'elle, torna-se uma verdadeira peste na sociedade.

(189) **FABULA 189.ª**

Em theoria, raros se encontram que não estejam promptos a fazer actos de heroismo e de abnegação; na pratica porém é muitas vezes o avesso, nem querem sujeitar-se a sacrificios que se lhes tornam proveitosos: os outros que se sacrifiquem.

(190) **FABULA 190.ª**

Não pretendo insinuar que os juizes comam a ostra: mas é verdade que muitas vezes as despezas legaes deixam cada um dos litigantes só com uma casca. D'ahi querem alguns que a *justiça* seja gratuita. Tem graça em sua

ingenuidade! E quem havia de pagar, poisque os juizes e demais empregados hão de viver? E quantos juizes, quantos tribunaes e escrivães não seriam necessarios, segundo tal systema, á custa da barba longa?

(191) **FABULA 191.ª**

Uma das doenças mais vulgares é a mania de prophetizar; e tanto mais vulgar e insupportavel, quanto mais ignaros são os prophetas. Não a cura nem ao menos a attenua o continuo desmentido que recebe dos factos. Em politica é o principal fundo da sciencia de quasi todos os jornaes. Hoje prophetizam para ámanhã; ámanhã tem de contar os acontecimentos que desmentem os seus profundos calculos; e ou lhes dão uma volta, ou os contam candidamente, ou ainda tem a coragem de sustentar que assim o tinham previsto, e ficam sempre como os frades de sabugo.

(192) **FABULA 192.ª**

—E uma (com sua licença)

Assim dizia no meu tempo a gente do povo quando fallava em burros ou em porcos, aos quaes em Coimbra (e talvez noutras partes) chamavam—os da vista baixa. Estes euphemismos ás vezes são inconvenientes: assim o dizer—levado de S. Pedro por...

—Para estar perto do céo;

V. fabula 107.ª

—Ha de acabar a maldade.

Deve este ser o crédo de todos os que acreditam numa Intelligencia suprema e, portanto, no progresso; e é o meu.

—A enzoneira trepou;

Enzoneira—V.ª nota á fabula 179.ª

—O meu marido anda fóra,

Entendi dever dar-se esta circumstancia; senão, vivendo as aguias aos casaes, esta não podia correr o perigo inventado pela gata, ficando assim a fabula falsa.

(193) **FABULA 193.ª**

V.ª fabula 179.

(194) **FABULA 194.ª**

—Quantas historias famosas,

Muitos dos mais ardentes partidarios dos frades concordavam em que estas corporações estavam geralmente reclamando profundas reformas, pelo menos em Portugal.

—Venha para a sua eira

—Sol na eira e chuva no nabal—diz o rifão. Os nabaes precisam de chuva no mesmo tempo em que o sol é necessario para o trabalho nas eiras.

(195) **FABULA 195.ª**

O facto deu-se effectivamente: não sei porém, valha a verdade, se o homem alcançou a mercê.

—Solemne pancadaria.

Ouvi dizer a Alexandre Herculano que conhecia pessoas as quaes tinham alcançado a sua posição social a murro. A murro, ou com descomposturas descabelladas nos jornaes... tudo é um, tudo são meios que, se não honram a quem com elles alcança o seu fim, muito menos aos que deixam alcançal-o d'esse modo. Infelizmente tem sido este para muitos o caminho mais curto, se não o mais *direito*.

(196) **FABULA 196.ª**

É certo que as melhores soluções apenas afastam as dificuldades: sempre tem de chegar-se até ao inexplicavel. Diz Herbert Spencer (Principios de sociologia)—«A sciencia, a uma explicação que parecia provavel, substitue outra que só nos leva um pouco mais longe, para nos collocar em presença de um facto incontestavelmente inexplicavel.»

(197) **FABULA 197.ª**

Ha quem, á semelhança dos frades de sabugo, por mais piparotes que leve, fica sempre em pé: tão pouco lhe pésa a cabeça!

V.ª fabula 253.ª... e notas respectivas.

(198) **FABULA 198.ª**

Costumavam os gregos e os romanos collocar nas encruzilhadas dos caminhos estatuas, ou antes marcos rematados com a cabeça de alguma divindade, ordinariamente Mercurio.

(199) **FABULA 199.ª**

—Seguiam, quaes os carneiros:

More pecudum—diziam os latinos. Basta, ás vezes, levar á força um que esteja na frente do rebanho, para todos os demais o seguirem. O exemplo tem grandissimo poder mórmente para o mal: socega a consciencia dos parvos.

—Bourdalou ou Massillon,

A ironia aqui é tão clara que julguei poder empregal-a sem falta de respeito aos dois grandes oradores sacros francezes.

(200) **FABULA 200.ª**

O facto deu-se. O auctor da carta era um cavalheiro instruido, mas um tanto apedantado, como é natural que o sejam aquelles que pouco sahem da sua aldeia, onde são oraculos. A carta veiu ter á minha mão, porque (naquelle tempo) era muito costume nas terras pequenas empregar em embrulhos as cartas recebidas.

(201) **FABULA 201.ª**

É bem verdade que as plantas sem o amanho, e os homens sem a educação perdem, pelo menos em parte, as boas qualidades com que nasceram, ou não obtem as que podiam alcançar.

(202) **FABULA 202.ª**

O talento póde muito, mas não tudo. De que serve um bom instrumento nas mãos de quem não quer usar d'elle? Que vale um bom terreno, se o deixam estar inculto?

(203) **FABULA 203.ª**

Plutarcho na vida de Lycurgo refere que em todas as festas de Esparta havia tres córos, representando as tres épochas da vida humana. O dos velhos dizia: —Fomos outr'ora moços, valentes e ousados; o dos moços: —Assim o somos nós hoje e promptos a proval-o; e o das creanças: —Um dia o havemos de ser e excedêl-os a todos. A origem d'estes córos (cheios de verdadeiro e nobre patriotismo) não é conhecida; julga-se porém muito anterior aos grandes tragicos gregos. É para notar que geralmente os promotores de centenarios ostentam desprezo pelos descendentes dos festejados; e não admittem que se honrem de uma tal descendencia! Demais desfiguram os heroes que pretendem honrar: ainda ha pouco vimos Camões e o grande Marquez transformados em republicanos!

(204) **FABULA 204.ª**

Quantas descobertas foram feitas e depois desprezadas (d'ahi o dizer-se que nada ha novo sob o sol) porque a humanidade ainda não estava em circumstancias de as poder aproveitar?

O merito não consiste em achar por acaso, mas em descobrir estudando, ou em tirar o verdadeiro proveito do que por acaso se encontrou.

(205) **FABULA 205.ª**

A fórma litteraria não é para desprezar; porém é um accessorio, que varía e até chega a perder parte do seu merito com o tempo, o qual torna incomprehensivel para quasi todos a linguagem em que ella foi modelada. A idéa permanece, vai revestindo fórmas novas segundo as épocas, e é admirada em linguas diversas.

Não se deve pois desprezar a fórma, que é o meio poderoso de espalhar a idéa, e que sempre conserva o seu grande merito para quem está nas circumstancias de a poder apreciar; nem tão pouco sacrificar-lhe a idéa, ou gastar com a fórma tempo demasiado, pois isso esfria a inspiração.

(206) **FABULA 206.ª**

V.ᵉ fabula 260.ª e notas respectivas.

(207) **FABULA 207.ª**

Quantos brigam com o Pantana que não sabem onde se metter quando sentem o menor perigo!

—Mas, imitando estadistas

Pedir emprestado (ainda certo de o poder pagar) para despender em cousas que não sejam de urgentissima necessidade, equivale a comprar caro em vez de barato e a comer o trigo em verde. Demais, quantas cousas se julgam necessarias, que uma pequena demora mostra serem inuteis ou escusaveis?

—Operação financeira

É de fé que homens de bem negoceiem e enriqueçam com as dividas fluctuantes, assim como é certo que houve e ha negociantes honrados: não sei porém o que o dinheiro traz comsigo, que tantas vezes suja; e será talvez porisso que os termos noutro tempo decentes de—tratante e de—traficante, são hoje injuriosos. Até já se diz *negocio* e *negociata* em mau sentido...

—Porém (ou seja verdade

Era, ou ainda é, crença popular que os ursos não comem corpos em putrefacção.

(208) **FABULA 208.ª**

A má vontade e o mau modo podem tornar amargo ainda o maior beneficio.

(209) **FABULA 209.ª**

Acabando com certos preconceitos e augmentando o valor do tempo, muito se tem modificado as relações sociaes no que diz respeito a cerimonias e mesuras. Quantas menos, porém, forem as regras que a sociedade imponha, mais severa tem ella direito de ser (e o deve) contra as infracções d'estas. As bases da boa educação são as mesmas da verdadeira religião: seguir o recto caminho, não fazendo aos outros o que não queremos que nos façam a nós; antes procurando ser-lhes agradaveis, como desejamos que elles o sejam para comnosco. Quanto ao serviço publico, muito por certo se tem simplificado; porém estamos ainda bem longe do que devia e podia e ha de ser.

(210) **FABULA 210.ª**

V.ª fabula 161.ª... e nota respectiva.

(211) **FABULA 211.ª**

A fabula da «gallinha que punha os ovos de ouro» é falsa, como se disse em a nota á da «velha e a gallinha». Antes porém de encontrar esta ultima tinha eu composto a presente fabula, que não inutilizei por julgar serem de interesse algumas observações que nella apresento.

V.e fabula 149.ª... e notas respectivas.

(212) **FABULA 212.ª**

A natureza está sempre produzindo, porisso que tem de destruir continuamente. Ambas as cousas não passam de transformações. Cousas houve optimas que se tornaram inuteis e até prejudiciaes. Assim ha de succeder com muitas que hoje parecem optimas e indispensaveis.

(213) **FABULA 213.ª**

É natural que o fraco peça o auxilio de quem póde mais; porém não é justo nem razoavel nem brioso pedil-o quem póde passar sem elle.

(214) **FABULA 214.ª**

Ha genios a que eu chamo *incarrapassiveis* (perdão pelo ouriçado neologismo): são o sr. Agudo do conto allemão; vivem só de arrepellar. Parece que pessoas tão azedas e nervosas deviam durar pouco. Pois não é assim; morrem de velhas, animadas pelo demo que trazem sempre no corpo.

V.e fabula 208.ª... e notas respectivas.

(215) **FABULA 215.ª**

As maiorias governaram e hão de governar sempre; pois não se deve ter em conta o numero dos individuos sem intelligencia nem vontade, mas a força intellectual ou ainda physica. Quem não póde ou não quer, que se queixe da natureza ou de si; mas nada remedeia com isso.

—E tens por santa verdade

A maior parte toma por santa verdade o que lhe faz conta, quer seja santo, quer não.

(216) **FABULA 216.ª**

Á falta de cada um poder ou desejar ver os seus defeitos, que ponha os olhos nos outros e verá se esta fabula é ou não verdadeira.—Porque não faz fulano isto ou aquillo?—Porque não tem estas ou aquellas qualidades?... —E tu, porque não fazes e não tens o que dizes que elle deve ter e fazer?

(217) **FABULA 217.ª**

Todos ou quasi todos tem bellos conselhos para os outros; mas, quanto a seguil-os, muda o caso de figura.

(218) **FABULA 218.ª**

—Sem orelhas e sem rabo.

O fim d'aquella mutilação, ainda hoje usada, era assemelhal-os aos macacos! O mesmo faziam a uns cãesinhos inglezes *(pug-dogs*—cães macacos) a que chamam *dógues*; aos quaes para identico fim deformavam tambem o focinho.

—Doutrinario,

V.ᵉ a nota á fabula 10.ª

—Ha pouca gente
Ou ninguem.

Labia nunca falta: mas é bem certo que—cão que ladra não morde, e—muitas vozes, poucas nozes.

(219) **FABULA 219.ª**

— Talvez o povo tambem

Digo talvez. O orgulho e a vaidade produzem egualmente (segundo a posição dos individuos) os sentimentos aristocraticos e os democraticos.

Somos a continuação de nossos avós; é um sentimento, pelo menos desculpavel, o estimarmos que elles fossem bons e illustres. D'ahi deve nascer para nós o desejo de os imitar (no que for possivel) ou ainda de os exceder; e nunca o orgulho ou vaidade, lembrando-nos de que muitos ha que degeneram e que, porisso, o bom nascimento é apenas uma feliz presumpção. Ainda menos devemos alardear da nossa ascendencia, poisque assim podemos ferir os sentimentos de quem a teve ruim ou menos illustre.

Tambem não se deve invejar, no mau sentido, o nascimento de ninguem, tentando rebaixal-o aos olhos dos outros e affectando desprezo, as mais das vezes filho da inveja ou da vaidade offendida.

(220) **FABULA 220.ª**

As maiores aguias podem levar coelhos e até cordeiros e cabritos para o ninho. O que é possivel e natural em alguns, póde até ser ridiculo que outros o tentem sequer. O arrojo imprudente só tem desculpa, e chega até a ser louvavel e nobre, quando nasce do desejo de praticar alguma cousa util ou grande.

—Em camisa de onze varas.

Metter-se em grandes trabalhos e desgostos. Vem, segundo dizem, de que as alvas dos enforcados levavam onze varas de panno.

(221) **FABULA 221.ª**

Está tudo por ahi cheio d'estas moscas, em grande parte inoffensivas e que até, senão fossem tantas, podiam servir de divertimento a quem não tivesse mais que fazer.

(222) **FABULA 222.ª**

—*Il vaut mieux frapper fort que frapper juste*—dizia Voltaire; o que ainda hoje é verdade com relação á maior parte da gente. O estardalhaço, o palavrão (quanto mais sonoro e incomprehensivel, melhor) as côres assanhadas é que arrastam a multidão e com ella, não raro, gente mais ou menos sensata, salvo depois o arrependimento.

(223) **FABULA 223.ª**

Não posso dar razão ao moleiro, como o fez La Fontaine,—*Il le fit et fit bien.*

—Todos os conselhos ouvirás, mas o teu não deixarás —diz o dictado. Quem toma ás cegas qualquer conselho que lhe dão, e ás cegas muda de parecer, só de si deve queixar-se, se o resultado for mau. Todo o homem deve ter principios fixos, pelos quaes regule o seu proceder e não os abandonar, qual catavento, á primeira objecção que lhe façam.

(224) **FABULA 224.ª**

Quem pretende ser, ou é, superior aos demais não póde tirar vaidade de os vencer. Que gloria póde provir ao homem de subjugar uma creança; ao forte, o fraco; ao instruido, o ignorante?

(225) **FABULA 225.ª**

Dizer verdades desagradaveis, sem para isso ter missão ou absoluta necessidade, é de um mal-creado; e ainda quando se digam por serem perguntadas ou se deverem dizer, seja sempre sem rudeza. Os remedios não se applicam á bruta. Verdades ditas assim produzem, não raro, o effeito contrario ao que se deseja obter. — *Que de vertus vous me faites haïr!*—disse já um escriptor francez.

(226) **FABULA 226.ª**

— Que o tal cavallo afamado

Contam que um excentrico (ou doido) quiz acostumar um sendeiro que tinha, a não comer; dizendo, quando o pobre bruto morreu: que pena! estava quasi acostumado.

Os homens, em geral, levam-se mais pelo exemplo do que pelas maximas.—Se é esse o verdadeiro caminho (dizem elles) porque não o segues? A primitiva significação de—escandalizar é fazer tropeçar, dar mau exemplo.—Aprendei de mim—disse o Mestre.

(227) **FABULA 227.ª**

Cumpra cada um com o seu dever, sem lhe importar se os outros cumprem ou não o seu; salvo quando lhe competir fazel-o.

(228) **FABULA 228.ª**

— Que não faziam bom chylo:

O chymo é o resultado da primeira digestão dos alimentos e faz-se no estomago; o chylo, o resultado da segunda e elabora-se nos intestinos.

Quando a humanidade tiver estudado mais, ha de haver só uma arithmetica, uma geometria, uma historia, etc., quer dizer, um só tratado sobre cada uma das sciencias e artes. As duvidas que ainda existem e as melhores ou peiores demonstrações (não esquecendo o espirito mercantil) são a causa de tantas obras sobre o mesmo assumpto.

Os inglezes, segundo me consta ainda se contentam, nas suas escholas, como o velho Euclydes, e não são porisso dos peiores geometras.

(229) **FABULA 229.ª**

Athletas d'outras edades...

Todas as acções, todas as intituições se devem julgar,

quanto possivel for, não isoladamente, mas acompanhadas das circumstancias em que existiram. Por uma instituição ter sido optima ou indispensavel por um tempo, não se segue que o seja ainda hoje, em que póde ser inutil ou até prejudicial. Com os tempos mudam os costumes; e com os ventos, os tempos.

— E não em banalidades

— Desprezo essas banalidades — diz Barnabé Fulgencio, (na D. Philippa de Vilhena, de Garrett.) fallando em iguarias menos solidas.

— Quanta cousa conservada

Mau é mexer no que está combalido. O dourado ou o verniz podem encobrir muitos defeitos; se o tiram, fica a obra mostrando que não tem valor.

(230) **FABULA 230.ª**

Um bom instrumento nas mãos do ignorante, leis boas com ruins governos são, pelo menos inuteis.

(231) **FABULA 231.ª**

Quem acredita em sortes, em bruxarias, em maus olhares, em enguiços, influições benignas e malignas... como póde zombar dos selvagens e dos seus *manitús?*

— Sortes não ha nem acasos:

Embora não os haja, diz-se sorte ou acaso quando se ignora a causa de um acontecimento; e assim o faço eu neste fabulario.

— Jordão, sem o perceber
Falla ha tantos annos prosa.

Todos conhecem, ou devem conhecer, o *Bourgeois Gentilhomme* de Molière.

(232) **FABULA 232.ª**

Muitos são victimas de demandas, ás vezes males inevitaveis.

Tanto para a administração da justiça como para a applicação dos remedios não basta a honradez. O juiz e o medico podem, na melhor boa-fé, desgraçar ou matar um individuo.

(233) **FABULA 233.ª**

A velha não tinha amigas.

D. Francisco Manuel de Mello na sua—*Carta de Guia de casados* diz que—aos homens perdem os seus inimigos; e ás mulheres, as suas amigas.

—Quem havia de aturar

Só a paciencia da mulher, que para isso foi creada. O mesmo com o velho, que é uma segunda creança. Porisso, o homem acaba ordinariamente debaixo do chinello da mulher, isto é, depende d'ella, no sentido de precisar de quem o ature.

—Quantos no mundo, leitor,

Quem não tem desejos? e quantos fazem bom uso d'elles, se chegam a vel-os realizados?

(234) **FABULA 234.ª**

—O mundo é um palco—diz Shakspeare. Trate cada qual de representar o papel que lhe coube. Quem desempenhar bem o de sapateiro de escada será melhor actor do que quem representa mal o de heroe. De mais, lembre-se cada um que está *representando*, e que se é hoje Cesar, póde ámanhã ser João Fernandes.

(235) **FABULA 235.ª**

O povo (e quando fallo assim, quero dizer o homem) tem geralmente quéda invencivel para acreditar no maravilhoso; e, quanto maior for o absurdo, mais serão os crendeiros. A fé é indispensavel ao homem, poisque, não podendo saber tudo, tem de acreditar na palavra dos que sabem o que elle ignora. O ponto é ir bater a boa porta.

(236) **FABULA 236.ª**

Tenho representado muita vez o papel d'este réo! E quem o não terá feito?

(237) **FABULA 237.ª**

—Que o homem de nós provém.

Opinião menos exactamente attribuida a Darwin que, por sustentar que o homem e o macaco derivam d'um mesmo typo ou ente, não pretende dizer mais do que diz quem affirma que o cavallo e o burro provém de um typo commum e não um do outro.

—Que entre o *jota* e o *i romano*.

Por muito tempo se escreveram ambos com a mesma letra (i), chamando-lhe ora *i vogal*, ora *i consoante*; assim como o *u vogal* e o *u consoante* com outra letra para ambos (v). Quando isto se alterou houve serias polemicas, visto não haver mais em que entreter a actividade do espirito humano.

Tolentino alludindo á questão e fallando do seu mestre, —poço de tabaco e de sciencia, disse:

«Entre o jota e o i romano
Que diff'rença se encontrasse,
Trabalhava havia um anno;
Obra, que se elle a acabasse,
Feliz do genero humano!»

—E as taes de lana caprina

Outra questiuncula sobre a natureza do pêllo da cabra e o da ovelha. Esta e outras questões eram ínterminaveis, porque á falta de sciencia experimental tratavam-se metaphysica e até... religiosamente (e agora o verás) com Platão, Aristoteles, os Santos Padres... não raro cheirando o caso a heresia!

—A continua gargalhada.

Vulcano, vendo os ares turvos no Olympo por causa dos ciumes de Juno, tomou o logar de escanção e começou a servir o nectar. Os deuses acharam tanta graça ao desengraçado coxo, substituindo Hebe ou Ganymedes, que desataram numa estrepitosa gargalhada, a qual ainda hoje duraria se elles existissem. Com ella termina Homero o 1.º canto da Iliada.

—A nobreza

A nobreza e a belleza não são nada para desprezar; porém, quando desacompanhadas do merito pessoal, pouco valem e são mal empregadas.

(238) **FABULA 238.ª**

Ha muitos que dizem:—«Se ha de ser outro...» como se devesse necessariamente fazer-se o mal! Cada um responde por si.

(239) **FABULA 239.ª**

O verdadeiro sentido da palavra—critica—não exclue o elogio merecido; porém o abuso d'ella fêl-a synonyma de —censura, e quantas vezes injusta e ignorante?

Bocage disse das satiras—que prestam e se estimam quando não calumniosas—; e podia juntar—ignaras e com fins de ganho sordido. Quem haverá mais vil do que aquelle que ganha torpemente o pão a maldizer e a calumniar?

—Creiam, pois sou eu que o digo.»

Esse *eu* é, não poucas vezes, um fugido com os rr dos

lyceus, ou que nem póde fazer exame de instrucção primaria, mas que se arvorou em litterato e até politico!

(240) **FABULA 240.ª**

O facto é que na China ha pescadores que introduzem nas ostras perleiras figurinhas de madeira, que depois tiram revestidas de madre-perola.

—Contra tudo o que é maldade

Neste sentido ha poucos males que, vencidos, não possa dizer-se d'elles que—vieram para bem. O homem que nunca soffreu póde comparar-se, moralmente, ao que viveu na absoluta falta de exercicio e que, porisso, não tem vigor ou energia.

(241) **FABULA 241.ª**

Quantos desejam que a morte os avise a tempo e a horas, e não vêem que ella nos está avisando todos os dias?

(242) **FABULA 242.ª**

V.ᵉ fabula 239.ª... e notas respectivas.

(243) **FABULA 243.ª**

—Uma saloia ladina

Chamam—saloios—aos camponezes dos arredores de Lisboa e tratam-os por «tios.» Os maritimos do Algarve chamam «manos» uns aos outros.

—«Levo aqui meus seis tostões:

Este calculo foi cuidadosamente feito, e depois approvado por pessoas muito auctorizadas, visto lidarem com taes negocios.

—Só com tres

A saloia tirava os ovos por esse preço, por melhores e mais frescos que fossem.

—Compro boa deitadura

Não encontro a palavra nos diccionarios que tenho: peior para elles. É tão boa e usada como — amassadura, cozedura, pão que se amassa, que se coze de uma vez. Note a leitora para seu governo que, segundo as auctoridades na materia, a deitadura deve constar de numero impar de ovos: se fizer o contrario, depois não se queixe.

—Lá na praça da Figueira

Ignoro o nome official do mercado que a substituiu.

—Para a gallinha pedrez;

Esta especie de gallinhas foi das mais estimadas, mórmente como prolifica. Diz a quadra popular:

«Minha gallinha pedrez
Põe-me dois ovos ao dia;
Se ella me posesse tres,
Melhor conta me faria.»

O coração humano é insaciavel!

—E, se bom frango em janeiro

Ouvia eu dizer quando creança:

«Pinto de janeiro,
Se salta ao poleiro,
Vale um carneiro.»

Quer dizer: se escapa, tem grande valor.

—(Pois, certo saem gallinhas

Crença muito antiga, da qual já falla Persio numa de

suas satiras—que dos ovos máis redondos saem gallinhas e dos mais agudos gallos... (será por causa da crista?)

—Uns bezerritos de meias,

Neste contracto avalia-se o animal que se dá a crear (ou de meias) e depois, quando se effeitua a venda, tira-se do preço realizado aquelle valor, e o resto reparte-se egualmente entre o dono do animal e quem o creou.

—Embora sejam ratinhos!»

Chamam-se assim os de raça pequena; são o *ponies* do gado vaccum.

Dizem que o assumpto d'esta fabula veiu, como outros muitos, da India. Não percebo porque tivesse de vir de tão longe: quem não tem representado muita vez na vida o papel d'esta saloia?

(244) **FABULA 244.ª**

Não fazer caso de cousas insignificantes é prudencia: porém cuidado, não se tornem ellas pela frequente repetição males incuraveis. Quem se respeita deve fazer-se respeitar, e não consentir que qualquer faça d'elle o seu arre-burrinho.

(245) **FABULA 245.ª**

—Do mundo no borborinho,

Moral ou intellectualmente póde-se estar só entre milhares de pessoas. Imagine-se um individuo no meio de Pekin, sem alli ter relações e ignorando o chinez. Antes porém só, que rodeiado de parvos ou de malevolos.

(246) **FABULA 246.ª**

O assumpto d'esta fabula faz lembrar a resposta de Je-

sus Christo aos saduceus (Evangelho de S. Mattheus, cap. XXII, v. 30.)

(247) **FABULA 247.ª**

Uma pouca de *guita* é necessaria para se viver na sociedade; mas... pouca. Porque nos havemos de admirar de que saibam da nossa vida os outros, se a estamos contando a todos continuamente?

V.e fabula 1.ª e notas respectivas.

(248) **FABULA 248.ª**

—Este soprano da sala

O canario, que por ahi vemos e ouvimos, é uma creação da selecção artificial; não se encontra no estado selvagem. O mesmo acontece com outros animaes e com algumas plantas, v. gr., o trigo.

—De graves erros tambem

Queixam-se de os adversarios jogarem o seu jogo, sabe Deus se menos licito que o d'elles. São como Mr. Jourdain *(Bourgeois Gentilhomme)* que accusa a creada de interverter a ordem no jogo do florete—«*Tu tires quarte avant de tirer tierce*»—; quando a verdade é que a maior parte das vezes os partidos cahem do poder pelos seus proprios erros e, portanto, sobem pelos erros alheios.

(249) **FABULA 249.ª**

—Em companhia ruim

Para quem era adorada...

(250) **FABULA 250.ª**

—Disse ao seu *particular:*

Particular, abreviação de—creado particular, que se usa no Paço. A pesar de se ver claramente que o facto não podia dar-se em a nossa época, declaro terminantemente que, durante o tempo da minha estada no Paço, não se deu facto algum a que esta fabula possa alludir.

—Com modo e boa intenção.)

Ha pessoas que tem o dom de tornar tudo desagradavel, ainda os conselhos mais amigos e salutares: são medicos que curam á bruta.

—Quantos desejando estão
Que o dos outros mór quinhão.

Pelo menos quanto á egualdade; pois geralmente se deseja esta com os que tem mais fortuna ou melhor posição social, sem se admittirem eguaes pretenções aos inferiores.

(251) **FABULA 251.ª**

Tão fortes são ás vezes os maus instinctos que resistem á *educação;* e nesse caso a *instrucção* torna-os mais perigosos. É armar um malvado.

(252) **FABULA 252.ª**

Se é verdade que o egoismo exaggera muitas vezes a cautela; não o é menos que a indifferença para com os incommodos alheios vem de estes não nos causarem incommodo nem prejuizo. Os dois defeitos podem ter a mesma origem. Assim tambem o orgulho (ou a vaidade) póde nascer do sentimento aristocratico ou do democratico.—«Vejo-lhe o orgulho pelos buracos do seu manto» dizia Socrates de Antisthenes, fundador da eschola cynica, depois tão desacreditada.

(253) **FABULA 253.ª**

—Certa eschola
Que deixaram,

Raro é que o que se chama—eschola—continue as idéas do mestre. Da de Socrates sahiram algumas bem differentes. Platão foi discipulo de Socrates, e Aristoteles de Platão; e todavia estes dois ultimos philosophos foram quasi antagonistas Os cynicos e os epicureus estavam longe, bem longe, de seguir as idéas de Antisthenes e de Epicuro.

—Sempre em pé;

A imperturbabilidade de certos individuos é que os faz *gente:* lembram o dictado—quem não tem vergonha, todo o mundo é seu.

(254) **FABULA 254.ª**

—'Stá curado.»

Crença antiga e não sei se ainda moderna é—o curar a ferida feita pelo cão com o pêllo do mesmo animal.

—É certo ter sempre cães

Ha muitos infames que vivem de morder ou de ameaçar que mordem. O melhor ou o necessario, quando a lei ou os tribunaes não protejam o homem de bem assim exposto, é, podendo ser, tirar a taes feras a vontade de morder; com o mesmo direito e dó com que se tratam as bestas bravas e os cães damnados.

(255) **FABULA 255.ª**

—Mas fino que nem coral.

Os coraes antigamente foram muitissimo mais estimados do que são hoje ainda os mais valiosos: d'ahi o dizer-se

—fino como um coral. Porém tendo a palavra—fino outra significação, applicou-se o dito para significar—pessoa esperta, ladina; qualidades que de certo nunca pertenceram aos coraes. V.º *La vie des mots*—por Arsène Darmesteter, 2.ª edição, 1887.

—O chumeco andava bem:

Termo popular mais usado no Porto que em Lisboa, e muito mais na ilha da Madeira. Deriva-se da palavra ingleza *shoemaker*, fabricante de sapatos, sapateiro; e usa-se entre nós no sentido de remendão, trapalhão, etc. etc.

—Que o methodo é arriscado.

E é, devéras: mas, á falta de outro criterio, temos de recorrer ao senso—commum, isto é, ás regras deduzidas dos conhecimentos da nossa epocha. Não devemos admirar que homens, alias illustrados, de outras eras não admittissem certas hypotheses hoje demonstradas como verdades innegaveis, poisque essas hypotheses iam de encontro aos principios scientificos admittidos então.

(256) **FABULA 256.ª**

—Exclamou: —«É dó de peito,

Gymnastica vocal e encanto de muitos que são, e de muitissimos mais que se dizem ser, conhecedores de musica.

—E abalou. Só percebeu

Não julgo natural que a raposa (o lisongeiro) depois de enganar dê com os pratos na cara ao enganado e, ainda em cima, uma roda de tolo, com a competente moralidade. Tambem vejo que quasi sempre o enganado, ou desenganado, se volta sómente contra o intrujão, sem dizer *mea culpa!*

(257) **FABULA 257.ª**

—Nunca se deve dizer

A celebre falla ou proclamação de Napoleão I antes da batalha das Pyramides não resiste á analyse; é um dos monumentaes destemperos que tem sahido da bocca humana. Mas foi efficacissima, attenta a occasião e aquelles a quem era dirigida, e portanto optima. O palavrão sempre tem governado e ha de ainda por muitos seculos governar o genero humano. É obra feita e muito commoda para a maior parte da gente, a quem allivia do terrivel incommodo de pensar. É o—*tarte à la crème* do Marquez na—critica da *Eschola das mulheres* de Molière.

Quanto a producções litterarias, mórmente poeticas ou assim chamadas, a regra é que—quanto mais incomprehensiveis por absurdas, tanto mais admiradas.—«É dizendo isto, é ode certamente»—diz o Tolentino na satira do *Bilhar*. Mas quem lê isso hoje?

(258) **FABULA 258.ª**

—Conheci um magistrado,

É facto. Tambem me parece verdade ser tal mania muito commum. É a theoria do—bode emissario,—lançar sempre as culpas a alguem; ou á sorte ou, hoje, á sociedade. Triste consolação! mas serve a muita gente, e da melhor. É a creança a bater no movel onde se magoou, ou o caso do soneto de Tolentino:

«Que este honrado, infeliz cabelleireiro
Pelas manhas da bèsta pune a albarda.»

(259) **FABULA 259.ª**

—Leopardo, que ensinado

É isto usado pelo menos na India.

—Aquelle brinco
Quasi que deu em chorinco,

Este *chorinco* não é meu; inventou-o o povo para fazer rimar as duas partes do dictado. Não o encontro em diccionario algum: mas, como serve e se entende e não é indecente, aproveitei-o. Sempre me pareceu que uma palavra decente, que os portuguezes em geral entendem, é mais portugueza que outra, embora empregada por grandes classicos, que para ser entendida obriga a folhear o Elucidario.

Nem todos saberão que *apartamento* (no sentido francez de—quarto) *refusar* (recusar) *reproche*, *reprochar* (lançar em rosto) são palavras vernaculas e se encontram em Barros, Lucena, Sá de Miranda, Vieira, D. Francisco Manuel... Por essas e outras é que eu adoptei e sigo a regra apontada, que cedo ou tarde todos seguem. As linguas vivas, porisso que são vivas, estão transformando-se continuamente. V.e Arsène Darmesteter, citado em a nota 255.

— «Tu nasceste humilde e pobre,

—Fiz-te duque, não pude fazer-te cavalheiro. — Attribue-se o dito á rainha Christina de Hespanha, como dirigido ao celebre Espartero, um d'aquelles homens que estando no poder foi, com razão ou sem ella, maldito como uma fera sanguinaria; e que no fim da vida se viu adulado ou adorado pelos seus antigos adversarios. Quantos assim! E vão lá acreditar em opiniões e juizos de politicos...

(260) **FABULA 260.ª**

—Era a vingança o prazer
Dos falsos deuses pagãos;

Os deuses do paganismo tinham carta branca para toda a sorte de patifaria. Eram os antigos fidalgos, os antigos desembargadores. Tambem a justiça e a vingança (Nemesis) eram uma e a mesma cousa. Hoje cahiu-se no extre-

mo opposto: a sociedade (a grande culpada de tudo...) ou, antes, os homens honrados mal tem o direito de se defender. As sympathias são todas para os malvados e bebedos (infelizes doentes!) de cuja regeneração se trata muito mais (senão exclusivamente) do que da verdadeira educação para, quanto possivel, evitar que os haja. Muita botica, muitos remedios, porém os mais agradaveis que possam ser; e pouca ou nenhuma hygiene. Assim, quem governa não sómente dá mas tece a corda para o enforcarem.

(261) **FABULA 261.ª**

Pouco depois uns gemidos,

É crença popular que os crocodilos gemem, fingindo que choram para attrahir victimas: d'ahi — lagrimas de crocodilo.

(262) **FABULA 262.ª**

Não ha calumnia que não levantem ás corujas. Todos lhes atiram, só porquê... são feias e apparecem de noite! Os lavradores superstitiosos perseguem-as, e o mesmo fazem aos mochos e sapos, ignorando que ellas e elles, longe de lhes serem nocivos, os ajudam destruindo outros animaes verdadeiramente damninhos. Mas são de mau agoiro! e matam esses e outros desgraçados animaes, ou os pregam vivos numa porta, ou os espetam num pau, *para exemplo!* Aqui, como em muitas outras fabulas, não culpo o animal, mas aquelle que tem as qualidades que lhe são attribuidas.

(263) **FABULA 263.ª**

V.ª fabula 172.ª

(264) **FABULA 264.ª**

Tão necessaria me parece a intervenção da mulher na educação de seu filho quando creança, como prejudicial e

ridicula quando este chega aos 14 ou 15 annos. Affigura-se-me um coronel de *hulanos* a educar uma menina. Na primeira hypothese teremos (salvo o milagre) um—maricas, atado e pretencioso; na segunda, o que se chama vulgarmente uma—cavallona. E isto é o mais baratinho possivel.

—Que levou
O tal conselho
Das prognosticas a dar

Aos ignorantes dá-lhes muitas vezes para serem prophetas (Vide o Bandarra e outros) e é o sestro de muitas D. D. Marias.—«Olhe, sr. Fulano, lembre-se que lh'o digo eu; a tantos de tal... verá!»

—Com os taes *passaros bisnaus*

Quem me dirá que especie de passarola é, ou era, esta?

—O mundo deve ensinar

Para dizer quanto a este respeito sinto, e para proval-o tornava-se o presente livro, já tão volumoso, verdadeiramente descommunal. Se eu teimar em viver, tenciono publical-o noutro livro já em parte escripto.

(265) **FABULA 265.ª**

(Não falta quem tal consiga.)

A uma rapariga que demasiadamente se enfeita serve de desculpa a sua pouca edade; mas, se ella soubesse quanto perde com isso physica e moralmente, não o fazia de certo. Uma mulher casada, e ainda mais uma velha, podendo ser respeitavel, torna-se, pelo menos, ridicula e desprezivel: porém, quando para tanto possue os meios precisos, o mal é só d'ellas e com ellas fica.

—Mui de leve a foi morder.

As abelhas, vespas, mosquitos... não mordem, ferem com um ferrão e introduzem na ferida um liquido venenoso que causa a dor. Segui o fallar commum.

—Se a vaidade

A discreta satisfação da vaidade alheia é ainda necessaria no estado em que se acha a illustração humana.
E quantas acções, boas para o proximo, tem sido filhas da vaidade? e quantas vezes dá ella alento aos desgraçados e lhes serve de brio?

(266) **FABULA 266.ª**

Muitos ha que, qual a mosca, vão logo direitinhos á podridão; a outros, pelo contrario, tudo lhes é cheiroso quanto é havido como tal: os primeiros são maos, os outros—parvos.
Nas fabulas—«os ratos e as doninhas» e—«os dois imitadores da natureza», não se procura criticar os defeitos dos grandes mestres, sim a parvoice de quem pensa que tudo nelles deve ser perfeição.

(267) **FABULA 267.ª**

Deve a memoria dos mortos ser respeitada, já em attenção ás familias e aos amigos que deixaram, já porque não podem defender-se. Só a historia deve ser para com elles severa, quando o mereçam, mas sempre justa. Escandaliza ver elevado ás nuvens um malvado ou um parvo; quantas vezes por aquelles mesmos que na vespera até o calumniavam exaggerando os seus defeitos!
Quanto ás necrologias vulgares, são estas ordinariamente as primeiras armas dos parvos e dos analphabetos. É triste dizel-o; porém a maior parte d'aquelles ensaios diverte:—a fouce da impia morte, a dura Parca, a ampulheta da eternidade, os decretos dos destinos, a lagrima da saudade eterna vertida na urna, e quejandas monstruosidades e até sentimentos que seriam impios se, quem os profere, tivesse imputação.

(268) **FABULA 268.ª**

—Quem d'elle não faz pennacho,

Eu tinha emendado o que estava para

—Quem d'elle não faz
Cartaz,

Encontrei porém no Padre Manuel Bernardes:—«Ha ecclesiasticos que fazem pennacho de dizer missa depressa...»—e preferi, como devia, a expressão do bom do Padre.

—E quem é as mais das vezes

—Chama-lh'o antes que t'o chame.—Muitos dos mais zelosos defensores da moral publica são os que mais a offenderam e a offendem ainda, patenteando, com a vontade de infamar, aquillo que ninguem via. Nasce isso tambem não—raro do desejo de mostrar que, se elles andam mal, tambem outros fazem o mesmo, senão peior.

(269) **FABULA 269.ª**

—Entre a cruz e a caldeirinha,

—Num grande perigo.—Assim iam, entre nós, os padecentes em procissão até á forca, entre a cruz alçada e a caldeirinha da agua-benta.

(270) **FABULA 270.ª**

V.ª fabula 170.ª

(271) **FABULA 271.ª**

—A quem a fortuna então,

V.ª fabula 231.ª e notas respetivas.
Não é para admirar que um analphabeto julgue inuteis

os meios (a instrucção e a educação) que não teve, e que tantas vezes pouco servem a outros para alcançarem o que elle obteve sem os ter. Mas não deixam porisso de ser o que são—burros carregados de reliquias, ou burros com a pelle do leão; e, faltando-lhes a boa maré, dão á costa e voltam á albarda. O que porém os torna mais insupportaveis é a sua ruidosa vaidade.

(272) **FABULA 272.ª**

Tive muitas vezes de mudar os nomes dos animaes das fabulas antigas para as tornar mais verosimeis. O lobo atacava logo a cabra que figura ordinariamente nesta.

(273) **FABULA 273.ª**

—Operarios mui peritos

Perito—aqui é tomado evidentemente no seu genuino sentido, de—habil, entendido, sabedor...

(274) **FABULA 274.ª**

Á força, nem para o céo; nem taes são os meios de levar para lá ninguem. Lembra-me o que disse o almirante Balão ao bispo que d'esse modo o queria converter. Ainda assim ouso pensar que o Carlos Magno não perde no confronto com algumas producções modernas que, verdade, verdade, nada tem que perder.

(275) **FABULA 275.ª**

—O fazêl-a, mais o ninho.»

As mais das vezes escondido nalguma fenda ou buraco; porisso raro se vê.

(276) **FABULA 276.ª**

As cousas valem segundo a sua maior ou menor abundancia, as nossas necessidades verdadeiras ou facticias e, até, a nossa vaidade.

(277) **FABULA 277.ª**

Quantos *almirantes* por ahi tem apparecido? Noutras terras maiores, como Londres e Paris, encontram-se a cada passo.

—Quanta gente

E porque não toda? A questão está no numero de argumentos ou razões. A final vem sempre o eterno—*é porque sim.*

V.e fabula 196 e nota respectiva,

(278) **FABULA 278.ª**

—A fabulosa innocencia.

No seculo passado houve a mania de admirar as virtudes dos selvagens. A sciencia acabou com tal erro. Ainda hoje, porém, muita gente boa acredita na innocencia dos habitantes das aldeias...

—Assim o mundo apresenta

Para rectamente julgarmos alguem com relação a um facto de que é accusado ou por que é louvado, precisamos de conhecer todas as circumstancias em que elle estava quando o praticou. Porisso a historia ainda é, e por muito tempo continuará sendo, —*uma historia.*

—Papel de justo ou malvado;

Tem-se ainda modernamente dado o caso em theatros nossos, de haver espectadores sinceros que pateiam um

actor quando representa bem o papel de malvado. Devia tomar-se como um protesto contra quem apresentasse monstruosidades em scena.

(279) **FABULA 279.ª**

—Assim se andou com os judeus

O odio contra os judeus noutros tempos não provinha tanto de os accusarem de deicídas, como de elles serem agiotas desapiedados, e tambem da inveja ás suas riquezas, ainda quando bem adquiridas. As mesmas causas estão ainda hoje produzindo os mesmos effeitos na Russia e na Allemanha.

—Pois não poucos d'esses mécos

Aqui é que se dá o caso de caberem num sacco, senão a honra, as *honras* mais o proveito.

(280) **FABULA 280.ª**

Os animaes, principalmente os domesticos, tem consciencia do mal que fazem, isto é, de que obram contra preceitos estabelecidos; ou medo do pau, o que, infelismente, é o grande (ou quasi unico) principio de moralização neste mundo!

(281) **FABULA 281.ª**

—De fructas novos enxertos.

A palava—enxerto—tambem significa—arvore fructifera nova que se dispõe ou transplanta. Provavelmente vem-lhe o nome de já estar enxertada.

—Assim, em tempos passados,

Era costume, nos tempos heroicos e ainda mais tarde, enterrar, pelo menos os chefes, com *armas* e *bagagens*, e ás vezes suas mulheres, escravos e cavallos: prova de que acreditavam na continuação de uma vida material, que

não explicavam a si proprios. Esses costumes ainda se encontram, em parte, entre os povos barbaros.

—Feito está meu testamento
Por Deus. Tenho tres rapazes

Assim diz o povo quando o individuo, que está nas circumstancias de testar, tem filhos.

—E que Deus os faça uns santos.»

Quando eu era creança, assim diziam os paes ou superiores ao darem ou deitarem a benção.

(282) **FABULA 282.ª**

—E que nunca vira tal,

Sabios ha, mormente os que se entregam a profundas e metaphysicas lucubrações, que são de uma ignorancia pasmosa ácerca de factos ainda os mais communs.

—A verdadeira sciencia

A verdadeira sciencia tem nascido da experiencia. Não se negam as inspirações; mas tem estas de passar por aquelle cadinho. Demais, essas inspirações, quando sérias, vem a espiritos syntheticos e nascem de factos anteriores e bem comprovados. Não se adivinha.

(283) **FABULA 283.ª**

Esta fabula é celebre pelo uso que d'ella fez Menenio Agrippa, pessoa consular, mandada pelo senado romano a tractar com o povo que se retirara para o monte Aventino no anno 492 de Roma. Quem quizer saber o que era o povo e a aristocracia d'aquelles tempos e de outros mais remotos, e não se expor a crer ou dizer disparates, leia —*La cité antique*—de Fustel de Coulanges.

—De vivêres songa-monga,

Songa-monga—expressão, julgo que pouco usada fóra de Lisboa, e que não vem em Moraes, mas sim no *Diccionario contemporaneo;* significa—sonso, manhoso.

—Do corpo todo em proveito

Nem todos os *estomagos* fazem assim: d'ahi barrigudos com pernas delgadas, e tambem ás vezes indigestões e *vomitorios*.

(284) **FABULA 284.ª**

É o que se chama—dar pelo amor de Deus o que não podem dar ao demo.
O Tolentino diz:

«E d'estas que dão a Deus
O que o mundo já não quer.»

(285) **FABULA 285.ª**

Se o egoismo e a vaidade nos não cegassem, deviamos pensar que nenhuns motivos ha para que os outros se interessem por nós mais do que nós nos interessamos por elles.

(286) **FABULA 286.ª**

Milão de Crotona, celebre athleta, que viveu no 6.º seculo antes de J. C., e do qual se contam outras lendas.

—Da regra ser excepção.

Quasi todos assim pensam: porisso a experiencia ou o exemplo dos outros serve de tão pouco.

(287) **FABULA 287.ª**

—Ao falso, ao *venerador*,

Raro será o *venerador* que não seja velhaco. Venera-se

a si, e venera, pelo menos apparentemente, os que lhe estão superiores ou de quem espera proveito, e é desapiedado para com os que estão abaixo d'elle. Qual o capacho, pesa sobre o chão, tanto quanto sobre elle pesam.

(288) **FABULA 288.ª**

V.ª fabulas 80.ª, 107.ª, 168.ª, 309.ª... e notas respectivas.

(289) **FABULA 289.ª**

O trabalho é não só um meio de o homem enriquecer, mas tambem de melhorar; é um castigo verdadeiramente divino.

(290) **FABULA 290.ª**

—E seu intento logrou;

E ainda é bom que já não possa obrigar os demais a acreditar no seu achado.

(291) **FABULA 291.ª**

O que está teve de ordinario uma razão de ser. Tirada esta por bem ou por mal, ha de dar-se necessariamente uma alteração. Fôra prudente, antes de fazer reformas, estudar as causas ou motivos do que existe. Mas isso dava tabalho e impedia a explosão dos grandes talentos.

(292) **FABULA 292.ª**

—No homem. Quem for mais forte
.....
Fechados na propria mão.

Tudo é relativo; deve entender-se—basta que cada qual

empregue todas as suas forças e aptidões para se aperfeiçoar.

(293) **FABULA 293.ª**

—Levado foi ao Cadi.

Cadi —magistrado turco que exerce funcções administrativas, criminaes e até religiosas.

—Vem no seu santo Alcorão.»

Não sei devéras se lá está: porém os turcos (e mahometanos em geral) são, ou passam por ser, fatalistas.

—De nenhum modo combato

Creio que individuos ha, os quaes nascem tão maus que a educação e o castigo pouco podem sobre elles; e outros de tão boa indole que nem a desgraça nem os maus exemplos os pervertem. Tambem estou capacitado de que alguns nascem tão faltos de intelligencia, que se perde o tempo em os querer ensinar; e outros com tanta aptidão que, se não os educam, educam-se elles a si mesmos. Tudo isto porém são excepções. A maior parte dos homens nascem capazes de melhorar ou de peiorar, segundo a educação ou exemplos que receberem, e as circumstancias em que viverem. Em todo o caso tratem dos idiotas, tenham os doidos de qualquer especie a bom recado, e castiguem os malvados, para que não continuem e para que sirvam de escarmento. Os proprios irracionaes temem o castigo e d'elle tomam ensinamento.

(294) **FABULA 294.ª**

—Aos que se foram metter

Só por vaidade parva e desprezando os seus eguaes, pois entendo que é conveniente alguma convivencia com os que nos estão um pouco superiores.

(295) **FABULA 295.ª**

Dei a esta fabula uma fórma completamente differente d'aquella pela qual é conhecida. Pareceu-me que um remendão, a quem dessem uma bolsa de dinheiro, não perdia porisso o socego (provavelmente deixava de trabalhar emquanto o dinheiro durasse) e muito menos iria restituir a somma dada julgando que assim recuperava a alegria. Pelo menos o mais certo, e portanto o mais verdadeiro, é que o gastasse. Outra cousa deveria ser com o pobre que collocassem em posição de ter alguma cousa a perder, pois d'ahi nasce a maior parte dos cuidados.

— Ás Athenas e *Parvonias*,

Quem ainda não leu a *Parvonia* (Lisboa) leia-a, que não perde o seu tempo.

— 'Té os chumecos de escada...

Chumeco—vide nota á fabula 255.ª

— Nunca largando o capote

O trajo descripto é o dos chumecos do meu tempo de rapaz.

— Chapeo alto, encarniçado

Ha chapeos de seda ordinarios, que se tornam avermelhados quando envelhecem.

— De cangalhas de latão,

Assim chamavam a uns grandes oculos fixos, que os ricos usavam com aros de ouro ou prata, e os pobres com elles de latão, encostando-os á testa quando nalgum intervallo os dispensavam.

— Na qual um laivo se nota

Ainda hoje os aprendizes e officiaes de sapateiro, do

mesmo modo e com o mesmo resultado, dão o fio á faca de que usam.

— Desde a—Lilia abandonada

—«Joven Lilia abandonada»—versos do primeiro visconde de Castilho, que se cantavam com uma musica tirada da Semiramis de Rossini.

— Até á — Carta adorada;

Côro da duqueza de Gerolstein, opera comica de Offenbach. Ambas estas cantilenas se tornaram popularissimas em Lisboa, e julgo que em todo o paiz.

— O *diletante* malvado

Palavra italiana que significa—amador—e se applica ao da musica.

— Alli tinha o seu telonio

Casa, escriptorio dos arrendatarios ou exactores de tributos. O publicano Mattheus (depois Evangelista) estava no seu telonio, quando J. C. o chamou ao apostolado.

— Em cousas da *mathamatica*

No *Divertimento erudito*, especie de encyclopedia dos principios do seculo passado, e muito elogiada naquelle tempo, encontra-se esta palavra sempre assim escripta.

— Qualquer dia andam descalços.

O remendão não o dizia com malicia; mas é o que póde acontecer a quem quer andar muito de carruagem.

— Leve-me essas inscripções;

Bastava que fossem poucas; e, sendo de assentamento, o banqueiro só lhes perdia o juro.

— Raro se encontra tratante

É um meio certo de prenderem os homens de bem pela gratidão.

(296) **FABULA 296.ª**

V. fabulas 193.ª, 238.ª... e notas respectivas.

(297) **FABULA 297.ª**

As offensas dos nossos são as que mais dóem, não raro nascidas de interesses offendidos. Dizia alguem, censurado por ter demandas com seus irmãos: — «Nada tenho que partilhar senão com elles.»

(298) **FABULA 298.ª**

— Fui modêlo

Os *signaes*, de que as senhoras usavam no seculo passado, chamavam-se em França *mouches* — moscas.

(299) **FABULA 299.ª**

Conheci uma senhora, alias muito estimavel, que apenas boa de uma indigestão logo recomeçava com as suas gulodices, e respondia a quem a censurava: — «Eu cureime para estar boa, e não para comer de dieta.» Tanto gulosou...

(300) **FABULA 300.ª**

V.ª fabulas 202.ª, 331.ª. . e notas respectivas.

(301) **FABULA 301.ª**

V. fabula 327.ª

(302) **FABULA 302.ª**

V.ª fabula 189.ª...

(303) **FABULA 303.ª**

V.ª fabulas 67.ª. 72.ª, 75.ª, 79.ª... e notas respectivas.

(304) **FABULA 304.ª**

Antigamente todos iam comprar o panno aos mercadores; nem os alfaiates o tinham.

(305) **FABULA 305.ª**

— No vinho está a verdade

In vino veritas.—O verdadeiro sentido do dictado é que o vinho leva o individuo a mostrar o seu verdadeiro caracter. Porisso é fugir de quem tem mau vinho.

(306) **FABULA 306.ª**

— O menos governador.

Quanto mais um povo é civilizado, tanto menos carece de governo—isto é verdade tambem para cada individuo; e é o que se vê na Inglaterra.
V.ª fabula 215.ª e notas respectivas.

(307) **FABULA 307.ª**

— Castigar o chão com a testa.

— Toma chão, que te dou com a testa!—ouvi eu dizer muita vez em Coimbra.

(308) **FABULA 308.ª**

Para saber o sentido moderno da palavra — satyro, V. *Diccionario Contemporaneo.*

(309) **FABULA 309.ª**

Os caranguejos não andam para trás, mas para um lado (o direito, se não me engano).

«O caranguejo» dizia um examinando: — «É um insecto vermelho que anda para trás.» — «Perfeitamente!» lhe respondeu o examinador; apenas lhe farei observar que não é insecto, nem vermelho, e que não anda para trás; no mais a definição é exacta.» Quantas assim!

(310) **FABULA 310.ª**

— Verdades ha impossiveis,

A primeira vez que ouvi esta expressão, muito significativa, foi na *D. Maria Paes*, drama do nosso mimoso poeta João de Lemos.

(311) **FABULA 311.ª**

V.ª fabula 269.ª...

(312) **FABULA 312.ª**

— Mas isso raro acontece

Ha poesias que, pouco fundo tendo, nem porisso carecem de merito, não pelo que dizem, mas pela harmonia que em nós dispertam; são como a musica sem palavras.

(313) **FABULA 313.ª**

Lembra-me um mestre que, quando via dois rapazes a brigarem, batia logo em ambos e assim decidia a questão.

E o mais é que raro se enganava. Chicaneiros ha que são a peste dos tribunaes: ainda quando elles se lançam uns aos outros, não vai a cousa mal . . .

(314) **FABULA 314.ª**

V.ᵉ fabulas 63.ª, 251.ª e notas respectivas.

(315) **FABULA 315.ª**

Ainda estão vivas pessoas do tempo em que se deu este caso.

O que vale duvidar

Parece que seria mais um motivo para não se fazer tal despesa, e tentar que se acabassem as inuteis.

(316) **FABULA 316.ª**

— Insigne mestre de dança

O celebre Vestris, mestre de dança e compositor de bailados na Opera de Paris (1748—1781); estimadissimo, porém tão tolamente vaidoso que dizia: «A Europa tem só tres grandes homens — «eu, Voltaire e Frederico II.»

(317) **FABULA 317.ª**

Esta historia da machadinha é uma collecção de historias, algumas engraçadas e com boa lição. Aproveitei-lhe o principio para esta fabula, e duas das historias para as fabulas — «O dilemma» e — «As difficuldades vencidas.»

(318) **FABULA 318.ª**

— E conforme o ritual,

Em algumas terras de Portugal encontram-se usos ain-

da mais exoticos, taes como o do noivo arrombar a porta, mal segura geralmente, do quarto da noiva, etc.

— D'ahi dilemma fatal:

É o dictado — Ou cortar a cabeça á noiva, ou as pernas á bêsta.
V.e fabulas 317.ª, 344.ª

(319) **FABULA 319.ª**

— Ainda que inconsciente:

Ninguem inventa senão no sentido primitivo da palavra (achar). O mesmo fundo em que se encontram as idéas é herdado ou communicado. O mais que se faz geralmente é dar maior desenvolvimento ao que outros já acharam em parte. Todavia aquelle que chega a desenvolver e a demonstrar sufficientemente merece a gloria da invenção.

(320) **FABULA 320.ª**

É natural que os velhos não gostem de novidades, ás quaes já mal se podem amoldar. Devem, porém, lembrar-se de que apreciaram novidades quando eram rapazes, e que, se ha principios immutaveis, as suas applicações variam constantemente; e não dar importancia a cousas futeis.

(321) **FABULA 321.ª**

— Sabes como isso se faz»

Tem que saber, embora não muito, e aprendem-o os rapazes vendo cavar. Os *philosophos* que querem reformar o alphabeto, tambem hão de occupar-se d'esta interessante materia quando... lhes fizer conta.

(322) **FABULA 322.ª**

Raro será o auctor cujo procedimento diga exactamente

com os seus escriptos: porisso, quem não quizer perder illusões, não procure conhecel-os.

(323) **FABULA 323.ª**

Diz, já não sei que auctor francez :—*Que de vertus vous me faites haïr.* Ha conselhos que escandalizam e até revoltam, pelo modo como são dados: as boas intenções, a amizade não auctorizam a grosseria.

(324) **FABULA 324.ª**

Dão-se aqui tres fórmas de um mesmo sentimento—o egoismo: a fórma brutal, insupportavel e damnosa; a inutil e ridicula; e a pedante, mas util.

Se não fosse a aguia, isto é, a serie das gerações passadas, os maiores eram apenas tristes carriças.

V.e fabula 28.ª...

(325) **FABULA 325.ª**

— Eu não gosto de pescar

Para nos serem agradaveis as nossas acções precisam de incentivo, ainda que não seja senão o do lucro ou da vaidade satisfeita.

(326) **FABULA 326.ª**

— Assim governo prudente

É preciso que o deixem ser os partidarios que o sustentam no poder; mas, infelizmente, nem entre estes mesmos póde elle ás vezes escolher á vontade.

(327) **FABULA 327.ª**

V.e fabula 301.ª...

(328) **FABULA 328.ª**

— Os pombos (pois não tem fel)

É crença popular, significando que são mansos, incapazes de odios, o symbolo emfim da innocencia. Crença sem fundamento, e que o digam os que d'elles tem tratado.

— Foge de os accomodar . . .

La Fontaine vai mais longe, aconselhando que os instiguem, que os açulem uns contra os outros. Estava de mau humor quando tal escreveu, nem era capaz de o fazer nem de o aconselhar seriamente. Impedir, porém, que feras se destruam umas ás outras, e isso com perigo nosso ou de terceiro, para tanto não estou inclinado.

(329) **FABULA 329.ª**

Este caso deu-se em Coimbra na minha presença. Ainda é vivo o veterano; não sou eu, que tambem não era então caloiro.

(330) **FABULA 330.ª**

A posição de um homem sabedor e sensato entre ignorantes e analphabetos é muito mais desagradavel, senão intoleravel, do que a de um individuo d'aquellas classes entre homens de merito.

(331) **FABULA 331.ª**

— Methodos intuitivos

É indubitavel que os methodos de ensinar se tem aperfeiçoado; mas nem todos os systemas nascidos modernamente são baseados na verdadeira experiencia. Dou muito mais por quem sabe e tem o dom de ensinar do que por a maior parte dos methodos mais apregoados. Assim é com as leis: de que serve serem ellas boas, se não forem bem entendidas e bem applicadas?

— Ganham e devem mandar

Não se podem deixar os interesses da sociedade á mercê de palradores ignorantes que repetem, quaes os papagaios, palavrões que não entendem; nem ainda de pessoas bem intencionadas, ás quaes porém faltam a pratica e a energia necessarias para governar.

(332) **FABULA 332.ª**

— De suas crenças o inverso:

Não só o inverso de suas palavras, pois, como diz o Mestre: «Não basta dizer—Senhor! Senhor! mas fazer a sua vontade:» porém o inverso de suas crenças.—*Video meliora proboque, deteriora sequor*—reconheço e approvo o que é melhor, mas sigo o peior.

Tambem é verdade que muita gente apresenta theorias más, das quaes está muito longe em seu procedimento. Para se ser justo basta tirar as consequencias logicas dos bons principios e pôl-as em pratica. Tenho notado que neste mundo ha muita falta de *logica*, muita demazia de *rhetorica* e muito abuso de *bicarbonato*.

(333) **FABULA 333.ª**

— *Mais meus parentes e amigos*

É certo que os homens precisam do auxilio uns dos outros, porém deve só pedir-se em caso de urgencia. Quem tem brio deve contar primeiro com as suas proprias forças; não é digno nem justo que os outros carreguem comnosco para nos pouparem as pernas.

(334) **FABULA 334.ª**

Todos gostam dos fructos e ainda das flores; poucos porém do trabalho necessario para se produzirem uns e outras. Entre os que dizem *querer*, poucos *querem* devéras,

pois não tem animo para empregar os meios e fazer os necessarios sacrificios. Diz um dictado alemtejano :—«Para comer ninguem se faz amarello (se assusta); para trabalhar o corpo não é de ferro.»

(335) **FABULA 335.ª**

— Expor sempre costumavam,

Facto referido, com relação a *Apelles*, por Plinio, liv. XXXV, cap. 35, n.º 22.

— Mas, quando o chumeco quer

Chumeco — V.ª nota á fabula 255.

— «Não podem as suas notas

D'ahi vem o dictado—*ne sutor supra crepidam*, e o nosso —quem te manda a ti sapateiro tocar rabecão?

Grande mal provém de vulgarmente se julgar habil para tudo aquelle que o é só em um certo ramo das sciencias ou artes.

(336) **FABULA 336.ª**

Ambos os factos narrados nesta fabula aconteceram: um comigo em Lisboa, e o outro em Coimbra numas theses de theologia.

(337) **FABULA 337.ª**

— Os partidos contendores

Em todos os partidos ha gente honrada e de boa-fé: são elles porém compostos de homens e, poisque infelizmente a maioria d'estes . . .

(338) **FABULA 338.ª**

Presenciei o facto em S. Carlos, cantando o mavioso tenor Mongini; e tenho-o presenciado muitas vezes no theatro do mundo, onde o palavrão campanudo corresponde ao dó de peito. O ouvido (ou as orelhas) é o meio de levar geralmente a humanidade—*more peccudum*. A maior parte da gente louva e admira o que ouve admirar e louvar; accommoda-se bem com a obra feita.

(339) **FABULA 339.ª**

— Robinó. E basta o nome

Allude á fabula 750 — «O gato e a rata velha.»

— Appareceu a idéa nova!

Ahi está um dos taes palavrões com que impostores e charlatães politicos illudem os parvos e os ignorantes. A idéa é mais velha do que quantas Sés ha, tomada tanto no bom como no mau sentido. No bom, é a do Evangelho (contra o qual tantos são ingratos) e ainda mais antiga do que elle, mas nunca tão bem formulada, pelo menos no mundo occidental. No outro sentido, sempre existiu e infelizmente existe, praticada com bruteza no pinhal da Azambuja, na serra da Falperra, na Communa de Paris *et reliqua*; e com delicadeza em muitos outros logares que não direi.

— Diga-se um dia:—«Houve gatos!

Parodiei Racine na sua tragedia — *Esther* — «*Il fut des Juifs!*» um dos pensamentos mais energicos de quem tão poucos assim escreveu.

— O desprezivel maltez,

Robinó não era gato maltez (v.ª nota á fab. 15) mas *convinha* accusal-o d'essa pécha.

— Quaes o Grande D. João

Assim diz Alexandre Herculano no seu *Monge de Cister* na magnifica scena dos Paços de a-par S. Martinho.

—Sobresahíndo aos demais

Caso pouco raro. O exemplo vem de Demosthenes, que ao menos nisto é facil de imitar, e a quem não tem faltado imitadores. Conservam-se para o bem do seu partido, e do povo...

340) **FABULA 340.ª**

É sempre o desejar os fins sem querer empregar os meios.

(341) **FABULA 341.ª**

Como se vê lendo esta fabula e a 174.ª, tirei do antigo assumpto duas moralidades differentes. Quando se trata do orgulho, carvalho e canniço nada são neste mundo; quando de brio, estou do lado do carvalho e dos antigos ditados:—«Antes quebrar que torcer»—«Morra o homem e fique a fama.» Dictados bons não nos faltam nem tão pouco boas leis, mas...

V.ª fabula 174.

(342) **FABULA 342.ª**

Salvo ser caso isolado

É o — *in medio consistit virtus.* Raras vezes a razão estará d'um só lado.

—Fazer vistosa funcção.

Sinos, foguetes, salvas de artilheria, bodos, danças, tudo são manifestações de alegria mais ou menos brutaes e selvagens, que vemos tambem, quanto está ao seu alcance, entre povos quasi no estado primitivo. Beber á saude,

tirado das libações aos deuses, é mais delicadamente ridiculo. Quanto á moralidade da fabula, é sempre a teima de querer os fins sem empregar os meios.

(343) **FABULA 343.ª**

Não nego a influencia do nascimento, do atavismo ou do sangue, como ainda lhe chamam: porém este tambem se altera e corrompe. Disse um philosopho que os descendentes dos grandes homens são os outros homens tambem illustres. Só fechando nós os olhos á evidencia deixaremos de ver que os filhos raro succedem aos paes nas grandes qualidades.

Diz Camões:

«Do grande e justo Pedro nasce o brando
(Vêde da natureza o desconcerto)

A nobreza (herdada) obriga (os successores) — dizem muito bem os francezes: é preciso porém que os herdeiros tenham forças para satisfazer a taes obrigações.

(244) **FABULA 344.ª**

Esta fabula (como já se disse em outra nota) é tirada da historia completa da Machadinha.

— Eis logo tudo arranjado

Assim aconteceu quando foi da grande revolução franceza. Parece-me que quem ler de boa-fé as memorias, ainda mesmo as partidarias do *antigo regimen*, anteriores áquelle cataclysmo, ha de reconhecer que as cousas poderiam ter corrido de outro modo, se houvesse boa vontade e algum juizo da parte de quem podia e devia ceder. V.ᵉ tambem a já citada historia da revolução franceza do inglez Carlisle, e a obra recente — La chute de l'ancien régime — por mr. Chérest.

V.ᵉ Fabulas 317.ª e 318.ª

(345) **FABULA 345.ª**

É o caso do — lá vai um — dos gaiatos, avisando os cocheiros.

Ha muito que melhorar começando pela moralidade publica; e podia ficar-se por ahi, porque o fundo (o emadeiramento direi) da sociedade é, e sempre foi, o que podia ser no estado da civilização passada e presente. Aquelle é o caminho; e não o de violentamente mudar tudo pela base, ainda que em sentido razoavel. A sociedade nunca está prompta para essas mudanças repentinas; e tanto que, depois d'ellas, sempre volta um pouco atraz, quando não muito.

Acabem com a propriedade, dividam tudo egualmente (suppondo o absurdo possivel): o Estado tinha, cedo ou tarde, de mandar administrar tudo em proveito commum. E como encontraria administradores melhores que os actuaes proprietarios? poisque estes alem do interesse proprio, não são, para quem *possa* ou *queira* ver, donos absolutos dos bens que disfructam? pagam tributos (rendas) ao Estado, etc... Paguem pois já *todos* o que é justo, e está resolvido o problema sem revolução e a bem de todos. Se hoje não ha moralidade para tanto se conseguir, não seria a posse violenta que a faria nascer: quem não póde o menos não póde o mais.

Muitos não vêem isto, porque soffrendo acreditam em remedios de curandeiros. D'estes alguns andam de boa fé, outros não tendo que perder ou contando ganhar muito procuram turvar as aguas.

(346) **FABULA 346.ª**

Isto aconteceu no meu tempo de Coimbra.

—Logo alli pela couraça
De Lisboa

Coimbra está entre duas calçadas a que chamam couraças—«a de Lisboa» que deita para o lado do rio, e «a dos Apostolos», para o poente e sóbe até á antiga ca-

sa dos jesuitas (os apostolos): isto, se o municipio não as tem chrismado já com o nome de algum grande homem

—... que ninguem conhece—.

Uma nação pequena deve imitar a Belgica, e muito mais a Suissa, que ainda assim são respeitadas. A ninguem fica mal andar a pé por não ter meios para sustentar um bom cavallo ou um trem; antes assim do que na sege do Tolentino ou no Rossinante de D. Quixote.

(347) **FABULA 347.ª**

—Num julgado em Portugal

É o julgado de Monforte, comarca de Castello Branco. O chaparral (plantação de chaparros, azinhos, sobreiros pequenos) é logradoiro do povo e, excepção de muitos, está bem cuidado e aproveitado. Alvo da cubiça de mandões tem sido até hoje victoriosamente defendido; e (cousa digna de notar-se) *as primeiras* palavras que naquelle julgado se ensinam ás creanças são—O chaparral é nosso! A idéa está tão fixa que basta pronunciar-se a palavra — chaparral — deante d'alguem d'aquelle povo, para ouvir immediatamente a resposta instinctiva:—O chaparral é nosso!

Honra aos cidadãos de Monforte! e assim digamos nós todos — Portugal é nosso, e não d'um ou d'outro partido! —Portugal é nosso! deve ser o grito de guerra contra toda a espoliação e despotismo, venham elles dos estrangeiros, do governo, das camaras municipaes, dos mandões, dos marialvas, dos fadistas, dos galopins... porque todos querem collocar-se acima da lei e porisso são despotas, quanto o podem ser, e concorrem com as forças que tem para o mal geral.

(348) **FABULA 348.ª**

Deu-se este facto ou semelhante com um emigrado politico em Paris.

(349) **FABULA 349.ª**

—Mytho, emfim, que envolve o heroe

O mytho tem quasi sempre um fundamento de verdade; é o ponto que se accrescenta ao conto.

—Só se encontra em portuguez

Pelo menos que eu saiba. A maior parte da gente que emprega o termo não repara no seu primitivo sentido, nem attende a que fica *empenhado*, isto é com dividas, ás vezes bem duras de pagar.

(350) **FABULA 350.ª**

—Feia, qual a noite escura,

Já se sabe, sem estrellas; porque com ellas diz muito bem Garrett:

«Noite escura tão formosa,
Linda noite sem luar,
As tuas estrellas de oiro
Quem as poderá contar!

E haverá nada mais formoso e sublime?

—(É mais alto o seu pensar
Hoje que a troça aos b'roeiros.

Não lamento a perda das caçoadas brutaes que se encontram ou encontravam em quasi todas as universidades e escholas. O receio d'ellas, porém, impedia que os caloiros, soltos de repente de todo o constrangimento, abusassem da liberdade e se *constipassem* moralmente. Passavam assim por um estado intermedio que tinha algumas vantagens.

B'roeiro—significa em Coimbra o caloiro boçal, vindo das localidades onde o povo não come senão boroa.

—Se lhe coça a borbulhinha?

Diz-se de quando se falla em conformidade com a paixão ou desejo de alguem.

(351) **FABULA 351.ª**

—Com meios bem inf'riores

É innegavel que os meios materiaes ao alcance dos artistas estão hoje altamente aperfeiçoados, bem como a instrucção recebida pelos mesmos artistas. Onde havia as excellentes fabricas de pinceis, de telas e de tintas? onde as grandes escholas de anatomia no tempo dos Phidias, dos Praxiteles, dos Migueis Angelos e dos Raphaeis?...

—Um pintor muito famoso

O dicto é attribuido a Turner, pintor inglez já d'este seculo, e celebre pelo seu brilhante colorido.

(352) **FABULA 352.ª**

O facto deu-se, ha annos, com um deputado lente de medicina na Universidade e homem de grande merito, que passava por excentrico e o era um pouco, porém que respeitava as conveniencias sociaes.

—Como ainda muitos são.

Foram tambem (elles ou os cabelleireiros, tudo é um) algumas vezes poetas (Quita...) e em muitas terras criam canarios. Já se vê que o officio só por si não é bastante para lhes occupar a actividade intellectual.

(353) **FABULA 353.ª**

—Á mais grosseira insolencia)

É a mania de *dizer verdades*, propria de mal-creados e ordinariamente filha da inveja.

—Ser uns tristes conselheiros.

Dizia um membro da Academia franceza: —«*Sommes nous au complet, on se moque de nous; sommes nous trente neuf, on est à nos genoux.*» Sabe-se que os membros da Academia franceza são eleitos pelos collegas e que o seu numero é limitado a quarenta.

(354) **FABULA 354.ª**

—*Mister Smith* azafamado

Ha tantos individuos d'este nome em Inglaterra que dizer—«Mister Smith» é quasi o mesmo que entre nós—«o sr. Fulano».

—Por competente doutor.

Já se sabe, em termos, e os remedios conforme os doentes. Quasi tudo, porém, preferivel na educação de um homem a apaparicações e piéguices, sempre ridiculas e altamente prejudiciaes.

(355) **FABULA 355.ª**

O pouco, bem governado, basta e até sobeja; o muito esbanjado nem sequer chega.

(356) **FABULA 356.ª**

Li esta pêta na *Revista franceza de litteratura*, que a recommendava para uma fabula, sem lhe indicar a moralidade, a qual me pareceu poder ser a que lhe dei.

—Do *micrómegas* mirar.

Micrómegas — palavra inventada por Voltaire, e formada de duas da lingua grega, que significam—*pequeno* e *grande*, para designar Fontenelle, chamando-lhe assim—pequeno grande homem.

V.ª Fabula 15.ª

(357) **FABULA 357.ª**

O critico dizem que foi Mousinho da Silveira; o criticado, o patriarcha D. Francisco de S. Luiz. O dicto é muito mais agudo e chistoso do que justo.

(358) **FABULA 358.ª**

As questões *chamadas* de hysope são ridiculas para qualquer emquanto lhe não tocam pela porta. Quer ataquem o brio quer a vaidade, poucas ha que não causem incommodo e, portanto, rancores. Só um grande philosopho, um santo, um descarado, ou um imbecil lhes não dão nesse caso valor: e cada um que isto ler que metta a mão na consciencia.

(359) **FABULA 359.ª**

A desunião dos fracos, nascida da covardia ou do egoismo, é que os torna facilmente victimas dos que são mais fortes que cada um d'elles. Deveriam nisso imitar os maus, que geralmente se associam.

(360) **FABULA 360.ª**

Certo cão
De estimação,

Ha quem estime um cão mais do que os seus proprios semelhantes! Senhoras ha que tomam amas para não se incommodarem a crear seus filhos, e deixam-os em casa entregues a mercenarias, emquanto passeiam com os tótós ao collo! *Proh pudor!* Para muitos, entre os cães que podem damnar-se e os homens que podem ser victimas, não ha que hesitar—vivam os cães! Tracta-se agora de gastar muito dinheiro com um instituto de *Pasteur*, mas são letras mortas as posturas ou imposturas da Camara Municipal que obrigam os donos dos cães a trazel-os açaimados—coitadinhos!

Eu sempre gritei e gritarei — quem tem filhos que os eduque, e quem tem cães que os açaime.

V. Fabulas.—A ovelha—O homem e as moscas—O remedio—O homem e a mulla, etc., etc.

(361) **FABULA 361.ª**

Cada qual, geralmente, começa a encarar o facto d'um só lado — o que mais lhe agrada ou melhor conhece: d'ahi a contenda entre varios que o estudam; e d'ahi tambem o estudar-se o facto a fundo. É a analyse precedendo a synthese. A verdade nasce da discussão de boa-fé entre homens instruidos.

(362) **FABULA 362.ª**

—(Erro talvez de copista)

Todos sabem quanto tempo andaram as obras dos grandes escriptores antigos por mãos de copistas, muitos de certo ignorantes, salvo da sua arte; outros peiores, atrevendo-se a juntar-lhes glosas, que o seguinte copista introduzia no texto... lá iam mais essas *bellezas*.

Nenhum homem é perfeito. A idolatria é sempre filha da ignorancia, da fraqueza de espirito, ou do interesse de ser sacerdote do idolo. Admire-se o que é bom, seja de quem for; e do mesmo modo despreze-se o que é ruim. A auctoridade d'um auctor funda-se unicamente na verdade e na razão, e portanto só a estas pertence.

Só o verdadeiro é bello; mas nem todo o verdadeiro. Como criterio da verdade deve recorrer-se á natureza. A poesia tem muitas liberdades, porém não póde ser falsa fazendo — *brancas as formigas;*— e ainda menos absurda. A poesia augmenta, exaggera até; porém não cria, quando falsa, senão monstruosidades ou disparates. Cuidado com os — *dós de peito!*

(363) **FABULA 363.ª**

—Que na letra da tal lei

Deviam as leis ser feitas de tal modo que a letra indicasse bem o seu espirito. Os inglezes chegam a fazer se-

guir algumas de um vocabulario explicando o sentido das palavras sobre que possam dar-se duvidas.

(364) **FABULA 364.ª**

O caso é attribuido a um figurão de letras gordas que, por factos taes que com elle se deram ou lhe foram attribuidos, se tornou celebre: porém honrado cumpridor de seus deveres; o que vale mais do que ser bem-fallante quanto ás suas obrigações, antepondo-lhes porém as suas conveniencias.

(365) **FABULA 365.ª**

Os escravos, os pobres, os martyres . . . tornam-se de ordinario, quando podem, os peiores amos, ricos e perseguidores. A historia o prova a cada a passo, e assim o vemos na pratica da vida.

(366) **FABULA 366.ª**

Tudo tem seu valor. Um conto de réis, se lhe tirarem um real fica necessariamente 999999 réis, e as contas em que elle entrar sahirão inevitavelmecte erradas. Todos tem, ou podem ter, alguma utilidade e a devem empregar em seu proveito e tambem no proveito dos outros, *ainda que não seja senão escrevinhando fabulas.*

Fim das notas.

EMENDAS E ALTERAÇÕES A FAZER NAS FABULAS

(OS VERSOS AQUI IMPRESSOS
DEVEM SUBSTITUIR OS EMENDADOS E ALTERADOS)

Pag.	Versos	
1	3	Ou para lhe combater
		De ser dura qual um osso
	5 a 9	Pois só se póde roer,
		Tendo estado bem de molho,
2	2	Bem no fundo mergulhada.
	4	Nem sequer uma camisa,
	10 e 11	De ver e, peior, de ouvir,
	15	*(Elimina-se)*
	26 e 27	Nenhuma ha que não tenha
		Caridade, abnegação
	ult.	Como lhe fica a matar,
3	1	*(Elimina-se)*
	6 e 7	Deixou-se a outra enfeitar
4	26 a 29	Quanto pôde diligente Novo esculptor Esculpiu.
5	1 e 2	Invejoso que tal viu,
	15 e 16	Tão prestadio metal.»
6	7	«Porque me dás tu a morte?
	9	Torna o sapo: — E porque luzes (3)?»
	10 e 16	*(Eliminam-se)*

Pag.	Versos	
7	19 e 20	Acabado apenas tem
	22 e 23	Do leão,
8	9 a 15	Nunca se afaste o cordeiro Do cão ou do pegureiro; Pois, se o lobo o apanhar, Nem lhe deixará provar Culpas não ter no cartorio.
	17 e 18	Cordeiro muito imprudente
	20	D'um regato na corrente:
	27 e 28	«Vais morrer!
		Por estas aguas turvar Onde eu costumo beber.»
9	1 a 3	*(Eliminam-se)*
	4 e 5	—«Meu senhor!»
		Volta tremendo, o cordeiro:
	7	Que as aguas correm d'ahi...
	12	Ha... um anno contra mim.»
	16 e 17	Pelo qual tu vais pagar Tão inaudita ousadia!»
10	25 e 26	Trazem-me sempre de ponta:
	12 a 15	Do jumento, finda a festa:
11		«A trompa é ruim ou presta?»
12	22 e 23	Tirando a sua cabeça
	13 a 15	— «Inda não sou tão boçal»
		Disse o mestre cosinheiro:
	17 e 18	«Que dê cabo d'um gaiteiro
13	24 e 25	Expôr as suas razões
	27 e 28	Matam dos cães
14		Os refens,
	2	Na santa fé dos tratados.)
	14 e 15	*(Eliminam-se)*
	18 e 19	A bramar
15		Eil-a que entrava
	11 a 13	Até morrer, é leão!
	23 a 27	Cada qual menos ou mais
		Se vingou:
		Porém o urso
16		Fez um pedante discurso
17	ult.	*(Elimina-se)*
	1 e 2	Assim o tem o meu cão;
	10 a 17	*(Eliminam-se)*
	19	Que esses tem outro trabalho,

Pag.	Versos	
	35 a 37	E tanto que o alcançou: Mas quando outra vez logrou
18	1	*(Elimina-se)*
	5 e 6	Por se ver No antigo estado
	10 a 12	Ninguem queira aventurar.
19	1 e 2	Querem só quietação: É caruncho e não maldade.
	23 a 26	Deus sabe os figos e os pães Que os taes galfarros comeram!
	35 a 37	Mas, deixando a caça morta, Tambem a deixa vingada,
20	ultimo	*(Elimina-se)*
21	1 a 3	*(Eliminam-se)*
	15 a 18	«Acudam com um bom arrocho, Que está damnado
22	19	Contam porém que um navio
	23 a 27	Se afundou. Os marinheiros Mais os tristes passageiros, Trepados sobre as antennas
23	10 a 13	Do que eu sou aparentado: O meu pae é magistrado,
25	12 a 15	Eis logo o velho o separa, Vara a vara, Que facilmente partiu.
	25	—«Cada um de vocês viu Ver-se cada qual perdido,
26	11 e 12	—«Ó Machado da minha alma!
27	26	*(Elimina-se)*
	29 e 30	Mais d'um por esperto havido Se tem assim extendido, Julgando descobrir meio De chamar seu ao alheio (17).
28	4 a 7	Não me metto a dizer tanto: Apenas sei que um jumento
	20 e 21	*(Eliminam-se)*
	23	*(Elimina-se)*
29	10 a 16	O que queimava, hoje adora, E ámanhã despreza e queima O mesmo que hoje adorou. E ficou
	27 e 28	Encontrando se lançou

Pag.	Versos	
31	32 e 33	Escapou... bem tosquiado.
	37	Sacrilegos causadores
32	6	'Té que afinal acabou
	10 a 12	Dos que tomam por modelo
		O camelo
		Ou .. outro parvo qualquer (20).
	24	Noite e dia só pensava
33	23 e 24	Por numeroso que seja
34	21 e 22	E atiral-os
		Vai então
35	2 a 4	Para a aldeia de alta serra:
36	18 a 20	Grita a canna d'um foguete
	24	*(Depois d'este verso abra-se um espaço*
37	7 e 8	Viviam
		Nos diz um conto,
	14 a 19	De pau, em diff'rente mesa;
		Pelo filho era tratado
		Com asp'reza,
		Pela nora desprezado.
	26 a 28	Na tarefa interrompido
		Foi pelo pae que indagou
		O fim de tal brincadeira?
38	9 e 10	Revirando o coração
	12 a 16	Cuidadoso d'este então
		Tratou do velhinho tonto.
39	10 a 14	Longe de lhe ser cuidado
		De lama sujo ficar
		Nella se vai retouçar;
	19 a 25	Podes passar muito bem»
		—«O que tu fizeste eu vi;
		Mas fazel-o assim não sei,
		Porco qual tu não nasci:»
		Lhe respondeu o arminho.
40	7 a 9	Levava pouco dinheiro,
		Mais cobre que prata e oiro;
	23 e 24	Eis, quando menos se esp'rava
41	1 e 2	O macho não quiz ceder:
	7 a 10	Até alguem lhe acudir.
		Mas isso não lhe valeu:
	20	O outro macho correu
	36	Talvez ahi não 'stivesses
43	14 e 15	E da decisão appella

Pag.	Versos	
	21 e 22	D'esde então esta avesinha
	25	Por si e por outras taes:
44	7	Dizia uma vez o urso
	25 a 37	Para a grande maioria
		O resultado é egual.»
		Fallava o mono a verdade:
		Assim pensa
		Geralmente a humanidade:
		Mas o que elle não sabia,
		Com toda a sua sabença,
45	2 e 3	A dança, a tolice grossa,
	14	A patria amada o tal urso
	19 a 21	Mostra primeiro
		O saber
		Menos mal, terem-se em—pé
46	4 e 5	Aos homens e aos animaes;
		Quer physicas, quer moraes.)
	8 a 24	Muito embora elle dançasse
		E gritasse:
		—«Ponham os olhos em mim!
		Deitem para fóra o pé,
		A cabeça para trás...!»
		A custo tendo-se em-pé
		Haviam de dançar bem!
		A cada instante era—zás!
		Ficava algum extendido
		Ao comprindo
		E d'elle o urso se ria
	28 e 29	Concluem que o mestre é fraco
	35 e 36	Dão-lhe cresta a alguns tostões
48	10 e 11	D'um porco o faz succumbir...»
	14 e 15	Se ouço cão,
		É tal a febre
49	5	*(Elimina-se)*
	9	Gritava a rã: mas no coiro
	12	Dando um grandissimo estoiro.
	24	*(Elimina-se)*
	30 a 37	*(Eliminam-se)*
50	1 e 2	*(Eliminam-se)*
51	1 a 3	Mau grado seu, empoado;
		E o moleiro

Pag.	Versos	
		Egualmente enfarruscado.
	5 e 6	Quando ralham, e os *compadres*
	16 a 18	Dás ás de Villa-Diogo,
	26 a 27	De certo ninguem me via
		Covardemente fugir,
52	11 e 12	Só de ouvir um cão ladrar.
	16 a 20	Logo que um latido ouvia:
		Como hei pois de valor ter?
	28 a 30	Os instinctos feios, bellos,
		Todos são os resultados
	35	Mas de certo ficarão
53	10 a 14	Tristes, baldados clamores
		Sem cessar aos céos erguiam.
		Perto havia uma represa
	20 a 22	Deu então prudente velho
		Ao povo este bom conselho:
	26 a 29	D'este modo salvareis
		Vosso pão e até o vinho.
54	3	*(Elimina-se)*
55	3 e 4	Que eu não copie num momento:
	18 a 20	Cresceu enorme carvalho,
56	5 a 10	Por largo tempo gemeu
		Em torno abalado o chão!
	13 a 19	Do tronco num buraquinho
		E julgou que o céo cahía
		Quando o gigante cahíu,
	28	Que era tamanho o carvalho (37)!»
57	2 a 4	É que são, ou eu me engano.
	29 a 32	Um tinha, se bem lh'o conte-
		Cem cabeças
58	8 a 14	O das cem mal póde andar
		(Pois cada uma a primeira
		Se julga e quer governar;)
	23 e 24	Sem que estorvo tenha ou medo.
59	13 a 24	Para mim sempre valor
		Teve o bem e o pratiquei.
		Não fui eu que perdoei,
		Deixando-a partir com vida
		E ao filho que ella levava,
		Aquella ovelha atrevida
		Que raivosa me insultava?»
	26 e 27	Diz raposa descarada

Pag.	Versos	
60	1 a 11	Ao *contrito* peccador: «Até o posso Ir jurar. Foi quando se atravessou, Não te passando a guela, Aquelle terrivel osso Do outro cordeiro d'ella; E para o poder tirar Tanto a cegonha suou (39)!»
	16	*(Elimina-se)*
	28 e 29	Que elle disse: — «Mandrião!
61	1 a 6	Repara bem na formiga, Admira-a e busca imital-a.»
		Assim fiz; de copial-a Não cessei Em dura lida,
	20 a 33	Que trabalhando juntou. Para em tudo a imitar Deve agora descançar Gosando do que ganhou.»
		Mal tinha entendido o velho De Salomão o conselho; Só metade percebeu.
63	16 e 17	Pois julgou muito crendeiro
	19 e 20	Porém quando ao outro dia
	27 e 28	Que só trata de enganar.
65	6 e 7	'Té nascerem os filhinhos;
	14 a 16	Os pequenos 'Stão ainda mui somenos Mal podem ter-se nos pés.
	25	Ou pôr os quartos na rua.
66	26	Eis que o porco já cançado
67	10	Regalados cantaremos»
	16 a 19	Raro os javardos percebem, Não lh'o ensinando assim, Qual o fim Das zumbaias que recebem (44).
	27 e 28	D'ella se fazem remedios: *Verbi gratia,* mil cerotos
68	1 a 4	Tão uteis; e até os côtos Das velas, quando 'stão bentos,

Pag.	Versos	
		Afastam os maus intentos
		Do mais temivel diabo.
	4 ulti.os	De comigo o repartir.
		Diga-se pois a verdade:
69	2 a 6	Se não gana de me rir
		D'essa generosidade.»
	9 a 13	Que se inculcam generosos
		Do que não podem negar (45).
70	1 a 13	Pois não ha que comparar:
		Elle nunca foi vaidoso.
		Todos estimam o gallo
		Pelos meritos que tem,
		D'isso se sente orgulhoso
		E não foge
		De mostral-o;
		Mas até á data de hoje
	16 e 17	Tens apenas
		Essas pennas
	26 e 27	Eis que chega a uma cidade
71	9 a 23	Uns garotos coxeando
		Atrás d'elle e gaguejando:
		— «Olhem! vae a coxear!»
		(Novidade alli tambem
		Era ver assim alguem)
		Começam a reparar
		Logo todos: — «Pobre coxo!»
		O homem que se vê roxo
		Por ser posto na berlinda
72	12 a 14	O que deseja viver
		Entre os homens, socegado,
	18 a 27	Como aos demais vir fazer,
		Ou dissabores soffrer.
		A verdade diffundir
		É d'alma nobre, mas custa
		Bastas vezes muito caro
		O seguir
		Tão bom caminho
	33 até ao fim	Dos que não sabem fallar
		Nem decentemente andar (47).
74	12 e 13	Direitinho qual um fuso,
	1 e 2	Eil-o do espelho no alto;
75	8 a 11	Afinal desesperado,

Pag.	Versos	
		De perceber o porquê
		Lança-se ao 'spelho e no chão,
	16 a 21	Este gato
		Muito mais siso mostrou
76	titulo	A precedencia.
	5 e 6	Entre todos a questão
	8 a 13	Foram os iniciadores
		D'aquella resolução
		Com outros que taes senhores,
	22 a 29	*(Eliminam-se)*
77	1	*(Elimina-se)*
	7 e 8	Alem da capacidade
	10 e 11	Havia de bem julgar
	22 a 28	Que ha de o pleito decidir?»
		—«A utilidade maior,
		Pois melhor
		Regra não acho:»
	31 a 34	Ruge indignado o leão:
		«Venho eu então
78	10 a 23	A ficar
		Nada mais disse o o leão
		E foi-se. Trás d'elle vão
	28 e 29	O bugio, o burro, o pato...
	8 a 10	A casa d'um esculptor.
		Este mui bem o lavrou,
79	20 a 26	Deve ser bem educado
		Qualquer homem: mas cuidado!
		Fugir sempre a demasia,
		Não perca toda a energia (51).
80	23	Foi grande patomimeiro
	25 e 26	Tal raça não se acabou,
81	19 e 20	O que tem de si ao-pé,
	23 a 25	O que não lhe é dado ver
		E ainda menos entender.
82	5 a 7	Grita, aos coices, logo o burro
		Encantado
		Com tão bello resultado:
84	5 a 7	Vê-as em perús alguem?
	19 e 20	Tornando-o macio e quente,
	24	Pelo vello: impaciente
	27 a 29	Toda a lã, 'stas socegada»
		Exclamou a avesinha:

Pag.	Versos	
85	1	«É a mim que tão poucochinha
	5 a 11	—«O pastor
		Sabe tiral-a melhor
		Do que tu, não me derriça,
		Nunca assim me faz doer»
		A outra lhe respondeu:
		«E demais, bem posso dar
	20 e 21	Ou outro mal que lhe deu,
86	13 e 14	—«Sempre has de ser muito bruto;»
87	19 a 27	D'esse medonho rugido;
		Por ficares convencido
		De que mettes tanto medo
		Com teus ditos insolentes,
		Quanto um burro
		Com o seu desprezivel zurro,
	32 a 35	Eis numa venta lhe enterra
		O seu damninho ferrão.
88	22	Que julgámos desprezivel;
	28 e 29	Vencido
		Vem a morrer (57).
89	pen.e ult	Tinha um homem naufragado
		E vivia desesp'rado;
90	6 a 10	E, se inutil seu lamento,
		Ao menos desabafava
		(É meia consolação)
	13 a 17	O viu manso, mudo e quêdo;
		—«Os homens estás tentando?
		Ó maldito! «lhe gritou:
		«Perdes teu ardil nefando
	22	—«É injusto o agastamento
	33 a 37	Coração de oiro
		Mas, se for contrariado,
		É toiro
		Desembolado;
91	1 a 5	E lhe vem cada repente
		D'aquelles de matar gente...
		—«Apagé:» digo eu então
	9 a 12	Antes fosse o d'um malvado
		Sem fazer damno a ninguem (59).»
	22 e 23	Demonstrado está porém
92	9 e 10	Que invadiu a macieira,
	18 e 19	—«Olha cá! e esse teu fructo

Pag.	Versos	
	ult.	Dos que tem maior valia
93	1 e 2	*(Eliminam-se)*
	7 e 8	Pois mostra viver na crença
	10 e 11	Do merito ser doença
	13 e 14	O corvo uma vez notou
	16 e 17	Trinta dias e pensou:
	21 a 23	Aguias, ou corvos mesquinhos,
		Evidente pois está,
	26 a 28	Eil-o que não se enfastia
94	5 a 12	Alterar o que chocava,
		Pois sempre continuou
		Tirando o que já tirava:
		Uma agoirenta corvada
	22 e 23	Pois andavam os rafeiros
	26 e 27	Se seguiam sem um roubo.
95	1 a 7	Fazer-se tambem pastor
		E ter um grande rebanho.
		Sendo loucura pensar
		Em obtel-o de arreganho,
	16 e 17	E marmeleiro na mão.
	20 e 21	Quando o rafeiro
		É o pastor
	25 a 28	Ao seu antro com geitinho;
		Porém que nada alcançava
		Aquelle intento damninho
		Muito breve reconhece:
96	4 a 24	Alli teve cruel fim
		Por ter sido
		Actor ruim.
		Aquelle que instinctos tem
		Ferozes, quaes os do lobo,
		E quizer deixar o roubo
	29 a 31	A sua prèsa á-má-cara,
97	1 a 5	—«Eu corro, vôo e nado,
		Quem dotado
		Mais do que eu!»
		Grasnava um pato marreco
	21	De tudo o seu boccadito
	24 a 26	No qual se torne perfeito
		Se podér:
98	1	Quem assim não estudar,

Pag.	Versos	
		Bem de certo
		Ha de ficar
	7	—«Deixa estar
	13 e 14	Apprender o á-bê-cê,
	22 e 23	De rapazito brégeiro,
	26 a 28	E á sorrelfa lhe faz figas.
99	5 a 10	E o lobo ainda á espera!
		Até que emfim desespera
	15 a 17	Tornas tarde e a más horas
	19 a 21	Volta o lobo — «Foi por ter
		Tolamente ouvidos dado
100	25 a 27	Com uma raposa
		Manhosa
101	1 a 8	A poço algum tanto fundo
		Foi beber.
		Sempre no mundo
		O descer
		Mais facil é que o subir;
		(Até o lês em Camões).
	14 a 18	E sahir fóra do poço:
		'Stando lá, tambem te posso
		Mui facilmente salvar.»
	31	*(Elimina-se)*
102	10	Bem claramente o veria)
104	1 e 2	Poisque usando
		D'esde então barbas ficaram.
	7 a 11	Neste mundo é raro o bem
		Em companhia do qual
		Algum mal
		Não nos possa vir tambem (69).
	19 e 20	Em alpista.
	24 e 25	E se algum pardal sentia
105	2 e 3	D'essa cruel engenhoca
	7 a 10	Não topou
		Jámais comida
		Que a seu ver
		Não fosse móca.
	17 e 18	Um coice d'ella levou,
	22 a 24	Péga logo d'um arrôcho
		E então é que foi bater,
106	3 a 7	Que até desherdam parentes
		A favor de cães e gatos,

Pag.	Versos	
		Com brutos gastando os cobres
	23 a 25	«Foi você só o culpado,
	32 e 33	Um grande coice levei,
	35 a 38	O mais certo é ficar coxo!)
		Ella que o deu sem motivo,
107	4 a 6	Se um bruto ou vilão ruim
		Um coice te der assim
	13 e 14	Muito insulto ha de soffrer (71).
	15	*(Elimina-se)*
	19 a 23	Voar quiz o avestruz!
		Não podia adormecer,
		Socegar,
	ult.	A hora certa e o local
108	1 a 5	D'onde ás nuvens voaria!
		Ajuntou-se a bicharia
	10 e 11	O que deu em resultado
	13 e 14	Quem nasceu só para andar,
109	1 e 2	Num volver de olhos te mudo
	4 e 5	Com que se vejam bem quentes
	12 e 13	Quaes as carniceiras féras.»
	15 e 16	Mas, se taes armas não queres,
110	15 a 17	Minha desgraçada sorte!»
	23 e 24	Mas se t'o querem fazer
	27	*(Elimina-se)*
111	8 e 9	Se erraram
		Dizer não sei
112	5	Ou melhor direi — na lama,
	20 e 21	Para ver el-rei primeiro.
	24 a 31	Mas qual foi o seu pasmar
113	7	Cuja palavra era lei,
	9 a 15	Em sabença um Salomão
		(Era forte admiração
		Quando elle havia cahido
		Em corpo e alma do céo)
		El-rei tinha decretado
	18 a 32	Eil-a pois a manobrar
		Sósinha o leme do Estado;
		Mas outras foram chegando
	plt. e ult.	Emfim — ralham as comadres
114	1 a 3	E descobrem-se as verdades—
	8 a 11	E um rei para o reger,
		Um senhor de—mando e posso—

Pag.	Versos	
		Que seja de carne e osso,
		Emfim um rei verdadeiro
	27 a 29	Porém que não governava,
116	12 e 13	E correm de cambulhada
117	ult.	O que não podem guardar (76)!
118	17 e 18	Vendo de um e de outro lado
		Demonstrado
120	5 a 11	Vis ninharias;
		Trata só de praticar
		Acções grandes, bizarrias;
		Fazer leis
		Dignas de povos e reis;
	13 e 14	Ao que deve governar
		Outro tanto direi eu
	17 e 18	Trate dos grandes apenas,
		Poisque de cousas pequenas
	20	— Não ha no universo inteiro
121	1 e 2	Aprasou-se logo o dia;
	6 a 13	Mas soube voltar atrás;
		— «Bravo!» lhe diz «meu rapaz,
		Acceita o meu parabem.
		Eu quiz só ver-te brilhar
	22	A talvez julgar alguem
	25	Atirar como ninguem (79).
122	10	E por muitos desejado
	24 a 26	Sem ter modo
	28 e 29	D'aqui tiro em conclusão
	33 e 34	De algum tanto o melhorar
		Tem ella sempre o poder.
123	3 a 5	*(Eliminam-se)*
	9 e 10	Em regra geral — ninguem
		Neste mundo fará falta
	21 e 22	Faltando um dos cavallinhos
	26 a 28	Foi arvorado em cavallo.
124	2 e 3	Os outros tres: — «O gallucho
126	4	Os meus cascos deanteiros
	6 e 7	Erguendo coices certeiros
	17 e 18	Quando o póde, aproveitar
	30 a 36	É teima em comer com a mão,
		Em vez de fossar no chão,
		Apanhando o pasto a dente,
127	2 e 3	Em seguida o mono grita

Pag.	Versos	
		«Pois imita
	21 e 22	E depois de os ver partir
	26 e 27	'Té que pôde conseguir
	32 a 35	O burro vê-se montado,
		Serviu para acarretar
128	1	*(Elimina-se)*
	2	*(Retire)*
	4	*(Elimina-se)*
129	7 a 9	Outra é ser ruim gordura
130	20 a 24	—«Tenham mão! as mais pequenas,
		Embora brilhem, são minhas!»
131	23 e 24	Não attentam no grasnar
		E muito menos no zurro,
132	17 e 18	Uma vez, quando acabada
	22 e 23	E corrido
		A cosinheira
133	2 a 5	Isto assim não é viver:
		Quero andar um pouco á solta
	8 a 11	Que me 'stá pulando o pé.»
		—«Será bom para quem é»
	16 e 17	Mas eu cá não sou assim.
	30 a 33	Uma extendendo as canelas,
		A outra arrastando o fundo
134	2 a 7	Quando a outra, sem querer,
		Lhe préga seu encontrão
		Indo dar-lhe protecção
		Contra algum provavel risco.
135	1 e 2	Teve razão;
	24 e 25	Constantemente a seguia
136	17 a 19	Pennas e mais nada achou.
137	18 e 19	Pois, esfomeado, esp'rava
		Ter nelle ~~ma~~ farta prêa.
138	6 a 8	Até a manhã romper,
139	1	*(Elimina-se)*
	3 a 8	Pasmado porém ficou:
		Não deu sequer um mergulho;
		Só barulho
		E barafunda
140	7 a 9	Um refalsado intrujão.
	13	Ce/ta desgraçada aldeia.
	22	Num antro peccaminoso.
	25 a 29	—«Meu irmão!

Pag.	Versos	
		Devemos orar a Deus,
		Para que esses desgraçados
		Detestem os seus peccados
		E vão caminho dos céos.
141	1 a 6	Cada um de nós tambem,
		Cumprindo os deveres seus,
		Concorra para esse bem;
		Saiba bons exemplos dar
		Aos grandes e aos pequenos.
		Havemos de emfim lograr,
142	7 a 9	Por muita gente é gabado
		Sendo de gesso e bemôco (92)!
143	15 a 18	Impostor analphabeto,
		Agiota enriquecido
144	15 a 22	E foi brincar já sem medo,
		Meditando o velho fica
		Sentado sobre um penedo
	plt. e ult.	O mar cresce
145	2	Nas rochas vindo bater
	7 e 8	E o homem vêl-o não quer
146	13	E nunca boa ração
147	1 e 2	A tratamento escusado.»
	21 e 22	Póde haver gostos assim,
	26 e 27	Não tendo cousa melhor (96).
148	12 a 20	—«E serás
		Sempre incapaz
		De tal fazer, maldizente!»
		Logo o dono
		Respondeu;
		«De servir para o trabalho
		Não posso crear um mono
	25 e 26	E nanja algum João—Ninguem (97).
149	26 e 27	Collossaes.
	tres ult.	De inutil ser embargar
		Com aquelle expediente
150	3 a 7	Foi subindo rio acima
		Até conseguir por fim
	21 e 22	E o discreto desvio
	31	Mais ou menos necessarios
151	penult.	O trabalho e a razão—.»
152	1 e 7	Muito bem empoleirado
		Na jánella da cosinha

Pag.	Versos	
		Um falcão
		Que sobre a mão
		De seu dono pousar vinha
		Logo que lhe era ordenado,
	plt. e ult.	Sei demais o que ellas são.
153	1	*(Elimina-se)*
154	21 a 23	De quando em quando diziam:
	30 a 35	Até que se descobriu
		O segredo da charada:
		Indo sem ninguem o ver
155	11 e 12	Do bolo tão mal guardado,
	16	*(Elimina-se)*
156	13 e 20	Muito temente a rafeiros,
		Se fortes e expeditos,
		O flagello dos cabritos,
		O verdugo dos cordeiros;
	25 a 28	Ou cavallo lazarento.
		Morreu nos dentes d'um cão!»
157	1	Ao lynce disse a raposa
	4 e 5	É de certo bella cousa,
	7 e 8	D'ella usar nunca te vi,
	12 e 13	Com os olhos que Deus lhe deu,
	16 e 17	E a barriga
		Bem encheres:
158	23 e 24	Par'cia são e robusto:
	26 a 29	Dormindo o somno do justo
		Resonava mansamente,
		Mal se via o seu arfar:
159	1	*(Elimina-se)*
	32 e 33	Eu do outro o *tralo fino,*
160	1 e 2	É o manhoso do gato
	4 e 5	Se elle acordado estivesse
	17 a 24	O parlapatão do gallo,
		A vista d'elle é pacato
		Incapaz de fazer mal,
		E talvez
		Inda uma vez
		Nos sirva de bom regalo.»
163	21 a 24	(Mas tanto não direi eu)
		Chorando d'um amigo a morte,
		Só lastíma a propria sorte
		Pela perda que soffreu.

Pag.	Versos	
165	3 e 4	Precisando certo dia
	7	Umas vinte encommendou,
166	3 a 11	O rouxinol, um amigo
		Entre os passaros cantantes
		(D'elle todos invejosos)
		Não tendo, disse comsigo:
		—«Talvez nas terras distantes,
		Onde os ha muito formosos
		Mas que não podem cantar
	20	Tem de certo mais valor
	24	Vai e encontra o beija-flor
168	14 a 16	Em vez de cheirares bem?»
169	2 e 3	Não andar
		Sempre á piranga
172	26 e 27	Lá na terra foi rainha,
	5	Isso aqui não vale nada,
173		Invejoso do alheio:
174	7 e 8	E tambem
		O capital.»
	19 e 20	Responde a rir,
		A formiga:
	34 e 35	Não se queixe do seu mal,
175	1 e 2	Vadiar em vida airada
	4 e 5	Quem fizer
		Cama ruim
	7 e 8	Cançado
		Tinha ficado
	11 a 13	Ao pé d'elle se deixou
		Tambem ficar
		Um rafeiro
	21	*(Elimina-se)*
	27 a 29	E a meu ver,
		O seu direito
		Claramente era melhor.
179	23	*(Elimina-se)*
	26 a 29	De que tudo estava cheio!
		Mas da jornada no meio
180	8 e 9	*(Eliminam-se)*
181	1 e 2	Haveis de tremer,
		Atheus!»
	14 a 19	(E não digo que ao tal frade
		Fallecesse santidade,

Pag.	Versos	
		(Pois como hei de affirmar tanto?)
	26	*(Elimina-se)*
182	10 e 11	—«Mas é d'aquelles que o tem...
	16	— «Fica-lhe bem»
		Diz o santo,
	18 a 21	Mas onde estará o espanto?
		Melhor lhe agoiro inda o resto,
183	25 e 26	Que se dér
		No seu enterro.»
188	Penult.	Ha muito ruim villão
189	16	(A seu sabor o entendendo
	26 a 28	Debaixo do qual hávia,
		A assar
		Bellas castanhas.
190	25 a 29	Que o outro alguma tirava
		Apenas arrefecida,
		Com mestria
		A descascava
		E num instante a comia:
191	23	Quando Alcides deu entrada
192	25	E, se não pegou, foi graça;
193	1 e 2	A folha de um espadim,
		De Toledo verdadeira
	17 e 18	Os copos sendo
		E a bainha
195	3	E a maman de lhe sorrir,
	19 a 22	Tu, invejoso do irmão,
		Foste lançar pelo chão
	28	Que julgando-o de uma vez
196	1	Para sempre o abandou.
	14 a 17	Quantas seriam assim
		Em longes eras achadas?
		E quantas o hão de ser
		No porvir
198	17	Descarregou sobre mim
	19	Para assim
		Um exemplo dar.»
	20 e 21	Nada mais contou o cão
	28 a 32	Se com acerto notaste
		Como um culpado escorrega
		Na maldade, até que chega
	35	Eu tambem não julgo errar,

Pag.	Versos	
199	2 a 4	Que entre o libello se dá
	32 a 35	Que alguem é deveras réo, Não lhe podes perdoar, Pois fôra o mesmo que dar
201	9	Deu-se por mui satisfeito
	12 a 15	Que os consocios apresenta, Sem pudor, Dos parvos á admiração E d'ella assim se alimenta:
202		Agoireiro! Ave nojenta!»
206	4 a 8	Nem rastos deixando d'ella E bom proveito lhe faça.» Comida tendo melhor
207	11	*(Elimina-se)*
208	13 e 14	Não seja, por caridade, Privado da liberdade:
209	4 e 5	Deixam-me aqui a pedir,
	11 e 12	Porém lhe deu vista boa
	16 e 17	Vou carregar com você, Por si ando, por mim vê,
	22 a 25	Via assim este bom cégo
	27 e 28	Percebendo claramente O que ha tantos annos prégo,
	32 a 37	Se revogará a lei Da grande desegualdade Que vemos na humanidade. Em quanto ella nos reger, Uns com vista muito boa Outros não, e andando á toa,
210	13	É forçoso confessal-o:
213	26	Aos centos e aos milhares.
216	16	—«Onde está o desgraçado!»
	32 a 34	D'este meu ar Innegavelmente sério,
	38	*(Elimina-se)*
217	12 e 13	De as orelhas Lhe aparar
	19 a 22	Dizer que está muito bem E não se quer emendado; Que façam isso á baleia,
219	5 e 6	A buscar foi obrigado
	11 a 21	O ar de nós todos sendo

Pag.	Versos	
		Não é mais teu
		Do que meu,
		E porisso não arredo
		D'aqui tão depressa o dedo.»
		Impaciente o irmão
		Rijo tabefe lhe deu;
		E logo gritando —: Ai! Ai!»
	Penult.	A mãe ao denunciado,
220	10 e 11	Que perdido
		Querem ver;
	Ultimo	O que negligente for
221	1	*(Elimina-se)*
	25 e 26	O quinteiro
	29	Ao qual para o castigar
	35 e 36	Foi quem mais soffreu então!
	Penult.	*(Depois d'este verso abra-se um espaço*
222	2	E o que maus exemplos der
223	10 e 11	De novo repára então
224	16	Que alli as horas declaram:
225	Pen.e ult	Ser egual
		Á aguia no seu voar.
		Ou o tenha de acceitar
226	3 e 4	Lhe disse: — «Teu inimigo,
	22 a 24	Palavra! que já não sou;
227	18	Prudentemente escolheram
228	17 e 18	Escoar
		Te vai a vida.»
231	3 e 4	Emquanto o meu
		É leão.
233	Pen.e ult	Por pedir
		Ou por dar pão,
		E que, se a lei extinguisse
234	3	Nenhum pobre que pedisse (146).
	8 e 9	Seguido pelo pastor
236	1 e 2	Encontrar
		Foi ella um dia
237	9 a 11	Mas do brio e qualidades.
	22	Um ovo (e quem tal diria?)
	27	Mordida da vil cobiça
241	34	*(Elimina-se)*
243	23	Pois que julgava
244	13 e 14	D'um olhar

Pag.	Versos	
		Tão nobre e serio;
	22 e 23	Representar
		Um estadista ou um sabio,
245	11 e 12	Muito generoso a encosta
	27 e 28	É a razão
		O dá tambem:
247	4	E Méca
248	11	Té ao fundo dos sertões
	16 a 23	Ao ver formosa cachopa,
		A quem por ventura topa,
		E ao pae d'ella a foi pedir.
		Não era caso de rir:
249	27 a 29	Durante a operação;
		E o levaram, finda ella
250	17	Foste assim tanto descer!»
	22 e 25	Assim morreu albardado
		Despresivel,
		Desprezado!
251	10	De malvados
	13	Todos lhe clamam então
	16 a 24	Castigado sem razão
		Sob os mais falsos indicios;
		Menos um que nada disse.
		Notando el-rei que este só
		Justiça não lhe pedisse,
		Sentiu por elle algum dó.
	Pen.e ult	— Ter castigo
		Não merece —
252	2 a 13	(Diz um rifão muito antigo)
		O meu pensar não é esse
		E só digo:
		Se é sincero,
		Capaz de se arrepender,
		Deve-o ter
		Menos severo:
		Mas haja muita cautela,
		Não se vá soltar a trela
		A malvado
		Que *se diz regenerado* (156).
	14 a 17	Rato pouco experiente,
		Qual o é naturalmente
		Quem viaja a vez primeira,

Pag.	Versos	
		Foi um dia viajar.
	22 e 23	D'um mar profundo:
254	17	Aonde fôra indicado
	30 e 31	'Stamos vendo em toda a parte
	33 a 36	Hoje vence a natureza
		Nos commodos, na belleza ....
		Quem negar ousa o progresso?
255	25 a 28	Mas dos quaes sempre direi:
		— Quem os terá por farcistas?
257	9 e 10	Uma erguendo-se lhe diz:
258	9	*(Entre este verso e o seguinte)*
		Fica o urso duvidoso,
	11 a 13	Quem dance melhor não ha,
		D'um modo mais gracioso;
	15	O urso não dançou mais (159).
		(Elimina-se o resto até ao fim da pagina)
259	1 e 2	*(Eliminam-se)*
	12	Trazendo da grande herdade
	17	Pesava bem meia arroba
260	20	De injustiças e de roubos (160)?
261	13 e 14	Mas, tornando ao charlatão
262	32	*(Elimina-se)*
264	4 e 5	(Quem melhor
		Mais alto berra)
	13	Não ficando na reserva
	20	Já o li em qualquer parte)
265	13	Nem a Senhora Bellona
	33 a 38	E o fez logo,
		Sem com os outros se importar,
		A sua vida salvou
		E foi muito elogiado:
		Quem morreu, por lá ficou:
270	26	Segundo o seu natural
272	5 a 7	Eis d'onde vem
		Sempre haver
		A maior tranquillidade.»
273	25	Eu vejo, eu vejo chegar
275	23	*(Elimina-se)*
276	12	*(Elimina-se)*
	22 a 24	Que vão chamar preceptoras
278	2 a 7	Lembrou-se (por lhe embotar
		Os espinhos)

Pag.	Versos	
		D'uns mimosos passarinhos,
279	16	Porém, qual a sobremesa
	19	*(Elimina-se)*
280	5 e 6	Choviam os pontapés
282	3 a 8	Por menos, casa decente Tenhas para tanta gente.» — «A parelha»
		O marido continúa :
	15 e 16	— «A modista...» e estacou!
	20 e 21	Brada com os olhos no céo:
	27 e 29	Ou diga claro se quer Que a mulher É mais as filhas
283	3	Em outro pego...
	7	*(Elimina-se)*
	11 e 12	Instruidas
	28 a 32	Ha muito orçamento assim (171)! *(Elimina-se)*
284	23 a 25	Não tendo forças eguaes Com inimigo valente
285	2 a 4	E assenta-lhe bem a mão
	Ult.	Lá viria o canapé
286	1	*(Elimina-se)*
	27 e 28	Cai uma com um faniquito!
	31 e 32	Aquelle infame fogão!
	38	Porém, não fôra accendido 133)!
287	19 e 20	— «Não me pasma o teu dizer»
	27	*(Depois d'este verso abra-se um espaço)*
288	22 a 25	Tanto que lançava mão. Ás vezes de bruxaria (Segundo as crenças de então).
289	1	O que havia de fazer
	32 a 34	Entre brenhas se perderam. Mal encontrando caminho, Muito e muito tempo andaram
291	13 a 15	Ouro, saude, poder,
292	20 e 21	«Fico-te muito obrigada:
	23 e 24	Do resto não sabes nada.
	35	Que lhes póde aproveitar
	Ultimo	*(Elimina-se)*
293	1	*(Elimina-se)*
	12	Caso poucas vezes visto.

Pag.	Versos	
294	4	Que é um sino; pede meças
295	1	É, para não faltar nada,
	8	E comsigo ainda podia,
297	19	Lobos tem outro pensar)
298	1	Repimpou-se no temão
	5 e 6	E agora é que a ouvireis
300	7	Se o dinheiro arrecadava
	17 a 27	A riqueza é um poder
301	18	E é porisso que antes quer
302	19	Se, pois, o avaro é culpado,
	29 e 30	La voltou A passarada.
303	1	*(Elimina-se)*
	22 e 23	A conviver Noite e dia com alguem.
304	24	Um filho horrendo — o desprezo (183).»
	25	A leoa que perdido
	27	*(Entre este verso e o seg.)* Sua sorte lastimava.
305	6 e 7	— Senhora!» teimava esta:
306	15 e 16	Beijal-o, fallar-lhe, ouvil-o.
307	1 e 2	E certamente melhor É deixar
309	4 e 5	Quero dar-te um bom abraço;
	7 e 8	Espalhando a novidade.»
	26 e 27	E sem olhar para trás,
310	5 a 7	*Com certas fomentações* (186).
	20 e 21	Longe do mundo vivia De hervas agrestes e fructos
311	12 a 14	De visitar não deixava Os mais humildes e pobres
	17 a 19	E os ricos, grandes e nobres.
312	16	De perfumar mui capaz
	22 e 28	Se os seus tempos de rapaz Soube bem aproveitar, Os que forem assim velhos Dão conselhos Que não deves desprezar (188).
313	9 e 10	Eram todos: — «Carga ao mar!
	17 a 20	Ninguem sacrifica um fio Para salvar o navio!
	27	Assim póde succeder (E folgarei se me engano)

Pag.	Versos	
314	1 a 4	A um povo insano} Do qual com lastima digo,
	12 e 13	Em cousa alguma alijar;
	15 e 16	Tratam de a carga Augmentar (189).
317	2 e 3	E ao pão Dizer adeus!»
318	1 a 6	Uma aguia, uma gata E uma porca, em morada Viviam apalaçada, No centro de immensa matta:
319	3 a 6	Quanto é ruim ou perverso, A pau, a tiro, a veneno;
	30 a 31	A fossar de noite e dia
	35 e 36	De a desgraçar mais a mim.
320	1 a 9	E ella póde a qualquer hora Nossos filhinhos comer, Quando andarmos lá por fora A procurar-lhes o pasto; Eu cá, para os defender, Pouco de casa me afasto.
	18	*(Elimina-se)*
	20 e 21	A noticia que alli deu, Foi-se a malvada e desceu
321	Ultimo	*(Elimina-se)*
	1 a 4	Para ver se está ausente Uma ou outra, e de repente Roubar-lhe para o seu ninho Um desgraçado filhinho.
	22	Gosando a vil ensoneira
	24 e 25	*(Eliminam-se)*
322	16 e 17	Affecto por mim tamanho.
	22	A boa sóva que apanhas.»
	24 e 25	Para accordar o patrão Aquelle guarda brioso
323	12 a 14	Nos meus tempos de rapaz (Quantos annos Já lá vão!)
324	11 e 12	*(Eliminam-se)*
	20 a 22	Mais o bello bacalhau Tem suas Paternidades.» —«E digam que é jantar mau!»

Pag.	Versos	
	25 a 28	Inda ha guardiães assim : Para si, festins Reaes;
325	10 a 12	De quanto póde a vaidade !
327	16 a 22	Pois na minha opinião Eis a melhor solução Que, por fim, tem de encontrar O que estudar Bem a fundo Os problemas d'este mundo (196).
328	14 e 15	Mas que o fosse, Pouco monta
329	7	Melhorando a nossa raça
	12 a 14	Disse isto em tom de chalaça Para o lado Do collega aposentado.
330	18	E me deixes os pés sujos.»
	Ultimo	De qualquer venerador (198).
331	3	(É tudo o mesmo dizer)
	8 e 9	Advogada de innocentes, De opprimidos
332	1	Esp'ravam lucrar tambem;
	5 a 8	Para imitar e mais nada : Confundindo o mal com o bem
	36 e 37	(Té á ultima luctando) Afinal se conformou
333	1 e 2	De todas as capoeiras.
	5 a 10	Que o levou Muito breve e direitinho Aonde um homem honrado, Que de taes meios renega, Só é capaz de chegar De vagar
	17	Certo caso
	22 a 24	Ser de grande figurão,
334	22 e 23	Tudo é um Par'cendo dois (200).
335	24	*Custa para não morrer* (201).»
336	6 a 10	Volta a lebre : — «Pois apósto ! Quero-te dar esse gosto.»
	13 a 15	A lebre fica a pastar, Depois, deita-se a dormir.
	19	A lebre e eil-a a correr

Pag.	Versos	
		A valer,
	29 a 32	O que for
		Em linha recta,
		Embora fraco andador,
		Chegará primeiro á méta
338	3 e 4	De as imitar a valer,
		Ou morrer...!
340	3	A primitiva panella!
	21 e 22	*(Eliminam-se)*
	25 a 27	E cabe a quem se lembrou
341	24	Maviosas cavatinas?
342	8 e 9	A poétas, estylistas,
		De palavras alchimistas:
	26 a 29	Deita a raposa a correr
		Do homem pela seara
344	9 a 17	A elle corre direito
		O bicho (mas ou verdade
		Seja que aos mortos não comem,
		Ou lhe faltasse vontade)
		Ketirou deixando o homem,
		Tendo-o apenas farejado.
345	17 e 18	Partiria
		A desgraçada (208)!
346	12 a 14	O seu tempo o homem chora:
	32 e 33	Simplificar *com juizo*
347	3 e 4	Por de trás
		Da nova lua,
	15 a 17	Da minha terrivel voz
		Temidos
		Seus estampidos
	26 e 27	De chibança descarada,
348	24 a 27	De a arrancar para ver
		Se mais oiro assim lograva.
349	10 a 12	Mas da intelligencia humana
		Nada vem,
		Nada dimana
350	15 e 14	Começa o chão
		A cavar.
351	3	A hippocratica mestrança
	6 e 7	Teimava em lh'o ver cortado.
	21	*(Elimina-se)*
	25	*(Elimina-se)*

Pag.	Versos	
352	15 a 18	Bem me pódes arrancar (Não precisas de guindaste) Com um dedinho
	23 a 25	Pois quero que tu primeiro Tires a pedra que vês
354	23	Fugiu tudo em debandada.
	25 e 26	Houve quem quizesse o mando;
355	28	Voltam pois, sem mais demora
357	5 a 12	Alterar O nome é vão. Se o actor não vale nada, Embora mudem a peça, Sempre ha de representar De tal modo que mereça Reverenda pateada;
358	16 e 17	E o céo note Como está;
359	5	Que não 'stou para lhe dar.»
	17 a 19	De certo que te pareces Com o ratão do boticario D'um conto que outr'ora li.
	23	Sendo logo perguntado
	26	Eis desata a bom gritar:
361	11 e 12	Muita indecente allusão;
	22	E grande peste do Estado
362	3 e 8	Diz — «que está mui prompto a dar Pela patria o sangue seu. Se até alli o não deu Tem-o offerecido de sobra;
	18 a 20	Para o guiso pôr no gato, Nem sombra appar'ceu de rato!
365	2	Na muito comprida lã,
	21	(*Relire*)
366	1	Lhe volta o nobre veado.
	16	Faz asseado trabalho,
367	13	Pois ha muito parvo ou cego
	33	Por alguem sendo avisado
	37	Mas de somenos valia,
368	1 a 3	Respondeu certo escriptor, Mui habil e afamado:
	16	Que, zangado, assim lhe grita:
	Ultimo	Apear

Pag.	Versos	
369	1	O pae mandou
	Pen.e ult	Andado assim pouco tem
370	1	*(Elimina-se)*
	6 e 7	Havia de ter dó d'elle,
	16	No pobre bruto montados
373	13 a 15	Eram violetas e rosas Ao-pé d'elle mal-cheirosas.
374	3 a 8	Quando a fallar obrigados, É de algum modo *decente* Sahirmos pela tangente (225).
375	26 a 29	Não faças o que elle faz—.»
	34	Aquelle que é castigado
376	1 a 6	A quanta mosca apanhava Um homem não perdoava!
378	7 a 10	Só quanto d'elles prestar.»
	18	A deitar por fóra cheio
379	10 e 11	Bem pensado, De valor,
380	6	Pratinhos de pasteleiros:
	17	De flores fosse adornado.
	19	Veiu o prato ermo das flores!
382	7 a 10	Poisque furtou a lanterna. Mas, embora fosse esperto
	19 a 21	Na patria, para onde foge, Quer mostrar o grande invento, No progresso com o intento
383	21 a 26	A roda: vem contratempos; Raro e pouco é seu ganhar.
384	13 a 16	E em tudo bem succedido Será aquelle que as vê.
	23 a 27	Alcance contos de réis, Elevada posição Assim na farça chistosa O Jordão Falla ha tantos annos prosa (231).
386	22	Que venha o démo escolher (233).
387	5 a 36	*(Eliminam-se)*
388	2	*(Elimina-se)*
	20	Seja de ambos o terceiro.»
389	12 e 13	*(Eliminam-se)*
	24	*(Elimina-se)*
	26	Que o façam d'ahi largar.

Pag.	Versos	
390	22	E com pão, que bom regalo!
	24 e 25	*(Eliminam-se)*
391	Pen. e ult	Que uns mortaes Bem desgraçados (234)!
393	20 e 21	Apanhar cem bordoadas
	Ultimo	*(Elimina-se)*
394	2 e 3	Outra quer pena das tres
	18	Que mais vale a minha pelle.»
396	3	A visitar Sua Alteza.
397	7 a 9	Que as taes de *lana caprina* É entre o *jota* e o *i romano* A famosa distincção.
	33 a 36	Qual ephemero ornamento, Em pouco ou talvez em nada, E vencida 'Té pelo descaramento (237).
398	25 e 26	E deixou A canzoada
399	3 e 4	Muito ficis e bizarros,
	7 e 8	Se atacados por galfarros;
	11	Se não és feito da massa,
	13 a 15	Se forças em ti não sentes Com que possas defender
401	22 e 23	Tão chato Qual seu dizer.
403	3	*(Retire)*
404	Ultimo	O velho: «podia ser,
405	12	Quando emfim a morte vem, Muitos avisos que dê Raro quem os ouve ou vê (241)!
	23 e 24	E escrevel-o com mais arte,
	26	*(Entre este verso e o seguinte)* Por mais passadas que der,
406	1 a 5	Elogio egual a esse (242).»
	15 a 17	Com dois compro deitadura (Não na praça da Figueira Onde me custava tres)
407	16 e 17	E promette missa ás almas.
	21	Ao comprido estatelada...
408	15 a 17	A pancada Não doeu, Só senti que não podesse

Pag.	Versos	
409	23 e 24	Thezouros são escondidos
	28	*(Elimina-se)*
410	3	Do mundo, foi-se metter
	14	E ainda mais se apouquenta,
411	14 e 15	E... juntamente o patrão,
	17 e 18	Não é sensato o dictado (245)?
	23	Que o não podia ser mais.
412	7 a 9	Não vivendo de hervas vis,
		Mas dos perfumes subtis
413	4	Em papelão recortados
	16 e 19	Com os homens não lhes achava
		A principal semelhança:
	23	Pois muitos eu vejo assim;
414	11 e 12	A guita puxa do intr'esse.
	17	Que apouquentado me tem;
	22	Póde contar que esta bem.
	26	Deu-me ha dias que pensar.»
	28	(Guita de sobresaltar.)
415	16 a 21	A bilhetes, infinitas
		Cartas se tem e visitas,
		O ficar substituido
		Tanto romper de baetas,
416	34 e 35	Que é indiscreta maçada
	2 e 3	A quem apertar a mão?
	22 a 27	(Já eram raros então):
		Baixo bufo foi o cão.
417	17 a 20	Negro melro folgasão;
		Pintasilgo, tentilhão;
419	26	Este soprano de sala
	3 e 4	Separados ou unidos,
	6 a 10	Assim é entre os partidos,
		Quando ficam derrotados,
		Cada qual culpas não tem,
		Mas sim os associados
		E... o inimigo tambem (248)!
420	2 a 5	Dos malditos ratoneiros;
		E entre elles uma cegonha
		Escondida, com vergonha
	8 e 9	— «Tu não tens queixas de mim
	14 a 21	Bichos cômo, não sementes.»
		— «Ignoro se tu me mentes,
		Nem conheço a tal cegonha;

Pag.	Versos	
		Porisso não te acredito»
		O lavrador replicou:
		«Mas tens a pouca vergonha
	Ultimo	Os seus defeitos tambem (249).
421	2	Mas que nascera cordato,
422	10 a 17	Quanto é dor,
		Mal ou tristeza,
		É só meu; mas nossos são
		Os conchegos e o prazer...»
		(Depois d'estes versos abra-se um espaço)
	22	Dizem ser, mas o mentir:
423	25	Com a mira no seu proveito
424	7	Entrou num curral de bois
	10 a 12	Prometteram e depois
		Nem um só
		Á promessa lhe faltou
	15	*(Elimina-se)*
426	1 a 3	Um rolo liso e esguio
	23	Engraçada cambalhota
427	Ultimo	*(Elimina-se)*
428	3 a 7	Cura mais sensata espero
		E é porisso que antes quero
		Matar aquelle animal,
	17	As regras de bem viver,
430	13 a 15	De haver um queijo furtado,
		Muito embora pequenito,
431	29 e 30	Esta humilde ensaiadora.»
432	10 a 14	(O seu discurso escrevendo)
		Mas algum *fiasco* temendo,
		Pois era parte e juiz,
		Foi a um seu amigo ouvir.
	Penult.	*(Entre este verso e o ultimo abra-se um espaço)*
434	1 a 18	Queixava-se um magistrado
		De que preterido estava.
		—«Se a meu pae, por ser *malhado*
		Não tivessem perseguido»
		(Eis como elle arrazoava:)
		«Já eu, quando se acabou
		A guerra, estava formado.
		Esse tempo assim perdido
		Retardou
		O meu despacho;

Pag.	Versos	
		Eis a razão porque eu acho
		Que estou muito preterido.»
	17 e 18	*(Eliminam-se)*
	21	*(Elimina-se)*
	24 e 25	Ou: — «Se protegido fôra,
		Collocado estava agora
435	3 a 19	Se ignorante e incapaz
		Não podia ter ficado,
		Quem se estava a lastimar,
		Embora fosse ensinado
		Emquanto ainda rapaz;
		Ou não teria subido,
		Qual foguete, muito teso
		Por outrem sendo ajudado,
		E cahido
		Ao depois com proprio peso.
	27 e 28	Em sorte, ou alcançar soube.
436	9 a 15	Porém breve aquelle brinco
		Se acabou dando em chorinco:
		Nenhum cão deixou de ser
		Arranhado e a bom valer.
437	19	Diz o cavallo: — «obrigado;
439	2 e 3	Mais feliz que o companheiro!
	27 e 28	Eil-a em roda a esvoaçar,
440	25 a 27	Procure algum meio honrado
		De salvar a sua vida.
441	1 e 2	*(Eliminam-se)*
	3 e 4	Para que ha de resistir?
442	34 e 35	Levou grande surriada.
450	27	A pomba que lhe fugiu.
451	6 a 9	—«Fujamos, pois vejo alem
		Dois galgos a bom correr,
		Que para este lado vem!»
		Gritou ao seu companheiro
452	9	Nada importa como havido...)
453	7 e 8	De estudar,
454	2 a 4	Que do estudo a tal maçada
		Muito pouco vale ou nada.
	9 e 10	Estuda tu, meu rapaz,
		Se de estudar és capaz (271).
457	13 e 14	De ainda par'cer menina,
460	11	E de mares afastado;

Pag.	Versos	
461	Ultimo	*(Elimina-se)*
462	1 a 14	Evitava companhia Nos theatros se entretinha; Porém, isolado e rude (Estudos mui poucos tinha)
463	12 e 13	Os olhos teve de abrir:
	19 e 20	E mais sensato pensou
	30 e 31	Papel de malvado ou justo; Porém, não poucas, a custo
464	3 e 4	Bichas onde lhe doía.
468	6	Homens capazes,
	10 e 11	Mal não fazer A ninguem,
470	32 a 37	Inda continua a moda E de certo irá durando; Todos se vão regalando (Parvos ou ajuizados)
471	6 a 8	*(Eliminam-se)*
472	14 a 17	A custa da barba longa.» Foi-se o estomago calando,
475	Pen.e ult	*(Eliminam-se)*
476	1 a 5	De mim só é conhecido, D'agua chrystalina um lago Entre rochas escondido, Sendo para alli levados Podem viver socegados.
	9	Nessa faina ver-me alguem.»
477	31 a 34	Que o infurece a resistencia;
479	4	Ás bicadas Pontapés (Para não dizer patadas)
480	22 a 26	Vive mais um aleijado Moralmente, condemnado, Se for honesto, a morrer,
482	16	Que nem todos avaliam (289).
484	20 e 21	«Olhem como eu ficaria Com pesada melancia! »
486	11 a 13	O outro fica a scismar: —«Para quê» disse: «viver, Ou rojar
488	23 e 24	— «Mas aquelle Que não quiz

Pag.	Versos	
	30 a 32	Sêcca a folha emfim cahiu, Ás demais se reuniu Que juncavam já o chão,
489	1	Pois assim
	25	*(Depois d'este verso abra-se um espaço)*
491	3	Não póde deixar de ser,
	32 a 34	Á morrer Ás suas mãos Ou as manhas lhes soffrer?
492	14	Vendo-se alli perseguida
	18	Ás bicadas recebida,
		Teve, emfim, de viver só.
493	16 a 20	Ellas mais os seus dynastas, Com as suas ruinas vastas Alastrando ao longe o chão!
494	30 a 37	(Desapiedado cantor Insupportavel matraca) Sabendo tudo de cór Desde a—*Lilia abandonada*, Até á—*Carta adorada*... Não se podia aturar!
495	1 a 3	*(Eliminam-se)*
	14 a 17	E as dividas fluctuantes Dos dois mundos;
497	16 a 18	«Ahi tem:
499	12	*(Elimina-se)*
	14 a 25	*(Eliminam-se)*
503	6	*(Elimina-se)*
	22 a 26	Ou nalguma cousa porca.
507	27 a 36	Cada qual Aquelles dotes que tem Trate de os utilizar, Sem os demais invejar
508	1 a 4	Foi quéda monumental (De tão alto por signal
510	4 a 10	Tudo no int'resse seu Mandar fazer resolveu Uma boa carapuça, Compra o panno e o vai levar Á um mestre ao qual perguntou. Se lhe par'cia bastante:
	17	*(Elimina-se)*

Pag.	Versos	
	25	Em que tinham combinado
	Ultimo	*(Elimina-se)*
511	1 a 6	Grita em termos pouco amenos, Que o alfayate estragara O panno que lhe entregara. Após protestos baldios Teve um barrete imperfeito
	10	E pagou os tres feitios.
512	1 a 3	Nenhum trem aqui passou.
	6	«Vae-me d'aqui já tirando
	8 a 12	Não preciso de ajudado Depois de estar esmagado.»
513	3 e 4	Isso nunca me lembrou!»
	25	E volta sem hesitar:
	Ultimo	Mas bastam dois ao senhor.»
514	1 a 6	— «Ora faça-me o favor De cortar já tres e meio» Retruca de raiva cheio O anão: «o homem não é»
	11 e 12	Eu não decido A questão)
517	10	A cada um perguntava:
	17 e 18	E morreu Com a tal mania.
	19 a 28	Nunca julgues impossivel Um mal, e se elle vier
518	2 a 13	Com um leão foi esbarrar; Sem esperança de escapar Devorado Se julgou.
	Pen.e ult	Se o outro, logo que o ouviu, A accudir-lhe não corresse.
520	17	Sabendo o urso que os dois
	22	Nem esse nem outro roubo
	29	Foi porque não a encontraste,
521	14	De certo, muito asseado
522	2 e 3	E foi pesado a dinheiro.
524	5	Agora essa
	12 a 14	E não quero concorrer Para o mal perpetuar.»
	18	*O que vale duvidar*
525	9 a 13	—«Era isso bem de esp'rar

Pag.	Versos	
		Tendo em mim um professor.»
527	17 a 22	O rapaz — «De taes asneiras.»
		Lhes diz: «ha muito estou farto,
		Vou-me a terras estrangeiras;
		Hoje parto
		Sem demora:
		Só voltarei outra vez
		Quando encontrar lá por fóra
529	23 e 24	Que, de cabeça curvada,
		Faz logo tudo possivel (318).
530	1	Porém mais justo é dizer
	6 a 13	*(Eliminam-se)*
		Tolamente, sem criterio,
	20 a 23	Tornando parvo o que é serio.
	24 e 25	Um doutor dos mais prudentes,
531	12	«Porque logo adivinhou
	27	*(Elimina-se)*
533	Ultimo	Para cavar de uma vez
535	23 a 28	*(Eliminam-se)*
536	1 e 4	*(Eliminam-se)*
	5 a 9	Póde a obra ser bom guia
		Na sciencia
		Na moral,
		Um primor
		De poesia;
	14 a 21	Que ninguem póde soffrer!
		Caracter reles, safado,
		Que nos faça arrepender
		De havel-o assim procurado (322).
537	20 e 22	Porém não, ver-me empurrado,
		Nem ainda para... o céo (323).
540	27	Pouco para comparar
541	Plt. e ult.	Outros grandes pescadores
542	1 a 4	Em aguas turvas. Não trato
		Agora d'esses senhores:
		Mas d'um que pequeno peixe
544	Ultimo	Os abjectos invejosos (327).
545	7	Assim os reis d'este mundo,
546	28 e 29	Que julgo mal entendida.
547	27 e 28	Ainda que pouco for (329).
548	1 a 9	*(Eliminam-se)*
	15 a 18	Ao povo do seu paiz

Pag.	Versos	
		Tinha um sabio annunciado
		(Segundo a tradição diz);
	25 a 27	Chegado o dia, choveu!
549	1 a 8	Correm todos sem demora...
		E todos enlouqueceram;
	21 a 23	Tanto a cabeça molhou
		Numa poça, que ficou
	28 a 32	Porém vejo
		Ser o caminho trilhado,
		Por quem deseja ser gente
550	12	Disse a cauda:—«Eu não nego
551	2	Com que se quer demonstrar
	31 a 33	—A cauda, o corpo e a cabeça.—
552	1	Valeu, vale e ha de valer;
	16	O da cauda é o seu juizo
	22 a 24	Mocho que havia estudado
	Ultimo	A increada materia;
553	11	Proteger o fraco e o pobre.)
	21	Diz o mocho: «é evidente.»
554	6	Muitas vezes repetida
	20	A sua tenra ninhada;
556	8 e 9	Mãos á obra
		Briosos vamos metter!
	12 e 13	Forças temos e de sobra.
	14	E sabes o que te digo?
	20	Não assim a cotovia
	22 a 24	Faz a trouxa nessa noite,
		Busca outra moradia
557	19 a 23	E mais nada
		O seu penoso lidar
		Eu bem desejara vêr:»
	31	Foram todas; encontraram
	35 a 38	Então é que ellas pasmaram
		Vendo o trabalho com as flores!
558	5 e 6	Caros alhos!»
	9 a 12	Não quizera taes trabalhos
	21	Nem amores (334).»
	22 a 27	As obras que executavam
		Expor sempre costumavam
		Sem as dar por acabadas
		Os antigos esculptores
		E pintores,

Pag.	Versos	
		Para que, sendo julgadas,
559	11	Mas quando o remendão quiz
	14	Logo o outro atalha e diz:
	23	Veiu um dia ter comigo
562	23	Á má-cara vai pagando
563	9	Por *dilettantes* e havida,
	13 a 17	Lhes direi:)
		Nunca em vida apreciei
		Tão pasmosa habilidade;
		A qual me parece ser
564	11	E foram palmas sem fim!
	21 e 22	(Com mais ou menos geito)
		Não um canto natural,
565	2	Dos bichanos para o mal
	17	Sob o nome de *gativoro*
566	1	D'aquelle malvado a sóva
	34	Ao ver-se assim atacado
	Ultimo	Quando vilmente ultrajado
567	2	Èil-o está em-pé no chão:
	8	Poz em completa derrota
	10	Deram todos á canella
	14 e 15	Muito rato ali morreu;
		Alguns de puro terror:
568	6	Lhe diz: — «Esse milho larga
	27 a 37	Sumptuosos atavios?
		'Stás demente;
		Deixa tão loucas esp'ranças,
		Pois de certo honradamente
		Teus intentos não alcanças:
569	1 a 5	*(Eliminam-se)*
	20	Qualquer dia um pé de vento,
	25 e 26	«Mas cada qual o destino
		Segue que Jove lhe deu.
	28	Curvar-te pódes; eu não.
570	5	*(Elimina-se)*
	9 e 10	Prefiro então o morrer.»
		— Antes quebrar que torcer — (341).
571	8 a 12	No fim á regia saude,
		O povinho
		Devia haver uma fonte
		Do palacio bem defronte

Pag.	Versos	
		Jorrando, não agua, vinho!
	15	Cada qual foi prometter
	17	De bufete;
	25 e 26	Á fonte, que então se abriu,
		Só com simples agua deram!
	30	O seu vinho alli trazer,
	34 e 35	Ha muita gente a dizer,
572		A pedir
	1	A final a sua vez
	8 e 9	E, havia já muitos annos,
573		Sempre á cata
	6	*(Elimina-se)*
	16	*(Elimina-se)*
	18	Que as pernas em tal balburdia
574	16 a 18	Vil ladrão
		Ou argentario.
	27	Em tom azedo o primeiro,
575	4 a 8	(Assim eu tenha saude)
		Hei de fazel-o render,
		Passar vida regalada...»
	21	E pretende que faz bem?»
576	8 a 10	O lanzudo do tal bicho
		E sai de casa lampeiro,
	12 e 13	Cajado de marmeleiro,
	21	—«Menino! não seja mau
	27	Sirva isto de lição
579	8	Que podem servir de normas;
580	15	Com os desgraçados leprosos!
	31	*(Elimina-se)*
581	22	*(Elimina-se)*
	Ultimo	(Já madura)
582	18 a 20	Estudavam,
		Cabulavam,
		Podendo, se divertiam,
	23 a 25	Alguns, na rua passando
		Da feia preta, a lembrança
		Lhes vinha de assim dizer:
	34 a 37	Gósto tanto de os ouvir!»
		Quando alguem zombar da preta
		Lembre-se de quanta peta
583	1	Está sempre a engulir,

Pag.	Versos	
584	21	Cada um para o que nasceu (35)
586	3	Não o imitarei de certo»
	12	Entra o outro. Mal que o viu,
588	19	Por falta de pão soffrer
	Ultimo	Em Londres houve um sujeito
589	6	*(Elimina-se)*
	10 a 13	—Cão doente, lá corria
	15 e 16	E compungido dizia:
	21 e 22	E o mettia num cestinho
591	1	E muito azedo ralhava.
	31	Ahi tem do meu ralhar;
592	2	Corria mundo a mostrar-se,
596	5 a 7	Se o collocarem ao lado D'algum grande mal-creado,
597	25 e 26	*(Eliminam-se)*
	33 a 37	Que do p'rigo se sacode;
598	3	*(Elimina-se)*
	6	Para este mundo emendar
	14 a 21	De sem cessar combater Em toda a parte a injustiça; Pois, se hoje somos por vós, Amanhã sereis por nós (359).
602	2 e 3	*(Eliminam-se).*
603	11	É belleza sem debate,
604	4	*(Elimina-se)*
	13	Com muito pouca razão
607	4 e 5	Viva perto do local
609	1	Contam que tocava bem O orgão certo organista
	20	Aquelle que bem labora
610	Ultimo	Tem valor Ainda o mais debil fio (366).

Emendas e alterações ás notas

Pag.	Linhas	
619	22	— De tal arte revestida
623	3	— Até morrer é leão.
	6	— Em lembrança da caçada.
626	24 a 26	— O que queimava, hoje adora
627	20	Por modelo.
	27	—Como ficou o cordeiro.
628	23 e 24	— Revirou o coração
629	18	*(Depois d'esta linha)*
		—Que quem mais alto voasse
		Governasse,
		Entendamo-nos: não quero dizer — o mais sabio,
		Mas o mais apto para governar.
630	20 a 25	*(Eliminam-se)*
631	31	— D'um porco o faz succumbir.»
633	1	— Se for má a educação
634	16	— Admira-a e busca imital-a.
	18 e 19	— Gosando do que ganhou.»
637	2	— Elle nunca foi vaidoso.
	7	atura. V.ª nota á fab. 265.
638	2 a 5	*(Eliminam-se)*
	11 a 13	*(Eliminam-se)*
639		*(Depois da linha* 16)
		Esta fabula é de Yriarte.
642	5 a 9	— Aquelle que instinctos tem
		Tambem um homem, aliás honrado, que quizer mentir ou andar mal, extende-se.
643	8 a 10	— (Até o lês em Camões)
645	10	A natureza deu, geralmente, a cada um as armas necessarias para se
	27	— Cuja palavra era lei
647	25 e 26	— Póde dizer-se — ninguem
		Para o mundo fará falta,
648	14	saltimbanco, o galopim; a serpente, o covarde, o trai-
	18	ram mais; mas hão de desapparecer de todo.

Pag.	Linhas	
654	4 e 5	— E o homem vêl-o não quer.
655	98 e 11	— Ensinem a *ganhar pão*, *Honradamente*, e terão
656	21	— Eram senhores do *bolo*
657	22	— Que *historias* nos vem contar.
658	19 e 20	— Eu do outro *o trato fino*
	24 e 25	— A vista d'elle é pacato,
661	8	— Onde os ha muito formosos Mas que não sabem cantar É notavel que, geralmente as mais bonitas aves não cantam bem.
667	17	*(Depois d'esta linha)* Esta Fabula é de Yriarte.
	19	— E a maman de lhe sorrir
670	7	— Bem pouco me agrada Ou nada;
674	27	— E vejo que deixou 'schola.
676	20	*(Depois d'esta linha)* — Pois que o fato lhes roíam As prezadas borboletas; As borboletas da traça nada róem (que me conste): depositam no panno os ovos, d'onde sahem lagartas, ou cousa que as valha, que fazem o seu casulo á custa do mesmo panno, se é que tambem d'elle se não sustentam.
678	Pen. e ult	da cordura ou illustração dos convocados (e enganados) que dessem aquella correcção condigna aos taes convocadores.
680	3	— Já o li em qualquer parte
	26	cito romano commandado por Paulo Emilio e Caio Varrão, e da —
681	12	— Quando correm algum p'rigo
682	23	— Nos tempos em que os pastores
684	9 e 10	D. Maria Justina, Sua *esposa* «nem sei onde
686	8	*(Depois d'esta linha)* Esta fabula é de Yriarte.
	15	— Tambem te podes fartar.

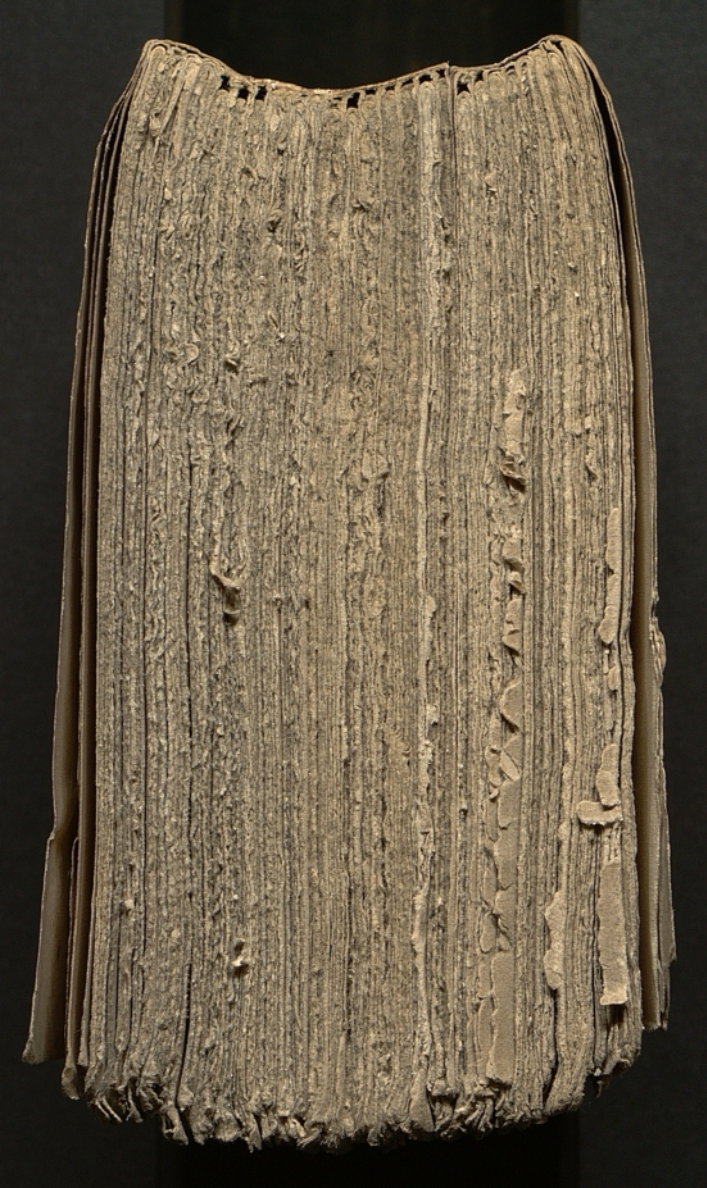
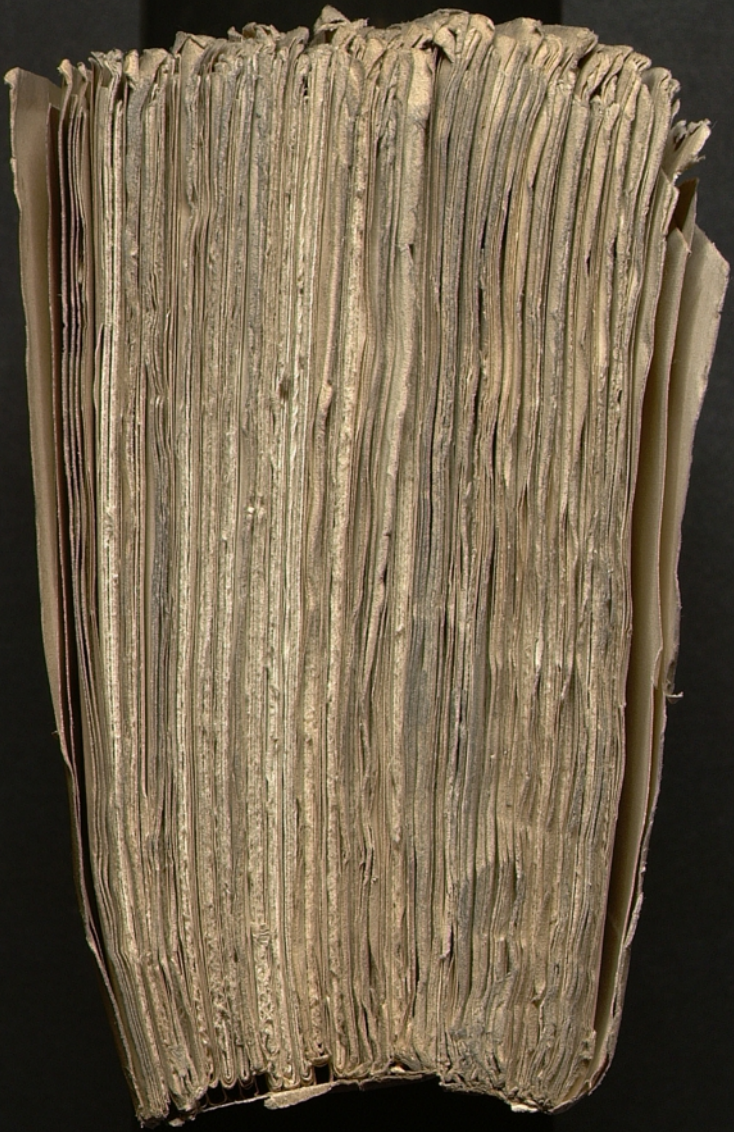
Pag.	Linhas	
691	18 a 23	*(Eliminam-se)*
	26	— Ha de acabar-se a maldade
696	29	— Por detrás Da nova lua,
		Só pela lua nova se podem dar eclipses do sol; como pela lua cheia, os da lua.
701	31	— Athletas d'outras edades...
702	11	— Quanta cousa é conservada
703		*(Depois da 1.ª linha)*
		— Que teve de á *Boa-Hora*
		Nome do edificio onde funccionam hoje os tribunaes de 1.ª instancia de Lisboa, assim chamado por ter sido convento de uns frades do mesmo nome.
	9	—A velha não tinha amigas
	13 a 18	*(Eliminam-se)*
		— E entre o *jota* e o *i romano*
704	18	*(Esta citação e quanto lhe pertence deve vir depois de)*
		— Que as taes de *lana caprina.*
		e o que lhe diz respeito.
705	1	Questiuncula sobre a natureza do pêllo da cabra
707	1 a 3	*(Eliminam-se)*
	11	— Não na praça da Figueira
713	19	— Queixava-se um magistrado
	27	*(Depois d'esta linha)*
		— Se a meu pae por ser *malhado*
		Desde 1828 (que me lembre) os realistas chamavam *malhados* aos liberaes e estes, *corcundas* aos realistas.
714	e 2	— Porém breve aquelle brinco
		Se acabou dando em chorinco:
720	26	— Papel de malvado ou justo;
727	11 a 13	*(Eliminam-se)*
732	8	*(Elimina-se)*
736	9 e 10	*(Eliminam-se)*

Fim das emendas e alterações

INDICE GERAL

	Paginas
Dedicatoria a S. Alteza Real.....	VI
Prologo da 2.ª edição.....	VII
Prologo da 1.ª edição.....	XV
Fabulas.....	1 a 610
Indice alphabetico das fabulas.....	611
Notas.....	619
Emendas e alterações a fazer nas fabulas....	749
Emendas e addições a fazer ás notas.....	790

Á VENDA NA LIVRARIA FERREIRA

132 — Rua Aurea — 138

Fabulas de Lessing, traduzidas litteralmente em prosa e imitadas em verso—Obra approvada pela Junta Consultiva de Instrucção Publica para uso das Escholas..... 200 rs.